This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

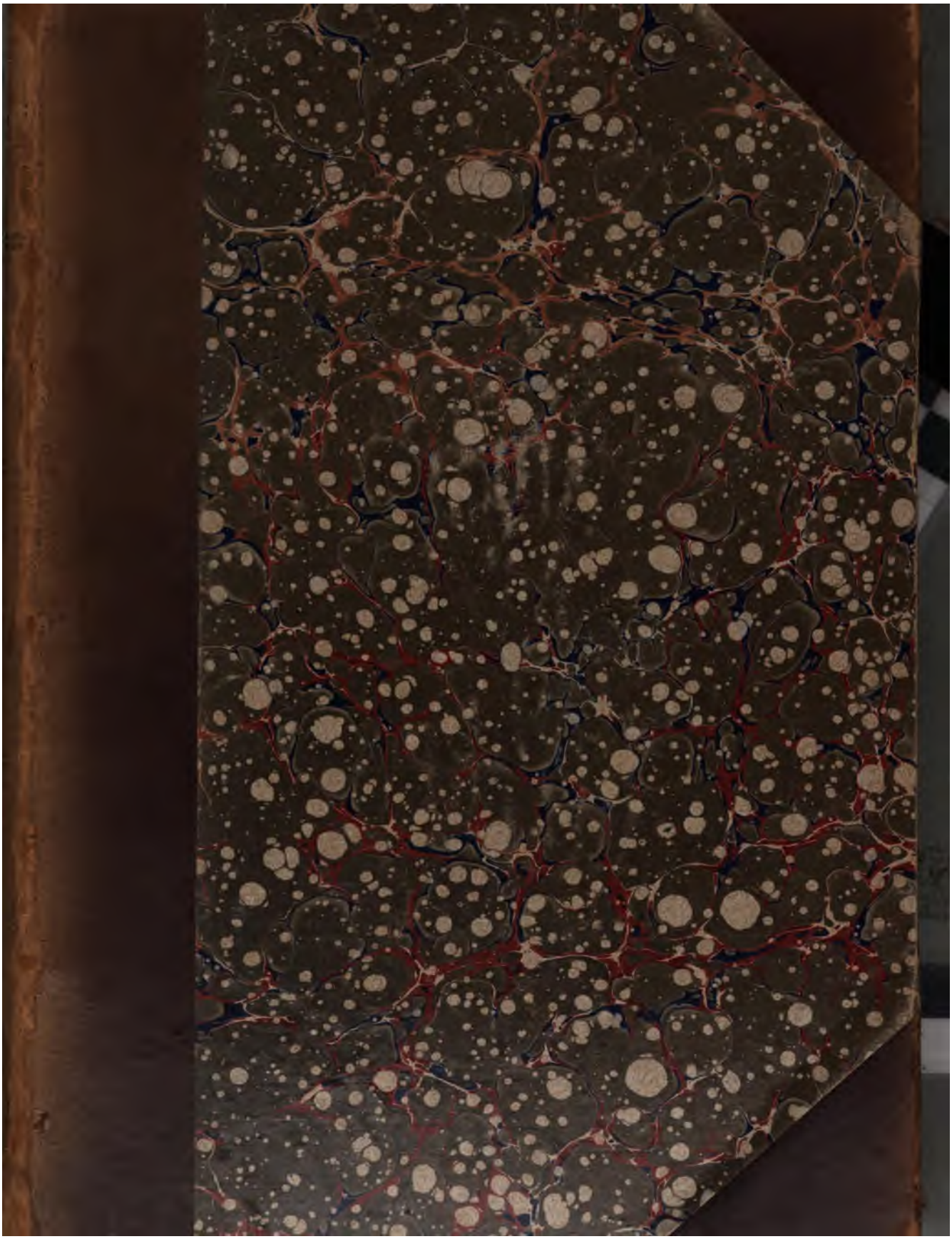
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`



054.8
K45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

ıding N

E

— TOMO III 13.° FASCICULO 1 DE JULHO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. Indios de Mato-Grosso — I. Os bororós coroados, pelo general MELLO REGO 5

II. O Theatro Hindú, (*continuação*) por FELICIANO GONZAGA. . 13

III. A Arte e a Critica, por C. PARLAGRECO 26

IV. Poesias ineditas de CLAUDIO MANOEL DA COSTA (*conclusão*) 38

V. A Sciencia da historia, por FAUSTO CARDOSO. 45

VI. Bibliographia 59

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

PRIMEIRO ANNO

TOMO TERCEIRO

STANFORD LIBRARY

Laemmert & C.— Editores
RIO DE JANEIRO — S. PAULO

1895

325034

INDIOS DE MATO-GROSSO

OS BORORÓS COROADOS

I

Achando-me na antiga provincia de Mato-Grosso, como seu administrador, em 1888, tive occasião de ali encontrar a commissão alleman enviada pela Sociedade de Geographia de Berlin, com « a tarefa especial,—dizia-me o Dr. Carlos von den Steinen, presidente da mesma commissão, em carta que me dirigiu solicitando o meu auxilio para o desempenho da sua incumbencia—com a tarefa especial de estudar, conforme permittissem suas forças, os indios de Mato-Grosso. »

Expondo o plano que havia adoptado para chegar ao conhecimento das tribus ainda ali existentes, como meio de averiguar o grau de parentesco em que antigamente estava collocado grande numero das que presentemente se acham espalhadas pelos vastos territorios do Brazil, da Bolivia e das Guyanas, concluia o Dr. von Steinen : « Si é verdade o que geralmente se diz — que os productos desta provincia devem ser estudados com o maior cuidado para que delles haja o melhor conhecimento em outros pontos do globo—posso nutrir a esperança de que os meus estudos não serão perdidos, pois se dedicam essencialmente ao producto mais importante e ao mesmo tempo mais desconhecido : o homem. »

E assim era. O indio de Mato-Grosso — e podemos mesmo dizel-o : de todo o Brazil — é não sómente o seu producto menos conhecido, como o menos aproveitado. Entretanto, que assumpto tão vasto, do ponto de vista anthropologico, para a sciencia e para

a historia! Que mésse abundante, somente em Mato-Grosso, para aquelles que, estudando o desenvolvimento da raça humana, remontassem-se a origem ali das nações indigenas, que, crescendo, ramificando-se e formando numerosissimas tribus, nem sempre similhantes em seus caracteres ethnologicos, espalharam-se por toda aquella vastidão, a mais central do continente Sul-americano!

E' doloroso dizel-o, mais é a verdade: nada methodicamente aproveitavel temos feito neste sentido, e o pouco que conhecemos a respeito devemol-o a estrangeiros que têm visitado o nosso paiz.

Apenas o Barão de Melgaço, o Humboldt brazileiro, na frase de Sr. V. de Taunay, procurando reunir restos dispersos e muito incompletos do que poude colher de informação dos antigos sertanistas e de investigações a que se entregou, conseguiu enumerar as tribus de que alcançou noticia, formando grupos, consoante as paragens por ellas habitadas á margem dos rios, a que davam ou de que recebiam o nome.

Por esse modo, dividiu o territorio de Mato-Grosso em seis bacias, correspondentes aos seis grandes rios, quatro ao Norte e dois ao Sul, que o percorrem, indo lançar suas aguas nos estuarios do Amazonas e do Prata; a saber: bacia do Araguaya (pela margem occidental), bacia do Xingú, bacia do Tapajoz, bacia do Guaporé, Mamoré e Madeira (pela margem oriental), bacia de Paraguay e bacia do Paraná (pela margem occidental).

Distribuidas por essas bacias, mas vivendo separadamente e, no geral, em guerra umas com outras, menciona o Barão de Melgaço cerca de 100 tribus, na maior parte hoje extinctas, e muito resumidas as que existem e podem ser consideradas em tres classes: completamente selvagens — e essas são em numero relativamente muito maior — mansas, mas esquivas e desconfiadas e por vezes traiçoeiras, e finalmente, meio catechisadas e em contacto com a população civilizada, sem comtudo, confundirem-se com ella, nem abandonarem os seus costumes primitivos, e apenas modificando-os e despindo-os do caracter inteiramente selvagem d'outr'ora.

Estes construem habitações e prendem-se ao solo que cultivam, procurando permutar comnosco os artefactos de sua industria—alguns muito engenhosos e apreciaveis, pela perfeição com que são feitos— por ferramentas, roupas e objectos de fantazia com que se paramentam quando saem de seus aldeiamentos para irem aos povoados, ou

quando ali recebem gente civilizada. Nos seus trabalhos e labutações communs não usam da roupa que têm adquirido e que só lhes parece necessaria quando têm de apparecer-nos.

Nesta ultima classe estão: em primeiro lugar os Parecis, nas cabeceiras do Paraguay e proximidades de Diamantina; os Bakaerys do Paranatinga e Rio-Novo — cabeceiras do Arinos — que convem distinguir dos Bakaerys do Xingú, da mesma tribu, de caracter brando, mas ainda mantidos na primitiva vida dos silvicolas e separados daquelles por grande distancia, tendo outras tribus de permeio; por fim, os Bororós coroados, no valle do S. Lourenço — outr'ora Rio dos Porrudos — Rio Manso, Ponta de Pedras e grande parte de serra acima cortada pela estrada de Cuyabá a Goyaz.

Não se acham estes inteiramente no caso dos dois primeiros, pois que, ainda não conhecedores das vantagens que lhes podem advir do trabalho, não se entregam a elle espontaneamente; mantêm-se na habitual ociosidade, de alguma fórma alimentada pelo erro commettido em seguida á pacificação desses indios, como depois veremos.

Todavia, com alguma difficuldade, que então se teria cortado, pode-se colher delles as mesmas vantagens que daquelles.

Sem pretender traçar aqui a historia de cada uma dessas tres tribus, mesmo por que me faltam os precisos elementos para tanto, limitar-me-ei a dar breve noticia sobre os Bororós coroados, a tribu ainda hoje mais numerosa, em Mato-Grosso, a que se tornou mais audaz e que maior damno causou áquella antiga provincia por espaço de um seculo, sinão mais.

II

Data o conhecimento que dos Bororós tiveram os paulistas, primeiros exploradores daquellas regiões, do anno de 1736. Bem differentes eram então esses indios do que se mostraram depois, em consequencia dos maus tratos, das perseguições e até da ingratidão de que foram victimas.

« Vivia sobre o Rio dos Porrudos, conta Southey, uma tribu chamada dos Bororós, notavel por sua docilidade. Adornavam do

plumas a cabeça, mas vestidura nenhuma traziam. Nem se entregavam a excessos em seus festins, nem nelles se via essa ferocidade que o habito da embriaguez excitava e entretinha entre outras hordas, dizendo-se delles que si uma mulher era capturada pelos portuguezes, toda a familia vinha voluntariamente entregar-se ao captiveiro. Esta dedicação ás suas mulheres, tão rara entre os selvagens, parece indicar nelles communidade de origem com os Guayazes. »

A descoberta das minas a que deram o nome de arraial de S. Francisco Xavier, na cordilheira dos Parecis, dispertando, como era natural, a cubiça não sómente dos aventureiros que se entregavam á procura constante de ouro, como tambem daquelles que já haviam se estabelecido no arraial de S. Bom Jesus, (Cuyabá) determinou uma corrente incessante de gente que para ali se dirigia de Goyaz, S. Paulo e Cuyabá.

Dentro em pouco começou a manifestar-se escassez de mantimentos, que mais tarde se transformou em fome e miseria, facto já previsto por poucos, mas cautelosos, que trataram de fundar fazendas de criação á margem da estrada de Goyaz para Cuyabá, que era tambem a que servia até mais de meia distancia para tomar-se o caminho da Serra.

Aconteceu que uma partida que conduzia gado de S. Paulo, passando por caminho de que se serviam os Cayapós, que o tinham aberto, foi por estes trucidada. Por este motivo os paulistas Theodosio Nobre e seu genro Angelo Preto, que já se achavam ali estabelecidos e tinham a seu serviço grande numero de indios Bororós, puzeram-se a frente destes, e tão « crúa guerra em vingança » no dizer de Southey, fizeram aos Cayapós, que segura ficou a estrada.

Vem d'ahi, ao que parece, o odio que essas duas tribus se votam, de tal modo que « a crúa guerra » começada então, se eternisou entre ellas, com maior encarniçamento por parte dos Cayapós, incontestavelmente mais arrojados, traiçoeiros e maus do que os Bororós. Estes temem-n'os, e, conhecendo-se fracos para a luta em que tanto têm soffrido, evitam aproximar-se, ainda hoje, da margem superior do Araguaya e seus affluentes, onde, mesmo reduzidos em numero, como se acham presentemente, dominam os Cayapós.

Foi este o fruto colhido pelos Bororós de sua alliança com o *brade.* [1]

Antes de ir adiante importa esclarecer um ponto.

O Barão de Melgaço na classificação das tribus por bacias, como ficou dito, fala dos *Bororós da Campanha,* á margem direita do Paraguay nas proximidades da confluencia do Jaurú, e *Bororós de Cabaçal,* quasi extinctos, entre Villa Maria (S. Luiz de Caceres) e o registro de Jaurú. Quanto aos de S. Lourenço, diz apenas: « *Coroados,* nas cabeceiras de S. Lourenço, nada têm de commum com os do Paraná; supponho terem sido tribu dos Bororós.»

Com effeito, os do Paraná como os do sul de Minas, chamados por corruptela Coroados, são *Coroás*. Pelo mesmo motivo aos *Coroaras* dos rios do Peixe e Apiacá, tributarios do Arinos, chamam tambem Coroados.

A incerteza que decorre daquellas palavras do Barão de Melgaço, corroborada pela distancia que separa as cabeceiras do S. Lourenço da foz do Jaurú e das margens do Cabaçal, faz duvidar de que os Coroados sejam Bororós e tenham parentescos com os da Campanha e Cabaçal.

Coroado, porém, não é nome de tribu. Vem este appellido de usarem os Bororós uma pequena corôa, [2] que ha fundamento para suppor-se ser apenas distinctivo de tribu. Ha um facto que confirma essa supposição. Um dia, de volta do palacio episcopal onde com minha familia eu tinha ido á missa na capella particular do respectivo prelado, o virtuoso Sr. D. Carlos d'Amour, com quem tive a fortuna de entreter as melhores relações, um pequeno, indio bororó, o mallograd o Guido, muito intelligente, que amimavamos e

---

[1] Homem branco, estrangeiro, inimigo.

[2] E' curioso o modo de abrir essa corôa, cujo diametro pouco excede de 2 centimetros, algumas vezes menos:

Servem-se para isso de conchas que encontram nas enseadas dos rios, verdadeiras madreporas — mais um producto pouco conhecido. Quebradas, ficam com arestas cortantes como as do vidro partido. Unindo as arestas de dois pedaços como duas folhas de tesoura, vão, com o vagar, paciencia e pericia que os indios empregam em todos os seus trabalhos, cortando o cabello com regularidade admiravel, sendo perfeita a circumferencia da corôa. Do mesmo modo cortam os cabellos na testa.

educavamos como filho, cuja morte deixou em nosso lar dores e lagrimas que ainda duram, disse-me :

— Papai, o Sr. bispo é bororó.

— Porque ? perguntei.

— Elle tem corôa como bororó.

Esta observação, posto que de uma criança, mas já com certo discernimento e com recordações muito vivas de sua tribu, é de muito valor para o caso. Por abreviatura chamam geralmente *coroados* áquelles indios, para differençal-os dos Cayapós, dos Guatós e de outros da parte da bacia do Paraguay banhada pelo S. Lourenço, assim como dos Chavantes do Araguaya, que distinguem-se por trazerem o cabello enrodilhado e preso no alto da cabeça. Todos estes indios vagueam, mais ou menos em regiões tambem frequentadas, sinão actualmente, no passado, pelos Bororós.

Uma circumstancia fortuita e de real importancia para a historia dos Bororós, fez-me chegar ao conhecimento de que os do Cabaçal e Jaurú e os de S. Lourenço são da mesma tribu. Nenhuma outra tem similhante nome sinão a de que fala Southey.

Subindo o Alto-Paraguay na visita que fiz ao districto militar daquella fronteira, cuja séde é em S. Luiz de Caceres, tivemos de parar no porto do Tucum, pouco acima da bocado Jaurú, na margem opposta, para o vapor tomar lenha. Duas surpresas me estavam ahi reservadas : uma, a existencia de um cemiterio de indios, inteiramente ignorado e pouco antes descoberto pelo lenhador, que nol-o foi mostrar, cerca de 300 metros da barranca ; outra, um indio, ajudante do lenhador, de bigodes bastos e grisalhos, e rosto todo liso, o que imprimia-lhe na physionomia um que de marcial. Chamava-se Antonio e representava ter 50 a 60 annos, mas robusto e bem conformado. Acompanhavam-no duas indias moças e não mal parecidas. Trazia uma dellas uma criança no braço e no hombro, do lado opposto, um quaty domesticado. Achavam-se todos á serviço do proprietario do sitio, ausente na occasião. O Antonio ajudava o encarregado da venda da lenha, não sómente no preparo da mesma, como em trabalhos de plantação, em que deparara-se-lhes o cemiterio.

A forma e dimensão das urnas enterradas em alinhamento, dentro das quaes achavam-se vasos menores e outros objectos, indicativos de uma tal ou qual civilização relativamente adiantada,

mostravam evidentemente que era um cemiterio de tribu extincta e desconhecida, que nem siquer deixara tradição de sua existencia naquelle lugar.

As considerações que este facto disperta me afastariam do assumpto de que devo occupar-me. Falarei, pois, sómente do indio Antonio e, ligeiramente, dos seus respeitaveis bigodes, objecto de minha segunda surpresa.

De momento me acudiu á memoria uma visita que, annos antes, fizemos, eu e um meu conterraneo e amigo, já fallecido, á antiga Academia de Bellas Artes.

Pernambucanos, que sentiam vibrar-lhes a alma com as recordações das glorias dos seus antepassados, contemplavamos commovidos a bella téla de Victor Meirelles, *Batalha de Guararapes* — que aquelle amigo achara soberba, notando-lhe, todavia, um senão lamentavel, em seu conceito: nada menos que um erro em ethnographia.

— Onde já viu caboclo com bigodes? interrogou elle, apontando para os do troço commandado por Felippe Camarão.

Com effeito, eu nunca tinha visto, nem mesmo tinha tido noticia, nos lugares por onde andara, quer no Amazonas, quer no Pará, nos sertões de Pernambuco e Parahyba, e, finalmente, em Mato Grosso, de que a natureza houvesse dotado indio ou caboclo com esse ornamento capillar. Hoje, porém, eu teria respondido ao meu chorado amigo de modo a fazel-o modificar a critica ao festejado artista; até porque os bigodes emprestados aos legionarios de Felippe Camarão são bem modestos, comparados com os do indio que eu tinha diante de mim, e que passei a interrogar. Perguntando-lhe a que tribu pertencia, respondeu-me que era Bororó.

Extinctos como se achavam os seus aldeiamentos e extincta tambem quasi toda a tribu, comprehende-se que os que restavam vivessem entre a gente civilizada, que delles se servia mediante modica paga, com que se contentavam.

Indaguei ainda se sabia da existencia de outros Bororós no valle de S. Lourenço e se tinha parentesco com elles.

Contou-me que seu pai, por ter ouvido do pai delle, dizia-lhe que aquella terra em que se achavam não era a delles, que ficava muito longe e onde viviam antes satisfeitos e tranquillos todos, que eram muitos; mas depois que se fez uma estrada grande por onde

passava muita gente que vinha lá da banda donde nasce o sol, tantas foram as perseguições que soffreram, tantas as violencias commettidas contra suas mulheres e filhos, que foram obrigados a procurar outro local onde pudessem viver socegados; que outros ficaram por lá mesmo, não querendo deixar a sua terra, e sabe que existem muitos ainda, pelo que esses de que eu falava apontando para o ponto em que vivem, devem ser os mesmos, e por tanto Bororós como elle. Quanto ao cemiterio, não era de Bororós, e nunca soubera de sua existencia, e nem tambem que naquelle lugar tivesse vivido alguma tribu.

Neste ponto não precisava eu esclarecimento, pois sabia que os Bororós não têm cemiterios em que enterrem os seus mortos. Até ao tempo em que colhi informações sobre os seus usos e costumes, não estava averiguado o que faziam elles dos que morriam.

E' certo que os enterravam, mas não em lugar determinado; era quasi sempre nas proximidades de alguma corrente d'agua. No segundo ou terceiro dia, porém, os desenterravam, mettiam-n'os em um cesto e os levavam para o rio.

O que ahi faziam era segredo delles, que não davam a conhecer a estranhos.

(Continúa)

General Mello Rego

O THEATRO HINDÚ[1]

KALIDASA

II — A DRAMATURGIA HINDÚ

As eruditas pesquizas da Sociedade Asiatica de Calcuttá, as pacientes traducções dos orientalistas Jones, Taylor, Colebrooke e Wilson, vieram nos demonstrar a suprema originalidade da literatura indiana, principalmente a dramatica.

As obras dos differentes theatros europeus, posto que diversificadas pela indole especial de cada povo, se filiam todas á scena classica: isto não se contesta. Na idade média, os mysterios, autos e moralidades, embora pareçam afastados das peças de Eschylo, Sophocles e Aristophanes, saíam comtudo das escolas onde se commentavam aquelles genios, e constituem hoje a singular cadeia, que liga as composições de Shakespeare, Lope de Vega e Racine aos cantos de Baccho e aos monologos de Thespis. Não succede o mesmo ao drama indiano. A mais ligeira leitura das producções dramaticas dos hindús, deixa-nos prova cabal de que são verdadeiramente indigenas. O plano de cada uma, e o desenvolvimento da respectiva acção, afóra aspectos secundarios que não podem deixar de ser communs, apresentam differenças tão caracteristicas e capitaes, que para logo apagam qualquer suspeita de procedencia chineza ou hellenica.

Por outro lado, o theatro indiano já andava em adiantada decadencia, quando se esboçou a literatura dramatica da Europa, no XIV e XV seculos; os mahometanos não conheceram os trabalhos scenicos, igualmente ignorados dos persas, arabes e egypcios antigos. E' evidente, portanto, que as civilizações estranhas, que de

[1] Veja a *Revista* de 15 de Junho.

leve tocaram na terra sagrada do Ganges, jamais influiram na concepção de suas bizarras peças de theatro: tão longe estão ellas, assim da estravagancia dos dramas chinezes, como da severa simplicidade da tragedia grega; tão alheias ás fontes homericas como ás doutrinas de Aristóteles.

Sinão vejamos. Os dramaturgos hindús não observavam as unidades de tempo e de lugar, e muitas vezes nem mesmo a de acção, pois não raro se complicava esta de inesperados incidentes. Não se pense, entretanto, desprezassem elles regras systematicas e minuciosas, pois que as tinham e não poucas, como veremos mais para diante. As composições theatraes eram escriptas em tres linguas: o *sanskrito*, falada pelo heróe; o *prakrito*, falada pela heroina e personagens principaes, e o *pali*, com outros dialectos, pelas figuras secundarias. Por esta razão não podiam ser apreciadas pelo povo, e só ás castas superiores era dado gozal-as. Não se viam ali aquellas arenas gigantescas onde cem mil pessoas applaudiam um Euripedes ou um Aristophanes. Em geral faltavam-lhes os esplendores e effeitos scenicos, que de algum modo eram compensados pela grandeza e popularidade da mór parte dos assumptos. Tambem os espectaculos só se realizavam em occasiões solemnes e publicas: nos dias sagrados do mez lunar, na coroação dos reis, nas festas religiosas, nos casamentos, etc: d'ahi a descommunal extensão de quasi todos os dramas, alguns dos quaes têm dez longos actos, e o pequeno numero de taes producções, que se representavam apenas uma vez.

Os indianos não estabeleciam differença entre a tragedia e a comedia. Suas peças não se limitavam a patentear exclusivamente os aspectos maus ou ridiculos da especie humana, as grandes desgraças ou as simples vicissitudes da vida. Ao contrario, constituiam exquisito tecido de scenas tristes e alegres, serias e grotescas, sem comtudo terem desfecho desastroso: pretendiam excitar todas as sensações, inclusive o terror e a piedade, mas não desejavam deixar penosas impressões na alma do auditorio.

Debaixo deste ponto de vista, podem pertencer á classe dos dramas hespanhoes e inglezes, aos quaes, no pensar de Schlegel, [1]

---

[1] Schlegel, *Cours de littérature dramatique*, traduit de l'allemand par Necker de Saussure—Paris, 1865.

não cabem as denominações de *tragedia* e *comedia*. Tambem os indianos nunca escreviam tragedias.

A catastrophe tragica era severamente prohibida nos dramas hindús, ao ponto de nem se poder siquer annunciar a morte do heróe ou da heroina. A sua delicadeza de sentir não lhes permittia *ensanguentar a scena*; os personagens podiam se bater, matar-se mesmo, porém sempre fóra das vistas do espectador, e este era apenas ligeiramente informado do occorrido, em singela narração.

Esta esthetica não lhes foi peculiar; teve outros legisladores.

Horacio não queria que Medéa matasse seus filhos em scena:

Ne pueros coram populo Medea trucidet [1]

preceitos a que Boileau tambem se referia nos seguintes versos:

Ce qu'on ne doit point voir, qu'un récit nous l'expose:
Les yeux en le voyant saisiroient mieux la chose;
Mais il est des objects qui l'art judicieux
Doit offrir á l'oreille et reculer des yeux [2]

Além daquella havia outras interdicções importantes no theatro indiano. Assim, não eram permittidas no palco hostilidades, imprecações solemnes, o exilio, a degradação, a calamidade nacional, nem o morder, abraçar, comer, dormir, banhar-se, friccionar o corpo com perfumes, as cerimonias matrimoniaes e outras de caracter comico.

* * *

O drama indiano começa por um preludio ou introducção, que dá a conhecer ao auditorio o autor, sua obra, e os factos anteriores, e que conduz logo á acção. Esse preambulo é em fórma de dialogo, e só podem entrar nelle duas pessoas: o director da companhia e um dos actores. O *Fausto*, de Gœthe, dá idéa do prologo no theatro hindú.[3]

---

[1] Horatii, *Ars poetica*, 185.

[2] Boileau, *L'art poétique*, canto III.

[3] Wilson, *Systême dramatique des indiens*, no prefacio da obra — *Chefs-d'œuvre du theâtre indien*, traduzido por Langlois, Paris, 1828. Deste magnifico trabalho temos colhido todos os dados para o preparo deste artigo.

A primeira parte do preludio chama-se *Pûrwa ranga*, constante de uma prece com que se invoca a protecção de alguma divindade—*nândi*, isto é, o que causa prazer aos homens e deuses. Seguem-se algumas informações sobre o autor e os antecedentes da peça, á guisa de panegyrico: é o moderno preconicio. Depois disso o actor faz um cumprimento cerimonioso á assembléa e a prepara para a entrada de um personagem do drama, que se vai desenvolver. Esta segunda parte do prologo denomina-se *prastâvana*. Abre-se então em dois o panno da bocca, e inicia-se a acção dramatica, que se divide, como entre nós, em scenas e actos.

As scenas marcam-se pela entrada de um personagem e saida de outro, sendo a interrupção do dialogo preenchida por duas figuras secundarias—o *vichcambhaka* e o *pravésaka*. O primeiro diverte a assembléa com falas e gestos grotescos, é o clown, o gracioso; emquanto o segundo informa ao publico do lugar a que se dirige o personagem que se retirou e do nome do que tem de apparecer.

O acto—*anka*—é assignalado pela saida de todos os personagens. O numero de actos varia de um a dez. O ultimo acto de cada peça intitula-se *ankamonkha*, e termina por uma prece. Cada acto não deve abranger espaço de tempo superior a um dia, mas as vezes inclue um anno completo e ainda mais.

A acção scenica chama-se *vastú*, e se divide em principal e secundaria, essencial e episodica. Cada acção comprehende cinco elementos: *vidja*, *vindú*, *pâtâka*, *prâcâri*, e *cârya*. O *vidja*, ou semente, é a circumstancia que géra a acção; o *vindú* é o desenvolvimento inesperado de algum incidente secundario; o *pâtâka* é um simples episodio; o *prâcâri* é um incidente episodico, um successo de curta duração e sem importancia, em que os personagens principaes não tomam parte; o *cârya* é o fim ou objecto a que visa o entrecho.

O fim ou objecto da acção admitte cinco condições: o começo, o proseguimento, a esperança de successo, o afastamento de obstaculos e o exito final. As series, ou combinações de incidentes—*sandhis* — mediante as quaes é alcançado o successo, tambem são em numero de cinco: o *monka*, incidente preparatorio; o *pratimonka*, acontecimento secundario para impedir ou demorar o desenlace; o *garbha*, a prosecução occulta do projecto; o *vimarcha*, peripecia

contraria á intenção; o *oupasanhriti* ou *nirvahana* é a catastrophe ou o fim da peça.

Para melhor se comprehenderem estas divisões daremos um exemplo. No *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, o baile dos Capuletos póde ser considerado o *monka;* a entrevista no jardim, o *pratimonka;* a annuencia de Julieta em casar-se, o *garbha;* o desespero de Romeu por não conhecer o ardil de Julieta, o *vimarcha;* o final é o final.

Cada uma destas divisões comporta um excessivo numero de subdivisões — *angas*. Os indianos admittem sessenta e quatro *angas:* doze *monkhângas*, doze *pratimonkângas*, treze *garbhangas*, treze *vimarchângas* e quatorze *nirvahânângas*.

Cada especie de composição dramatica tem seu heróe e heroina, que lhe é particular. O heróe — *nâyaka* — póde ser um deus, um semi-deus, ou mesmo um mortal, nas peças mais importantes; é tirado da mythologia, da historia, da fabula, ou é creação do autor, e deve ser representado como joven, bello, gracioso, liberal, valente, amavel e bem nascido.

São os seguintes os principaes caracteres do *nâyaka: lalita*— alegre, estouvado; *sânta* — amavel, virtuoso; *dhirodatta* — valente, porém moderado e firme; *ondâtta*—ardente e ambicioso. Subdividem-se em seguida em quarenta e oito especies.

O *pitamardha* é o amigo e confidente do heróe, e ás vezes heróe de uma acção secundaria; o *pratinâyaka*, o antagonista do heróe; o *vita*, é o parasita, o commensal desprezivel, e o *viduchaka* é o jogral, o bobo da peça, uma especie de Sancho Pança, que diz proverbios e trocadilhos, solta gracejos e recebe até pancadas.

Entre as heroinas — *nâyikâs* — encontram-se nymphas, esposas de semi-deuses, mulheres de santos personagens, santas mesmo, florestas e rios deificados. Nas peças de pura ficção, apparecem princezas, cortezans e habitantes do harem.

As heroinas se distinguem em *swakiyâ*—a mulher do individuo que fala; *parakiyâ* — a esposa ou irman de outro; e *sâmâniyâ* — a mulher livre e independente. Estas tres especies são ainda denominadas: *moûgdha*—a joven; *prôrhâ*—a adolescente e *pragalbhâ*— a idosa.

Oito são os caracteres das *nayikâs: swâdhinapatica*— a devotada ao marido; *vâsakasadjdjâ* — a moça, elegantemente trajada, que

espera o amante; *virahotcanthita* — que deplora a ausencia do seu senhor; *khanditâ* — que se afflige com a infidelidade do amante; *calahântaritâ*—que experimenta dôr ou colera por motivo de um desprezo real ou fingido; *vipralabdhâ* — que se desespera por não encontrar o amante no lugar ajustado; *prochitabhartrikâ* — que tem o marido ou amante em paiz estrangeiro e *abhisarikâ* — que vai ao encontro de seu amante, ou o faz vir.

Cerca de vinte são os ornamentos ou graças — *alancarás* — proprias ás mulheres, com que estas devem ser representadas. Mencionaremos algumas: *sobha* — belleza e mocidade; *madhûrya* — doçura de caracter; *dhêrya* — apêgo constante; *bhava* — apparencia de emoção; *hava* — expressão mais pronunciada de qualquer estado psychico; *hêla* — manifestação decidida do que sente; *lilâ* — arremêdo da linguagem, gestos e trajos do amante; *vilâsa* — desejo, expresso por olhares; *vitchitti* — negligencia no vestuario, por motivo de incommodo moral; *vibhrama* — desordem no trajar, por precipitação; *kilakintchita* — conflicto de sensações; *mottâyita* — expressão silenciosa de um affecto partilhado; *cuttamita* — recusa das galanterias do amante; *vicrita* — constrangimento por modestia; *lolita* — certeza no triumpho dos proprios encantos.

A *nâyikâ* tem sempre uma companheira e confidente; e as rainhas, uma favorita.

Os personagens secundarios são tirados de todas as classes sociaes, e não raro apparecem nos dramas, eunucos, mudos, anões e outros extravagantes individuos.

* * *

O objecto do drama confunde-se com o da simples poesia — instruir divertindo; razão porque o empenho do dramaturgo é despertar no auditorio os sentimentos que exprime. Os indianos chamam *rasa* a esses sentimentos, palavra que significa — gosto ou sabor. Os *rasas* são em numero de nove: *sringâra* — o amor; *hâsyia* — o prazer; *carunâ* — a ternura; *rôdra* — o furor; *vira* — o heroismo; *bhayanaka* — o terror; *vibhatsa* — o desgosto; *adbhonta* — a admiração, o espanto; *sânta* — a tranquilidade.

Os *rasas* são por alguns criticos classificados como personagens de côres differentes, sujeitos á influencia de diversas divindades, assim :

Sringâra	—preto,	sujeito	a	Vichnú
Hâsyia	—branco	»	.....	Râma
Carunâ	—cinzento	»	.....	Varuna
Rôdra	—vermelho	»	.....	Rudra
Virâ	—encarnado	»	.....	Indra
Bhayanaka	—negro	»	.....	Yama
Vibhatsa	— azul	»	.....	Mahâcâla
Adbhonta	— amarello	»	.....	Brahmâ

As composições dramaticas tem quatro estylos —*vittris*, que se denominam : *kêsiki*, *satwati*, *arabhatti* e *bharati*. Os tres primeiros são applicaveis aos *rasas sringara*, *vira* e *rôdra* ; o ultimo é commum a todos.

Os *rasas* são considerados antes effeito que causa ; ha quem entenda que procedem elles de *bhavas*, disposições da alma e do corpo, que se traduzem exteriormente nos que as sentem, e impressionam os que as vêem.

Os *bhavas* são duraveis—*sthayis*, —ou transitorias—*vyabhitcharis*.

Os *bhavas sthayis* são nove : *rati*—desejo de um objecto ; *hasa*—riso ou alegria; *soka* — desgosto pela separação de um objecto amado ; *crodha* — resentimento ; *outsaha* — grandeza da alma ; *bhaya* — receio de censura ; *djugupsa* — aversão ou desgosto por tocar em objecto repugnante ; *vismaya* — emoção causada por surpreza ; *sânta* — estado do espirito que contempla tudo como passageiro e insignificante.

Os *bhavas* distinguem-se ainda em *vibhavas* — disposições que precedem, acompanham e conduzem a certo estado particular da alma e do corpo ; em *anoubhavas* — signal externo desses estados e em *satwika bhavas* — expressões involuntarias de commoção, peculiares aos seres vivos, como : *sweda* — a transpiração; *vepathu* — o tremor ; *ansú* —as lagrimas ; *varnavicara* — a mudança de côr, etc.

São 33 os *bhavas viyabhitcharis*, cujos principaes apenas mencionamos : *nirveda* — abandono de si mesmo ; *harcha* — alegria, transporte ; *dhriti* — calma ou repouso ; *trasa* — terror; *vitarka* — exame, discussão, etc.

O dialogo dos dramas é travado ordinariamente em prosa; as excursões poeticas e reflexões outras são ditas em verso, de todos os metros, desde a stancia de quatro linhas de oito syllabas cada uma — *anouchtubh*, até á de vinte e sete a cento e noventa e nove syllabas — *dandaka*, numero a que chegou na decadencia ; mas a linguagem é sempre dignissima, mesmo a da propria paixão. [1]

O amor, entre os hindús, que é menos sensual que nos gregos e romanos, menos methaphysico que nos modernos, repelle as formulas de baixa adoração, e só póde ser representado como legitimo, isto é, dedicado á pessoa livre de compromissos ; não toleram enredo com mulher alheia.

As mais voluptuosas pinturas de um amor, que tem sempre por alvo o prazer, não offendem a moral nem a religião.

Os indianos não possuiam edificio especial, proprio para as exhibições scenicas, onde fosse admittido o publico, gratuitamente ou não. Nos palacios reaes havia uma sala, conhecida pelo nome de *sangita sâlâ*, salão de musica, onde cantava-se, dansava-se e se representavam as peças theatraes. As companhias dramaticas eram conhecidas na India desde a mais remota antiguidade, e os artistas mereciam o maior apreço: proclamavam-se amigos dos reis, sabios e poetas. O theatro propriamente dito denominava-se *ranga-bhûmi* ou *nêpathya* : a entrada era conhecida por *pravisati* e a sahida por *nichcrâmati*. O arranjo do scenario era muito simples : varias cortinas dividiam-n'o em suppostos compartimentos, onde se collocavam cadeiras, thronos e armas e por onde passavam carros puxados por animaes vivos. Os personagens trajavam a caracter, e os papeis femininos eram sempre desempenhados por mulheres. Algumas vezes, entretanto, esses encargos cabiam a homens ou a mancebos, que aceitavam de preferencia os papeis de certa importancia, como os de sacerdotisa budhista, etc. Os personagens davam *apartes*, como nos nossos theatros, e todo o movimento scenico e de interpretação era minuciosamente indicado nas rubricas das peças.

Quando a arte theatral depois de attingir a mais gloriosa culminancia, entrou a mostrar os prodromos da sua decadencia, os criticos começaram, ali como alhures, de querer substituir o autor

---

[1] Baron, *Histoire de l'art dramatique*, Bruxellas, 1865.

que crêa por theorias mais ou menos engenhosas, os fazedores de systemas pelos poetas dramaticos; mas suas criticas nem eram poeticas nem philosophicas, consistiam apenas em observações puramente technicas, preceitos dogmaticos, deduzidos dos exemplos dos dramaturgos de nomeada.

* * *

Alguns autores indianos attribuem a invenção do drama a um *muni* ou sabio, chamado *Bhârata*; outros dão-lhe origem mais elevada: dizem que os preceitos desta arte, extrahidos dos Védas pelo deus Brâhmâ, foram inspirados ao *muni*.

Na primitiva, eram de tres especies as exhibições scenicas: *nâtya*, *nritya* e *nritta*. Os gandharbas e apsaras, genios e nymphas do céu de Indra, educados pelas lições de Bhârâta, representavam as peças diante dos deuses. Áquellas tres especies duas outras appensou Çiva: o *tândava* e o *lâsya*.

O *nâtya* era o drama que então se definia: a gesticulação com palavras; o *nritya* era a pantomima e o *nritta* a dansa. O *tândava* e o *lâsya* não passavam de generos particulares de dansa: o primeiro recebeu aquelle nome de Tandou, servidor de Çiva, ao passo que o segundo foi ensinado pela deusa *Pârvati* á princeza Ouchâ, que por sua vez o ensinou aos *Gopis* de Dwârakâ, residencia de seu esposo, as quaes o communicaram ás mulheres de Sourâchtra. D'ahi se transmittiu aos demais paizes.

Tal é a lenda, que mostra a ligação intima que havia entre a dansa e o poema, os cantos e os bailados, tal e qual como na tragedia classica dos gregos.

Ao sabio Bhârâta — o brahmane *rico de austeridades*, attribuem tambem o primeiro tratado de arte dramatica: os *sôutras* ou aphorismos. Depois deste veiu um dos mais conhecidos: o *Dasa rupaka*, descripção de dez especies de composições theatraes. E' uma obra essencialmente critica, contendo texto e commentarios, da lavra de Dhanandjaya ou Dhanika, filho de Vichnú, que viveu provavelmente no XII seculo de nossa éra.

O rei Bhodja passa por autor de um tratado geral de poesia e de rhetorica: o *Saraswati canthabharana*.

O *Cavya pracasa*, de Mammatta Bhatta, trata igualmente de rhetorica.

O mais celebre de todos os livros de literatura e critica dramaticas dos hindús é o *Sahitya darpana*, obra escripta pelo medico Viswanâtha Cavirâdja, filho de Tchandrasékkara, e que parece ter sido publicada em 1504.

Alem destas producções appareceram muitas outras, cuja lista seria fastidiosa, as quaes fornecem amplos esclarecimentos sobre o systema theatral dos indianos.

*
* *

As composições dramaticas receberam o nome geral de *rûpaka*, palavra derivada de *rupa* — fórma, porque o seu fim era dar relevo a individuos e a caracteres, idéas ou pensamentos. Neste ultimo caso era o drama metaphysico. Definiam então uma peça de theatro: um poema destinado a ser visto, ou um poema destinado a ser visto e ouvido.

De duas classes são os trabalhos dramaticos: os *rupakas* propriamente ditos e os *uparupakas*, isto é, pequenos *rupakas*, *rupakas* inferiores, pertencentes aos theatros de segunda ordem.

Os *rûpakas* constam de dez especies distinctas.

1ª — O *nataka*, a peça por excellencia, que contém todos os elementos de uma grande e perfeita composição desta ordem. O assumpto deve ser celebre e importante, tirado da mythologia ou da historia; os personagens respeitaveis e eminentes: o heróe só póde ser um rei, um semi-deus ou uma divindade; a intriga simples; os incidentes ligados entre si; a acção sem episodios; o acto não durar mais que um dia; a dicção clara. Esta peça não deve ter menos de cinco nem mais de dez actos.

2ª O *pracarâna*, igual ao *nâtaka*, porém menos importante. A ficção deve ser bordada sobre actos da classe respeitavel da sociedade. O heróe póde ser um ministro, brahmane ou mesmo negociante distincto; a heroina ser filha familia ou cortezan.

3ª O *bhâna*, monologo em um acto, uma especie de nossa scena comica, acompanhado de canto e dansa.

4ª O *vyâyoga*, peça dramatica em um acto, tratando de assumptos militares.

5ª O *samavacâra*, drama em tres actos, extrahido de fabula mythologica. A acção do 1º acto deve durar nove horas, a do 2º tres e a do 3º uma hora e meia. No enredo figuram deuses e tambem mortaes, podendo haver até doze heróes; devem apparecer em scena todas as magnificencias da guerra.

Esta peça é destinada ao publico e se representa em pleno ar, em espaçosa planicie.

6ª O *dima* participa da natureza do anterior, porém sua acção é sombria; limita-se a representar acontecimentos terriveis. Tem quatro actos, e o seu heróe deve ser um inimigo dos reis, ou um semi-deus.

7ª O *ihâmriga* é uma intriga de amor em quatro actos. O heróe é um deus ou mortal illustre, a heroina uma deusa, que seja a causa de uma guerra.

8ª O *anka*, especie de scena dramatica.

9ª O *vithi*, scena comica sem musica nem dança.

10ª O *prahasana*, farça, satyrisando causticamente os vicios e defeitos dos poderosos, sabios, reis, brahmanes.

Os *uparúpakas* dividem-se em dezoito especies differentes, a saber:

1ª O *nâtikâ*, do mesmo genero do *natâkâ*, porém restricto a quatro actos apenas.

2ª O *trotaka*, que pode ter cinco, sete, oito ou nove actos, e personagens humanos ou divinos.

3ª O *gochthi*, peça em um acto, que deve ter nove ou dez personagens masculinos e cinco ou seis femininos. O assumpto deve ser o amor.

4ª *sattaka*, historia maravilhosa, toda escripta em prakrito.

5ª O *natyasâraka*, bailado cantado em um acto.

6ª O *prasthâna*, identico ao anterior, mas os personagens são de condição inferior, e deve ter dois actos.

7ª O *outtathya* peça mythologica em um acto, ornada de musica.

8ª O *câvya*, intriga de amor em um acto, com arias musicaes e poesias.

9ª O *prenkhana*, peça militar em um acto.

10ª O *hâsaka*, composição comica em um acto com cinco personagens: o heróe deve ser um estouvado e a heroina uma mulher distincta.

11 O *sanlâpaka*, drama em um, tres ou quatro actos. O heróe é um herege.

12 O *srigaditam* em um acto, em que a heroina imita a deusa Fortuna—*Sri*.

13 O *silpaka*, magica em quatro actos, passada no lugar em que se queimam os mortos.

14 *vilâsikâ*, ou *lâsikâ*, peça comica em um acto.

15 O *durmallikâ*, intriga comica em quatro actos.

16 O *pracaranikâ*, variedade do *nâtikâ*.

17 O *hallisâ*, peça em um acto, cantada e dançada por um homem e oito ou dez mulheres.

18 O *bhanika*, farça em um acto.

***

Do theatro indiano se conhecem actualmente 60 peças. Damos em seguida os nomes das principaes.

Reconhecimento de Çâkuntâlâ—drama em sete actos, de Kâlidâsa.

Vikrama e Ourvasi (o heróe e a nympha), drama em cinco actos, de Kâlidâsa.

Mâlavika e Agnimitra — comedia em cinco actos, attribuida por uns a Kâlidâsa, e contestada por outros.

Mritchtchakati—(A cortezan apaixonada ou carruagem de barro) drama em dez actos de Sudraka, representado em 1850, no *Odéon*, de Paris, com o nome de *Chariot d'enfant*.

Outtara Râma tcharitra (continuação da historia de Râma) drama em sete actos, de Bhavabhuti.

Mallati e Mâdhâva (o casamento por surpreza), drama em dez actos, de Bhavabhuti.

Mahâvira tcharitra (historia do grande heróe Râma), drama em sete actos, de Bhavabhuti.

Véni sanhâra (a cabelleira renovada) drama em seis actos de Bhatta Nârâyâna.

Mondrâ Râkchasa (o sello do ministro) drama em sete actos de Visâkhadatta.

Ratnâvali (o collar) drama em quatro actos, de principe Sri Harcha Deva.

Prabodha tchandrodaya (o romper da lua da intelligencia).

***

O theatro indiano é a imagem d'aquelle povo singular.

A religião levada aos extremos limites do ascetismo e do maravilhoso, o amor com todos os refinamentos de volupias delicadas e angelicas garridices, uma notavel doçura de costumes, a pintura uniformemente graciosa de uma natureza invariavelmente bella: taes são os elementos do drama do Hindostão.

Naquelles climas ardentes, em que as paixões se mantém na temperatura da atmosphera, ao passo que o corpo enervado só deseja a calma e o repouso absoluto; naquella terra prodigiosa, que dá mais do que se lhe pede—o homem só póde viver pela imaginação; tende sem cessar a sair do real para se atirar ao ideal, e este predominio da imaginação lhe faz ligar extremos, reunir todos os delirios da volupia ás mais pesadas penitencias; o respeito religioso pela vida de um insecto ás fogueiras destinadas á viuva do heróe; a mais aventurosa liberdade ás mais duras cadeias da escravidão e ás mais rigorosas distincções de casta; os mais excentricos transportes do genio á poetica mais minuciosamente restrictiva.

(*Continúa*)

FELICIANO GONZAGA

A ARTE E A CRITICA

I

Não me occupo da arte contemporanea, e muito menos da critica militante. Onde interesses e sentimentos diversos dos que produzem as obras do genio estão em questão, é inutil idealizar todas as phases que, no campo da arte e do pensamento, atravessa a luta pela existencia. Si tivesse que escrever uma comedia, sim, não teria melhor campo de observação e de estudo. Os periodos de transição, como o que estamos atravessando, não offerecem á especulação do philosopho sinão anomalias. Mas a quem vai á procura de leis para roubar á natureza os seus mais intimos segredos, torna-se mais util abranger dum só olhar muito espaço do horizonte e do tempo, muitas gerações de homens e muitos grupos de acontecimentos. Desde 1848 até hoje temos tido tantas transformações na manifestação do sentimento esthetico e tantas na technologia da critica, que podemos equiparal-os ás *modas* do figurino dos alfaiates. Classicos e romanticos, idealistas e realistas, naturalistas, parnasianos, decadentes, psychologistas, symbolistas, etc., etc., estão brigando, ha muitos annos, para demonstrarem, que acharam, cada um por sua conta, a pedra philosophal da arte. Estamos diante dos *segredistas* da medicina empirica de outros tempos, ou dos pseudo-chimicos de hoje, manipuladores de pillulas e de xaropes, panacéa hodierna da quarta pagina dos jornaes.

Verdade é que na arte, como em toda manifestação intima e externa da vida, existe uma evolução constante de formas,

mas é verdade tambem que, como na natureza as mesmas substancias prestam-se para o elemento essencial de muitas formas, na arte o fundo das diversas producções é o mesmo, e nem o tempo, nem as raças, nem os acontecimentos podem mudal-o.

Não valia a pena escrever volumes de critica sobre a invenção recente do romance psychologico, uma vez que ninguem dos contemporaneos chegará a escrever psychologia, no romance, como Balzac, no drama, como Shakespeare, e na comedia, como Molière.

Tinha razão Flaubert quando queria que Zola lhe dissesse o que era o romance naturalista, e é justificado, diante de tantas e microscopicas fracções do velho pensamento latino, o orgulho de um grande romancista russo, Dostoiewsky ; que interrompia bruscamente qualquer discussão literaria com o Visconde de Vogüé dizendo: *Nós temos o genio de todos os povos e mais o genio russo.*

E', portanto, da arte que vive em todos os tempos e em todas as nações, que pretendo falar. E ao lado desta arte precisa collocar uma critica que não fique na chronica das revistas e das gazetas, que não seja escrava da fortuna dos homens e dos partidos, nem ligada á tradições de academias ou escolas ; emfim uma critica que não seja desmentida pelo futuro. E começamos por estabelecer que importancia tem para a humanidade esta arte e esta critica e como ellas acompanham a civilização movendo-se com as mesmas leis, que regulam o movimento da vida cosmica.

Deixo de lado as definições, ainda que geniaes de Aristoteles, de Tasso, de Taine e de Hirt ; pois não fazem mais que repetir em forma e lingua diversa, a mesma coisa, isto é que a arte é, uma reproducção da natureza.

Hoje é melhor observar e provar do que definir.

Reparo só, que nesta correspondencia de juizo está a prova do que a arte verdadeira e immortal teve, em todo o tempo e em toda phase, um objectivo : a natureza. Os que fizeram tanto barulho ha dez annos, sobre o achado duma arte da realidade, eram certamente myopes, ou gente de má fé.

O mais nobre, o mais constante, o mais forte dos phenomenos da vida é a arte. Mais nobre porque synthetiza as qualidades ideaes de uma raça, de um povo, de uma época ; mais constante porque não deixa de apparecer, como quer que seja, em todo tempo e em

toda região ; mais forte porque, mais do que as outras energias moraes, resiste ao tempo e através dos seculos, como num ambiente aquecido por um fogo perenne, guarda a alma de gente desapparecida e de organismos cujas cinzas nem siquer mais existem.

Os que chamam a arte appendice do luxo, são automatos que nada entendem da vida dos povos e de todo aquelle conjunto de sentimentos, que formam a base da convivencia commum ; não fazem lei porque não poderiam demonstrar o que affirmam.

A primeira e mais indispensavel das missões que o homem conhece ter, e que, conscio ou não, mas sempre com a mais profunda de suas voluptuosidades, traduz na mais normal das funcções, é a perpetuação de si mesmo. Fazendo reviver o seu organismo material contribue para aquella reproducção dos seres, que vem do infinito e vai ao infinito. E, com o organismo material, se reproduz o organismo moral que é delle quasi a ordem e a essencia de structura.

Temos em todo organismo um conjunto de sentimentos herdados com o sangue, que vivem ha seculos, e que elle não poderia querer extinctos, porque não quereria não amar e não gozar. A *conditio sine qua non* de sua existencia estabeleceu, já, na normalidade a de suas funcções. Eis a herança das *potencias* moraes desenvolvidas parallelamente ás materiaes e que vem condensando-se na arte. Póde o homem não amal-as como aliás ama a mesma vida, uma vez que acha nellas a si mesmo ? Póde subtrahir-se aos sentimentos moraes, ainda que no estado de perfeita ignorancia ? Impossivel ! Diante de um drama commove-se e chora si é o caso, delicia-se ao som da musica, e diante do bello fica encantado.

Não sabe ler e faz versos magnificos, não sabe musica e canta com perfeita *entonação* ! Que é isso ?

Póde não saber fazer versos, e não cantar ; pois sim ! não é artista, mas entende ! Póde não comprehender nada e de nada gostar... E então póde ser um delinquente ou um louco : anomalia, não regra e não interessa á humanidade inteira.

Na arte é a ligação moral, parallela á ligação material, que junta o homem com o universo, com o passado e com o futuro. Este facto póde não traduzir-se em consciencia, mas está no sentimento commum e é a mesma vida. Negai se podeis !

Ha quem se gaba de sceptico e ri-se cada vez que ouve falar em coisas que vão além dos estreitos confins da vida material; mas esse é no grande organismo da civilização contemporanea, o que eram os eunuchos no Oriente, os Albigenses na idade média, e os malthusianos no nosso tempo: anomalia digna de observação num gabinete de pathologia.

Quantas vezes as mais bellas, as mais santas idealidades são escarnecidas por homens que passam por sabios! Quantas vezes diante das aspirações mais nobres tenho ouvido gritar: rhetorica! Si é assim, todo o fundo da natureza humana é rhetorica.

O amor á mulher, aos filhos, á patria, a piedade pelas desgraças alheias, a generosidade para com os fracos, o enthusiasmo pelas boas acções, a virtude, a honestidade, o sentimento, a honra... tudo é rhetorica, convenção! Mas tirai essa especie de convenção, ó sabios, e dizei-me si resta alguma coisa para justificarmos a pretenção que temos de sermos mais do que o macaco. Schopenhauer chamou de *impostura* o patriotismo!

Santa e sublime impostura! Oh! Si tivessemos um pouco mais dos acommettidos dessa impostura! Ou, melhor... Si tivessemos menos philosophos pessimistas, diletantistas, etc... e mais daquelles impostores!

Todas as vezes que nos accessos da nostalgia me lembrei desse juizo de Schopenhauer, tive a vontade de gritar: Supprime essa impostura, ó philosopho, e terás supprimido a historia da humanidade! Supprime essa santa impostura e os homens a ella dedicados, e não restarão nas nações civilizadas sinão gabinetes de zoologia, prisões e hospicios de alienados!

Mas a humanidade é mais sapiente do que os philosophos: recolhe, guarda as verdades eternas que elles dizem e recusa as aberrações e passa e vai seguindo pelo seu grande caminho immutavel e fatal como o dos astros. Quem póde desvial-a?

Desde que o homem olhou ao redor de si, o mundo exterior não podia deixar de exercer uma certa influencia sobre o mechanismo de sua sensibilidade. As scenas que viu no Universo não podiam deixar de provocar no seu organismo sensações, percepções e imagens. De qualquer maneira, desde o primeiro apparecimento daquellas imagens começa a historia da vida moral do homem; não podemos definil-a nem com o tempo, nem com os documentos, nem com algum

daquelles meios excogitados pela sciencia moderna para remontar ao passado; mas da analyse retrospectiva da historia dessa vida moral, do tempo presente até aos que são reconhecidos como mais antigos, podemos tirar alguma indisputavel deducção.

Ha uma historia constante da vida moral, como ha uma historia constante da vida organica, e ambas seguem caminho parallelo. Não podemos apresentar, apezar das maiores subtilezas do engenho, a primeira imagem, que as sensações despertaram no cerebro do homem que pensou pela primeira vez; assim como não podemos imaginar a fórma material em que se apresentou, pela primeira vez, este organismo que veiu collocar-se no mais alto grau da escala dos seres organicos da terra.

Linneu, Darwin, Huxley puderam notar algumas analogias de structura anatomica e histologica entre os *primatas*, puderam rectificar algumas classificações zoologicas, enxergar afinidades mais ou menos logicas, mas não puderam imaginar nem uma hypothese sobre a fórma da primeira apparição.

Resta sempre a do atomo que é antiga e valida, mas essa respeita só á substancia chimica, não á forma dos organismos.

Não vamos pois, em busca do ponto de partida, como não nos preoccupamos do de chegada, dado que nesse movimento complexo de phenomenos cosmicos haja um principio visivel e um fim imaginavel. Posto assim o problema da arte, não podemos consideral-a nem como entidade abstracta de natureza theologica, immutavel na substancia e na fórma, nem um brinquedo, bom para divertir os vadios ou procurar marido para as moças.

A arte póde-se chamar, si fôr possivel, a sementeira da vida humana.

Dizendo arte, porém, quero falar de um grande conjunto de potencias intellectuaes, onde a vida está estabelecida por elementos duraveis e eternos. Não pretendo dar a todos as baixas gradações da producção artistica o valor que ellas não têm, nem collocar no mesmo nivel Homero e Quinto Calabro, Dante e Aleardi, Miguel Angelo e os Byzantinos, Shakespeare e Sardou, etc.

A arte tem tantas gradações de valores, de potencias e de aspectos quantas tem a vida: a producção della consiste em creaturas ideaes que estão sujeitas ás mesmas leis que as naturaes.

Este pararellismo entre as leis da arte e as da vida, deve ser acompanhado pela critica, que estabelece um outro parallelo de leis educativas e faz que as producções ideaes da arte mantenham, continuem e dispertem nas creaturas humanas, a harmonia entre a vida intellectual e a material, que deve ser a base da moral moderna, consentanea ao grau de civilização em que pretendemos achar-nos.

Penso, porém, que é necessario eliminar muitos prejuizos: dos artistas, que creem achar inspirações em livros de critica e de sciencia para conceber obras vivas, e dos criticos e philosophos, que imaginam poder com suas locubrações crear o genio, e destinal-o á apotheose ou anniquilal-o. Preconceitos bem frequentes no que hoje se escreve e que accusam, em primeiro lugar, falta de genio e de critica verdadeira.

Nada é mais contrario ao genio do que a obra que precisa se fazer annunciar, explicar e popularisar como os remedios e os cosmeticos de Dulcamara; e nada é mais contrario á boa critica do que esse officio charlatanesco em que a arte é um pretexto e a mania de parecer, de illudir-se e de illudir é o fim.

O genio, admittindo que condições especiaes de ambiente, de hereditariedade e de accidentes o produzam, nunca ha de se formar por inspiração que não venha da viva natureza, ou por processos de selecção que não se desenvolvam no cerebro de quem o possue.

Não se póde chegar á synthetizar os caracteres essenciaes das maiores potencias da natureza com potencias de assimilação que não sejam o fundo intimo da psyche do artista.

Querer conseguir isso com meios exteriores seria a mesma coisa que plantar o organismo da logica num cerebro desequilibrado, introduzindo por esforço de memoria a theoria do syllogismo, ou esperar gerar o homem sem os elementos e as formas necessarias para produzil-o.

Podem os meios mecanicos substituirem-se á natureza? Não nos illudamos com a pretendida omnipotencia da sciencia. Esta, antes de tudo, precisa da vida. Poderá crear os mais maravilhosos mecanismos, mas precisa do elemento primeiro, que os imagine e ponha em movimento. A hygiene poderá ajudar-nos a conservar o organismo vital, desenvolvel-o e fazel-o viver alguns annos mais; mas não poderá crial-o. Assim a sciencia poderá illuminar o artista, ajudal-o, talvez, a systematizar aquella massa de sensações,

que produz nelle o mundo exterior, e de potencias que tem latentes ainda; mas não lhe dará o segredo de produzir uma só dellas.

Pode-se chegar a escrever uma pagina sem erros de grammatica e em estylo correcto; mas esta não terá uma hora de vida si o genio não lhe der o que nem a grammatica nem a rhetorica podem ensinar.

Que numero de Salviati doutos e eruditos seriam necessarios para juntarem com centenas de volumes inuteis, a vitalidade de um capitulo só do mais ignorante dos escriptores da Renascença, de Benevenuto Celini ?

Não bastariam todos os passados, os presentes e os futuros, como não bastariam cem mil abortos para equivalerem a vida de uma criança saida san e forte do seio materno.

A verdade é que o genio deu á humanidade obras primas eternas, seculos antes que a sciencia tivesse fórma e vida. A arte em Shakespeare precedeu de dois seculos ás theorias da pathologia, e tinha já esgotadas todas as expressões das gradações do sentimento, antes que a psychologia physiologica viesse analyzal-as.

II

A arte tem uma historia como a tem as raças, como a tem cada ser organico, como a tem as nações.

Nesta historia ideal os homens são simplesmente episodios como nas outras historias reaes. Nella, como na historia da humanidade, nós podemos ver até um certo ponto, e a critica tem o dever de indagar até onde lhe fôr possivel, todas as causas que originam os primeiros elementos conhecidos; todas as potencias desses elementos e toda a evolução delles de época em época e de ambiente em ambiente.

Assim a historia da arte, primeiro e altissimo documento vivente da especie humana, estuda-se como a dos homens. Porque ?

Observemos a mesma natureza. Ella representa forças brutas, desiguaes, que se agitam num conflicto eterno, onde naturalmente as mais poderosas vencem e absorvem as mais fracas. Ora, as potencias maiores que representam uma maior concentração de força estabelecem na vida a direcção dessas forças.

Esta lei explicada pelas theorias da evolução e da energia dos atomos regula a vitalidade e a variedade das faunas e das raças humanas, e a persistencia dos typos superiores.

Esta persistencia representa as quantidades mais vivas, mais universaes, mais promptas para a adaptação aos ambientes, mais resistentes aos mesmos accidentes da vida cosmica ; quantidades que se transmittem e se renovam e aperfeiçoam no tempo. O limite onde possa chegar esse aperfeiçoamento ideal, o fim que este movimento possa ter, são intimamente ligados com as phases e as leis da vida cosmica que pouco e limitadamente conhecemos.

Note-se que neste continuo movimento de forças, as potencias mais resistentes não tem estabilidade absoluta com relação aos lugares. Um grupo de potencias chega a uma manifestação solemne num certo ponto, num certo ambiente e numa certa raça, depois começa a desorganizar-se e deixa afastarem-se as partes mais vitaes, que emigram e vão constituir a massa de uma nova concentração de potencias. E' assim que podemos explicar a passagem da hegemonia dos povos de uma nação para outra.

A India, o Egypto, os diversos povos orientaes, que quasi no mesmo territorio exerceram successivamente o seu poder; a Grecia, a Macedonia, Roma, o Christianismo, o Imperio Franco, a Igreja, etc, etc.. não são sinão tantas agglomerações de potencias de maior ou menor duração.

Esta successão de hegemonias que se explica por um complexo de acontecimentos e de manifestações reguladas por leis que chamaria dynamicas, vem revelar todas as phases do movimento daquellas forças intimas, que se desenvolvem na natureza e que nunca morrem.

Ha, pois, na superficie organismos derivados destas forças interiores, e que, de conformidade com ellas, agem, pensam, desenvolvem-se, e morrem deixando a outros a successão, o melhoramento ou a deterioração de sua força, segundo o ponto em que está o processo de aggregação e de desaggregação do centro dynamico.

Ora o conjunto destes organismos, que são os homens de uma raça ou de um povo, representa o ambiente dum periodo da vida, e tem sempre alguem que absorve maior força do que os outros e synthetiza mais os caracteres mais essenciaes e mais intimos da generalidade dos seus semelhantes. Emfim, como os principaes centros

dynamicos representam a quinta-essencia das forças dos outros que os precederam, e dos quaes reuniram os elementos vitaes, assim na organisação de uma raça, mais fortes e mais notaveis são os homens, que resumem em si o dominio das potencias mais essenciaes da mesma raça, ou os que sabem concentral-as e manifestal-as.

Eis o conceito da relação que têm as grandes nações com a humanidade e os homens illustres, na historia civil e nas artes com a sua nação, e sobre esta base podemos estabelecer o valor que tem o homem em relação com a sua raça, com seu tempo, perante a historia e a humanidade.

Pondo de lado os grandes legisladores e moderadores do destino dos povos, occupemo-nos dos que tiveram maior poder moral no campo da arte. Falamos primeiro da analogia entre as leis da arte e as da vida.

E' por consequencia natural inadmissivel na arte um typo unico, abstracto, ou uma ordem de desenvolvimento differente do dos organismos que a produzem : a unidade de designio nas leis cosmicas é um facto já aceito pela consciencia commum. A obra de arte tem por conseguinte, tantos graus de potencia e de expansão, quantos têm os povos que a produzem, quantos tem os artistas que synthetizam as suas mais duraveis potencias. A medida do seu valor na vida, está subordinada a estas gradações. No grau infimo, a arte que exprime um caracter exterior de pequeno numero de individuos ou certas anomalias grotescas que podem interessar a um circulo de individuos restricto no tempo e no espaço.

Em grau mais alto temos a arte que exprime os costumes particulares de uma época, e, segundo é regional ou nacional, varia de importancia e valor. A esta classe pertencem muitos romances e muitas comedias contemporaneas, a pintura, a esculptura, a musica e a poesia de genero.

Em um grau superior achamos a arte que exprime a maneira especial de sentir e de imaginar de uma época ; ella é menos superficial que as outras e começa a entrar nos *substratos* da psyche. Aqui acha-se quasi toda a literatura e arte do romantismo e do classicismo da primeira metade deste seculo : Byron para a maior parte de suas obras, Victor Hugo, Delaroche, Musset, Manzoni, etc.

Em outro grau está a arte que exprime o caracter e as potencias essenciaes de uma raça. Os artistas aqui penetraram no fundo da alma de um povo e synthetizaram delle o que mais o levanta e lhe dá vida por mais de um seculo. Neste nivel estão collocados os luminares das artes antigas e modernas, Pindaro, Sophocles, Anacreonte, Virgilio, Catullo, Horacio, Petrarca, Ariosto, Tasso, Raphael, Rembrandt, Rubens, Leonardo de Vinci, Ticiano, Racine, Dickens, Balzac, Rossini, Wagner e tantos outros.

Por ultimo, acima de todos, ha alguns solitarios, cuja alma eminentemente comprehensiva póde synthetizar as maiores potencias do intellecto da humanidade, potencias que são quasi o fundo estavel e mais constante da natureza humana, e que através dos seculos, dos ambientes, das raças, manifestam-se em formas differentes, mas sempre com a mesma intensidade e universalidade. E ahi temos Homero, Eschylo, Dante, Michel Angelo, Shakespeare, Goethe, Bellini, Beethoven.

São cinco graduações, que podem comprehender cinco grupos de producções mais que de artistas. Pois acontece nos homens o que nas mesmas potencias da natureza : não são sempre aguias ainda que genios. Homero tem cantos que o poriam ao nivel de Quinto Calabro, e Horacio julgou-o bem no seu *quandoque bonus dormitat Homerus*. Dante no *Convito* desce ao par dos philosophos da escolastica; na *Vita nova* quasi ao dos poetas de seu tempo, e quando não retrai o choque de almas humanas, em cuja representação sobe mais alto do que Homero; toda a architectura dos reinos sobrenaturaes fica ao nivel do *Quadriregio*. [1] Shakespeare escreveu mediocres comedias, e Goethe não poderá salvar sinão metade da sua obra prima das garras do tempo que já começou a offender as suas obras menores.

Assim, pelo contrario, Sophocles póde ás vezes chegar até Eschylo, Leopardi alcança a genialidade de Dante e Monti aproxima-se de Pindaro e de Horacio.

Mas o termo de comparação deve ser estabelecido sobre dois factores principaes : o conteúdo que é o homem em contacto com a natureza e com a humanidade, e a forma.

---

[1] Antigo poema do seculo XIV de Fr. Frezzi.

Da universalidade do primeiro, devido não só á propria essencia, mas tambem ao modo com que elle está representado, depende a collocação no mais alto grau da escala.

A universalidade do valor de uma obra d'arte não é phenomeno do individuo só que a criou, como um organismo chegado ao seu maximo desenvolvimento, não surgiu todo duma vez do seio que o produziu. Representa um longo trabalho de selecção e uma longa serie de typos intermedios que pertencem ás especies fosseis, mais faceis de se acharem na literatura do que na biologia.

Michel Angelo não surgiu de uma vez como Minerva armada do cerebro de Jupiter. Dentro do seu espirito está todo o trabalho occulto e condensado de todo o mundo grego-latino, que reappareceu no Renascimento, depois de quasi tres seculos de incubação.

Mas, poderiam objectar, como faz o critico para distribuir milhares de artistas por esta escala imaginaria ? Não poderia elle deixar-se enganar ou pelos proprios gostos ou pela sua mente limitada ?

Eis a resposta : Ponho de lado a incapacidade do critico, de que elle só é responsavel ; occupo-me só do methodo. Não reproduzo os argumentos do Taine, que, primeiro, apresentou a idéa desta divisão, e exponho algum, que resulta de minha propria experiencia.

Pomos a obra de arte em contacto com a humanidade, a qual a considera tão viva quanto nella reconhece a si mesma. Os gregos imaginaram no Prometheu uma luta secular entre o homem e a natureza virgem, luta que levou os habitantes da terra a uma ascensão gradual para com o mundo sobrenatural. O fogo sagrado roubado ao céu e que ensina aos homens as artes, synthetiza tantas quantidades ideaes e tantas phases da historia humana que seria impossivel enumerar em breve. Mas aquella luta não acaba no mytho de Prometheu, nem no mundo grego ; continúa no mundo latino, continúa, ainda que latente na idade media e recomeça a sua marcha gloriosa na Renascença e dura, victoriosa mais do que nunca, até aos nossos dias.

Quereis que a incarnação dessa luta rude mas poderosa na producção de Eschylo, perca o seu valor através dos seculos e dos povos si a potencia moral que ella representa vive ainda e viverá eternamente no espirito humano ?

Porque não damos nós a mesma importancia ás *Nuvens* de Aristophane, que deliciaram tanto os elegantes e os moderadores da sociedade atheniense ?

A satyra feroz, maligna e, si devemos acreditar em Platão, funesta contra Socrates não póde achar eco na consciencia moderna.

Nas phases tão varias e tão estranhas que caracterizam a concurrencia vital em cada povo, nem sempre a consciencia publica se conforma com a da humanidade inteira. Outras épocas e outras gentes revêm os actos della, e aferem as sentenças que ella pronunciou pelo grande codigo do Universo, que os seculos escrevem e que poucos homens chegam a comprehender.

As grandes potencias moraes da philosophia socratica são já patrimonio sagrado do mundo, e este mundo reconhecido e coherente, sente em si o espirito do philosopho e anathematiza o poeta e os juizes.

Quantos idolos do nosso tempo não deverá o seculo XX derrubar do pedestal de papelão ? Quantos delles poderá consagrar á i mmortalidade ?

Si pudessemos, por um milagre, antecipar o juizo, pobre de Olympo do seculo XIX, como ficaria vasio !

C. PARLAGRECO

(*Continúa*)

POESIAS INEDITAS

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

SONETO

Ao m.mo

Tentas o estrago da maior grandeza,
Impio traidor, e o mizero artificio
Primeiro te fas ver o pricipicio,
Que o sacrilego fim da horrenda empreza.

Asusta-se inda a mesma natureza
Ao ver qual te propoens vil sacrificio,
Não deves de saber que o Ceo propicio
Vela sobre os orgulhos da fereza ?

Justamente os teus membros separados,
Ao ludibrio dos ares, e do vento
Em frias cinzas se verão mandados.

A terra não lhes deve acolhimento:
Que abortivos infames, detestados
So podem ter por urna o esquecimento.

SONETO

Ao Fanatismo

De que vos assombrais, Furias do Averno,
Que ao Triste Reino horrorizaes de Espanto,
De veres que hum mortal se atreva a tanto
Que em furor se avantaja ao mesmo Inferno?

Não, não he menos forte o fogo eterno,
Que cauto desimula o antigo pranto
Se de Hipsenta vil o cobre o manto,
Ja chega a respirar seu odio eterno.

Mas qual oh Deus qual nova especie he esta
De serpente, ou Dragão, que desde o Abismo
Ergue o collo, incha o ventre, eriça a testa?

Tremo a dizelo: hum triste parocismo
Me embarga a voz: Direi, scena funesta!
A meus olhos offerece o Fanatismo.

SONETO

PASTORIL

Pela acção de graças

Algano que sera? Tenho observado
Que a muito tempo este Carvalho antigo
Recolhe a sua sombra, e faz abrigo,
Ou da chuva ou do sol ao nosso gado.

Ha dias que anda agora arrecuado
Como que foge, ou teme algum perigo,
Quem sabe se amiaça o Ceo castigo,
Ou so algum mao Pastor lhe deu olhado

Alto segredo cuido, que se esconde,
E muito de sentir Algano temos,
Se o agoiro ao successo corresponde.

Vem tu amigo, o tronco rodeemos,
E ao seu pe hum altar ergamos, onde
Puros votos por elle a Jove demos.

SONETO

Com a lembrança de ser o Denunciante da traição natural destas Minas

Da Vrna de oiro, onde felis descansa,
Ergue a cabeça o magestoso Tejo,
A nos se volta, e para nos eu vejo
Que cheios de ternura os olhos lança :

Venturozo Paiz, em paz descansa
(Elle nos dis) em ti meu trono elejo
Pois que apezar de tanto horror, e pejo
Hum filho teu firmou minha esperança.

Se o Topazio, o Diamante, a Prata, o Oiro
Nobre porção da Luza Monarquia
Te esmaltão sobre a testa o fresco loiro,

Tu com mais gloria sabes neste dia
Fundar a tua fé, e o teu thezoiro,
E dar aos teus metaes maior valia.

SONETO

Tenro Menino, eu sei que na grandeza
Te ensaias, e que o berço de oiro orlado,
Não he mais que hum depozito adorado
De hua alma, que ha de honrar a natureza.

Sei que te nutres ja na ilustre empreza
De igualar a teus Pais, e que chegado
A idade, em que has de erguer da Fama o brado
Veras a inveja a teus destinos preza.

Mas bem que a bella imagem neste dia
De teus heroicos feitos me proponha,
E os auspicios, que o Ceo de mim confia,

Bem que de altas acçoens a ideia exponha
No pouco que inda alcansa a fantezia,
Cuido que no que diz delira, ou sonha.

SONETO

Ao mesmo

Ruge o bravo Leão, e sacodindo
Sobre o pescoço a descomposta grenha,
Humilde preza conquistar desdenha ;
Junto a mais nobre o seu valor medindo.

Aguia excelsa por entre o ar sobindo,
Descança o voo na elevada penha,
E sem que horror ao precipicio tenha,
De sangue as unhas descera tingindo :

Felis Menino se dos teus Primeiros
Eu busco a ver a inclita nobreza,
Da tua eu pezo ja os graus inteiros

Não gerão com oposta natureza
Nem Aguias pombas, nem Leoens cordeiros,
Da Fortaleza nasce a Fortaleza.

—

A grandeza de Maria
Cresce a par da sua idade
A geral felicidade
Fas epocha neste dia.

GLOZA

1

Soltas as madeixas de oiro
Ergão-se do fundo seio
Essas Ninfas, que no meio
Habitão do claro Doiro.
Venhão ver de que thezoiro
Propicio o Ceo nos envia
O rizo, o gosto, a alegria,
E admirem neste prazer,
Qual entre nos chega a ser
A grandeza de Maria.

2

São seus dias, são seus annos
Huma imagem bella, e pura
Dessa idade, que procura
Apartar-se dos humanos.
Ella fugiu, e os enganos
Durarão so da maldade,
Fugiu sim, mas he verdade
Que ja com felis agoiro
Entre nos a idade de oiro
Cresce a par da sua idade.

3

Cheia a mortal esperança
Das bençaozs que o Ceo entorna
Nos dons, que ella se adorna,
Ditoza mente descança.
Da sua posse afiança

Tudo que he prosperidade,
Ja não teme adversidade,
Ja não lhe assusta a desgraça,
Ella em seus annos enlaça
A geral felicidade.

4

Vivei illustre Senhora,
E honrando os Maiores vossos,
Dai aos carcomidos ossos
Vigor novo nesta aurora.
O Ser, que vos condecora
Vos lhe deveis ; mas porfia
Tanto a vossa fidalguia
Em tornar propria esta gloria,
Que por vos he que a memoria
Fas epoca neste dia

O MESMO

GLOZA

Não de Maria a nobreza,
O illustre sangue, ou berço
Não he que fas que o Vniverso
Adore a sua grandeza:
Aos dotes da natureza
Soube unir por mais valia
Hua alma tão justa e pia,
Hua indole tão bella,
Que o mundo julga por ella
A grandeza de Maria.

2.

Repetidos os seus annos
Como vinculados trazem
Todos esses dons, que fazem

A dilicia dos humanos:
Temer da inconstancia os dãnos
Ja nada nos persuade,
Que se hua imortalidade
Ella em seus annos segura,
Tãobem a nossa ventura
Cresce a par da sua idade.

3.

Perdido o dia chorava
Tito, se a mão bemfeitora
Pode lembrarse algua hora
Que ao beneficio faltava.
Delicias Roma o chamava,
E tal o respeita a idade,
Mas com maior igualdade
Do que em Tito admira Roma
Maria a seu cargo toma
A geral felicidade.

4.

Justamente agradecidos
Nos tributar lhe devemos
Do gosto os finos extremos
De obsequio os dons mais subidos.
Verdes sempre e esclarecidos
Conte os seus annos Maria
He o Ceo quem de nos fia
Este bem esta victoria
Igualmente a nossa gloria
Fas epocha neste dia.

A SCIENCIA DA HISTORIA[1]

III

A reacção contra a philosophia da historia, que fizera da politica, uma ideologia, uma sciencia feita de cima para baixo, deduzida de principios abstractos e absolutos, não podia deixar de surgir. E surgiu com Montesquieu. A idéa, ainda mal definida de que a constituição mental do homem, e, consequentemente, a razão individual, são phenomenos naturaes, sujeitos ás relações de tempo e de espaço, começava a renascer das ruinas da civilização grega, onde apenas despontara e desapparecera, sob os destroços da cidade antiga, e desenhava-se no espirito reformador da época, proteiforme e indecisa. Aos reflexos desta miragem apagadiça e distante, a duvida, a iconoclasta clava das crenças e dos cultos humanos, que desthronara Deus da gestão directa da historia, havia necessariamente de continuar a sua obra, abrindo na mythica couraça da razão, a greta por onde havia de escoar-se lentamente a sua indisputavel soberania e pondo pelo exame que provocava em evidencia os diversos laços, que ligam as creações humanas ás condições ethnicas, mesologicas e culturaes do paiz, ou do grupo de civilização em que estas se desenvolvem.

Um facto, porém, furtava-se a acção renovadora deste movimento, um terreno era poupado aos golpes destruidores da prodigiosa clava: o tecido juridico do mundo moral, a fibração legal das sociedades. Mas, Montesquieu, o immortal autor do *Espirito das Leis*,

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de Abril.

vibrou-lhe o primeiro golpe,— provando, com a evidencia da luz solar, que as leis promulgadas nos diversos tempos e nos diversos paizes, guardavam a mais completa correlação com os climas destes paizes, o espirito destas épocas, e as condições destes povos.

O racionalismo estava ferido de morte. Mas, em compensação, a idéa de Montesquieu, que envolvia, por assim dizer, pallida e longiqua, a visão mecanica da historia, não começou a dominar, tal como a divisara o philosopho francez. O seu pensamento caía sobre um estado mental systematizado, que formava a trama da civilização, o fundo emocional da comprehensão das cousas, e não podia deixar de receber a mossa do pensamento dominante, embora deixasse por seu turno, a sua impressão gravada no quadro das noções correntes.

Do mesmo modo que dois corpos, não se chocam no espaço sem mudarem de fórma, assim tambem, uma idéa não se funde no systema intellectual de uma civilização, tal como emerge do espirito de um genio. Ao contacto das noções correntes e communs, do estado mental condensado nas normas intellectuaes e moraes que formam o ambiente social do espirito do tempo, ella modifica-se. O christianismo e o paganismo chocaram-se na antiguidade; e o que surgiu deste choque, não foi nenhuma das crenças tal como existiam anteriormente—mas o catholicismo, um mixto dos vicios e das virtudes das duas grandes religiões.

Foi o que aconteceu á intuição de Montesquieu. Herder juntou-a ás allucinações dos providencialistas e ás fantasias dos racionalistas, de modo que o Deus daquelles, o livre arbitrio destes e a natureza do philosopho reformador, se misturam no espirito do allemão em alguma cousa que, aliás, não tomou um corpo definido.

Assim desformada, passou a idéa de Montesquieu pelo cadinho do idealismo philosophico, onde tomou mil fórmas, até que, com Hegel, chegou as suas culminancias. Hegel emancipara-se da concepção theologica de Herder, mas, como bem o diz Gumplowicz, não soube continuar a desenvolver o lado naturalistico da theoria deste; ao contrario, procurou resolver o dualismo obscuro e contradictorio que se acha em toda a obra de Herder, e tentou conciliar Deus e a Natureza em uma unidade superior: o seu famoso espirito absoluto; e não vendo em toda a historia, mais do que o desenvolvimento deste espirito, unico e indivisivel, abandona o terreno da realidade e da sciencia e reduz a philosophia da historia,

á uma simples fantasmagoria. E, assim, descrevendo-nos alguma cousa que só existe em sua cabeça, e dando as suas fantasias, para lhe assegurar mais credito, nomes tomados á historia universal, affirma que tal é a realidade e consegue, por este modo, produzir a illusão.

Eis ahi, como o pensamento de Montesquieu fecundou a sciencia da historia: ao contacto da nação espiritualista, sua visão transformou-se no conceito teleologico que gerou e deu corpo aos diversos systemas de philosophia da historia, que a imaginação, sem os limites da experiencia e da analyse, concebeu e propagou. Com o progresso, porém das sciencias naturaes, que neste seculo interceptaram a carreira triumphante do idealismo philosophico, a reacção contra o movimento que deslocou o pensamento de Montesquieu, da observação e do exame para o dominio dos enigmas indecifraveis,— resurgiu com Herbart, na Allemanha, e com Augusto Comte, em França. O primeiro, baseado na psychologia do individuo lançou os delineamentos da «psychologia dos povos», e o segundo, baseado nas sciencias physicas e naturaes os fundamentos da sociologia.

Que conseguiram, porém, elles realizar de scientifico para a historia?

Herbart applicou ao desenvolvimento da sociedade as leis que regem o desenvolvimento psychologico do individuo; estreitou os laços e as relações que unem as duas ordens de phenomenos; mudou o rumo da indagação philosophica, da razão individual e das noções abstractas, onde se procurava a unidade da sciencia da historia, para as leis da propria actividade mental; estendeu a psychologia á historia deslocando assim o pensamento do historiador discriptivo, do individuo para o corpo social. E Comte? E' impossivel dizer no mesmo numero de palavras, o que fez este mystico espirito. Affirmar que reuniu em um só foco, os raios esparsos do saber de seu tempo, projectou essa luz sobre a historia, elaborou uma grande synthese, tendo a sociedade por centro, e inclinou para a terra, a aza que o espirito humano tinha voltado para o céu, para as alturas do mundo superior ás contingencias e ás relações mecanicas, em busca do principio que preside á evolução historica,— não é exprimir a sua obra, inteira e completa. Comte é o continuador de um movimento, que, apoz elle, revestiu em sua

propagação, innumeras formas. O valor scientifico, portanto, de sua obra, só póde ser estudado, comprehendido e julgado nas mãos dos seus discipulos, dos seus continuadores. O mesmo se dá em menor escala, com Herbart.

Com a dissolução do idealismo, o fatalismo climaterico de Montesquieu e o theo-racionalismo de Herder, que Hegel sommara num só «espirito absoluto»—separaram-se. O fatalismo climaterico, com o desenvolvimento ulterior das sciencias physicas, resolveu-se em conceitos mais geraes *natureza ambiente, educação social, espirito do tempo* — e generalizou-se na theoria mesologica, emquanto que o principio abstracto, de que a historia era um simples processo de desenvolvimento, e do qual Hegel e seus consimiles, fizeram tanto alarde, concretizou-se, á luz da psychologia e das sciencias naturaes, nas noções—*alma dos povos, caracter das nações, espirito de raça*—resumindo-se, afinal na theoria ethnologica.

Da separação e subsequente transformação destas duas noções fundamentaes da philosophia da historia, dois grupos de pensadores surgiram, distintos e oppostos: os theoricos do *meio* e os theoricos da *raça*.

O primeiro ligando-se directamente á Montesquieu, apoiado de preferencia nas sciencias physicas, desenvolveu o lado que se poderia chamar *physico* da reacção comteana—porque o lado biologico, deduzido por Comte da theoria de Bichat, só actualmente, com Spencer, o creador da moderna sociologia, se desenvolve,—fundou, pelo orgão de Buckle, a historia philosophica e deu corpo á theoria mesologica; o segundo, mais inclinado para a especulação philosophica do que para a politica, mais allemão do que francez, apoiou-se na psychologia, fundou pelos orgãos de Lazarus e Stheintal, a *psychologia dos povos*, e deu corpo á theoria ethnologica. Mais tarde, quando, á luz da biologia, se começou a comprehender a sociedade com um organismo vivo, as duas theorias fundiram-se, originando um terceiro grupo: os sociologos modernos. O antagonismo do *meio* e da *raça* desappareceu, as duas noções harmonizaram-se no duplo conceito de herança e adaptação, á cuja acção combinada se attribuiu o progresso; e a celebre, longa, esteril e ruidosa luta, sobre a prioridade dos dois factores oppostos do progresso, si não desappareceu, permaneceu, rasteira e ridicula, entre os raros e apoucados espiritos, que ficaram perdidos nas enseadas da grande corrente.

E, assim, do movimento reaccionario, iniciado por Montesquieu, e do qual Comte se tornou o centro, donde se irradiou a vida, sinão para os discipulos de Herbart, os creadores da psychologia dos povos, mas para os sectarios directos de Montesquieu, os creadores da historia philosophica e para os seus proprios discipulos, os creadores da moderna sociologia,—surgiram os tres grupos, em que se subdividiu o naturalismo historico: os physicos, os psychologos e os biologos da sociedade—os historiadores philosophos, os psychologistas dos povos e os sociologistas.

Estudemos isoladamente cada um destes grupos.

Em primeiro lugar, a theoria psychologica que é de todas as intuições, a que mais proxima se acha do racionalismo. De facto. A theoria psychologica da historia representa, na esphera evolutiva da interpretação scientifica dos phenomenos sociaes, o pensamento em que, pela primeira vez, o racionalismo e o naturalismo reflectiram combinadamente a sua luz. Esta sua condição, prova-se pela dupla ordem dos traços, que a caracterizam, oriundos, uns da escola libero-racional, outros do naturalismo. Com effeito, até nos mais intimos contornos da architectação logica da psychologia das nações, nota-se, clara e palpavel, a influencia palingenetica do racionalismo ao lado da acção cenogenetica das sciencias naturaes, de tal modo que poder-se-ia, com igualdade de razão, registral-a como um caso de palingeneses idealista ou de cenogeneses naturalistica. Além das saliencias, das linhas exteriores que attestam este duplo parentesco nas feições da theoria que nasceu com Herbart, e floriu em systema com Lazarus e Stheintal, ahi está, palpitante do sangue da sua dupla origem, a idéa em que ella repousa, já não falamos como sciencia, mas como simples desideratum scientifico. Como se sabe, Lazarus baseava a pretenção de fundar, com a «psychologia dos povos», uma sciencia da historia, no facto de terem as sciencias naturaes saido das historias naturaes, e na possibilidade de ser o processo, por meio do qual isto se deu, applicavel á historia humana, e poder igualmente elevar esta, á categoria de sciencia. Flint affirma claramente a situação: — «foi no facto da historia natural ter se transformado em sciencias naturaes, que Lazarus viu a prova da historia humana poder tornar-se uma sciencia, e foi no caminho que aquella seguiu para chegar á este resultado, que elle lobrigou a estrada que esta deve seguir para soffrer a mesma

transformação. » Pelo lado das sciencias naturaes, o parentesco vem, como se vê, de longe, de muito longe, desde a base; é originario. E pelo lado do racionalismo? Um ligeiro exame deste desideratum scientifico, que, antes de constituir-se em realidade já tinha predeterminado o seu caminho, vai certamente revelar-nos a influencia desta intuição, sobre a psychologia das nações. A theoria psychologica pretende que as nações como os individuos, têm uma psychologia; que esta psychologia póde ser comparada; que suas conclusões são os principios supremos e universaes da explicação scientifica da historia; que a theoria da evolução social não é mais do que uma applicação particular da theoria da formação dos caracteres nacionaes, os quaes não podem ser obtidos, sinão pela analyse e pela generalização psychologica. Em uma palavra: que, a « sciencia da historia é a psychologia comparada das nações. »

Não é a mesma pretenção do racionalismo, mudado o objectivo? Inquestionavelmente. O racionalismo procurava a unidade da historia, na razão individual, a theoria psychologica procurou-a na alma das collectividades, na razão da humanidade. De facto; o racionalismo, sem embargo de sob a fórma que revestiu com o idealismo, comprehender a historia como o desenvolvimento de uma idéa impessoal, como a causa final do *processus* universal, não via como termo deste *processus*, como força viva desta evolução, sinão o individuo; nunca enxergou nos corpos sociaes uma unidade, mas simples aggregados de individuos, livremente unidos. O proprio Herbart, que marca o ultimo momento desta intuição, o ponto de transição da theoria que tudo derivava da razão individual, para a outra, que tudo começou a derivar da alma das nações—Herbart, repito, ainda pensava que a verdadeira unidade da sciencia da historia, só podia ser achada no principio da actividade mental, do individuo; e de accordo com este pensamento, affirmava que, as leis que regem o desenvolvimento da sociedade são simples applicações das que regem o desenvolvimento individual. « Em sua doutrina diz Flint, as idéas moraes que produzem as acções de cada ser livre, tomado a parte, são igualmente os poderes organizadores da vida de cada nação. »

Neste conceito, porém, já estão, ainda que pouco visiveis, as linhas da nova doutrina. Vendo na analyse do espirito individual,

a base da sciencia da historia, Herbart sente a possibilidade da psychologia alargar-se ao ponto de comprehender uma theoria do caracter humano, tal como este se manifesta nas differentes tribus e nas differentes nações, e de ter, assim, a sciencia da historia, uma base segura. Todavia, elle não chegou a comprehensão de um caracter, de uma razão, de uma alma para as collectividades humanas.

A idéa da unidade dos corpos racionaes nunca se definiu em seu espirito,—e quem sabe? talvez, nem mesmo longiquamente, lhe tivesse apparecido. Sobre a pressão das noções dominantes, elle via nas sociedades, individuos unidos por laços antes accidentaes que organicos.

A idéa que deu corpo ás sociedades, dando-lhes uma alma foi a conquista que seus discipulos fizeram á luz de um naturalismo mais avançado. As sciencias naturaes tinham chegado com Schleidem e Schwan, á conclusão de que o organismo vegetal ou animal, não era, como se suppunha até então, uma unidade real e indivisivel, mas um corpo collectivo, um aggregado cellular organizado; em summa uma unidade apparente e uma pluralidade real. Foi a subita apparição desta formula ao lado da intuição racionalistica da época que gerou a idéa de que os povos podiam ser considerados analogamente ao organismo humano e ter como este, uma alma, uma psychologia. Foi Lazarus, o grande orgão deste movimento. Baseado na hypothese de que a psychologia está para historia, na mesma razão da biologia para a botanica e para a zoologia, affirmou alto e bom som que a psychologia era a sciencia da vida e do desenvolvimento do espirito, tanto individual como collectivo quer sob o ponto de vista biographico, quer sob o historico. E, — raciocinava elle,— do mesmo modo que a biographia, isto é, a historia do espirito individual, póde conduzir o indagador á psychologia deste espirito; assim tambem a historia, que se póde chamar a biographia das nações e da humanidade, deve levar o indagador, á psychologia destas, e assim crear-se a psychologia com parada das nações, que é a verdadeira sciencia da historia.

Por tudo isto se vê claramente que a psychologia da humanidade é inquestionavelmente, uma generalização do racionalismo, feita através da analogia biologica; é a luz do idealismo, coada através do prisma das sciencias naturaes. A convicção outr'ora dominante

de que o homem era a unica realidade historica, a verdadeira força do systema social,— convicção que tinha creado, no terreno empirico, a biographia, fórma commum, sinão exclusiva da antiga arte de historiar — transformara-se á luz das sciencias naturaes que, por analogia, fez ver a unidade social repousando, como a organica, no grupo. O corpo politico foi então comprehendido como um *todo* unitario. E este pensamento que só na sociologia moderna tomou fórmas nitidas e completas creou, então, no terreno descriptivo, a historia das civilizações, que nada mais era do que verdadeiras biographias das sociedades. Poderá, porém, a theoria psychologica ser considerada como uma sciencia, a sciencia da historia? Basta uma ligeira vista d'olhos para ver-se que lhe fallecem todos os traços que caracterizam uma sciencia. Qual é a fórmula capital da psychologia das nações? Quaes os principios que constituem a sua doutrina? Quaes as normas moraes e intellectuaes que ella inspirou na pratica? As verificações e previsões que fez na theoria? Ninguem saberia dizel-o, simplesmente porque nada disto existe. Não affirmemos, porém, o facto por nossa propria bocca. Demos a palavra a dois admiradores de Lazarus e Stheintal, capazes de julgar a sua obra: Tobias Barreto e Roberto Flint.

Em suas *Variações anti-sociologicas*, Tobias diz: « Anteriormente a Lilieufeld e a Laas, em 1860, duas grandes notabilidades, Moritz Lazarus e Heinrich Stheintal, já tinham feito á seu modo, quero dizer, em mais vasto plano, com proporções grandiosas, um tentamen do genero, creando o celebre *Zeitschrift fur Vœlker psychologie*. Ora, o conceito da *psychologia dos povos* é irmão, sinão o mesmo que o de uma sciencia da sociedade humana. Mas o fiasco foi completo; o jornal não pôde durar muito tempo. E si os dois sabios editores não tivessem para firmar a sua reputação outros trabalhos, sinão os que se achavam no pretencioso *Zeitschrift*, é bem dubitavel que alguem hoje se lembrasse de pronunciar-lhes os nomes, com aquelle respeito que soem infundir os legitimos representantes da sciencia alleman.» Eis ahi o que vale a sciencia de Lazarus na opinião do nosso mais decidido germanista!

Ha, porém, exagero ahi, como em tudo que o escriptor brazileiro escreve quando se refere á sociologia, cujas theses pretendeu sempre antes esmagar do que discutir. A verdade é que si, a psychologia da historia não é uma sciencia, não é tambem uma cousa

sem valor algum; pois que marca um grande momento na historia das sciencias sociaes. Foi ella que, pela primeira vez, emittiu a idéa, que, através do cadinho da analogia biologica, vai, cada dia, se tornando mais nitida e mais completa—de que a historia não é o conjunto de terricolas dotados da arte diabolica de escrever, mas o conjunto das sociedades humanas de todos os tamanhos e matizes, a idéa, em summa, de que a força social, não é o individuo, mas o grupo.

Agora, ouçamos Flint. «Si não me engano, diz elle, a psychologia de Lazarus é insufficiente, sob muitos pontos de vista; seria porém injustiça confundil-a com a psychologia de Hegel, esta mesquinha sciencia, que, em lugar de considerar o que ha de essencial universal na natureza humana, prende-se ao que ha de particular e de caprichoso nos instinctos e nas paixões isoladas. As forças psychologicas chamadas *idéas*, são, como pensa Lazarus, os verdadeiros tecidos do organismo social e do desenvolvimento historico e um estudo aprofundado destas forças, conduziria, não, a uma theoria completa da historia como pretendia elle, mas, a uma parte essencial desta theoria, parte que estaria para a sciencia da historia, como a histologia, isto é, a sciencia da estructura, da composição chimica e das propriedades dos tecidos vivos, está para a physiologia. Verdade é que em Lazarus não se acha nada que se approxime de uma analyse desta natureza; a histologia historica espera ainda pelo seu Schleidem e seu Schwan.» Perfeitamente. Foi este o papel de Lazarus. Comprehendendo a sociedade como uma unidade psychologica, elle nada mais fez, do que indicar, indirectamente, o caminho que conduz ao que Flint denominou histologia historica.

Resta saber si o espirito que tinha de formulal-a já appareceu. Si appareceu deve naturalmente encontrar-se entre os modernos sociologos, á feição de Spencer, ou no grupo dos que se mantiveram fieis á theoria psychologica, onde se destacam entre outros Taine, Renan e Novicow.

Taine e Renan, apezar do intenso sopro philosophico que anima todos os seus trabalhos, tiveram sempre o espirito mais inclinado para a historia descriptiva; pelo menos nunca se preoccuparam com a historia da humanidade, como objecto de uma sciencia possivel ou real. Verdade é que os principios e os methodos scientificos são por

elles applicados ao estudo do desenvolvimento social, com sabedoria e genio, mas esta applicação se limita a problemas isolados e á historia de paizes determinados.

São, si quizerem, sabios, mas, sabios fragmentistas, sabios que nunca tentaram fazer a sciencia inteira.

Será Novicow, o esperado Schwan? Sem discutirmos, aqui a veracidade ou não veracidade do principio formulado por Lazarus e aceito por Flint, de que *as forças psychologicas chamadas «idéas» são verdadeiramente os tecidos do organismo social e do desenvolvimento historico* — perguntamos: o pensador slavo, que é actualmente o mais directo representante da theoria psychologica, fez desta intuição, uma doutrina exacta, baseada na realidade dos factos, uma sciencia em summa? Não; podemos, sem descer ás minudencias e aos detalhes, affirmal-o.

Já tivemos occasião de ver que nada ha de mais debatido e menos esclarecido do que a questão que diz respeito á definição e á denominação dos corpos politicos. Ao conceito de nação, vimos que correspondem indistinctamente, o facto geographico, o philologico, o religioso, o ethnologico e o moral. Pois bem; um dos resultados da histologia historica seria distinguir, classificar, denominar e definir as fórmas sociaes, conforme as suas differenças estructuraes, e, dest'arte, levar a ordem e a clareza á esta ordem de conhecimentos que poderia talvez se denominar à theoria das forças que constituem o systema social. Que fez neste particular, a moderna theoria psychologica? Fazendo repousar a força social no grupo, considerado como uma unidade, a theoria psychologica reduziu com Lazarus, o corpo politico á um facto psychologico. Seguindo a doutrina, Renan definiu as nações como vontades e Novicow, como intelligencias, e reduzindo, assim, á um phenomeno psychologico, o que outros reduziram á um facto geographico, philologico, religioso e moral.

Ora, caracterizar-se uma nação por qualquer destes traços— vontade ou intelligencia — é aceital-a como organismo, e, realmente, na demonstração deste facto, Novicow consumiu muito tempo e muito talento. Mas, si assim é, como si póde comprehender que o organismo social se caracterize diversamente para dois sectarios da mesma doutrina? Phenomeno de vontade para um; de intelligencia para outro! Uma tal divisão importa necessariamente na fragmentação da psychologia do organismo,

porquanto a vontade e a intelligencia são rodas do mesmo mecanismo que se chama « espirito ». E não fica ahi. A vontade e a intelligencia não são privilegios das aggremiações humanas superiores, que Renan chama « nações » e Novicow « nacionalidade. » Não ha tribu que não se levante como si fosse uma unidade viva, para repellir a horda que ameaça o seu *habitat*, e que, para isto, não empregue uma certa tactica e uma certa estrategia, revelando assim vontade e intelligencia por parte do conjunto.

Que differença psychologica ha entre a tribu que assim procede e a nação que affirma a sua vontade, sob uma forma mais elevada —devorando, por exemplo, a cabeça do despota que lesou os seus direitos e offendeu suas leis? Nenhuma. E' a mesma reacção physiologica,—com uma differença sómente: a tribu reage contra uma dôr physica, a nação contra uma dôr moral. Mas esta differença não dá o direito de elevar-se a vontade ou a intelligencia á categoria do principio constitutivo das nações, por isso que si estas têm intelligencia e vontade, como organismos que dizem ser, as tribus tambem o tem, como organismos que igualmente devem ser. — Organismos rudimentares, dirão os psychologos da historia. Não importa. Como organismo rudimentar, a tribu reage contra a dôr physica, unica que sente; como organismo superior a nação reagirá não só contra esta, mas tambem contra a dor moral. E o proprio facto da mesma tribu que se levanta para esmagar a horda visinha que tenta lesar seu sólo, supportar com a adoração o despotismo absoluto do seu chefe, prova esta verdade, pois esta differença importa, não, numa differença de natureza, mas, de grau. Falta-lhe a sensibilidade moral, que é um producto da cultura. E' a mesma differença que existe entre os organismos inferiores e os superiores, onde, sómente, dá-se a lesão moral e a reacção correspondente. E como seria ridiculo que de taes differenças, puramente de grau, fosse um sabio da ordem de Renan, inferir que a vontade é o exclusivo privilegio, o traço caracteristico do homem. Mas, deixemos de parte esta questão, insoluvel, por certo, de comprehender-se psychologicamente a histologia do organismo social; passemos a examinal-a no desenvolvimento historico da humanidade.

A idéa capital de Novicow é que a humanidade em sua evolução passou por tres phases successivas: a de tribu, a de estado,

e a de nacionalidade. Na primeira phase, de caracter puramente biologico, a humanidade só tem um alvo: a nutrição; na segunda tem, além deste, um caracter economico e politico, e na terceira, tem sobre os dois um outro caracter que elle denomina psychologico. E' a phase européa, a phase das nacionalidades.

Uma nacionalidade é, para o escriptor slavo, a communhão humana que possue uma literatura, uma arte, uma philosophia e uma sciencia propria. Exemplos: a Inglaterra, a Allemanha, a França, a Italia, etc. Perfeitamente. Mas, inquirimos nós: em que época a humanidade esteve na phase do estado? Nos tempos da Grecia e de Roma? Neste caso, estes povos não tinham ainda caracter psychologico. Como se explicará, então, a arte, a literatura, a philosophia e a jurisprudencia do mundo greco-romano? E' que a intelligencia não é um traço exclusivo das nacionalidades e, neste caso a nacionalidade deixa de ser um phenomeno europeu, para estender-se muito para traz, á Roma, á Grecia, á Judéa, á China, á India, á toda parte onde a arte, a literatura, a philosophia floresceram; até aos primeiros planos da historia, porque a religião, que é um traço psychologico, vem de muito longe, do periodo prehistorico, que é justamente aquelle que, no conceito do illustre escriptor slavo constitue a phase biologica da especie humana.

Como, quando, e onde passou, pois, a humanidade exclusivamente por taes phases? E' inutil procurar. A humanidade nunca atravessou phase nem exclusivamente biologica, nem exclusivamente politica e economica, nem exclusivamente mental. O estado não constituiu jamais um momento especial de sua evolução, nem a intelligencia e a vontade podem ser isoladamente consideradas, como traços caracteristicos deste ou daquelle periodo historico, desta ou daquella collectividade. Estado e sociedade são termos tão inseparaveis como forma e funcção,—isto quer se trate da tribu quer da nacionalidade. Intelligencia e vontade é tudo quanto vive: o verme e o homem, a horda e a nação. A differença é, como dissemos, meramente de grau. O exposto basta para, ainda que ligeiramente deixar evidente a discorrelação entre os principios de Novicow e a realidade dos factos. Onde está pois a sua histologia historica,— si a confusão, em que a philosophia da historia envolveu a publicistica, continúa a mesma, si o desenvolvimento historico é, na linguagem dos factos, um, e, na de sua theoria, outro? Certamente, em parte

alguma. A verdade é que, á luz da doutrina psychologica, a historia esperará eternamente pelo seu Schwan, porque, conforme esta doutrina, deve procurar-se o tecido das sociedades nas forças psychologicas denominadas « idéas ».

A comprehensão da sociedade como um ser dotado de uma alma, implica necessariamente o conceito desta como organismo, pois que o facto psychico presuppõe o organico. Todo organismo tem duas faces: a estructural e a psychologica, o corpo e o espirito. Porque, pois, a sociedade, comprehendida como tal, não offerece os mesmos aspectos? de modo a, distinguindo-se morphica e psychicamente, distinguir a sua histologia da sua psychologia? Si a analogia é a base da conclusão que deu uma alma aos povos,—porque não estender estas conclusões até o seu extremo limite, deduzindo-se para a sociedade, um corpo, como para ella, deduziu-se um espirito ?

A histologia, sciencia que tem por objecto, o tecido dos organismos vivos, não tem relação alguma com o aspecto mental destes; é por sua natureza, uma theoria limitada ao lado morphico, uma cousa que não pode de forma alguma se confundir com a psychologia, cujo objecto é o lado espiritual. Ora, si as formas seciaes são organismos e assim as deve comprehender a intuição que lhes attribue uma alma,—indiscutivelmente hão de offerecer ao observador, as mesmas faces, os mesmos aspectos das formas organicas—corpo e espirito, tecido e idéa, como phenomenos distinctos e objectos de disciplinas diversas: a histologia e a psychologia.

Si assim é, como procurar-se, conforme o ensina Lazarus e o admitte Flint, nas forças psychologicas, o objecto da histologia historica, que, pela mesma logica da analogia, devia ser procurada nos elementos que formam o corpo social: familias, classes, partidos...

Esta distincção, necessaria para formular-se a theoria que, no pensar de Flint, podia denominar-se histologia historica, não a fez Lazarus nem os seus sectarios e consimiles, que, procurando o tecido social nas idéas, confundiram o phenomeno organico e o psychologico. D'ahi, a impossibilidade de fundarem elles a histologia social. E' que a noção da sociedade, considerada como um organismo absolutamente analogo aos organismos vivos, nunca se definiu no espirito do fundador da « psychologia dos povos »; elle, apenas deduziu, á luz nascente, aos primeiros reflexos das sciencias naturaes, da psychologia do individuo, uma psychologia para os povos, comprehendendo estes, não como

verdadeiros organismos, mas, si assim me posso exprimir, como organismos psychologicos, isto é, organismos sem corpo, entidades que tivessem no proprio espirito, a forma e a funcção, a fibra e a fé. Um absurdo! Mas, um absurdo que se comprehende. A concepção organica da sociedade exigiu para definir-se e ser formulada, uma somma de conhecimentos biologicos que não existiam então. A noção de que o espirito se prende ao corpo como a funcção ao orgão, não dominava ainda: transparecia, apenas, em um ou outro espirito ; dominava soberanamente a noção dualistica. Nestas condições, a theoria psychologica, mais proxima do racionalismo do que do naturalismo sentindo por consequencia mais a influencia hereditaria daquelle, que a adaptativa deste,—pôde comprehender o absurdo que a moderna sociologia não comprehende e eliminou : uma alma para cada povo, sem comprehender cada povo como um organismo.

Lançado, porém, o principio em circulação, as consequencias seriam, com o desenvolvimento crescente das sciencias naturaes, necessariamente tiradas. E este foi o papel da sociologia, á contar de Spencer, que de conclusão em conclusão, se elevou até á analogia absoluta, que fez da sociedade um organismo vivo, e explicou, pelas leis da vida, a regularidade dos phenomenos sociaes, confundindo, assim, a natureza e a historia, e reduzindo a sciencia social, a um capitulo da biologia, emquanto a theoria psychologica,—o primeiro grito da reacção naturalistica, doutrina transitoria a que o genial Moritz Lazarus deu um corpo logico,—fixava-se no systema incoherente, indeciso, incompleto, que sobrevive ainda hoje.

FAUSTO CARDOSO

(*Continúa*)

— — — — — — —

BIBLIOGRAPHIA

19.—**Boletim do Museu Paraense de historia natural e ethnographia,** n. 2, Abril, 1895—Vol. I, Pará-Brazil—Typographia de Alfredo Silva & C.

De muitos pontos de vista excellentes as publicações do Museu Paraense, em boa hora confiado á proficiencia e actividade do Dr. Emilio A. Göldi. Relevante serviço já nos prestara esse naturalista com as suas duas monographias *Mammiferos e Aves do Brazil,* em que condensara no mais succinto e, mais que isto, no mais apertado quadro (uma das maiores difficuldades na materia) muitas e muitas observações perspicuas e preciosas, livros de leitura tão amena quanto proveitosa aos que se dedicam á historia natural brazileira, tão mal estudada ainda. Ao sairem a lume, a imprensa desta capital, elogiando-as embora, não lhes consagrou a devida attenção, nem salientou em regra a sua utilidade e excellencia. Faz-se agora a continuação desses trabalhos na Amazonia e ahi, por certo, o campo é vastissimo e dá para grandes explorações e explanações, conforme já vamos tendo inconcussas provas.—O *Boletim* n. 2, relativo ao mez findo de Abril traz, com effeito, informações copiosas e do mais alto interesse, não só para os scientistas como para os simples curiosos. —Contem 157 paginas, continuando a numeração do fasciculo anterior, e é dividido em duas partes—a *administrativa,* de pag. 57 a 88, e a *scientifica,* de 89 a 188.—Encerra aquella, a bella noticia biographica de D. S. Ferreira Penna pelo Sr. José Verissimo, homenagem sincera e alevantada de um paraense ao filho de Minas Geraes, que tanto e tão consciencio-samente trabalhou em pról da maravilhosa região amazonica. Ornado de bom retrato phototypico, e em linguagem singela e clara, tão grata sempre ao leitor e infelizmente tão pouco do gosto dos nossos noveis literatos, traça esse esboço biographico a vida do laborioso investigador (1818—1888) que abriu para o seu nome, apezar dos muitos obstaculos e da invencivel timidez, lugar bem honroso nos fastos scientificos do Pará.—Seguem-se, as *Instrucções praticas* dadas pelo Dr. Göldi áquelles amadores que quizerem enviar ao Museu productos de historia natural, mammiferos, aves, peixes, bactracios, reptis, etc.: ligeiras indicações em que ha muito que aprender e que naturalmente provocarão bem uteis remessas, porquanto incutem o desejo de acudir a quem pede por esse modo tão sympathico e com tamanho empenho—A segunda parte (scientifica) dá-nos extensa e valiosa monographia sobre as *Formigas do Brazil* pelo Dr. Augusto Forel, de Zurich, escripta a pedido do Sr. Göldi e nella encontramos novidades de causar pasmo a todos—tambem o autor qualifica uma dellas « *uma das mais grandiosas maravilhas que até agora se conhecem*

em historia natural». O joven e paciente sabio allemão, Dr. Müller, estabelecido em Blumenau (Brazil) e continuador das admiraveis pesquizas entomologicas do celebre Fritz Müller, de cuja amizade me honro ha muitos annos, descobriu que as *saúvas* e *carregadeiras*, que tanto damno causam á nossa lavoura, não aproveitam, conforme é tão natural suppôr-se, as particulas das folhas que transportam para fôrro dos formigueiros ou para a alimentação immediata, porém sim como substituto para o cultivo de um cogumelo de que exclusivamente se nutrem. Formam das taes particulas uma especie de mingau e nessa massa, estendida pelo labyrintho dos canaes de communicação interna, é que fazem desenvolver-se o tal cogumelo, hypha bulbosa e grossa, cultura quasi analoga a dos cryptogamos tão apreciados pelos homens! E que canseiras affim de se manterem limpas as avenidas e a casa toda! Quantos prodigios na natureza! E que força de observação e paciencia para chegar-se a desvendar e colher um segredo destes, phenomeno biologico de tão grande significação, cuja authenticidade não póde ser posta em duvida! Quaes as consequencias que podem derivar-se dessa descoberta no sentido de ser efficazmente combatida uma das maiores pragas do Brazil, é que não sabemos ainda. Deus permitta se torne bem popular entre nós o nome do Dr. Müller pelas deducções que por ventura se tirem das suas admiraveis e pertinazes investigações.—O catalogo systematico das formigas brazileiras até hoje conhecidas encerra nada menos de 7 tribus e 440 especies. Avaliado o total em 2.000 especies no mundo inteiro, não temos, por certo, de que nos queixar. Até em formigas, o Brazil é muito rico—A's *Cartas ineditas de Luiz Agassiz*, que este *Boletim* publica, não falta interesse epistolar e scientifico, completando ellas a serie das que já foram dadas á publicidade. Logo após vem um estudo de rigoroso cunho taxonomico do Dr. E. Göldi sobre *Myriapodos* do Brazil segundo as obras de C. Koch (1863) e de Saussure e Alois Humbett (1872), completadas pelas observações particulares do monographista, algumas de feição nova na literatura zoologica. Termina este substancioso *Boletim* um estudo ornithologico sobre a *Cigana (ophisthocomus cristatus)* ainda do mesmo Dr. Göldi, que analysou de perto os habitos dessa curiosa e fedorenta ave pertencente á ordem dos gallinaceos e á sub-familia das *penelopes* (jacús, mutuns, etc.) e cujas curiosas garras, bem sallentes nas azas dos filhotes e atrophiados nos exemplares mais idosos, as prendem á avifauna paleontologica. Todas as informações do Dr. E. Göldi constituiriam novidade na sciencia, si antes delle os naturalistas Sclater e Beddard não tivessem tambem estudado essa mesma ave na Goyana ingleza, o que, é confessado pelo autor com toda a probidade scientifica. A prioridade, diz elle, não está mais do meu lado, reconheço: mas assim mesmo não pude resolver-me a mudar uma só palavra do meu trabalho, que afinal de contas não deixará de ser a resenha ornithologica mais completa sobre a notabilissima ave. Não podemos, entre parenthesis, deixar de applaudir a elegancia, vernaculidade e segurança com que o Sr. Dr. Göldi já maneja a nossa lingua vernacula e quando dizemos nossa, nesse possessivo incluimos o operoso collaborador no estudo de grandezas naturaes deste admiravel Brazil—V. DE T.

20.—**Versos e Rimas**, por Alberto de Oliveira. Primeira parte. Rio de Janeiro, Typographia *L'Etoile du Sud*, Rua de S. José n. 102, 1895, in-32, 121 paginas.

E' do poeta das *Canções romanticas* e dos *Sonetos e poemas* este livrinho de versos, e é um legitimo e são prazer para o leitor verificar que nelle o poeta se aperfeiçoa e melhora. Forma e inspiração são mais seguras, mais bellas, mais sinceras. Relemos propositalmente os *Sonetos e poemas*, e convencemo-nos que o poeta fez um grande caminho com os *Versos e Rimas*.

O prurido, digamos assim, do grandioso e do novo não lhe afflige mais a inspiração, forçando um talento cuja caracteristica, como bem viu o Sr. Araripe Junior que prefacia o livro, é a ternura, mas uma ternura contida por uma delicada preoccupação de decoro e de bom gosto, uma ternura que se não quer fazer publica, nem dar em pabulo á curiosidade do vulgo. Como poeta o Sr. A. de O. é um pouco da raça dos Leconte de Lisle, a publicidade espalhafatosa, e como quer que seja cabotinesca, das suas sensações e dos seus sentimentos lhe parece repugnar. Não concordo com o distincto critico que lhe prefaciou esta bella collecção de versos, quando dá-lhe como outra caracteristica e enthusiasmo. Não alcanço eu lobrigal-o, sinão muito disfarçado, nos poemas que a compõem e creio mesmo que a especie de ternura que é uma das feições do seu talento poetico exclue até certo ponto o enthusiasmo. O enthusiasmo no Sr. A. de O. é apenas a intensidade da sensação poetica, sem as manifestações exuberantes inherentes a esse sentimento, muitissimo mais visivel, é preciso reconhecer, nos seus precedentes livros, principalmente nos *Sonetos e Poemas*, onde um accumulo de palavras raras e inventadas e de metaphoras e hyperboles de bom gosto discutivel punham-no, com visivel preoccupação de effeito, em um relevo que se sente exagerado. Por isso creio que este livro de *Versos e Rimas*, do qual só veiu a lume a primeira parte, nos dá melhor a verdadeira feição do talento poetico do Sr. A. de O, que já agora não é de crer que mude. Leiam-se *Epithalamion* (p. 23) *Angela* (pg. 61) *Borboleta morta* (pp. 81) *Concha de nacar* (pg. 101) que me parecem bem representar o genio do A., um genio feito menos de ternura e enthusiasmo, como quer o Sr. Araripe Junior, que de ternura e emoção, mas discreta e intencionalmente, talvez mesmo intencionalmente demais, veladas nas roupagens de uma forma cuja distincção é como uma defeza á vulgaridade, que é o escolho do enthusiasmo. Essa forma, sem ser absolutamente impecavel, é das melhores da nossa poesia contemporanea. Podem-se achar neste livro versos como estes, que não são dignos de poeta tão cioso de correcção: « E a agua de pés de prata corre a espial-a » (pg. 2) « Esta canção que ainda acaso hoje se ouve » (pg. 4). São, porém, raros. E' sem contestação um poeta feito e legitimamente consagrado o Sr. A. de O.; mas não é ainda o poeta que a poesia brazileira precisa e espera para reflorir numa nova florescencia que seja para o Brazil de hoje a digna continuadora dos poetas mineiros do seculo XVIII, dos romanticos e dos neo-romanticos, uma poesia que não seja só para homens de letras e artistas, mas que todos leiamos, comprehendamos, sintamos e adoptemos. Essa, parece-me que nos falta—J. V.

21.—**Primeiras noções de geometria practica,** por Olavo Freire, Alves & C. editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895.

A' nossa instrucção primaria bom serviço acaba de ser prestado pelos Srs. Olavo Freire escrevendo e Alves & C. editando estas *Primeiras noções de geometria practica*. De trabalhos similhantes necessita muito a nossa literatura escolar, tão pobre em manuaes e compendios didacticos. A nitidez typographica e o bem acabado das gravuras tornam facil e agradavel a leitura deste livrinho, e são qualidades que o separam de poucos outros que existem entre nós. Infelizmente, ha senões que si alguns são simples descuidos, outros, porém, de maior gravidade demonstram um certo pouco caso para a logica, que é talvez o caracter primordial da sciencia de Euclides, desse genio que deve ser muito lido, e ainda mais meditado, por quem se occupa dos estudos geometricos. Entre taes senões que brevemente espero ver corrigidos em 2ª edição, pois a 1ª dentro em pouco estará naturalmente esgotada,

cumpre-me chamar a attenção sobre os seguintes: A definição do angulo (pag 22) não abrange os angulos curvilineos a que se refere (pag. 24). Errada é a divisão dos angulos em relação a somma de suas grandezas (pag. 26), e 3ª synopse da pag. 27. As considerações da pag. 39 obrigam-me a observar, 1° que não é condição *sufficiente* para o parallelismo entre duas linhas o facto de ellas não se encontrarem; 2° que não está certo o ensinar que as perpendiculares a uma *recta* são entre si parallelas. A definição de *area* (pag. 96), de *equivalencia* (pag. 106), e do *prisma* (pag. 127) são defeituosas. As duas ultimas não abrangem todo o definido; e a primeira indica apenas uma superficie limitada, e não uma relação, um *numero* que é o que de facto é a area. — Em alguns problemas (I, pag. 29; II e IV, pag. 30, etc) ha uma impropriedade de linguagem bastante séria: é mandar descrever uma curva (uma curva qualquer, diz na 1ª solução do prob. XI, pag. 41) em vez de fazer descrever um arco de circumferencia de circulo. A leitura de Euclides evitaria semelhante falta: nelle o operoso autor teria visto que logo, no principio, na secção "Postulata" que segue immediatamente "As definições" e precede as "Noções communs", o geometra pede que se lhe conceda «de um ponto qualquer e com um intervallo qualquer, descrever uma circumferencia de circulo» (Vej. trad. fr. de Peyrard, pag. 2). Si ao alumno fosse dada essa construcção, a impropriedade de linguagem a que me refiro não existiria, pois o autor não empregaria a palavra *curva* com o fito de esconder a difficuldade com que esbarrou por falta de methodo. Não são bem exactos as noções dadas pag. 13 e 14 sobre superficie; pag. 19, ensinando que «é com o metro que se medem as linhas rectas» E antes da invenção do metro, ou nos paizes onde elle não é ainda usado, não se medem rectas? A definição do polygono (pag. 65), é inexacta; assim tambem não está direito considerar (pag. 126), sempre o prisma e a pyramide polyedros *irregulares*, contra o que aliás, protesta a definição do hexaedro regular (pag. 152). Ha alguns erros de methodo que não se póde deixar passar sem observação: tal o da pag. 28 quando ensina, sem dizer o que é grau, sem ter estudado a circumferencia do circulo, que os angulos ao redor de um ponto valem quatro angulos rectos *ou 360°*; tal a divisão dos quadrilateros, pag. 521: ao mesmo typo se referem as noções sobre proporção, pag. 82 e subsequentes; a *definição* dos polygonos similhantes, pag. 89; o emprego de uma propriedade das proporções, pag. 93, etc. Apezar, porém, destes senões, cuja importancia é diminuida por se tratar de um compendio elementar de geometria pratica, o trabalho do Sr. Olavo Freire é digno de elogios e de animações e estou certo que prestará bons serviços ao nosso ensino primario. Que continue progredindo e aperfeiçoando-se é o que deseja — RAJA GABAGLIA.

22.—**Mares e Campos**, por Virgilio Varzea, Cunha e Irmão, editores, 116 r. de S. José 24, r. da Quitanda, Capital Federal, 1895. 209 pags.

O titulo sob o qual reune o Sr. V. V. vinte e tantos contos seus publicados primeiramente em jornaes diz bem os scenarios em que apparecem os pequenos dramas, ou simples quadros, alguns pungentes, outros alegres, quasi todos vivos, que formam este volume. E si apezar dos defeitos e fraquezas do livro, possue elle alguma cousa de menos trivial que o commum dos seus congeneres vindos á luz entre nós, deve-o justamente á inspiração immediata da nossa vida maritima e campestre nas regiões do Sul da nossa terra, cujos costumes e paizagens nos diz ou descreve. Entretanto o A. se não desveneilhou completamente do convencionalismo da nossa pretendida esthetica naturalista, que é a mais artificial das cousas, e o maior defeito do seu livro é ainda a falta de sinceridade. A preoccupação da factura artistica não o deixa ver simples e simplesmente dizer o que viu. A paizagem, a acção, o personagem, a gente os sente naturaes, mas reproduzidos com demasiada e

intencional preoccupação de arte, o que os veste de uma cor artificial. O estylo, em que é visivel de um lado a imitação do de Eça de Queiroz por quem o A. professa uma legitima admiração e a quem dedica o seu livro, e de outro a influencia de um moço escriptor contemporaneo, o Sr. Coelho Netto, cuja "maneira" parece ter tirado o somno a muitos dos nossos jovens contistas, não tem ainda personalidade, nem ductilidade. E' trabalhado, mas deixa por demais perceber o trabalho. Qualquer desses contos, todavia, é superior pelo estylo e pela linguagem a *Rose Castle*, o que prova que o A. progride. Deixam, entretanto, ainda lugar aos reparos que o A. nos não levará a mal fazer-lhe. A linguagem dos seus marujos é em geral impropria. Quando um delles (pag. 72) contando um naufragio nos diz que o navio "vagou perdido, aos tombos, sobre as aguas hiantes" nós o achamos demasiado "precioso" na adjectivação. Ha ainda aqui, si bem que em menor numero que no livro citado, impropriedades e incorrecções, como "alvura cegante do trigo" (pag. 70) em que se confunde trigo graminea com trigo farinha; "esquisso" (pag. 76) que não é portuguez e não tem a corriqueira desculpa da falta em a nossa lingua de palavra que a substitua, que as temos e muitas; "explosiram" (pag. 86) que tambem não é portuguez; "se saíu sempre triumphal" (pag. 93) que tambem não é, e alguns outros senões de fórma de que o A. certamente se corrigirá, e que estão empanando o seu talento, ao qual para que nos dê tudo o que nos póde dar, só falta desprender-se de certos preconceitos de uma arte em decadencia que por ahi dá os seus ultimos suspiros, e ser "elle" proprio, naturalmente, simplesmente. A seára que começou a explorar, tão completamente descurada entre nós, dar-lhe-á, creia-me, compensação gloriosa ao seu esforço... si a não quizer cultivar com machinismos demasiado complicados. — J. V.

AS REVISTAS E OUTROS PERIODICOS NACIONAES

ARCHIVO DO DISTRICTO FEDERAL, Anno, II ns. 5 e 6, Maio e Junho de 1895 (Começa a publicar um catalogo dos manuscriptos do Archivo do Districto Federal, que têm vindo a lume nesta revista. Para ser verdadeiramente util deve esse catalogo ser systematizado.)

ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO, Publicação official de documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo, vols. VIII e IX— S. Paulo, 1895. (Já noticiamos em a nossa «Bibliographia» *(Rev. Braz.* T. I, p. 255) esta interessante publicação que nestes dois volumes novos continua a narrativa do tentamen feito para o estabelecimento de uma colonia nas margens do Iguatemy no seculo passado.)

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE de historia natural e ethnographia, vol. I, n. 2, Abril de 1895. — Desta publicação occupa-se em noticia especial o nosso collaborador V. de T. E' o seguinte o summario deste numero: *D. S. Ferreira Penna, Noticia Biographica*, por José Verissimo; *Instrucções praticas*, etc. pelo Dr. Emilio Goeldi; *A fauna das formigas do Brazil*, pelo Dr. Augusto Forel; *Cartas ineditas de Louis Agassiz, Os myriapodos do Brazil*, pelo Dr. Emilio Goeldi; *Opisthocomus cristatus* (Cigana), pelo Dr. Emilio Goeldi; *Bibliographia*.

A SEMANA, Anno VI, tomo VI, ns. 84 a 89, *D. Martin Garcia Merou*, por Araripe Junior; *Luiz Rosa*, por Valentim Magalhães; *Cousas sem nexo*, Urbano Duarte; *Poemetos em prosa*, por Escragnolle Doria; *O riso*, por Candido Jucá, versos, contos e fantasias de Alcides Flavio, Machado de Assis, Luiz Cunha, João de Deus, Lucindo Filho, Henrique de Magalhães, etc.

O Pão da Padaria Espiritual do Ceará, Anno II, ns. 15 e 16. *Criminologia e Direito*, por Clovis Bevilaqua, versos, fantasias e contos de Raul de Azevedo, Arthur Theophilo, Livio Barreto, Eduardo Saboya, etc.

Revista Academica da Faculdade de Medicina, publicação mensal, Anno III n. 1, Maio de 1895, Rio de Janeiro: *Frederico Maçhado*, por A. Austregesillo: *Contribuição ao estudo do cholera*, por Miguel Pereira; *Adormecida*, por M. G.: *Um pouco de historia*, por Mario Dias: *Necrosismo*, F. Laraya.

Revista Agricola, orgão da Sociedade Pastoril e Agricola; redactores: Drs. Luiz Pereira Barreto, Carlos Botelho e Domingos Jaguaribe, Anno I, n. 1, S. Paulo, Junho de 1895— Industria Pastoril: *A parte da agricultura na Civilização*, por M. P. Barreto: *As raças bovinas no Brazil*, por H. von Ihering: *A Ovelha*, por H. Quartin: *Necessidade da cultura das leguminosas*, por Fortunato de Camargo: *Maneira pratica de plantar forragens*, por L. Queiroz: *Introducção do gado europeu no Brazil*, etc., etc.

Revista Comtemporanea, Recife. Anno II. ns. 6, 9 e 10: *As idéas moraes do tempo actual*. por França Pereira; *O Naturalismo*, por Martins Junior: *Garcia Redondo*, por Raul de Azevedo: *Momentos da evolução processual entre os francos*, por Sá Pereira; *Notas literarias*, por Th. Freire e versos e fantasias de Demosthenes Olinda, Paulo de Arruda, Miguel Barros, Marcellino Neto, Adherbal de Carvalho, Alfredo Falcão, etc.

Revista da commissão technica militar consultiva, Anno IV. n. 8, Janeiro de 1895: *Concurso de Artilheria*, por F. C. da Luz; *As nitrocellulosas*, por Torres Homem: *Commissão Technica Militar Consultiva*: cartuchos do mosquetão Comblain. Telemetro Fiske: *Boletim technico; Correio militar estrangeiro: Publicações recebidas*.

Revista de Educação e Ensino, Pará, Anno IV, vol. IV, ns. 11 e 12, Novembro e Dezembro de 1894: Anno V, vol. V, n. 1. Janeiro de 1895: *A nossa Instrucção Publica no ultimo Congresso do Estado— Instrucção da Mocidade— Geologia* (Continuação), por A. Geikie: *Crenças Populares* (Almas penadas), por Vilhena Alves: *Exercicios Militares*, *Nisto*, *'Nisto*, ou *Nisto* (assumptos grammaticaes), por V. Alves: *Noções e Divisões*, por Paulino de Brito.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, ou as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario**, a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno**.

A. Hasselmann

GERENTE

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS
E TODOS OS MATERIAES
PARA
Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia
DAS MAIS AFAMADAS
FABRICAS DA EUROPA E DOS
ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente
e
MUSEU TYPOGRAPHICO
FRANQUEADO AO PUBLICO
NA
RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (Idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, VINHOS, ESPECIALIDADES PHARMACEUTICAS, VASILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo, Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 5$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda, 1 vol. elegantemente impresso, enriquecido de diversas gravuras colloridas, brochado ..... 4$000

Moléstias por Hilbert Ostrowski, 1 volume elegantemente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 31 de Agosto de 1894 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1894, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição corrigida, 1 vol. de 300 paginas, brochado 3$000

Regimento dos inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esta funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com filhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1364 de 11 de Novembro de 1893, annotado por um advogado, 1 volume brochado ..... 1$000

Roteiro das ultimas de Justiça, curso anual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os actos judiciaes, pelo Dr. Alexandre Alves, 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 434 de 4 de Julho de 1891, annotado e recopilado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Alburquerque, 1 vol. brochado ..... 3$000

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antes estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico: — « TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO — ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILIZAÇÃO NACIONAL

A *Revista Brazileira* tem saido até agora com regularidade nunca igualada entre nós por publicações congeneres. Nos seus doze fasciculos vindos a lume publicou romances, contos e ficções em verso de *Coelho Netto, Affonso Arinos, Arthur Azevedo, Rodrigo Octavio, D.Maria do C. de Mello Rego, Lucio de Mendonça, Magalhães de Azeredo*; artigos de politica, philosophia ou sociologia de *Medeiros e Albuquerque, João Vieira de Araujo, Fausto Cardoso, J. C. de Souza Bandeira, Alfredo Alexander, Sylvio Roméro, Clovis Bevilaqua,* etc.; estudos literarios e critica por *Araripe Junior, M. Said Ali, José Verissimo, José Hygino, Visconde de Taunay, Julio de Moura, Ramiz Galvão, Fortunato Duarte,* etc.; de sciencias por *Marcio Nery, Orville Derby, J. P. Callogeras, Paulo Ferrand*; de historia e geographia nacional por *J. P. Xavier da Veiga, Homem de Mello,* etc, alem de noticias bibliographicas, artisticas, scientificas, literarias, etc.

A *Revista Brazileira* publicará nos seus proximos numeros artigos de *J. Capistrano de Abreu, Raul Pompeia, Machado de Assis, Araripe Junior, F. Gonzaga, Olavo Bilac, Aureliano Portugal, Arthur Azevedo, Barbosa Rodrigues, Sylvio Roméro, Fausto Cardoso, José Verissimo, Graça Aranha, Rodrigo Octavio, Virgilio Varzea, José Hygino, Magalhães de Azeredo, Alberto de Oliveira, Visconde de Taunay, Pedro Rabello,* general *Mello Rego, Carlos Parlagreco* e de outros escriptores.

A *Revista Brazileira* é uma publicação *indispensavel* a quantos no Brazil se occupam de letras ou a quem deseje acompanhar o movimento intellectual da nossa patria, em todos os ramos da sua actividade.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO.

1.° ANNO — TOMO III 14.° FASCICULO 15 DE JULHO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. Trechos de um poema, por ALBERTO DE OLIVEIRA. 65

II. A Arte e a Critica, (*conclusão*), por C. PARLAGRECO, da Escola Nacional de Bellas-Artes. 70

III. Historia do Direito Nacional (*continuação*), por SYLVIO ROMÉRO, professor das faculdades livres de direito. . . 83

IV. Indios de Mato-Grosso — Os bororós coroados, (*conclusão*) pelo general MELLO REGO 91

V. A Consciencia, pelo DR. MARCIO NERY, do Hospicio Nacional de Alienados. 101

VI. A Revolução Chilena e a America latina, por JOSÉ VERISSIMO 108

VII. Noticias de sciencias, letras e artes. 122

VIII. Bibliographia. 125

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

TRECHOS DE UM POEMA

. . . . . .

XX

Uma carta. E' um amigo quem me escreve :
« A... (vem o nome della) hoje é sabido,
E o... (vem o nome delle) amam-se. Escandalo !
Amam-se. E o seu amor ella se atreve
Dizêl-o mesmo ás barbas do marido.

Ha dias, sei de alguem que em certa rua
Ouviu-lhes isto que ora aqui repito :
Elle : — sabes ? adoro-te ! Ella : — adoro-te !
Elle : — e és minha ? Ella : — sim, sou toda tua !
E o mais num beijo rapido foi dito. »

Porque, lendo esta carta, em mim renasce
Meu grande mal antigo, de repente ?
Pois eu não fiz o salutar proposito
De esquecer tudo o que me incommodasse,
De ser a tudo frio e indifferente ?...

XXI

Sob as copadas arvores me assento
E a fumar passo o dia
Susurra a voz do vento
Na ramaria.

As folhas verdes agitadas se olham
Com um modo singular,
E algumas que se esfolham
Vêm me falar.

E o vento passa, e as folhas descobrindo
O meu grande tormento,
Afastam-se, fugindo
Com o vento.

XXII

Dêm-me estas velhas arvores alento
E ensinem-me a viver,
Ensinem-me a viver sem o tormento
Do pensamento...

O' arvores, dizei que hei de fazer
Para essa imagem perfida esquecer ?

XXIII

Fronte ao sol, emergindo allucinado.
Da noite d'alma, lugubre e comprida,
Trôpego, aos tombos, um desesperado,
Um doudo assim pergunta: — E' isto a vida ?

Folhas ao sol, sacodem-se cantando
Ao vento grupos de arvores cheirosas,
E ao vento as frescas petalas vibrando
Abrem-se lirios e rubentes rosas.

E azas ao sol, chilreando pelos ares,
Passam, repassam na manhan florida
As tagarellas aves aos milhares,
E parecem dizer : — E' isto a vida !

XXIV

Que desgraçados amores
Os meus amores!... Porém
Esta lembrança a que vem?
'Stamos no meio das flores.

Nasce a manhan, o sol nasce...
— Ah! que figura faço eu,
Sósinho, diante do ceu,
Com estas lagrimas na face!

XXV

Portas de ouro e de marfim dos sonhos meus, cuidado!
Não a deixeis passar!
Cerrai-vos, que dormir preciso socegado,
Longe de seu olhar.

De dia, ao sol, não temo á minha vista esvoace
A sua imagem, não!
Mas, dormindo, si torno a ver aquella face,
Si tóco aquella mão!

Ah! não mais, mesmo em sonho, a impura me appareça!
Não mais! Alérta estai,
Portas de ouro e marfim! Si ella chegar, depressa
Nesses gonzos gyrai!

Que ella de fóra fique e ulule a sua prece,
Gritos ou maldições,
Emquanto a alma que a amou e hoje a despreza e esquece
Paira em outras regiões.

XXVI

Custou-me tanto esquecel-a,
Mas esqueci-a, esqueci-a...
Todo o dia ás voltas com ella
Em minha imaginação,
Julgava que enlouquecesse,
E ao meu coração dizia
Todo o dia:
— Acalma-te, coração!
Mas esquecia-a, esquecia-a...

O coração satisfeito,
Como se nada tivesse,
Volta á vida no meu peito
E palpita, alegre e são;
Mas eu nas suas pancadas
Ouço ás vezes, contrafeito,
Umas queixas abafadas
E surda lamentação...
Não te entendo, coração!

XXVII

Tudo, tudo acabado,
Como um fatal noivado!
Tudo afinal desfeito,
E inda bem!

Nem mesmo uma saudade
O coração me invade,
Nem um pezar ao peito
Me vem!

Que horrivel pesadêlo
Após sonho tão bello!
Mas tudo evaporou-se
Prestes no ar...

Tudo acabado, tudo!
E tanto amei, comtudo,
E era um prazer tão doce
Amar!

XXVIII

Entre nós ambos tudo está desfeito.
A causa... No meu peito
Cale-se o coração...

Não tiveste razão, mas tambem dizes
Que eu não tive razão...

Que infelizes que somos! que infelizes!

XXIX

Amámo-nos um dia,
Um só na vida! Amámo-nos: nascia
A manhan rutillante;
Amámo-nos: brilhava no Levante
O sol; na plaga infinda
O sol brilhava: amámo-nos ainda!
Caia o sol no oceano:
Ardia em nós o mesmo affecto insano...
Mas veiu a noite e, unidos
Nossos rostos, os braços enlaçados,
Num longo e ultimo abraço confundidos,
Morremos abraçados.

ALBERTO DE OLIVEIRA

A ARTE E A CRITICA[1]

III

(continuação)

Amamos sempre a Dido Virgiliana. O Renascimento que foi um fóco poderoso, onde se fundia tanta parte da desenterrada producção pagan, reevocou esse typo em vida nas paginas mais geniaes de Tasso. A época arcadica, por meio do maior de seus poetas, Metastasio, o fez reviver tambem, ainda que com cores pallidas e traços incertos. Ainda hoje, aquella figura parece-nos viva e palpitante e nada perde de sua frescura e de sua importancia dramatica.

Porque isso? Porque a humanidade acha nella sempre uma altissima expressão daquellas paixões, que são o fundo mais constante da propria natureza, que são e serão sempre o objecto principal de toda grande arte. Seja-me permittido uma comparação tomada á esculptura. Colloquemos numa mesma sala tres estatuas de tres épocas differentes: o *Jupiter* de Phidias, o *Moysés* de Miguel Angelo e o *Napoleão* de Canova. Do primeiro conheço só uma copia, quem sabe quanto imperfeita, mas ainda assim o typo que lhe deu o primeiro artista não lhe falta no conjunto. Nós podemos chamal-o a obra prima da esculptura antiga e nisso está de accordo o juizo da critica de todos os tempos; apezar de ter Jupiter desapparecido ha dois mil annos da consciencia do mundo.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Julho.

Porque, pois, morto o mytho, sobrevive a estatua? Porque nos mythos religiosos os gregos não fizeram mais do que synthetizar as qualidades mais salientes de sua raça forte, san, bella, serena e intelligente. Essa somma de potencias physicas e moraes que era admiravelmente coordenada e fundida no mundo grego, teve em Phidias o seu maior interprete. O *Jupiter* é de uma belleza viril perfeita, a mais completa, a mais alta que sonhou a humanidade, e a arte representou. Aquella superior serenidade de attitude podemos achal-a nas pinturas homericas e no *cuncta supercilio movens* de Horacio. O *Moysés* de Miguel Angelo tem o mesmo valor do *Jupiter* representando força e caracter oppostos. Onde é que está a sua universalidade? No drama que representa.

Esse legislador irado condensa na terrivel expressão da sua attitude o maior dos phenomenos humanos: o religioso. Não ha em todas as obras antigas e modernas expressões mais completas e mais universalmente sentidas. Pode-se dizer a antithese do *Jupiter*, mas está ao mesmo nivel si não vai mais alto.

Sem entrar nas razões psychologicas, que produziram as duas obras primas, basta indicar que são ellas a synthese mais luminosa de duas grandes correntes do espirito humano, que se disputam a hegemonia do mundo na historia que conhecemos: o hinduismo e o semitismo.

Si consideramos que estas duas correntes representam a dynamica intima da civilização humana, que todas as outras suas manifestações se subordinam á ellas, preciso é convirmos que com razão os homens estimam aquellas obras eternas; e as estimarão emquanto sentirem serem elles moralmente o producto daquella dynamica que as produziu.

Porque a breve distancia de annos ninguem se occupa do *Napoleão* de Canova? Não é porventura de uma plastica muito fina? Não é Canova um dos gigantes da arte moderna? Não é aquella estatua uma idealização heroica como as dos gregos? Não é Napoleão tal personalidade para viver seculos na memoria dos homens?

E' tudo; mas a obra nunca terá caracter de universalidade nem para os francezes, que tiveram toda a razão de alimentar por elle aquelle *indomato amore* de que fala A. Manzoni no *Cinque Maggio*.

E não terá por duas causas: uma pertence ao typo real que o artista quiz idealizar; outra á esthetica do esculptor. Napoleão foi

uma especie de coordenador das forças espalhadas da revolução franceza; mas acabou para fazer o officio de molle opposta á marcha fatal das aguas de um rio; um dique que exerce sua influencia sobre um pedaço limitado de territorio, mas que não póde supprimir as aguas nem impedil-as de retomarem a direcção que tinham pelo pendor da vertente. Um desvio parcial não desloca nem altera a lei do movimento da agua. Ora o dique que Napoleão poz á marcha das potencias moraes que surgiam na grande revolução não as impediu de seguir. O primeiro imperio foi destruido quasi num dia; surgiu o segundo que desappareceu sem gloria e sem fortuna.

Houve em França restaurações e republicas mais ou menos burguezas; mais o que restou de 1789 foi a celebre declaração dos Direitos do homem, base do novo organismo social, diante da qual republicas e monarchias, homens e codigos, não são mais do que episodios.

Napoleão não podia ser um typo universal. Doutra parte o artista não chegou a fazer por elle sinão um anacronismo, tentando idealizações symbolicas em tempo e em ambiente que perdeu todo o gosto desse artificio e pondo a cabeça do vencedor de Marengo em cima dum corpo de estatua grega.

Aquelle corpo póde ser de Antino, de Perseo, ou de qualquer dos semideuses das lendas gregas, e aquelle symbolico globo que tem na mão, não parece sinão brinquedo de crianças.

O unico estimulo do grande artista naquella infeliz tentativa era o *cesarismo*, o mesmo que lhe suggeriu a idéa comica de collocar o elmo e a veste de Minerva sobre a cabeça e os hombros do mais indigno e vulgar dentre os reis da casa Bourbon, de Fernando IV, que a consciencia popular consagrou melhor do que Canova á immortalidade, com um appellativo maravilhoso: *Re lazzarone.*

Mas não era e não é ainda Napoleão assumpto de arte? Pois não! mas a sua mais potente expressão não se acha nem nos quadros de decorações de Meisonnier! Está porém no *Napoleão morente* de Vela. Naquella figura assentada quasi á força, naquella cabeça levemente inclinada com os musculos faciaes contrahidos apenas, naquelle olhar errante a procura dum horizonte remoto, está um dos poemas mais interessantes da época moderna!

Manzoni não soube pintal-o com maior evidencia. Poucos esculptores souberam representar num pedaço de pedra tanto conjunto de sentimentos, tanta luta de orgulho, de ambição, de dôr; arrependimento, saudades, as paixões mais desenfreadas e mais contradictorias!

Diante daquella cabeça que se abaixa vencida mas não domada, parece-me ver campear um fantasma: o destino!

IV

Assim a escala do valor da arte sóbe do regionalismo e de um restricto limite de tempo e de gosto até á universalidade.

Não sei si os artistas percebem isso quando estudam e trabalham; mas posso garantir que mais fracos são e menos consciencia têm do lugar que lhes pertence no mundo. Na maior parte dos casos a ignorancia, o amor proprio e a baixa adulação dos interessados acabam por tornal-os desequilibrados e deslocados.

Mas o que digo liga-se a segunda das condições que citei como medida do valor duma obra de arte, a fórma. Segunda por assim dizer, mas ella vai em primeiro lugar, e é uma *conditio sine qua non* de vida.

Seja qual fôr a potencia moral que uma obra representa, si não tem a sua fórma peculiar saida do intimo do assumpto, como todas as expressões exteriores do intimo do organismo vivo, não tereis mais do que um aborto. Precisa antes de tudo ter genio, dizia Taine; mas a apparição deste é tão mysteriosa como a primeira fórma que assumiu a especie humana.

Estudai biologia, physiologia e psychologia, e o que mais quizerdes, juntai os temperamentos mais aptos, fazei o que mais fôr possivel para ter previsto e preparado o typo do genio. Tempo perdido! Do outro lado não deixemos passar a opinião que o genio seja consequencia duma psychose degenerada.

Não quero resuscitar as ultimas numerosas e, em grande parte, inuteis discussões sobre a demencia do genio, baseadas sobre um preconceito erroneo, que confundia genio e talento; não quero revolver toda a bibliotheca litterario-psychopathica, para a qual, não sem erros e exagerações, concorri eu tambem. O certo é que o genio é uma

somma de potencias maravilhosamente equilibradas e que de um só olhar póde abranger todos os aspectos da existencia, todas as profundezas da alma humana, todas as phases da historia, todas as direcções da humanidade.

Si o trabalho extraordinario que fazem estas potencias no cerebro de um homem póde levantar a preponderancia duma faculdade do individuo ao ponto de desarranjar a economia organica e o equilibrio geral, nós não podemos trocar as causas pelos effeitos, nem transformar em molestia organica uma molestia accidental.

A questão, emfim, consiste em nascer genio. Está já entendido que a potencia do genio assimilando as da vida, tem tantos graus quantos a existencia. Dos pequenos ambientes á universalidade o genio assimila mais ou menos, representa mais ou menos, segundo os graus de potencia herdados ou desenvolvidos.

A fórma, apezar de depender da conformação especial do individuo tem tambem a sua historia. E' verdade que o individuo de hoje, um pintor por exemplo, estuda a natureza como a estudavam os grandes mestres da Renascença, mas a maneira especial de exprimir as relações entre sombra e luz, entre figura e ambiente, e as gradações de *tonalidade*, são perfeitamente diversas.

Rembrandt gostava de deixar quasi todo o quadro na sombra e de illuminar uma figura só, e em cada quadro, como diz Taine, não fazia mais que apresentar os dramas da luz.

Ticiano, Raphael, Leonardo e outros do seculo XVI faziam diversamente: ar livre, toda luz, não queriam effeitos viciados ou de relevo chocante, mas linhas e graça e nudez encantadora sob um tom de azul largo e benefico. No periodo dos maneiristas napolitanos, o de Comnicicri, não se tratou mais de luz ou de sombra naturaes, e se creou tudo convencionalmente, como creavam-se figuras humanas sem conhecimento de modelos vivos.

A maneira, pois, de apresentar os ambientes e as figuras, de exprimir a roupagem e as attitudes, a maneira, emfim, de externar a psychologia de uma época, ou duma raça ou dum singular individuo varia de um periodo para outro, como variam o estylo e as linguas nas literaturas.

Como as linguas e os estylos estão em continua e perpetua evolução, assim a esthetica; e essa evolução estabelece a historia da arte. Nós damos, por exemplo uma certa importancia a Giotto, não porém

porque haja nas suas producções uma fórma de arte completa; nelle ha apenas um vislumbre de vida, como na *canção* de Ciullo d'Alcamo; ha naquellas santas de Giotto muito sentimento, mas o ambiente não existe; ou falta a perspectiva e o colorido; não ha correcção no desenho; as ligações entre as artes são quasi nullas, os musculos mesmos não apparecem, podemos chamar aquelle o embryão da arte, mas tem vida.

Dois seculos depois achareis nas pinturas dos Vivarini a anatomia mais regular, as proporções da figura mais consentaneas com a realidade, os musculos mais desenvolvidos, mas é preciso chegar ao Pollaiolo, para ver uma arte, que em tres seculos de evolução constante, aproximou-se extraordinariamente da natureza.

Com Donatello e com Miguel Angelo a esculptura attingiu alturas insupperaveis; mas que differença entre estas e as da esculptura grega!

Si Miguel Angelo se ativesse só ao estudo dos gregos, não vivia nem durante os seus noventa annos! A condição do corpo humano, na civilização grega era bem differente da que saía das trevas da média idade.

De um periodo que não teve outro ideal sinão a belleza e o desenvolvimento do corpo humano, a outro já subjugado pelos terrores da vida sobrenatural, e pelos habitos de penitencias, de privações e da negação da vida emfim, ha uma differença tal de causas e de forças convergentes, que não se póde estabelecer entre os dois analogia alguma.

Foi, sim, a Renascença uma reproducção da vida alegre, do gaudio frutal, da sensualidade mais completa do hellenismo, que não deixou de tornar-se moda até nos claustros; mas o que tem isso?

Podia aquelle phenomeno de poucos annos destruir quinze seculos de soffrimentos voluntarios e involuntarios, que já modificaram, até anatomicamente todo o exterior da natureza humana?! E a lei das gerações humanas não tem valor nenhum?

Os que tinham no sangue a herança moral e material dos terrores sagrados e do desprezo da vida terrena, não podiam voltar inteiramente áquella serenidade olympica do mundo grego, que desapparecera para sempre, e cujo ambiente com todas as causas que o formaram, caíra para nunca mais surgir.

Nunca mais crearemos uma raça como a grega, apezar de todos os methodos que a sciencia possa suggerir.

Poderiamos, assim, crear homens fortes, mas entretanto que a sciencia ensina o methodo, a luta pela vida nos preoccupa de mais e a tisica, as escrofulas, a anemia e a loucura nos impellem dia a dia na descida.

V

Ora si ha uma fórma esthetica peculiar a cada periodo, e a cada raça, ha outra peculiar ao individuo. Nesta fórma ha alguma coisa que lhe é commum com sua nação, outra com os seus contemporaneos, e finalmente outra que o distingue de todos.

Por exemplo, quem estudou profundamente as melhores obras dum artista conhece á primeira vista as que ainda não viu.

Dissemos que modifica-se nas artes a fórma exterior, segundo a evolução, assim como mudam os estylos e a lingua.

Poderiamos deduzir desse principio que as obras de um seculo nada de vivo poderão ter noutro, pelo menos na exterioridade.

Mas essa deducção seria falsa. Na arte acontece o mesmo que na vida. Até uma fórma organica alcançar um typo que possa perpetuar-se e transmittir-se com modificações leves, que não perturbem o principal organismo das funcções vitaes, ella resistirá por muitos seculos e conservará sempre sua normalidade em qualquer ambiente e em qualquer época.

No que diz respeito aos ambientes, um homem bem feito e bem desenvolvido, dotado das energias necessarias para vencer todas as adaptações, poderá viver no norte ou no sul da Europa, no centro da Africa, em New-York ou no Rio de Janeiro, modificando só nas partes exteriores e vitaes, as que mais estão sujeitas á especiaes condições locaes. Assim no norte da Europa terá a pelle mais branca, no sul tornar-se-a moreno e na Abyssinia tomará a côr de bronze, como aconteceu a um sabio da Belgica louco e anemico ha poucos annos.

Mas estas pequenas modificações nada tiram á sua vitalidade.

Transportem, pelo contrario, um typo doentio, nascido no meio-dia da Italia, para qualquer destas regiões já mencionadas, que morrerá de tisica no norte da Europa, de insolação na Africa, etc., etc.

Assim nas obras de arte, quando um typo alcançou uma grande vitalidade fica perennemente vivo, e nem os seculos, nem as raças, nem os ambientes não podem deixar de reconhecer a potencia que elle possue.

Observem, por exemplo o retrato de *Paulo III*, feito por Ticiano e o *São Jeronimo* do Spagnoletto; desenho, colorido, expressão, plastica, tudo tem uma summa de potencias vitaes, que nem a moda, nem os procedimentos technicos tão modificados poderão mais conseguil-a.

Podiam aquellas duas pinturas de dois temperamentos perfeitamente oppostos, e de gosto e época differentes ser feitas hontem e serem julgadas como a ultima palavra da arte moderna.

Leiam a *Francesca de Rimini*, o *Farinata*, *O Conde Ugolino* na Divina Comedia, e as pinturas mais salientes de *Othelo*, de *Hamleto*. de *Romeu e Julieta* : não encontrarão um verso que não se comprehenda e que não se fixe como fogo eterno no nosso espirito.

Mas a lingua, o estylo, o methodo de externar a psyche mudaram tanto depois de Dante e Shakespeare! Mas, que importa isso? Aquelles versos, aquella lingua, aquelle rhythmo, aquellas representações maravilhosas dos maiores dramas da vida estão lá, animados por mocidade eterna, testemunhas de tantas quedas, de tantos desapparecimentos, mais immortaes, mais poderosas do que a mesma vida. O mesmo poderia dizer-se de Homero, de Virgilio, de Ariosto, etc.

Ha emfim alguma coisa nos estylos individuaes, nos processos technicos, no gosto e na esthetica geral de uma época, ha alguma coisa que se identifica com a mesma natureza, que colhe desta as partes mais immutaveis e immortaes : é alguma coisa que só o genio póde dar. Tentai explicar as causas desta communhão do genio com a natureza, sabereis os exteriores, mas nunca chegareis até intimo, a do acto. Da mesma maneira, podereis conhecer as causas externas que no grau mais alto da escala duma raça collocaram um individuo de belleza excepcional, mas á mais intima, á que lhe deu a superioridade sobre os membros de sua familia nunca chegareis.

A natureza tem, nos seus processos vitaes, segredos que não se revelam. Qualquer investigação, qualquer saber será inutil: o mesmo artista, o mesmo genio não saberá explical-o sinão com aquella revolução de suas sensações internas, cuja causa é ignota e que foi

em diversas épocas, diversamente definida, e que Ovidio resumiria naquelle celebre verso :

Est Deus in nobis, agitante, colescimus, illo

Parece que eu quero agarrar-me á uma especie de dualismo moderno, pouco diverso do antigo ; mas não é assim.

A psychologia experimental, explicou muitos phenomenos e muitas leis da psyche, mas em certos pontos teve que parar. A mesma vivisecção não deu os resultados que se esperavam.

Estamos sempre diante de um mysterio encoberto por um involucro, onde meios mecanicos aperfeiçoados até á capillaridade nunca penetraram ; quando chegamos á analyse dos organismos e das cellulas não temos sinão tecidos e materia onde a funcção cessou.

Todas as funcções dos orgãos vitaes foram estudadas, as do cerebro ainda que muito adiantadas, ficam sempre no campo das hypotheses e das inducções.

E neste campo só uma coisa podemos affirmar e é que nos maiores actos da creação, entre a natureza e o homem, não ha testemunhas, nem mesmo a consciencia.

Sentem-se só grandes potencias em convulsão. O resto ? E' um mysterio.

VI

Este methodo de critica, deduzido das mesmas leis da natureza e da arte, deve ou não ter um valor na vida ?

Dissemos que a critica não póde crear o genio. Ainda que conformada á leis superiores, ella não póde supplantar a natureza. Deveria, segundo alguns, illuminar os artistas, esclarecer-lhes os horizontes, corrigir os falsos endereços, tornar-se instrumento util á producção. Nem isso póde inteiramente conseguir. Em primeiro logar, quando se fala de artistas vivos, não ha um critico, seja o mais culto e o mais intelligente, que não se preoccupe do autor que deve julgar, bem ou mal, do ambiente onde suas palavras devem ecoar, e de si mesmo.

Os mais pensam que os artistas devem passar pelo cadinho do cerebro do critico e então, adeus arte !

Em segundo logar o grande artista é geralmente autodidactico ; no seu espirito dá-se uma evolução rapida e quasi inconsciente,

que se move ao contacto da natureza ou da historia da arte, ou d'ambas estas forças juntas.

O grande artista é o primeiro a sentir a sua força e a sua fraqueza ; póde não perceber no momento que crea uma obra prima, mas não deixa um dia ou outro de separal-a dos abortos saidos num momento de cansaço ou de preoccupação. Pouco ou nada lhe póde dar a critica militante, ainda que ella saiba comprehendel-o.

Falo exclusivamente do verdadeiro genio. Mas si rachiticos sujatelas, ou poetastros dos que chegaram a alcançar algum nome á força de intriga, imaginam com isso ter debaixo dos pés a critica, devida a longos estudos e longas experiencias, inutil é ostentarem-se como genios incomprehendidos e como victimas. Desses não falo.

O officio da critica tem, assim, uma importancia social, ou serve só de criptogama perigoso, que esgota as potencias vitaes da arte ?

E' o maior dos problemas didacticos contemporaneos ; não pretendo resolvel-o ; mas direi o que os estudos e a experiencia me dão direito de pensar.

A abundancia de critica dos nossos tempos indica esgotamento da faculdade creadora ; como se vê hoje em todos os paizes latinos e particularmente na Italia e na França. Quando não havia nem criticas nem jornaes, houve uma grande florescencia de obras immortaes. Hoje pelo contrario todos seriam bons para illuminar o publico sobre as bellezas ou os defeitos de uma obra de arte, mas faltam os verdadeiros productores e os verdadeiros productos. Surgem centenas de poetas, romancistas, musicos, etc., mas no dia seguinte ao da apparição estão liquidados.

Alguem que ousa apenas levantar-se acima da mediocridade é logo suffocado pelos abraços dos aduladores e pelo incenso dos thuribulos, ou isolado e perseguido inexoravelmente pela conjuração do silencio. Este fim de seculo é verdadeiramente anormal, ha nas intelligencias um estado morbido espantoso, que está em absoluta contradicção com os grandes horizontes que a sciencia nos tem revelado. Precisamos sempre de olhar para o passado si queremos saber o papel que representamos neste mundo. A mocidade parece nascida com a tendencia para a monomania : com quinze annos desafia Byron, Raphael e Bellini, com vinte e cinco desthroniza Dante, Miguel Angelo e Balzac, e com trinta morre de anemia cerebral, sinão de vergonha e de fome.

Mas deixemos cair um véo piedoso sobre esses homens que hão de formar o assumpto da comedia do futuro, e voltemos á critica. Eu acho, e não pretendo dizer novidades, que o principal officio de critica é, como foi sempre, educar.

Estudar todas as phases, todos os aspectos da alma humana através dos seculos, através das raças é a mesma coisa que fixar na consciencia moderna toda a imagem da vida da humanidade.

Penso que esta imagem completa ou parcial da melhor parte da nossa historia, que todas as potencias moraes que o critico genial tira das obras do genio para apresental-as fundidas numa especie de bebida mais ou menos agradavel segundo o seu valor e intelligencia, póde ser a base mais nobre da nossa vida presente, e servir de termo de comparação para as nossas acções tornando-se um dos elementos mais potentes para educar no nosso cerebro aquellas disposições para as harmonias das coisas, que conformam a nossa vida com a harmonia da vida universal.

Não vedes a necessidade que temos de conformarmos a vida humana com a vida natural? Parece um absurdo? E porque então falamos em direitos? Porque falamos em justiça, equidade e em tantas coisas bonitas que se escreve mais do que se executam? O que são todos estes direitos que se enveredam sempre e são a aspiração de toda a humanidade, sinão o equivalente da harmonia entre as partes e o todo, que é a lei immutavel da vida cosmica? Vêdes bem que ha uma harmonia maravilhosa entre o homem e a sociedade, entre a sociedade e a humanidade, entre a terra e todos os planetas do systema solar, entre este e as outras estrellas. A critica que, com a synthese das grandes harmonias da arte com a natureza, infunde no espirito publico a consciencia da harmonia universal, assentou já as bases da moral; não moral convencional, não moral para uso e consumo de leis e poderes dominantes, mas moral conformada ás leis naturaes. Aquella critica reconduz-vos ao vosso destino? Tem um fim a vida? A arte representa aquelle fim e a critica verdadeira tende áquelle fim.

Sei que muitos em nome da sciencia e da critica moderna, glorificaram todas as anomalias da natureza humana saidas de uma arte de moda e de pouca duração. Sei que da parte opposta um vulgo erudito sacode diariamente o pó dos mais inuteis livros das bibliothecas, para inundar o mundo de folhas insipidas cheias de

parvoices e de brincadeiras, quando não são miudas pesquizas de grãosinhos de areia numa immensa charneca deserta, maior do que o Sahara.

Mas isso o que diz? Si o momento que atravessamos é uma anomalia, se passa por sciencia o que é um acervo de conhecimentos desordenados, temos de concluir que é a sciencia moderna que desloca tudo e todas?

Outro conceito e outro gozo teriamos da vida si estudassemos menos, mas com maior criterio, e outra idéa teriamos do papel que o homem representa no mundo si a critica não fosse confiada a anomalos ou á doutos eunuchos.

Permitti-me lembrar tres homens cujas obras eu conheço e cujo trabalho critico teve varia fortuna na Universidade de Napoles; Luigi Settembrini, Francesco De Sanctis, Vittorio Imbriani.

Os progressos da critica moderna poderão ter achado todos os erros de methodo e de apreciação da critica do autor da celebre *Protesta;* poderão ter achado defeituoso e incompleto a critica da *Arte pela arte* de cunho hegeliano e poderão ter achado no autor das *Famas Usurpadas* uma erudição que Settembrini e De Sanctis, nunca tiveram.

Mas o que resta das obras destes tres? Uma pagina só de Settembrini e De Sanctis vale a maior parte da bibliotheca da critica contemporanea.

Uma alma admiravelmente conformada com as grandes harmonias do Universo unificadas no bello e transfundidas com santo enthusiasmo nas paginas delles, e que passou para as almas dos seus discipulos, ainda palpita entre os erros dos dois mestres.—Martyres, pois, duma escola de martyres, que contribuiu não pouco para a resurrreição da patria, pertencem aos fastos mais puros da epopeia italiana.

Quer dizer que nelles a cultura condensou-se em potencia moral e tornou-se sapiencia util, contribuição de força viva para uma das lutas e das transformações maiores do mundo contemporaneo.

A erudição vasta, mas desordenada, produzia em Imbriani a desordem da consciencia, a demolição systematica e a intolerancia politica animaram as melhores paginas de seus livros.

Qual é hoje a sorte dos demolidos e do demolidor?

Os perseguidos, Goethe especialmente, sairam maiores da prova; o critico e juiz cansado pela sua obra van, adormeceu dolorosamente no silencio e no vacuo! Eis o officio da critica: educar.

Mais alto é o fim a que ella tende, mais alto é o lugar que lhe pertence na sociedade; mais vastos são seus horizontes, mais justos e mais impereciveis são suas obras e mais se tornam parte integral da vida.

A critica póde crear não as artes, mas a synthese das artes. Como o astronomo que póde estudar a natureza e o movimento dos astros chegando a definil-o e a medil-o de modo a prever os encontros, os eclipses e todas as leis cosmicas, assim o critico estudaria na formação das obras do genio o caminho moral da humanidade, e formando a consciencia do proprio tempo seria um dos maiores factores da civilização.

Nada modificará no que é obra do genio, como o astronomo, medindo e calculando, não retardará um minuto siquer o movimento dos astros.

E o critico tanto maior é quanto mais artista. Genio não, mas artista que póde alguma vez alcançar as alturas do genio! Si se apresenta com a faca anatomica na mão e pretende aborrecer com o seu pedantismo, elle não só não é artista, mas é incapaz de sentir e de comprehender a arte: pertence ao vulgo erudito.

Será professor, commendador, senador, ministro até, mas fará sempre parte do criptogama, deixará a negação do ser, em qualquer lugar porá as mãos.

A synthese, resultado de uma analyse feita com consciencia e o privilegio de um temperamento de artista. E da synthese desencadeia-se o enthusiasmo.

Quando da analyse das partes isoladas de um organismo sóbe-se á contemplação do conjunto que é a mesma vida, e sentem-se as palpitações della, o enthusiasmo irrompe e indica que a vida intellectual do critico passou para o cerebro e para a alma de quem o lê ou o ouve.

Não vos deixeis convencer pelos eunuchos, que chamam o enthusiasmo a prerogativa dos meninos e dos fracos.

Guardai com desvelado cuidado essa inesgotavel força motora das boas acções e das grandes obras.

C. Parlagreco

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL[1]

I

A nacionalidade portugueza; seus factores pre-historicos e historicos

V — OS CELTAS

(Continuação)

O caracter dos celtas, devido aos exageros francezes, tem-se tornado um verdadeiro enigma ethnographico. Tal é a serie de extravagancias a seu respeito exhibidas pelo patriotismo imponderado.

Quasi nada existe de bom e fecundo nas letras e na politica, na orbita do pensamento e da acção no mundo europeu que não tenha sido referido a essa raça exemplar. A cousa chegou ao ponto de se lhe attribuir até a formação das linguas novo-latinas, o genio dos romanos, a originalidade dos gregos, a fantasia dos slavos. Os celtas foram o primeiro ramo aryano, que penetrou na Europa, trazendo comsigo o uso dos metaes, na opinião dos sectarios da origem asiatica daquella familia de povos, ou o primeiro que se destacou do nucleo primitivo da grande raça formada na propria Europa, no pensar dos seguidores do indigenismo daquellas gentes nessa parte da terra. Foram elles os creadores mais antigos e originaes da mythologia e da linguagem indo-européa, os iniciadores da civilização nessas paragens, os dominadores dos velhos tempos, os renovadores da literatura

[1] Veja a *Revista* de 1 de Junho.

e da arte no seculo XII de nossa éra, os fomentadores do genio inglez, os pais immorredouros do *povo central* dos positivistas... Segundo a theoria celtisante não houve conquista romana na Gallia; deu-se apenas ali um refluxo do proprio genio gaulez sobre o sólo da futura França; pois a Italia nos seus primordios fôra povoada pelos celtas, nem mais tarde deu-se acolá subjeição pelos germanos, porque a *liga armoricana*, que se tinha conservado independente do jugo romano, chamou os francezes como simples alliados, sinão verdadeiros *clientes*, não esquecendo que as gentes germanicas não passavam durante seculos e seculos de meros vassallos do grande imperio dos celtas... Foram estes os possuidores dos craneos dolicocephalos, que se vieram sobrepor á primitiva camada de brachycephalos atrazados, são os manejadores das bellas espadas de bronze, os edificadores das cidades lacustres... Tudo se lhes deve na Europa, e o genio da raça não deu, no pensar de Renan toda a medida de seu valor: a verdadeira maravilha se terá de vêr, quando a imaginação celtica ligar-se ao espirito scientifico de nosso tempo; o mundo entrará então em nova e original phase.

Não se pense que estamos satyrizando; tudo o que rapidamente deixamos ahi indicado de leve tem sido, ao lado de muitas cousas mais, dito e reproduzido dos gaulezes. E' uma historia de francezes, a que lusos e hespanhóes se têm juntado para enfiar esse rosario de maravilhas. Nem se cuide que, nesse inventario de prodigios, estamos a remontar aos tempos da celtomania do seculo passado e começos do actual. Não; referimo-nos a autores recentissimos e dos que parecem mais alheiados ás patriotadas infantis. Sem sair das paginas de um Jubainville, de um Jusserand, de um Ernesto Renan, temos a predestigitação celtica inteira. Pois, ainda ha pouco, não vimos J. Jusserand na sua *Historia literaria do povo inglez* attribuir ao elemento celtico o que ha de mais brilhante, de mais vivaz no genio daquella gente, a aptidão para as creações dramaticas e romanescas e ainda mais o *humour satyrico*? Não vimos Henri Martin, e outros attribuirem-lhe a architectura gothica e os ideaes artisticos da idade media? Não vimos Renan dar como creação daquelle ramo ethnico a cavalleria, o maravilhoso medieval, as correntes literarias modernas, a nova intuição do amor da mulher, a inspiração de Shakespeare, de Ariosto, a parte principal da creação de Dante? Neste sentido é um documento inapreciavel o ensaio do sabio francez intitulado *A poesia das raças celticas*, a que voltaremos em breve.

Em face de tantos exageros e extravagancias tem-se tornado difficil definir o genuino e exacto caracter dos celtas; a gallomania é ainda muito intensa, a despeito dos protestos em contrario, e teve necessariamente de provocar forte reacção adversa, que veiu a cair no extremo opposto.

Como quer que seja, é indispensavel que tomemos pé no debate, porque precisamos de ir adiante.

As principaes maneiras de caracterizar o genio dos celtas, são as seguintes, algumas dellas totalmente contradictorias entre si: humorismo gracioso, alegria e saude d'alma, espirito espontaneo e vivaz, horror de chimeras e bom senso, equilibrio do pensamento e do coração, tudo isto exemplificado em Rabelais, Montaigne, Voltaire, P. L. Courier; melancolia amoravel e indefinida, genio elegiaco e profundo; naturalismo fantasista e sentimental, personalizados em Rousseau, Chateaubriand, Lamartine, Renan; espirito de revolta e independencia da razão, autonomia do caracter e das idéas, representados em Pelagio, Descartes, Lamennais; fantasismo confiante e credulo, poesia instinctiva e como que organica em que a realidade e o sonho quasi se confundem, tendo por amostras Joanna d'Arc, Carlota Corday, e muitos heróes e heroinas da historia franceza; coragem, valentia, fanfarronada patriotica e guerreira, particularizadas em tanta gente que é inutil nomear alguem; finalmente, graça, vivacidade, eloquencia nas idéas e na linguagem e muita leviandade e inconstancia no caracter, como predicados da raça, quasi por toda ella espalhados.

Quem já não terá lido ou ouvido alguma destas definições do genio gaulez? São todas verdadeiras? Não cremos.

Observadores antigos e modernos deixaram-nos alguns traços, algumas palhetadas que talvez sejam de todos os mais exactos, porque, fundamentalmente, se harmonizam. E' assim que Varrão disse: « *Pleraque Gallia duas res industriosissime persequitur: rem militari et argute loqui.* » Mommsen vê ahi o *esprit et gloire* dos francezes e parece-nos ter acertado, apezar dos protestos de Jubainville e Reinach. Cesar escreveu: « Os gaulezes, sempre inclinados a novidades, não podem supportar nem a liberdade, nem a servidão. »

O grande conquistador e politico era bastante atilado e tinha bastante pratica do assumpto para saber o que dizia.

Diodoro de Sicilia, resumindo autores velhos, expressou-se deste modo: « A fama de coragem e barbaria dos gaulezes espalhou-se bem cedo; porque, com o nome de Kimmerü, devastaram outr'ora a Asia. Desde tempos mais remotos, exerceram a pilhagem nas terras alheias; desprezam todos os outros povos. Foram elles que tomaram Roma, saquearam o templo de Delphos, tornaram tributaria grande parte da Europa e da Asia...» E pudera ter acrescentado: destruiram a civilização etrusca. Como dista este rascunho realista do quadro imaginoso e aereo dos sonhadores de hoje! Varrão, Cesar e Diodoro de Sicilia parece acordarem-se em notar o espirito bulhento, irrequieto, guerreiro e vistoso da gente celtica. Tal modo de julgar, através de muitos seculos, foi reproduzido, em suas linhas geraes, por Amédée Thierry, o eminente historiador dos gaulezes, que, si não era tão forte como Jubainville em lingua e direito celticos, tinha mais do que elle o talento de escrever e de observar. Assim falou: « Os traços salientes da familia gauleza, os que mais a distinguem, a meu ver, das outras familias humanas, podem-se resumir deste modo: uma bravura pessoal que nada iguala nos povos antigos; um espirito franco, impetuoso, aberto a todas as impressões, eminentemente intelligente; porém, ao lado disto, uma extrema mobilidade, nada de constancia, uma repugnancia assinalada ás idéas de disciplina e de ordem, tão poderosas nas raças germanicas, muita ostentação, emfim uma perpetua desunião, fruto da excessiva vaidade ». [1]

O illustre irmão do incomparavel autor da *Historia da Conquista da Inglaterra pelos Normandos* não estava, como se vê, longe de pensar com os antigos escriptores citados, e tal era o retrato mais acreditado do caracter gaulez entre os espiritos imparciaes, que ainda hoje permanece o mesmo a despeito da fantasiosa melodia de Renan, verdadeira cantilena romantica, que veiu juntar todos os raios gloriosos do sentir e do pensar modernos na fronte da velha raça turbulenta, transformada na gente mais pacifica e merencoria do mundo. A crer no poetico autor da *Vida de Jusus*, até o christianismo já era instinctivamente uma pratica celtica, bem como o ardor pela vida do mar. Dessa gente é que se deve, póde-se dizer, a éra das grandes navegações e o descobrimento da America. Citemos um

[1] *Histoire des Gaulois*, I, pag. 4; Paris, 1866, 7me edition.

trecho do famoso escripto, a que já alludimos, porque nelle é que os modernos caracteristas do genio portuguez, T. Braga, Oliv. Martins e outros, foram achar a origem da indole navegante que os seus compatriotas mostraram em certa phase de sua historia e da decantada melancolia de nossos pais, em que, seja dito desde logo, irreverentemente não acreditamos. Para nós a bulhenta e fanfarrona alacridade gauleza transformada em fonte inesgotavel do melancolismo moderno é uma dessas toliçadas symptomaticas de nosso tempo a que nem os grandes scepticos, como o autor da *Historia do povo de Israel* escaparam. O trecho é longo porém é delicioso e instructivo. Ouçamol-o : « Quem viaja na peninsula armoricana, ao passar a região mais proxima do continente onde se prolonga a physionomia alegre, porém vulgar, da Normandia e do Maine, quando entra da verdadeira Bretanha, que merece este nome pela lingua e pela raça, sente uma brusca e repentina mudança. Um vento frio, cheio de vago e de tristeza, levanta-se e transporta a alma a outros pensamentos, as franças das arvores despem-se e estorcem-se; o nevoeiro estende ao longe sua côr uniforme; o granito rompe a cada passo um solo demasiado fraco para o revestir, um mar quasi sempre sombrio forma no horizonte um circulo de eternos gemidos. O mesmo contraste nos homens : á vulgaridade normanda, á uma população nutrida e planturosa, contente de viver, repleta de interesse, egoista como todos os que têm o habito de gosar, succede uma raça timorata, reservada, de vida toda intima, pesada em apparencia, porém profundamente sensivel e possuidora de instinctos religiosos de uma adoravel delicadeza. O mesmo contraste, conta-se, experimenta quem passa da Inglaterra ao paiz de Galles, da baixa Escossia, ingleza pela lingua e costumes, á patria dos Gaëls do norte, e tambem, com um matiz sensivelmente diverso, quem se adianta nas paragens da Irlanda onde a raça ficou extreme de qualquer mescla com o estrangeiro.

« Parece que o viajor entra nas camadas subterraneas de outra idade e sente alguma cousa das impressões que Dante nos faz experimentar, quando nos leva de um circulo a outro de seu inferno... Si a excellencia das raças devesse ser apreciada pela pureza de seu sangue e a inviolabilidade de seu caracter, nenhuma poderia desputar em nobreza com os restos subsistentes da gente celtica. Nunca familia humana viveu mais isolada do mundo e mais pura de

qualquer mistura estrangeira. Acantoada pela conquista em ilhas e peninsulas esquecidas, oppoz uma barreira intransitavel ás influencias externas: tem tirado tudo de si mesma e vivido de sua propria inspiração. D'ahi esta poderosa individualidade, este odio de estrangeiro que, até os dias de hoje, tem formado o caracter especial dos povos celticos... E' nesta vida retirada, nesta desconfiança de tudo que vem de fóra que se deve procurar a explicação das linhas mais intimas da indole da raça celtica. Tem todos os defeitos e todas as qualidades do homem solitario: altiva e timida, poderosa no sentimento e fraca na acção; em casa livre e expansiva, fóra esquiva e acanhada. Desconfia dos estranhos, por vêr nelles entes mais espertos que abusariam de sua simpleza, indifferente á admiração alheia, deseja apenas que a deixem em paz.

« E' por excellencia uma raça domestica, nascida para a familia e as doçuras do lar. Em nenhuma outra o laço do sangue tem sido mais forte, creou mais deveres, ligou o homem a seu similhante com tanta extensão e tão profundamente. Toda instituição social dos povos celticos era em principio uma extensão da familia. Uma expressão vulgar ainda hoje attesta que em parte alguma os vestigios desta grande organização do parentesco se conservou melhor do que na Bretanha.

« E' opinião espalhada neste paiz que o sangue fala e que dois parentes desconhecidos, encontrando-se em qualquer parte do mundo, reconhecem-se pela secreta e mysteriosa emoção que experimentam diante um do outro. O respeito aos mortos prende-se ao mesmo principio. Em parte alguma a condição dos mortos tem sido melhor do que entre os bretões; em parte nenhuma o tumulo recolhe tantas recordações e tantas preces. E' que a vida não é para estes povos uma aventura pessoal que cada um corre por sua conta e risco: é um annel em uma longa tradição, um dom recebido e transmittido, uma divida paga e um dever cumprido. Percebe-se sem esforço quão pouco aptas eram naturezas tão concentradas para fornecer um desses brilhantes desenvolvimentos que impõem ao mundo o ascendente momentaneo dum povo, e eis o motivo pelo qual o papel exterior da raça kymrica tem sido sempre secundario. Falha de expansão, alheia a qualquer idéa de aggressão e de conquista, pouco ambiciosa de fazer prevalecer seu pensamento no exterior, ella soube apenas recuar emquanto foi-lhe chegando o

espaço, e, afinal, acantoada no ultimo recesso, oppôr aos seus inimigos uma resistencia invencivel.

« A raça celtica se tem gasto em resistir ao tempo e defender causas desesperadas. Não parece que em qualquer época tenha tido aptidão para a vida politica: o espirito de familia suffocou ali toda tentativa de organisação mais extensa. Não parece tambem que os povos que a compõem sejam por si mesmos susceptiveis de progresso. A vida lhes apparece como uma condição fixa que não é dada ao poder humano mudar. Dotados de pouca iniciativa, inclinados a se considerarem como menores e em tutella, crêm depressa na fatalidade e a ella se resignam. Vendo-a tão pouco audaciosa contra Deus, custa a acreditar que esta raça seja filha de Japhet.

« Vem d'ahi sua tristeza. Vêde os cantos de seus bardos do sexto seculo, prantêam mais derrotas do que cantam victorias.

« Sua historia mesma não passa de um longo queixume; lembra-se ainda de seus exilios, suas fugas através dos mares.

« Si alguma vez parece folgar, uma lagrima vem logo brilhar por traz de seu sorriso; não conhece este singular esquecimento da condição humana e de seus destinos que se chama a alegria.

« Seus canticos de prazer acabam em elegias; nada iguala a deliciosa tristeza de suas melodias nacionaes; dir-se-iam emanações dos céus, que, caindo gota a gota n'alma, atravessam-n'a como lembranças de outro mundo. Nunca foram tão longamente saboreadas essas volupias solitarias da consciencia, essas reminiscencias poeticas onde se cruzam ao mesmo tempo todas as sensações da vida, tão vagas, tão profundas, tão penetrantes, que, por pouco que se viessem a prolongar, matariam, sem se saber de que se morria, si de amargor ou de doçura. A infinita delicadeza de sentir que caracteriza a raça celtica está intimamente ligada á sua necessidade de concentração.

« As naturezas pouco expansivas são quasi sempre as que sentem com mór profundeza; porque quanto mais intenso é o sentimento menos tende a se exprimir. D'ahi esse delicado pudor, essa alguma cousa de velado, de sobrio, de raro, a igual distancia da rhetorica do sentimento das raças latinas e da ingenuidade reflectida da Allemanha, que brilha de modo tão admiravel nos cantos bretões. A reserva apparente dos povos celticos, que muitas vezes se toma por frieza, prende-se á essa timidez interior que lhes faz acreditar

que um sentimento perde metade de seu valor quando é expresso e que o coração não deve ter outro espectador além delle proprio.

«Si fosse permittido dar um sexo ás reacções como aos individuos, poder-se-ia sem hesitação dizer que a raça celtica, nomeadamente em seu ramo kymrico ou bretão, é uma raça essencialmente feminina. Nenhuma familia humana, creio, transportou para o amor tanto mysterio. Nenhuma outra concebeu com mais delicadeza o ideal da mulher e foi por elle mais dominado. E' uma especie de embriaguez, uma loucura, uma vertigem.» [1]

E neste gosto continúa por paginas e paginas o illustre academico a descrever os povos celticos como uns refinados ingenuos, uns admiraveis idealistas, uns magnificos sonhadores, uns adoraveis sentimentaes. Póde ser que alguma dessas notas seja exacta particularmente das gentes da peninsula armoricana por causas historicas e mesologicas especiaes; com certeza, porém, estão em completo desaccordo com o que geralmente se sabe do grosso da raça no continente e de seus feitos na historia. Dos retratos das gentes celticas é o que nos parece mais fantasioso e falho de exactidão, e que não se póde applicar áquelles povos tomados em seu conjunto. Entretanto, de todos é o que mais tem caido em graça dos escriptores portuguezes, que vão ali buscar as tintas com que costumam colorir o quadro em que representam os seus patricios. Pensamos de modo diverso. Os celtas influiram mais em Portugal e Gallisa do que no resto da Hespanha, é certo; porém não é menos verdade que ali como na antiga terra gauleza, elles não eram esses timidos embriagados dos mysterios do infinito, esses meigos temperamentos femininos de que nos fala Renan. Damos mais pelo vigor dos traços de Varrão, de Cesar e de Tacito. [2]

Concentremos o assumpto no que mais de perto se refere á peninsula iberica, e abordemos logo após a questão das influencias celticas no direito daquella região.

SYLVIO ROMÉRO

---

[1] Ernest Renan. *La Poésie des Races Celtiques*, in *Essais de Morale et de Critique*, troisième édition. Paris, 1861: pag. 375 e seguintes.

[2] *Vida de Agricola*, passim.

INDIOS DE MATO-GROSSO

OS BORORÓS COROADOS [1]

VI

Foi para mim uma revelação aquella narração de Antonio, a qual, com a comparação das datas, vinha esclarecer pontos obscuros da historia.

Esse indio representava, pelo menos, uma terceira geração, a contar da época em que se dera a emigração dos seus antepassados que foram refugiar-se á margem direita do Alto Paraguay. Tal acontecimento deve ter occorrido ha mais de um seculo, dando-se a cada geração uma existencia de 40 annos.

Como já vimos, data de 1736 o conhecimento dos Bororós com os portuguezes, que com elles viveram em boa harmonia, pondo-os ao seu serviço. Só mais tarde começaram as perseguições, o captiveiro com todo o seu cortejo de barbaridades. Não é de suppor, porém, que desde logo fugissem elles, sem reagir. Sabe-se que lutaram unidos, e isto por espaço de tempo. Consideradas todas estas circumstancias, vê-se que o exodo dos Bororós que foram constituir tribus no Jaurú e Cabaçal, deve ter-se dado por meiados, ou mesmo mais, do seculo passado. Os que ficaram, resistiram, defendendo a sua vida, a sua liberdade, a terra que era delles, lutando emfim, *pro aris et focis*. Vencidos, massacrados, recolhiam-se ás brenhas, para reapparecerem mais tarde inesperadamente e cairem sobre o *braide*, [2] onde quaesquer pudessem

[1] Veja a *Revista* de 1 de Julho.

[2] Não *brade* como saiu no numero anterior.

encontral-o; nas estradas, em cujas margens se occultavam, nas suas habitações, no campo, na roça, etc. Foi nessa luta, excitada pelo odio e sede de vingança, e visando de um e outro lado o exterminio do inimigo, que o caracter daquelles Bororós, tão doceis e bons como nol-os descreve Southey, completamente se transformou tornando-os maus, e ferozes como então se mostravam.

Ao systema adoptado, destruir em vez de pacificar, deve-se similhante resultado. Com o andar do tempo e o abandono em que foi caindo a região serrana, foram os Bororós mudando o campo de suas correrias. Mereciam-lhes preferencia o valle de S. Lourenço e ribeira inferior do seu principal affluente, o Cuyabá, celleiro da capital. Disseminados por essa zona, a de mais vida e actividade, em que existem as fazendas de plantação e criação e povoados, elles,em suas correrias, aggrediam os indefesos habitantes das localidades, que atacavam traiçoeiramente, matando, roubando, incendiando casas, destruindo as plantações e frechando os animaes. Pela outra parte, a perseguição que se lhes fazia não era menos tenaz e cruel.

Uma das mais notaveis victimas daquelles selvagens foi um meu companheiro e contemporaneo na antiga Escola Militar,o tenente Antonio Carlos da Costa Pimentel. Interrompendo seus estudos, em 1849, ia como ajudante de ordens de seu pai, o então tenente-coronel João José da Costa Pimentel, nomeado presidente e commandante das armas de Mato-Grosso. Em um pouso á margem do Piquiry--um dos affluentes do S. Lourenço—cerca de 60 leguas de Cuyabá, commetteu o inditoso moço a imprudencia de afastar-se do abarracamento, a horas adiantadas da noite, envolvido em um lençol, para abrigar-se da humidade.

Não voltou mais, e os companheiros só deram pela sua falta ao clarear do dia. Foram procural-o e o acharam caido, traspassado pelas frechas dos Bororós, que, occultos no mato, atiraram no vulto branco. Ainda estava vivo, mas pouco durou. Commettido o sombrio feito, haviam fugido os indios.

Fel-os pagar caro aquelle crime uma expedição mandada mais tarde de Cuyabá. Sempre o mesmo systema: destruição em vez de pacificação. Entretanto, muito outras eram as vistas do governo central, como se vê de um aviso expedido, a respeito, pelo Visconde de Monte Alegre, então ministro do imperio.

Na *Revista* de 15 de maio passado appareceu uma breve e verdadeira noticia sobre a pacificação dos Bororós e modo por que a conseguiram. [1]

Conscios da desigualdade da luta, inquietos e em constantes sobresaltos, vendo a cada momento surgir-lhes pela frente o inimigo com as suas armas de fogo, que lhes causava verdadeiro terror, aceitaram os Bororós a paz que lhes foi offerecida por intermedio da sympathica Rosa, legitima benemerita de sua tribu e mais ainda dos habitantes civilizados da terra que a ella e a elles viu nascer — o actual estado de Mato Grosso. Bem merecedora, por certo, das bençãos da humanidade e até mesmo de uma estatua!

Entretanto, o nome da boa Rosa, a bororó, passaria esquecido e desconhecido mesmo em Mato-Grosso, si uma senhora que ali conheceu a sua historia, não viesse pelas paginas desta *Revista*, pagar justo, embora fraco tributo á sua memoria.

VII

Seja-me permittido transcrever aqui o trecho do relatorio que li perante a assembléa provincial, em que, dando conta do serviço da catechese e do beneficio colhido da pacificação dos Bororós pela agricultura e outras industrias, que não podiam medrar sob a pressão do medo incutido por esses indios, observei: « ... A esse estado de inquietação, terror e incerteza do dia de amanhan, em que não havia segurança de vida, nem siquer esperança no resultado do trabalho, succedeu a calma, a tranquillidade dos animos, a confiança, emfim, que incita ao trabalho, pela certeza da colheita do seu fruto.

« Foi, portanto, um bem immenso essa pacificação, que figurará nos fastos da provincia como um dos mais importantes acontecimentos, que concorrerá para o seu progresso, hoje desembaraçado dos impecilhos que não permittiam fossem aproveitadas as riquezas naturaes de que abunda o seu sólo.

« Mas não basta o que está feito; muito resta ainda a fazer, para o que não serão demais os sacrificios ainda reclamados. Como sabeis, foram fundadas no anno passado duas colonias: *Thereza Christina* na

---

[1] Veja *Rosa « a Bororó »* na *Revista* de 15 de Maio.

N. da R.

confluencia do Prata com o S. Lourenço—*e Isabel* na foz do Pequiry, tambem affluente do mesmo.

Acha-se esta confiada á direcção do tenente Manoel da Cunha Moreira; aquella á do incansavel tenente Antonio José Duarte, a cujos esforços e zelo devemos a mencionada pacificação, sendo que a primeira tentativa, com a consequente apresentação dos indios, se operou á 21 de Maio de 1886. Veiu posteriormente a idéa de colonisal-os. Não sei, porém, si semelhante deliberação foi a mais acertada e si de taes colonias, que mais parecem aldeiamentos em que não é possivel evitar a promiscuidade a que os selvicolas estão habituados, se colherá, sem grande esforço e com tempo, o desejado effeito.

« O indio adulto, affeito ao viver selvagem, criado na liberdade da vida errante, sem minima noção de nenhuma das obrigações sociaes que tolhem o homem no seu modo de agir e nas suas aspirações, não se amolda, não se presta ao viver do homem civilizado, e menos ao trabalho regular, necessario para a existencia e executado com ordem e sob preceitos determinados. Entretanto, continuam a affluir os indios do Alto S. Lourenço, mas sem se prestarem a trabalho algum, á primeira das indicadas colonias, na qual, inclusive os que constituem a *Isabel*, já tinham feito sua apresentação até Abril ultimo (1888), sem que ahi ficassem permanecendo 3,595 selvagens, faltando os de trinta e tantos aldeiamentos ainda existentes, já pacificados, e cujo pessoal não se havia apresentado. »

Tal a historia da colonização dos Bororós, sem alteração até o presente anno, com um dispendio para os cofres publicos, não inferior, com certeza, a 350:000$000. Consequencia do erro a que me referi em principio.

Chegadas as primeiras turmas de indios, ainda dominados de medo, o que convinha era brindal-os, tratal-os bem e mandal-os embora, fazendo-os comprehender que de seu modo de proceder dependia a obtenção dos objectos de que precisassem.

Mantel-os em certa dependencia, persuadindo-os de que, só a cessarem as suas tropelias e aggressões deixariam de ser perseguidos e obteriam brindes que tanto almejavam, seria a *politica* adequada as circumstancias da occasião. Fez-se exactamente o contrario.

Deu-se-lhes agasalho, alimentação, roupa, brindes e instrumento para trabalho a que não se sujeitavam, pois, antes de tudo, queriam a sua liberdade de ociosos, e de fazerem só o que desejassem, não

sabendo o que era obedecer. Levando similhante vida, estavam convencidos de que era por obrigação nossa que isto lhes faziamos! Si diverso fôra o systema seguido, o que exigiam como um direito, teriam recebido como favor.

Sob o commando dos officiaes mencionados, havia na colonia *Thereza Christina* um destacamento de 30 praças—que mais tarde se reduziu a 25—e na *Isabel* um de 20 praças. Era uma providencia indispensavel para conter os indios no respeito que deviam guardar ao director, e manter a ordem no aldeiamento, especialmente na occasião da distribuição de mantimentos, de roupa, brindes, etc. Todos os trabalhos de lavoura e edificação eram executados pelos soldados. A natural indolencia e rebeldia do selvagem, como fica dito, afastavam-nos de todo e qualquer regimen de trabalho.

Era preciso mudar de systema, mesmo porque os abusos que se commettiam no tocante aos fornecimentos, feitos por contracto perante a thesouraria, que não tinha meios de fiscalizar directamente a sua execução, reclamavam providencias talvez radicaes. Mas, como, no pé em que haviam sido collocadas as cousas, num deserto, pode-se dizer, cerca de 50 leguas distantes da capital?

Qualquer medida menos reflectida podia comprometter as vantagens já colhidas, com a pacificação. Convinha, pois, esperar e aguardar auxilio do tempo. Havia já certa ordem de interesses creados a sombra do serviço, que feridos seriam mais uma difficuldade para a administração. Mas isto não vem agora ao caso.

Em relatorio que me dirigiu, falou o tenente Duarte na necessidade de dois missionarios e disto eu já me havia lembrado e até pedido ao governo—um para a colonia, ou melhor aldeiamento *Thereza Christina*, e outro para o *Isabel*, afim de, por meio do influxo religioso e de educação dirigida com paciente methodo, se irem eliminando os costumes barbaros a que os indios se achavam aferrados.

O contacto em que se tinham posto com os soldados, servia sómente para manterem com estes familiaridade, de que não tiravam proveito intellectual, nem exemplos de pureza e regularidade de costumes.

A escola de primeiras letras creada numa e noutra colonia, para meninos, foi a principio frequentada regularmente, quanto era de esperar de pequenos selvagens; mas depois começaram estes a tornar-se remissos e esquivos, devido aos *bares* e *areôtorares*, que

chegavam a busca de brindes, e incutiam-lhes no animo, bem como no dos pais, a idéa de que do papel vinha a morte. Com difficuldade conseguiu-se desfazer nos mais crescidos a impressão que lhes produzira tal embustice.

Os *bares* e *areôtorares* são indios privilegiados nas aldeias, como seus prophetas. Exercem por isso grande influencia sobre os outros. O *areôtorare* é o orador e o historiador da tribu, da qual guarda, para transmittir aos novos, as tradições. Conta e explica os factos occorridos e pronuncia os acontecimentos, reunidos todos á noite, assentados com as pernas cruzadas, uns acocorados ou deitados de ventre para baixo, outros silenciosos e attentos, todos em roda de grande fogueira, quando não ha luar.

Só o orador está de pé, falando, ou antes gritando e gesticulando, pelo tempo necessario para completar a sua narração que, em regra, é extensa. O *bare* é o medico: cura ou prediz, sem mais remissão ou aggravo, a morte do enfermo, que, nesta hypothese, não come mais, não bebe e, resignado, conserva-se deitado, esperando o momento fatal, rodeado de companheiros que ali ficam *bestificados* até vel-o exhalar o ultimo suspiro.

A familia, si o morto a tem e na qual póde haver mais de uma mulher, prantêa-o. Cabe á mulher fazer-lhe o elogio, cantando, exaltando-lhe as qualidades que tivera na paz, como na guerra, ao mesmo tempo que, com uma concha partida ou um silex de aresta cortante, vai dando-lhe talhos pelo corpo de modo a pol-o todo lanhado, com a assistencia de maior ou menor numero do amigos do finado, segundo a posição que este occupava na tribu.

Ha tres classes de caciques ou chefes entre os Bororós; o *taguimegêra*—chefe geral e unico na tribu, o *paguimegêra*—sub-chefe, e o *naguimegêra*—capitão de aldeamento, seja este mais ou menos numeroso. Na falta de mulher, é o parente mais proximo ou um amigo do defunto que lhe honra a memoria por aquelle meio.

Segue-se então uma cerimonia funebre a que chamam—*bocororô*. O cadaver jaz estendido no chão sobre uma esteira, com ou sem os enfeites usados na tribu. Alguns dos mais graduados, entre os quaes sempre o *areôtorare*, entoam com voz cheia e rouca um canto monotono e lugubre, balouçando o corpo, batendo com os pés alternadamente e movendo uma especie de maracá guarnecido de pennas a que dão o nome de *bapo* e que cada um tem na mão, como

que acompanhando a cadencia do mesmo canto. Este, porém, é executado de modo tal e com tal esforço, que o cantor, em breve, torna-se convulso, tomado de grande excitação nervosa, a sair-lhe o suor por todos os poros e correr-lhe pelo corpo abaixo, a ponto de ficar o chão ensopado.

Finda essa cerimonia, é o cadaver envolvido na esteira em que se acha, que é tecida com folhas de palmeiras, e conduzido para ser enterrado.[1]

Com um dos *bares* passou-se na colonia um caso engraçado. O *paguimegéra* cujo nome na tribu era Moguiocuri, indio de agigantada estatura, que nunca deixou a colonia, muito dedicado ao director o tenente Duarte, e por este muito estimado, deu profundo golpe de machado em um pé, sobrevindo-lhe forte hemorrhagia. Levado para o seu rancho, foi chamado o *bare*, que, não achando meio de fazer estancar o sangue, declarou que o ferido morreria.

Informado do caso, o director, que ignorava o accidente de que Moguiocuri fôra victima, foi vel-o. Achou-o quasi desfallecido, cadaverico e já rodeado do sinistro cortejo. Tomou-o e levou-o em braços para a casa da directoria, onde havia uma ambulancia a cargo de um pratico de pharmacia, enfermeiro e curandeiro—uma especie de *bare* civilizado, que lia e escrevia—pago por conta da colonia. Feitas as ligaduras conforme requeria o caso, conservou e tenente o pobre *paguimegéra* no seu proprio aposento, pondo para fóra e prohibindo que lá voltasse a sucia que havia acompanhado o enfermo, na esperança de o ver morrer. Passados quatro dias sem

---

[1] Devo aqui corrigir o que a este respeito eu disse no artigo anterior; e não o faço, no corpo deste porque já se achava entregue a redacção da *Revista* quando encontrei o Sr. alferes J. Augusto Caldas, da guarnição de Mato Grosso, donde acaba de chegar, e que, como cadete sargento, fizera parte do destacamento da colonia *Thereza Christina*, ao tempo do tenente Duarte. Diz elle que os Bororós desenterram os seus mortos, não dias depois de enterrado, como me haviam informado, mas quando o cadaver já se acha em decomposição. Nesse estado o levam para o rio, onde separam e lavam os ossos, que em seguida envolvem em uma pequena esteira, que conduzem para lugar determinado em cada aldeiamento. Ahi abrem uma cova em que a collocam coberta de flores, fechando a mesma cova com um estivado de varas, em que não mais tocam.

Como se vê não usam de urnas; sendo, portanto, exacta a affirmativa do indio Antonio, que encontramos no Tucum, de que o cemiterio ali existente não era de Bororó.

que do estado delle houvesse noticia no aldeiamento, onde muitos já o tinham por morto, eis que elle se apresenta apoiado em um bordão, alegre, satisfeito e até galhofando da sciencia do *bare*, que ficou furioso, tanto mais por que os outros, tomados a principio de admiração, passaram a partilhar da galhofa.

O *bare* affirma que Moguiocuri ha de morrer: e á duvida opposta pelos companheiros replica que, si Moguiocuri não morrer, elle o matará. E irado, pega do seu arco e desapparece embrenhando-se pelo mato.

Este facto produziu effeito benefico.

De então por diante, quando alguem adoecia ou tinha o filho doente ia ao director:

— Duarte, *jôrobucaro* (remedio).

E si o director, por gracejo dizia-lhe que fosse procurar o *bare*:

— *Baiquimo* (não) respondia.

Não realizou o desprestigiado *bare* a ameaça de matar Moguiocuri, a quem não mais appareceu. Quem o matou foi o sarampo, que desenvolveu-se na colonia, fazendo numerosas victimas. [1]

---

[1] A dedicação desse indio ao tenente não exprimia puramente uma affeição pessoal.

Moguiocuri, no dia em que á frente dos seus e conduzido pela boa Rosa, *firmou* tratado de paz com a entrega do seu arco, pela forma referida na *Revista* de 15 de Maio, já citada, no que foi imitado por todos os outros, procedia como representante da sua tribu ou nação, em nome da qual tratava, na ausencia do chefe geral—o *taguimegêra* que, por muito velho e ser o seu aldeiamento muito longe, não pudera ir logo apresentar-se, o que faria mais tarde, dando porém, por valioso tudo quanto fizesse o seu substituto.

Esse chefe, entretanto, nunca appareceu na colonia; e por ditos indiscretos de alguem que o conhecia pessoalmente, descobriu-se que, não pela idade, mas pelo facto de não ser indio, fugia de apresentar-se ao *braide* para não revelar a sua origem.

Com o tempo, Moguiocuri, sempre animado pela Rosa, acompanhou de uma vez o tenente a capital, onde foi baptisado, tomando o nome de Alvaro, que era o do presidente da provincia, e que foi seu padrinho.

Arranjaram-lhe um chapeu armado, uma espada, um par de dragonas de retroz, tudo da guarda nacional e muito velho e brindaram-n'o com esses objectos. Aos olhos de Moguiocuri significava esse brinde o que chamariamos *ratificação* do tratado e o reconhecimento de sua autoridade suprema na tribu.

De volta a colonia prenderam-lhe as dragonas aos hombros, enfiaram-lhe o chapeu e fizeram-n'o empunhar a espada com a lamina cahida sobre o hombro direito, e assim apresentou-se elle aos companheiros. De então por diante, sempre que o tenente ia ao aldeiamento, o que fazia diariamente, quer para assistir á distribuição de generos ou de brindes, quer para receber novas turmas

VIII

Os Bororós amam muito os filhos. As mulheres, principalmente, são tão extremosas em seus affectos que nunca os castigam, nem mesmo os contrariam, criando-os desobedientes e tão afoutos que, quando se enfurecem, arranham-n'as, batem-lhes, atiram-lhes pedras, etc. E' dessa creação sem correctivo, defeituosa, commum entre os silvicolas, que vem o caracter indomavel do indio.

Pelas mulheres, afastadas de todas as festas, brinquedos e reunião dos homens, e encarregadas dos trabalhos e serviços reputados vis, não têm mais os Bororós aquella terna dedicação de que fala Southey. O systema por elles adoptado para punir as culpadas de infidelidade é o mais esquisito que se póde imaginar.

Em todos os aldeiamentos ha uma casa — de palha, está entendido — fechada por todos os lados e apenas com uma porta muito baixa. E' o arsenal, onde os indios depositam as suas armas e guardam os seus artefactos, onde se reunem e realizam os seus conciliabulos e festins, e até onde preparam e cozinham a comida, de modo que o ar ali é tão viciado e nauseabundo que só o indio habituado a elle póde aspiral-o sem risco de ficar asphyxiado. Nessa casa não penetram as mulheres, salvo a adultera que tem de ser punida.

O marido leva-a e entrega-a a concupiscencia dos companheiros que infligem-lhe *o castigo* devido, em presença delle, pois que só elle é quem o faz cessar quando julga que a sua honra já está desaggravada. Volta, então, com a mulher banhada em pranto e acabrunhada, e restabelece-se a paz no lar com inteiro esque-

---

de indios que chegavam, e manter certa ordem, Moguiocuri julgava-se na obrigação de o acompanhar, como seu ajudante de ordens, *uniformizado*, isto é, de espada, chapeu e dragonas, mas sem nenhuma vestimenta, pois não se ageitava bem com a roupa que lhe haviam dado. Essa sua assiduidade no serviço era proveitosa ao tenente, que, por intermedio da Rosa, fazia recommendações e prescrevia providencias que elle finalmente observava e fazia cumprir pelos seus, revestido de tal seriedade e sobresenho, que á custo podiam os soldados presentes conter o riso.

Nasceram desse contacto no serviço a dedicação delle ao tenente e a estima que este lhe votava; além de que Moguiocuri era um caracter leal, e tinha disposição para o trabalho, o que não acontecia com os outros.

cimento do passado, por parte delle ; della, não, porque a punição soffrida é de grande effeito moral para ser esquecida.

Uma das cerimonias curiosas praticadas pelos Bororós, e que tomam caracter de festa no aldeiamento, é o reconhecimento da puberdade dos rapazes. O assumpto porém, não comporta por amor da decencia, discripção minuciosa.

De vespera, o *recipiendario*, si não tem familia ou amigos que lh'os offereçam, prepara elle mesmo os enfeites de pennas com que tem de guarnecer os quadris e o femur de ambas as pernas, além de outros que póde levar ao pescoço. Cercado de quasi todos que compõem o aldeiamento — excepção feita das mulheres que ficam a olhar de longe — elle é apresentado a um a quem poderiamos chamar o « padrinho, » quasi sempre é o *bare*.

Este, *applica-lhe* um annel, ou antes um pequeno canudo de forma afunilada, a que chamam *bá*, feito com cuidado e arte, da casca fibrosa de uma certa arvore. O acto é recebido com vivos applausos, e o rapaz que até aquelle dia se tem conservado em completo estado de pudicicia, fica armado cavalleiro e habilitado a atirar-se ás aventuras galantes — si é que a galanteria jamais foi praticada por selvagens—que dantes não lhe seriam permittidas. Os amigos offerecem-lhe, por sua vez *bas*, que vão sendo enfiados em um cordel e elle os põe ao pescoço como rosario.

A cerimonia póde abranger mais de um, muitos rapazes mesmo, seguindo-se então uma marcha em torno do aldeiamento, indo o povo masculino na frente com ruidosas pocemas, eos novos *cavalleiros* atraz, guardando certo intervallo e caminhando com tamanha compostura e seriedade, com os quadris e coxas ornadas demodo a chamar a attenção, que expressa bem a importancia que ligama similhante acto, o mais solemne e de maior alcance para a sua existencia.

Todos esses costumes hão de ir sendo expurgados com o tempo e com a nova organização que vai ter o serviço da catechese, confiado agora aos padres Salesianos e irmans da mesma ordem, que, segundo as ultimas noticias, acabavam de chegar a Cuyabá e para a colonia haviam seguido.

Acertada providencia tomada pelo governo do estado de accordo com o prelado diocesano, e promettedora de grandes resultados.

General Mello Rego

A CONSCIENCIA

A proposito do capitulo *Consciencia* do livro do Sr. Fausto Cardoso intitulado *Introducção ao Cosmos do Direito e da Moral*

Ha muito tempo que acostumei-me, ouvindo o coro unanime dos psychologistas, a considerar a consciencia como um phenomeno psychico difficillimo de comprehender em sua essencia, e que fugia diante das perscrutações dos mais abalizados philosophos. Assemelha-se a sphinge que guarda um silencio profundo no que toca á sua natureza, si bem que deixe entrever pelos espiritos privilegiados as condições que a cercam em suas manifestações.

Ha quem pretenda definir a consciencia, mas « todos os ensaios deste genero, como escreve Wundt, [1] conduzem a periphrases tautologicas ou a designações das actividades percebidas na consciencia, as quaes justamente por isso não são a consciencia, mas a suppõem.

O livro do Sr. Dr. Fausto Cardoso, espirito lucido que honra a geração moderna, acenou-me com a doce esperança de ver resolvida, com honra para o nosso meio scientifico a questão que se me afigurava irreductivel. Bebi com soffreguidão aquellas linhas cheias de uma eloquencia natural, e a cada palavra que me passava diante dos olhos, refutando com vigor seguro as opiniões dos proceres da psychologia evolucionista, eu adivinhava que ia chegar o momento supremo em que saltasse de si mesmo, espontaneamente, como a conclusão que decorre logicamente de suas premissas, a definição e a descripção da natureza da consciencia. Mas fiquei como dantes; pareceu-me que a consciencia foi mais uma vez o « cachopo de encontro ao qual se quebraram impotentes as theorias » que para ella

[1] Psychologie physiologique.

pretendeu traçar o Sr. Dr. Fausto Cardoso. A consciencia continúa a ser o grande « enigma da psychologia » [1]

Vejamos qual é a essencia da maneira de pensar do Sr. Dr. Fausto Cardoso, acerca da consciencia. A primeira affirmação sua é que a consciencia é uma relação.

« A razão consiste simplesmente em tomar-se a consciencia como uma causa, como o fazem os idealistas, ou como um effeito, como fazem todos os outros, que directa ou indirectamente, se occupam do assumpto phrenologistas, physiologistas, psychologos, psychiatras e philosophos : — quando a verdade é que ella nem é causa, nem forma, nem phenomeno, nem superphenomeno, mas simples e exclusivamente uma relação. » (Pag. 57.) Mais adiante o illustre professor escreve : « E ou se comprehende o espirito como relação entre as idéas ou de outra sorte, elle será sempre irreductivel e não será possivel fazer-se a luz no dominio da psychologia. » (Pags. 58 a 59).

Um pouco além, continúa, como mais uma contribuição ao esclarecimento do assumpto : « Da coexistencia das formas sideraes nos espaços infinitos resultam relações necessarias que se traduzem nesta harmonia celeste, que se chama gravitação ; da coexistencia das formas mentaes, isto é, das impressões, das sensações, das percepções, das noções, das idéas, das paixões, dos sentimentos, de todos os elementos, em fim, emotivos e logicos, relações necessarias se derivam, que se traduzem, neste equilibrio psychico, que caracteriza todos os seres, nesta harmonia subjectiva que se chama consciencia. » (Pag. 61). Continúa ainda o illustrado professor : « E, assim como o pensamento humano chegou ao verdadeiro conceito da harmonia physica como uma relação necessaria derivada da coexistencia das formas, assim ha-de, do mesmo modo, chegar ao verdadeiro conceito da consciencia comprehendida como a harmonia resultante da coexistencia das idéas, isto é, como uma relação. »

Com estas affirmações o Sr. Fausto Cardoso acredita ter demonstrado o que é a consciencia em sua essencia geral, e, por isso, fere logo a nova face do assumpto a que os psychologos denominam consciencia de si mesmo ou do eu. « A *magna questão* da psychologia não é essa consciencia resultante da coexistencia das sensações, das

---

[1] *Fausto A. Cardoso, Introducção ao Cosmos do Direito e da Moral.*

imagens, das idéas, dos elementos logicos, que se originam da realidade objectiva e que nós comprehendemos como uma relação, mas essa outra consciencia que a philosophia usual denomina conscieneia do eu, pensamento consciente de si, ou mais verdadeiramente, consciencia somatica. Este problema é que constitue o *punctus saliens* de todas as controversias. Como comprehendel-a ? como explical-a ? »

O Sr. Dr. Fausto Cardoso passa a emittir o seu modo de resolver este intrincado problema, e termina por estas asserções,—que a consciencia tem forma diversa conforme a harmonia resulta da coexistencia dos phenomenos psychicos ou da successão desses mesmos phenomenos no tempo. Neste ultimo caso nós temos a consciencia do eu. D'ahi em diante vem a demonstração do que vem a ser o *eu*, como elle se forma sob o influxo do mundo physico reagindo successivamente sobre o organismo, e como finalmente o *eu* assim formado póde se tornar objecto de pesquizas subjectivas. Para terminar o estudo da consciencia do eu, o Sr. Dr. Fausto Cardoso, assim se expressa : — « O *eu*, este constante *devenir* do mundo psychico, vai, em suas diversas phases — que a psychologia actual denomina estadios de consciencia — tomando formas no espaço mental, de modo a estar sempre *presente* ; e assim as duas categorias mentaes — a da coexistencia e a da successão, se confundem em um só facto de unidade e de equilibrio psychico, assim como a coexistencia e a successão objectiva se confundem no facto unico da unidade e da harmonia physica. »

Esta é a essencia da theoria de Fausto Cardoso.

Vejamos agora seus pontos vulneraveis. A primeira cousa que me impressiona em todo o seu capitulo da *Consciencia*, é a falta de provas dos seus assertos. Naturalmente é uma questão de educação : meu espirito formou-se no estudo das sciencias de observação, onde tomou como norma jamais aceitar affirmação *á priori*, mas só aquellas que decorressem naturalmente da escrupulosa observação dos factos, quer estes se apresentassem espontaneamente quer provocados pela experimentação. Ora o que me causa reparo em toda a longa exposição do autor, é que em nenhum caso elle firmou-se em um facto de observação, e se o seu modo de conceber a *Consciencia* brotou em seu espirito em consequencia da ponderação de qualquer facto importante, elle não nol-o diz, nem ao menos deixa perceber.

A analogia que invoca com varios outros phenomenos do mundo physico não constitue uma prova ; não passa de uma figura de rhetorica empregada para melhor gravar no entendimento a maneira pela qual elle concebe o arranjo do mundo subjectivo.

Mas não façamos questão do methodo seguido pelo autor, e experimentemos ir além. Novo tropeço depara-se-nos, e este de natureza a enlear não somente o critico, mas até o proprio autor. Refiro-me á extensão que o Sr. Dr. Fausto Cardoso dá ao termo consciencia e ao sentido em que o toma.

Por um periodo de sua exposição, pareceu-me que, de accôrdo nisto com alguns autores modernos, elle dá o discernimento como synonimo de consciencia. E' só dest'arte mesmo que se póde dar ao termo a latitude que lhe deu Heckel e que o Sr. Dr. Fausto Cardoso defende. Todo ser vivo que reage diante de uma solicitação externa deixando entrever uma certa coordenação possue uma consciencia ; assim fala-se na consciencia da ameba, das monéras, das gregarinas, etc.

Estes protozoarios, constituidos por uma massa protoplasmatica de organização muito rudimentar, reagem de uma certa maneira aos agentes physicos. No meio dos corpusculos que nadam em torno delles no liquido que os contém, elles envolvem em sua massa protoplasmatica alguns, digerem a outros, expellem de novo aquelles que não são aptos á sua nutrição, etc. Em todos estes actos descobre-se uma certa *consciencia*, que dirige todas as manifestações vitaes.

Sem, todavia, negar os factos, eu reconheço que esta coordenação consciente que os naturalistas descobrem nos protozoarios e que alguns querem baptizar com o epitheto brilhante de consciencia não são peculiares ao reino animal. Todos conhecem que entre plantas, si se quizesse levar até ao rigor a analogia dos factos, encontram-se tambem phenomenos muito bem observados, que podiam para si reclamar o mesmo termo pomposo. Para citar apenas um exemplo, recordarei a *Dionæa muscipula*, esse vegetal carnivoro, que tem a propriedade de fechar sobre a nervura mediana os seus limbos bordados de espinhos, para aprisionar insectos incautos que pousam sobre ella, e não se expande sinão quando a victima cessou de viver. Começa então a digestão e a absorpção do repasto.

Ao envés de uma mosca, colloquemos sobre a folha um fragmento de argila, um pequeno seixo, o vegetal que tem *Consciencia*

que seixo não lhe serve para a alimentação, deixa-se estar e não o digére ; ella procede com discernimento ; logo é licito falar na consciencia da *Dionœa*, na consciencia do *Helianthus*, etc.

Como nega-se á ameba a memoria, naturalmente, na theoria do Dr. Fausto Cardoso, não se concederá a esse protobio a consciencia somatica ou de si mesmo, porquanto esta é a consequencia da relação na successão no tempo e a ameba não tem a capacidade de armazenar suas impressões anteriores e vive da vida actual.

Mas para que dar tamanha latitude ao termo consciencia ? Não seria mais pratico e mais natural seguir nesta questão a maioria dos psychologistas, que recebem este conceito tal qual o havia ensinado o grande Leibnitz ?

Dest'arte ficaria mais restricto o terreno da consciencia e ella seria então identica a esta consciencia do eu que o Sr. Fausto Cardoso considera como o *punctus saliens* das controversias philosophicas.

Tenho muita tendencia a admittir a consciencia sómente nestes actos em que o eu comparticipa do processo psychologico que o origina.

Em todos os processos psychicos o cerebro é centro de correntes nervosas que se originam pela impressão do mundo ambiente sobre nossos sentidos e que partem do cerebro para o exterior de uma maneira intermittente, e de correntes nervosas que nascem no proprio organismo, nas diversas visceras, musculos, membranas, procuram os centros cerebraes, donde emanam tambem outras correntes para outros orgãos.

Estas, porém, ao contrario das primeiras, são constantes, permanentes, e, por isso mesmo, passam despercebidas si nenhuma perturbação as altera. O eu é a consequencia desta cenesthesia : através da continua mutação das representações objectivas que constituem a primeira categoria, ha um quer que seja em nós que permanece sempre o mesmo, immutavel e ao qual nós referimos as impressões varias que nos assaltam : esse quer que seja é o eu. O eu, portanto, para mim não é esse « *devenir* constante do mundo psychico. » Como condição da consciencia o eu normal é tambem a causa da unidade da consciencia. Dest'arte o individuo consciente póde se reconhecer nos varios periodos da sua existencia e como o theatro dos acontecimentos que pontuaram a sua vida.

Insisto na immutabilidade da consciencia normal, na unidade que resulta desta immutabilidade, porque a cenesthesia nos casos

pathologicos póde de tal maneira alterar a personalidade, que o individuo não se reconhecendo mais, acredita-se transformado, e crêa um novo eu e, por isso mesmo, uma nova consciencia,

E' d'esta maneira que se explicam os casos hoje já universalmente conhecidos, de dupla consciencia com desdobramentos de personalidade, ou melhor com substituição de personalidade. As correntes nervosas que constituem a cenesthesia levam impressões novas ao cortex cerebral, impressões ás quaes o individuo não estava habilitado, de sorte que o fundo que constituia a sua personalidade normal não póde mais se coadunar com ellas e o resultado é a manifestação da nova personalidade inteiramente diversa e independente da normal, com sua consciencia tambem diversa e independente, a tal ponto que as duas entidades psychicas não se reconhecem sinão nos estados similhantes. Ahi estão os casos de Azam e de Charcot.

A consciencia suppõe sempre a personalidade, — o eu —: por isso parece sempre extranho conceber que um individuo actue conscientemente, se elle não tem plena convicção que é o seu eu que está agindo em estado de consciencia.

Examinai essa estupenda personagem de lady Macbeth, que se levanta em somnambulismo, os olhos largamente abertos, andar firme, dirige-se para lavar-se das manchas de sangue que a sua imaginação allucinada faz-lhe descobrir nas mãos e nos vestidos, repete frases que parecem denunciar a existencia de um crime nefando, e volta ao leito a dormir o seu somno entrecortado por este parenthese de uma profunda philosophia.

Os movimentos são perfeitamente coordenados, as manifestações psychicas appareceram em grande apparato, naturalmente guardaram *relações* entre si, mas o individuo declara que não teve consciencia de haver praticado essa serie de scenas tão commoventes e complicadas. Isto não é uma simples imaginação de poeta; é a copia fiel do que se observa na pratica de molestias nervosas.

Examinai agora de outra parte um lypemaniaco simples ou delirante. Encontrareis uma profunda desordem em seus sentimentos affectivos predominando uma enorme depressão: um cunho de tristeza envolve todas as suas percepções, de sorte que o mundo ambiente lhe apparece como um verdadeiro *valle de lagrymas*; os processos psychicos deixam de ter aquella harmonia que antes

guardavam entre si; o real subjectivo não corresponde mais ao real objectivo: ha uma verdadeira *desordem na relação* que guardam os elementos psychicos uns com os outros; entretanto o individuo tem plena consciencia do que se passa em si, assiste como um espectador as scenas que se desdobram diante dos *olhos de sua consciencia*, mas não póde intervir no curso das manifestações morbidas.

Direis talvez que embora perturbados ou desordenados os elementos psychicos, elles ahi se achavam todos para poderem guardar relações mutuas, embora anormaes. Si a consciencia é a relação entre os phenomenos psychicos, ella deve parecer anormal quando anormal é a manifestação desses phenomenos. E essa anomalia póde decorrer não só quando ha desordem entre os phenomenos mentaes,mas ainda quando ha depressão ou desapparecimento de alguns desses phenomenos. Recordai-vos do grande Southey, poeta inglez que nos ultimos tempos de sua existencia foi acommettido de demencia senil. Assistia desolado a queda de um por um de seus dotes psychicos: a imaginação entibiou-se, os sentimentos affectivos foram se arrefecendo até a completa apathia, chegou a vez tambem da memoria; as cousas mais banaes lhe escapavam e o venerando poeta em o auge do desanimo batia na fronte, cerrava as palpebras como querendo concentrar todas as ultimas forças de sua intelligencia, mas não conseguindo o que desejava, exclamava compungido: « Memory! memory! where art thou gone!»

Entretanto por maior que fosse a devastação de seus elementos psychicos e portanto das relações que deviam entre ellas existir, Southey achava-se perfeitamente consciente.

Diante de todos estes factos posso eu admittir que a consciencia seja uma simples relação entre os factos psychicos? Posso eu admittir que a consciencia é ainda, como diz o autor do « *Cosmos do direito* », uma relação entre as idéas, depois que a psychologia já determinou com precisão as leis das associações das idéas?

Deixemos ainda aberta a questão, e que cada um faça como Fausto Cardoso: ponha o seu talento ao serviço da resolução do problema mais difficil da psychologia. A louvavel tentativa do illustrado escriptor não me parece ter logrado attingir o fim almejado. Continuemos a trabalhar, não desanimemos.

DR. MARCIO NERY

A REVOLUÇÃO CHILENA

E A

QUESTÃO DA AMERICA LATINA

Joaquim Nabuco, *Balmaceda*, in — 16, Rio de Janeiro, Leuzinger, Ouvidor 31 e 36, 1895, v—225 pags.

O livro do Sr. Joaquim Nabuco não é apenas mera recensão do do Sr. Bañados Espinosa. Nelle se não limitou o autor a resumir os dois ponderosos volumes do apologista de Balmaceda,[1] embora essa tarefa fosse já de si ardua e util. Dos raros espiritos que entre nós preoccupam as questões sociaes, profundamente influenciado pela intuição ingleza não só no modo de vel-as e tratal-as, sinão tambem no proprio interesse que ellas lhe despertam, verdadeiramente apaixonado pelas idéas geraes da politica e da sociologia, não podia o Sr. Nabuco restringir-se a esse trabalho relativamente secundario. A ultima crise chilena devia forçosameate attrail-o, offerecendo-lhe a occasião de estudal-a nos seus antecedentes e consequentes, na sua significação politica e social, para esta parte da America e ainda nas suas relações, mesmo remotas, com as nossas instituições. Dando entretanto uma prova da superioridade do seu discernimento, o Sr. J. Nabuco evitou, tanto quanto lhe era possivel, a facil vantagem das comparações que lhe não eram precisamente impostas pelos factos ou considerações com que os commentava. E

[1] *Balmaceda, su Gobierno y la Revolucion de 1891.*

não nos dissera elle, franca e lealmente, o seu monarchismo irreductivel, quasi não veriamos nessas paginas, tão honestamente pensadas, sinão um espirito liberal, estranho aos fetichismos politicos, que o problema humano, especialmente o problema americano e particularmente o problema brazileiro, interessam e preoccupam.

Este é, a meu ver, o valor deste livro, cuja philosophia, si não é demasiado pretencioso o termo, resumiu o autor no capitulo final sobre a «Questão da America latina.» O Sr. Joaquim Nabuco é seguramente um dos nossos raros pensadores, neste sentido, que é entre os nossos escriptores que tratam as questões politicas e sociaes com preoccupações artisticas e literarias, um dos poucos que têm mais que palavras, frases e citações, pensamentos que se sentem proprios, reflexões e observações que são suas, apreciações e conceitos cunhados pela originalidade. Assim este seu livro, embora feito sobre o do Sr. Bañados Espinosa, quasi toma a feição de um livro proprio, cujo valor está menos no que lhe forma o essencial — o historico da revolução chilena — que no cabedal do autor : a apreciação della e as idéas que essa crise lhe suggere.

I

Chan e lealmente confessa o Sr. Joaquim Nabuco que o seu livro « não é um estudo critico, é propriamente um resumo da obra de Espinosa concluindo todavia pela these contraria »; que faltava-lhe « competencia em assumptos chilenos para repellir ou alterar as premissas historicas e politicas assentadas pelo defensor de Balmaceda»; que as suas conclusões « não são definitivas, e apenas o que para si, « transparece com a maior evidencia da versão do Sr. Bañados e do proprio Balmaceda e que muitos desses juizos poderiam modificar-se pelo conhecimento directo do Chile, dos seus homens, do seu estado social »; que chegou « apenas a um juizo provisorio, sujeito a revisão». Como agrada e consola aos espiritos verdadeiramente livres, ouvir neste meio de pretenções a infallibilidade, de dogmatismos e de presumpções de innerancia, estas palavras de duvida, esta suspeita do proprio julgamento a que tão deshabituados andamos !

Resumindo o livro do Sr. Bañados Espinosa, o Sr. Joaquim Nabuco, esboça rapidamente a vida e o passado politico de Balmaceda,

procurando mostrar, ao envés da these daquelle autor, que o seu presidencialismo foi antes um expediente de politico que uma convicção de estadista. Não sei si este não será um dos juizos do Sr. Nabuco merecedores de revisão. Parece-me que elle simplifica demais este ser eminentemente complexo que é o homem, no typo de Balmaceda, oppondo ao procedimento e ás palavras ulteriores delle, o seu papel de parlamentar e o seu dythirambo ao Chile e á sua organização politica (p. 50).

Toda a questão para mim está em conhecer e definir com precisão o que eram no Chile, na occasião do advento de Balmaceda a olygarchia chilena e o partido liberal do qual era elle um dos chefes mais proeminentes. Isso confessa o Sr. Nabuco que não sabe bastante, e eu não preciso dizer que sei ainda menos. O que, porém, todos nós mais ou menos sabemos é que o Chile era principalmente governado por uma olygarchia poderosa, esclarecida, eminentemente culta, liberal talvez, e influente. Isto mesmo reconhece em mais de um lugar o Sr. J. Nabuco que escreve sobre a olygarchia uma pagina fortemente pensada (190—192). O governo do Chile, diz-nos elle—não era uma democracia que tivesse associado ás massas á vida politica do paiz. »

Essa olygarchia que historicamente representa no Chile o mesmo papel que a monarchia representou no Brazil, o de assentar em bases solidas a nacionalidade e deixal-a unida e consolidada, governou o Chile de 1833 a 1861, apoiada na propria fortuna, no clero e nos sentimentos conservadores das classes que a tudo preferem a ordem e a tranquilidade. Não é admissivel que este longo reinado de uma mesma classe — e não sei si tratando-se do Chile se não pudera dizer uma casta — não trouxesse comsigo abusos e vexações e conseguintemente descontentamentos que acabassem por fraccionar um corpo menos unido talvez por convicções que por interesses e instinctos communs. E foi o que succedeu: não só ao lado do partido conservador, e delle proprio, póde-se dizer, se foi gerando o partido liberal, como aquelle se dividiu, ou antes se formou, em tres grandes grupos e este em quatro. Era mais que natural, era fatal, que os mal satisfeitos com a politica dessa olygarchia e os descontentes por a sentirem fechada e hostil, se ligassem contra ella, e apoiando-se na massa popular, nos elementos anarchicos que toda a sociedade encerra, sempre promptos ao

ataque do poder e da autoridade, começassem a obra de mina contra ella. Dadas as condições do Chile, taes quaes nol-as descreve o Sr. J. Nabuco segundo o Sr. Bañados, quasi podemos concluir *a priori* que ali devia existir latente ou manifesto o antagonismo entre o que lá chamam a «sociedade» e o que se poderia chamar a sociedade nova. As *nouvelles couches* de Gambetta se deixam advinhar em similhante constituição social.

Este facto o proprio Sr. Nabuco reconhece quando affirmando a «dissenção na olygarchia» que enfraquecia o exclusivismo do seu dominio e abria espaço a novas aspirações», diz que «as circumstancias faziam assim do balmacedismo o nucleo de uma nova fundação politica». Balmaceda, é certo, saía daquella «sociedade» pertencia áquella olygarchia, á qual na fragmentação dos partidos deveu tambem a sua eleição. Pelo seu temperamento e educação, pertencia bem a essa classe orgulhosa e dominadora, á essa «aristocracia parlamentar» como lhe chama o Sr. Nabuco, que governava o Chile — e pela tenacidade, pelo orgulho, pela energia com que se portou no governo antes e durante a revolução, accentuou mais a sua origem.

Que importa, porém, isso? São que farte os exemplos dos individuos que saem fóra de sua classe ou de sua casta para esposar a causa a ella contraria. Pode-se dizer que, em geral, esta despreoccupação da classe é até prova de superioridade. A Inglaterra de hoje dá-nos, com as differenças e as relatividades inherentes ao seu caracter, mais um exemplo em lord Roseberry fazendo-se o campeão da luta contra a camara dos lords.

Não affirmo que Balmaceda tivesse propositalmente assumido o papel de chefe dessa reacção contra a olygarchia chilena, e si houvesse dado conscientemente a missão historica de, mediante uma completa revolução no systema politico até ahi em vigor, garantir ao seu partido o exercicio do poder, e substituil-o por uma vez aos conservadores dos quaes não só elle mas muitos dos seus vinham tambem. Não affirmo isso, mas quando me convenço que essa reacção era fatal e pelo proprio fraccionamento dos partidos se via que se estava operando, pendo a crer que Balmaceda tenha sido o homem daquella idéa. Não discutirei si elle teve desde o principio o intuito de, servindo-se da presidencia, realizal-a. Quero crer mesmo qne não e que os acontecimentos forçaram-lhe a mão. Devemos, porém, não esquecer que

por via de regra são os acontecimentos que dirigem os homens e não que são por elles dirigidos. Voluntarioso,como sempre se mostrou, a opposição que logo entrou a encontrar no Congresso devia ter sido um motivo a mais para fortalecer-lhe a convicção da inconveniencia da organização da sociedade e da politica chilenas. E a prova disto parece-me estar em que elle chega ao poder com um programma do qual devia sair um partido novo, que seria o seu, e que lhe serviria para conseguir a independencia do poder executivo. Esse programma, exposto pelo seu ministro Ibanez logo em principio de 1890, em um banquete politico, revela em Balmaceda a intenção manifesta de reformar menos talvez a constituição escripta do Chile, que esta, como veremos, elle a tinha incontestavelmente por si, que a sua constituição social e sobretudo as praxes governatívas do paiz.

O Sr. Nabuco não é dessa opinião, e não quer ver nos actos de Balmaceda contra o Congresso sinão uma repetição da « historia toda sul americana: emprehender a dictadura para eleger o seu successor e vincular a presidencia da republica no seu partido », e verá no presidencialismo de Balmaceda um expediente politico, um recurso de ultima hora. « Elle não queria entrar na historia, diz o Sr. J. Nabuco, sem uma legenda: « esta seria a do governo presidencial contra o parlamentar. Estava ahi a sua justificação aos olhos de um numeroso partido, e um dia, esperava, aos olhos do paiz. Quando o Chile mudasse o eixo das suas instituições seria elle proclamado o fundador da segunda republica. » A força de querer descobrir os moveis da acção de Balmaceda e de explicar-lhe os derradeiros actos nesse momento da crise chilena a que denominou « A tragedia », o Sr. Nabuco deixou-se trair pela sua intelligencia. Si Balmaceda ao matar-se morria convencido que o Chile mudaria no sentido do regimen presidencial « o eixo das suas instituições », e fazia disto um elemento da sua justificação, mais, da sua glorificação futura, somos forçados a admittir a sinceridade das suas convicções. Não fossem taes elle não escolheria essa possibilidade para, como diz o Sr. Nabuco, « terreno em que prefere ser enterrado na historia do Chile » nem comporia com ella « o seu epitaphio politico. » E o Sr. Nabuco acaba reconhecendo ser « incontestavel que a elle Balmaceda pertence a iniciativa desse movimento retrogrado » de substituir pelo systema Norte-americano as instituições chilenas. Observa, é certo, que a

revelação da excellencia de tal mudança «só na presidencia mesmo lhe foi feita.»

A genesis desta opinião de Balmaceda não me parece bem claramente exposta no livro do Sr. Nabuco, e essa genesis é talvez o ponto capital para a apreciação de Balmaceda. A mim parece-me que das palavras e actos logo do inicio do seu governo, seus e dos seus amigos e ministros, se póde concluir que elle trazia para o poder a intenção de reformar o Chile, em proveito seu ou do seu partido não importa, mas de reformal-o, e isto resulta evidentemente da sua Mensagem na abertura do Congresso, de 1 de Junho de 1890.

No ponto de vista strictamente legal, e isto o Sr. Joaquim Nabuco não indicou sufficientemente, comquanto de passagem pareça reconhecel-o, creio que a razão estava com Balmaceda. A Constituição chilena no seu artigo 82 dava ao presidente o direito de «nomear e demittir livremente os ministros do gabinete» o que não é propriamente o regimen parlamentar. Este regimen, porém, no que tem de essencial, a intervenção do poder legislativo na nomeação e demissão daquelles funccionarios, parece que, como a nós nos succedeu no imperio, se tinha introduzido nos costumes e, digamos assim, incorporado á constituição não escripta daquella republica. A um correspondente do *Times* que lh'o observava, contestava Balmaceda com energia «que não era certo, que não era aquelle o caso.» «Nada fiz, disse elle que não tenha sido mil e mil vezes feito pelos meus predecessores. Esta theoria de um governo parlamentar é uma idéa nova, um mero pretexto de facções descontentes para chegar a seus fins. Sou o primeiro representante do partido liberal que já occupou a presidencia. Desde 1833 a aristocracia tem o monopolio della e até a minha eleição os poderes presidenciaes não foram jamais postos em questão. Demais, quando fui investido nella prestei um juramento de manter a Constituição exactamente, sem attenção a allegados precedentes ou theorias philosophicas. O Congresso, pelos termos expressos dessa constituição, não tem mais direito de ditar-me que ministros devo escolher, que de ordenar-me o que devo comer ou vestir.» [1] Si o jornalista inglez reproduziu fielmente sinão as palavras os pensamentos de Balmaceda, tem razão o Sr. Nabuco applicando a este o epitheto de Antonio Carlos de *theorista crú*. Mas um

[1] Maurice H. Hervey, *Dark days in Chile*, London, 1891-92.

theorista que em verdade tinha por si a theoria. O erro ou crime de Balmaceda —em politica só são criminosos os vencidos— não é absolutamente um delicto contra a legalidade, que de direito estava com elle, mas verdadeiramente uma dessas faltas ás quaes cabe o dito tão espirituoso quanto profundo de Talleyrand, peior que um crime, foi um erro. Erro tremendo que valeu ao seu paiz dias tristissimos que mesmo com sacrificio de principios e de crenças um verdadeiro estadista deve poupar ao seu, quando esse sacrificio, e era o caso, não importe no da liberdade, da honra ou da integridade da patria. Erro ainda mais grave no stricto ponto de vista politico, porque, e neste ponto parece não haver duvida, a opportunidade dessa transformação não era reconhecida, nem ella tinha sufficientemente amadurecido nos espiritos. Tental-a era, mais que violar a regra politica do Chile, violar a vontade nacional. «A sua defesa, reflecte o Sr. Nabuco, póde ser radical, democratica, scientifica, como se queira, mas não póde ser historica, conservadora, constitucional, sobretudo tomando-se a constituição como a somma das conquistas tacitas feitas pelo espirito das instituições sobre a letra do foral.» Sim, porque a « letra do foral» era por Balmaceda.

O Sr. Nabuco duvida da legalidade de Balmaceda. Neste ponto sente-se entretanto que a sua convicção é vacillante e recorre sempre a formulas dubitativas. Condemna-lhe francamente a teimosia e não hesita em dar-lhe o odioso papel de provocador da guerra civil. « A intransigencia mesmo do poder legitimo escreve elle, não póde ser levada sem crime até o exterminio do paiz. Os chefes de estado têm o direito (o autor podia acrescentar : e o dever) de defender a sua autoridade legal, —não era o caso de Balmaceda— mas esse direito não vai ao ponto de accumular por toda parte ruinas sobre ruinas, de arrazar a sociedade, de proscrever a opinião opposta, de privar a nação do direito de se inclinar para o lado contrario e dos meios de gritar pela paz. »

E' difficil decidir nesta questão antes moral que juridica, e dizer até onde vai o direito da resistencia. Eu estou com o Sr. Nabuco e não creio, para empregar a frase que nós liberaes nos esfalfámos a condemnar nos jesuitas, não creio que « os fins justifiquem os meios ». Ha ahi um ponto em que a civilização e a moral impõem evidentemente o dever, quando não de parar, de nos não servirmos para vencer sinão dos meios que uma e outra não condemnam e que não

deixam na victoria uma nodoa, que maculando-a torna-a discutivel. No caso de Balmaceda, porém, o problema simplifica-se, porque elle é, apezar das suas affirmações contrarias, um revolucionario no governo. Chega ao poder com a intenção de fazer uma politica hostil aos proprios elementos a quem devia a eleição e de fazel-a em proveito de um partido com o qual contava substituir os seus antigos pares na direcção suprema da nação. Ou, como quer o Sr. Nabuco, porque o arrastassem as proprias circumstancias da luta com um Congresso que não acreditara tão energico e que o obrigaram a ir além dos seus propositos, que certamente visavam apenas uma revolução pacifica, ou, porque intencionalmente ou não, se encontrasse, por força da mesma situação da sociedade chilena, investido da missão de lhe mudar a velha feição conservadora, como prefiro crer, o certo é que elle se achou perfeitamente no caso de evitar a revolução e não quiz fazel-o, não acreditando talvez que o Congresso fosse até esse extremo. Como ao duque de Guise pareceu-lhe quiçá que elles não ousariam.

Ousaram entretanto, e o que foi essa revolução tão intelligente e sabiamente dirigida, dil-o em paginas algumas de rara belleza o livro do Sr. Nabuco.

II

O Sr. Joaquim Nabuco não é só um intelligente amigo do Chile, no Chile é tambem um republicano. Crê firmemente que a republica é o governo que convem áquelle paiz, que a ella deveu a sua organização pela qual não cala o seu apreço e a sua estima. O governo chileno lhe parece ter sido « obra mais solida » do que a da monarchia no Brazil, que appellida de « construcção aerea e delicada ». « O Chile tinha, diz-nos elle, um governo forte como nós nunca tivemos. Durante cincoenta annos a liberdade brazileira é uma teia de uma tenuidade invisivel, possuindo apenas a resistencia e a elasticidade da seda que a monarchia, como uma epeira dourada, tirou de si mesma e suspendeu entre a selva amazonense e os campos do Rio Grande. » Não é, creio, a primeira vez que o Sr. Nabuco dá a liberdade brazileira como obra pessoal, si posso dizer assim, da monarchia.

Não sei mesmo si não é sua a frase de que D. Pedro II levou cincoenta annos a illudir o mundo que reinava sobre um povo livre. Si foi assim, si a liberdade brazileira foi uma dadiva generosa do monarcha e da monarchia e não uma conquista da nossa civilização, o elogio, lisongeiro talvez para o homem, transforma-se em vituperio para o estadista. Resultaria d'ahi que com as melhores intenções do mundo D. Pedro II não procedera sinão como o pai que deixa crescer-lhe a prole á lei da natureza e consoante os seus instinctos. E assim o elogio do Sr. Nabuco transforma-se, a meu ver, numa condemnação da monarchia.

A paz e a tranquilidade que com essa liberdade gosamos de 48 até 89, são, apreciadas pela nossa impaciencia de contemporaneos, que soffrem justamente do opposto, bens inapreciaveis; mas dada a transformação politica porque passamos, e que já agora não ha lastimas que façam desapparecer, nada mais natural que o eclipse de taes bens. Que esse eclipse seja o mais curto possivel é obra dos estadistas e dos cidadãos. Demais, como a propria observação do Sr. Nabuco parece confirmar, havia talvez em o nosso paiz, como diria Renan, carencia de revolução e, reflecte esse Mestre eminente e encantador do liberalismo, tanto se morre pela ausencia de qualquer alento revolucionario como pelo excesso da revolução.

Persuado-me que si a republica houvesse encontrado o brazileiro mais forte, gosando de uma liberdade conquistada e não outorgada, o eclipse da liberdade que assistimos não seria tão demorado como vai sendo e a federação não seria para as antigas provincias, como para a maioria tem sido, uma volta ao regimen colonial.

A revolução chilena com a resistencia paraguaya são para o Sr. Nabuco «os dois maiores esforços de energia que a America do Sul desenvolveu neste meio seculo». Pensa elle que ninguem que a tenha acompanhado «duvidará hoje da capacidade do Chile para a republica, nem do bem que a forma republicana fez ao Chile, da escola de educação, da influencia san, varonil, patriotica que foi para elle». Como para os Estados Unidos a guerra de seccessão, a revolução chilena «não serviu sómente para revelar ao mundo o vigor dos alicerces e perfeição do plano do seu edificio nacional; serviu, mais ainda, para cimental-o de novo e dar-lhe a sua estabilidade definitiva.»

Tirado o definitivo, que é bom não affirmar de nenhuma das obras politicas do homem, parece-me ter razão o Sr. Nabuco neste juizo final da revolução. Elle esquece, porém, que o balmacedismo não morreu no Chile e que os proscriptos pela revolução triumphante voltaram de novo ao campo da luta, desta vez pacifica e legal. Quem póde de antemão assegurar que esse partido sagrado pelo martyrio e pela perseguição, onde se contam homens do mais alto valor, não terá seu dia no Chile, no qual, sinão a constituição, a sociedade chilena passará por uma transformação? Não é preciso ter nenhuma predilecção theorica por uma das duas formas parlamentar ou presidencial, para ver que no Chile ha uma organização em desaccordo com o momento a que chegou o paiz.

Ahi é, a meu ver, que se porá de novo o problema que Balmaceda imprudentemente e precipitadamente tentou resolver; e não acho impossivel que seja resolvido sem necessidade do presidencialismo.

De parte os pontos em que me separei da sua opinião, o Sr. Nabuco parece-me ter julgado Balmaceda com justeza e equidade. Os proprios erros e crimes de Balmaceda ou de seus agentes leva-os á conta da falta inicial que fatalmente o arrastou ao odioso papel de dictador e de tyranno. Dessa tyrannia, repulsiva como todas as tyrannias, são que farte os exemplos não só no livro do Sr. Nabuco mas em quantos se occupam da revolução chilena: mortes, assassinatos, prisões, castigos corporaes, confiscos, vexações de toda a sorte. Isto sómente, qualquer que fosse a justiça e a nobreza da causa porque se batia Balmaceda, bastava para deshonral-a e infamal-o a elle. Aos que retorquirem com o alevantado do empenho, a tenacidade, o patriotismo, a honestidade do individuo, responderá admiravelmente o Sr. Nabuco: « O valor dos chefes de estado Sul-americanos tem que ser julgado pelo resultado de sua administração, não deve ser medido pela sua tenacidade,—em tenacidade quem se compara com Lopes?—nem pelo orgulho patriotico, —em patriotismo aggressivo quem se parece com Rosas?—nem mesmo pela sua honestidade,—em honestidade quem excede a Francia? Para julgal-os é preciso comparar o estado em que receberam o paiz e o estado em que o deixaram, o inventario nacional quando entram e quando saem. O presidente que recebe um paiz prospero, unido, prompto a auxilial-o e o deixa, por sua culpa,

dividido, dilacerado, enfraquecido, não tem direito á gratidão. Elles podem dizer, quando vencem, que salvaram a republica, mas salvaram-na de uma crise que elles mesmos provocaram, ou, pelo menos, não quizeram evitar e salvam-na quasi sempre de modo a não poder ser salva segunda vez... « *A patria... que eu amei acima de todas as coisas da vida* » foram as ultimas palavras que Balmaceda firmou, entretanto o amor que elle teve ao Chile não é o verdadeiro amor da patria,—o sentimento talvez mais raro que existe. A Igreja quer que se ame a Deus acima de tudo, mas S. Paulo ensina que Deus não aceita o amor que nós lhe mandamos directamente, mas sómente o que lhe mandamos por meio do proximo. Amar o paiz acima de tudo, tambem só é meritorio, quando a patria que se ama não é uma abstracção, mas, nos termos precisos do poeta portuguez, a *terra* e a *gente*. O mais é uma forma commum de egoismo, uma paixão politica, quando não é uma simples postura. « Amar o Chile acima de tudo » quer dizer amar mais que tudo os chilenos,—para Balmaceda, o povo que o elevara e no meio do qual elle vivia—e essa especie de amor feito de dedicação e ternura, de sacrificios varonilmente aceitos, se não reclamados, é incompativel com a aposta de exterminio que elle fez com o Chile. »

III

O livro do Sr. Nabuco remata com um post-scripto sobre o que elle chama « a questão da America latina. » Não discutirei com o eminente escriptor a sua opinião da incapacidade do Brazil para a republica. Os que pensam como o Sr. Nabuco esquecem duas cousas de primordial importancia no debate: que a forma monarchica de governo corresponde a um conjunto de condições sociologicas que se não realizam na America e que a republica é fatalmente, quasi pudera dizer scientificamente, a forma de governo dos povos em que como nós, apezar dos sessenta annos do imperio, fallecem aquellas condições. Sei que o Sr. Nabuco se insurge algures no seu livro contra a chamada politica scientifica. Tambem eu, que sou naturalmente inimigo dessas faceis generalizações em voga e constantemente desmentidas na pratica, não creio muito nella. Ha de, porém, concordar o distincto publicista que a politica não é tambem

um empirismo grosseiro e que da sciencia tambem—e a demonstração dessa possibilidade era, ao ver de Stuart Mill, o maior merito da obra de Aug. Comte—tira sinão soluções, que só a pratica e os acontecimentos lhe dão, ao menos suggestões e regras, o que nenhum politico, verdadeiramente digno deste nome, desconhecerá. Neste sentido creio não errar dizendo que a forma republicana é scientificamente determinada para os povos a quem faltam as condições historicas da forma monarchica. Ninguem, penso eu, pretenderá que um paiz onde o 15 de Novembro foi possivel possuia essas condições.

A situação da America latina, da qual nasce o que o Sr. Nabuco chama «a questão da America latina» é a meu ver a contra prova, a verificação, a demonstração incontestavel daquelles dois assertos, que no fim de contas não são sinão dois aspectos da mesma verdade. E' inadmissivel que os povos da America latina, que lutam vai já para um seculo por conseguirem a liberdade, a ordem, a tranquilidade, emfim todas as condições de progresso e de felicidade, tivessem perdido por tal forma o instincto animal da conservação que se não lembrassem de recorrer á monarchia como um supremo remedio, si mais forte que o seu soffrimento, isso que o Sr. Nabuco chama o «Inconsciente nacional» lhes não estivesse dizendo a inanidade desse recurso, pela profunda incompatibilidade entre o meio social e o agente politico. Sei que mesmo esse recurso, a não ser para o Brazil, não o lembra o Sr. Nabuco e nas differentes hypotheses salvadoras que formúla não allude siquer á possibilidade da monarchia, dando assim uma prova que não rejeita, sinão num caso especial em que o ponto de vista subjectivo lhe perturba, a meu ver, a nitidez habitual da sua visão politica—aquella verdade. Que para a fundação da republica brazileira concorressem «a influencia literaria da Revolução franceza sobre a imaginação da nossa mocidade» e o «arrastamento americano», não o negarei eu; mas será licito acreditar que só por si taes influencias, aliás poderosas, possam determinar factos tão consideraveis como a nossa mudança de regimen? Trate-se ou não de «uma força cosmica, como si o oxygenio e o azote formassem na America uma combinação especial dotada de vibrações republicanas» o que os proprios monarchistas brazileiros não contestarão é que é tão impossivel á America tornar-se monarchica como á Europa tornar-se ainda nos nossos dias republicana.

Esta questão, porém, é incidente na da America latina, tal como a estabeleceu o Sr. Nabuco: «Dado o progresso moral universal,— escreve elle assentando o problema—não é possivel que a civilização assista indefinidamente impassivel ao desperdicio de força e actividade humana que se dá em tão grande escala em uma das mais consideraveis secções do globo, como é a America latina. A manutenção de um vasto continente em estado permanente de desgoverno, de anarchia, é um facto que dentro de certo tempo ha de attrair forçosamente a attenção do mundo... Como se fará a redempção dos paizes Centro e Sul americanos? Onde acharão elles amparo contra os seus governos extortores? Como se fará nascer e crescer em cada um delles a consciencia do Direito, da Liberdade, e da Lei, que nelles não existem, porque não podem ter sancção alguma?»

Problema tão complexo «não poderá ser resolvido pela propria geração que o formular.» As hypotheses que formúla e discute ligeiramente o Sr. Nabuco como modos «que a civilização ha de encontrar para se introduzir no nosso continente» são a absorpção pela Europa, o protectorado europeu, o monroismo americano, o que seria uma forma de protectorado, si não de recolonização, como vai acontecendo no Mexico. Nenhum destes «modos» aceita o Sr. Nabuco, em nenhum delles crê, e dá as razões disso: «A solução do problema tem assim de ser procurada dentro mesmo de cada um dos nossos paizes, mas depende da formação em torno delles de uma opinião interessada em seu resgate, que auxilie os esforços, ou quando mais não seja registre os sacrificios, dos que em qualquer parte querem lutar pela causa commum.» Aqui encontro o Sr. Nabuco em absoluta carencia de precisão, em pleno vago. Um problema como aquelle que com exactidão geometrica estabeleceu, se não póde resolver, por meio dessa vaga e longinqua e indefinida influencia moral, mesmo que ella se consubstanciasse nessa liga liberal do continente, formada dos homens «cuja cultura rivaliza com a mais brilhante cultura europea» e cuja organização sorri ao alto espirito liberal e humano do Sr. Nabuco. Não é contestavel que a causa é commum e que nós povos latino-americanos temos interesse em que o «estado visinho» nos offereça «um asylo seguro» e sirva ao nosso paiz «de estimulo, sinão mesmo de vexame»: não negarei «o effeito de um governo moralisado» embora não me pareça tão «illimitado e universal» como ao Sr. Nabuco se antolha. E' preciso,

porém, fugindo a taes generalizações, reconhecer que os factos aqui mesmo na America do Sul são contra a validade desse effeito. Que influencia tiveram, esse mesmo Chile de antes de Balmaceda, que o Sr. Nabuco nos descreve com tão lisongeiros aspectos, sobre a Bolivia e Perú, seus visinhos mais proximos, e a paz, a ordem, a liberdade brazileira dos sessenta annos de imperio, sobre os nossos fronteiriços? Ao contrario, confirmando as nossas asserções de ha pouco, foram as republicas visinhas, sem embargo da sua irrequietação e do seu desgoverno, que influiram sobre nós. De mais esse meio, esqueceu-se o Sr. Nabuco de ver, só produziria effeitos, e esses mesmos remotos, em um todo como a Europa, onde existe manifesta e indefectivel uma opinião nacional, apoiada em uma opinião continental — cousas ambas que absolutamente nos faltam. Quem imagina a America do Sul protestando com a sua opinião continental contra tyrannias, attentados ou crimes como os do rei de Napoles, dos Balkans, da tentativa da Allemanha contra a França em 1875, da Armenia ainda agora, e de mil outros successos mais ou menos importantes, mais ou menos igraves, em que a opinião nacional ou continental da Europa tem-se imposto aos mais fortes e menos escrupulosos governos? Vejam-se os vergonhosissimos factos do Paraná e Santa Catharina que, como bem nota o Sr. Nabuco, fizeram reviver entre nós a tyrannia paraguaya « na ponta das mesmas baionetas e lanças que a derribaram. » Que vibrações provocaram elles na opinião nacional?

O meio, pois, ou antes a solução lembrada pelo Sr. Nabuco é platonica e conseguintemente inefficaz. A lição que se tira do Chile é incontestavelmente bellissima, mas sem emprego immediato.

A questão da America latina exige entretanto uma solução. Si eu dissesse que o livro do Sr. Joaquim Nabuco, sem dal-a, nem siquer encaminhal-a, tem o merecimento de pelo menos chamar novamente para ella a attenção dos pensadores do nosso continente, fornecendo-lhes novos motivos de controversia e apreciações que merecem pesadas e discutidas, nem lhe exageraria o valor, nem lhe faria um cumprimento.

José Verissimo

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

— Tratam neste momento alguns literatos de promover a celebração do primeiro centenario da morte do grande poeta brazileiro José Bazilio da Gama, autor do *Uruguay*, fallecido em Lisboa em 31 de Julho de 1795. A generosa idéa é eminentemente merecedora de animação e louvor, infelizmente talvez tenha occorrido demasiado tarde para que possa ser condignamente realizada.

— O Sr. Joaquim Nabuco trabalha numa *Vida do Conselheiro Nabuco de Araujo*, seu pai, que como parlamentar, ministro e chefe de partido representou importante papel no segundo reinado. O livro do Sr. J. Nabuco não será somente uma biographia, mas um estudo historico politico da época em que viveu e agiu o Conselheiro Nabuco. Alguns capitulos delle serão brevemente publicados por esta *Revista*.

— O Sr. Sylvio Roméro tem a imprimir as suas lições de *Philosophia do direito* professadas nas duas faculdades livres desta cidade, das quaes é professor.

— Reunindo as suas conferencias na Escola nacional de bellas artes, da qual é professor, o Sr. Carlos Parlagreco vai publicar um livro com o titulo *Questões de Arte*, do qual estamos dando um capitulo.

— Na Faculdade livre de sciencias juridicas e sociaes desta cidade inaugurará em breve o Sr. Dr. Marcolino Fragoso um curso de Anthropologia criminal.

— Sob a direcção do Sr. Dr Emilio A. Goeldi, e graças a cooperação dos poderes publicos locaes, o Museu paraense de historia natural e ethnographia, tem em poucos mezes tido um rapido e brilhante desenvolvimento. Foi dotado com uma casa especialmente adquerida, com vasto terreno onde serão installados, annexos ao Museu, um hôrto botanico e um jardim zoologico. Da Europa devem chegar para completar o pessoal do Museu dois especialistas em geologia e em botanica. Além do *Boletim* que já noticiámos publicará o Museu sob o titulo de *Memorias do Museu paraense* trabalhos de maior tomo sobre as especialidades que tem em vista estudar.

E' de cerca de 100 contos de réis a dotação annual do Museu paraense, e deve ser augmentada.

— O Sr. Eduardo Prado tem em mãos um trabalho sobre o famoso padre Antonio Vieira, o qual deve ser publicado em 1897 para commemorar o segundo centenario da morte do illustre jesuita.

— São da *Revista Industrial* de Minas-Geraes as seguintes informações sobre o ensino superior em Ouro Preto, capital do estado :

A Escola de Minas, inaugurada em 1876, sobre bases modestas e com o fim de formar engenheiros com conhecimentos technicos especiaes para exploração pratica das riquezas mineraes do paiz, tem passado por successivas transformações e o seu programma de estudos é dividido em seis annos, tres de curso fundamental e tres de curso especial. Além dos cursos especiaes a toda a Escola de Minas os programmas abrangem os ramos principaes de artes industriaes e a arte de engenheiro civil. Do seu seio tem saido engenheiros, para professores da mesma escola e outros estabelecimentos publicos e particulares, para direcção de explorações de minas, para estabelecimentos metalurgicos, de caminhos de ferro, terras e colonização, industriaes e agricultoras e outros ramos, sendo o actual Ministro da Industria e Viação um dos alumnos mais antigos e distinctos dessa escola que é actualmente frequentada por 70 alumnos, que cursam repartidos os seis annos estabelecidos no programma de estudos.

A Faculdade Livre de Direito, fundada em Novembro de 1892 e installada em Dezembro do mesmo anno. Sua creação foi de iniciativa individual, mas o Governo para animal-a deu-lhe uma subvenção annual de 70 contos. Já tem expedido um certo numero de diplomas e publica uma revista periodica intitulada « Revista da Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes ».

A Escola de Pharmacia tem 56 annos de existencia, pois, foi fundada em 1839. Até 1883 os diplomas dos pharmaceuticos só lhe davam direito a exercer a sua profissão no estado, mas dessa época em diante podem fazel-o em todo o paiz. O anno passado foi frequentada por 106 alumnos e no novo edificio que occupa tem um laboratorio e todas as dependencias para o ensino theorico e pratico. »

A *Revista Industrial* insiste na necessidade da creação de uma Faculdade de Medicina e diz que tem esperança de vêr em breve realizada a idéa.

— Os nossos editores têm no prélo os seguintes livros : LAEMMERT & C.: *Varias historias* por Machado de Assis ; *Bric à Brac* por Valentim Magalhães ; *Um canalha* por Figueiredo Pimentel ; *Codigo Commercial commentado* por Didimo Veiga Junior ; *Tratado de clinica propedeutica* pelo Dr. Francisco de Castro ; *Frondes* poesias por Bento Ernesto Junior ; *Estudos de direito constitucional* por Boutimy, trad. de Lucio de Mendonça ; *Das Fallencias* por Godofredo Autran. B. L. GARNIER : *Ajuda-te a ti mesmo* por S. Smiles ; *Literatura brazileira* por Mello Moraes Filho, 3ª edição revista e augmentada : *Leituras praticas* por Jost Humbert e a serie dos excellentes livros didacticos de mathematica de F. I. C. em vernaculo. ALVES & C., : além do *Evolucionismo e o Positivismo no Brazil*, do Sr. Sylvio Romêro, 2ª edição melhorada, tem a publicar livros escolares do Dr. Menezes Vieira e do professor Felisberto de Carvalho, e o *Grande mappa mural do estado de S. Paulo*, desenhado na Commissão geologica e geographica do mesmo estado por Arthur O. Leary ; *Mappa mural do Brazil, Planispherio terrestre* e *Mappa do districto federal* por Olavo Freire ; FAUCHON & C., : *Suicida* por Figueiredo Pimentel, com illustrações de Julião Machado ; *A Mortalha de Alzira* por Aluizio de Azevedo, 2ª edição ; *Contos do Equador*, collecção completa das poesias do Sr. Mello Moraes Filho, impressa e illustrada em Pariz.

— O *Temps*, um dos jornaes francezes de mais importancia e merecimento, está publicando em folhetim a *Innocencia*, romance brazileiro de Sylvio Dinarte. Como sabem os nossos leitores, esse pseudonymo mal encobre o nome do nosso collaborador, o Sr. Visconde de Taunay.

A *Innocencia* que é, sem elogio, uma das obras primas da nossa literatura. já foi traduzida em inglez, italiano e allemão. Passou-á agora para o francez o Sr. Olivier du Chastel. pseudonymo do Sr. Olivier du Taigny. Os francezes, porem, continuam com a sua desintelligencia das literaturas estrangeiras, o seu processo de emendar, alterar e modificar as obras dessas literaturas, no intuito de adaptal-as ao seu gosto. A traducção do Sr. du Chastel é antes uma reducção e arranjo ao gosto francez do bello romance do Sr. Taunay que uma traducção.

— A *Review of Reviews* de Londres, dirigida pelo Sr. Stead em o seu numero de Maio que nos foi remettido traz entre muitos outros artigos interessantes um « caracter sketch » de Li Hung Chang o celebre estadista chinez que os recentes acontecimentos entre a sua patria e o Japão vieram pôr em maior evidencia.

BIBLIOGRAPHIA

23.—**O Major** revista fluminense da 1894, comedia phantastica em prosa e verso em 1 prologo, 3 actos e 13 quadros, musica de diversos autores, por Arthur Azevedo, Rio de Janeiro, H. Lombaerts & C., Ourives, 7, 1895, 100 pags.

A revista é um genero theatral que está fóra da literatura dramatica e que só póde ser apreciado no palco. Só o palco e as enscenações peculiares lhe dão realce e tornam supportavel essa especie de *macédoine* que é a revista, misturada de prosa, verso, cantos de varias especies, musica de varios autores e differentes feições, typos imaginarios e reaes, entes fantasticos, effeitos maravilhosos, etc. Quando o A., e é o caso no *Major*, tem real talento dramatico e graça, consegue a custo tirar de uma peça destas uma ou outra situação verdadeiramente theatral, comica como convem ao genero, e dar dos acontecimentos do anno uma *charge* alegre, espirituosa e que se ouve, si não se lê, com prazer. No *Major* taes situações não faltam e poderiamos notar como as mais bem arranjadas a do concurso de espirito da *Gazeta de Noticias*, e a da attitude da imprensa durante a revolta. Um dos escolhos do genero é que o autor não cáia na vulgaridade chata, tão do gosto aliás das nossas platéas não compostas precisamente de athenienses, e saiba manter a *revista* no dominio da *charge*, sem descambar no odioso das injurias e sem fazer da sua obra um pasquim. Isto conseguiu plenamente o Sr. A. A. que me perdoará dizer-lhe quão sinceramente lastimo ver o autor da *Joia* e da *Noite de Reis*, reduzido a fazer revistas, mesmo bem feitas. Sei que a culpa não é sua e que á miseravel situação do nosso theatro devemos o estar perdendo nessa obra ingloria e inferior uma verdadeira organização dramatica como a sua.—J. V.

24.—**Caxambú**, pelo Dr. Henrique Monat. Rio de Janeiro, Luiz Macedo, Rua da Quitanda 64, 1894, in-8º, VIII—262 pags.

O Sr. Dr. H. Monat, descançando das lides clinicas tomou a penna para brindar ás letras brazileiras com um livro que tem recebido applausos unanimes da imprensa. Verdadeiro *vademecum* de quantos tenham de buscar nas fontes de *Agua Santa* allivio a seus padecimentos, o livro do Dr. Monat, concentra em suas 262 paginas, in 8°, tudo quanto se póde referir sobre as aguas gazosas do afamado lugar mineiro. Illustrado de grande numero de gravuras, que não podem servir entretanto de modelo ás artes graphicas, o volume em questão apresenta-se como valiosa novidade. E o é com effeito, mau grado a não impeccabilidade do estylo e a forma summaria do fundo.

Não é, pois, uma monographia scientifica inteiriça nem um simples opusculo literario. Reune todavia essas duas vantagens o " Caxambú " do Dr. Monat, e a sua leitura distrai e illustra vantajosamente. Nada poupou o A. para valorizar sua obra, especialmente na 1ª parte, simplesmente descriptiva e historica, na qual vem referido com riqueza de detalhes, tudo quanto póde interessar a povoação mineira, desde a sua origem, desde a etymologia do seu nome, até a época contemporanea. Apoz a leitura do livro do Dr. M. não ficam mais surpresas reservadas ao visitante ou frequentador de Caxambú. O A. encarregou-se da caridosa missão de desbravar-lhes a senda, revelando-lhes em estylo despretencioso e franco as peripecias da viagem, as scenas da vida, usos e costumes dessa localidade. E se ao leitor approuver viajar como simples *touriste*, e como tal colher suas impressões, ainda é com proveito que folheará as paginas do novo Boedecker da povoação mineira. — O livro do Dr. M. é essencialmente um trabalho de critica, no sentido popular da palavra. O eclectismo todavia não o attraiu e parece-me justo affirmar que o A. descambou para um exagerado pessimismo, no modo de ver as cousas. A excepção do capitulo consagrado aos primeiros bemfeitores de Caxambú, todos os outros constituem uma carga em regra, nesta primeira parte do livro. Salvam-se todavia duas cousas, que mereceram desvelos especiaes do autor: o clima delicioso de Caxambú e as propriedades eminentemente curativas das suas aguas. Bom é saber-se que o A. confessa que " foi algumas vezes severo na critica " e para justificar-se acrescenta: " mas serei perdoado facilmente, porque me anima o desejo de tambem contribuir para o engrandecimento de Caxambú. " Bem haja pois o A. si tal resultado conseguir. Seja-lhe tão louvavel intenção, ampla bandeira de misericordia para o sarcasmo, a satyra, a ironia que proliferam exuberantemente nas paginas do seu livro. — A parte verdadeiramente scientifica delle concentra-se em torno do antagonismo que procura descobrir e provar entre a observação clinica e as analyses chimicas das aguas de Caxambú. « Não devemos confiar demais na analyse chimica. " Tal o mote glosado em varios capitulos. Certas conclusões a que chegaram peritos mandados pelo Governo em 1873 e 1892 são contestadas pelo A., especialmente no que se refere ao exame das fontes Duque de Saxe, D. Leopoldina, e Intermittente. Para o Dr. Monat essas fontes são sulfurosas em desaccordo com a opinião dos chimicos que analysaram taes aguas O eminente professor Souza Lima, chefe das commissões que trabalharam nos dois citados annos, segundo já communicou á classe medica, em carta publicada no *Brazil-Medico*, dará opportunamente á estampa a resposta devida ao autor do " Caxambú. " Baseado em opiniões de hydrologistas estrangeiros como Filhol, Fontan, Leconte, Puysayes, Bouley, Henry, etc. e no confronto com as aguas similares de outros paizes, o Dr M. recusa tambem aceitar a explicação que os peritos nacionaes apresentam da formação das aguas sulfurosas pela decomposição da materia organica. Depois de citar a opinião de Lefort, que affirma " nada se poder aventar acerca do modo pelo qual os principios sulfuretados essenciaes das aguas sulfurosas se formam no seio da terra, " o A. subscreve entretanto a opinião de Jacquot e Wilman, que attribuem a formação das aguas sulfurosas dos Pyrineos á acção da agua e do ar sobre os pyrites que abundam naquellas montanhas. E como facto identico se verifica no sólo do morro de Caxambú entende o A. que a solução do problema está indicada. E' preoccupação constante do A. salientar as propriedades curativas das aguas, descobrindo por isso a cada instante novos conflictos entre a chimica e a clinica. Aquella entretanto revelando em 1892 a ausencia do arsenico nas fontes de Caxambú prestou um serviço apreciavel á verdade, desmoronando crença antiga. Os termos geralmente empregados de *aguas acidulo-alcalinas* ou *alcalino-gazosas* não escaparam á censura do A., cabendo ainda neste particular necessaria réplica do illustre chefe dos peritos, cujas pesquizas são incriminadas

em suas conclusões.— O capitulo final da obra do Dr. Monat intitula-se o *engarrafamento*. Contém idéas praticas sobre o assumpto, mais importante de que parece *prima facie*. Precedem a este capitulo outros, nos quaes o A. se esmera em descrever os *effeitos physiologicos das aguas, sua acção therapeutica, as contra-indicações do seu uso e o modo de administral-as*. Excitando as secreções do estomago, as aguas despertam o appetite, as digestões tornam-se faceis e rapidas, o trabalho de chimificação completo, regularizando-se as funcções gastro-intestinaes. E como destas depende grandemente a harmonia da machina humana, é natural que tudo se encaminhe facilmente. D'ahi toda a sequencia de factos que nos refere o A. com exemplos e observações pessoaes. Na opinião do A. o effeito curativo das aguas na mór parte dos casos morbidos, mais disparatados e dissimilhantes apparentemente, corre por conta da *acção tonica* que ellas possuem em grau elevado. Parece assistir toda a razão ao clinico que affirmou possuir Caxambú a *verdadeira pharmacia da natureza*. Eis, segundo o professor Souza Lima, a classificação das affecções para cujo tratamento podem efficazmente concorrer as aguas de Caxambú. 1° molestias do apparelho digestivo; 2° molestias do apparelho genito urinario; 3° algumas affecções da pelle; 4° discrasias não especificas do sangue. Convindo ainda acrescentar um grupo enorme de estados morbidos secundarios ou dependentes das perturbações da nutrição, da funcção urinaria, etc., nos quaes é indicada a medicação tonica e estimulante. Em rapida resenha, eis o que nos pareceu ser o livro do Dr. H. M. Que de sua critica desapiedada e severa tire duradouro proveito a povoação mineira, tornando-se Caxambú igual ás estações de aguas similares da Europa, eis a melhor recompensa que se deve almejar ao autor de tão util publicação.— Dr. Carlos Seidl.

AS REVISTAS E OUTROS PERIODICOS NACIONAES

Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia, Anno II, vol. II, n. 3. (Lembramos aos redactores desta revista a necessidade de um summario)

São Paulo Historico, Anno I. Tomo I, 1° fasciculo, Abril 1895. S. Paulo. Esta nova revista que tem por proprietario e director o Dr. Estevam Leão Bourroul traz o seguinte neste numero: *São Paulo Historico. A Anselmada. Episodio dos Annaes Paulistas* (primeira parte) pelo Dr. Estevam Leão Bourroul: *A raça caipira* (fragmento) pelo Dr. J. Floriano de Godoy; *Amador Bueno da Ribeira*, pelo Dr. Martim Francisco Filho; *Papeis velhos*, 18.9—21 (primeira parte): *A Archeologia Paulista*, por Alberto Lofgren; *Um escriptor Brasileiro, o Visconde de Taunay*, pelo Dr. Leopoldo de Freitas; *Tres sonetos* (Ratcliff, Conde de Bobadella e Alvares Machado); *Chronica*.

Revista Academica. Orgão do Gremio da Faculdade Livre de Direito, Anno III, n. 1—Junho de 1895, Rio de Janeiro.

Revista Juridica: Orgão dos alumnos da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, publicação quinzenal—Rio de Janeiro, Anno I, ns. 1 e 2 de Maio e Junho de 1895: *Philosophia do direito*: Sylvio Romero; *Aos meus alumnos*: Affonso Celso; *O salario e a condição do operario*: J. Valverde; *Direito internacional*: Bandeira de Mello; *O espirito progressivo dos povos*, etc.: Valeriano Cezar de Lima: *Philosophia do direito*: Sylvio Roméro: *O Estado, etc.*: Souza Bandeira: *Direito Constitucional*: Tarquinio de Souza: *O Divorcio*: James Darcy; *Direito Internacional*: Bandeira de Mello.

REVISTA INDUSTRIAL DE MINAS GERAES, Anno II, n. 14, 15 de Fevereiro de 1895, Ouro-Preto: *L'État de Minas Geraes et sa situation économique actuelle.* (Suite du n. 13), por Arthur Thiré: *Gisements diamantiferes d'Agua Suja. Contribution à l'étude des exploitations de diamants au Brésil.* (Suite du n. 13) por J. P. Cologeras: *Engenharia: Uma bitola pequenissima.*— Nova locomotiva de cargas da Estrada de Ferro Central do Brazil.— Economia realizada com o emprego do oleo vegetal na lubrificação dos bronzes, por A. G.: *A mais poderosa locomotiva,* por A. T.; *Viação. Locomotives Mallet-Compound.* (Suite du n. 13). por Arthur Thiré: *Obras Publicas. Alimentation d'Eau de Ville de Juiz de Fóra,* (Suite du n. 13). por G. Howyan: *Industria, Exposition des Mines et de la Metallurgie à Santiago de Chili,* por Ferdinand Gautier; *Patentes de invenção. Agricultura: Assumptos Agricolas* (Continuação do n. 13), por Arthur Thiré: *Viticultura* (Continuação do n. 13). por Carl Brunnemann; *Fabricação do Vinho,* por Campos da Paz: *Estatistica: Estatistica Mineral da Italia* em 1893. *Viagens: Le Désert d'Atacama et la Bolivie Occidentale.* (Suite du n. 13), por Ferdinand Gautier: *Actos do Governo do Estado de Minas Geraes, Laboratorio de Docimasia da Escola de Minas de* Ouro Preto: *Bibliographia, Notas Mineiras: O Gandarella, O Diamante na Africa. Notas Agricolas. Informações, Boletins Meteorologicos.*

REVISTA MARITIMA BRAZILEIRA, Anno XIV, n. 9 e 10, Março e Abril de 1895.— *Autobiographia de um torpedo Whitehead,* por Guns, traduzido do inglez por C. J. de M.: *A Reorganisação da Marinha de Guerra Brazileira. Relatorio* do 1.º Tenente Antonio M. G. Ferraz; *Pyrotechnia* (polvora sem fumaça) por Collatino de Souza: *Excerpto do Relatorio* do Contra-Almirante Julio Cesar de Noronha: *Revistas das Revistas,* por Enéas Ramos: Contra-Almirante Pinto Bravo. *Encouraçado Riachuelo.*

REVISTA PEDAGOGICA, Publicação periodica do Pedagogium, Anno V, tomo VIII, n. 43, editores Alves & C.: *Parte Official*: Expediente do Ministerio da Instrucção, até 31 de Dezembro de 1894. Relatorio do ex-director do Pedagogium, *Pedagogia*: Trabalho manual (cartonagem escolar). A Marselheza da Paz. *Chronica do Exterior*: Allemanha, Republica Argentina, Austria, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia, Suissa, Venezuela, Turquia. *Chronica do Interior*: Directoria do Pedagogiam, O professor Felisberto de Carvalho. Escola Normal Livre, Novos Programmas, Peças anatomicas. Mimo escolar brazileiro, Relatorio do Dr. B. Campos (Estado de S. Paulo). O professor Frazão. Dura lex, etc. *Legislação*: Regulamento da Escola Normal da Parahyba (Conclusão), *Variedades*: Anno scientifico. Geographia. Industrial. Pedagogico, 1894. *Pantheon Escolar*: Homenagem a João de Deus (retrato).

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico: — « TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO — ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

A Exposição Typographica Permanente

da

Companhia Typographica do Brazil

Acha-se aberta e franqueada, todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 4 da tarde aos Srs. Proprietarios de Typographias, Editores, Redactores de Jornaes, emfim a todos que se interessam pelas artes graphicas em nosso paiz.

RETRATOS PARA SEREM PUBLICADOS EM JORNAES, ETC.

Preparam-se em zincographia pelo preço de 40$000 ou em xylographia pelo preço de 60$000

PAPEL DE IMPRESSÃO

Remette-se gratis e franco de porte variada collecção de amostras de papel de diversas qualidades á todas as typographias que a pedirem.—Esta Companhia encarrega-se de Remessas periodicas de Papel de Impressão, mediante diminuta commissão e em condições vantajosas.

PRECISA-SE

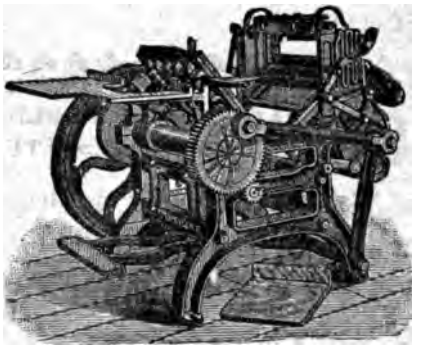
nesta Companhia de bons Agentes, em todas as localidades, para a venda de **Carimbos de Borracha, Placas e Cartazes dourados, Caixas de Papelão** e outros artigos.

Dá-se bôa commissão

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (Idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8º gr..... ..... **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8º gr. broch. **8$000**
enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16º br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos, 1 volume com muitas gravuras..... **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar, 1 vol. enc.... ..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica*, para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos*, etc., etc.

USO

Adultos.— Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças. —A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo*, [illegible] com muito proveito no tratamento da [illegible] *malarica, typhica, puerperal*, [illegible] em todos os estados *morbidos, dyscrasicos* [illegible].

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais lisonjeiros certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos [illegible], como se verifica do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo. Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda. 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 4$000

Multicôres por Heitor Guimarães. 1 volume ricamente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1871, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta. 1 vol. de 250 paginas, brochado 3$, enc. ..... 1$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com folhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1264 de 11 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado, 1 volume brochado ..... 1$000

Roteiro dos officiaes de Justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os autos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Autran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 43 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. broch. 1$, enc. 5$000

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação da larynge, dor e opressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são agravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, se mette em excessos; nestes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, *o mais poderoso emoliente e expectorante* das necessidades que se accumulam nos bronchios e de respeito para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado diretamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preciosa e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente*.

O frasco é seguido de directorio para seu uso.

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral de nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

AVISO

A administração da *Revista Brazileira* declara aos Srs. assignantes que o serviço da distribuição da *Revista* é feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado e que si faltas ha ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede aos Srs. assignantes sirvam-se communical-as ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da *Revista* pela entrega, quando não houver sido previamente avisada.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de mandar pagar as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da *Revista*.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO — TOMO III 15.° FASCICULO 1 DE AGOSTO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. Um Estadista do Imperio — J. Th. Nabuco de Araujo, por JOAQUIM NABUCO 129

II. As Aves Nadadoras do Brazil, pelo DR. EMILIO A. GOELDI, director do Museu Paraense. 141

III. A Philogenia do Direito, por I. MARTINS JUNIOR, da Faculdade de Direito do Recife. 156

IV. O Theatro Hindú, (*continuação*) por FELICIANO GONZAGA. . 171

V. O « Livro » Brazileiro, por UM BIBLIOPHILO 181

VI. Bibliographia. 186

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno.... 24$000—Semestre... 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira**, Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira**, Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

I — INFANCIA

José Thomaz Nabuco de Araujo nasceu em 14 de Agosto de 1813 na capital da Bahia, a qual, durante mais de uma geração, poderá ser chamada a Virginia brazileira, porque será a mãi dos nossos principaes estadistas, como a Virginia foi para os Estados Unidos a « *mãi dos Presidentes.* » O velho vigario padre Lourenço de Magalhães, que o baptizou em casa do seu padrinho, o chanceller Pereira da Cunha, depois marquez de Inhambupe, baptizara em 1785 seu pai, primeiro senador do mesmo nome, nascido na mesma freguezia de S. Pedro Velho. O primeiro José Thomaz era filho de Manoel Fernandes Nabuco, e irmão do chanceller José Joaquim Nabuco de Araujo, que falleceu barão de Itapoan e senador pelo Pará. Nabuco representa assim a terceira renovação da estirpe portugueza em solo bahiano. A familia, de bôa origem, que tinha vindo de Portugal no meado do seculo XVIII, era de posição social modesta e vivia á sombra do chanceller José Joaquim, o unico dos seus membros que rompera a obscuridade que a envolvia.

Quando lhe nasceu o primeiro filho, José Thomaz estava exercendo o cargo de guarda-mór da Relação, e dois dos seus irmãos

---

1 Do livro em que está trabalhando e que terá o titulo de « *Um Estadista do Imperio. José Thomaz Nabuco de Araujo, sua vida, suas opiniões, sua época*, por seu filho Joaquim Nabuco » fez-nos o A. a fineza de destacar o capitulo que hoje publicamos, esperando poder dar aos leitores da *Revista* outros trechos do interessantissimo trabalho do eminente escriptor.—N. da R.

serviam na guarnição da cidade no mesmo regimento. « Basta ter dois filhos militares nesta praça para viver sempre afflicta, » queixava-se, em carta de 26 de Março de 1813, a mãi delles, D. Marianna Joaquina. O temor nesse anno provinha da insurreição dos negros Ussás, severamente reprimida, [1] mas que ainda ameaçava conflagrar a escravatura toda. No mais, a administração do conde dos Arcos deslisava na esteira aberta em aguas da Bahia pela carta regia de 28 de Janeiro de 1808 que franqueou aos navios do mundo os portos do Brazil. Dois annos antes José Thomaz fôra nomeado secretario para Mato-Grosso, e, animado com a esperança de collocação mais proxima, contraira casamento com uma joven bahiana filha de um doutor Costa Ferreira, deixando-se ficar na Bahia mesmo. A situação do casal, como testemunha a carta de D. Marianna Joaquina, era apurada; elles não tinham sinão os recursos de um insignificante emprego; a vida, entretanto, era facil naquelle tempo, o serviço domestico fazia-se com alguns escravos, os parentes ajudavam-se uns aos outros com as suas sobras, em canôa chegavam constantes presentes de assucar, de farinha, de criação, de modo que em casa não se conhecia a privação. Por isso o crescimento da familia não os assustava. « O numero de meus filhos ainda é pequeno, são por ora tres, » escrevia José Thomaz, no terceiro anno do casamento, a seu tio o chanceller, o homem notavel da familia, « meu Tio e Senhor da minha maior consideração e respeito, » como elle o tratava.

Em 1816 era elle despachado em secretario do governo do Pará. Tinha Nabuco apenas tres annos quando deixou a Bahia, onde nunca mais veio a residir. Nenhuma impressão podia guardar do torrão natal. Com mais algum tempo ter-lhe-ia ficado indelevel na recordação o panorama da Cidade Alta nos dias de festa; os balcões das janellas cobertos de colchas de damasco; as cadeirinhas, de alto docel e cortinas bordadas, carregadas por negros esculpturaes, importados para esse serviço como se importam hoje para carruagens cavallos de raça; nos vastos pateos dos grandes conventos, então em toda a riqueza das suas alfaias, dos

---

[1] O conde dos Arcos todavia mandou reprehender o major da Legião da Torre que bateu os negros matando muitos delles, «*por haver obrado sem ordem empregando armas contra uns miseraveis.* »

seus paramentos, dos seus azulejos, em toda a pompa da liturgia, o acampamento popular á espera da procissão, sobresaindo no meio da multidão os bustos das africanas de todas as idades, que disputavam a vista com as cores vivas das suas faixas e turbantes, carregadas de adereços, decotadas em rendas; por fim, ao escurecer, o dispersar da romaria pelas ladeiras e terraços que dominam, com as suas massas escuras de vegetação tropical, as aguas profundas e as bordas graciosas da immensa bacia. O contacto das suas primeiras raizes com esse solo, aquecido por um sol que é, como o da Africa, um reservatorio de mocidade perpetua, não foi estranho á communicabilidade, que é o fundo do temperamento de Nabuco. Elle terá em sua carreira politica uma forte caracterização bahiana, ainda que profundamente modificada. Os estadistas bahianos possuiam em grau superior a todos os outros a adaptação prompta, a flexibilidade impessoal, que constitue o temperamento politico hoje chamado *opportunista*. Até o fim será essa a disposição intima de Nabuco. Apezar de obedecer tambem a outra ordem de impulsos de independencia e affirmação individual, por causa do meio pernambucano em que se formou, e das qualidades de iniciativa e originalidade que possuia, no todo elle pertence, pelo equilibrio do seu espirito tanto quanto pelas suas origens, á grande pleiade da Bahia.

Dos tres aos doze annos, Nabuco passa no Pará, onde seu pai devia representar um papel saliente nas lutas da Independencia. Começando como secretario do conde de Villa-Flor, depois duque da Terceira, que se mostrou durante o movimento constitucional amigo decidido dos paraenses (Raiol, *Motins politicos*, I, p. 58), José Thomaz não achou facil a principio a carreira administrativa. Com a organização do Governo Provisorio em 1821 foi nomeado outro secretario, mandando, entretanto, a Junta, que o antigo continuasse a receber o ordenado. A isto, não se prestou elle. Educado no cumprimento meticuloso da lei, para elle não havia pequenas claudicações. «Não quiz o supplicante, dirá elle em seu requerimento de 31 de Julho de 1822, este beneficio da Junta, porque lhe parece não ser justo gravar a Fazenda Nacional, percebendo ordenados quando não exercitava os empregos para cuja remuneração eram destinados.» De Março de 1822 até Janeiro de 1823, em que obteve ser nomeado juiz da alfandega do Pará, esteve José Thomaz desempregado,

vivendo de suas pequenas economias. No anno anterior soffrera elle um prejuizo sensivel para um homem pobre, carregado de familia. Indo em serviço a Pernambuco, foi aprisionado por um bergantim d'Artigas, tendo que pagar de resgate, com o desembargador Barradas que vinha tambem a bordo, 1:255$, além de perderem tudo que levavam. Com a nomeação de juiz da alfandega a situação melhorou afinal. O emprego não era retribuido sinão com emolumentos percebidos das partes e que sommavam 600$. A junta de fazenda da provincia assignara ao emprego o ordenado annual de 400$, mas o Thesouro desapprovou a resolução. O juiz da alfandega recorreu ao Corpo Legislativo, expondo « o desar que resulta a fiscaes de direitos de estarem a olhar para as mãos das partes que lhes hão de pagar os emolumentos. » Emquanto, porém, não se alterava esse systema, tinha o chefe de familia que se cingir á pequena renda do seu emprego.

Si por um lado a necessidade desapparecera de casa, por outro entrara o desasocego. O anno de 1823 foi no Pará a época de maior conflicto entre o partido europeu e o brazileiro. A posição de José Thomaz era difficil, obrigado como se via, na qualidade de procurador interino da Corôa, a resistir a requisições do governador das armas, o brigadeiro José Maria de Moura, reputado a alma da resistencia. E' sabido o estratagema, tirado, dir-se-ia, do *Gato de botas*, pelo qual o joven Grenfell fez reconhecer o novo imperio pelas autoridades e povo do Pará, apresentando-se sosinho no seu brigue e fazendo crer que estava á barra a esquadra do almirante Cochrane, que elle apenas precedia. Na acta em que foi registrada a adhesão ao imperio assignou, poucas linhas abaixo do novo bispo D. Romualdo A. de Seixas, José Thomaz Nabuco de Araujo. Quando se conheceu o artificio de Grenfell, houve grande agitação na cidade, as provocações entre os partidos tornaram-se continuas produzindo constantes disturbios.

Com a pequena população de Belém, as commoções da praça publica alarmavam todas as familias, principalmente as dos personagens locaes. Na casa do juiz da alfandega era naturalmente ainda mais forte a repercussão do que se passava na cidade. Sua mulher, D. Maria Barbara, estava então novamente em vesperas de dar á luz. A revolução triumphante entregava-se a todos os excessos, excitada contra os portuguezes pelos especuladores

politicos. A acclamação do imperador em 12 de Outubro deu lugar a uma explosão demagogica do novo espirito nacional, seguindo-se represalias, pelas quaes se prenderam maior numero de suspeitos do que as prisões podiam comportar. Parte desses, duzentos e cincoenta, soldados quasi todos, foram lançados no porão do brigue *Diligente*, onde fechada a escotilha pela pequena guarda de bordo receiosa de uma sublevação, morreram, em poucas horas, asphyxiados. Nesse mesmo dia 21 de Outubro de 1823, que assinala talvez a mais triste casualidade das nossas prisões politicas no tempo das enxovias e das presigangas, falleceu de parto D. Maria Barbara, aos vinte e oito annos de idade, colhida na sua delicada situação pelos abalos da guerra civil em que seu marido se achava envolvido. As emoções dos ultimos dias destruiram facilmente o organismo minado por sete annos de residencia seguida no equador, em condições que para ella equivaliam ás privações de um verdadeiro desterro.

Nabuco tinha só dez annos quando perdeu a mãi. O retrato que elle ás vezes fazia della era de uma joven senhora de caracter expansivo, muito dedicada e extremosa, e que soffria com impaciencia a sua ausencia da Bahia e a separação dos seus. A ella deveu elle seguramente a parte imaginativa da sua natureza; seu pai tinha a disposição, ainda que muito affectuosa e sensivel, [1] reservada, methodica, regrada, de um empregado antigo, a obediencia, a subordinação, o gosto da mediania, o respeito hierarchico, a regularidade de habitos; é da mãi que elle tirou a iniciativa, a independencia de espirito, a ambição de gloria, o amor da boa companhia, o desejo de agradar, a seducção pessoal. A perda da mãi na infancia é um acontecimento fundamental da vida, dos que transformam o homem, mesmo quando elle não tem consciencia do abalo. Desde esse dia ficava decidido que Nabuco pertenceria á forte familia dos que se fazem asperamente por si mesmos, dos que anceiam por deixar o estreito conchego da casa e procurar

[1] « Já estou velho, meu tio: muito depressa passam os annos, mas elles não me têm feito esquecer de Vmcê.; ou me creia ou não, fique certo de que tenho ainda presente a sua pessoa, apezar de me deixar tão pequeno ». Carta de 11 de Junho de 1816 a um irmão da mãi. Toda a correspondencia com o filho, os papeis de familia, testemunham profunda sensibilidade sob a calma apparente de uma resignação educada.

abrigo no vasto deserto do mundo, em opposição aos que contraem na intimidade materna o instincto domestico predominante. Hercules não se preoccupava de deixar os filhos na orphandade, diz-nos Epicteto, porque sabia que não ha orphãos no mundo. Em nossa politica e em nossa sociedade pelo menos tem sido essa a regra; são os orphãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam.

Com a morte da mãi, Nabuco fica desde menino entregue a si mesmo; as influencias que lhe tem de modelar o caracter, não são mais as influencias do lar, são todas externas. Do pai viuvo para o filho não havia insinuação de sentimentos, havia o exemplo, nada mais. Não ficou muito tempo sem governo a casa em que se estavam criando os seis filhos que deixara D. Maria Barbara, o mais velho dos quaes tinha apenas dez annos. Um anno depois, casava José Thomaz, então coronel do 3° Regimento de 2ª linha, em uma das familias mais consideraveis do Pará. Sua segunda mulher era, porém, quasi uma criança; assumia a direcção da familia numerosa do marido sem pratica da vida, e não podia influir no espirito de Nabuco, quasi da mesma idade que ella, e intellectualmente mais desenvolvido. A autoridade que a joven madrasta exercesse sobre o enteado não podia ser esse prestigio da educação, da experiencia, e do bom senso, que as crianças reconhecem logo e ao qual se submettem instinctivamente; seria sómente o capricho de outra criança como elle, a quem o marido dava sempre razão diante dos filhos para que elles a respeitassem.

Entre as influencias que formaram a individualidade de Nabuco, formação prematura como de ordinario acontece com os orphãos de mãi, é preciso contar, ao mesmo tempo que a acção politica da Independencia no ponto onde esta abalou mais tempo os espiritos, a physionomia religiosa de Belém. A cidade não chegava nessa época a ter 20.000 habitantes, devastada como fôra pela variola, e o seu principal traço era religioso. Belém fôra de um seculo atraz (1724) séde de um bispado e um bispo, sobretudo em uma pequena localidade compacta, era naquelle tempo, em que tudo era respeito, um personagem mais imponente do que qualquer hoje. Para tornar maior esse ascendente, o bispo era Dom Romualdo. Os funccionarios de alta categoria viam-se naturalmente chamados a tomar parte nas grandes ceremonias de que elle era a figura central. O coronel

Nabuco fôra eleito deputado á primeira legislatura, seguindo-se-lhe em votos Dom Romualdo. Entre os dois collegas de deputação as relações eram estreitas. Em um menino intelligente e precoce a admiração pelo grande prelado brazileiro não podia deixar de imprimir-se profundamente. Os edificios publicos e religiosos da época apresentavam em relação ao atrazado desenvolvimento da cidade um contraste similhante ao das grandes construcções lopescas de Assumpção com a pobreza da edificação particular. A Igreja e a Metropole dominavam de cima esses imperfeitos rudimentos de cidade, como que para forçar a população a levantar os olhos para ellas. A vida paraense nesses annos contiguos á Independencia foi extremamente agitada. Em nenhuma outra parte do paiz deixou a Independencia o mesmo sulco profundo de odio. Desde 1823, a começar pelos acontecimentos antes referidos, até o combate de nove dias dentro da cidade e ás convulsões de 1835, Belém foi theatro de lutas politicas e nacionaes de um caracter selvagem peculiar. Isto causou o abandono da cidade por todos que podiam fugir della, o estrago e ruina das propriedades. No meio do retraimento geral de tudo que era sociabilidade, as grandes solemnidades da Igreja eram como que treguas á guerra politica. No espirito do joven Nabuco a impressão dellas não devia apagar-se mais.

De facto, como se verá, conservou elle até a morte as suas crenças catholicas. O seu espirito já estava fechado a idéas novas na época em que se deu no nosso paiz a primeira invasão da critica religiosa; é pois natural não ter elle conhecido a crise moral das ultimas gerações; estava ainda, porém, em pleno desenvolvimento no tempo em que dominava o indifferentismo e se perdia a fé sem passar pela duvida. Apezar disso conservou-se impenetravel. A explicação do facto é que a religião foi em Nabuco uma camada solida collocada immediatamente sobre a natureza moral, e não sobre a superficie intellectual somente. Desse modo não existia nelle entre o homem e o crente o vasio que tantos descobrem em si mesmos. A adaptação da religião a todos os pontos da consciencia era completa e perfeita. Nada do que elle viu ou ouviu mais tarde conseguiu destruir a primeira argamaça da alma. O segredo dessa construcção inabalavel da infancia está na impressão que elle recebeu do culto catholico, — em uma época de temor e incerteza e em um

scenario que engrandecia a religião,— envolvendo como um fundo de ouro a imagem de sua mãi morta. Uma segunda religião de amor e de saudade manteve viva no orphão a fé commum materna, não a deixando permear até sentil-a indestructivel.

Ao mesmo tempo que era eleito deputado, José Thomaz conseguia fazer eleger senador pelo Pará a seu tio, o chanceller. Era o pagamento de uma divida de gratidão. Não era um pequeno resultado para o antigo guarda-mór da relação da Bahia,chegado a Belem sem um conhecimento siquer.Todo esse caminho elle o fizera graças á sua seriedade, á sua honradez, á sua prudencia em todas as relações da vida. O facto de ser Dom Romualdo o seu companheiro de deputação exclue a idéa de qualquer artificio na eleição. Naquella época o mandato legislativo tinha o caracter de uma solicitação do povo, ninguem o fabricava para si.

Com a eleição do pai para a Camara o horisonte vai mudar inteiramente para o joven Nabuco. A 28 de Março de 1825 seguem todos para o Rio de Janeiro. Um apontamento de José Thomaz mostra que não era tarefa facil nessa época viajar de tão longe com familia. O novo deputado trazia em sua companhia a mulher, sete filhos menores, uma criada com um filho, e onze escravos. Era uma expedição. Depois de treze dias de navegação foi forçoso arribar a Belém por não ser possivel continuar a viagem sem risco imminente em razão do estado da mastreação e agua aberta na prôa do patacho, cujos commodos eram pessimos. Desembarcando no Pará, teve elle que fretar a camara de uma escuna até o Maranhão pelo preço de 600$, fazendo á sua custa as despezas precizas para a sustentação da familia. Ao Maranhão chegaram em 31 de Maio, mas ahi tiveram de demorar-se por falta de transporte até 5 de Julho, em que poderam embarcar em uma galera para o Rio. O patacho custara 360$; o segundo transporte na escuna 600$, fóra as comedorias; no Maranhão despendeu José Thomaz com o rancho da viagem até a côrte 350$, sem contar as passagens, o que tudo junto, excedia de muito a pequena ajuda de custo, pelo que teve elle de vender tres escravos durante a viagem.

Essas viagens em barco de vela affeiçoaram Nabuco ao mar, e deixaram-lhe grande saudade da vida de bordo. As historias que elle contava das suas travessias entre o Pará e o Rio de Janeiro mostram que tivera na infancia essa familiariedade com as ondas

que não conseguem os que só as vêem da alta muralha dos grandes transatlanticos. Mais tarde, na velhice, como um fresco movediço nos vãos do seu gabinete de trabalho, o mar será quasi durante vinte annos, no Flamengo, o companheiro constante da sua clausura.

Nada opéra a dilatação rapida do espirito tanto como as viagens, a mudança de costumes, de sociedade, e de paiz. O perigo das grandes deslocações frequentes é tornarem o espirito fluctuante, versatil, desapegado. Do Pará para o Rio a differença era consideravel. No vasto meio para o qual o transportavam aos doze annos de idade devia desabrochar o primeiro germen de sua verdadeira vocação, — a politica. Foi com esta causa permanente de desattenção no espirito que elle fez os estudos de preparatorios de 1825 a 1829. O pai não o podia dirigir nelles, não tendo recebido outra instrucção sinão a que era indispensavel no seu tempo ao filho de uma familia pobre destinado a pequenos empregos. Não sonhava Manoel Fernandes Nabuco que o Brazil se tornasse imperio para o filho vir a ser senador! Nabuco cursava como externo as aulas da cidade, mas o que via e ouvia em casa do pai, frequentada pelas deputações do Norte, tinha maior interesse para elle do que o latim ou a mathematica. A familia morou sempre no centro da cidade, em ruas vizinhas da Camara, como a da Assembléa e do Hospicio; nas grandes occasiões, em vez de directamente seguir para a classe ou de voltar para a casa, o joven José Thomaz corria á galeria da Camara para ouvir Vasconcellos, Ledo, Calmon, Paula Souza, Dom Romualdo, Lino Coutinho. Naquelle recinto, porém, no qual se reunira a Constituinte, a mocidade via sobretudo o vasio deixado pelos Andradas. Em 1829 elles estavam todos tres no Brazil. O prestigio da grande trindade da Independencia e da Constituinte tinha conquistado inteiramente os jovens de imaginação exaltada, como Nabuco; mais tarde o effeito dessa admiração far-se-á sentir sobre elle nas lutas da Regencia. «O nome dos Andradas era um nome fascinador para toda a mocidade do meu tempo», diz o mais eloquente dos seus interpretes, M. de Araujo Porto-Alegre. Os debates da tribuna continuavam e completavam-se pelos da imprensa politica. O jornalismo brazileiro tomara uma feição completamente nova com o apparecimento da *Aurora Fluminense* em 1827. O estylo da *Aurora*, como creação de uma só intelligencia,

é realmente um phenomeno notavel. São os dois acontecimentos intellectuaes da época: a penna de Evaristo da Veiga e a palavra de Bernardo Pereira de Vasconcellos. Uma e outra têm os mesmos caracteristicos de solidez e de força que nenhum artificio pode substituir. Uma e outra são a ferramenta simples, mas poderosa, que esculpe o primeiro esboço do systema parlamentar no Brazil. A figura de Vasconcellos, sobretudo, grava-se para sempre na imaginação de Nabuco. Do meio para o fim da sua carreira parlamentar este ultimo falou sempre sentado, e os que o ouviram sabem que essa postura, em vez de privar o orador dos seus meios de acção sobre o auditorio, augmentava a solemnidade do gesto, a repercussão da palavra, a animação do discurso. Nesses dias, sempre de anciedade para elle, o modelo que lhe vinha á lembrança era o busto do grande Vasconcellos, chumbado pela paralysia na sua curul, mas dominando della com um sarcasmo, uma pausa, um lampejo do olhar, a camara suspensa e maravilhada.

Não era, porém, sómente a tribuna parlamentar que punha em movimento as affinidades nascentes do futuro orador. A grande tradição do pulpito fluminense não se havia então apagado de todo; Mont'Alverne pregava ainda. O que caracteriza principalmente os pregadores da época, desde 1808, é que elles de facto são grandes tribunos, como que prophetas nacionaes. « Era então, são palavras do proprio Mont'Alverne, a época dos grandes acontecimentos, e os successos que se reproduziam dentro e fóra do paiz offereciam amplos materiaes á eloquencia do pulpito. » O paiz entrara em uma phase de renascimento em que tudo, do paço até ao claustro, se inspirava da nova esperança nacional. Essa forma superior de eloquencia deixou um sulco profundo em Nabuco; nos seus discursos se encontrarão sempre vestigios della, alguma cousa do rhythmo do tom prophetico, da elevação impessoal, e do ornato literario da oratoria sagrada.

Em Dezembro de 1829, acabada a legislatura, o deputado do Pará tornava á sua provincia, levando toda a familia. Nabuco partia da côrte familiarizado com os personagens, a linguagem, as questões politicas da época. O Rio de Janeiro era então uma feia larva de cidade no esplendido envolucro de suas matas. A differença entre a vida da capital e a da provincia era relativamente maior do que hoje. O Rio era a residencia do imperador e nesse tempo,

em que havia ainda uma selecção, a côrte era o centro de toda a vida social. E' natural que as grandes festas em que tomava parte o imperador assumissem aos olhos de um espectador enthusiasta de dezeseis annos proporções de uma deslumbrante maravilha. As idéas liberaes adiantadas, que tinham penetrado no seu espirito, encontravam o antagonismo dessa impressão irresistivel da realeza; diante della elle se sentirá invadir e dominar pelo susurro da adoração popular, arrebatar pela onda da multidão. A impressão que leva comsigo fará com que durante toda a mais bella parte da vida, dos dezeseis annos até os trinta, em que pôde voltar ao Rio, elle se sinta sempre, na estreiteza da vida de provincia, um exilado da côrte. Era um sentimento esse de orgulho e superioridade para elle no meio de companheiros que nunca tinham visto o Rio de Janeiro, e que o sonhavam como um verdadeiro Paraizo.

A segunda eleição no Pará foi contraria a José Thomaz, nomeado presidente para a Parahyba. E' uma nova viagem que elle faz com todos os filhos. Conta-se na familia que o pai, muito aggredido na presidencia por uma folha local, foi surprehendido um dia com uma justificação cabal de todos os seus actos, vindo sómente mais tarde a saber quem era o seu campeão anonymo. Era o filho. Dá-se muito frequentemente que o filho de um homem publico se identifique com o pai porque o vê ou o ouve atacar. Mais de uma posição definitiva em nossa politica foi assim aceita por homens que em diversas circumstancias ter-se-iam alistado em outro partido.

A defesa do pai, feita por veneração e amisade filial, foi talvez a primeira occasião que teve Nabuco de encarar a politica do ponto de vista opposto ás suas tendencias e aos seus preconceitos, e de instaurar perante si mesmo o processo do *audi alteram partem*, o unico pelo qual se forma o espirito judicial do verdadeiro estadista. Mais tarde nós o veremos assumir mais de uma vez esse papel de *avocatus diaboli* em relação a causas vencedoras no dia mesmo da sua consagração.

Da Parahyba o joven estudante segue para Olinda, onde poucos mezes depois se matricula (1831). Nesse tempo, quasi aos dezoito annos, Nabuco é já um politico que se vai habilitar para seguir a sua vocação, e que traz formada a ambição de falar um dia

como Vasconcellos e escrever como Evaristo. No fundo do seu espirito ha duas correntes distinctas : uma, a mais forte, no sentido das novas aspirações de liberdade ; outra, a mais profunda, no sentido da tradição do direito. Quem o estudar bem, verá que elle se deixa arrastar pelas idéas de sua geração,mas que nelle ha pontos de resistencia que o tempo ha de desenvolver, ha a noção perpetua de Estado em opposição a povo, — disperso, cambiante, quasi momentaneo. As futuras deficiencias e incompatibilidades do politico estão apontadas no estudante, assim como as suas affinidades e os seus talentos. Nelle já se sente a necessidade de sympathia alheia, de fazer proselytos, de conquistar a opinião que parece arrostar ; existe a incapacidade de pensar sinão por si mesmo, de transmittir um pensamento adquirido sem primeiro lhe imprimir a sua marca individual ; a satisfação de conciliar por meio de syntheses o conflicto de interesses ou de paixões ; a ambição de impôr-se e de guiar, renunciando, porém, a direcção material ou o mando, isto é, a pura ambição intellectual ; existe, por fim, a mais illimitada coragem para emittir idéas proprias, por mais inesperadas que fossem, o que umas, por sua subtileza, eram tidas por escolasticas, outras por sua originalidade eram reputadas paradoxos, e outras finalmente por seu antagonismo com os velhos prejuizos eram tidas por sophismas, mas que dentro de pouco tempo entravam na circulação politica do paiz, como moedas novas de um cunho inalteravel.

JOAQUIM NABUCO

AS AVES NADADORAS DO BRAZIL[1]

Ainda mais intensamente do que os Grallatores, adaptado á vida na agua e á beira della, e na estructura do corpo conformando-se evidentemente com esta modalidade de existencia, é a ordem dos Natatores numerosa, de idade veneravel, e largamente disseminada. Conhecem-se em todo o mundo 552 especies actualmente vivas, que se distribuem por 8 familias. Destas 8 familias são cosmopolitas não menos de 5 : 1) *Anatidæ* (marrecos), 2) *Laridæ* (gaivotas), 3) *Procellaridæ* 4) *Pellicanidæ* (pelicanos), 5) *Podicepidæ* (mergulhões), — familias que todas se acham representadas no Brazil. Cumpre aqui tomar a expressão «cosmopolitas» antes em sentido climaterico do que em sentido puramente geographico, porquanto as familias que acabamos de mencionar são proprias á zona torrida e á uma parte da temperada, ao passo que as outras 3 familias : 1) *Alcidæ* (Alcas) 2) *Colymbidæ*, 3) *Spheniscidæ* — occupam por seu turno o resto do globo, pertencem portanto ás zonas arctica e antarctica do antigo e novo mundo, bem como á parte mais fria da zona temperada. Estas tambem poderiam chamar-se em certo sentido cosmopolitas ; tambem têm representantes na metade sul do continente americano, e si para o Brazil não entram em linha de conta, mas tão sómente para o extremo sul da America Meridional, isto se deve unicamente ao facto de pertencer o nosso paiz na sua maxima parte á zona torrida.

---

[1] Cap. do 2° vol. das *Aves do Brazil* que os editores Alves & Comp. têm no prélo. 4° das « Monographias brazileiras ».

No estado actual da sciencia conhecem-se do Brazil 51 especies de Natatores — cerca de 1/11 do total das especies. Destas collecionou Natterer 31. O Brazil não é, pois, precisamente rico em representantes desta ordem, pelo menos no tocante á variedade das especies; é justamente fóra da zona tropical que a ordem assume o seu maior desenvolvimento.

No pé depara-se-nos um dos mais proeminentes caracteres da ordem dos Natatores. Consiste elle em uma membrana natatoria que liga os dedos até á phalange das unhas, membrana que em alguns casos (Pelicanos, *Pelicanidae*) chega até a envolver o dedo posterior, o que induziu um ou outro ornithologo a crear para aquellas fórmas o nome «Steganopodes-Remipedes». Apenas os *Podicepidæ* (mergulhões) fazem excepção com os seus dedos guarnecidos de largos lobulos membranosos, estes porém não apresentam chanfraduras como os dos *Fulicinæ* entre os *Râllidæ*. (frangos d'agua). Exemplares de pernas tão longas como entre os Grallatores, nenhum encontramos; as pernas dos Natatores são curtas, vigorosas e solidas. Verdade seja que algum embaraço offerecem á systematização os *Phoeniscopteridæ* ou flamengos, já por nós enquadrados na ordem anterior dos Grallatores e que varios naturalistas enumeram entre os Natatores. Acosto-me ao sentir do professor Huxley, que estribado em uma consideração dinatomica considera os flamengos como «completamente intermediarios entre os gansos de um lado e as cegonhas e garças de outro».

Falando de modo geral, é o corpo que sobreleva pelas dimensões, não as pernas ou o bico. O pescoço é longo sim em muitos casos, o bico porém, si exceptuarmos os pelicanos, apresenta proporções mais harmonicas. A plumagem é mui espessa, apresentando por entre tectrizes um frouxel quente. A esta circumstancia se prende a existencia na rabadilha de uma glandula, mui grande e notavelmente desenvolvida, á qual incumbe manter a plumagem constantemente lubrificada e resguardar o corpo da humidade e do frio provenientes da agua.

Os Natatores são mestres consummados na arte de nadar; d'ahi o seu nome. Muitos são por igual egregios voadores, e quiçá pertençam a esta ordem justamente os melhores de todo o mundo dos volateis. Em compensação outros ha que tão exclusivamente se entregaram ao nado e ao vôo que quasi ou por completo perderam

a capacidade de voar; nestas condições as azas, rudimentares e imprestaveis para o vôo, tanto mais relevantes serviços prestam na agua como remos dianteiros. *(Alcidæ Spheniscidæ)*.

Ao territorio amazonico parecem ser peculiares as seguintes especies de Natatores: *Dafila bahamensis e Larus attricillis*.

Ao passo que do Brazil central especie alguma caracteristica se conhece, depara-nos a região costeira do sul as seguiutes especies: *Erismatura spinicanda, Podilymbus podiceps, Thalassidroma oceanica, Procellaria capensis, Larus Azarae, Stuna galviculata, St. cayanensis, St. Wilsonii, St. arauca, Sula fusca, Cygnus cascaroba* e *Cignus nigricollis*.

A primeira familia, a das *Anatidae*, encerra os patos, gansos, cysnes e os merguhadores serrirostros e póde bem suppor-se conhecida, quanto ao aspecto geral. Conhecem-se no mundo inteiro 180 especies actualmente vivas; em nenhuma parte do mundo faltam. Ao Brazil cabem, tanto quanto os nossos conhecimentos actuaes nos permittem, avaliar 19 especies — portanto cerca de $^1/_9$ do numero total.

Caracteristico é para as *Anatidae* o bico. E' raramente mais longo do que a cabeça, de ordinario direito, largo, apresentando no lado superior uma convexidade achatada, terminando adiante em uma unha larga, guarnecido lateralmente de dentes corneos similhando folhas, que se encaixam na mandibula inferior. Por igual cornea, franjeada e denteada nas paredes lateraes, é a lingua, grande e carnuda. A abobada palatina depara saliencias transversaes em forma de laminas. O conjunto forma um excellente crivo, uma especie de apparelho de filtrar, que permitte ao passaro aproveitar as menores particulas de alimento, ao passo que deixa escoar-se a agua vasia.

Esta conformação do bico fez com que se applicasse ás *Anatidae* a denominação synonima de *Lamellirostros*.

As 19 especies brazileiras são as que se seguem: *Sarkidiornis regia, Chenalopex jubatus, Cygnus nigricollis, C. cascaroba, Dendro cygnus arborea, D. autumnalis, D. fulva, D. viduata, Anas melanocephala, Dafila bahamenses, Omerguedula brasiliensis, O. discors, O. torquata, Perocygnus maculirostris, Cairina moschata, Erismatura dominica, E. spinicanda, Anas erythrophthalma, Mergus brasiliensis*.

Sarkidiornis regia, aqui ao longo da costa chamado, segundo Natterer, pato do mato, citada pelo principe zu Wied em nota

supplementar como sendo conhecido no sertão da Bahia pelo nome de «pato de crista», mede cerca de 96 cent., tem o branco por côr predominante, malhado, porém, de preto na cabeça e parte superior do pescoço até a nuca; o dorso, azas e cauda são ennegrejados, de verde bronze vivo nos individuos adultos. As pernas são negras, bem como o bico curto e alto. Este macho no bico traz na base uma carnosidade alta e de proporções avantajadas; o macho possue outrosim na cabeça um pennacho ou poupa. Este ganso, que não é lá de grande belleza, tem o vôo rapido e não é caça para desprezar-se; a carne é saborosa e abundante. Natterer matou-o em Sepetiba, no Mato-Grosso e finalmente na barra do Rio Negro no mez de Março. *Chenalopex jubatus*, o marrecão, o ganso propriamente dito do norte do Brazil, é cinzento na cabeça, pescoço e peito; azas e cauda são de um verde bronze, o abdomen é preto, os lados do abdomen e a orla das pennas humeraes de um amarello ferrugineo. E' menor que a especie precedente. Natterer observou-o e colleccionou-o de Julho a Janeiro em Mato-Grosso e no curso superior do Amazonas; da costa, pelo contrario, não conheço lugar em que haja sido encontrado.

Fallecem-me dados circumstanciados concernentes á vida, reproducção e zona de propagação de qualquer desses dois gansos. A primeira especie encontra-se tambem na Africa Central e alcança até a India anterior; os exemplares do mundo antigo, ao que se diz, differençam-se apenas por ter os lados do corpo mais claros.

O Brazil hospeda ainda dois cysnes, *Cygnus cascaroba* e *Cygnus nigricollis*, dos quaes é o ultimo o mais bello cysne que existe. Attinge a cerca de 1 metro de comprimento, é todo branco, com excepção da cabeça e pescoço que são negros. O bico é côr de chumbo; de um vermelho sanguineo; são a protuberancia em forma de tuberculo situada na base do bico, as redeas desguarnecidas de pennas e uma listra através dos olhos; os pés são vermelho-pallidos. São-lhe peculiares as azas curtas e a cauda constando só de 18 pennas.

Este donoso cysne que desde o meiado deste seculo foi introduzido na Europa e ahi se dá perfeitamente, reproduzindo-se aqui e acolá, pertence ao sul do Brazil; não parece chegar até ao Rio de Janeiro. A sua zona de propagação é provavelmente a metade meridional da America do Sul, tanto do lado occidental como do oriental. O outro cysne, *Cygnus cascaroba*, conheço apenas por descripções imperfeitas.

A'cerca do viver e habitos destes cysnes do sul do Brazil, traçou H. von Ihering no Rio Grande do Sul, em 1888, o seguinte quadro: « Ja na segunda metade de Agosto encontram-se ninhos e ovos de *Cygnus cascaroba* (e *Chauna chavaria*), pelo menos observamos isto nos annos 1885 e 1886. Ainda mais cedo o *Cygnus nigricollis* deve incubar. A este respeito nada sei de experiencia propria, vi-o porém ultimamente em fins de Agosto, razão porque não duvido que elle aqui incuba. Suppõe-se que constroe o ninho em terra firme no espesso da floresta virgem, em todo o caso não em descampados, como a outra especie de *Cygnus*, cujo ninho tantas vezes tenho achado. Um caçador experimentado que em 18 de Agosto me trouxe tres ovos de *Chauna chavaria*, asseveron-me que acabava de ver nadando com filhos ás costas *Cygnus nigricollis* (chamado aqui pato arminho), d'onde é força concluir que este cysne incuba pelo menos quatro semanas antes do outro, já em julho. Entre São Lourenço e a embocadura do rio Camaquan finda na costa, prolongando-se em pequenas ilhas, uma ponta de terra, conhecida com o nome de Caipira. Este sitio apresenta numerosos bancos de areia simulando ilhas, charcos e enseadas de pequena profundidade cobertos de juncos, caniços, pontederias, etc. Era d'antes procurado com predilecção pelos passaros aquaticos para ahi incubarem, até que os amiudados e excessivos estorvos os forçaram a abandonal-o. Os barqueiros e varios habitantes de S. Lourenço traziam d'ali em Setembro os ovos em cestos; o solo estava todo juncado de ninhos de gaivotas, andorinhões do mar e cysnes. Hoje em dia está tudo infelizmente mudado.

« Tambem nós demos ahi com uns 100 ovos de *Chauna chavaria* e *Cygnus cascaroba*, porém já não nidifica ahi uma gaivota siquer. Os mais originaes são os ninhos de *C. cascaroba*, chamado aqui capororoca. Sobre um largo comoro de areia accumulada ergue-se do meio do fundo arenoso baixo e desabrigado o ninho alto de 3 a 6 centimetros, formado de caniços e hastes seccas de plantas aquaticas. E' atapetado interiormente de finissimo frouxel, formando uma massa alta de pennas, em que jazem 6 a 8 grandes ovos brancos. Com este frouxel a ave, quando sai do ninho, cobre-os de tal geito que ao principio a gente cuida ter achado um ninho vasio, até que depois a mão descobre os bem resguardados ovos. São muito parecidos com os de *Chauna chavaria*, delles difficilmente

distinguiveis, ao passo que o ninho duvida alguma deixa pairar, por isso que o de *Chauna* nunca é forrado de pennas por dentro.

« Por outro lado a *Chauna* não faz o seu ninho tão desabrigado e exposto, como aquelle cysne, porém escolhe nos tremedaes pontos de difficil accesso, e ahi no mais emmaranhado da vegetação arranja com varas e sarmentos uma ilhota artistica, que comporta não somente passarinhos, como tambem um homem. A' voz da «tahã» corresponde tão bem o seu nome, como a designação «capororoca» á do cysne cascaroba. Este nos seus movimentos em terra lembra um grande ganso; affigura-se-nos tambem nestes movimentos e ao alçar o vôo mais agil e airoso do que o pesado e desgracioso *C. olor* do mundo antigo. Como succede com outros cysnes, estes dois d'aqui tambem perdem por occasião da muda todos os remigios ao mesmo tempo, de modo que durante um certo tempo não podem voar.

« D'antes, quando eram muito mais numerosos e vinham muitas vezes da Lagoa dos Patos ao rio S. Lourenço, foram por vezes apanhados de canoa neste estado. Quando vôa o capororoca produz com as azas um sussurro especial, muito sendo de notar que quando voam juntos, este zunido ou bater de azas é executado por todos a um tempo ». (*Aves*, I, Lagoa dos Patos, pag. 153 e seg.)

Das demais Anatides acima enumeradas, as 14 seguintes são verdadeiros patos. Destes assinalaremos as especies mais dignas de nota. *Dendrocygnus viduata*, bem conhecido aqui no paiz com o nome de areré (região costeira do norte, Wied), já com o de ereré e ireré, é um daquelles mimosos patos do genero Dendrocygnus que por causa das pernas proporcionalmente altas se poderiam capitular de gansos em miniatura. Todo o rosto e o vertice da cabeça são brancos, bem como uma malha na garganta. A parte posterior da cabeça e a superior do pescoço são negras; a parte inferior do pescoço e o peito castanhos, a barriga negra e fitada transversalmente de amarello. A plumagem do dorso e dos hombros é de coloração parda amarellada; as pernas são negras.

O ireré com o seu rosto branco é um donoso passaro, com quem a gente fica desde logo sympathisando. Em liberdade e captivo é tão vigilante e curioso como petulante e confiado. Muito faz ouvir o seu grito argentino, que alcança longe e sôa como wit-wit-wit, saudando tambem com elle tudo aquillo com que não está

familiarizado. No captiveiro torna-se muito manso, e a sua vigilancia que costuma ser igual de dia e de noite, está a pedir meças á dos gansos do capitolio. Burmeister affirma que elle tão sómente se encontra em aguas continentaes, porém isto não é exacto, visto que habita tambem a costa, como por exemplo já em Santa Cruz e nas ilhas que bordam o fundo da bahia do Rio de Janeiro. Vi-o e observei-o, muito, e sempre que estou no Rio, ouço bem alto nos ares o sibilo estridente de bandos delles que passam de noite na direcção do Corcovado em demanda da Copacabana, Gavea e Jacarépaguá, ou chegam daquellas praias. Natterer encontrou o ireré posteriormente tanto em Mato Grosso como no rio Guaporé.

No interior do estado do Rio de Janeiro topei eu em 1886 com um bando de irerés mansos gosando de completa liberdade, da qual por sua vez se utilizavam em grande escala. Quando o tempo estava bom e secco, conservavam-se ás vezes ausentes semanas inteiras; prolongando-se porém as chuvas apresentavam-se regularmente diante da fazenda, annunciavam a sua chegada com um alarido infernal e pedinchavam de comer. Tambem a outras pessoas ouvi referir casos de irerés que pareciam haver tocado as raias da domesticação. Reputo muito possivel a cabal realização desta. Não era como lemos nos classicos, o pato sarcella (*Anas sarcella*) um animal domestico entre os antigos romanos, ao passo que hoje só o conhecemos em estado selvagem?

Ha alguns annos, tratava-se de baptisar um novo pequeno barco a vapor de propriedade particular, destinado a servir nesta bahia, de um modo que exprimisse ao mesmo tempo rapidez e elegancia. Para logo nos resolvemos a pôr ao baixel o nome de ireré, como sendo o de uma creatura que reune excellentemente ambas estas qualidades.

Comquanto tenha de ha annos varios irerés captivos, ainda não obtive reproducção alguma,— sem duvida por estar repleto o meu viveiro.

Outras especies do genero Dendrocygna pertencem antes ao Norte do Brazil: *D. autumnalis*, de dorso e alto da cabeça brunos, cara e pescoço pardo-amarellados, barriga, remigios e cauda negros, observado muitas vezes por Natterer no Brazil, desde o Paraná até o rio Negro, em bandos que chegavam a reunir 30 individuos (possuo ha annos dois exemplares vivos desta especie);

D. fulva, de estria negra no pescoço, dorso com ondulações amarello-ferruginosas e negras, lado abdominal vermelho ferruginoso com estrias amarellas desbotado, achado pelo principe zu Wied no rio Jequitinhonha e no littoral junto a Porto-Seguro, observado por outros tambem no Amazonas; *D. arborea*, com o alto da cabeça até o pescoço negro domesmo modo que os remigios e a cauda, a garganta alva, lado abdominal com fitas transversaes pretas e pintas em cada penna; destribuida entre Maranhão e Amazonas, estendendo-se até as Indias occidentaes.

O resto consta de diversos patos de perna curta, dos quaes o mais commum aqui é *Querquedula brasiliensis*, encontradiço desde o Rio de Janeiro e Minas para o Sul até o Rio-Grande, collecionado por Natterer em Mato Grosso e no Rio Branco, morto pelo principe zu Wied na região costeira do Norte, visto por Spix no rio S. Francisco. Tem annegrados o pescoço e o alto da cabeça, o peito amarello-bruno-avermelhado, barriga bruno-cinzenta, descorado com malhas transversaes um tanto mais escuras, tectrizes negras de catasol verdoengo na orla anterior da aza, de brilho azul-ferrete por cima e atraz. As pernas são de vermelho cinabrio. A femea apresenta duas manchas alvaçans, uma no canto da bocca, e outra por cima dos olhos.

« Este pato, escreve o principe zu Wied, é o mais commum nas regiões do Brazil que visitei. Acha-se ás porções entre os alagadiços, tanques e lagoas. Vive aos casaes e mais tarde em sociedade. Quando voa conhece-se logo de longe pelas pennas brancas que traz nas azas. Sua voz é um assobio claro que, segundo parece, se ouve só quando voa. Sua carne dá boa comida. Os brazileiros chamam-n'o simplesmente marreca, do mesmo modo que aliás a todos os patos.» De *Qu. brasiliensis*, que já se apanha perto do Rio, em Santa Cruz, e que muitas vezes observei no Parahyba, pode em geral dizer-se que quanto ao habito e á côr assemelha-se ao pato selvagem da Europa (Anas boschas). Todavia não é só, como escreve Burmeister, um « tanto menor »; é consideravelmente muito maior. Ambos os sexos variam bastante quanto á côr. Os dois exemplares vivos que possuo ha annos são de indole mais fleugmatica que os irerês e outras especies de Dendrocygna. *Anas erythrophthalma*, especie descoberta pelo principe Maximiliano no littoral bahiano, é bruna, de pescoço e peito salpicados de

vermelho, dorso de fino ponteio amarellado, abdomen amarellado. O espelho das azas é branco; annegradas são a cara, o cocurúto e uma estria que desce-lhe pelo pescoço; o iris é vermelho cinabrio. Sobre ella escreve quem a descobriu: « Um casal destes patos mataram meus caçadores no mez de Novembro na lagoa estreita e comprida proximo da villa de Belmonte, conhecida pelo nome de lagoa do Braço. Não tornei mais a encontrar este pato; seu ninho estava indubitavelmente naquella lagoa. Sua carne era muito saborosa. » Desde então, que eu saiba, nenhum naturalista tornou a vel-o.

Proximo parente é *Anas melanocephalo* caracterisado pela mancha vermelha que têm de ambos os lados da base do bico. Pertence mais ás terras visinhas do Sul, mas tambem dão-no como habitando o Rio Grande. *Dafila bahamensis* é pato muito airoso, que chama logo a attenção pela cauda longa e comprida e a mancha laranjo-avermelhada de cada lado da base do bico. E' bruno-cinzento no lado superior, e pintado de escuro no alto da cabeça. A garganta é branca, todo o lado inferior é bruno-pardo-avermelhado sujo, de manchas bruno-negras redondas que semelham gotas. O espelho é verde, orlado de amarello-avermelhado por cima e por baixo. Deste bello pato possuo 6 exemplares que me asseguraram na praça do Mercado terem vindo das immediações de Campos. Esta soberba ave foi observada por Natterer no Alto Amazonas, e uma vez pelo principe zu Wied, durante sua viagem pela costa, em bandos de 10 a 12 cabeças. Nos ultimos tempos tem apparecido tanto no mercado do Rio que deve ser frequente. E' folgasan, mobil e, embora o corpo pesado e as pernas curtas, anda sempre correndo. De vez em quando sibila pelo nariz de modo muito particular e empina a rabadilha inclinando ao mesmo tempo o corpo anterior, o que empresta-lhe aspecto muito comico. O macho, que se distingue pelo tamanho e pela mancha do bico profundamente vermelha grasna de vez em quando quasi como o pato domestico commum. Quando ha luar não socegam: passeando, assobiando, banhando-se e grasnando levam a noite inteira. Infelizmente ainda não consegui que se reproduzissem no captiveiro. Ha alguns annos vi alguns exemplares vivos, mas sem nome, no *Jardin d'Acclimation*, em Pariz. *Dafila bahamensis* assemelha-se a muitos respeitos a *D. acuta* da Europa. Com maior razão se pode dizer isto de outros patos

indigenas. Assim para *Dendrocygna fulva* ha uma forma parallela no Velho Mundo, *Sarkidiornis regia*, e da *Dendrocygna viduata* obteve o principe zu Wied um exemplar procedente do Senegal. Reproduz-se pois o mesmo phenomeno que já tivemos ensejo de accentuar a proposito dos Grallatores.

Do genero Erismatura, que pertence mais ao alto Norte, e conhecido pela cabeça espessa e pennas caudaes longas e rijas, mencionaremos *E. dominico*, que já se apanha em S. Paulo e Mato-Grosso e no sertão da Bahia. E' bruno-vermelha, e tem negros o corpo anterior, os remigios e a cauda; nas coberteiras ha uma mancha branca; o meio do bico forte e largo é na maior parte de bello azul celeste. « Esta pequena especie, escreve o principe zu Wied, pertence ás que mergulham muito, pois não sai facilmente d'agua quando a espantam, preferindo emmergir-se. Durante a natação empina a cauda rija e larga. No estomago encontram-se conchas e vermes. »

Segunda especie que aqui entra, *E. Spinicauda*, habita mais o norte do Brazil e Cayenna, todavia Natterer encontrou-a junto a Itararé em S. Paulo; não a conheço por experiencia propria. *Cairina moschata*, o pato dos brazileiros, é grande pato indigena e que por toda parte está de todo domesticado, e em estado de natureza habita tambem grande parte da America do Sul. Em Portugal chamam-no pato almiscarado, conhecem-no os inglezes por *Muscovy-Duck*, os francezes por *Canard musqué*, os allemães por *Bisam* e *tuerkische Ente*.

O pato bravo é de cor em que predomina o negro, catasolado de verde metallico pelo lado dorsal; os grandes tectrizes da aza são brancos; na parte superior das redeas mostram-se verrugas vermelho arrepiadas; o macho tem uma giba assaz grande no bico e um annel vermelho e descarnado á volta dos olhos. São impressionadoras sua construcção tosca, o pescoço curto, a cauda longa e pontuda que se assemelha a de *Dafila*, as pernas espessas e robustas nas quaes claudica, pesadão. Em compensação voa egregiamente; produzindo o seu vôo um sussurro agudo. Comparado a outros patos selvagens, gosta relativamente bastante de pousar em arvores.

Sobre sua vida livre devemos ao principe zu Wied a attractiva descrição seguinte: « Este bello e grande pato, que é o tronco do Bisam tão frequentemente criado na Europa, vive só onde ha grandes lagoas e rios cercados de matos virgens, nunca sendo observado nos

descampados. Apanhei os primeiros em Muribeca, junto ao Itabapoama. São ariscos e nada faceis de atirar, voam aos casaes quando andam ao cio, depois em familias ou sociedades numerosas. Habitam outrosim os grandes juncaes e brejos de regiões selvagens e inhabitadas. Nos rios caudalosos que atravessam as matas achei-os em bahias tranquillas e solitarias, proximo ás costas arenosas das ilhas, etc. Ao amanhecer voam do seu pouso nocturno geralmente contra o vento e caem nos lugares do rio que lhes promettem ceva, a qual consta de sementes, vermes, crustaceos, insectos e plantas aquaticas. Com frequencia encontrei conchas em seus estomagos. Quando sobrevem a tarde levantam-se outra vez e vão para seu pouso onde se pode atirar-lhes facilmente, comtanto que se tenha ficado á espera e bem escondido. Pousam commummente em arvores, principalmente nos galhos lisos e sempre horizontaes das embaúbas, que ás porções molduram as margens dos rios da mata. O ninho deste pato encontra-se em arvores elevadas nas proximidades dos rios ; não consegui, porém, ver algum. Para os caçadores este grande pato, que tem quasi as dimensões de um ganso é sempre tiro bem empregado. A carne desta ave, quando adulta, é dura; mas a dos novos é muito gostosa. »

Dizem outros autores que o pato nidifica em arvores ocas, pondo 10 a 14 ovos. Talvez assim seja, mas sobre este assumpto não conheço informe extreme de duvida. Natterer encontrou patos em estado de liberdade junto ao Ipanema, em Itararé, em muitos lugares do Paraná, e finalmente em Mato Grosso, ao todo 9 exemplares; Reinhardt encontrou-os no Sumidouro. Em compensação H. von Ihering já não o achou na lagoa dos Patos. E' sabido que Markgrav os descreve como aves silvestres, o que deixa suppor que viu-o em Pernambuco e Alexandre Rodrigues Ferreira na est. XIII de seus Desenhos [1] figura um pato de carunculo vermelho junto á raiz nasal, mas, o que é singular, de corpo branco.

No porte, diverge a *Cairina moschata* bastante do pato domestico, e de *Anas boschas*. Não *grasna* como aquelle; assanha-se, sopra pelas ventas e aproxima-se de cabeça baixa, á maneira de

---

[1] *Desenhos de gentios, animaes quadrupedes, aves, amphibios, peixes, insectos, etc., da expedição philosophica do Pará, rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá (1783-1793) Msc.*

ganso, do objecto de sua má vontade. A cara vermelho-sangue exprime, no macho principalmente, selvageria e malvadez, e na validade de seu caracter cruel e astucioso, zangado e brigão, não se pode sem perigo atiral-o ao convivio de aves mais nobres. O pato maior mede 0,867^{m} de comprimento, enverga 1^{m},3 e pesa em alguns casos 4 a 5 kilos; a femea em regra mede 0,67^{m}, enverga 0,9^{m}, pesando de 3 a 4 kilogrammas.

Na Europa a *Cairina moschata* é tida por menos fertil que os outros patos.

Tanto se fala aqui no Brazil de mestiços de pato e marreco (*Anas boschas* domestica) que não me abalanço a duvidar que seja exacto. Exemplos manifestos nunca vi. Quanto á fertilidade dos bastardos nem uma noticia possúo.

Um membro da familia dos patos que está um tanto arredado é o genero *Mergus*, facil de conhecer-se pelo bico tamanho como a cabeça, estreito, baixo, agudamente denteado na orla. *M. brasiliensis* é preto na cabeça, bico, pernas e remigios; o dorso é cinzento esfumaçado, o lado abdominal branco, mosqueado de ondulações negras. A especie d'aqui é alguma cousa menor que *M. Serrator* da Europa. Natterer achou-o em Itararé, e informa que encontrou-lhe peixes no estomago; Burmeister designa tambem como sua moradia Santa Catharina.

A segunda familia dos Natatores é formado pelos *Laridæ* ou gaivotas. Seu habito externo conhece qualquer morador das costas; na bahia do Rio de Janeiro vê-se diariamente aos bandos. A familia é cosmopolita; contam-se presentemente 132 especies por toda a terra. Ao Brazil cabem, tanto quanto se sabe, 16 especies, cerca de 1/8 do total. Desconfio, porém, que com estudo mais rigoroso este numero ainda crescerá seu bocadinho. As 16 especies são: *Larus Azaræ*, *L. maculipennis*, *L. atrecilla*, *L. corallinus* *Rhyncops nigra*, *R. melanina*, *Anous Stolidus*, *Sterna gaberceulata*, *S. magnorostres*, *S. cayanensis*, *S. cantiaca*. *S. argentea*, *S. Wilsonii*, *S. aranea*, *S. Trudeani*, *S. erythrorhyncus*.

O caracteristico da familia dos *Laridæ* consiste nos buracos nasaes em forma de fenda, disposto ao lado do bico, que na raiz é recto e na ponta mais ou menos curvo. Burmeister por isso chama-os tambem *Fissurinares*. Do genero *Larus*, em que se contam as gaivotas que possuem azas mais longas que a cauda geralmente arredondada, mencionaremos *L. maculipennis* tão frequentes aqui no Rio de

Janeiro. E' de côr geral branca, o dorso é preto; são caracteristicos as azas negras por cima, nas quaes apenas é branco o debrum de alguns remigios. Nos mezes do inverno encontrou-a Natterer aos bandos em lagos do nterior, por exemplo em Mato Grosso. Vê-se mais *L. Azaræ*, frequente no brejo da restinga de Marambaia. Em sua obra sobre os animaes do Brazil (III. 448) confundiu Burmeister estas duas especies, como elle proprio me confessou por occasião de uma visita. *L. atricilla* parece que pertence antes ao norte (Pará).

Do genero *Lestris*, gaivotas maiores de cauda cuniforme, affirma Burmeister que nem uma especie apparece no littoral brazileiro. Tambem isto não é muito exacto, pois eu proprio tenho visto exemplares de uma especie morta na bahia do Rio de Janeiro, que me parece identico a *Megalestios* da America do Norte. Tambem no Rio Grande do Sul H. von Ihering observou especies de *Lestris*.

As especies de *Sterna*, muito menores e de construcção mais elegante, caracterizadas por bico recto, que vai gradualmente afinando para diante; buraco nasal escondido na base do mesmo e cauda bifurcada, são entre o povo da costa dados pelo nome de Trinta réis. *St. Wilsonii*, de bico e pernas vermelhas, alto da cabeça negro, manto pardo-argentino e tronco branco, vê-se ás vezes aos pequenos bandos na bahia do Rio de Janeiro, com mais frequencia ainda nas praias exteriores, para Cabo Frio e Marambaia. O mesmo se póde aliás dizer de todas as outras especies. *Anous stolidus*, de construcção um pouco mais grosseira, comprimento de 42 centimetros, de côr geral bruno-ferruginosa, branco-pardacento no alto da cabeça, duas manchas negras, diante dos olhos uma, outra atraz, bico negro e muito pontudo, foi apanhado por Burmeister a bordo, na altura de Fernando de Noronha; tambem o principe zu Wied observou-o na travessia, e H. von Ihering como hospede occasional das costas do Rio Grande do Sul. De resto é ave muito espalhada, que habita os dous oceanos Atlantico e Pacifico.

Do genero Rhynchops, caracterizado pela construcção peculiar do bico, pois o bico de cima é muito mais curto que o de baixo, ha no Brazil duas especies, conhecidos entre o povo pelo nome trivial de Talha-mar ou Corta-mar.

Sobre *Rh. nigra*, de cor bruno-negra no lado dorsal, fronte e lado dorsal brancos e fita branca na aza, diz o principe zu Wied que « é no Brazil ave permanente, commum até nos bancos de

areia dos rios florestaes mais caudalosos a um dia de viagem do mar, além disso nas costas maritimas quando planas e arenosas. As primeiras destas aves matamos nos rochedos dos rios que desembocam no Espirito-Santo, mais tarde nos bancos arenosos do Jequitinhonha e em outros lugares. Quando a maré baixa, vêem-se pousados nos lugares razos, ou esvoaçando a cata de alimento. Na embocadura dos rios, passado o tempo da incubação, vimos estas aves reunidas em numerosos bandos. Quando sentado, seu corpo anterior fica baixo e as azas levantadas de traz para diante. »

Natterer observou o Corta-mar muitas vezes, aos grandes bandos, depois do pôr do sol em Sepetiba e tambem em Ipanema, no Araguaya e em Mato-Grosso. Os ovos (3,5) de *Rh. flavirostris* do Velho Mundo são rigorosamente ovaes, verde-cinzentos com pintas e estrias bruno-escuras, medindo de comprimento 42 millimetros e de largura 26 millimetros; da especie d'aqui, que eu saiba, não se conhece ainda os ovos. Tam pouco das especies de *Larus* e *Sterna*, da costa brazileira.

Escassamente representada no Brazil é a terceira familia de Natatores, os *Procellaridæ*, os andorinhões das tormentas, — *les oiseaux-tempête* dos nautas francezes. De 96 especies que habitam os mares de todas as partes do mundo, 7 apenas se tem observado em mares brazileiros, cerca de 1/14 do total das especies.

Dos *Procellaridæ* é caracteristico que os buracos do nariz têm a forma de tubos dispostos lateralmente ao canto do bico, donde o nome de *Tubinares* pelo qual estas aves são tambem comprehendidas. Todas estas aves passam a maior parte da vida no mar largo, e em regra só se aproximam do continente quando chega o tempo de incubação.

As 7 especies a que nos referimos, são: *Thalassidroma oceanica*, *T. leucogaster*, *Procellaria æquinoctialis*, *P. atlantica*, *P. capensis*, *Prion vittatus*, *Diomedea melanophrys*. *Thalassidroma oceanica* chamado *Alma de mestre* pelos marinheiros d'aqui, tenho observado varias vezes dentro da bahia do Rio de Janeiro, quando o mar está um tanto agitado. Sua cor geral é bruno-ferruginoso-sombrio; é facil conhecel-o pela fita transversal que proximo á cauda cinge o corpo posterior. Lá fóra no alto-mar é encontrado em tempo chuvoso; os marinheiros vêm nesta ave o precursor de tormenta que se avisinha, e por isso não lhe são muito sympathicas.

O albatroz, (*Diomedea melanophrys*) é uma das formas gigantescas entre os *Procellaridæ*. O genero, que abarca 10 especies pertencentes principalmente aos mares tropicaes, consta de aves que quasi todas medem um metro de comprimento, de cor geral branca, bico comprido, de beiras muito agudas, comprimido lateralmente, munido adiante de gavião reforçado, excellentes voadores que em sua fome canina insaciavel perseguem os navios dias inteiros, para pescar o que quer que de comivel atiram de bordo. A *Diomedea melanophrys* foi pegada na bahia do Rio de Janeiro em 1857, a bordo do *Novara*, corveta austriaca. H. von Ihering communica tambem sua apparição na costa do Rio Grande do Sul; outro informa que uma vez por outra lá surge uma *Procellaridæ* do genero *Puffinus*.

Si incubam em nossa costa, até agora ninguem o provou ou demonstrou. As *Procellaridæ* parecem escolher para ponto de incubação ilhas muito solitarias, despovoadas, raro ou nunca visitadas pelo homem.

DR. EMILIO A. GOELDI

(*Continúa*)

A PHILOGENIA JURIDICA E SUAS LEIS [1]

O Direito, como « conjunto das condições existenciaes e evolucionaes da sociedade, coactivamente asseguradas pelo poder publico » ou como « factor dynamico-social em virtude do qual se realiza o accordo das vontades produzindo a equação dos interesses » [2] é em parte uma creação natural, um todo organico determinado por fatalidades bio-sociologicas, e, por outro lado, um instituto cultural humano, um apparelho regulador e selector, de fabricação politico-social, mais ou menos dependente da vontade dos individuos ou classes dirigentes.

A' similhança desses recifes de coral em cuja base os polypeiros de zoophitos agitam-se e produzem, emquanto a industria lhes aproveita e modifica as arestas e os cimos para servirem, em docas e quebra-mar, ás necessidades da civilização, o Direito apresenta-nos essa dualidade de organismo e mecanismo, de natureza e arte, de autonomismo vivente e cego por um lado e de regra consciente por outro.

Durante muito tempo um só desses aspectos feriu a retina dos juristas: o aspecto artificial, arbitrario, exterior. A chamada escola

---

[1] Este artigo servirá de introducção á *Historia do direito nacional* do A.— N. DA R.

[2] A primeira definição é de Rudolf von Ihering na *Zweck im Recht* e a segunda de Theophilo Braga no seu *Systema de Sociologia.*

A definição de Ihering está ampliada, ou antes, completada segundo o pensamento de Tobias Barreto, que ao adjectivo *existenciaes* juxtapoz o *evolucionaes* para referir-se não só ás condições staticas, mas tambem ás dynamicas.

dogmatica ou philosophica não viu por outro prisma as intuições e instituições juridicas. Fez-se mais tarde a reacção por meio do historicismo de Savigny e seus discipulos. Foi o sinal da renovação dos methodos e das idéas no departamento do Direito. A escola historica, de facto, entreviu e formulou algumas das leis que dominam a nova concepção do cosmos juridico. Nem foi prematura a obra realizada pelos romanistas tedescos porque já em fins do seculo XVIII Jeremias Bentham presentira a direcção que viriam a tomar os respectivos estudos, ao affirmar que encontrara os seus modelos de methodo mais nas obras de physica, de historia natural e de medicina, do que nos livros de Direito.

Os methodos das sciencias positivas vieram realmente, e por fim, renovar e fecundar as especulações de ordem juridica. Hoje ao influxo poderoso desses methodos, o Direito está sendo devidamente estudado e comprehendido. Sob as largas tendas da escola naturalista ou positiva abrigam-se os valentes successores dos Grotius e Puffendorfio, dos Hugo, Savigny e Puchta. [1]

Orientados os novos juristas, uns pelas idéas fundamentaes do positivismo francez, outros pelas doutrinas do evolucionismo spenceriano ou pela theoria darwinica, o Direito deixou de ser para elles alguma cousa de anterior e de superior ao homem, um quer que fosse de innato e de divino, veiu tornar-se pura e simplesmente um facto natural, um phenomeno humano, obediente ás leis geraes que governam o organismo social.

Esta concepção da sociedade-organismo é capital na materia de que tratamos, porque, como diz muito bem um illustre sociologista francez « é uma grande illusão imaginar que se pode ter idéas justas sobre a moral, a politica, a propriedade, o direito ou a justiça sem ter precisão de aprofundar a noção mesma de sociedade ». Ora tal noção é-nos fornecida hoje, pelos autores mais competentes, no sentido da comparação sinão da equiparação dos organismos naturaes com o social.

Os discipulos de Comte, especialmente na ramificação littreista, o grande philosopho inglez autor dos *Principios de sociologia*, os

---

[1] Todas as escolas de direito são hoje reductiveis a tres intuições precipuas : — philosophica, historica e naturalistica. (Tobias Barreto — *Programma de Philosophia do Direito*, Lecc. na Faculdade do Recife).

notaveis publicistas allemães Lilienfeld e Schœffle e o russo Novicow, os distinctos naturalistas Jœger e A. Espinas, os brilhantes escriptores francezes contemporaneos A. Fouillée e Julien Pioger, além de outros, suffragam e defendem a existencia de uma analogia real entre a sociedade e os seres organicos superiores. A idéa, aliás, é antiquissima, pois essa analogia foi presentida e proclamada desde Aristoteles e, em época relativamente moderna, por muitos dos grandes philosophos do seculo XVIII. [1]

E' verdade que alguns pensadores modernos, e entre elles Gumplowicz, o illustre autor da *Luta das raças*, rebellam-se contra a concepção da sociedade-organismo e reputam « sem consistencia e sem seriedade scientifica » as theorias que levam a essa concepção. A nosso ver, porém, Julien Pioger responde bellamente a Gumplowicz e aos que como elle pensam quando diz que a insufficiencia dos conceitos que de sociedade e organismo têm certos sociologos é que lhes difficulta a assimilação de uma sociedade com um organismo vivo.

Mas por isso mesmo que o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo trouxeram para o campo da sociologia a preoccupação constante dos phenomenos e leis biologicas, como base necessaria e innegavel dos phenomenos e leis sociaes, foram e são ainda agora levados os juristas a ver no Direito um organismo *sui generis*, um quasi ser structurado e vivo, nascendo, evoluindo e finando-se em condições determinaveis.

Este modo de encarar a phenomenalidade juridica é, com effeito, hoje corrente. R. von Ihering [2] escreve: « O Direito, segundo a idéa actualmente dominante, é um organismo objectivo da liberdade humana. Não se contesta mais hoje que o Direito não é, como se julgava antigamente, uma aggregação exterior de disposições arbitrarias, que deve sua origem ao pensamento do legislador: elle é, como a linguagem de um povo, o producto intimo e regrado da historia... O Direito, como creação real, objectiva, tal qual se nos

---

[1] Vid. A. Espinas: *Les societés animales* e A. Fouillée: *La science sociale contemporaine*. Este autor tem dois bellissimos capitulos intitulados *provas physiologicas e psychologicas do organismo social*.

[2] *O Espirito do Direito Romano*, trad. franceza de Meulenaere, 3ª edição, pags. 26 e 27.

manifesta na forma e no movimento da vida e do commercio exterior, pode ser encarado como um organismo... Servindo-nos desta imagem nós reconhecemos no Direito todos os attributos de um producto natural: a unidade na multiplicidade, a individualidade, o crescimento, etc... Esta comparação, as expressões *organico*, *crescimento natural*, etc., estão hoje muito em moda.»

E o eminente professor de Goettingen, o poderoso jurista-philosopho que tão corajosamente foi pedir á technologia de Darwin o titulo de uma de suas admiraveis obras, não se limita a enunciar essa opinião; elle a realiza, a põe em pratica no correr do seu profundo trabalho, estudando o organismo do direito romano nos seus aspectos *anatomico* e *physiologico*.

Adoptemos o mesmo ponto de vista, que é realmente fecundo, e norteemos por elle o nosso estudo. Já antes de nós o brilhantissimo espirito, infelizmente hoje extincto, de Tobias Barreto tomou esse rumo e fez galharda e victoriosamente a viagem da sciencia nova.

Assentado que consideraremos o Direito um organismo (sem todavia esquecer aquella sua dualidade de feição, que estabelecemos em começo) passemos a aproveitar-nos desde já de um dos muitos subsidios que a technologia e o methodo da sciencia biologica soem fornecer aos sociologistas. Assim tendo de occuparmo-nos da evolução geral do Direito, tomemos a Ernesto Hæckel, o Sabio autor da *Historia da Creação Natural*, a expressão com que elle designa a historia evolutiva de todos os seres e estudemos nas suas linhas geraes, a *philogenia juridica*. Devemos entender por isto, como se evidencia do que acabo de dizer, a historia evolutiva do Direito; mas do Direito geral, no seu conjunto, na sua integridade, na sua desenvolução completa através de povos e tempos.

Si tivessemos de analysar neste ou naquelle departamento juridico apenas um ou alguns dos institutos respectivos, fariamos então um trabalho não de philogenia, porém sim de ontogenia juridica. [1] Ambas estas expressões são hoje conhecidas se não

---

[1] *Vide* Hæckel, *Historia da Creação Natural*. Arthur Orlando, *Philocritica* e Tobias Barreto, *Estudos de Direito*. Este eminente professor, que vulgarizou e justificou o emprego das expressões *philogenia* e *ontogenia juridica*, deu entretanto a esta ultima uma significação differente da que fica indicada. Segundo elle ha *ontogenia juridica* quando «se estuda a evolução do Direito nesta ou naquella individualidade humana, singular ou collectiva.»

correntes entre os nossos modernos professores de Direito, pelo menos entre aquelles que nas faculdades brazileiras fecundam o cerebro dos seus discipulos com as verdades fundamentaes das novas escolas philosophicas constituidas no terreno do relativo e do real.

Mas é evidente que não basta deixar provadas a utilidade e propriedade das expressões ontogenia e philogenia juridica. Para o fim que temos em vista faz-se mister indagar si existe realmente a materia de uma *philogenia juridica*: por outras palavras: si ha effectivamente, razão para falar-se em uma historia evolutiva do Direito ou em uma evolução geral do Direito.

A quasi unanimidade dos juristas e sociologos actuaes não põe a minima duvida em responder affirmativamente. E a resposta assim concebida decorre, aliás, da concepção do mundo que presentemente domina todas as theorias e estudos desses pensadores. Tal concepção, com effeito, quer seja dada pelo systema de Augusto Comte, quer pelas theorias de Herbert Spencer; derive ou do monismo naturalistico de Haeckel ou do realismo scientifico de Büchner, Moleschott, Langue, Huxley, Letourneau e Lefèvre conduz a ver na phenomenalidade universal (siderea e tellurica, comprehendendo esta os factos sociaes) uma eterna movimentação e desenvolução das cousas no espaço e no tempo, um incessante *fieri* das forças naturaes a combinarem-se e transformarem-se, evoluindo da nebulosa para o astro, do atomo para a molecula, da cellula para o orgão, do homem para a familia, da tribu para a sociedade.

Discordamos do mestre. A philogenia é a *historia da especie* e a ontogenia a *historia do individuo*. Ora, no Direito-organismo os individuos são representados pelos institutos juridicos particulares, e sendo assim a consequencia que se impõe é que a ontogenia juridica é a historia parcial de cada um desses institutos. A consideração de que a ontogenia é a repetição ou recapitulação da philogenia, isto é, de que a philogenia é a ontogenia em ponto grande, não infirma o nosso modo de ver, antes o robustece. Basta notar que os varios institutos juridicos, nascem, desenvolvem-se e morrem como o Direito integral; do mesmo modo que estes, soffrem a influencia de antecedentes e dos meios; passam do homogeneo para o heterogeneo, emergem do symbolismo e do formalismo para libertarem-se progressivamente das suas faixas.

Citando aqui a *Philocritica* de Arthur Orlando devemos fazer-lhe a justiça de deixar consignado que foi elle quem primeiro aventou no Brazil, as idéas de ontogenia e philogenia juridica. Ficou celebre na Faculdade do Recife sua these de concurso:—*As ordalias no processo são provas ontogeneticas do desenvolvimento philogenetico do Direito por meio da luta.*

Alem disto a analogia já indicada entre a vida vegeto-animal e a social dá razão áquelles pensadores. Si a sociedade pode ser encarada como um organismo deve ella estar submettida, pelo menos, á lei superior e geral da evolução, que foi verificada principalmente nos dominios da biologia. Mas ha ainda outras razões em abono da affirmação feita, e estas occorrem com especialidade aos juristas.

Do conjunto das idéas aventadas e defendidas pela escola historica, por exemplo, resalta uma dessas razões.

Aquella escola, de que já tivemos occasião de falar acima, e á qual o autor do *Cours de Philosophie Positive*, apezar de sua má vontade aos especialistas da jurisprudencia, fez honrosa referencia por ter ella procurado « ligar em cada época do passado o conjunto da legislação com o estado correspondente da sociedade », não foi só a primeira a positivar os methodos juridicos : ella soube ter um conceito dynamico do Direito, affirmando, como justamente nota Brugi, que os principios juridicos entre todos os povos fazem-se lentamente através da historia e que ha intima connexão entre elles e os que regem os outros factos sociaes, como a religião, o costume, etc.

O notavel professor italiano que acabamos de citar, occupando-se do assumpto, depois de notar, com grande senso critico, que o methodo historico, restringido com Hugo ao estudo do direito romano, passou com Savigny a constituir uma doutrina geral do direito privado, e após advertir que o mesmo methodo com Hildebrand, Roscher e outros renovou a economia politica e o direito publico, escreve o seguinte : « Assim o direito attico, o direito mosaico, o direito indiano, o direito das raças semi-selvagens foram submettidos pouco a pouco a este fecundo modo de investigação (o methodo historico). A idéa do Direito (aqui não se póde negar a influencia de Hegel) apparece como uma vasta téla da qual cada povo urde uma trama, que o outro continúa. » [1]

Assim é ; mas cumpre entretanto observar que só em parte as doutrinas de Hugo e Savigny nos ajudam a formular o conceito da lei a que nos estamos referindo. Parece até que o principio de nacionalidade — base da escola historica — oppõe-se a tal conceito,

---

[1] Biagio Brugi, *Introduzione enciclopedica alle scienze giuridiche e sociali.*

porque dá lugar simplesmente a uma historia dos direitos e não a uma historia do Direito.

Neste particular acompanhamos as vistas e os dizeres de Ihering quando faz a critica das doutrinas de Savigny e oppõe ao de nacionalidade o principio de universalidade.

Com o grande jurista que produziu as obras primas intituladas *Espirito do Direito Romano, A finalidade do Direito* e a *Luta pelo Direito* diremos : « A lei do mundo physico é tambem a do mundo intellectual : a vida se compõe da admissão das cousas do exterior e da sua apropriação intima ; recepção e assimilação são as duas funcções fundamentaes cuja presença e cujo equilibrio são as condições de existencia e de vitalidade de todo organismo vivo. O individuo não pode subtrair-se a essa lei sem se condemnar á morte physica ou intellectual. A prosperidade de um povo se compõe de uma successão ininterrupta de elementos estrangeiros ; sua lingua, suas artes, seus costumes, sua civilização inteira, em uma palavra sua individualidade ou sua nacionalidade é, como o organismo physico e intellectual do individuo, o producto de innumeraveis acções exercidas pelo mundo exterior ou de emprestimos feitos a este. A lingua, os costumes, a religião, as palavras, as idéas, os preconceitos, a fé, as superstições, a industria, a arte, a sciencia, tudo obedece á lei de communicação e de acção internacional. E só o direito se subtrairia a esta lei geral da civilização » ?

Tenhamos pois como certo que o Direito-organismo evolve com o organismo social e do mesmo modo que elle, seguindo a marcha geral da historia, movendo-se no tempo e no espaço através dos povos e dos paizes, surgindo do plasma primitivo do facto ou do costume para especializar-se nas regras legislativas e nos codigos.

Muito recentemente um espirito de fino quilate (G. Tarde, *Les transformations du Droit*) enristou sua lança contra a idéa de uma evolução juridica geral, — é exacto. Mas não nos parece que a investida tenha sido de molde a destroçar as phalanges adversas. Outros combatentes sairam-lhe valentemente ao encontro e rebateram-lhe os golpes. [1]

---

[1] Vid. a proposito do livro de Tarde e de suas opiniões a critica de P. F. Girard, a pags., 210 e seguintes da *Revue Philosophique*, numero de Fevereiro de 1891.

Convem agora indagar e determinar quaes as leis que dominam a philogenia do Direito.

O assumpto já foi explorado com talento e proficiencia por D'Aguanno, que achou, para regerem a vida juridica—a tradição, a herança e a luta. [1]

O civilista italiano subordinou-se muito ao ponto de vista biologico. A preoccupação de sua especialidade não lhe deu lugar a ascender a regiões superiores, de onde se descortinasse todo o admiravel panorama da desenvolução do Direito.

Nós temos obrigação, porém, de effectuar a viagem inteira, de subir até os *templa serena* da evolução juridica, para d'ahi dominar o conjunto dos institutos respectivos e apanhar-lhes a directriz suprema.

As leis indicadas por Giuseppe D'Aguanno são, sem duvida alguma, verdadeiras ; mas devem ser consideradas secundarias, simplesmente subsidiarias, quando se estude, não este ou aquelle determinado phenomeno do Direito, mas o conjunto da phenomenalidade juridica. Estudando a familia, a propriedade, etc., o citado jurista não viu mais do que individuos moraes a evoluirem nas mesmas condições em que evoluem os individuos physicos. Faltou-lhe a noção da *especie*, que tambem faltou a G. Tarde quando em nome da *lei da imitação* condemnou a evolução geral do Direito.

Tal não aconteceu a um outro distincto jurista-philosopho, professor em Modena, Pietro Cogliolo, que tambem se occupou desta materia. [2] Este, procurando estabelecer as *leis mais geraes da evolução juridica* pairou numa região mais elevada que aquella em que se quedou o seu compatriota citado, e dizendo irresoluvel por emquanto a questão de saber « si além das leis technicas e especificas da evolução do Direito, podem ser applicadas a este algumas das leis universaes que regem o mundo » destacou as seguintes dentre as primeiras:

— *Os codigos de um povo surgem naquelle periodo em que os costumes e as regras são numerosos e estão a corromper-se*; *o Direito é*

---

[1] Vid. Giuseppe D'Aguanno, *La genesi e l'evoluzione del Diritto Civile*, pags. 118 e seguintes.

[2] Pietro Cogliolo, *Filosofia del Diritto Privato*; Florença, 1888. (Ed. Barbera).

primeiramente formado na gens e na familia e pouco a pouco é transferido ao Estado; a execução das sentenças é primeiro pessoal e depois real, as relações juridicas antigas se encerram nas formas processuaes; todas as formas se modificam, simplificando-se e passando pelo estadio do « simulata pro veris ».

Ha aqui um subsidio importantissimo para a nossa questão; mas como, segundo o proprio autor alludido, *molto é ancora da farsi in questa via*, e como a mór parte das indicadas leis refere-se a phenomenos que, ha muito, deixaram de produzir-se na vida juridica, vejamos nós si é possivel formular com certa precisão as principaes leis superiores da questionada evolução, adoptando um ponto de vista novo.

Todo organismo natural pode ser estudado ou examinado sob qualquer destes aspectos ou sob todos elles a um tempo: anatomico ou estructural, funccional ou physiologico, morphologico ou plastico.

Uma vez que consideramos o Direito um organismo social *sui generis*, procuremos explicar-lhe a marcha evolutiva, encarando-o numa ou noutra dessas modalidades de sua existencia. E para o caso vertente reduzamos essas modalidades a duas: anatomo-physiologica ou estructural e organica e morphologica ou plastica.

Visto no primeiro desses aspectos como terá evoluido o Direito?

Isto equivale a perguntar: qual o modo de evolução do Direito encarado como organismo activo, dotado de energias funccionaes?

Parece-nos que sob este aspecto a evolução juridica se fez no sentido da evolução universal descripta e defendida por Herbert Spencer no seu profundo estudo sobre *o progresso, sua lei e sua causa* [1]: — isto é, no sentido da passagem do homogeneo para o heterogeneo. Vejamos.

Nos primordios das sociedades regularmente constituidas a vida collectiva não ostentava o polymorphismo que nellas verificamos actualmente. A confusão mais completa, o syncretismo mais absoluto dominavam as instituições sociaes e as relações individuaes;

---

[1] Vid. *Westminster Review*, Abril, 1857, e *First principles*.

religião, moral, sciencia, arte e industria eram raios de um mesmo circulo, coincidindo e sobrepondo-se uns aos outros. A autoridade que anthropomorphizava Deus ou os deuses era a mesma que estatuia sobre os costumes privados, que dava a explicação do enigma do mundo, que inspirava as creações artisticas e regulava a actividade pratica. Tudo estava como no cahos biblico: escuro e amorpho.

Abra-se o *Manava Dharma Sastra*, a collecção das leis de Manú e ver-se-a que os seus doze livros têm por objecto além da creação, da vocação religiosa, das regras de abstinencia, de penitencia e expiração e da transmigração das almas, o casamento, os modos de acquisição, os deveres dos juizes; ás leis civis e criminaes, o direito de successão e os deveres dos agricultores, dos industriaes e dos famulos.

Quadro similhante nos offerecem o *Zend-Avesta* de Zoroastro, os livros de Confucius, os hieroglíphos egypcios, a legislação de Moysés e o livro sagrado da religião mahometana — o *Corão*. Em todos esses monumentos do antigo pensar ha como que um sinete anagrammatico da religião, da moral e da arte entrelaçadas ao Direito a marcar todas as manifestações da actividade social primitiva.

E' assim tambem na Grecia, em Roma e entre os antigos germanos. São justas as seguintes palavras de Ahrens relativas á antiguidade grega. « Na Grecia o direito e a lei não se destacaram nunca da ethica... Na theoria e na pratica o direito e a politica são considerados, notadamente por Platão e Aristoteles, como constituindo simplesmente um ramo das sciencias ethicas. »

Realmente as crueis ordenanças de Dracon e os preceitos de Solon e Lycurgo são religiosos e moraes ao mesmo tempo que juridicos.

A seu turno os primeiros legisladores romanos obedeceram á fatalidade historica. O autor que acabámos de citar diz que a primeira epocha do direito romano tem antes de tudo um caracter religioso (sem ser theocratico ou sacerdotal) fundando a unidade de toda a existencia e de todas as instituições com a ligação delles á religião. E acrescenta em outra parte de sua obra: «Si remontarmos ao mais antigo desenvolvimento do direito acharemos uma correlação intima

de um lado, do direito privado com o direito publico, e, do outro, dos dois reunidos com a religião e o culto» [1]

O phenomeno a que alludimos é aliás reconhecido e constatado por todos os historiadores do Direito. G. Rousset, o autor da *Science nouvelle des lois*, escreve a respeito:

«Em sua origem as sociedades são instinctivas e religiosas. O direito, como idéa de justiça e de moral confundia-se então e necessariamente com o respeito do Ser que resumia a mais elevada expressão dellas. *Omnis potestas a Deo*; o direito vem da divindade; o padre é o primeiro legislador.»

P. Cagliolo exprime-se, a proposito do assumpto, da seguinte maneira: «A sociedade mais barbara é regida por um complexo não pequeno de normas, as quaes dirigem as acções dos seus membros e as ordenam e coordenam com o escopo inconsciente da utilidade commum. O caracter principal destas normas é de serem todas commixtas e homogeneas, porque só mais tarde se distinguem a religião, o direito, a moral, e as outras direcções da conducta social.»

Estudando a mesma materia affirma por sua vez B. Brugi: «Naquellas longinquas sociedades, ás quaes queiramos remontar, o direito não se apresenta como um conceito distincto dos outros lados da vida social: ha sim uma homogeneidade da vida primitiva. O direito confunde-se com o costume, com a moral e com a religião, que envolvem toda a vida do individuo, inclusive os principios juridicos.»

Com relação aos germanos eis o que escreve H. Ahrens: «Entre os antigos allemães nós vamos achar uma alliança do direito e da religião analoga áquella que encontrámos nos tempos primitivos do povo indiano e na velha Roma.»

De todos estes documentos e juizos, verifica-se que no estadío inicial das civilizações o Direito nos apparece visceralmente unido, ou antes confundido, com a religião, a moral e a arte, pelo menos. Mas gradativamente e dia a dia elle se vai differenciando, especializando, individualizando. Destaca-se pouco a pouco da placenta commum e arroja-se para a vida como um ser independente, autonomo, dispondo de vida propria. Dá-se o caso, muito conhecido pelos naturalistas, da reproducção por sisciparidade.

---

[1] H. Ahrens, *Encyclopedia juridica*; trad. franc. de Chauffard, 2.° vol.

E esta passagem do complexo para o simples, do homogeneo para o heterogeneo não se effectua só a partir da massa syncretica das regras sociaes primitivas, até chegar á accentuação do *canon* juridico já especializado ou individualizado. Primeiramente é o Direito que se separa da religião, da moral, etc.; a differenciação é então de natureza heteronomica. Segue-se, porém, a isto a differenciação autonomica do Direito, a evolução que, só nelle e a partir simplesmente delle, se effectua, pela segmentação constante e crescente do respectivo organismo, sob a acção expansiva das suas energias intimas e ao influxo do condicionalismo mesologico.

E é assim que da massa primitivamente homogenea e compacta das regras juridicas saem no correr dos tempos as modalidades diversas do Direito: distinguem-se o privado do publico, o adjectivo do substantivo pela separação do *jus* e da *actio*, para nos servirmos da linguagem romana; no privado o honorario ou doutrinario do stricto, o real do pessoal; no publico, o internacional ou externo do interno; etc. Quem compara a rica engrenagem do Direito moderno com o simples mecanismo da vida juridica dos orientaes, dos gregos, ou mesmo dos romanos, reconhece sem esforço a procedencia do nosso asserto. Pode-se portanto affirmar que no aspecto anatomo-physiologico ou estructural e organico, o Direito evolue passando do syncretico para o discreto, do simples para o composto, do homogeneo para o heterogeneo.

Tratemos agora de encaral-o no seu aspecto morphologico ou plastico. Aqui o problema torna-se menos arduo porque varios escriptores já o têm explorado, havendo um delles chegado a formular precisa e positivamente a lei que buscamos. [1]

Que o Direito pode ter a sua morphologia e que tem realmente uma plastica, não ha mais necessidade de provar, uma vez que o olhamos como um organismo. Mas o que é preciso saber é em que sentido tem-se dado o desenvolvimento das suas formas exteriores, as quaes não podem deixar de se ter transformado, como transformou-se o apparelho organico a que servem.

Já dissemos que essa indagação não é das mais difficeis, por já terem alguns bons espiritos notado a directriz que tomou o Direito nesse terreno.

---

[1] *Vid.* Pierre Alex, *Le Droit et le Positivisme.*

Com effeito, vimos ha pouco que entre as leis mais geraes da evolução juridica, Pietro Cogliolo indica a de que «todas as formas se modificam, simplificando-se e passando pelo estadio do *simulata pro veris*.» Pierre Alex provou largamente, por seu turno, que as «formas sacramentaes desapparecem na razão dos progressos da civilização.»

Não ha, além disso, historiographo-jurista que deixe de assinalar o complicado formalismo do primitivo Direito, em opposição á simplicidade das nossas actuaes regras de processo. Qualquer dos povos orientaes a que nos referimos quando tratamos do syncretismo inicial, fornece-nos documentos, mais ou menos abundantes, da existencia e predominio do symbolismo e das formulas sacramentaes nos primordios da vida juridica. Em Roma, porém, é que o facto nos apparece em toda sua nudez, em absoluta evidencia. As Institutas de Gaio nos iniciam no segredo das *legis actiones*, isto é, das cinco formas sacramentaes que na *ordo judiciorum privatorum*, (assim se chamava o processo romano) serviam a todas as necessidades do Direito em acção: a *sacramentum*, a *postulatio*, a *condictio*, a *manus injecito* e a *pignoris capio*.

E' sabido que a este mecanismo processual seguiu-se, em virtude da *Lex Æbutia*, o regimen das *formulas*, ou melhor, o systema formulario propriamente dito, organizado *ad fictionem legis actionum*, e que só no tempo de Diocleciano as *formulas* cederam o passo ás *cognitiones extraordinaria*— manifestação ultima do direito processual entre os romanos.

Os tres systemas que ahi ficam indicados, especialmente os dois primeiros, eram eminentemente symbolicos e dramaticos, cheios de actos e palavras consagradas, de formalidades e cerimonias rigorosas, ininfringiveis sob pena de perda da demanda.

E' geralmente citada a este proposito a historia de um homem que viu perdida a acção que intentara contra outro, por ter falado em *vinhas* e não em *arvores*, conforme a palavra da Lei das XII Taboas. [1]

---

[1] Gaio descreve assim um processo de reivindicação, no velho direito romano: «Qui vindicabat festucam tenebat; deinde ipsam rem adprehendebat; veluti hominem et ita dicebat *hunc ego hominem ex jure quiritium meum esse aio secundum suam causam, sicut dixi, ecce tibi vindictam imposui*, et

Entre os germanos o formalismo processual não teve a riqueza e a rigidez do romano; mas nem por isso deixou de existir e de predominar por largo espaço de tempo.

Quem quizer entregar-se á leitura, entre outras, do magnifico trabalho de R. Sohm, *O processo da Lei Salica*, estudando, por exemplo, a marcha da acção fundada em um credito nascido da *fides facta*, verificará que o processo germano não desprezava as formalidades symbolicas. [1]

Outrotanto se pode e deve dizer do velho Direito inglez, a respeito do qual diz um notavel professor da Universidade de Oxford:

«Quanto mais remontamos ao passado mais encontramos os povos escravos do formalismo e, como hoje diriamos, sacrificando totalmente o fundo dos negocios á fórma. E a historia da Inglaterra não faz excepção a esta regra. Todas as côrtes locaes tinham seus costumes proprios, e nós sabemos que estes costumes eram tão numerosos, tão differentes, que se perdia a esperança de colleccional-os; assim temos todo o direito de crer que elles eram eminentemente rigoristas, artificiosos, e que abundavam em armadilhas absolutamente extranhas ao interesse da causa.» [2]

Nestas condições, é sabido que a processualistica do nosso tempo foge cada vez mais aos symbolos e ás formalidades theatraes—facto que começou a accentuar-se desde que as acções deixaram de ser simplesmente faladas para ser escriptas,—parece-nos que se pode ter como verdadeira a lei de Pierre Alex e dizer:

—No aspecto morphologico ou plastico o Direito evolue pela simplificação crescente e abolição final das formulas sacramentaes.

E a quem pretender objectar, apezar dos factos, que essa lei, denunciando uma passagem do menos simples para o mais simples, parece ir de encontro á lei geral do progresso, isto é, a passagem

---

simul homini festucam imponebat: adversarius eadem similiter dicebat e faciebat; cum uterque vindicasset, pretor dicebat *mittite ambo hominem*; illi mittebant; qui prior vindicaverat ita alterum interrogabat *postulo anne dicas qua ex causa vindicaveris:* ille respondebat *jus feci sicut vindictam imposui;* deinde qui prior vindicaverat, dicebat *quando tu injuria vindicaviste D. Aeris sacramento te provoco;* adversarius quoque dicebat similiter *et egote.*»

[1] *Vid. Intuições romana e germanica do processo* no *Fragmento juridico-philosophico* do autor; pags. 61 e 65.

[2] Frederick Pollock, *Introduction à l'étude de la science politique* Paris, 1893.

do homogeneo para o heterogeneo, que aliás se realiza tambem no Direito como nós proprios demonstramos, — responderemos que a opposição entre as duas leis não é sinão apparente. Basta observar que a simplificação das formas exteriores do Direito é, no fundo, um processo de differenciação, de individuação; porque é cousa evidente que, por exemplo, todo o complicado formalismo das *legis actiones* não dava mais do que *cinco* modos de tornar effectivos os direitos—era um todo syncretico e limitadissimo;—ao passo que o direito processual moderno—especializado, differenciado—garante quasi a cada direito uma acção propria.

De resto, este nosso modo de ver combina perfeitamente com o do illustre annotador da obra de Pollock, quando diz: « Entre os primitivos, reina a principio uma extrema simplicidade de fundo e de fórma; depois a fórma complica-se por força do desejo que se experimenta de fazer entrar nella todas as innovações para salvar a primitiva simplicidade de fundo; afinal resignam-se os homens a differenciar o fundo, o que permitte simplificar a fórma ».

J. Izidoro Martins Junior

O THEATRO HINDÚ[1]

KALIDASA

III — AS OBRAS DO POETA

O periodo de mais brilhante florescencia da civilização indiana foi coévo dos tempos aureos da literatura latina, a que o imperador Augusto ligou para sempre o seu nome. Reinava Vikramaditya, cuja côrte podia rivalizar em esplendores com as de Luiz XIV e Leão X: a poesia, a musica, a dansa, a pintura, a gravura em pedra e metal, todas as artes, em summa, formavam sumptuoso cortejo a costumes de uma delicadeza extrema, onde tambem não faltava o mais requintado luxo oriental.

Kalidâsa era a joia mais preciosa da côrte do rajah, em cuja privança vivia. Manejando seu formoso idioma, deu-lhe aperfeiçoamentos novos; nos torneios artisticos a que presidiu, restaurou os vetustos monumentos literarios de sua patria, quasi esquecidos pelos vivos debates da religião e da philosophia; em seus bellos versos, ungidos de suave melancolia elegiaca, impregnou-se dos delicados e embriagantes perfumes daquella radiosa natureza virginal. O seu maior padrão de gloria foi entretanto a literatura dramatica. Tão grande era a sua fama, que seu nome illustre tornou-se até um titulo, uma alta recompensa conferida aos mais celebrados cantores da raça hindú. D'ahi o se haver perdido a data de seu nascimento: tamanha confusão existe a respeito de sua vida e origem.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Julho.

Alguns autores pretendem fosse elle um dos quinhentos letrados que brilharam em o anno 1000, na côrte do rei Bhôdja; acreditam outros ter elle tambem desempenhado funcções politicas, governando o paiz de Kachemira, porém entre os annos 100 e 200 da éra christan.

Parece hoje entretanto averiguado ter vivido no seculo de Virgilio e de Horacio [1], embora não se tenha podido determinar o dia em que nasceu.

*
* *

Conhecem-se tres composições dramaticas de Kalidâsa: *O Reconhecimento de Çâkuntâlâ, Vikrama e Ourvasi* (o heróe e a nympha), e *Mâlavika e Agnimitra.*

Esta ultima lhe é contestada, porém, não obstante ser muito inferior ás duas outras, pertence ao immortal poeta, como demonstraremos.

O *Reconhecimento de Çâkuntâlâ* é a obra prima de Kalidâsa e certamente tambem de todo o rico e originalissimo theatro hindú. Sem hyperbole, pode-se dizer que é positivamente um dos dramas mais notaveis da literatura universal. Afóra as superiores bellezas de sua traça, e de seu conjunto, a pompa de seu estylo, possue aquelle drama um caracter verdadeiramente geral, encyclopedico, que o distingue de todas as outras peças congeneres. O assumpto presta-se a que o poeta nos apresente um quadro completo dos deveres, actos e sentimentos da humanidade inteira, em todas as manifestações domesticas e sociaes. Ali se nos deparam a filha, a amante, a esposa, a mãi, a irman, o pai, o avô; encontram-se o templo, o palacio, a casa burgueza, a ermida, a cabana; nos apparecem deuses, reis, potentados, padres, monges, soldados, pescadores, solitarios; finalmente nos enlevam a ingenuidade, a innocencia, o amor, a alegria, a verdade, a graça, a piedade, o pathetico e todas as paixões ternas levadas ao mais alto grau de intensidade e de apuro moral.

---

[1] Nève, *Kalidâsa et la poésie sanscrite dans ses raffinements et sa culture*. Paris 1861.

Não admira, portanto, que o philosophico, o mavioso Gœthe, quando conheceu em 1791 a primeira traducção alleman de *Çâkuntâlâ*, escrevesse em transportado arroubo a seguinte deliciosa estancia:

Willst du die Blüthe des Frühen, die Fruchte des spœteren Jahres,
Willst du was reizt und entzückt, willst du was sœttigt und nœhrt,
Willst du den Himmel, die Erde, mit einem Namen begreifen :
Nenn'ich Sakontala, Dich, und so ist Alles gesagt.

que um nosso modesto e talentoso vate assim livremente trasladou para o vernaculo:

Queres um nome só que ao mesmo tempo encerra
Tanto as flores vernaes como os frutos do outomno ?
Queres sentir o céu e as fragrancias da terra ?
Queres o que arrebata e immerge em mago somno
E a lagrima provoca e o jubilo produz ?
Çâkuntâlâ : — diz tudo, isso tudo traduz.

O grave e rigoroso Schlegel [1] chegou a duvidar da fidelidade da primeira traducção desse drama, e o deixa perceber nestas palavras:

«Elle offre, au travers du coloris oriental le plus brillant, une essemblance si frappante, dans la forme de l'ensemble, avec notre-drame romantique, que l'on croirait que le traducteur anglais, William Jones, y a contribué á dessein par amour pour Shakespeare, si d'autres savants n'attestaient la fidélité de sa traduction.»

Como os tragicos gregos, que tiravam da *Illiada* e dos outros cyclos epicos o assumpto para as suas concepções theatraes, Kalidâsa buscou o do seu maravilhoso drama na grande epopéa sanskrita—o *Mahâbhârata*.

A fabula é extremamente simples; toda a belleza da peça reside nos desenvolvimentos da paixão, nas minucias descriptivas e na engenhosa maneira de conduzir e preparar o enredo: Duchmanta rei da India, divertindo-se em uma caçada, perde-se e por acaso chega ao eremiterio de Kanwa, pai adoptivo de Çâkuntâ, filha da nympha Mainakâ. Enamora-se da joven e a desposa, na ausencia do piedoso ancião. Tendo de recolher-se a sua capital, promette

---

1 Schlegel, *Cours de littérature dramatique*, traduit de l'allemand par Mme Necker de Saussure, Paris, 1865.

regressar em breve, para conduzir sua formosa esposa; porém logo depois a esquece, e annos e mezes passam sem que Duchmanta cumpra sua palavra. Çâkuntâlâ, entrementes, dá á luz um filho, cuja infancia se desdobra em feitos de uma heroicidade rara, lembrando o celebre Hercules dos hellenos. Quando o menino attingiu a idade de dez annos, Çâkuntâlâ condul-o á côrte e se apresenta ao rei, que a desconhece e maltrata, até que uma voz celeste se faz ouvir e declara que Çâkuntâlâ diz a verdade e que o menino é realmente filho de Duchmanta. Este, que só esperava aquelle testemunho sobrenatural, confessa então que havia esposado Çâkuntâlâ, que é ella a rainha e seu filho legitimo herdeiro do throno.

Tal é o poema.

Analysar e resumir uma obra prima é sempre tarefa difficil; natural é pois o receio de que não nos seja possivel despertar em outrem os gozos estheticos que nos hajam deleitado. Oxalá possa o rapido esboço que imos fazer, inspirar aos que nos lêm o vivo desejo de conhecer Çâkuntâlâ!

O drama abre com um prologo muito simples e gracioso.—O director anima a principal actriz a desempenhar bem o seu papel, em attenção ao auditorio, que é selecto e numeroso.

Ella surge, e celebra em brilhantissima aria as delicias todas da estação calmosa: é a propria Çâkuntâlâ, a poetica e tocante Çâkuntâlâ.

Segue-se o primeiro acto, uma das mais encantadoras pastoraes que se podem imaginar, só comparavel ao *Aminta* de Torquato Tasso e aos idyllios de Theocrito.

A acção passa-se á margem do Mâlini, rio fantastico, que não figura em nenhuma carta geographica, e que não é outro sinão o celeste Ganges. O rei Duchmanta persegue através dos bosques uma antilope tão rapida, «que antes vôa que corre sobre a terra.»

O cocheiro alarga a brida da carruagem regia; fremente do ardor da caça, Duchmanta aponta a flecha e vai alfim traspassar o lindo animal, quasi morto de cansaço, quando dois anachoretas correm e supplicam ao rei poupe aquella gazella negra. O amigo de Indra attende logo, e resolve saudar o respeitavel Kanwa, que ali móra, mas antes de transpor o portico do eremiterio pára embevecido: um espectaculo, que não esquecerá tão cedo, se offerece aos seus olhos deslumbrados. Em um bosque de jasmineiros em flor, tres moças se

entregam a trabalhos de jardinagem. Não contam mais de doze a quatorze annos, idade em que a belleza das indianas está em seu maior esplendor, e se divertem dirigindo-se mutuamente maliciosos remoques: era como o gorgeio da passarada, a alacre ingenuidade da adolescencia, o gracioso abandono de tres amigas, felizes da vida e com estar juntas. Ellas se suppõem sós e nem pensam que estão sendo espreitadas por aquelle illustre visitante. Çâkuntâlâ candidamente se queixa de que lhe está opprimindo a elegante veste. « Accusa antes a juventude que te desenvolve e arredonda o seio », adverte a companheira, e para logo lhe desata os apertados laços do justilho. O rei acompanha com prazer a graciosa travessura, e toma interesse demasiado por uma scena prejudicial ao seu repouso. De repente o grupo é atacado por uma abelha, que de preferencia busca o doce rosto de Çâkuntâlâ. As amigas em tom de galhofa lhe aconselham chame em seu soccorro o rei Duchmanta, sob a guarda de quem se acham os sagrados bosques. O momento era opportuno para se mostrar, e o rei não resiste á tentação: apresenta-se como um mensageiro do grande monarcha. Priyamvada e Anasoûyâ o acolhem amavelmente; Çâkuntâlâ, porém, afasta-se pensativa. As amigas chasqueam daquella subita perturbação e se apressam em dizer ao principe que sua companheira não é filha do eremita Kanwa, sinão o fruto dos amores de um rei e de uma nympha.

« Outr'ora os deuses se inquietaram com as austeridades do rei Kâauçika e pela primavera lhe enviaram a nympha Mainakâ.... » O fim da historia era embaraçante; o rei o poupa com delicadeza... « o resto se adivinha, disse sorrindo; o procedimento das nymphas é sempre o mesmo. » Intimamente, porém, se rejubila e prolonga a alegre pratica. Corre nisso longo tempo, mas a ausencia de um monarcha não pode passar despercebida. A comitiva do rei, inquieta pela demora, invade o bosque em demanda do soberano. Duchmanta, que não quer deixar o incognito, despede-se então das tres amigas e presto se retira. Çâkuntâlâ, ha pouco tão desejosa de voltar ao eremiterio, retarda agora seus passos, deixa-se ficar atrás das companheiras, finge que sua tunica se prendeu em um galho e volve-se para deitar ao rei um olhar animador.

Esta heroina hindú não faz pensar na Galatéa virgiliana?

O segundo acto começa por um monologo muito espirituoso. O bufão Mâdhavya lamenta a paixão de Duchmanta pela caça;

enumera todos os aborrecimentos de um pobre cortezão obrigado a seguir seu amo por toda parte; declara-se o mais desgraçado dos homens, porque a tudo prefere dormir bem e comer á tripa forra. Esse Mâdhavya é o favorito do rei, uma especie de *gracioso* dos dramas hespanhóes, companheiro constante dos prazeres e fadigas do monarcha; sensual, comilão, covarde, jocoso, tendo alguma cousa de Panurgio, Fallstaff e de Figaro.

Mas eis Duchmanta em todo o esplendor de sua pompa real, acompanhado do brilhante cortejo das mulheres Yavanis, exquisita guarda de honra que tinha outr'ora na India o privilegio exclusivo de velar pelos reis. O descendente de Poros nem mais cuida em caçar gazellas ou elephantes; seu pensamento está todo voltado para a scena do bosque, cujos encantos elle descreve ao favorito com desusado ardor: «.... perola intacta, mel inda não provado, belleza sem jaça, que é a recompensa reservada ás boas obras, eu não sei que possuidor te dará o destino! » O jogral comprehende o desejo intimo do monarcha, e o exhorta a que se apresse; porém Duchmanta hesita, tem a timidez invencivel de um amante sincero, lembra-se do derradeiro olhar de Çâkuntâlâ, mas não se suppõe correspondido em seus affectos. Duvidoso ainda se deve voar ao eremiterio ou volver á capital, onde o aguardam seus deveres, o destino se encarrega de resolver o caso. Dois eremitas vêm solicitar sua protecção para o bosque sagrado, perturbado por genios malignos— rakchas, desde a partida de Kanwa.

Elle não mais se detém; manda Mâdhavya desculpal-o junto de sua mãi e corre pressuroso á santa morada dos anachoretas.

A acção do segundo liga-se á do terceiro acto. O poderoso Duchmanta, descendente directo do deus Lunus, consegue afugentar os vampiros, os genios maus que invadem o retiro do piedoso brahmane. As tres amigas ha pouco tão descuidosas e alegres, quedam-se tristonhas á margem do Mâlini, em meio dos cannaviaes e cipós agrestes.

Um segredo separa agora estas almas tão intimamente unidas. A bella Çâkuntâlâ jaz languidamente deitada em um banco rustico, emquanto suas companheiras a abanam com grandes folhas de palmeira.

Perseguida pelas mais ternas perguntas, a filha de Kaauçika confessa o seu intenso amor ao esbelto rei; a torrente de uma

paixão reprezada transborda afinal naquella natureza ao mesmo tempo altiva e timida: « Si elle me não amar, palpito que dentro em breve de mim só restará tenue lembrança. » Priyamvada e Anasouyâ inquietas se entreolham.

Felizmente Duchmanta não está longe e ouviu toda aquella divina confissão. Vendo-o apparecer de improviso, Çâkuntâlâ solta um grito de casto alarma; as discretas companheiras se afastam; a joven indiana repelle o amante, por quem entretanto desejaria morrer, e com a mão tremula se defende das suas ternas caricias, adivinhadas aliás em sonhos breves e agitados. Duchmanta ajoelha e declara o seu amor; o dialogo trava-se vivo, animado, caloroso; elle lhe solicita a mão de esposa. A moça a isso não responde, mas de repente se levanta e deita a fugir como uma gazella ferida, exclamando: « adeus! bosques e relvas que consolastes meus soffrimentos; adeus, talvez felizes ainda nos vejamos algum dia! »

No quarto acto consumma-se a união do descendente de Poros e da filha de Mainakâ. Passa rapida como um suspiro essa inebriante lua de mel; mas o rei volta a governar seu povo depois de ter feito tranquillizadoras promessas á amada esposa. Breve será ella conduzida ao regio paço, onde receberá as homenagens de seus subditos e reinará como soberana no coração de seu marido. Mas os dias correm, os mezes passam, e nem um recado chega da cidade de Hastinapura! Çâkuntâlâ chora dia e noite, porque traz no seio o fruto daquelle amor tão cedo esquecido, mas apezar disso não condemna o rei nem siquer articúla uma queixa. A joven esposa, na distracção de seus pezares, deixa de prestar homenagem a um poderoso sabio, chamado Durvâsâs, eremita irascivel e vingativo, que por isso jura desforrar-se e lança terrivel maldição sobre aquelle casal, a quem talvez inveje. Prediz que Çâkuntâlâ será banida da lembrança do rei, o que cessará apenas á vista de um annel que recebeu de Duchmanta quando este se separou da apaixonada amante, dizendo-lhe: « Deixo-t'o como penhor de minha saudade! ».

Kanwa regressa á ermida e adivinha o que se havia passado durante sua ausencia. « Çâkuntâlâ hoje mesmo partirá para a companhia de seu esposo », tal é a irrevogavel decisão do sabio.

Aqui o drama toma a feição de uma tragedia antiga; cessam os trocadilhos jogralescos como as mais vivas descripções voluptuosas

tudo é nobre, elevado e tocante como uma pagina da Biblia ou um canto de Homero.

Çâkuntâlâ entra em scena cercada das santas mulheres do eremiterio. Vestem-na de linho, e as offrendas propiciatorias são trazidas com os mais soberbos dixes. O sacrificio se ultima; Çâkuntâlâ dá tres voltas em de redor do fogo sagrado, e em seguida dirige saudosos adeuses a seu pai, a suas irmans, aos animaes domesticos que viu nascer, ás proprias plantas que tanto amou. Kanwa abençôa sua filha adoptiva com toda a autoridade que lhe dá o titulo de preceptor espiritual. Depois, em um lyrismo inspirado, o solitario prophetiza o futuro: « vejo Çâkuntâlâ, hoje desdenhada por seu esposo, rainha poderosa e mãi de um guerreiro sem igual; depois ella virá rever o asylo de sua juventude e pisar com seus pés o solo do placido eremiterio ». A caravana põe-se a caminho; a alva tunica de Çâkuntâlâ desapparece ao longe; todos ficam tristes; só Kanwa goza a intima satisfação do dever cumprido.

O quinto acto nos conduz para longe do austero presbyterio estamos no palacio do grande monarcha asiatico. Os prazeres do harem deixam o joven principe distraido e melancolico. Elle sonha sem cessar felicidades divinas, que crê gozadas em anterior existencia. No meio destas tristes cogitações annunciam-lhe a embaixada de Kanwa. Os eremitas dão conta ao rei da sua missão, emquanto Çâkuntâlâ, palpitante de amor, afasta de seu rosto as dobras do espesso veu. As ameaças de Durvâsâs se realizam completamente; o rei manifesta o maior assombro: « O que! esta dama aqui presente foi outr'ora por mim desposada?» pergunta elle duvidoso. Em vão encara e examina o rosto de Çâkuntâlâ; naquella alma adormentada nem uma só recordação se lhe desperta.

A esquecida esposa procura em seu dedo o magico annel, mas este havia desapparecido, ella o perdera nas ablações da fonte sagrada; e o monarcha ousa accusar de impostura áquella pobre mãi ultrajada. A côrte ali se acha attonita e commovida; isso pouco importa a Çâkuntâlâ. Com furiosa eloquencia apostrópha o seductor; o amante fica impassivel, e o soberano acaba por se irritar com tamanha insistencia. Os anachoretas recusam reconduzir uma joven deshonrada que ali mesmo deve ficar ainda como escrava; somente um compassivo brahmane offerece-se para agazalhar a desventurada que toda a gente abandona. Carrega-a meio desmaiada, porém de

subito um fantasma, tendo a fórma de uma mulher, arrebata a esposa desprezada e com ella desapparece nos ares. Era Mainakã; a ternura protectora de uma mãi vela ainda por Çâkuntâlâ; este coração ferido encontrará nas regiões celestes o repouso e o socego para as dores humanas.

Resta esperar que dê ella á luz, pois está predito que o primeiro filho varão de Duchmanta deve mostrar nas linhas da mão o indicio de sua alta origem.

No sexto acto é preso o pescador, que achara o annel no ventre de um peixe. Apresentada aquella joia a Duchmanta, recorda-se este logo de tudo. Então não tem termo as suas afflicções. Elle corre ao eremiterio, e ahi chega desvairado, olhar fixo, velado pela insomnia; tenta retratar sua amada, agora sua exclusiva preoccupação. O rio Mâlini, os cimos do Himalaya, as duas intimas amigas e até a abelha impertinente, tudo reproduz elle com escrupulosa exactidão. Em sua imaginação em delirio, o rei toma a illusão pela realidade e diz á abelha que quer ferir o bello rosto da querida ausente : « ... si tocas nos labios de minha amiga, rubro como o fruto do Vimba, nesses labios seductores como um botão de rosa, cuja doçura inebriado sorvi nas festas do amor, farei de ti uma prisioneira no calice d'um lotus.»

Mas nesse momento Duchmanta é distraido por sentimentos mais de accôrdo com seu caracter bellicoso. Matali, o cocheiro de Indra, vem procurar o rei para combater os gigantes que fazem guerra aos deuses.

Na *Illiada*, Automedonte, filho de Dioro, é o conductor dos corceis de Achilles, e só mais tarde se transforma em escudeiro de Pyrrho. Na côrte dos reis hindús, os cocheiros desempenhavam tambem as funcções de escudeiro, e Matali era por isso um grande personagem.

No setimo acto, Duchmanta, depois de haver vencido a raça dos Asouras, desce radiante do Swarga — o paraizo de Indra. O guerreiro se felicita pela cordial acolhida que recebera do senhor dos deuses, que por seu turno se mostra satisfeito com a coragem e valor do rei. Emquanto o carro celeste fluctua nas nuvens, o monarcha vê seus Estados como um ponto no espaço ; divisa ao longe o monte Hêmakouta — o campo de perfeição dos ascetas, a morada de Kâcyapa, neto de Brahma. Duchmanta resolve descer e ir saudar respeitoso aquelle santo personagem. Emquanto aguarda a vinda do

deus, contempla um menino de tres a quatro annos, que brinca com um leão. O imprudente tem prazeres singulares; quer por força introduzir a mão na bocca do animal para lhe contar os dentes. Duchmanta sente vivo interesse por aquelle menino, que não conhece o medo; toma-lhe a mão e ahi descobre o signal distinctivo dos descendentes de Poros. Era seu filho! Com que intimo transporte o aperta elle em seus paternos braços! Çâkuntâlâ apparece então, trajando como viuva; guardara na mais inteira pureza sua fé, suas dores e suas queridas lembranças. A vingança é doce para um coração de mulher traida, porém Çâkuntâlâ, — essa creação genial, nobre e tocante figura que tem o pudor de uma donzella, a energia de uma mãi e todos os extremados devotamentos de uma esposa —perdôa e abre de novo seus braços ao pobre culpado. Tudo então se esclarece, e a heroina ouve dos labios do deus Kacyapa a rehabilitação do rei. O neto de Brahma e sua esposa apparecem nos ares em um throno esplendoroso, abençoam o casal feliz e predizem brilhante futuro ao filho. O panno se fecha sobre esta divina apotheose, emquanto Duchmanta formula o seguinte voto: « Não ambicionem os reis da terra o poder sinão para tornarem felizes os povos. »

E assim termina Çâkuntâlâ.

(*Continúa*)

FELICIANO GONZAGA

O "LIVRO,, BRAZILEIRO

Criticos e literatos têm frequente e repetidamente indagado queixosos porque o livro brazileiro se vende tão pouco. Varias são as respostas que ás suas proprias perguntas dão. Uns vêem nisso a indifferença publica pelo que na vida nacional não interessa immediatamente á politicagem com os seus innumeraveis interesses; outros—e é este parecer apenas outro aspecto da mesma explicação —o nosso amor do exotico ou antes do francez, que na especie é para nós quasi que todo o exotico. Ainda outros ha que attribuem o facto a que o nosso livro é, em geral, desvalioso, insignificante, não fazendo mais que repetir mal e imperfeitamente o que, graças ao nosso trivial conhecimento do francez, podemos ler em melhor estylo, de primeira mão. E acrescentam alguns: e mais barato. A esta ultima clausula a baixa do cambio tem, cumpre reconhecer, tirado parte do valor: mas somente parte, porque como os machinismos, a tinta, o papel, e mais material de impressão, são importados, o custo do livro brazileiro vem no fim de contas a ficar mais caro que o do estrangeiro. Assim é que os nossos livreiros estão vendendo as brochuras francezas de 3 francos e 50 cent., in-16, com 300 e tantas a 400 paginas em corpo 8 e 9 a 3$500 e 4$000 o que, mesmo de parte a superioridade material do volume, é mais barato que os livros nossos que se vendem por esses mesmos preços, em geral com muito menos materia. E, todavia, os editores dos nossos não chegam jamais a ganhar com elles coisa que de longe siquer se possa comparar com o lucro dos editores estrangeiros, mesmo os de

menor procura, valor ou estimação. A razão é obvia: é que no livro como em todo o producto industrial, o preço do custo está na relação inversa da quantidade manufacturada. As nossas edições são de mil, dous mil no maximo, as francezas, inglezas, americanas e italianas são em geral de milhares.

Deixemos, porém, estas considerações que, comquanto tenham com o nosso assumpto immediata relação, são, para o que queremos dizer, incidentes. Deixemos igualmente aos criticos procurar e dizer as razões de ordem moral que ao seu parecer justificam a pouca venda do livro brazileiro, o que quer dizer a sua pouca leitura.

Na minha qualidade de bibliophilo tenho tambem uma resposta a dar áquella questão. Acho eu que uma das razões porque o livro brazileiro se lê pouco e, portanto, se vende pouco é que elle é feio. Sim é feio, mal feito, mal impresso, mal brochado, mal encadernado (quando o é) mal conformado, um monstro emfim no ponto de vista da arte typographica e da esthetica em geral. Ora nenhum producto industrial, livro, manteiga, sabonete, papel de carta, vinho, conserva, comestivel, pode hoje dispensar a exterioridade do envolucro. Nenhum pode competir com outro similar somente allegando a excellencia do seu valor intrinseco. O aspecto exterior, o empacotamento, os letreiros, as «etiquetas», o habito externo, como diria um medico, influem muito mais sobre o comprador vulgar — que é a immensa maioria — que a qualidade do producto que está dentro. E, repito, o que é verdade do sabonete ou da lata de sardinhas, é igualmente do livro. Eu por mim declaro, que não conheço nada mais desagradavel do que ler um livro materialmente mal feito. Por melhor que seja, se me afigura sempre que bebo *champagne* em um tigella de louça do Porto. E nove vezes em dez deixo de o comprar e si m'o dão deixo de o ler. Tenho, é verdade, um amigo literato que professa a opinião que «livro dado não se lê.» Não é tanto assim, sendo bom e... bem impresso eu leio.

Mal impresso: esse é o primeiro defeito. Por melhores que sejam os machinismos, e aqui os temos dos melhores, a tinta, o papel, é coisa que os nossos impressores ainda não conseguiram aprender ou pelo menos fazer (talvez saibam e não queiram) é fazer uma impressão preta, nitida, igual. Pode-se sem muito exagerar

dizer que cada pagina de um livro nosso tem um matiz de preto, não havendo duas perfeitamente iguaes, e que em geral a tinta sai embranquiçada. E já não falo na desigualdade manifesta das linhas, no mau gosto da escolha dos corpos para os titulos, cabeças de capitulos, inicios de paragraphos, etc., escolha que suppõe uma educação technica que falta á quasi totalidade dos nossos operarios.

Da brochura e encadernação pode-se dizer a mesma coisa. São absolutamente imperfeitas, salvo uma ou outra encadernação de luxo, que essas mesmas não soffrem comparação com as que nos vêm do estrangeiro. Ainda não conseguimos dar ao nosso livro um aspecto nosso, que o faça distinguir entre outros de outra origem, o que, sabem os conhecedores, acontece com os alheios. Vede-me dous livros um inglez e um americano: não ha um sujeito afeito a ver livros que não lhes distingua immediatamente a procedencia, tal é o *cachet* nacional impresso na physiognomia, digamos assim, de cada um delles.

O nosso livro é tambem, disse eu, mal conformado, e ahi a culpa é principalmente dos editores. Só o velho Garnier, que apezar do que chamamos o seu carrancismo foi quem mais teve intelligencia literaria e bibliographica entre os seus confrades da livraria nacional, sómente o velho Garnier, imitando os seus compatriotas francezes, creou ou antes adoptou um typo unico, elegante e commodo para as suas edições. E o segredo, talvez, dos seus successos, como livreiro, está tambem no aspecto material dos seus livros, que, embora longe da perfeição, são ainda assim os melhores que no genero temos tido. Os romances de Alencar, de Macedo, de Bernardo Guimarães, de Machado de Assis, appareciam ainda em mau papel e em impressão barata, que relativamente barato tambem os vendia, mas o formato era elegante, a capa bem disposta, os titulos bem feitos e a gente abria-os — que os nativistas me não atirem pedras — com a illusão de que ia ler um livro francez... de impressão barata. Em outros, porém, elle fez o que se não fez ainda depois, como ahi estão para proval-o as edições dos poetas mineiros, e dos romanticos Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Magalhães e outros. Para as obras de maior tomo, tinha o formato em 8.º e nesse foram feitas, alem da preciosa *Livraria Classica* as *Obras completas* de Magalhães, o *Colombo* de Porto-Alegre, a *Historia da Fundação do Imperio* do Sr. Pereira da Silva. E eu garanto

aos novos e novissimos que todos esses livros se venderam mais do que se vendem os seus, e é convicção minha que para tal concorreu muito o aspecto material, a feição das edições Garnier.

Com excepção do Sr. Domingos de Magalhães e até certo ponto dos Srs. Alves & C. para os seus livros didacticos, os nossos editores não têm um typo commum mesmo para as obras de igual caracter literario ou congeneres.

O primeiro adoptou um formato que não é feio, nem disgracioso, mas cada um dos seus livros é composto num typo e consoante os caprichos do editor ou do revisor, sinão do compositor, de sorte a destruir toda a unidade fundamental da « bibliotheca ». Demais alguns saem tão finos, que tomam verdadeiramente o aspecto de folhetos e si os fazeis encadernar não ha espaço para lhe porem o titulo no dorso.

As edições dos Srs. Alves & C. são de duas especies: as feitas aqui, detestaveis e as feitas no estrangeiro, excellentes, fazendo ainda mais sobresair a ruindade daquellas. E' verdade que ninguem ainda conseguiu aqui vender livros escolares mais baratos que elles, o que até certo ponto attenúa o rigor do nosso reparo. Mas hoje é principalmente no livro escolar que se esmeram todas as nações, comprehendendo que effeito educativo podem ter livros bem feitos sobre o sentimento esthetico das crianças. Que temos nós que de longe sequer seja comparavel aos livros escolares americanos, inglezes ou allemães? Quando muito e muito de longe nos aproximamos dos francezes, neste ponto atrazadissimos.

Os livros da casa Laemmert & C., pela impressão, são dos melhores que se fazem no Brazil, e rivalizam com os das emprezas Leuzinger e Lombaerts. Entretanto, além de ainda deixarem a desejar ao amador, incorrem no mesmo defeito de falta de homogeneidade de formato, de brochura, de feição em summa. Cada livro tem um tamanho, um feitio, um aspecto, nada indicando, sinão uma certa identidade nos caracteres typographicos, aliás pouco elegantes, que são da mesma casa. Quanto á impressão, são entretanto dos menos imperfeitos.

Tudo isto prova que a nossa livraria não entrou ainda em uma via de progresso e, sobretudo não se tornou ainda uma industria consciente e solida. Ahi estamos, por assim dizer, no periodo das apalpadellas, das experiencias. Si não sabem os nossos autores

escrever livros, ainda menos sabem os nossos editores fazel-os. A arte de com um conto ou meia duzia de poemas (vejam-se as pequenas edições Lemerre ou dos poetas inglezes) arranjar um grosso volumesinho que fica bem numa mesa de sala ou no raio de uma estante, que dá vontade de ler, que é um livro em summa, não a conhecemos. Vejam-se, para exemplo, o *Gregorio de Mattos*, o *José de Alencar* (2.ª edição) do Sr. Araripe Junior, os *Versos e Rimas* do Sr. Alberto de Oliveira, a *Praga* do Sr. Coelho Netto, a *Lupe* do Sr. Affonso Celso, são livros, principalmente os dous primeiros e, cada um no seu genero livros excellentes, dos quaes entretanto a falta de *savoir faire* da nossa livraria fez quasi folhetos uns e folhetos outros. Dir-me-eis, que o que vale no livro é o conteúdo; não duvido, para vós literatos refinados, para mim bibliophilo e comprador de livros quasi direi que o livro em si, isto é o volume, não tem menos valor e por isso... prefiro os estrangeiros ou os nossos lá feitos.

Com um pouco de habilidade, entretanto, aquelles livros sairiam elegantes e apeteciveis: diminuir um pouco o formato, augmentar o corpo do typo, imprimil-os em papel mais encorpado, estreitar a medida da columna, bastava para, com mais um ou outro cuidado fazer delles verdadeiramente... livros. Outro reparo que quero fazer é o mau veso dos nossos autores ou editores—creio que daquelles mais—de multiplicarem inconsideradamente as alineas ou paragraphos—o que afeia enormemente o livro e obriga o olhar do leitor a andar aos saltos.

Parece-me que me alonguei demais nestas minhas reflexões sobre o livro brazileiro: inspira-as, creiam os autores e editores, o mais vehemente e bem intencionado desejo de ver progredir e firmar-se essa industria da livraria, entre nós balbuciante, como manifestação de um dos aspectos da vida nacional. O que temos é apenas a venda de livros estrangeiros; e uma das razões porque elles se vendem mais é porque são, não direi mais bem escriptos, que não tenho competencia para julgar, porém mais bem feitos. Alguns dos nossos editores estão fazendo livros verdadeiramente horriveis, com grave prejuizo seu, dos autores e das proprias letras patrias.

UM BIBLIOPHILO

BIBLIOGRAPHIA

25.—**A Pesca na Amazonia**, por José Verissimo.—**Monographias Brasileiras, III**, Livraria classica de Alves & C., Rio de Janeiro, 1895, 201 pags.

De qualquer ponto de vista que fôr encarado o assumpto que serve de titulo a este pequeno opusculo, é digno de seria attenção: do naturalista pela extraordinaria variedade de typos da fauna aquatica da grande bacia: do economista pela importancia dos productos da industria da pesca na alimentação do povo e no commercio que d'ahi resulta; do ethnologista pela origem indigena de grande parte dos processos e instrumentos empregados nesta industria, e finalmente do apreciador das bellas letras pelo caracter *sui-generis* e pitoresco das scenas e costumes desta grande e tão pouco conhecida parte do mundo comprehendida sob o titulo geographico da Amazonia. E' evidentemente cedo ainda para tratar o assumpto exclusivamente do ponto de vista do naturalista ou do economista, bem que um tal estudo, si houvesse elementos para o fazer, seria da maior importancia scientifica. Para o primeiro, falta o conhecimento exacto de grande parte da rica fauna amazonica, e esta falta é especialmente sensivel pelo lado que podia servir para amenizar e tornar interessante ao leitor não profissional um estudo puramente zoologico sobre a pescaria, isto é, o dos habitos dos animaes considerados. Para o segundo, como na maioria dos assumptos brazileiros, faltam dados estatisticos e quem o quer tratar pelo lado economico terá, provavelmente por muito tempo ainda, de imitar os indigenas da região em questão, que, esgotado o seu limitado vocabulario numerico, que só vai até tres ou quatro, recorrem ao emprego de termos vagos e indefinidos como *muito, grande numero*, etc. O A. apreciando devidamente a importancia scientifica destas duas faces do seu assumpto fez uso judicioso dos poucos elementos á mão e não póde ser responsabilizado pela insufficiencia que o zoologista e o economista acharão na sua obra. O pouco que pude colher basta para accentuar a grande lição pratica do livro, a necessidade de tratar quanto antes da conservação e desenvolvimento de tão importante elemento do bem-estar do povo amazonico e da riqueza publica. Em compensação, o ethnologista achará uma valiosissima contribuição para o conhecimento da industria, dos costumes, do modo de vida e de pensar dos habitantes indigenas e mestiços da grande bacia amazonica, exposta de modo verdadeiramente scientifico e, ao mesmo tempo, com tanta arte literaria que o leitor mais desprevenido de interesse nos animaes e gente amazonicas o acompanhará com prazer e proveito. Trabalhos como este e o de Antonil de 1711, mostram como são

interessantes as industrias peculiares ao Brazil e é de esperar que as outras acharão tambem os seus monographistas. A obra é acompanhada por um indice copioso, cousa tão rara nas publicações brazileiras que merece menção e louvor especial—O. A. DERBY.

26.—L'E'glise au Brésil pendant l'empire et pendant la republique par F. Badaró ex-deputé brésilien, Roma, Stabilimento Boutempelli, 1895, in-8º, 138 pags.

Este livro, sem merecimento nem pretenção literaria porém magnificamente impresso, tem por fim como declara o seu A. fazer que « os catholicos de Roma possam ver que a republica no Brazil creou uma excellente situação para a Igreja ». E para isto, confronta o A. « a legislação do imperio com a do novo regimen, a do padrodado e do placet, com a mais completa liberdade republicana ». O Sr. B. tinha como dizem os francezes a *partie belle*, e certamente não lhe custou mostrar que realmente, si nos collocarmos no ponto de vista do largo liberalismo que, elle proprio confessa-o, não é o da Igreja, esta lucrou com a mudança das nossas instituições, e que maior liberdade tem hoje que sob o regimen imperial.

Para proval-o passa o Sr. B. em revista a legislação e os principaes actos do imperio relativamente á igreja catholica no Brazil pondo manifesto os intuitos regalistas que as inspiravam. Ora no Brazil—e isto não fez sufficientemente notar o A.— o espirito regalista existente na mais antiga legislação portugueza e rejuvenescido e reforçado por Pombal contra as pretenções da curia romana, encontrava uma cooperação efficaz no liberalismo racionalista e como quer que seja voltairiano de D. Pedro II. Censurando os padres catholicos infensos á republica, o Sr. B. contrapõe-lhes o bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, o principal autor e redactor da *Pastoral collectiva* publicada pelo episcopado brazileiro após a separação da Igreja do Estado. « Este grande apostolo, informa-nos o Sr. B., jamais duvidou da vitalidade das instituições republicanas em sua patria. Declarava em toda a parte que ella tinha profundas raizes no coração do povo ». Não serei eu que conteste as asseverações de D. Antonio, mas creio que os que conheceram o trefego prelado, e sabem como elle era incapaz de perdoar ao monarcha a prisão de « l'Ile des Serpents » e mais que isso a humilhação soffrida na luta com tristes irmandades pela maior parte compostas de portuguezes illetrados ao serviço da maçonaria politica e ainda mais a antipathia, sinão desapreço, em que o tinha o imperante, difficilmente crerão na sinceridade e boa fé do seu republicanismo. Esta, porém, não é a questão, e ao Sr. B. sobeja razão quando affirma que para a liberdade da Igreja a mudança de regimen foi um grande bem, e que os seus sacerdotes mostrando-se infensos á republica não só commettem uma injustiça, como se poem em desaccordo com os ensinamentos do Papa, claramente expresso na carta por elle dirigida ao episcopado brazileiro, e da qual o A. transcreve trechos. E, tendo resumido na « Conclusão » do seu livro os maleficios do imperio e os beneficios da republica á Igreja, termina o Sr. B., a nosso ver com inteira razão: « Depois das palavras de Leão XIII, nenhum catholico brazileiro, mesmo dos que sacrificariam corpo e alma pelo imperio, poderá considerar a republica como inimiga ». — O livro termina com transcripção de diversas peças demonstrativas das asserções do A., de uma carta sua ao bispo de Curitiba, e da de Leão XIII citada aos arcebispos e bispos do Brazil. —Não é, disse no começo, livro de valor literario ou historico, em que as relações entre a Igreja e o Estado no Brazil tenham sido estudadas á luz

de um criterio critico qualquer ou com preoccupações de arte ou de literatura. E' antes um opusculo de informação, pratico e util, quasi um pamphleto de politica militante, em que o A. vai até a denuncia do seu antecessor no posto official que occupa, como monarchista desleal á republica. Como tal satisfaz completamente o seu fim. — J. V.

27. — **Annuario Medico Brazileiro** fundado e dirigido pelo Dr. Carlos Costa, 8º anno, 1893. Capital Federal, Lombaerts & C., 1894, 111 pags.

O Sr. Dr. Carlos Costa, bibliothecario da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tem conseguido com louvavel esforço, a publicação do *Annuario Medico Brazileiro*, publicação importantissima, pois representa a compendiação de todo o movimento medico nacional. O *Annuario* de 1893, só agora veio á luz, embora os editores nol-o tenham querido apresentar como tendo sido publicado em 1894. O *Annuario Medico* de 1893, devido certamente á causas estranhas á boa vontade do seu director e fundador, não é tão completo como o pudera ser, si outros medicos, além dos poucos que nelle collaboraram, tivessem prestado o concurso que lhes foi sollicitado. E', com tudo, uma proveitosa resenha do movimento medico brazileiro. O presente volume é o oitavo da serie intentada pelo laborioso bibliothecario. A sua continuação é uma cousa desejada por quantos se interessam pelas letras medicas. O volume referente ao anno de 1894 já está no prelo, affirma o Sr. Dr. Carlos Costa. E' de esperar que o novo *Annuario* mais completo e melhorado apresente um indice mais bem feito, que permitta facil busca; um indice verdadeiramente tal, que indique alguma cousa. Não é frivolo o reparo que fazemos. O indice das materias em publicações de genero do *Annuario Medico* faz parte integrante do trabalho e é indispensavel que elle seja completo e minucioso. Na introducção do *Annuario* de 1893 faz o Sr. Dr. Carlos Costa ás seguintes judiciosas ponderações: « O que podemos tornar saliente, em relação aos trabalhos medicos realizados no anno de 1893, é a maior segurança nos estudos bacteriologicos. O microscopio é um instrumento actualmente de facil manejo nas mãos dos medicos e estudantes laboriosos. Os resultados praticos não se farão esperar. Não podemos dizer o mesmo no que respeita á materia medica e therapeutica; pouco ou nada se tem feito; nem mesmo na Escola de Pharmacia de Ouro Preto, que funcciona no centro da uberrima zona do opulento estado de Minas Geraes. Na cirurgia são notaveis os nossos progressos; hoje, sem exageração, pode-se dizer, que o cirurgião brazileiro é tão digno de acatamento como o europeu ou o norte americano. Especialmente na obstetricia e gynecologia possuimos verdadeiras notabilidades. Accentuam-se os estudos sérios relativamente á Hygiene; baseados nas sciencias bacteriologicas, procurando-se com interesse resolver os grandes problemas sanitarios, com menos *superficialidade*. Quanto á medicina legal, embora esteja o ensino sob a direcção de mestres abalisados, ha muito que fazer. Esta questão de ensino, constitue assumpto muito grave e que merece ser tratada com muita seriedade; talvez nos arrisquemos a nos occuparmos della, no proximo *Annuario* estando este muito atrazado na sua publicação, pelo que pedimos desculpa aos nossos collegas, que bem conhecem as justas causas.» Promette o Dr. C. Costa estudar com mais apuro a questão do ensino medico entre nós. Faça-o o illustre collega e veja si descobre remedio efficaz para o *phylloxera* que o devasta. — Dr. C. S.

28.—**Sonhos funestos**, drama de assumpto colonial em tres actos e quatro quadros de Rodrigo Octavio, Laemmert & C. editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895, in-8º, 86 pags.

Não devera talvez ser eu quem noticiasse na *Revista* este livro, saido de suas paginas. Não me quero, porém, negar a satisfação de fazel-o, por amor de um escrupulo quiçá exagerado. Não é uma obra prima, nem mesmo uma obra perfeita, o drama do Sr. R. O.; é, porém, a revelação de um talento com que o nosso theatro teria porventura o direito de contar, si nós tivessemos um theatro. As mesmas condições em que foi concebido e escripto este drama, sinceramente expostas pela A. nas « Duas palavras » com que o precede, não favoreciam a producção de uma obra menos imperfeita que esta. Comquanto o A. tenha-o talvez mais concebido como um poema dramatico, como um drama antes para a leitura que para a scena, creio com toda a sinceridade que elle podia affrontar, sem atrevimento, a luz da ribalta, e si achasse interpretes capazes, aspirar sem immodestia a um successo. O primeiro acto é muito bem feito, muito dramatico, muito movimentado. O segundo é ainda bastante dramatico, embora com menos movimento, reduzido a quatro personagens dos quaes sómente dois notaveis. Este segundo acto se enfraquece, porém, e muito pela inexplicavel mudança do caracter de D. Alipio que nelle bruscamente, sem as transições e as explicações exigidas pela esthetica especial da arte dramatica, nos apparece sob um aspecto muito diverso do em que o vimos no primeiro acto. O terceiro não é tão bom como os dois primeiros, e eu não sei si o A. não teria feito melhor em acabal-o no fim do 1º quadro. Com alguns retoques, com uma scena entre Luzia e Fernando, que seria talvez a *scène à faire* tão cara a Sarcey, o acto terminando ahi daria á conclusão do drama, ao meu parecer ao menos, uma grandeza maior, que a scena melodramatica do suicidio de Luzia á vista da mãi e do noivo. Esse desfecho ficava sufficientemente indicado mesmo pela terminação do 1º quadro tal qual está, sem necessidade daquella scena. E, como arte, esse vago mesmo é um recurso esthetico mais bello e de mais effeito. — Escrevendo o seu drama em verso o Sr. R. O. comprehendeu bem que concepções como a sua só nessa lingua especial podem escapar de um lado á vulgaridade, de outro ás difficuldades, nem sempre venciveis, de não offender demasiado ao sentimento da realidade. Não ha impossibilidades historicas para o seu drama, e a prova de não havel-as é a existencia da lenda em que elle se funda. A lenda não é sinão a idealização da historia pelo povo ou si quizerem uma generalização ideal do facto positivo. Não sei porém si tratada em prosa, sob a forma dramatica, a obra do Sr. R. O. não sairia completamente falha. O verso, pela sua mesma artificialidade, possue a vantagem de nos pôr logo num terreno especial, de si mesmo falso em que o juizo tem de ser relativo, e de dar uma especie de recúo necessario para que não vejamos os artificios do pintor e a grossura das tintas. Não têm a perfeição e a belleza que deviam ter, para maior realce da obra, os versos do Sr. R. O., mas tambem não a prejudicam por somenos. Si ha em geral nelles vulgaridades e, sinão incorrecções notaveis, fraquezas, ha tambem trechos de real belleza e de verdadeira expressão dramatica. A narrativa de Luzia, no 1º acto: o seu dialogo com D. Alipio, e os seus monologos no 2º, e o final da scena III do 3º. « Mas porque recordar toda a minha ventura... » são desses. Na representação, si este drama fosse representado, creio que conviria cortar certas falas, demasiado longas para o theatro, como a da scena V do 3º acto, de Marianna. — Dito assim burguezmente o meu desvalioso juizo desta obra do Sr. R. O., acode-me que si o A. tivesse pretenções ao « symbolismo » em moda fóra d'aqui e que, a proposito de Ibsen e de Novelli, achou aqui ao que parece enthusiastas, e, com ellas, uma

claque organizada, este seu drama seria uma manifestação do symbolismo entre nós. Não ha negar que falta nelle, e é um dos seus maiores defeitos, —como é, diga-se de passagem, a falha maior de nossa poesia—o pensamento e o conceito: a observação em geral pessimista da vida humana, traduzindo-se nas sentenças que nos dramaturgos scandinavos, como nos romancistas russos, renovaram mais que inovaram o pensamento de Shakespeare, de Gœthe, de Balzac e do proprio Dumas Filho. Essa observação, esse pensamento, não ha encontral-os, ao menos com o mesmo talento e com a mesma força expressos, nos *Sonhos funestos*. Com um pouco de boa vontade, entretanto, se descobriria alguma cousa com isso parecido, e quanto a symbolos não faltariam: Luzia, symbolizaria a terra virgem do Brazil deflorada pela cupidez grosseira e desalmada do colonizador; D. Alipio, symbolizaria esse colonizador, sem coração: a mãi, o noivo de Luzia, esse povo de mineiros e roceiros que se move ao redor do drama e que em alguns momentos faz nelle como o côro da tragedia antiga, symbolizaria o povo brazileiro brutalizado e explorado. E Luzia, lançando o ouro do fidalgo portuguez ao abysmo e ahi afundando-se com elle, quereria dizer que era dessa alliança de morte do cubiçado metal com a nossa terra que havia de sair a idéa da nossa independencia. Um critico de talento, faria muito melhor essa exegese e levaria mais longe a architectação desta symbolica para a qual aliás se não requer um Creuzer. Eu apenas pude indical-a.—Sem carecer della, porém, a obra do Sr. R. O. não é uma contribuição desvaliosa para a nossa literatura e para o nosso theatro—si é licito escrever nosso theatro. A edição, da casa Laemmert, merece elogios.— J. V.

29.—**A historia de S. Paulo ensinada pela biographia dos seus vultos mais notaveis** por Tancredo do Amaral, obra destinada aos estabelecimentos de instrucção popular. Alves & C., editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895, in-12, 351 pags.

A mim me parece muito contestavel a theoria perfilhada pelo A. deste livro de ser a historia de um povo ou de uma nacionalidade a historia dos seus grandes homens, e, pessoalmente, perdoem-me o egotismo, sinto-me medioceremente devoto do culto dos heroes, tão caro a Carlyle. Productos do seu meio, resultantes do que se poderia chamar o parallelogramo das forças sociaes que num momento dado, e as mais das vezes a despeito ou contra a sua vontade delle, o apanham e o impellem na direcção determinada pelas forças componentes, o «heroe,» o «vulto notavel,» o «grande homem,» quasi tem, a meu ver, o mesmo valor que o barco a que ventos diversos impuzeram uma rota. Certo, em geral taes homens representam nesse instante o conjunto das qualidades, das aspirações, dos sentimentos do seu meio, acham-se em relação com elle, da mesma maneira que a diagonal do theorema geometrico representa a resultante de duas forças actuando angularmente sobre um corpo. Somente a differença é que no caso social, as forças difficilmente se poderão reduzir a duas, o que absolutamente não destróe a verdade do simile. Fazer de taes homens causa quando são effeitos, directores quando são dirigidos, factores quando são apenas productos, não se me affigura nem certo, nem, no ponto de vista moral, bom. Parece-me até que toda a obra do que nós, com talvez demasiado orgulho, chamamos a «sciencia moderna» quer no ramo biologico, quer no sociologico, é justamente contraria áquelle conceito, assentando, ao envés delle, as leis incontestaveis da filiação historica, da herança physio e psychologica, da influencia do meio. Deixemos, porém, estas considerações, talvez descabidas em mera noticia bibliographica. Si as fiz foi porque pareceu-me que o A. deste livro destinado á instrucção primaria não comprehendeu acaso porque os pedagogistas recommendam que a historia seja ensinada ás crianças pela biographia dos chamados

grandes homens. Não é porque se creia, justamente contra a mais adiantada concepção da historia, que a biographia delles constitúa verdadeiramente a historia do seu paiz ou da humanidade: mas por motivos de ordem estreitamente pedagogica, e, ainda assim, em escala muito menor que parece julgar o A. deste compendio. Um pedagogo americano do mais alto valor, o Sr. Swet, em seu excellente livro *Methods of teaching* resumindo os preceitos praticos do ensino da historia patria, diz: « São uteis e interessantes curtos esboços biographicos dos grandes homens da nossa historia, si mostram como por seu caracter e talentos, melhoraram elles as condições da sua nação e do mundo. » A concepção que se resume naquella condição final é o criterio do valor do ensino pela biographia, cuja extensão assim restringe. Não é toda biographia que serve, sinão aquellas dos individuos que hajam sido « homens representativos » consoante a expressão ingleza, e que tenham tido realmente uma influencia determinada sobre a civilização do seu paiz. E' preciso mais, no ponto de vista pedagogico, que a vida desses homens tenha um interesse anecdotico e emocional, para que possa interessar as crianças e commovel-as ou impressional-as. Nenhuma destas condições se realiza na maior parte das biographias com que o Sr. T. de A. pretende educar os seus jovens concidadãos. São em grande parte typos, sinão completamente nullos, de segunda e terceira ordem, mesmo em relação ao scenario em que representaram, e cuja vida, de uma monotona feição burocratica e politica ou antes partidaria, não tem o minimo interesse, nem poderia quiçá, sem ser propositalmente falseada, servir de exemplo e estimulo. A biographia dos vivos, essa, me parece, e creio estar com os mestres destes assumptos, completamente desapropositada em livros similhantes. Isto quanto ao methodo adoptado pelo Sr. T. de A., que estamos longe de condemnar, comtanto que se levem em conta estas restricções. A execução do livro, si elle se destina somente a classes primarias como parece, é ainda defeituosa pelo demasiado desenvolvimento que lhe deu o A. e pelo desnecessario e, em obra didactica elementar, descabido luxo de erudição. E' somente como livro destinado á infancia que o do Sr. T. de A. não me parece corresponder ao seu fim: como livro de divulgação e informação da historia de S. Paulo e da biographia dos seus homens notaveis, é bem feito, prestadio e digno de ser imitado. A impressão, feita em Pariz, denota o empenho já em outras publicações manifestado, dos editores Alves & C., em dotarem a nossa escola com uma literatura escolar indigena que, ao menos quanto ao aspecto exterior dos livros, aliás de não somenos importancia, seja um progresso. — J. V.

30.—**A Constituição do Brazil** noticia historica, texto e commentario, por Aristides A. Milton, Deputado ao Congresso Nacional pela Bahia—Imprensa Nacional, 1895.

Foi um escriptor inglez, Stubbs, quem disse serem os publicistas de seu paiz uma raça de commentadores e que o direito publico, como o entendiam e tratavam, era um simples commentario á *Magna Carta*. Stuart Mill mesmo não escapou á tendencia, e já se observou entre nós que, quando o autor da *Liberdade* e do *Governo representativo* « procurou se elevar á esphera dos principios com apparente abstracção da terra e do meio em que vivia, a somma do seu trabalho foi sómente apresentar o proprio governo de sua patria idealisado ». Ou seja pendor peculiar da raça, ou seja a irradiação da obra constitucional, que fascina a todos os espiritos, o facto é que tambem entre os norte-americanos, descendentes daquelles anglos, não se encontra um só publicista no sentido technico da expressão, um escriptor preoccupado com as idéas geraes, com o abstracto das theorias, ao passo que ali se ostenta uma luminosa constellação de escriptores

praticos, puros commentadores de visão concreta, como os Story, Kent, Pommeroy, Cooley, etc. Infelizmente no Brazil nós não somos nem uma cousa, nem outra: a nossa publicistica até agora é de pamphletarios, de libellistas, accentuando-se que a antiga constituição não teve força de inspirar um só commentario de grande valor. Mas incontestavelmente a direcção que viremos á tomar será ainda a de commentadores, pois nação apenas formada estamos no momento historico de definir e affirmar o estatuto politico, que é o laço da unidade, tel-o sempre á vista, cotejar as suas linhas escriptas com a pratica, observar e estudar o mecanismo dos poderes publicos nelle fundados, resultando d'ahi uma obra de critica que será o objectivo natural dos espiritos. E como exemplo dessa orientação acaba de ser publicada a *Constituição do Brazil*, do sr. A. Milton, que antes de tudo é uma demonstração de fé na perpetuação do nosso pacto federal, convicção tanto mais firme quanto esse livro foi elaborado segundo parece no periodo em que justamente uma revolução procurava modificar as bases da republica federativa traçada em 24 de fevereiro. Certamente que o trabalho do A. não é uma obra definitiva, largo e profundo manancial, em que beberão á farta os estudiosos, mas é um livro utilissimo, batedor alviçareiro de outros, que hão de vir, precursor do futuro Story brazileiro. E de uma geração, que está em noivado com a republica, não se podia esperar sinão um livro preliminar, que pela intenção com que foi delineado é quasi um livro de amor ás novas instituições, destinado á mocidade das escolas, que o A. ainda pensa ser *a crysalida animada por tantas aspirações generosas e bellas* (pag. XXXII), livro escripto com a paixão do cultor do direito, cuja emphatica e altisona frase (sinal dos tempos) concita-nos em *adoração mystica, sublime, fervorosa a elevar os olhos a Deos, pensando a todo momento na imagem sacrosanta da patria. Sursum corda!* » exclama (pag. XXXII). — São sublimidades desta ordem a que no portico de seu livro se entrega com delirio, com extase o A., mas si penetrarmos no edificio ha uma mutação brusca de estylo; não se encontra mais o gothico, o exdruxulo, o mystico; muda-se o scenario e com elle os quadros; cessa a musica *do hymno de esperança, que á beira dos berços as mãis entoam radiantes de patriotismo e de amor* (pag. XXXI), não se descortinam mais a *doçura e a poesia do ceu*; as linhas são simples, o texto frio, porém illustrado, a materia é arida mas instructiva. O sr. Milton deixou de ser o bardo do Paraiso Perdido, o sr. Milton passa a ser um constitucionalista brazileiro. Não sei se a generalidade dos leitores apreciará a transformação, o leitor poeta com certeza que não, mas ha de haver quem bata palmas, quem applauda com sinceridade este serviço que nos presta o A. explicando agora singelamente (que contraste!) como do projecto do governo provisorio, através de que emendas, de que discussões, resultou a actual constituição. E esse trabalho, que é a preoccupação aturada do livro, o torna imprescindivel a todos, que querem saber a genese do estatuto politico e buscam a melhor interpretação das suas disposições. Alem disso o estudo comparativo das constituições e leis de outros paizes é excellente, como póde ser nas dimensões do commentario, sempre opportuno e pertinente, e para completar o valor da *Constituição do Brazil*, notas justas esclarecem o texto, encaminham á resolução de muitas questões ainda controversas, sendo certo que algumas em que o A. faz o confronto da legislação patria, já eram de vulgar conhecimento, e são repetidas com louvavel desembaraço do livrinho do sr. G. Autran, como entre outras as do art. 34 §§ 3°, 7° e 20. Mas isso não diminue, antes augmenta o merecimento da obra, que não póde deixar de ser consultada não só pelos doutos, mas pelos brazileiros em geral: encontrarão uns e outros a constituição politica do paiz, estudada pelo sr. A. Milton, como até agora não o foi por ninguem. — GRAÇA ARANHA.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo. Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda, 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 4$000

Multicôres por Heitor Guimarães, 1 volume ricamente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1874, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta, 1 vol. de 250 paginas, brochado 3$, enc. ..... 4$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos, quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com folhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1261 de 11 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado, 1 volume brochado ..... 1$000

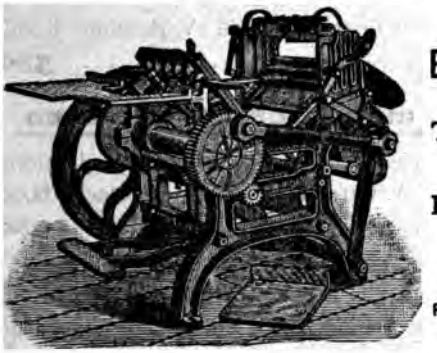
Roteiro dos officiaes de Justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres com formulario para todos os autos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Antran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 434 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. broch. 4$, enc. 5$000

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8º gr..... **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8º gr. broch. **8$000**
enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16º br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos, 1 volume com muitas gravuras..... **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar, 1 vol. enc..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento. Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico:—« TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO—ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

A Exposição Typographica Permanente

da

Companhia Typographica do Brazil

Acha-se aberta e franqueada, todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 4 da tarde aos Srs. Proprietarios de Typographias, Editores, Redactores de Jornaes, emfim a todos que se interessam pelas artes graphicas em nosso paiz.

RETRATOS PARA SEREM PUBLICADOS EM JORNAES, ETC.

Preparam-se em zincographia pelo preço de 40$000 ou em xylographia pelo preço de 60$000

PAPEL DE IMPRESSÃO

Remette-se gratis e franco de porte variada collecção de amostras de papel de diversas qualidades á todas as typographias que a pedirem.—Esta Companhia encarrega-se de Remessas periodicas de Papel de Impressão, mediante diminuta commissão e em condições vantajosas.

PRECISA-SE

nesta Companhia de bons Agentes, em todas as localidades, para a venda de Carimbos de Borracha, Placas e Cartazes dourados, Caixas de Papelão e outros artigos.

Dá-se bôa commissão

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral de nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

AVISO

A administração da *Revista Brazileira* declara aos Srs. assignantes que o serviço da distribuição da *Revista* é feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado e que si faltas ha ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede aos Srs. assignantes sirvam-se communical-as ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da *Revista* pela entrega, quando não houver sido previamente avisada.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de mandar pagar as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da *Revista*.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO — TOMO III 16.° FASCICULO 15 DE AGOSTO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **O Estado de Sitio**, por **TARQUINIO DE SOUZA**, da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes. 193

II. **Os Bacaerys**, por **CAPISTRANO DE ABREU**, do Gymnasio Nacional. 209

III. **Um Estadista do Imperio — J. Th. Nabuco de Araujo.— II. Jornalista Academico. — III. O 7 de Abril**, por **JOAQUIM NABUCO** 229

IV. **O Argonio**, por **ALVARO J. DE OLIVEIRA**, da Escola Polytechnica 245

V. **As Ilhas Oceanicas do Brazil. — I. A Ilha da Trindade**, pelo **DR. H. VON IHERING**, director do Museu Paulista 254

VI. **Bibliographia**. 261

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

O ESTADO DE SITIO

Referem varios escriptores que em 1807, quando Jacques de Malleville publicou o primeiro commentario do Codigo Civil Francez, Napoleão I disse: « Um commentador do meu codigo! Meu codigo está perdido! » Extranhando facto tão natural, o famoso guerreiro suppunha talvez que uma nação podesse ser governada como um exercito e que uma vez conhecida a lei não era licito estudal-a, esclarecer-lhe as obscuridades, apontar-lhe as lacunas ou salientar as bellezas de sua concepção, cumprindo apenas obedecel-a cegamente.

Emprehendendo estudar um dos pontos mais interessantes de nossa Constituição politica, não receiamos que se nos possa applicar o dito do soldado feliz cujo renome tornou-se legendario. Vivemos em uma época em que tudo se discute e analysa e hoje é geralmente reconhecido que a lei — seja qual fôr o seu objecto — não póde prescindir da interpretação scientifica, não pode viver realmente no seio do organismo social sem que o jurista estude os principios que dictaram a norma do direito, que inspiraram o legislador, fazendo applicação da regra abstracta ás condições concretas da vida social.

Estudar as theses constitucionaes á luz dos principios da sciencia juridica, investigando suas origens historicas e o fundamento racional de suas disposições, contrastando-as com a legislação dos povos cultos e com as decisões da jurisprudencia, é escopo digno do esforço intellectual de quantos se interessam pela restauração da verdade constitucional. Tornar conhecida a Constituição em seu texto

e melhor comprehendida em seu espirito, é facilitar sua applicação, é prestar um serviço, contribuindo para vulgarização de um regimen politico diametralmente opposto ao que durante mais de meio seculo vigorou no paiz. No mundo civilizado, entre os povos livres, não ha espirito esclarecido que não deseje conhecer as instituições politicas e sociaes de sua patria, o mecanismo do governo nacional, o conjunto dos direitos e liberdades que formam o patrimonio moral do cidadão.

Não basta, porém, ter o simples conhecimento do texto legal, porque a noção material da lei sem a perfeita comprehensão do espirito que a vivifica, é muitas vezes funesta e perniciosa, como todos os conhecimentos incompletos.

Na Constituição como em todos os Codigos e em todas as Leis — para nos servirmos de uma antithese conhecida — *ha o que se vê e o que não se vê.* Pode-se dizer da Constituição o que illustre professor italiano disse do Codigo civil. A Constituição com seus artigos numerados assemelha-se a uma via-ferrea, ao longo de cujas margens estão plantados os marcos miliares, designando o numero progressivo do percurso kilometrico. Corre sobre ella rapida a locomotiva levando em vertiginosa carreira viajantes que ao chegar ao termo da viagem, mal conhecem as regiões que atravessaram e apenas adivinham as bellezas do paiz que percorreram. O mesmo aconteceria a quem limitasse sua instrucção juridica ao estudo material dos textos de qualquer Codigo das nações modernas. [1]

Estudando a Constituição, sem a minima preoccupação de espirito partidario o nosso intuito é facilitar o conhecimento adequado do texto constitucional, vulgarizar os bons principios da sciencia politico-juridica, obedecendo sómente ás alevantadas inspirações de um amor sincero da liberdade e de um respeito profundo do direito.

O trabalho que se vai ler, paginas destacadas de um curso de direito constitucional, não visa a originalidade, collima a alvo muito mais modesto. Não pretendemos a gloria de ter, como o poeta latino, jornadeado por caminhos nunca d'antes explorados,

Avia... peragro loca, nullius ante trita solo...

Pascal motejava dos escriptores que diziam *meu livro* e com relação as paginas que seguem teria inteiro cabimento a censura

---

[1] F. Tedeschi, *Dell'Uso del Dirt. Romano*, p. 8, 1878.

do grande philosopho de Port-Royal, porque nada mais fizemos do que annotar a nossa lei fundamental illustrando-a com a lição dos mestres, os ensinamentos do direito comparado e a pratica da jurisprudencia. Foram estes os ricos mananciaes, as opulentas jazidas em que fomos haurir o que de melhor e mais selecto se encontra sobre uma questão já por si importante, mas a que infelizmente factos recentes de nossa vida publica deram a mais palpitante actualidade.

I

A expressão *estado de sitio* é inteiramente nova em nosso direito constitucional e em nossa vida politica. Durante a vigencia do regimen transacto, no dominio da Constituição de 1823, não se cogitava desta situação juridica e o art. 179 que era então a *magna carta* dos nossos direitos e liberdades, referia-se nos §§ 34 e 35 a dispensa por tempo determinado, de algumas das formalidades que garantiam a liberdade individual, nos casos de rebellião ou invasão de inimigos, quando a segurança do Estado o exigisse ou correndo a patria imminente perigo. O que vem a ser pois o *estado de sitio*, expressão cujo valor juridico nem todos conhecem, triste recurso de que tanto se tem abusado nestes ultimos annos de nossa existencia politica? Será synonymo de dictadura, de lei marcial ou uma suspensão de garantias constitucionaes determinada por motivos de ordem superior?

Em sentido proprio a expressão « estado de sitio » designa a situação em que se acha uma praça de guerra cercada ou ameaçada por exercito inimigo. Por analogia emprega-se esta expressão para designar a situação em que se acha qualquer parte do territorio nacional convulsionado por commoções internas e onde para defesa do systema de governo em vigor, da ordem e da tranquillidade social, o poder publico é coagido a assumir poderes extraordinarios, suspendendo as garantias constitucionaes e tomando medidas rigorosas e excepcionaes com a celeridade exigida pela gravidade dos acontecimentos. [1] « O estado de sitio é uma situação violenta, extraordinaria, fundada na necessidade da defesa, diz Voisyn

[1] M. Block, *Dic. Gen. de la Polit.* v. *E'tat de siége*, T. 1. p. 919, 1880.

de Gertempe, e de prover a salvação commum já compromettida ou que possa vir a ser por uma guerra ou aggressão. »

Pela propria natureza deste recurso supremo vê-se que o poder publico não deve abusar delle. Entretanto a historia politica de varios paizes modernos, principalmente latino-americanos, mostra-nos que delle têm lançado mão os governos, não em casos de séria e profunda convulsão social, quando conturbada a ordem e ameaçadas as instituições, mas simplesmente servindo de instrumento para a pratica de attentados e violencias, satisfação de vinganças politicas e odios partidarios nas mãos de detentores occasionaes do poder publico, não raro inteiramente divorciados do espirito nacional. « De uma lei de salvação publica excepcional e temporaria, tem se feito, na frase de um parlamentar francez, um meio de governo normal e permanente, não é mais para defesa da patria em perigo, é para a commodidade da administração que a lei marcial funcciona. » [1]

Nada se nos afigura mais perigoso para as publicas liberdades e para a verdade do systema politico que pretendemos transplantar para o nosso paiz com a Constituição de 24 de fevereiro de 1891 do que a acclimatação destes processos violentos, deste abuso de medidas excepcionaes e extraordinarias que só podem ser autorizadas pelo perigo imminente, pela necessidade, não bastando para justifical-as mesmo a mais consideravel *utilidade*, na frase insuspeita de um publicista conservador e autoritario como é Bluntschli.

O estado de sitio é uma medida extrema e sobre sua existencia nem todos os publicistas estão de accôrdo. Si uns o justificam em nome da salvação publica, da razão de estado, como sendo no direito publico o equivalente da legitima defesa no direito privado, outros o combatem por inutil, inefficaz e perigoso e como tal sustentam que deve ser proscripto das constituições republicanas. Uma vez porém admittido como foi pelo nosso legislador constituinte, cumpre-nos indagar quaes as condições e fórmas de sua declaração, seus effeitos e resultados com relação á collectividade, ao exercicio do direito e á pratica das liberdades consagradas. E' claro que não se trata do estado de sitio effectivo, daquelle que pode dar-se nas praças de guerra e postos militares, mas do estado de sitio ficticio ou politico,

---

[1] Alb. Grévy, *Rapport à l'Assemblée Nationale*, 10 Dec. 1875.

porque sobre este ultimo é que se podem suscitar duvidas e incertezas.

Entre as attribuições privativas do Congresso nacional collocou o legislador no art. 34 § 21, a de:

> « Declarar em estado de sitio um ou mais pontos do territorio nacional, na emergencia de aggressões por forças estrangeiras ou de commoção interna; e approvar ou suspender o sitio que houver sido declarado pelo poder executivo ou seus agentes responsaveis, na ausencia do Congresso. »

Não querendo porém deixar desarmado o poder publico na ausencia do Congresso, em face, não já de simples emergencia de aggressão estrangeira ou de commoção interna, mas verificada a existencia de qualquer destes dois casos, cumprindo prover a segurança publica, o legislador no art. 48 § 15 incluiu nos actos de competencia privativa do Presidente da republica a faculdade de:

> « Declarar por si, ou seus agentes responsaveis o estado de sitio nos casos de aggressão estrangeira ou grave commoção intestina. »

Não se limitou porém a isto o legislador constituinte e procurando acautelar como lhe cumpria os direitos e liberdades que são a razão de ser de todo regimen politico verdadeiramente democratico, mesmo na vigencia de uma situação juridica anormal, determinou os casos em que se podia declarar o estado de sitio, dando-se a suspensão das garantias constitucionaes, procurou restringir a attribuição do poder executivo ao caso de imminente perigo da patria, estabeleceu taxativamente as medidas de repressão que contra as pessoas lhe era permittido tomar e querendo tornar bem claro que medidas de tal transcendencia e de consequencias sociaes tão valiosas não podiam ficar a mercê do poder executivo mandou ainda que reunido o Congresso o Presidente da republica lhe relataria, motivando-as, as medidas de excepção tomadas, firmando afinal o principio da responsabilidade das autoridades pelos abusos commettidos.

E' o que prescreve o art. 80 §§ 1.º a 4.º, nos seguintes termos:

> « Poder-se-a declarar em estado de sitio qualquer parte do territorio da União, suspendendo-se ahi as garantias constitucionaes por tempo determinado, quando a

segurança da Republica o exigir, em caso de aggressão estrangeira ou commoção intestina.

§ 1.º Não se achando reunido o Congresso e correndo a patria imminente perigo, exercerá essa attribuição o poder executivo federal.

§ 2.º Este porém, durante o estado de sitio restringir-se-a nas medidas de repressão contra as pessoas a impor:

1.º A detenção em lugar não destinado aos reus de crimes communs;

2.º O desterro para outros sitios do territorio nacional.

§ 3.º Logo que se reunir o Congresso, o Presidente da Republica lhe relatará, motivando-as as medidas de excepção que houverem sido tomadas.

§ 4.º As autoridades que tenham ordenado taes medidas são responsaveis pelos abusos commettidos.

Da letra constitucional, do exame das differentes disposições dos arts. 34 § 21, 48 § 15 e 80 §§ 1.º a 4.º, resulta que o legislador seguindo de perto o exemplo de outros paizes e principalmente a Constituição argentina (arts. 23, 67 § 26 e 86 § 19), procurou não só estabelecer as condições e fórmas da declaração do estado de sitio e os orgãos do poder publico que o podiam decretar, mas tambem fixar os seus effeitos e consequencias juridicas.

Em face das disposições constitucionaes, em regra o estado de sitio só pode ser decretado pelo poder legislativo. O legislador entendeu que tratando-se de uma medida de caracter extraordinario e violento, nem um dos poderes publicos estava mais em condições de tomal-a de que o poder legislativo. Neste ponto é quasi geral a opinião dos publicistas e jurisconsultos e o accordo das legislações. Em França, na Inglaterra, na Hespanha, no Chile, nos Estados-Unidos e na Republica Argentina, a declaração do estado de sitio, a suspensão de *habeas-corpus* ou medidas equivalentes são da competencia do poder legislativo. A Austria adoptou um systema intermedio, consentindo que o estado de sitio seja declarado sempre pelo governo, mas obrigando este a submetter sua deliberação ao conhecimento das camaras. A Allemanha é a unica excepção formal que conhecemos ao principio geralmente consagrado da competencia do poder legislativo na decretação do estado de sitio. Assim é que o

art. 68 da Constituição de 16 de abril de 1871 autorisa o imperador a declarar o estado de sitio em todo ou em parte do territorio federal.

A Alsacia-Lorena, antigas provincias francezas annexadas ao imperio allemão depois do desastre de Sedan, e formando um *reichsland* offerece-nos a este respeito um curioso exemplo. Em virtude da lei de 4 de julho de 1879, que é o texto fundamental de sua constituição, o governador ou lugar-tenente do imperador (*Statthalter*) está investido dos poderes extraordinarios conferidos ao presidente pelo art. 10 da lei de 30 de dezembro de 1871. Este artigo, commummente conhecido pelo *paragrapho da dictadura* dispõe: « em caso de perigo para a segurança publica o presidente pode tomar immediatamente todas as medidas que julgar necessarias. Pode além disto exercer os poderes conferidos ás autoridades militares no caso de estado de sitio pela lei de 9 de agosto de 1849 ». Esta referencia é á lei franceza daquella data, de modo que, segundo observa notavel professor da Escola livre de sciencias politicas, a Alsacia-Lorena junta a todos os seus soffrimentos moraes, mais este particularmente cruel, de ser opprimida com o auxilio de leis da antiga patria. A lei de 1849 por mais rigorosa que pareça, não satisfez ao vencedor que exigiu ainda que o governador podesse tomar *todas as medidas que julgar necessarias*. E' o estado de sitio em permanencia, é a dictadura. [1]

O egregio professor Bluntschili e outros escriptores allemães procuram justificar estas disposições das leis constitucionaes do grande imperio, negando ás camaras a capacidade para agir com energia, segurança e celeridade no momento opportuno, porque a isto se oppõem as delongas e formalidades parlamentares.

Contra isto, porém, pode-se victoriosamente oppôr exemplos colhidos na historia politica de varios povos e entre outros o da Inglaterra, paiz classico do systema parlamentar e que provam, na frase de Th. Reinach, que o parlamento de uma nação livre sabe sempre, quando é preciso, tomar promptamente resoluções energicas. [2]

Como, porém, o poder legislativo funcciona com intermittencia, não é permanente no exercicio effectivo de suas funcções, na

---

[1] A. Lebon. *Etud. sur l'Allemagne Polit.* p 263. 1890.
[2] Th. Reinach, *Etat de Siége*. p. 278. 1885.

ausencia das camaras, têm entendido quasi todas as legislações que o poder executivo em face de um grande perigo publico póde decretar o estado de sitio, sujeitando o seu acto á approvação immediata do poder legislativo. Foi o que fez o nosso legislador. Para que o governo possa usar da attribuição de suspender as garantias constitucionaes, declarando o estado de sitio é necessario que não esteja funccionando o Congresso e que o territorio nacional tenha sido invadido pelo inimigo no caso de aggressão externa ou que se tenha manifestado grave commoção interna que ameace a segurança da republica e constitua um verdadeiro perigo para a patria. A Constituição de 1823 depois de estabelecer (art. 179 § 34) o principio geral de que ao poder publico não era licito suspender a Constituição no que dizia respeito aos direitos individuaes, admittiu (§ 35) como um acto anormal determinado pela situação juridica extraordinaria do paiz, que nos casos de rebellião ou de invasão do inimigo fossem dispensadas por tempo determinado algumas das formalidades garantidoras da liberdade individual por acto especial do poder legislativo, podendo somente o governo exercer a mesma attribuição, não se achando reunida a Assembléa geral e em face de imminente perigo para a patria.

Na Inglaterra, cuja constituição é justamente apontada pela originalidade, a suspensão do *habeas-corpus* em regra só pode ser decretada pelo parlamento. Em nosso seculo contam-se mais de cincoenta *coercion acts* ou *peace preservation acts*, todos mais ou menos modificando, alterando ou restringindo o famoso acto de 26 de maio de 1679, que consagrou o principio tutelar do *habeas-corpus*. Comprehende-se que em um paiz de instituições livres, organizado regularmente, esta arma terrivel, este instrumento perigoso, o estado de sitio, que desapossa o cidadão de uma grande somma de garantias que lhe são reconhecidas, não deve ser empregado sinão em circumstancias excepcionaes. A nossa Constituição só admitte a decretação do estado de sitio quer pelo poder legislativo, quer pelo executivo nos dois casos de *aggressão estrangeira* ou *commoção intestina*. Como a dictadura romana no tempo de Claudio o estado de sitio em quasi todas as legislações modernas só pode ser decretado: *in asperioribus bellis aut in civili motu difficiliore*.

Em França cuja legislação neste particular differe profundamente da nossa, porque a declaração do estado de sitio traz como

consequencia a dictadura militar, com a substituição da policia civil pela militar e o funccionamento e jurisdicção dos conselhos de guerra, só a guerra estrangeira e a insurreição podem determinar o poder legislativo em primeiro lugar e o executivo em sua falta a lançar mão deste recurso extremo.

Introduzido na legislação franceza pela lei de 8 de julho de 1791, naquelle tempo em que por um allucinamento da paixão politica chegou-se a proclamar que *a guilhotina era a garantia suprema da liberdade*, o estado de sitio é actualmente regido em França pela lei de 3 de abril de 1878 (lei Bardoux) e varias disposições não expressamente revogadas da lei de 9 de agosto de 1849. « O estado de sitio só póde ser declarado em caso de perigo imminente para a segurança interna ou externa, resultante de uma guerra estrangeira ou de um levantamento a mão armada. Deve ser declarado por uma lei, que designará as communas, districtos ou departamentos a que se referir, fixando o tempo de sua duração. Expirado este prazo o estado de sitio cessa de pleno direito, a menos que uma nova lei prolongue seus effeitos. Na ausencia das camaras o Presidente da Republica pode declarar o estado de sitio, de accordo com o conselho de ministros, mas neste caso as Camaras se reunem de pleno direito, dois dias depois.

Tendo sido dissolvida a Camara dos deputados e até completa terminação do processo eleitoral, o estado de sitio, mesmo provisoriamente pode ser decretado pelo Presidente da republica, a menos que não se ache o paiz em guerra com alguma potencia estrangeira, porque neste caso um decreto assignado pelo gabinete pode declarar o estado de sitio nos territorios ameaçados pelo inimigo.

Os collegios eleitoraes e as Camaras devem ser convocados no prazo mais breve possivel. » [1]

Quanto aos motivos de ordem publica determinantes da declaração de estado de sitio, da suspensão do *habeas-corpus* ou da dispensa das garantias constitucionaes estão de accordo as legislações modernas em resumil-os nestes dois factos capitaes: commoção interna ou aggressão externa. E a « Constituição da republica só permitte esta suspensão de garantias em caso de aggressão

---

[1] E. Delaperriere, *Cours de Legisl. et Administ. militaires*, vol. I, p. 825, 1879.

estrangeira ou commoção intestina, actuaes, persistentes, graves e que ponham em perigo as instituições, não tendo o Congresso ou o governo arbitrio na decretação daquella medida de policia repressiva e não preventiva » [1] Estas criteriosas palavras que se lêm em documento parlamentar de alta valia interpretam perfeitamente o pensamento legislativo. Na decretação do estado de sitio devem tanto o Congresso como o Presidente da republica, ser o mais restricto, o mais rigoroso possivel, limitando-se ao cego cumprimento das disposições do pacto federal. O abuso do estado de sitio, como meio ordinario de governo é não só altamente perigoso para as publicas liberdades como trará inevitavelmente o descredito da constituição e o desprestigio do regimen republicano.

Um dos dogmas fundamentaes do nosso regimen politico é a limitação constitucional dos poderes, e nem a salvação publica nem a razão de estado e outros perigosos instrumentos de que se tem servido o despotismo desde épocas remotas [2] pode justificar o uso de poderes não consagrados pela Constituição.

Assim é questão de alta monta e de consequencias sociaes relevantes a perfeita determinação dos effeitos juridicos do estado de sitio dentro da orbita traçada pela lei constitucional. Não basta cercar a declaração do estado de sitio de precauções e requisitos, é necessario saber quaes são as garantias constitucionaes que elle suspende por tempo determinado. Neste particular melhor inspiradas foram outras constituições. Assim na Austria a lei de 5 de maio de 1867 que é a regulamentação da lei constitucional de 21 de dezembro de 1867, permitte, em caso de guerra ou insurreição actual ou imminente, suspender os arts. 8, 9, 10, 12 e 13 da Constituição.

Estes diversos artigos garantem a liberdade individual, a inviolabilidade do domicilio, o sigillo epistolar, e as liberdades de reunião, associação e imprensa. A lei entra em minuciosos detalhes sobre os poderes extraordinarios de que fica armado o governo e autorisa varias medidas policiaes com relação ao uso de armas, passaportes, ajuntamentos e insignias sediciosas. Na Hespanha o art. 31 da Constituição de 30 junho de 1876 admitte a suspensão

---

[1] *Annaes do Senado Federal*, vol. 1, 1ª sess. 2ª legisl. p. 159, 1894.
[2] L. Proal, *La Criminalité Politique*, p. 3, 1895.

temporaria das garantias estabelecidas nos arts. 2, 5, 6 e 17 §§ 1; 2 e 3 e que se referem a liberdade individual, inviolabilidade de domicilio e manifestação do pensamento pela imprensa, reunião ou associação.

A vigente Constituição, porém, como a Constituição de 1823 e a Constituição portugueza de 1826 (art. 145) usando de expressão *garantias constitucionaes* tem dado lugar a larga controversia e, o que é peior, as mais absurdas interpretações do texto constitucional, que tem sido invocado para legitimar todos os actos de prepotencia. Não se deve, porém, de modo algum equiparar o estado de sitio ficticio ou politico, tal como o consagrou o legislador, ao estado de sitio effectivo ou militar, a dictadura, ao interregno constitucional ou a lei marcial.

« O estado de sitio não é, não póde ser em face do nosso direito constitucional um instrumento de oppressão e arbitrio, como talvez o seja em outros paizes. Corresponde a suspensão de garantias como se fazia no antigo regimen, não suspendendo em tempo algum a Constituição, em caso algum os poderes politicos da nação, não alcançando as immunidades desses poderes, orgãos da soberania nacional, mas attingindo apenas os direitos as garantias individuaes nos restrictos termos e prazos do decreto ou resolução que o declarou ». [1] Este trecho do parecer da commissão de Constituição, poderes e diplomacia do Senado federal condensa de modo claro a verdadeira theoria do estado de sitio.

II

O que se deve entender por « garantias constitucionaes »?

« Quando a Constituição se refere a *direitos individuaes*, escreve notavel publicista argentino, nestes se comprehendem todos os que constituem manifestações do individuo em si mesmo, nas relações com os demais individuos e nas relações que conservam, modificam ou criam os bens; e quando allude ás *garantias constitucionaes*,

---

[1] *Annaes do Senado Federal*, vol. 1, 1ª sess. 2ª legis. p. 160—1894.

entendem-se as que protegem e amparam o exercicio desses direitos. » [1]

A distincção feita entre *direitos* e *garantias* é importante e de consequencias valiosas para o estudo da questão. Não se deve confundir as duas expressões. « Os direitos, como observa eminente jurisconsulto brazileiro, são aspectos, manifestações da personalidade humana em sua existencia subjectiva ou nas suas situações de relação com a sociedade ou os individuos que a compõem. As garantias constitucionaes *stricto sensu*, são as solemnidades tutelares, de que a lei circumda alguns desses direitos contra os abusos do poder. » [2]

As garantias constitucionaes a que se refere o art. 80 da Constituição de 24 de Fevereiro, são as garantias dos direitos e liberdade individuaes, são aquellas garantias que o legislador belga resumiu no art. 7 da Constituição de 1831, recentemente reformada, são as garantias concernentes á liberdade pessoal, ao direito de locomoção, de reunião, de associação e de imprensa. São em uma palavra as garantias, condições de protecção da liberdade individual que no caso de profunda perturbação e desequilibrio social — motivado pela aggressão externa ou commoção interna—poderiam impedir ou difficultar a manutenção da ordem.

Essas garantias que podem ser suspensas é que devem ser positivamente definidas por uma lei regulamentar do estado de sitio, tendo-se sempre em vista os direitos dos cidadãos, decorrentes do regimen democratico, cujo respeito, como excellentemente pondera o illustrado relator da commissão nomeada pela Camara dos deputados para formular um projecto regulamentando o estado de sitio em seu luminoso parecer, ainda nos instantes em que periga a ordem publica, é, pela limitação do arbitrio do poder, a garantia segura das instituições republicanas. [3]

Uma lei que regulamente o estado de sitio, tirando os naturaes corollarios da these constitucional afigura-se necessidade de primeira ordem. E' preciso tirar ás disposições constitucionaes o que ellas possam ter de vago e indefinido, evitando assim todo o pretexto

---

[1] Alcorta, *Las Garantias Const*, p. 23, 1881.
[2] Ruy Barbosa, *Actos Inconstitucionaes*, p. 183, 1893.
[3] *Jornal do Commercio* 16 de Julho de 1895.

possivel aos abusos do poder, sempre naturalmente disposto a exorbitar. A tremenda faculdade de suspender as garantias constitucionaes do modo e pela fórma que ao poder publico parecer melhor, não se coaduna com as reaes exigencias de um regimen livre.

« Esta faculdade, diz notavel publicista argentino, que tem em si tantos visos de absolutismo deve estar sujeita a uma prolixa e conscienciosa regulamentação. Só assim o estado de sitio será menos attentatorio das liberdades publicas e será olhado com menos horror e aversão. » [1]

Dentro no nosso regimen politico, mesmo em época de accentuada anormalidade, que determine a decretação constitucional do estado de sitio, não é possivel consentir que a liberdade civil e politica do cidadão, aquelle conjunto de direitos e garantias cuja inviolabilidade a actual Constituição (art. 72) assegura do mesmo modo que a Constituição de 1823 (art. 179) garantia, fique inteiramente a mercê da faculdade discricionaria de qualquer dos orgãos do poder publico. D'ahi a necessidade de uma lei que tire as consequencias naturaes do principio constitucional, que regulamente o estado de sitio, determinando todos os seus effeitos. A intervenção da lei neste caso é necessaria e, como observa Th. Reinach, no seu bello estudo historico e juridico sobre o estado de sitio, em vez de criar uma faculdade illimitada propria dos governos despoticos, limitará e precisará os casos em que tal regimen deverá ser provisoriamente estabelecido, não lhe deixando outros effeitos, mais do que aquelles que forem imperiosamente exigidos pela salvação publica. Ha grande vantagem em assentar estas regras com antecedencia e de sangue frio, antes do que em plena crise sob a inspiração dos acontecimentos e das paixões... [2]

Assim o estado de sitio considerado como um instrumento de defesa e não de ataque, como um *mal necessario*, obliteração passageira das liberdades publicas, não poderá ser invocado a todo proposito para justificar o crime, legitimar a violencia, tornar o attentado meio de governo e a arbitrariedade expediente quotidiano de governos incapazes.

---

[1] J. Barraquero, *Espirito y Pratica de la Const. Argent.* p. 370, 1889.
[2] Th. Reinach, *Etat de siége*. pag. 275, 1885.

O estado de sitio, tal como foi instituido pelo nosso pacto federal, não desclassifica jurisdicções, não pode produzir a devolução dos poderes conferidos ás autoridades civis, para as autoridades militares. Assim em face da theoria constitucional não se pode deixar de considerar exorbitantes os decretos ns. 1681 de 28 de fevereiro e 1685 de 5 de março de 1894 que ampliaram a esphera jurisdiccional dos tribunaes militares e em pleno regimen republicano e democratico intentaram fazer resurgir a lei n. 61 de 24 de outubro de 1838, regulamento n. 23 da mesma data e lei n. 631 de 18 de setembro de 1851. A inconstitucionalidade destas medidas salta aos olhos do observador mais inexperto. A nossa lei constitucional não cogitou do estabelecimento da lei marcial e excluiu a instituição de tribunaes de excepção (Const. art. 72 §§ 15 e 23 e art. 77). A condemnação de taes tribunaes, verdadeiros simulacros de justiça é unanime, a legislação dos povos cultos de accordo com os ensinamentos fecundos da historia se combinam para repellil-os. O poder executivo mesmo na vigencia do estado de sitio não podia decretar taes medidas, a sua funcção politica reduz-se a deter e desterrar, são as unicas medidas repressivas contra as pessoas que lhe é licito tomar (Const. art. 80 § 2.°).

Outra consequencia importante que deriva dos proprios termos do art. 80 combinado com o art. 34 § 21 da Constituição, é que o estado de sitio não suspende as immunidades parlamentares. E' para lastimar que o nosso legislador não fosse expresso, não tivesse seguido neste ponto a Constituição do Chile, que no art. 152 positivamente determina que o estado de sitio não pode violar as garantias constitucionaes concedidas aos senadores e deputados.

E effectivamente não pode ser de modo diverso interpretada a disposição constitucional. Trata-se de funcções de um orgão da soberania nacional que pelo facto da declaração do estado de sitio não é eliminado mas ao contrario é chamado a collaborar com os demais poderes na obra da salvação publica e nestas condições não se comprehende que elle seja mutilado, soffrendo sensivel diminuição em suas prerogativas. As immunidades parlamentares, cujo conjunto comprehende a irresponsabilidade politica e a inviolabilidade judiciaria, foram consagradas pela Constituição nos arts. 19 e 20, como tinham sido na Constituição de 1823 nos arts. 26, 27 e 28. A suspensão de taes garantias affectaria não a individualidade

dos deputados e senadores mas a propria substancia do poder legislativo. As immunidades parlamentares não são privilegios pessoaes, constituem um *jus singulare* necessario ás funcções e consagrada por todas as legislações cultas com maior ou menor amplitude, justificam-se plenamente com razões historicas e juridicas. Não são um privilegio pessoal, um favor individual, mas um instituto de direito publico, *uma garantia politica da funcção.* [1]

O estado de sitio tambem não supprime o *habeas-corpus* como erradamente se tem sustentado, esta garantia suprema da liberdade individual, cuja primeira consagração legal encontramos na Inglaterra no celebre acto de 26 de Maio de 1679, sanccionado por Carlos II; pode perfeitamente coexistir com elle.

Estado de sitio não quer dizer concentração de todos os poderes nas mãos de um só individuo ou corporação, o poder judiciario continua a funccionar e no exercicio de suas funcções será muitas vezes a egide protectora do cidadão opprimido.

Pelos proprios termos em que foi consagrado o *habeas-corpus* no art. 72 § 22 da Constituição vê-se que não póde dar-se a sua suspensão absoluta. Diz o legislador:

> «Dar-se-a o *habeas-corpus* sempre que o individuo soffrer ou se achar em imminente perigo de soffrer violencia ou coacção por *illegalidade ou abuso do poder.* »

Mesmo durante o estado de sitio póde o cidadão ser victima de illegalidade e de abuso do poder. Os exemplos são numerosos e desgraçadamente recentes de mais para que tenhamos necessidade de recordal-os. Só póde dar-se uma suspensão relativa do *habeas-corpus* quanto ás garantias que forem mencionadas pelo decreto legislativo e quanto ás faculdades de que o estado de sitio investe o poder executivo. A verdadeira doutrina constitucional foi lucida e magistralmente explanada por eminente jurisconsulto brazileiro que estudou a questão sob suas multiplas faces [2] e em dois luminosos arestos proferidos no Supremo Tribunal federal em sessões de 27 de Abril de 1892 e 21 de Janeiro de 1894, por duas glorias da alta magistratura federal. [3]

---

[1] Faustin Helie, *Instruct. Crim.* vol. 2. p. 430.
[2] Ruy Barboza *O estado de sitio* etc., 1892.
[3] Os Srs. Piza e Almeida e José Hygino.

« A suspensão do *habeas-corpus* não pode ser absoluta e incondicional quando *limitado* é o poder de tomar medidas de repressão contra as pessoas, conferido ao poder executivo pelo art. 80 da Constituição. O excesso de poder no exercicio de uma tal attribuição importa em offensa do direito individual, que está sob a protecção do poder judiciario. »

São estes os principios que nos parecem naturalmente decorrer das disposições constitucionaes referentes ao estado de sitio e será um serviço publico assignalado, fixal-os em lei regulamentadora que procure tirar a esta arma tremenda e perigosa confiada ao poder publico pela necessidade, a possibilidade de tornar-se instrumento habitual de administração, meio commum de governo, invocado pela prepotencia para a pratica de delictos, violação da liberdade, e postergação do direito, não raro sob os mais frivolos pretextos.

Não basta ter uma constituição republicana ; é preciso que as instituições tenham a seu favor o espirito e a pratica da liberdade e sejam a consagração do direito que é o principio da vida social, o unico soberano a cujo imperio nos devemos curvar. Não esqueçamos que só o respeito do direito póde fazer os grandes cidadãos e os grandes povos. A' adoração idolatrica dos factos consummados, ao culto fetichista da força, saibamos oppôr sempre a affirmação convicta e corajosa do direito.

TARQUINIO DE SOUZA

OS BACAERYS

Os Bacaerys são Indios que habitam as cabeceiras do Tapajoz e do Xingú em Mato-Grosso. Seu nome, que primeiro apparece em roteiros dos bandeirantes de principios do seculo XVIII, encontra-se posteriormente repetido em narrativas de viagens, compendios e noticias avulsas de jornaes. Desde 84/85 voltou-se para elles a curiosidade do mundo scientifico, que bem merecem pela lingua que falam, grupo ethnographico a que se filiam, costumes caracteristicos que conservam, dupla face por que se apresentam, já domesticados no Tapajoz, ainda perfeitamente selvagens no Xingú.

Foi o Dr. Carlos von den Steinen, auxiliado pelo nosso governo, que lhe concedeu uma escolta militar entre Cuyabá e baixo Xingú, e sustentou a expedição entre estes dois pontos, quem, estudando-os, abriu o que não é exagero chamar uma nova epocha para nossa ethnographia selvagem. Os resultados desta expedição podem ser resumidos em breves linhas. [1]

Primeiramente delimitou-se a noção pouco precisa do que é Cariba, denominação que, como muito bem diz o viajante allemão, foi dada pelos europeus a toda especie de indios e pelos indios a toda especie de europeus. Desde D'Orbigny e Martíus pendia-se a identifical-os com os Tupis. Baptista Caetano, sympathico á mesma idéa, insistia para fundamental-a principalmente sobre o caracter impuro do idioma falado pelos Caribas, negando contra Hervas que fosse um dos quatro fundamentaes da America do Sul.

---

1 *Durch Central Brasilien*, Leipzig, 1886.

« No meu entender, escrevia elle, o Karaiba não é nem póde ser lingua matriz. Mediante algum estudo que della tenho feito (e que sinto não ter podido aprofundar), ella se me apresenta como uma mistura extraordinaria de muitos dialectos de varia procedencia; é uma verdadeira giria, amalgamada de diversos dialectos, que ora apresenta muitas frases, de radicaes e vozes differentes, para exprimir a mesma cousa, ora absoluta falta de designação para outras cousas. E' uma embrulhada tal, que apenas se póde comparar com o que se ouve em certos circulos do Rio de Janeiro, onde ao mesmo tempo, na conversação em portuguez vai uma frase em inglez, outra em italiano, um pedaço em hespanhol ou allemão, e tudo isso mais ou menos alinhavado de gallicismos. (Introducção á 2.ª edicção da *Arte da grammatica da lingua... Kiriri* de Luiz Vicenzio Mamiani, Rio, 1877, p. XI).

Isto que é exacto quanto aos Caribas insulares, que conhecemos pelos trabalhos de Breton, [1] não se applica, porém, á lingua dos Bacaerys, que apresentou-se pura, tanto como, por exemplo, a dos Cumanogotas e Chaymas de Venezuela e Colombia, pertencentes ao mesmo grupo, de que desde 1683 correm impressos grammaticas e textos.

O segundo resultado foi encontrar-se ao sul do Amazonas tribus caribas, quando as que se conheciam demoravam só ao Norte do grande rio, como Crixanás, Macuxis e outras. Em seguida verificou-se que não eram estas as unicas: entre os rios S. Francisco e o Parnahyba, apanhara Martius um pequeno glossario da lingua dos Pimenteiras, que provaram Caribas; Caribas eram tambem os Palmelas, com quem o Dr. Severiano da Fonseca tratou no Guaporé; mais Caribas viram depois o proprio Dr. C. v. d. Steinen em um dos confluentes do Xingú, o Culisewi, e o Dr. Paulo Ehrenreich, no baixo Tocantins, onde chamam-se Apiacás.

O conhecimento mais preciso de linguas puramente caribas, a existencia de tribus que as falavam ao sul do Amazonas, suscitaram a questão: não seria antes do sul do Amazonas, na direcção do mar das Antilhas, que arrumaram-se as migrações destas tribus,— antes do que no sentido contrario, como até então se admittia?

---

[1] Cf. *Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraïbe*, par Lucien Adam, Paris, 1879.

Simultaneamente quasi responderam pela affirmativa o Dr. Carlos von den Steinen, e o Sr. Lucien Adam, que desde 1882 publicara diversos glossarios de Crevaux, entre os quaes havia alguns caribas.

Para estudar melhor o assumpto, veio segunda vez o Dr. Carlos von den Steinen em 1888, que, ainda auxiliado por nosso governo, visitou os rios Pakunera e o Culisewi até sua foz no Culuéne, o mais oriental dos formadores do Xingú.

Dois livros são o fruto desta viagem: uma monographia sobre a lingua dos Bacaerys, [1] publicada em 92, a narrativa publicada em 94, em volume ricamente illustrado, brilhantemente escripto, vigorosamente pensado, em que se discutem assumptos capitaes de historia primitiva da humanidade, para resumir tudo em uma palavra, a mais opulenta contribuição moderna sobre quanto importa aos nossos selvicolas. [2]

Ao mesmo tempo que apparecia o livro do Dr. Steinen sobre a lingua, estava aqui um Bacaery trazido do Paranatinga pelo Dr. Oscar de Miranda, quando realizou sua tão tormentosa viagem rio abaixo até o Amazonas. Com o mesmo indio poude quem escreve estas linhas estudar o livro do sabio allemão vocabulo por vocabulo, e não acha palavras bastantes para exprimir a admiração que lhe causam o exacto da transcripção phonetica, a agudeza com que foram penetradas as formas grammaticaes, a intensidade com que foi apurado tudo quanto nos materiaes colhidos havia de aproveitavel. Si, num paiz que blazona de essencialmente agricola, fosse permittida a comparação, poder-se-ia dizer que seu engenho, como uma das moendas gigantescas hoje em uso, esgotou todo o caldo da canna, deixando apenas o bagaço.

Com aquelle indio, chamado Irineu, e que aqui será designado pela inicial I, foram apanhados muitos textos,—lendas, descripções, tradições. O presente trabalho fita um relatorio parcial desta colheita. Assentando sobre o livro do Dr. Steinen, cujo systema de transcripção phonetica adopta com ligeiras variantes, mais que simples resumo é entretanto, pois em muitos pontos variam as opiniões, em outros apparecem pela primeira vez factos ainda

---

[1] *Die Bakairi Sprache*, Leipzig, 1892.

[2] *Unter den Naturvoelkern Zentral-Brasiliens*, Berlim, 1894.

não conhecidos. Isto quanto á parte linguistica, objecto deste primeiro capitulo. A independencia ainda é maior quanto aos artigos seguintes, pois funda-se exclusivamente no que disse Irineu.

O principio mais racional parece o estudo

I

DA LINGUA DOS BACAÈRYS

A lingua dos Bacaerys (*kχura itano, tohi itano*, isto é, lingua de gente, exactamente como *abá ñeê*, a lingua dos Tupis), é falada no rio Novo (Yemeriri), affluente do Arinos; no Paranatinga (Pakunéra) affluente do Tapajoz; no Tamitatoala, um dos formadores do Xingú, chamado Batovy pelos allemães, em honra do Barão do mesmo nome, presidente de Mato-Grosso em 1884, epocha da primeira expedição; no Culisewi, affluente do Culuene, tambem cabeceira, a mais oriental, do Xingú. No Oronuro, cabeceira mais occidental, não existem indios deste falar. Pelo exame dos vocabularios e das formas grammaticaes, ficou provado que pertencem os Bacaerys ao grupo dos Carahybas ou Caribas.

Das letras de nosso alphabeto, *F* só se encontra numa palavra, talvez onomatopaica, que precede os encantamentos: *aúfá*, talvez imitação da baforada de fumo. *V* é raro, em todo caso não se pronuncia como geralmente no Rio de Janeiro, e parece antes bilabial. *R* é sempre brando, isto é, para aproveitar a descripção de Gonçalves Vianna, « o ar é expellido de uma vez sem interrupção, como em *caro*, e não intermittentemente, por contactos successivos, mais ou menos repetidos, resultantes da vibração communicada ao orgão activo como em *carro* ». *G* é ligeiramente velar, e para distinguil-o do nosso emprega-se o γ grego; é sempre duro, como em gato e guerra. *J* tem antes o som inglez, *dj*. *X* é sempre o *ch* francez e nosso, *sch* allemão, *sh* inglez. *Ç* é preferido a *S* para evitar confusões. Para o som duro *C* é substituido, assim como *Qu*, por *K*. *H* é sempre aspirado. *Y* e *W* são sempre usados como semivogaes. *Ñ* é o nosso *nh*.

Sons em nada parecidos com os nossos ha os seguintes:

λ, difficilimo de pronunciar, e que talvez só quem o aprendeu de pequeno possa dar satisfactoriamente: «não o posso definir melhor do que dizendo que fica entre *ri*, *ro*, *ru* de um lado e *gl* de outro», escreve Steinen *Bak. Spr.*, 255. Irineu profere-o levando a lingua dobrada aos dentes superiores e depois, ou ao mesmo tempo, retirando-a, ou elevando-a, para o palato molle: é pois uma supradental velar: só apparece no fim das palavras, precedido de *a*, que torna muito longo.

Kχ é mais velar que o K.

χ é velar e corresponde ao *j* hespanhol.

η, que o Dr. Steinen considera nasal especial, é nosso *m* ou *n* final, precedido de breve *i*, como *tambem* na pronuncia fluminense.

Vogaes tem as nossas, puras ou nasaladas.

Ha mais *å*, isto é, a transição entre *A* aberto e *O* como no inglez call, all; *â*, transição entre *á* e *ö*; *ö*, correspondente ao equivalente allemão, ou *eu* francez; *ü*, equivalente ao allemão e *u* francez, mais aproximado, porém, do *i* que qualquer delles.

As syllabas constam ou de simples vogal, ou de consoante com vogal.

As palavras só terminam por vogaes, ou por *λ* ou *η*. As vogaes finaes são ás vezes difficeis de apanhar-se por sua impuresa, sendo preciso recorrer a certos suffixos como *γe*, *lö*, *mo*, *ba* para definil-as.

Não ha palavras começadas por *b*, excepto *bakaéri*, nem *d*, nem *χ*, nem *γ*, nem *l*, nem *r*: duas palavras dadas por Steinen com *r* inicial escrevem-se mais correctamente: arapadura, Oronuro.

p, *m*, *t*, *k*, *kχ* iniciaes, quando pela adjuncção de prefixos e mesmo de palavras independentes, passam para o meio, transformam-se respectivamente em *w*, *d*, *γ*. No meio das palavras é frequente a mudança de *p* em *b*, de *t* em *d*, de *m* em *w*, com a vogal precedente nasalada; de *y* em *ñ*, de *l* em *r*, de *r* em *n*, de *ç* em *h*.

O accento colloca-se na penultima, excepto quando a ultima syllaba termina em *λ* ou *η*, por que então para ella passa o accento. Pode este tambem deslocar-se, quando duas palavras se encontram, por elisão: ex, bakaéri, accento na penultima, no *é*; bakaer'idamu accento em *káe* como si estivesse escripto: *bakáe-ridámu*.

Dipthongos não os ha propriamente, mas as vogaes podem comprimir-se uma contra a outra, de modo a produzir a impressão de diphtongos.

Agora que o leitor já sabe pouco mais ou menos como se lê Kχura itano, exercite-se no seguinte texto, que vai acompanhado de traducção interlinear, servirá de base a um ligeiro esboço grammatical e é inedito, como aliás todos os que adduziremos.

1 Bakaéri, waráiu, kχaraiwa aceγebidúo arinedili.
Bacaery Tapuya brazileiro quando brigaram se fizeram.

2 Kχiwimári iewirâpadili.
Nosso capitão se zangou.

3 Aγi amarémo tokedúo tohi ewánu iniγadili.
Bastante vós quando disse gente sua doença a fez.

4 Iniγatúo idanára anaγido âγâ kχöiγeli.
Quando a fez todos bicho com morremos.

5 Ilapüriñe emedili wâγâ yamadili.
Depois amanhecer sobre escureceu.

6 Xixi eγacého yamu inenaχúli.
Sol sua saida escuro a-fechou.

7 Inenaχudúo iγawinu iniγadili.
Quando a fechou frio o fez.

8 Xixi eγacedúo yamadíli.
Sol quando saiu escureceu.

9 Yamatúo xirimúka eγacéli.
Quando escureceu estrella saiu.

10 Aγö yamu iγawinu iniγadili.
Bastante escuro frio o fez.

11 Aritúo udódo âhepanokeli.
Depois onça appareceu.

12 Péto aγö aγaetiño-modo iniγadili.
Fogo bastante velhos o-fizeram.

13 Taχo âhitokili püreu âhitokili.
Faca brincou-se flecha se brincou.

14 Tãwi-γe iγedâri tunaneη niγe-pa tohinóhe.
Sua fome com quem não morreu forte morre não fica.

15 Ilapüriñe iwerâ-pa-itúo xixi eγacéli.
Depois hoje não sendo sol saíu.

16 Xixi kχurotaλ aγaetiño-modo amiduadili.
Sol meio dia velhos comeram.

17 Ilapüriñe aγi xikidúo péto õro odákχa eyaceli.
Depois muito dormido fogo terra dentro saiu.

18 Xíxi péto-ára- idili.
Sol fogo como ficou.

19 Ce adapikú-γe iγèli.
Arvore calor com morreu.

20 Páru çavéli.
Agua seccou.

21 Páru çavedúo kχãna iγéli.
Agua quando morreu peixe morreu.

22 Kχána iγedúo cenena kχana çani.
Peixe quando seccou urubú peixe o-comeu.

23 Páru çavedúo anaγido iγéli paru tinenedili.
Agua quando seccou bicho morreu agua queriam beber.

24 Åpa anáhi idanára iγéli.
Mandioca milho todo morreram.

25 Áritibiñe kχöiγeli.
Depois morremos.

26 Kχöiγedúo cenerá-la kχani.
Quando morremos urubú nos comeu.

Ãráγi kχapüráne be-ba awiliγe.
Alguem nos enterra tem não assim.

27 Idanára anaγido iγeli.
Todos bichos morreram.

28 Aritibiñe ayi-pa kχitúo kχiwimári
depois muitos não quando ficamos nosso capitão
parutába inepehenili.
mar o benzeu (soprou).

30 Aritúo parutába aγo-idili, peto enaxekili.
depois mar cresceu fogo o apagou.

31 Kχaraiwa idamú-do niõretudili.
brazileiro seus avós o-sonharam.

32 Mâra núna iwâγâ parutába
aquelle lua sobre mar
ĭvehe yamüra keli.
se inchará espirito disse.

33 Tonudõ- na keduo miγewadili-la
sua gente para quando disse mentes
iunudo keli.
sua gente disse.

34 Tunudo kedúo pí inanadili.
sua gente quando disse machado o apanhou.

35 Pepi ima xiγace.
canôa grande a fez.

36 Åta takχaheη pepi.
casa alta canôa.

37 Ilãe tipiniri inadili pepi odaλ.
então sua comida a leva canôa dentro.

38 Ilãe kχopáe timeri tiwüdi
então de noite seu filho sua mulher
áγâ anela oxedili
com só se embarcou.

39 Oxedibi-ñe parutaba çalokχúli.
quando se embarcou mar se subiu

40 Çalokχuli kχopae.
subiu de noite.

41 Aritúo idanara anaγido aγâ kχöiγéli.
Depois todas bicho com morremos.

42 Tõiwedúo çaγuno iniγadili.
Quando encheu areia a fez.

43 Iwerâ-pa màra 'tapiku wâγâ çaveli.
Hoje não aquelle calor sobre abaixou.

44 Çavedúo çaγúno tuxñe atuγudili.
Quando abaixou areia pedra para se-virou.

45 Ilapüriñe õro åcemakéli.
Depois a terra se troca.

46 Kχái-na õro idâli.
Ceu para terra foi.

47 Idâdúo kχáu aγâ-na xirimúca idâli.
Quando foi ceu com estrella foi.

48 Pimiri ara tawöγeη atuγudili.
Formiga como velatil se virou.

49 Tawöγen atuγudili kχonopio ara.
Volatil se virou passarinho como.

50 Idanâra anaγido ara kχidatuγudili.
Todos bichos como nos viramos.

51 Ilapüriñe aγökχitúo tohi ewanu-γe kχidacenomedadili.
Depois quando crescemos nosso trabalho com apprendemos.

52 Idu-pe-ba ilapüriñe pohi ara idu yahele.
Mata havia não depois capim como mata nasceu.

53 Mâra adapiku wâγâ âpa ewilí
Aquelle calor sobre mandioca sua fruta
ipüri-büri eγaheli pohi anaλ.
seu caroço antigo nasceu capim (campo) meio em.

Antes de dar a traducção deste texto, seja permittido, tomando-o por thema, acompanhal-o de ligeiras noções grammaticaes.

Um facto golpeia-nos desde logo: as orações succedem-se, geralmente com um verbo apenas, sem interdependencia ou subordinação. Em outros termos o Kχura-itano, como syntaxe usa exclusivamente de parataxe. A maior complicação a que a frase attinge é a da apposição, da enumeração ou parallelismo, que não ultrapassa a alçada paratactica.

Na frase o sujeito occupa o primeiro lugar, o verbo o ultimo; o objecto, quando exigido, insere-se entre os dois. Pode preceder o sujeito quando logicamente não existe confusão possivel. Assim um Bacaery dirá indifferente: Pohi taγuhe pocéka, ou poceka taγuhe pohi, ou poceka pohi taγuhe, porque elle sabe que o porco come capim e capim não come porco.

Difficilmente escapará ao leitor a frequencia com que os substantivos e verbos terminam em *l* ou *r*, seguido de uma vogal. E' que o Kχura itano possue uma particula que Steinen escreve *lö*, propria para indicar a emphase. Na lingua dos Chaymas é tambem empregada: «Y la voz significatiua *tambien* la suelen usar, añadiendo a sus finales la sylaba *re*; v. g: De *vche*, yo, dizen *vchére*, yo tambien.» (Tauste, *Arte y bocabulario* de la lengua de los Indios

Chaymas, Madrid, 1680, facsimilada por Platzmann em Leipzig, 1888, p. 46). O mesmo se nota com ligeiras variantes em todos os idiomas carahybas. *Lö* póde mudar-se em *na*, como no n. 47 e *ñe*.

Merece igualmente attenção a terminação *di-li*, *wi-li*, *ki-li* dos verbos, formas diversas de auxiliar, umas vezes equivalente ao *do* inglez, outras a *to have*, *to be*, *to become*, outras unicamente emphatico Os primeiros grammaticos chamaram seu equivalente em outras linguas verbo substantivo, denominação que bem merece; note-se, porém, que nada tem de commum com o nosso verbo *ser*; frases como: o Capitão é rico, o Bacaery as exprime pela simples juxtaposição dos termos: Pima tischikχenenη.

Na forma de exprimir o pensamento é palpavel que a subordinação logica não galga os rudimentos. Deixa-se o indio levar por uma serie de idéas e as impelle até certo ponto; volta depois e o mesmo faz ás outras; frases muito distanciadas representam o mesmo momento chronologico; o que nos parece mais natural collocarmos no fim, desde o começo vão elles frisando; em summa á parataxe formal, corresponde o condominio das impressões o a ondulação das idéas.

Do que fica dito pode-se logo concluir que nem ha conjuncções nem conjunctivos no Kχura itano.

Passando agora ás partes do discurso, observaremos desde logo que o substantivo, além da idéa de cousa ou pessoa, consigna a do tempo. Tuχĩ e. nº 44, é um futuro ou pelo menos um supino: rigorosamente significa—para pedra. O supino dos nomes forma-se juntando-se á palavra o suffixo *rõe*, do qual, porém, conserva-se apenas *e*, ficando nasalada a vogal que a precede. O presente é a palavra nua, ou com o simples accrescimo de *e*. O passado forma-se pelo accrescimo de *püri*, ou *büri*, que representa a mesma funcção do *cuer* ou *puer*, na lingua dos Tupys e Guaranys.

Um exemplo patenteará isto melhor: *iwädi*, mulher casada significa o presente, *iwädiõ* o futuro: *iwädipüri*, significa a mulher que já foi casada, mas não é mais, ou porque o marido morreu, e então é synonymo de viuva, ou porque foi ella quem morreu, e então pode traduzir-se a finada esposa, ou simplesmente porque o marido abandonou-a.

Do mesmo modo que no aba-ñeê a particula *cuer*, pode *püri* ou *büri* em bacaery indicar o plural. E disto desprende-se espontanea

naturalmente uma explicação, tanto que não pode deixar de r falsa, e não ha confiar nella: o indio concebe o nome como presentando um : imeri 1 filho : imeobüre, filhos = ex 1 filho. btilezas destas não são estranhas aos aborigenes americanos. Aypapa vaca dirá el Indio y no vacaretá, porque si las contó, pudo ser una ». Restivo, *Arte de la lengua guarany*, p. 12, ed. ybold, Stuttgard, 1892.

Que haja plural nos substantivos tem sido contestado ; ainda imamente assegurava o Sr. Lucien Adam « que le Bakairi est seul des dialectes (caribes) suffisamment connus dans le quel distinction du nombre ne soit exprimée par aucun suffixe ;[1] tretanto existe, e não são menos de tres as terminações inditivas do plural. A primeira é em *modo* : *aγaetiño*, velho, *aγaetiño modo*, velhos. A segunda é em *mo* ; *pekodo*, mulher, *pekodómo*, ulheres ; a terceira é em *do* : *idamu*, seu avô ; *idamudo*, seus avós. lvirta-se, porém, que os Bacaerys, tendo embora um lindo verbo ra contar (imperativo, *çapoγeγa*), não levam suas contas além 3, e assim o numero para elles quasi nada pesa. Advirta-se ainda e a palavra *idanâra* significa ao mesmo tempo todos e inteiro ; outros termos, ainda não se differenciaram em seu espirito os nceitos de pluralidade e totalidade, donde tantas palavras acabadas *do* principalmente, em que a noção de plural não subsiste : emplo *ganu*, seu sangue, *ganudo*, sua gente,— isto é seus sangues.

Pouco ha que dizer quanto ao genero.

Existem palavras que se podem dizer masculinas como *uγurodo*, mem, ou femininas, como *arekχuma*, gallinha. Do genero gramatical, porém, o unico vestigio se encontra nos demonstrativos : *ûka*, *miâka*, *mera*, *êra*, *inara*, empregam-se com a gente ou seres imados ; *mâra*, *ara*, *hira*, *xira*, *aröre*, *ila*, só com seres inanimados.

A relação adjectiva, ou complemento restrictivo, como outros a pellidam, é representada pelo acrescimo do indice possessivo ao jecto possuido : assim *uγarodo eti*,= homem sua casa=a casa do mem ; *arekχuma iço*,= gallinha seu marido=marido da gallinha ou gallo.

---

[1] *Matériaux pour servir a l'établissement d'une grammaire comparée s dialectes de la famille caribe*, Paris, 1893, livro de extraordinario valor ra o estudo de arduos problemas.

Os indices possessivos dividem-se em duas séries: uma é—*ie* para a primeira pessoa, *i*, para a segunda, *e* para a terceira pessoa; assim *àta*, casa em absoluto, sem declarar o dono; *iéti*, minha casa, *iti*, tua casa; *eti*, sua casa; *iewâri* meu braço; *iwâri*, teu braço; *ewâri*; seu braço. E esta deve ser a forma mais antiga, que vai sendo repellida pela outra serie: *i* para a primeira e terceira pessoa, *ä*, *a* *â*, *o* para a segunda. Para a terceira pessoa existem mais: *ç*, como em *çawâri*, seu braço, *n*, como *nyui*, seu pai e *x*. Ha além disso o reciproco: *t*, veja-se ns. 37 e 38.

O acrescimo do possessivo modifica quasi sempre a consoante porque começa a palavra: assim *pepi*, canoa sem dono declarado, tem o *p* transformado em *w*, si quizermos dizer cuja é: *pima iwepiri*, capitão sua canoa = canoa do capitão; *mayaku*, cesta, *iramudo*, menino, fica: *iramúdo iwayakúru*, menino sua cesta; *tunáta*, banheiro, *piahi*, curador (não feiticeiro) *piahi idunatari*, curador seu banheiro= banheiro do curador. Acima, já estão indicadas as principaes transformações phoneticas; a ultima syllaba nos nomes das cousas possuidas é a particula *l* ou *r* seguida de vogal, a que já se fez referencia.

Os pronomes pessoaes mais communs são: para a primeira pessoa *ara* do singular e *kχura* do plural, para a segunda *ama*, para a terceira os determinativos citados a proposito do genero dos substantivos. *Kχura* e *hina* póde duvidar-se si significam nós, ou a gente, *on* francez, *man* allemão, antigo *homem* portuguez, hoje obsoleto. Em todo caso a idéa de primeira pessoa do plural inclusiva e exclusiva, familiar no *aba-ñeê*, é alheia ao *Kχura-itano*. *Amaremo*, vós, 2ª do plural, é evidentemente de formação secundaria: *mo* é signal de plural, *re* é a particula emphatica, *ama* o pronome da segunda pessoa do singular.

Outra série de pronomes menos usados: *ahe*, *mahe*, *kχidahe*.

O adjectivo, geralmente collocado depois do substantivo, é, como este, susceptivel de tempo e de numero. Repugnam-lhe os comparativos. Idéa aproximada do superlativo exprime-se ou mediante a particula emphatica, ou pelo acrescimo de certas palavras como *kχúru* deveras (comp. em francez *bon*, *tout de bon*, *kχura* em bacaery tem entre outras a accepção de bom); *ãwakukeba*, não é caçoada, etc.

Os determinativos são susceptiveis de numero e tempo. Os cardinaes não passam de tres: *tokale*, um, *ahaγe*, dois, *ahewaλ* ou

ahewanela, tres. Steinen deu a Antonio, o indio que lhe serviu de lingua na região do Xingú, a seguinte frase: primeiro anda (o menino) como bicho, de quatro pés, e só obteve: *çaγuχõe anaγito ara ãhe iwodo adakχobodili*: isto é: anda com os dous braços. A' intelligencia dos Bacaerys afigurou-se mais facil do que formar o numero 4 inventar toda uma historia, segundo a qual Cemimu (Morcego) teve um filho da filha de Pau de Morcego (*Pödiki*), e quando descoberta a paternidade, zangou-se com o menino, quebrando-lhe os joelhos com uma flecha: desde então os meninos andam primeiro com os dois braços, antes de andar com os dois pés.[1]

Quanto ao adverbio basta dizer que segue ou precede o verbo, e pode receber possessivo e tempo.

As preposições, numerosas, vêm sempre pospostas ao substantivo; daremos apenas: *da*, que indica lugar onde; *eina* ou *eira*, lugar para onde, geralmente elidida em *ra* ou *na*, com a nasalisação da vogal precedente; *ohe*, *õro*, sobre; *aγe*, com, significando companhia, *γe*, com, instrumento. A preposição de, no sentido do *from* inglez ou *aus* allemão, é representada por uma forma complicada.

A exposição, siquer superficial, do verbo, levaria muito longe, muitos pontos estão ainda por estudar, e si conhecemos as formas usuaes, ainda não se acham devidamente analysadas.

Steinen divide os verbos em duas classes, dos quaes uns fazem o preterito em *raki*, outros em *taki*, e podemos aceitar esta classificação que, no todo, é satisfactoria e presta-se perfeitamente ao fim que aqui se tem em vista.

Os verbos têm dois imperativos affirmativos na segunda pessoa do singular e um negativo; têm tambem o que se pode chamar um imperativo da primeira pessoa do plural.

No indicativo possuem tres passados que se podem chamar remoto, medio e flagrante, pois este, que é em *raki* ou *taki*, pode tambem indicar o presente ou o futuro immediatos.

Têm talvez dois presentes, um com *he* ou *ce* accrescentado ao thema, e seguido do pronome pessoal, outro incorporando pronomes

---

[1] A questão dos joelhos parece ter custado muito trabalho ao cerebro dos Bacaerys. Mapinukai, um dos seus avós, tinha os seus como os de gallinha; vencendo, porém, Keri e Came numa corrida, estes quebraram-lhos, e desde então ficaram os joelhos da gente com o geito que hoje têm.

pessoaes, o thema do verbo e o auxiliar ou verbo substantivo, a que já se alludiu. A próposito destes presentes possiveis ha, porém, a ponderar que muitas vezes representam de passado, e de passado remoto, como no trecho que acima fica transcripto. Mais simples seria consideral-os formas do infinito, principalmente porque admittem posposições, e portanto funccionam como substantivos; ha, porém, a attender-se ao facto de I , quando se trata de uma acção praticada no proprio momento em que se fala, empregar sempre a forma combinada com o auxiliar quando o verbo o admitte.

O futuro é composto de um auxiliar *ice*, que significa gostar, junto ao presente e poucas vezes se emprega.

Ha participio activo, passivo e supino.

As terminações de qualquer tempo pospõem-se ao thema e não variam com as pessoas, excepto quando recebem *mo*, para indicar plural; os pronomes que precedem o thema variam, porém, muito, apresentando-nos o que os grammaticos do abañeê chamam as transições. Assim si dissermos: eu mato, é preciso declarar a quem no pronome ou pronomes que precedem o thema, e d'ahi duas formas possiveis: eu *te* mato, ou eu *o* mato; na segunda pessoa, tres formas possiveis: tu *me* matas, tu *o* matas, tu *nos* matas; na terceira pessoa, quatro formas possiveis: elle *me* mata, elle *te* mata, elle *o* mata, elle *nos* mata; na primeira pessoa do plural, duas formas passiveis: nós *te* matamos, nós *o* matamos. A segunda pessoa do plural e a terceira não differem das do singular. Temos por conseguinte onze formas possiveis de cada tempo, em principio; na realidade já alguns se acham obliterados e confundidos, si é que algum dia existiram, e agora não passam de sete na melhor hypothese, como veremos adiante. E' claro que isto se dá unicamente nos verbos transitivos.

Os verbos transitivos que menos alterações padecem são os reflexivos, pois a acção só póde exercer-se sobre o agente que é a propria pessoa, e os verbos como contar, dar, dizer, etc., que geralmente exigem um complemento de pessoa, a quem se conta, diz ou dá qualquer cousa. Como os Bacaerys indicam esta pessoa separada do verbo e com posposição clara, e a cousa que se conta, diz ou dá é sempre de terceira pessoa, segue-se que em taes casos não ha transições, e as formas são apenas tres para o singular e uma para o plural.

Para os verbos reflexivos e para os transitivos, que só admittem ¡ective de terceira pessoa, os pronomes que precedem o thema ı *kχ*, na primeira pessoa, *m* na segunda, uma vogal, geralmente *i* *n* na terceira, *kχi*, ou *kγid* na primeira do plural.

Os verbos intransitivos têm muitas vezes *ie*, ou *i* na primeira ssoa, *e* ou *a* na segunda, *y* ou *i* ou *n* na terceira, como os subntivos acompanhados de possessivos.

Os verbos em *raki* e *taki* têm ambos sua conjugação negativa pecial aquelles, em *püri*, os outros em *pa*.

Na terceira pessoa do singular ha uma forma especial, que tem roximadamente significação passiva,— emprega-se o objecto e o rbo sem o sujeito.

Agora os paradigmas dos tempos principaes de dois verbos, e de proposito foram escolhidos com themas quasi identicos: *atu*, correr, *eγatu*, contar, narrar. Aquelle pertence á congação de *taki*, este á conjugação de *raki*: e d'ahi procedem as fferenças que logo saltam aos olhos nos suffixos temporaes *possstos* aos respectivos themas. O primeiro é intransitivo; o segundo uni-transitivo, isto é, não tem as onze transições pronominaes, d'ahi procedem as differenças não menos profundas nos affixos ssoaes que *precedem* os respectivos themas.

			THEMA: *i-γatu*, correr.	*E-γatu*, narrar.
ıperativo	2 s.		i-γatu-γa, i-γatu-da	e-γatù-γa, e-γatúra.
	1 pl.		kχa-γatú-ne	kχie-γatũ-re.
ɜg.	2 s.		t-öγatú-hé-ba	kχoe-γátu.
ıss. remoto	1		yö-γatũ-ma	c-eγatũwa.
	2		i-γatũ-ma	m-eγatũwa.
	3		e-γatũ-ma	n-eγatũ-wa.
	1 pl.		kχö-γatũ-ma	kχi-eγatũ-wa.
. médio	1		ie-γatu-da	c-eγátu.
	2		i-γatu-da	m-eγátu.
	3		ne-γatu-da	n-eγátu.
	1 pl.		kχö-γatu-da	kχi-eγátu.
flagrante A	1		ie-γatu-dai	c-eγatu-raki.
	2		i-γatu-dai	m-eγatu-raki.
	3		n-eγatu-dai	n-eγatu-raki.
	1 pl.		kχö-γatu-dai	kχi-eγatu-raki.

Pass. flag.			
B	1	ie-γatu-taki	
	2	i-γatu-taki	
	3	n-eγatu-taki	
	1 pl.	kχö-γatu-taki	
Pres. A		ie-γatu-di-li	kχa-n-eγatú-li.
		i-γatu-di-li	ma-n-eγatu-li.
		e-γatu-di-li	i-n-eγatú-li.
		kχö-γatu-di-li	kχi-n-eγatu-li.
Pres. B		eγatú-he (para todas as pessoas)	eγatú-he (para todas as pessoas).
Pres. negativo	1	ie-γatu-büra	kχa-n-eγatu-ba.
	2	i-γatu-büra	ma-n-eγatu-ba.
	3	n-eγatu-büra	n-eγatu-ba.
	1 pl.	kχöγatu-büra	kχi-n-eγatu-ba.
Part. act		eγatu-heni	eyatu-heni.
Part. pass.		eγatu-dibi	eyatu-ribi.
Supino		eγatu-dõe	eyatu-hõe.

Por estes dois paradigmas regulam-se os verbos de *raki* e *taki* em quanto se refere aos affixos pospostos ao thema e indicadores do tempo; pelo paradigma de *eγatu* narrar, correm os verbos que se podem chamar *unitransitivos*, ou por que são reflexivos, e a acção communica-se apenas ao sujeito que a exercita, — identidade de sujeito e objecto,— ou por que alem do complemento de cousa pedem o de pessoa e, ao passo que exprimem aquelle por incorporação ao thema, este, unico que poderia mudar, os Bacaerys exprimem separado do thema do verbo.

O caso dos verbos *multi-transitivos* é diverso, e exige o estudo do que os grammaticos jesuitas, embora o methodo defeituoso que os induzia a applicarem nos idiomas do Novo Mundo a craveira do latim, espiritos de rara sagacidade e intuição linguistica, chamaram *transições* a proposito do abá-ñẽẽ.

Tomando o thema *çatö* (*Bak. Sprache*, 143) temos que *çatö-he* é um dos presentes do indicativo e significa eu corto, tu cortas, elle corta, nós cortamos, vós cortais, elles cortam. Tanto basta para demonstrar quanta razão assiste a Steinen, quando considera um mytho grammatical dizer-se que nas linguas caribas *ç* representa pronome da primeira pessoa. (*B. Sp.*, 281/291).

Si, porem, quizermos dizer: tu *me* cortas, teremos *i-atöhe*, ıe tambem significa elle *me* corta. Si quizermos dizer eu *te* ırto teremos *a-tö-he*, que tambem significa elle *te* corta ou nós cortamos. Si dissermos *kχ-atöhe*, tanto pode significar: tu *nos* ırtas, como elle *nos* corta. Donde se é levado a concluir que *ç* ɜ *çatö-he* corresponde ao objectivo da terceira pessoa, e que *tohe* significa eu, tu, elle, nós, vós ou elles *o* cortamos. Isto de ıcto se verifica, o que certamente não milita a favor de Steinen, ıando, no seu tentamen admiravel de reconstituir o cariba primitivo (Karaïbische Grundsprache), falado pelas diversas tribus ıtes de sua separação, leva o *ç*, com suas multiplas variações ıoneticas, á conta do thema dos verbos.

Passando ao outro presente, encontraremos como para *eγatu* as ɜguintes formas: *Kχa-n-atö-li, ma-n-atöl-i, i-n-atö-li, Kχi-n-atö-li.* Por *ıatu* já ficamos sabendo que *Kχ, m, i, Kχi* significam respectivaıente eu, tu, elle, nós; significando, porem, *Kχanatöli*, não simlesmente eu corto, mas eu *o* córto, será precipitado concluirmos ıe *n* representa em taes formas o objectivo da terceira pessoa? anto não é que, si quizermos dizer tu ou elle *me* corta, teremos *töli*, em que não se encontra *n*; eu, elle, ou nós *te* cortamos *öli*; tu ou elle nos cortam *Kχâtöli*, em que não se encontra mbem *n*.

Resumindo agora estes factos chegamos aos seguintes resul-dos:

1°. nos verbos multi-transitivos, o presente em *he* ou *ce* é pasvel apenas de quatro modificações, pois tantos são os objectivos ɜssoaes possiveis de se incorporar ao thema dos verbos, preɜdendo-os;

2°. no presente em *di-li*, *ki-li*, *wi-li* ou simplesmente *lö*, quando o ɔjectivo é de terceira pessoa, ha quatro modificações possiveis, ɔrque a indole da lingua exige em tal caso que além do pronome *ıciente* que não varia se incorporem ao thema, procedendo-o; os ɔonomes agentes que são em numero de quatro;

3°. Na primeira e segunda pessoas do singular, na primeira ɔ plural, como se trata da pessoa que fala ou a quem se fala, ɔssoas presentes, só se attende ao pronome objectivo, e como ıtes reduzem-se a tres, dois para o singular e um para o plural, ıo passam de tres as transições.

Por isso as transições, de que acima falámos como podendo elevar-se a onze, não vão a mais de sete, em um caso, de quatro, em outro; onze ao todo, mas em turmas differentes.

Assim, por um longo desvio, tornamos outra vez ao pronome.

Com grande razão affirmaram os Jesuitas que no abá-ñee os pronomes subordinam-se a duas classes. «Os pronomes pessoaes, diz o saudoso Baptista Caetano, dividem-se em duas ordens bem caracterizadas por serem a primeira dos pronomes agentes ou de nominativo, e a segunda dos pronomes pacientes ou de accusativo e dos casos regidos. Ambos elles são prepostos aos verbos, conforme a regra mais geral... E quando concorrem ambos, o immediato ao verbo é o paciente» [1].

O mesmo se nota no Kχura-itano. E os pronomes pacientes ou objectivos são identicos aos possessivos, o que é mais uma prova de quão pouco differenciados se acham ainda o verbo e o substantivo, o verbo transitivo e o intransitivo neste idioma.

Eis agora uma lista dos pronomes pessoaes, divididos pelas duas ordens de

	PRONOMES AGENTES	PRONOMES PACIENTES
1	*u, ura, ahe, kχ (a)*	*ie, i, u*
2	*m (a), ama, mahe*	*a, å i, e*
3	*a, e, i, å*	*é, i, n, ç*
4	*kχi (d), kχidahe, kχura, hina, xina*	kχ.

O reciproco é *t, d, ç, h, x*.

Segue-se a traducção livre do trecho dado acima, e que é preciso já conhecer bastante kχura-itano para entender na traducção interlinear. Seu assumpto é a destruição do mundo pelo fogo e pelo diluvio.

Eis o que succedeu aos bacaerys, aos brazileiros, aos tapuyas depois que brigaram. — Nosso capitão se zangou: — basta, disse, e fez a doença da gente, e todos com os outros bichos morremos. — Depois ao amanhecer escureceu; — as trevas fecharam a saida do sol, — quando o fecharam fizeram o frio; — depois do sol sair continuaram as trevas; — com as trevas sairam as estrellas; — muito frio fizeram as trevas.

Depois appareceram as onças: os antigos fizeram muito fogo: as facas lutaram com as facas, as flechas lutaram contra as flechas; — quem não

[1] *Annaes da Bibliotheca Nacional*, VI. 8, Rio, 1879.

morreu de fome, os fortes, não morre mais. fica.—Depois, passados tempos, surgiu o sol; os antigos comeram ao meio dia.—Depois, muitas noites dormidas, o fogo saiu de dentro da terra;—o fogo era como o sol; as arvores morreram com o calor; seccaram os rios;—quando seccaram, morreram os peixes,—e o urubú comeu os peixes.—Quando os rios seccaram morreram os bichos á sede;—A mandioca, o milho, morreram totalmente.—Depois morremos nós,—e o urubú nos comeu por que não havia quem nos enterrasse.—Todos os bichos morreram.—Depois de nós reduzidos a poucos, nosso capitão benzeu o mar;—depois o mar cresceu e apagou o fogo.

Os avós dos brazileiros sonharam;— na outra lua vai inchar o mar, disseram-lhes os espiritos. Quando contou-o a sua gente: estás mentindo, disse-lhe sua gente.—Então tomou o machado,—fez uma canôa grande,—alta como uma casa; para dentro da canôa levou sua comida; de noite, só com a mulher e filhos, se embarcou.—Quando embarcou o mar subiu, subiu de noite. Depois com todos os bichos morremos.

Quando o mar subiu fez a areia.—Passado um anno abaixou—e a areia fez-se pedra.—Depois ceu e terra trocaram-se; a terra foi para o ceu, o ceu veio para a terra com as estrellas.

Nasceram em forma de formiga os volateis;—depois os volateis viraram passarinhos;—todos nós viramos bichos.—Depois, quando crescemos, aprendemos a trabalhar;—não havia mata;—depois a mata nasceu como capim.—No outro anno rebentou a fruta da mandioca no meio do campo.

Antes de terminar algumas indicações sobre a formação das palavras.

O adjectivo derivado forma-se muitas vezes accrescentando-se *t* ao substantivo, e a terminação *neŋ* ou *γeŋ* para indicar presença e *neni*, ou *neri* ou *γèni* para indicar ausencia: exemplo *isehike*, fato, trem, *tisehikeneŋ*, rico, *tisehikeneri*, pobre; *odo* ou *çodo* senhor, todone*ŋ*, alheio (ao pé da lettra tem dono); *çawöri*, asa, *tawöγeŋ*, votatil.)[1]

γe serve tambem para formar adjectivo, mas seu principal papel é nos verbos, aos quaes dá sempre a idéa de destruição

---

[1] De *ewâri*, braço, que é o mesmo que çawöli, asa, vem o verbo *apari* (*Bakairi Sprache* p. 82 e 108), que significa nadar. ikiwâru, significa o rio está nadando—corredeira: Kχudupi paru ohe yuwâru. *B. Sp.* p. 82 a cuia está nadando no rio. Parece que além da *paru*, muito commum, e *tuna*, conservada apenas em tunata, os bacaerys possuiam tambem para agua *i*, ou *ik*, que encontramos na proposição ikale, dentro, só applicada a agua. Segundo I., quando querem perguntar si um animal vive em rio ou em terra, é commum a frase: adik, ôro par-ikano menoro. Si o animal é terrestre, responde-se: par-ikano keba menoro. cf B. S. p. 31.

ou desmancho: assim de *itubi*, casca, faz-se *kχanituγeli*, descasquei; *acemakeγa*, escapar-se (sair das mãos), *iχuru*, pé, *iχuγeli*, cair.

Os verbos reflexivos formam-se juntando-se ao thema o pronome paciente representado por *h*, exemplo *Kχahinaraki*, fiquei (me deixei), ao passo que *xinoraki* é activo e significa o-deixei; *åhipanâkeli*, (se) appareceu, *inepanâkeli*, fez apparecer, ou representado por *x* ou *ç*,-exemplo *åxodili*, se encontra, *iniodili*, o encontra; ou por *d* ou *t*, *adāile*, se acaba, *ināili*, o acaba.

A idéa de iteração obtem-se introduzindo *nono* entre o thema verbal e o indice temporal *eγatuhe*, conto; *eγatunono-he*, torno e contar.

Estas ligeiras linhas indicam o muito que se pode fazer neste terreno ainda por explorar.

E agora que está vencido este passo da lingua e o leitor já tem uma idéa ligeira dos sons e das formas do Kχura itano, interroguemos os bacaerys, sobre a sua concepção do mundo, a familia e a sociedade, as suas acquisições culturaes, as suas migrações, etc.

Quatro, quando muito cinco artigos serão o sufficiente para isto.

CAPISTRANO DE ABREU

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

III — JORNALISTA ACADEMICO

Já então as faculdades de direito eram antesalas da camara. Na Inglaterra as associações de estudantes discutem as grandes questões politicas, votam moções de confiança, destroem administrações, como faz o parlamento. Gladstone nunca tomou mais a serio os grandes debates da Camara dos Communs do que os da União de Oxford, quando propunha votos de censura ao governo de Wellington ou ao de Lord Grey. Em Olinda não havia esse simulacro de parlamento em que se formam os estudantes inglezes; os academicos exercitavam-se para a politica em folhas volantes que fundavam.

Os que nunca tinham saido da provincia sentiam-se acanhados, insignificantes, diante da elite que tinha vivido na Côrte. Estes, que se viam imitar pelos outros, tomavam naturalmente a iniciativa. Por sua anterior residencia no Rio e por ter penetrado, como filho de deputado, nos bastidores do grande theatro politico do paiz, Nabuco pertencia ao grupo director. Logo no primeiro anno do curso funda elle com Ferraz e Cansanção o *Echo de Olinda;* Souza Franco, que aos dezenove annos estivera preso na barra do Tejo como conspirador da Independencia e entrara tarde para a Academia, redigia nesse tempo a *Voz do Beberibe;* Sergio Teixeira de Macedo, que passara pela Universidade de Coimbra, escrevia o

[1] Veja-se *Revista* de 1 de Agosto. O trecho que hoje damos fará parte do cap. II intitulado *Annos de Academia.*—N. da R.

Olindense. Eram esses pequenos jornaes, folhas exclusivamente politicas, contendo apenas dissertações rhetoricas sobre theses constitucionaes e ás vezes em « paragraphos » soltos, á moda norte-americana, pequenas verrinas condensadas. A época era revolucionaria e a penna dos jovens escriptores naturalmente desprendia chispas. Por isso não se encontra ainda na producção academica a mais leve preoccupação desse talento puramente literario, que mais tarde se tornara, falsamente, nas Academias a medida intellectual por excellencia.

A primeira folha que Nabuco compõe com dois futuros presidentes do conselho é de um federalismo exaltado, que não se póde differençar da aspiração republicana. O pensamento não tem sombras nem attenuação; é a infalibilidade das opiniões que ainda não foram contrastadas. E' neste genero que elles escrevem, — as inversões repetidas parecem indicar que o trecho é de Cansanção, que dos tres redactores, em literatura como em tudo mais, foi o que se conservou por mais tempo fiel ao estylo, á moda, á elegancia dos seus vinte annos:

« Brazileiros, eis chegada a época de sermos felizes, estamos na mais bella época em que pode-se achar collocado um povo, naquella em que, como diz Pagés, sobre os destroços do despotismo se levanta o altar da liberdade. Somos americanos, em extremo amamos a liberdade; a tyrannia extinguiremos de qualquer parte que arrebente. Bourbons, não mais reinarão, e si, infelizes, não gozarmos do suave influxo de um governo livre, si os inimigos fados frustrarem os nossos esforços, si a liberdade perdermos, então, ó destino fatal, a morte, só ella, poderá suavisar os desgraçados dias de uma existencia vergonhosa; então na morte acharemos a liberdade, porque só a morte é o que melhor póde obter o homem escravo. »

Como se vê, o federalismo da joven trindade olindense era, em 1831 e 1832, girondino, americano, melodramatico. Um anno depois tudo isso havia mudado. A segunda folha que Nabuco redige desta vez sem companheiros, o *Velho de 1817*, é já francamente reaccionaria.[1] A revolução, ardentemente preconisada dois annos

[1] « Entrou na Academia muito liberal; no *Velho de 1817* pregava idéas retrogradas; depois escreveu o *Tristarcho* e a *Ponte da Bôa Vista*. » De uma verrina da Praia.

antes, perdera todo o encanto para elle e apresentava-se-lhe ao espirito como um movimento infecundo, um esforço mal empregado. Mais tarde attribuiram a phase exaltada de Nabuco, ao desejo de fazer-se eleger deputado logo que completasse o curso. Uma folha de 1841 (*Correio da Noite*, do Recife, de 18 de dezembro), reproduzindo um dos seus artigos federalistas de 1831, imputava-lhe aquelle movel: « *O Sr. Nabuco esperava ser deputado pela Parahyba, segundo lhe promettiam os Exaltados para o terem escrevendo destas coisas aqui e peores para o*—Raio da Verdade (da Parahyba), *junto com seu amigo particular o Sr. padre João Barbosa Cordeiro*». [1] Como o pai era presidente da Parahyba, e mais de um estudante, como Figueira de Mello, devia sair da faculdade para a camara, não é de todo impossivel que a idéa de uma futura deputação se tenha insinuado no espirito do jornalista de dezoito annos que apenas acabava de matricular-se. Esse calculo denotaria, porém, demasiada antecipação. Para explicar o enthusiasmo federalista de Nabuco em 1831 basta a corrente irresistivel da época, assim como para a sua brusca mudança de 1833, da qual mais tarde os seus amigos farão datar a reacção monarchica do Norte [2] — não é preciso outra explicação sinão a versatilidade intellectual da adolescencia. As opiniões são nessa phase apenas impressões novas. As paixões cessam de repente por motivo ignorado, ou transformam-se nas oppostas.

No começo das revoluções liberaes, esposal-as é o impulso natural da mocidade; não assim abafar mais tarde as suas indignações e as suas affinidades todas para se subjugar inteiramente ao partido vencedor. O enthusiasmo do primeiro momento é uma expansão, e nada custa; custa, porém, muito a solidariedade dos dias subsequentes, quando a revolução, ás primeiras difficuldades que só ella oppõe a si mesma, arroga-se o direito de salvar o seu principio

---

[1] Deputado por Pernambuco de 1831 a 1837 e redactor da *Bussola da Liberdade*, orgão exaltado. Biographia na *Memoria do Clero Pernambucano*.

[2] «Quando esses individuos que hoje são deputados da Praia seguiam o carro da revolução, adheriam aos quebramentos de typographias, ás Convenções de 30 de julho de 1832, a primeira voz generosa que no norte do Brazil, appareceu sustentando as prerogativas da corôa, defendendo o Sr. D. Pedro I fundador do Imperio, foi a do estudante do curso juridico de Olinda, José Thomaz Nabuco de Araujo, no bem escripto *Velho de 1817*, que arrostou todos os perigos e salvou a custo a sua vida ameaçada pelos chimangos da época.» *Correio Mercantil* da Bahia, 29 de julho de 1847.

politico arrasando a sociedade, si tanto fôr preciso. O assentimento á tyrannia, quando antes se proclamava a santidade do direito de cada um; a resignação ao despotismo, é um sacrificio impossivel para certas naturezas.

O primeiro numero do *Velho de 1817*, editado em 20 de julho de 1833, mostra o progresso feito em dois annos pelo redactor do *Echo de Olinda*. Já não ha a mesma declamação abstracta, a mesma emphase vazia; o estylo procura limitar-se, o escriptor, o que pretende é bem formular os principios e bem apresentar os factos. Como linguagem da época e reflexo do modo de sentir de então, o seguinte trecho já revela um espirito que procura nos acontecimentos a projecção moral:

« Quem sinão o Moderado poderá sustentar que a revolução de Abril nos foi favoravel? Appellemos para um contraste da nossa posição actual com aquella que abandonámos. Saidos do jugo de um governo oppressor, ignorantes do systema constitucional, nós tinhamos necessidade da protecção de um monarcha que domasse a ambição, para que pudessemos nivelar o nosso caracter com o espirito das instituições ás quaes eramos estranhos; careciamos estar abrigados pela força da monarchia para não sermos arrebatados pelo espirito innovador, que, tornando-nos versateis e inquietos, destruiria certa adhesão que um povo deve consagrar ás suas instituições, a qual se não póde alcançar sem que o tempo dê lugar ao desenvolvimento das suas vantagens. Aquelle que é patriota ha de confessar que para os pequenos males que soffriamos não devera buscar-se um remedio tão violento, cujos effeitos pesam mais sem proporção que esses mesmos males. »

Eis aqui como elle caracteriza, começando das origens, o movimento em que se lançára com a maior confiança:

« Depois de tantas convulsões, reiteradas e funestas experiencias (refere-se aos factos de 1824 e outros), adherimos finalmente á Constituição que nos rege; entrou em sua marcha o governo representativo. Uma guerra declarada entre os poderes politicos em vez da harmonia que os deve dirigir, dessa reciproca e saudavel resistencia que os infreia em seus limites, foi o primeiro passo errado que demos; o monarcha inviolavel foi o alvo das settas dos partidarios; alguns actos de fraqueza foram attribuidos á maldade; a conducta de qualquer empregado lhe foi imputada como si elle pudesse

antecipadamente prevenir as suas aberrações, como si a responsabilidade desses mesmos empregados não pudesse remediar o defeito da sua escolha; a liberdade de imprensa, essa instituição salutar tão compativel com o governo constitucional, tornou-se um instrumento pernicioso da desmoralisação do povo; a censura, que em seus termos produz a correcção, desarrazoada irrita, foi o pretexto de quantos insultos se dirigiram á dignidade do monarcha, de quantos se teceram para a degradação de seus agentes. Não houve enthusiasmo de que se não aproveitassem os revolucionarios; a revolução da França, dirigida sobre fundamentos diversos, produziu no povo aquelle enthusiasmo que devera causar em homens livres a noticia da punição de um despota, de um rei que trabalha para extinguir a fonte de que emana a sua dignidade, contra o pacto social onde, de mistura com os direitos de seus subditos, elle vê escriptos e consagrados os seus direitos. O desejo de imitar, habil para germinar no coração do homem a virtude, porém capaz de engendrar o vicio, fez crer que as nossas circumstancias eram as mesmas da França. Desta sorte illudiram os jacobinos muita gente que devera ser grata á monarchia; suscitou-se a mania das reformas; assoalhou-se que D. Pedro era connivente com os festeiros de março; insubordinou-se a tropa, até que D. Pedro no apuro de circumstancias, depois de haver nomeado tantos ministros que na Camara dos deputados occupavam o lado da opposição, receiando a quéda, temendo a traição, chamou para seu lado aquelles que reputava seus amigos, esses anciãos que com elle haviam concorrido para a formação de nossa Constituição. Este passo é attribuido a intenções sinistras e em todos os conventiculos soou o grito da revolução, o toque de alarme para a nossa destruição... Abdicou Dom Pedro I, e abdicou sustentando a Constituição que dera, não quiz demittir os ministros que nomeara, porque bem conheceu que dessa maneira despia-se de um direito que lhe pertencia e concorria para a degradação da monarchia. Generosa e voluntariamente destituindo-se do throno de seus maiores, elle não quiz trair a sua magnanimidade para conservar á custa de sangue o throno que lhe restava; elle não quiz demandar algumas das outras provincias, onde seu nome era respeitado; mostrou-se avêsso á guerra civil. Porém, foi a nação que o destituiu? Como se prova? a quem delegou seu poder? Aos Limas, aos Paulas Vasconcellos, aos officiaes

facciosos, á tropa, vil instrumento de elevação de qualquer systema? O Brazil podia confiar nesses escravos que tantas vezes affrontaram a nacionalidade? Uma facção, uma minoria entregou o Brazil á situação estacionaria a que o vemos reduzido. »

Como escriptos de um joven de vinte annos em época revolucionaria, esses artigos têm algum merito. Vê-se nelles mais do que o lugar-commum, que assignala nos moços, qualquer que seja o brilho das metaphoras, a incapacidade de observar factos e estados sociaes em si mesmos, de rectificar primeiras impressões. Não se o póde tambem accusar de adulação a um regimen triumphante ou a um poder no fastigio; a sentença que elle reforma em seu fôro intimo não aproveitaria siquer á causa vencida, que ninguem mais póde reviver. E' o mero cotejo que elle faz de suas esperanças de hontem com a desillusão de hoje, uma especie de desforra que toma de si mesmo.

A epigraphe do jornalsinho, tirada de Antonio Carlos, é expressiva da metamorphose que se dera com o joven politico e da fascinação que os Andradas exerciam sobre elle. « *A ingrata experiencia,* dizia ella, *convenceu-me que nem a Liberdade, nem a Independencia, se arraigaria no Brazil senão á sombra da monarchia.* » Depois do duello de generosidade de Pedro I e José Bonifacio, o antagonismo dos Andradas com a revolução de abril era proprio para amadurecer a reflexão politica do seu joven admirador de Olinda. Em 1831 e 1832 tinha elle recebido dos acontecimentos do Recife uma lição de não se poder esquecer. Na chamada *setembrisada* a cidade foi entregue á anarchia e ao saque pela tropa que se apossou della. [1] Argumentos dessa clareza objectiva não podiam deixar de

[1] « A sedição começou pelo batalhão n. 14 ás 9 horas da noite de 14 de setembro (1831); porém ao amanhecer do dia 15 já toda a tropa estava completamente amotinada e senhora da cidade, commettendo os maiores attentados, arrombando a golpes de machado as portas das lojas e armazens e pondo em saque toda aquella rica capital sem que houvesse meio de impedir similhante barbaridade, pois toda a força armada se tinha rebellado e obrava de commum accordo. Finalmente no dia 16, tendo dado largas á sua ferocidade, já ebrios e dispersos pelas ruas, carregados com os despojos do saque, pareciam os soldados exhaustos de força e de animo e por isso menos temiveis que no dia antecedente. Já então se haviam reunido em redor da cidade algumas milicias e cidadãos armados para occorrer á commum defesa, e neste estado foram aquelles malvados acommettidos pela Boa Vista e pelo

ferir um espirito sincero por mais prevenido que se achasse. O *Velho de 1817* é a tangente pela qual o joven Nabuco procura escapar de um movimento que se lhe afigura a precipitação vertiginosa de uma quéda.

IV.—O 7 DE ABRIL

No fundo a revolução de 7 de abril foi um desquite amigavel entre o imperador e a nação, entendendo-se por nação a minoria politica que a representa. Havia de parte a parte uma perfeita incapacidade de se comprehenderem, um desaccordo que só se podia resolver pelo despotismo ou pela abdicação. O despotismo era repugnante ao temperamento liberal do imperador e ao seu papel historico de *heróe dos dois mundos.*

O interesse absorvente de Pedro I, quando se deu a revolução, era assegurar o throno de Portugal a D. Maria II. O seu pensamento em abril de 1831 estava principalmente na Europa, [1] nos meios de aproveitar em beneficio da causa de sua filha, de que chegara a desesperar sob o legitimismo de Wellington e Polignac, o grande influxo da Revolução de julho. Essa deslocação do interesse do imperador para a questão da corôa portugueza, a sua continua

---

Recife e esmagados pelo denodo civico de tal maneira que mais de 300 morreram ás mãos do povo, sendo presos mais de 800 que foram confinados para a ilha de Fernando...» General José Ignacio de Abreu e Lima, *Compendio de Historia do Brazil*, II, pag. 85 e *Synopsis*, pag. 353. Os livros não têm valor historico, contendo escandalosas apropriações da obra de Armitage, mas nesses acontecimentos do Recife, o *general das massas* reproduzia apenas o que ouvira dos seus comprovincianos. A narração é a mesma em Pereira da Silva, *Historia do Brazil de 1831 a 1840*, pag. 49 e seg.

[1] «Eis a crise exaltada ao ultimo apuro! Eis o pretexto duplicado para ambos os partidos oppostos! Para os rebeldes Evaristos pela demissão dos cinco ministros; para o Imperador pela boa occasião que ha muito delineava para ir a Portugal reivindicar o throno de sua augusta filha.» *Apontamentos destacados da Vida Politica do Visconde de Goyanna até 1837.* O Visconde de S. Leopoldo (*Revista do Instituto Historico* XXXVIII parte 2.ª) ouviu do proprio Marquez de Caravellas que este pouco antes do 7 de abril tinha dado a entender ao imperador as queixas que havia contra elle. «Então o imperador prorompeu em uma opposição energica e tocante dos sacrificios que fizera pelo Brazil, concluindo que estava decidido a retirar-se e fazia votos para que fossem felizes e se regessem em paz.»

[illegible] emigrados [illegible] relações com Palmella, Saldanha, Villa-Flor e presença no Rio de Janeiro de D. Maria II attrahiu para ali em regio para o Brazil não dava ao Imperador grande popularidade entre os residentes portuguezes e a estes uma importancia [illegible] e [illegible] no mundo official brazileiro de que a susceptibilidade nacional injustamente se resentia.

Não mais natural [illegible] effeito do que o esforço que Pedro I fazia em favor da filha. Não [illegible] podia ser detrimento algum ao Brazil. Receiava-se que elle quizesse a reunião das duas corôas, mas mesmo quando se tivesse [illegible] essa anomalia de ser o imperador do Brazil regente em Portugal por meio de uma delegação, na minoridade da rainha, que mal poderia isso causar á autonomia politica do paiz para que se duvidar da sinceridade de sua intenção? O interesse de Pedro I nessa questão era entretanto, primordial; revelava-lhe [illegible] a impossibilidade constitucional de accumular elle a Regencia portugueza e sobrevindo a revolução de 1830 que [illegible] a causa liberal em toda a Europa o mais extraordinario impulso [illegible] que lhe restava era [illegible] que tivesse architectado uma Regencia [illegible] de responder [illegible] a longa menoridade, pela [illegible] a jovem rainha de Portugal e [illegible] na Europa [illegible] seus esforços e todo o seu valimento [illegible] que havia abdicado [illegible] de 7 de [illegible] poderia [illegible] conseguiu [illegible] a Pedro I uma situação que já estava [illegible] para a qual [illegible] somente [illegible] as ultimas [illegible] e [illegible]

[illegible] José Bonifacio [illegible] de seus filhos faz crer que seria [illegible] que [illegible] em primeiro lugar para a Regencia [illegible] sem o 7 de [illegible] o ministerio [illegible] que Pedro I [illegible] em [illegible]

[illegible] poderiamos ser [illegible] que em [illegible] á pena delle ?» [illegible] que sentia [illegible] que sentia José Bonifacio [illegible] responsavel aos olhos [illegible] muito longe da [illegible]

O regimen politico do paiz tinha-se desenvolvido considera-
ɜlmente em poucos annos; o progresso das idéas liberaes, sensivel
ı admiravel Constituição de 1824, tinha chegado á maior expansão
ɔ Codigo Penal de 1830. A não ser a impaciencia, o pessimismo,
ɜ politicos exaltados, que viam o embryão do despotismo em qual-
ıer resistencia do imperador a idéas que não partilhava desde
go, e descobriam em D. Pedro I um segundo D. Miguel, a revo-
ção de 7 de abril teria sido evitada com vantagem para a pro-
ia causa democratica.

A intervenção militar na revolução era summamente injusta,
ɔrquanto o melhor amigo do exercito era o imperador. Pedro I, quaes-
ıer que fossem suas faltas, tinha em relação ao exercito uma compre-
ɜnsão muito mais clara da sua necessidade e do seu papel do que
legislatura cuja hostilidade o derribou. Ao liberalismo brazileiro
efficiencia militar do exercito pareceu sempre secundaria; a sua
ncção primordial, consagrada em 7 de abril e em 15 de novem-
o, é a grande funcção civica libertadora. No primeiro reinado nin-
ıem levou a mal sinceramente o mallogro das armas brazileiras no
ata, a serie de insuccessos ligados aos nomes de cada um dos
ɜneraes para lá mandados. O historiador do reinado attribue
esmo aos nossos desastres militares os mais salutares effeitos
ı ordem civil. Segundo elle, a constante má fortuna das armas
azileiras produziu o resultado de desanimar as vocações mili-
res e de inclinar as energias da geração nova para as carreiras
vis, o que preservou o Brazil de uma completa anarchia. « Pelo
ɔntrario, accrescenta, referindo-se ás republicas do Sul, onde a
ta fôra sempre acompanhada de vantagens e onde uma serie
ɜ victorias havia accendido o enthusiasmo dos habitantes, outros
feitos bem diversos se preparavam. Apenas proclamada a paz,
como uma consequencia da aureola com que se achavam
lornados, os militares adquiriram toda preponderancia sobre as
ıtoridades civis; succederam-se dissenções e cada pequeno
ıefe recorreu á sua espada, de maneira que as ferteis campinas
ıs margens do Rio da Prata, desde essa época, nada mais
ıram do que o theatro da anarchia, da guerra civil, do derrama-
ıento de sangue fraternal e da devastação. » [1] D. Pedro não podia

[1] Armitage, *Historia do Brazil.*

ver o nosso descredito militar com essa philosophia de economista. Elle sentia a necessidade de tornar o exercito apto para a guerra e para a victoria, de creal-o de novo.

A opposição que lhe lançava em rosto os nossos revezes era a mesma que negava ao imperador os meios de abrigar melhor a nação. Ella receiava-se do armamento da força publica como sendo um golpe de Estado em perspectiva. Quando a Camara reduziu as forças de mar de 7.000 a 1.500 homens, o bom senso estava com o governo que resistia. « *Uma grande corporação de homens,* dizia aos deputados o ministro marquez de Paranaguá, *é mais util e menos perigosa do que uma pequena força; póde esta ser mais facilmente corrompida e seduzida para derribar a Constituição.* » E' esta a verdade que o serviço militar obrigatorio levará mais tarde á ultima evidencia. Não havia sinceridade na alliança da opposição com o exercito. A propria defecção deste será severamente julgada mais tarde pelos que se serviram delle para os seus fins. « *Esse mesmo exercito,* dirá Armitage, *que D. Pedro havia organizado com tanto sacrificio, que havia mantido com tamanho prejuizo de sua popularidade e sobre o qual havia depozitado mais confiança do que sobre o povo, estava destinado a trail-o e aquelles que elle havia enchido de distincções e beneficios não foram mais escrupulosos em abandonal-o do que os outros.* » Pouco depois da revolução o partido que havia aproveitado a acção do exercito em 7 de abril só tinha um desejo: dispersal-o, dissolvel-o, deportal-o para os confins. A grande reputação da regencia será a de um estadista, o Padre Feijó, que revelou a maior firmeza de caracter na repressão da anarchia militar, a qual sobreveiu, como se devera esperar, do pronunciamento do Campo. Basea-se sempre em alguma equivocação, e por isso é ephemero, o pacto politico do exercito com partidos extremos e elementos revolucionarios. Foi essa a primeira grande decepção do 7 de abril: a do exercito, condemnado, licenciado pelo partido que elle tinha posto no poder.

A segunda foi a dos *Exaltados,* isto é, dos homens que haviam concebido, organizado, feito o movimento, e que no dia seguinte tambem foram lançados fóra como inimigos da sociedade pelos *Moderados,* que só se manifestaram depois da victoria. Para aquelles a revolução foi uma verdadeira *journée des*

pes. [1] A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não possivel fazel-as e com elles é impossivel governar. Cada revo-ção subentende uma luta posterior, e a alliança de um dos iados, quasi sempre os exaltados, com os vencidos. A irritação s *Exaltados* trará a agitação federalista extrema, o perigo separa-ta, que durante a Regencia ameaça o paiz do norte ao sul, a archização das provincias.

Outro desapontamento foi o dos patriotas. A força motora do 7 de ril, a que deu impulso ao elemento militar, foi o resentimento cional. Em certo sentido o 7 de abril é uma repetição, uma con-lidação do 7 de setembro. O imperador era um *adoptivo,* suspeito querer reunir as duas coroas, [2] accusado de custear com dinheiro Brazil a emigração da Terceira. O enthusiasmo da colonia portu-ieza era assim grande pelo principe de quem esperava a victoria causa liberal em seu paiz; desse enthusiasmo resultaram confli-os com os inimigos do imperador, que o ficaram sendo dos portu-iezes. O fermento politico da revolução foi secundario, a excita-o real, calorosa, foi o antagonismo de raça, então facilmente ex-ravel. O tópe nacional concorreu mais para a revolta da tropa do e as excessivas declamações da opposição. O exercito não era is aquelle cuja exacerbação, sete annos antes, levara D. Pedro, *ezar da sua timidez,* a expressão é do padre Feijó, [3] a dissolver a nstituinte e desterrar os Andradas, [4] acto que aquelle uma vez

---

[1] «O 7 de abril foi uma verdadeira *journée des dupes*. Projectado por mens de idéas liberaes muito avançadas, jurado sobre o sangue dos Cane-s e dos Ratcliffs, o movimento tinha por fim o estabelecimento do governo povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra.» Theophilo toni, *Circular aos Eleitores de Minas Geraes,* 1860, pag. 16.

[2] Nos papeis do Visconde de S. Leopoldo achou-se um por letra de Fran-sco Gomes de Silva, o Chalaça, entregue aos conselheiros pelo proprio im-rador com as perguntas:—«Oppõe-se á independencia do imperio que o im-rador seja rei de Portugal, governando-o do Brazil? No caso de não convir, mo deve ser feita a abdicação e em quem? «*Revista do Instituto Historico*» mo 38. parte 2ª.

[3] «Duas cousas se exigem (na representação dos officiaes): 1º. que cohibisse a liberdade de imprensa; 2º. já que me obrigam a referir nomes pessoas que aliás prezo, que fossem expulsos da Assembléa os srs. An-adas, como redactores do *Tamoyo* e collaboradores da *Sentinella*» Interro-torio do ministro do imperio perante a Constituinte na sessão permanente.

[4] «O ex-Imperador, apezar da sua timidez, recorreu á dissolução da nstituinte e lançou estes homens (os Andradas) para fóra do Imperio. As

qualificou de *violento, mas necessario* e como tendo dado paz e tranquillidade ao paiz por dez a doze annos. A guerra do Sul o havia nacionalizado, os seus novos chefes eram *patriotas*, e elle trazia uma ferida que a exaltação estrangeira pelo imperador devia naturalmente irritar. Feita, entretanto, a revolução por uma explosão do espirito nacional, não tardou muito que os vencidos levantassem contra o novo governo a mesma grita e as mesmas suspeitas de subserviencia á influencia portugueza. [1]

A maior decepção de todas foi, porém, a da nação. A abdicação tinha-a profundamente surprehendido, quando ella esperava do imperador sómente uma mudança de ministerio, ou antes o abandono de uma camarilha que lhe era suspeita. Os espiritos não se tinham preparado para uma solução que não anteviam, e, como sempre acontece com os movimentos que tomam o paiz de surpresa e que vão além do que se desejava, as esperanças tornaram-se excessivas, os espiritos abalados pelo choque exaltaram-se, e deu-se então este facto que não é nada singular nas revoluções : os mais ardentes revolucionarios tiveram que voltar, a toda pressão e sob a inspiração do momento, a machina para trás, para impedil-a de precipitar-se com a velocidade adquirida. Foi esse o papel de Evaristo sustentando a todo transe a monarchia constitucional contra os seus alliados da vespera. Os revolucionarios passavam assim de um momento para outro a conservadores, quasi a reaccionarios, mas em condições muito mais ingratas do que a do verdadeiro partido conservador quando defende a ordem publica, porque tinham contra si pelas suas origens e pela sua obra revolucionaria o resentimento da sociedade que elles abalaram profundamente. Foi essa a posição do partido Moderado que governou de 1831

---

provincias vizinhas felicitaram ao imperador por este acto violento, mas necessario, e, apezar de alguns males que trouxe a dissolução, tivemos paz e gozamos de tranquillidade por dez ou doze annos.» Em Mello Moraes, *A Independencia*. pag. 223.

[1] «A maioria da camara era de demagogos vendidos ao aceno portuguez. Pagamentos mesquinhos a pessoas miseraveis eram profundamente combatidos e negados como objectos financeiros de calorosa fiscalização. Pagavam-se, porém, promptamente milhares de contos de réis pelos armamentos, pelas embarcações, petrechos de guerra, officiaes militares, e tudo quanto serviu para abater brazileiros em 1822. Era até onde podia chegar a venalidade Evaristeira!» *Apontamentos do Visconde de Goyanna.*

a 1837 e que salvou a sociedade da ruina, é certo, mas da ruina que elle mesmo lhe preparou.

A nação não podia esquecer num momento o que devia a Pedro I. « *Apezar de todos os erros do imperador, o Brazil durante os dez annos de sua administração fez certamente mais progressos em intelligencia do que nos tres seculos decorridos do seu descobrimento á proclamação da Constituição portugueza de 1820.* » (Armitage.) Do imperador ella tinha queixas, mas sem elle via-se nesse estado de abatimento em que as nações perdem a força e o desejo de se queixar, tantos são os seus males. O sentimento geral era o que o joven redactor do *Velho de 1817* expressara deste modo: « *Para os pequenos males que soffriamos não devera buscar-se um remedio tão violento, cujos effeitos pesam mais, sem proporção, que esses mesmos males.* » As difficuldades do paiz triplicaram num momento. Os homens de estado desanimam, sentem todos a sua impotencia. Feijó, delles o mais energico, tem o pessimismo incuravel do revolucionario de boa fé condemnado a governar. « *Fiz opposição não ao Sr. Feijó,* dirá em 1843 no Senado (19 de agosto) Hollanda Cavalcanti, *fiz opposição aos seus actos. Especialmente oppuz-me aos sentimentos do Sr. Feijó de querer constantemente achar o paiz submergido, de não ter esperança em coisa alguma, e tudo pintar com côres negras.* » [1]

Por outro lado o espirito conservador da sociedade tinha [2] pouca sympathia á nova classe que assumira o governo e fizera dos jovens principes seus refens. [3] Os homens que a revolução produziu eram na sua maior parte homens novos sem tirocinio,

---

[1] Os documentos assignados por Feijó resumbram todos profundo abatimento, elle vê sempre tudo perdido. Como typo basta esta condição, a 8ª. da declaração de Feijó para aceitar a Regencia: «No caso de separação das provincias do norte segurar as do sul e dispôr os animos para aproveitarem esse momento para as reformas que as necessidades de então reclamarem.» Evaristo morreu rallado de desgostos.

[2] «Os conservadores não podiam olhar para os *livreiros* e *chapéus redondos* senão como usurpadores que se collocavam no logar do monarcha.» Theophilo Ottoni, *Circular*, p. 28.

[3] Os principes sentiam pelos revolucionarios que os haviam tornado orphãos verdadeiro terror. Toda a casa imperial desejava a volta do imperador. « ... *ficará sempre debaixo de veu o quadro tetrico do tutor José Bonifacio preso no paço sagrado, invadido por um sacrilego com força armada e sem respeito á innocencia da augusta dynastia reinante que se*

cuja inexperiencia devia inspirar quasi compaixão ao grupo de estadistas provectos do primeiro reinado, aos homens que tinham redigido a Constituição. Os velhos Andradas, si não podiam com prazer ver o paiz entregue a Feijó que lhes guardava rancor da perseguição soffrida em 1823, não podiam tão pouco tolerar a dictadura da opinião exercida por Evaristo, o qual não passava para elles de um *mancebo inexperto* e de um *theorista crú*. [1] A situação politica do partido Moderado era tal que se não fosse o terror da restauração elle se teria esphacelado logo em começo, e que se não fosse o mesmo terror nenhuma reforma teria elle feito. [2] A nação sem desejar a volta de Pedro I era todavia *caramurú*, isto é, voltava a sua sympathia e confiança para os homens que a revolução tinha posto de parte. [3]

O que caracteriza a época é o abalo a um tempo de todo edificio nacional. E' quasi um decennio de terremotos politicos. A reacção está no espirito, no sentimento de todos os homens de governo; si não fosse o receio da volta de Pedro I, ella teria desde logo levado tudo de vencida. Ainda assim o que faz a grande reputação dos homens dessa quadra, Feijó, Evaristo, Vasconcellos, não é o que elles fizeram pelo liberalismo; é a resistencia que oppuzeram á anarchia. A gloria de Feijó é ter firmado a supremacia do governo civil; a de Evaristo é ter salvado o principio monarchico; a de Vasconcellos é ter reconstruido a autoridade.

Visto de hoje o 7 de abril figura-se uma dessas revoluções que podiam ser economizadas com immensa vantagem, si em certos temperamentos as loucuras da mocidade não fossem necessarias

---

salvou por prodigio do ceu. » Visconde de Goyanna, *Ibid.* E' a versão exagerada de um cortezão da velha escola que deseja agradar o novo imperador, porém ella reproduz o sentimento interior do paço durante as lutas com o tutor.

[1] « Deixando a mancebos inexpertos e theoristas crús chimeras sonorosas e inexequiveis, que depois de custarem caro á humanidade, desejaram elles mesmos, se forem dotados de sensibilidade, expiar com lagrimas de sangue. » Resposta de Antonio Carlos a Evaristo.

[2] « O Duque de Bragança falleceu a 24 de setembro de 1834. Se este facto se tivesse dado quatro mezes antes, não teria havido reforma constitucional. » Theophilo Ottoni, *Circular*, p. 38.

[3] « O que arredava dos caramurús as sympathias da grande massa nacional era a restauração. » *Acção, Reacção, Transacção*, de J. J. da Rocha.

para a mais elevada direcção da vida. A agitação desses dez annos produz a paz dos cincoenta que se lhe vão seguir. O reinado em perspectiva de uma criança de seis annos provou ser uma salvaguarda admiravel para a democracia. Foi graças a essa possibilidade longinqua que o governo de uma camara só, verdadeira Convenção da qual tudo emanava e á qual tudo revertia, não se fraccionou em facções ingovernaveis. A' proporção que a distancia da Maioridade se encurta, os sustos vão cedendo, a confiança renasce, a vida suspensa recomeça, o coração dilata-se, como em um navio desarvorado á medida que se aproxima do porto.

Os homens tinham nesse tempo outro caracter, outra solidez, outra tempera; os principios conservavam-se em toda a sua fé e pureza; os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão estavam ainda fortes e intactos, e por isso, apezar do desgoverno, mesmo por causa do desgoverno, a Regencia apparece como uma grande época nacional, animada, inspirada por um patriotismo que tem alguma coisa do sopro puritano. Novos e grandes moldes se fundiram então. A nação agita-se, abala-se, mas não treme nem definha. Um padre tem a coragem de licenciar o exercito que fizera a revolução, depois de o bater nos seus reductos e de o sitiar nos seus quarteis, isto sem appellar para o estrangeiro, sem bastilhas, sem espionagem, sem alçapões por onde desapparecessem os corpos executados clandestinamente, sem pôr a sociedade inteira incommunicavel, appellando para o civismo e não para uma ordem de paixões que tornam todo governo impossivel. Os homens dessa quadra revelam um grau de virilidade e energia superior, sentindo-se sómente incapazes de organizar o chaos; ao mesmo tempo todos possuem uma integridade, um desprendimento absoluto. [1] As lutas, os conflictos, a agitação dos clubs, todas as feições da época são as de uma democracia antiga, antes da corrupção invadil-a.

No todo a Regencia parece não ter tido outra funcção historica sinão a de desprender o sentimento liberal da aspiração

---

[1] Ver Hollanda Cavalcanti no Senado, discurso citado, sobre Feijó — « a sêde do ouro nunca entrou naquelle cidadão. » « Evaristo, que fez presidentes, ministros, senadores e regentes, morreu simples livreiro. » *Correio Mercantil.*

republicana, que em theoria é a gradação mais forte daquelle sentimento, mas que na pratica sul-americana o exclue. Sem esse intervallo democratico os primeiros estadistas do segundo reinado não teriam a forte convicção que mostraram da necessidade da monarchia, convicção que, para o fim, a ordem inalteravel, a paz prolongada, o funccionamento automatico das instituições livres foi apagando em cada um delles, a começar pelo imperador, e que a perfeita estabilidade do reinado não deixou amadurecer nos mais novos, os quaes só tinham a tradição daquelles annos difficeis.

JOAQUIM NABUCO

O ARGONIO

NOVO GAZ CONSTITUINTE DA ATMOSPHERA

I

A composição do ar foi demonstrada por Lavoisier em 1775, no anno seguinte áquelle em que Priestley isolara o oxygenio, e tres annos depois de haver Rutherford descoberto o azoto. As idéas que aquelle illustre reformador da chimica sustentava, desde 1772, a respeito da influencia do ar no phenomeno da combustão, contra a theoria do phlogistico de Stahl, tornaram-se mais precisas, e adquiriram um caracter de certeza scientifica, com a descoberta de Priestley: e ao mesmo tempo que elle demonstrava que o ar é constituido pelo oxygenio e pelo azoto, caía por terra o systema quasi secular de Stahl.

A experiencia fundamental de Lavoisier consistiu em aquecer, durante muitos dias, mercurio em um balão de vidro, cujo collo recurvado ia ter a uma campanula cheia de ar: este cedeu todo o oxygenio ao mercurio, transformando-o em terra mercurial (oxydo mercurico); e na campanula ficou, como residuo, o azoto. Ajuntando este residuo gazoso ao oxygenio, retirado do oxydo mercurico aquecido á temperatura elevada, reconheceu que a mistura tinha as propriedades do ar. Destas experiencias deduziu elle, não só a composição qualitativa do ar, como, de modo grosseiramente aproximado, sua composição quantitativa. Mais tarde, porém, foi esta determinada com rigor, em peso e em volume, por differentes processos: — uns, baseados na grande affinidade do oxygenio para diversas substancias que delle se apoderam deixando em liberdade o azoto, cujo volume é então medido; — outros, chamados *eudiometricos*,

fundados na combinação, pela centelha electrica, do oxygenio com o hydrogenio, *ad hoc* misturado em excesso com o ar, deduzindo-se o volume do oxygenio da medida volumetrica do residuo gazoso;—outros, finalmente, pelas *pesadas*, consistindo em determinar o peso do oxygenio de uma corrente de ar em contacto com certas substancias, como o cobre aquecido ao rubro, que lhe roubam o oxygenio, pelo augmento de peso que ellas apresentam, e o azoto por pesada directa do residuo gazoso.

Foi este ultimo processo que empregaram Dumas e Boussingault, nas experiencias classicas que estabeleceram a composição ponderal do ar, representada pelos numeros 23, 13 de oxygenio e 76,87 de azoto, e consequentemente a composição volumetrica, pelos numeros respectivos 20.93 e 79.07. Além desses dois gazes, nas indicadas proporções invariaveis, reconheceu-se sempre no ar a presença de vapor d'agua e gaz carbonico, em quantidades relativamente fracas, variaveis segundo as localidades na superficie da terra, e de traços de ozono, de ammoniaco, de combinações oxyge nadas de azoto de um carbureto de hydrogenio e de diversas particulas solidas.

Ninguem se lembrara de pôr em duvida a composição do ar, no que diz respeito aos seus elementos essenciaes; e até as suas propriedades physicas, como a densidade, o indice de refracção, a solubilidade, e outras, eram deduzidas das propriedades correspondentes do azoto e do oxygenio, attendendo-se ás proporções em que estes elementos se acham misturados.

Essa composição, assim como a da agua, constituia um dogma na sciencia; toda a chimica repousa sobre o conhecimento exacto da composição do duplo meio fluido do nosso planeta; visto como passando-se as reacções chimicas, em geral, em corpos dissolvidos em contacto com o ar, a interpretação dos phenomenos respectivos é forçosamente subordinada áquella composição.

Pois bem: em abril do anno passado Lord Rayleigh e o professor Ramsay annunciaram á *British Association* em Oxford, ter descoberto no ar atmospherico um novo gaz, que fôra sempre confundido com o azoto, do qual conseguiram isolal-o, estudando-lhe as propriedades physicas, muito differentes das desse gaz, e chimicamente ainda mais inerte do que elle.

As circumstancias que acompanharam essa descoberta dão-lhe immenso realce; porquanto ella veiu coroar pesquizas encetadas e

systematicamente seguidas durante quasi doze annos. Com effeito, desde 1882 Lord Rayleigh sustentou a necessidade de uma nova determinação das densidades dos principaes gazes; e depois de ter achado, com extremo cuidado, o numero 15,82 em vez de 15.96, antes aceito, para a densidade e peso atomico do oxygenio, passou a occupar-se do azoto. Foi então que, tendo encontrado numéros consideravelmente differentes para a sua densidade, segundo esse gaz era retirado do ar (pela eliminação do oxygenio, além da do gaz carbonico e do vapor d'agua), ou obtido por meio de reacções chimicas (decomposição do azotito de ammonio e de outros corpos), verificou que a densidade do azoto chimico era sempre menor de 1/200, do que a do azoto atmospherico. D'ahi a persuasão da existencia no ar de um gaz desconhecido, mais pesado do que o azoto e intimamente ligado a este; gaz que Lord Rayleigh e bem assim o professor Ramsay, que com seu assentimento se entregara ás mesmas pesquizas, isolaram, vencendo enormes difficuldades.

Estes factos interessaram desde então o mundo scientifico, cuja curiosidade só poude ser satisfeita no dia 31 de janeiro deste anno, quando Lord Rayleigh e o professor Ramsay apresentaram á *Royal Society* a Memoria sobre o *argonio* (é o nome que elles deram ao novo gaz existente no ar).

Além dessa Memoria, que contém as particularidades da importante descoberta, foram lidos na mesma occasião, em presença de um auditorio de cerca de 800 pessoas, estudos especiaes de Crookes, sobre o espectro do argonio, e de Olszewski sobre a liquefacção e solidificação desse gaz. Esses estudos eram os primeiros feitos em amostras de argonio enviadas pelos seus descobridores ás notabilidades scientificas de todas as partes da Europa. Resultados de novas experiencias têm sido publicados; de sorte que neste momento conhecem-se outras propriedades do argonio, então ignoradas.

Daremos de tudo aos leitores da *Revista Brazileira* uma noticia resumida, mas sufficiente para poderem conhecer tão curiosos factos.

II

Os numeros obtidos para o peso do azoto atmospherico contido no balão que serviu nas experiencias de Lord Rayleigh, azoto esse retirado por meio do cobre aquecido ao rubro, pelo ferro

tambem aquecido ou pelo hydrato ferrico, foram, em média, 2,3096; ao passo que o peso do azoto chimico, no mesmo balão, obtido pela decomposição do bioxydo de azoto, do protoxydo de azoto, do azotito de ammonio, purificado ao rubro, ou a frio, e da uréa, foi achado egual a 2,2984. Essa differença de peso, de 0,0112 ou cerca de 1/2 °/₀ do peso do azoto, não podendo ser attribuida á presença das impurezas conhecidas no ar (depois de eliminados o oxygenio, o vapor d'agua e o gaz carbonico), á vista de ensaios feitos nesse sentido, é forçoso admittir que o azoto chimico ou o azoto atmospherico está misturado com outro gaz respectivamente mais leve ou mais pesado do que o azoto puro.

Experiencias atmolyticas, isto é, baseadas na lei de Graham sobre a velocidade de diffusão dos gazes, foram feitas para verificar essas deducções. Para reconhecer a presença de um gaz mais pesado no azoto atmospherico, empregou-se um atmolysador, formado de tres series de tubos de terra porosa no interior de um grande tubo de vidro fechado, de modo a poder ser mantido, por meio de uma bomba d'agua de filtração, um vasio parcial no espaço que envolvia o systema de tubos porosos: uma das extremidades deste systema communicava com a atmosphera e a outra ligava-se a um aspirador, regulado para aspirar coisa de 2 °/₀ do ar, que entrava pela outra extremidade dos tubos, sendo os 98 °/₀ restantes diffundidos através das paredes dos tubos. O ar recolhido ao aspirador,— ar esse relativamente mais rico em elementos pesados da atmosphera, foi tratado depois pelo cobre aquecido ao rubro (para perder o oxygenio), pelo acido sulfurico (para perder o ammoniaco), pelo hydrato de potassio (afim de ser eliminado o gaz carbonico) e pelo anhydrido phosphorico, que se apodera da agua. O residuo gazoso, assim obtido pela diffusão, em quatro experiencias, tinha uma densidade $\frac{1}{103}$ maior do que o azoto atmospherico ordinario. Em duas novas experiencias feitas com os tubos porosos dispostos em uma só série, o excesso foi de $\frac{1}{240}$.

Este augmento de densidade do azoto atmospherico, depois que elle soffreu a diffusão e portanto perdeu, segundo a lei de Graham, os gazes mais leves, mostra evidentemente que esse azoto tem em mistura gazes mais pesados.

Para verificar a outra hypothese, isto é, si o azoto chimico está misturado a gazes menos densos, o submetteram os illustres autores

da descoberta do *argonio* a experiencias analogas ás precedentes. Mas os resultados dessas experiencias, em virtude de razões nem sempre bem apreciaveis, não permittiram conclusões rigorosas.

Entretanto trataram de isolar em larga escala o novo gaz atmospherico. Essa operação realiza-se do modo seguinte. Uma corrente de ar, depois de ter perdido todo o seu oxygenio pela passagem do cobre aquecido ao rubro, assim como o gaz carbonico e a humidade pela acção de cal sodada e do anhydrido phosphorico, atravessa um tubo de combustão cheio de fragmentos de magnesio incandescentes e cede-lhes o azoto, formando-se um azotito de magnesio, substancia porosa de côr amarellada. O residuo vai ter então a um pequeno gazometro de capacidade de 3 ou 4 litros. 100 a 150 litros de azoto atmospherico podem dar lugar assim a 4 ou 5 litros desse residuo gazoso, o qual é transvasado para outro gazometro, depois de ter sido posto outra vez em contacto com substancias que lhe roubem os ultimos traços de oxygenio, hydrogenio e hydrocarburetos, e com o magnesio aquecido ao rubro para perder o resto do azoto. O residuo gazoso é o argonio puro.

Outro processo foi empregado para a preparação deste gaz. Consiste em determinar, pela acção da centelha electrica, a combinação directa do azoto com o oxygenio, como primeiro o demonstrou Cavendish, e absorver, pelo hydrato de potassio, os productos nitrosos, á medida que elles se formam. Nas experiencias dos descobridores do argonio, a centelha foi fornecida por uma bobina de Ruhmkorff e um alternador de Meritens, posto em movimento por uma machina a gaz. O azoto e o oxygenio combinaram-se, tendo-se chegado a obter uma velocidade de combinação de 3 litros por hora de gazes misturados, isto é, 3,000 vezes a que obtivera Cavendish com o emprego da machina electrica do seu tempo.

O progresso da absorpção do azoto pelo oxygenio era examinado de tempos a tempos pelo espectroscopio. Observou-se que, quando a contracção do volume gazoso cessava, isto é, quando o residuo gazoso resistia á oxydação, a raia amarella do espectro do azoto desapparecia, o que indicava ausencia completa deste elemento. Deixando-se, porém, esse residuo em contacto com a agua durante alguns dias, reappareciam os principaes raios do espectro do azoto. Este facto foi explicado pela solubilidade do argonio, e portanto pela sua mistura com o ar dissolvido na agua. Para eliminar então os

ultimos traços do azoto, era mister fazer passar de novo a centelha durante algumas horas.

III

A densidade do argonio em relação ao hydrogenio é aproximadamente igual a 20. Os numeros achados foram respectivamente 19,7 e 19,9, segundo o argonio era preparado absorvendo-se o azoto pelo oxygenio ou pelo magnesio.

A solubilidade n'agua é duas vezes e meia a do azoto: o novo gaz, portanto, é quasi tão soluvel como o oxygenio. Conclue-se que os gazes dissolvidos na agua da chuva devem conter maior proporção de argonio. Com effeito, experiencias feitas sobre o azoto, preparado pelos gazes dissolvidos na agua tirada de uma cisterna de agua de chuva, mostraram que elle é duas vezes e meia mais rico em argonio.

A liquefacção e a solidificação deste gaz foram obtidas pelo professor Olszewski. A' pressão de 50,6 atmospheras liquefaz-se na temperatura de—121°. A' pressão ordinaria a temperatura de liquefacção é—186°,9; a de solidificação—189°,6. O argonio comporta-se durante a liquefacção como o oxygenio, que se liquefaz em temperatura um pouco inferior (—182°7); differindo deste pela propriedade de se solidificar, o que nunca se conseguiu do oxygenio. O argonio liquido é incolor e mais denso do que o oxygenio, o qual é azul, no mesmo estado, na relação de 1,5: 1,124; solidificado, constitue massa crystallina similhante ao gelo; mas em temperatura mais baixa, torna-se branco e opaco.

Experiencias feitas sobre a velocidade do som no argonio deram para a relação entre os calores especificos, á pressão constante e a volume constante,—relação que se deduz daquella velocidade, o numero 1,63, em media. Ora, Clausius deduzira dessa relação entre os calores especificos, a que existe entre a energia do movimento de translação das moleculas gazosas e a sua energia cinetica total. O numero 1,63 torna esta ultima relação igual á unidade; do que se conclue: que toda a energia cinetica do argonio reduz-se á energia do movimento de translação de suas moleculas. Este resultado coincide com o que fornece o vapor do mercurio estudado em temperaturas elevadas. E como a molecula do vapor mercurial

é constituida por um só atomo, considerou-se aquella igualdade das duas energias ou, o que é o mesmo, a ausencia de energia no interior da molecula como a traducção, de que essa molecula é constituida por um só atomo.

E' por isso que se considera a molecula do argonio como formada tambem de um só atomo.

O novo gaz dá, como o azoto, dois espectros distinctos, segundo a intensidade da corrente de inducção empregada; com esta differença: os dois espectros do azoto são, um, primario (de faixas) e o outro, secundario (de raias); ao passo que os do argonio são, ambos, secundarios.

Crookes, que foi quem estudou com mais minuciosidade o argonio ao espectroscopio, reconheceu em todas as amostras examinadas as faixas do espectro primario do azoto, superpostas ao systema de raias proprias áquelle gaz,—faixas essas que desapparecem depois que a centelha de inducção passa nos tubos de Plücker ordinarios durante algum tempo, ou quando os electrodis desses tubos são de aluminio. Dos dois espectros do argonio, um, o mais luminoso, é rico em radiações vermelhas; o outro, correspondente a menor pressão do gaz e a maior intensidade da centelha, o é em radiações azues; a descarga luminosa nos dois casos é respectivamente vermelho alaranjada e azul. Crookes poude contar no primeiro 80 linhas e no segundo 119, total 199 linhas, das quaes 26 parecem communs aos dois espectros. Póde-se passar de um espectro ao outro, quando se dá um quarto de revolução ao parafuso do interruptor da bobina de inducção. Esse distincto physico enuncia a hypothese de ser o argonio não um corpo simples, mas a mistura de dois gazes simples, correspondendo cada um dos dois espectros observados a cada um delles. Em todo caso, esses espectros não pertencem a gaz ou vapor algum conhecido.

Ao argonio, cujo symbolo proposto é A, attribue-se um peso atomico igual a 40, á vista da sua supposta constituição molecular (o peso molecular, sempre duplo da densidade gazosa, coincidindo com o peso atomico).

Esse gaz é, de todos os corpos simples conhecidos, o mais inerte no sentido chimico. Elle não se combina com o oxygenio em presença dos alcalis sob a influencia da descarga electrica, nem com o hydrogenio nas mesmas condições, nem com o phosphoro

ou enxofre ao rubro. Em uma corrente desse gaz podem ser distillados, sem a menor alteração, o telluro, o potassio e o sodio. Não é absorvido pela soda caustica fundida e aquecida ao rubro nem pela cal sodada tambem aquecida ao rubro; nem reage com o azotato de potassio, com o peroxydo de sodio, ou com os sulfuretos de sodio e de calcio, em temperatura alguma. A esponja de platina não o absorve. Os agentes oxydantes ou chloretantes, como a agua regia, agua de bromo, o permanganato de potassio em presença do acido chlorhydrico, tambem não têm acção sobre o argonio.

Ultimamente novos ensaios foram feitos no sentido de fazer entrar o argonio em combinação. Berthelot, julgando que a inercia chimica do argonio podia ser só apparente, devida á pouca estabilidade dos seus compostos em temperaturas elevadas, propoz-se a provocar essas combinações pela influencia do effluvio electrico. Em uma primeira série de experiencias, feitas em março deste anno, com 37 c. c. de argonio que lhe enviaram Lord Rayleigh e Ramsay, observou que uma mistura de argonio e vapor de benzina soffre consideravel reducção de volume pela acção do effluvio durante algumas horas, formando-se gazes combustiveis, devidos á reacção entre aquelles corpos. A acção do effluvio é acompanhada de um fraco clarão violaceo; e em uma das experiencias formou-se, no fim de algum tempo, uma substancia fluorescente, que desenvolveu uma magnifica luz esverdeada e um espectro especial. Mas, por falta de argonio, não poude levar adiante seus estudos.

Em outras experiencias, feitas em abril com outra amostra do gaz (90 c. c.) fornecida pelo professor Ramsay, Berthelot estudou especialmente o espectro de fluorescencia da mistura de argonio e vapor de benzina sob a acção da centelha. As linhas desse espectro correspondem ás raias brilhantes do espectro do argonio rarefeito. Mesmo na pressão ordinaria, observam-se as raias do espectro de fluorescencia: o que Berthelot considera como indicio de uma combinação hydrocarbonada de argonio, da ordem do ethyleno ou antes do acido cyanhydrico.

Anteriormente o sabio francez comparara o referido espectro de fluorescencia ao da aurora boreal: reconhecendo que um estudo mais aprofundado desse *simile* poderá talvez permittir a explicação do enigma da aurora boreal pela producção de um derivado

fluorescente do argonio, devida á influencia dos effluvios electricos que se desenvolvem no seio da atmosphera, em condições physicas analogas ás de suas primeiras experiencias.

Mas de todos os resultados obtidos ultimamente, os mais notaveis foram as descobertas, que Ramsay fez, da presença do argonio em um mineral raro, chamado *clevita* ou *cleveita*, composto de oxydo de uranio, de chumbo e de diversas terras raras e da do *helium*, no mesmo mineral. Ora, o *helium* era um elemento desconhecido, hypothetico, ao qual se attribuia uma raia especial, amarella, do espectro solar. As circumstancias em que se deram esses importantes factos foram as seguintes:

Em 1891 Hillebrand, de Baltimore, assignalara naquelle mineral a presença do azoto, o qual se desprendia quando o mineral era tratado pelo acido sulfurico; e reconhecera que esse gaz e o oxydo de uranio achavam-se em proporções definidas.

Ramsay, na esperança de encontrar algum methodo para fazer entrar o argonio em combinação, mas achando excessivamente duvidoso que um corpo qualquer podesse dar azoto livre pela acção de um acido, tratou de estudar o gaz que se desprende nessa reacção. Depois de lhe ajuntar oxygenio e de sujeitar a mistura á centelha electrica, em presença de soda caustica para eliminar o azoto (experiencia de Cavendish), notou que este gaz constituia só uma pequena parte dos productos fornecidos pelo mineral *clevita*. O espectro do residuo gazoso, depois da acção da centelha, foi o do argonio, além de outro, attribuido ao *helium*. Reconhecida a existencia deste corpo e a do argonio, Ramsay trata presentemente de os separar.

H. Moissan, — o chimico que teve a gloria de isolar o fluor, fez tambem ensaios tendentes a obter a combinação do argonio com esse metalloide. Os resultados foram negativos: não o conseguiu, nem experimentando na temperatura ordinaria, nem pela acção da centelha de inducção. Verificou tambem que o argonio não se combina, em temperaturas elevadas, com o titano, o boro e o lithio, que têm, aliás, grande affinidade para o azoto, nem com o uranio, que, á vista dos trabalhos de Ramsay, parece estar combinado com o argonio no mineral *clevita*.

IV

Eis a historia, até hoje conhecida, desse interessante corpo chamado *argonio*.

Poucas considerações addicionaremos ao que acabamos de expôr.

Como dissemos, o argonio é considerado um corpo simples ou uma mistura de dois corpos simples.

Esta ultima hypothese é a mais sympathica aos autores da sua descoberta, ainda que só tenha como fundamento o caracter de dualidade do espectro, — caracter esse que aliás pertence a mais de um corpo simples; ao passo que a primeira hypothese está mais de accôrdo com as outras propriedades physicas bem definidas que citámos, entre ellas as que se referem á liquifacção e á solidificação do gaz.

A verdadeira razão dessa sympathia está no facto de não haver lugar para o argonio, considerado como um elemento de peso atomico igual a 40, no quadro da classificação periodica, de Mendelejeff. Ora, esta classificação é tão acatada pelos chimicos, principalmente depois das descobertas do gallio, do scandio e do germanio, os quaes encontraram seus lugares no quadro dos corpos simples, com os pesos atomicos e outras propriedades previstas, que os autores do argonio, á vista do facto a que nos referimos, chegaram a perguntar: « si a classificação periodica dos elementos é completa, ou si é impossivel que existam elementos que se não intercalem entre os que a compõem.» Mais ainda: no caso de ser esse gaz uma mistura de dois elementos, a classificação de Mendelejeff só permittiria collocal-os, si um delles tivesse peso atomico igual a 37 e o outro igual a 82: o que não se harmonisaria com o peso molecular do argonio, igual a 40, por ser preciso, então, admittir entre os dois elementos misturados proporções em desaccordo com os factos observados durante a liquefacção do argonio. Mas, apezar desse desaccordo, os autores do argonio, na Memoria em que deram conta dos seus admiraveis trabalhos, entram em considerações extremamente ousadas, de todo metaphysicas, para se extasiarem diante das propriedades que *teria* o elemento de peso atomico igual a 37, propriedades essas que seriam as do argonio!

Deixando este ponto, que constitue a parte fraca da Memoria de Lord Rayleigh e professor Ramsay, apenas diremos, a proposito desta questão de pesos atomicos, que em um projecto de classificação dos elementos chimicos, apresentado, mais no intuito de precisar as condições de uma verdadeira classificação do que no de a executar, — projecto esse publicado em 1883, em um humilde trabalho nosso, com o titulo «Apontamentos de Chimica», ha lugares para dois elementos metallicos a descobrir-se, — um, tetratomico, com o peso atomico = 12, como o carbono, e o outro, triatomico como o azoto e o phosphoro, com o peso atomico = 27.

Aguardemos novos estudos sobre o argonio. Por ora, é cedo para conclusões definitivas sobre a sua natureza: si é um gaz simples ou uma mistura de gazes simples. O que está fóra de contestação, quanto ás suas propriedades chimicas, é que, nas circumstancias em que se produzem as reacções dos corpos conhecidos, elle se manifesta inerte, recusando-se a associar-se a corpo algum.

Esta insociabilidade chimica explica porque, apezar de constituir o argonio 1 °/₀ do azoto que entra na atmosphera, sua existencia passou tanto tempo despercebida; e porque a sua descoberta não vem alterar as leis deduzidas dos phenomenos chimicos, que se passam no ar, interpretados á luz da composição, que desde 1775, foi attribuida por Lavoisier ao envoltorio gazoso do nosso planeta.

ALVARO JOAQUIM DE OLIVEIRA

AS ILHAS OCEANICAS DO BRAZIL

I — TRINDADE

A occupação inesperada de uma parte do territorio nacional por uma potencia européa tem chamado a attenção geral para a pequena ilha da Trindade, situada a perto de 200 leguas da costa. São numerosos os documentos publicados pelo governo a respeito da questão territorial, mas são mais do que insufficientes os dados sobre o aspecto physico da ilha.

Será nestas condições de interesse o verificar o que se sabe delle até hoje. O Brazil até agora neste sentido não se tem occupado com a questão e será conveniente agora explorar duma vez este territorio menos conhecido da Republica de modo satisfactorio.

São insufficientes tambem os dados que na literatura estrangeira encontrámos; das grandes expedições scientificas nenhuma examinou esta ilha, nem Darwin na viagem do *Beagle*, nem as expedições da *Novara*, e do *Challenger*. Esta ultima, porém, examinou as profundidades do oceano ao redor da ilha, verificando que ella está cingida de um banco submarino por grande extensão, tendo acima delle o mar a profundidade de menos de 200 metros. A area deste banco é bem grande, maior que a que se nota na circumferencia de Fernando de Noronha.

O primeiro e parece unico naturalista que visitou a ilha da Trindade foi Jopeh Hooker, celebre botanico inglez que de 1839—1843 acompanhou o capitão James Ross na sua expedição antarctica e depois fez muitas outras viagens que foram tão cheias de successos que quando em 1851 voltou para a Inglaterra trouxe comsigo perto de 6000 especies novas de plantas descobertas e em

grande parte mais tarde descriptas por elle. A obra mais notavel publicada por este investigador eminente é a *Botany of the antarctic voyage* (1844-1860) tratando em tres partes a flora antarctica, a flora da Nova Zelandia e a da Tasmania. E' notavel que formaram estes estudos a base para a theoria defendida por Hooker da extensão antiga de territorios hoje submersos no oceano antarctico e que ligaram a ponta meridional da America do Sul com a Australia e a Nova Zelandia. Esta theoria sobre a geographia antiga do globo durante parte da época mesozoica e no principio da época terciaria foi quasi esquecida em vista da influencia que exerceram as idéas de Wallace, e só agora é que estas vistas, cheias de erros graves, começam a ser discutidas com mais critica, pela qual são revalidadas as exposições theoricas de Hooker.

Outra obra que trata da flora da ilha da Trindade é a parte respectiva da grande obra da expedição do *Challenger*, a saber a obra de Hemsley *Botany of St. Paulo rock, Fernando Noronha, Assension, South Trinidad, etc.*, London, 1885. Não dispondo destas publicações é pelo momento pouco o que do seu conteúdo posso utilizar. A ilha passa por ser de origem vulcanica, difficil, accessivel, medindo 3 milhas sobre 1 ½ e elevando-se até a altura de 2020 pés. Wappaeus diz que foi descoberta em 1506 por Tristão da Cunha, que tem agua, que porém já diminuiu sensivelmente, e que já desappareceram as arvores que antigamente cobriram as partes mais altas da ilha, ajuntando que ha certas plantas de cultura como silvestres e que existem coelhos e cabras tambem em estado selvagem, visto que não ha moradores.

Isto faz-nos crêr que aqui como na ilha de Santa Helena foram as cabras que acabaram com as arvores, comendo os brotos novos. As poucas plantas que ainda existem correspondem ás que se encontram tambem nas outras ilhas oceanicas de condições iguaes. E' notavel entre ellas uma cyperacea: *Cyperus brunneus* Sow (*atlantico* Hemsl) que Hooker trouxe da Trindade e que foi encontrada tambem nas ilhas Antilhas e em Fernando de Noronha, faltando, porém, no Brazil.

Nada me consta a respeito da representação do reino animal na ilha da Trindade. Um jornal fala em guayamús que são numerosos na praia (o nosso guayamú é *Cardisona guanhumi;* Latr.,) na qual são abundantes as ossadas de cetaceos. Não me consta si tem

camadas de guano como Fernando de Noronha. Em caso affirmativo valia a pena explorar essas camadas, colleccionando tudo que se encontra nellas de ossos, dentes, conchas, caracóes, insectos crustaceos, e restos vegetaes. Seria o mais valioso archivo para a reconstrucção da antiga flora e fauna. Não conheço publicação alguma sobre a fauna desta ilha, mas é provavel que na immensidade da literatura exista escondida uma ou outra observação. O que assim me faz crer é o facto de Edgar Smith do *British Museum* num artigo publicado em 1881 nos *Proceedings* da sociedade zoologica de Londres mencionar duas conchas marinhas da Trindade: *Hippenyx antiquatus* L. e *Nevita ascensionis* Gm.

Ambas são encontradas tambem nas ilhas de Ascenção e Fernando de Noronha, a primeira tambem nas Antilhas e no Oceano Pacifico em Santa Helena. Parece que estas conchas foram colleccionadas durante a viagem do cruzador inglez *Alert* ao estreito de Magalhães.

Estes factos convidam-nos a comparar a ilha da Trindade com outras que estão mais ou menos nas mesmas condições e que me parecem fornecer a maior somma de analogias, as de Ascenção e Tristão da Cunha. Creio que o grande geographo Wappaeus enganou-se dizendo que a ilha de Ascenção ou Trindade foi descoberta em 1506 por Tristão da Cunha, affirmação que achei tambem no *Diccionario encyclopedico* de Lacerda. A que foi descoberta em 1506 é Ascenção, que é um pouco maior do que a Trindade, sendo habitada.

A ilha de Ascenção situada a 8° de lat. S. tem uma vegetação pouco luxuriosa, devido ao terreno pedregoso e arido. O morro mais elevado é coberto de gramineas e de fetos, apresentando esta ultima familia entre nove especies tres endemicas, isto é, que só encontram-se nesta parte do mundo. São endemicos tambem dois arbustos: uma rubiacea (*Hedyotis ascensiones*) e *Euphorbia origanvides*. Uma campanulacea (*Wahlenbergia linifolia*) existe tambem em Santa Helena. Wallace é de opinião que erupções vulcanicas têm destruido a antiga fauna.

A ilha de Tristão da Cunha situada entre o cabo de Horn e o cabo da Boa Esperança é vulcanica tambem, mas elevando-se até a altura de 7.800 pés. A area total é mais ou menos a de Santa Helena, com 2 leguas quadradas. Ha chuvas abundantes e quasi

por todo o anno. A humidade do ar e a temperatura moderada pouco variavel favorecem muito o desenvolvimento dos fetos, cujo numero quasi attinge o dos phanerogamos. Um dos fetos tem o tronco lenhoso. Arvores altas não existem, devido a intempestuosidade da atmosphera, mas o *Phylica arborea* cresce até a altura de 20 pés. Parte das plantas corresponde ás da Africa do Sul, outras a typos sul-americanos.

A fauna contém tres passaros singulares e caracteristicos: um papa-capim, um sabiá e uma gallinha-d'agua, esta ultima de azas molles que não servem para voar. E' pouco provavel que este passaro viesse por qualquer acaso á uma ilha tão isolada e muito menos ainda poder-se-ia recorrer a uma hypothese tão ousada para explicar a presença de duas especies de caracóes do genero *Baleia*, genero que existe na actualidade só na Europa, sendo pouco provavel que em verdade as conchas da ilha de Tristão da Cunha pertençam ao mesmo genero, no qual se collocou antigamente tambem as Meyaspira do Brazil.

Seja como fôr estes caracóes são uma prova eloquente a favor da hypothese que antigamente existiu uma ponte no mar Atlantico ligando estas ilhas com o continente, continente este de formação cretacea e eocenea que propuz se chamasse Helenis, visto que a ilha mais interessante que delle fez parte é a ilha de Santa Helena. Ali não só encontramos em boas condições a fauna terrestre, mas sabemos tambem pelas conchas fosseis que se tem encontrado e que antigamente houve mais especies, entre ellas umas do genero Bulemus que muito tem excitado o interesse dos naturalistas. A rica flora antiga da ilha está extremamente reduzida pela acção das cabras.

Não podemos extranhar ser tão pobre a fauna e a flora duma parte continental de ha muito isolada, pois successivamente estão se acabando generos e especies, sem que typos novos possam entrar. Temos de fazer excepção neste sentido das plantas e animaes introduzidos de proposito ou accidentalmente pelo homem, como baratas, moscas, formigas, minhocas, lesmas e outros.

Passando em revista o que estes estudos nos deram de resultados, temos de notar: que actualmente no Oceano Atlantico não existe outra ilha tão insufficientemente conhecida quanto á sua natureza como a da Trindade e parece chegado o momento em que o

governo federal, fazendo valer os seus direitos antigos nesta ilha, tambem devia evitar esta lacuna, mandando explorar de modo satisfactorio e por naturalistas competentes esta parte do territorio nacional, que embora de pouco valor real, não é destituida de interesse no sentido scientifico e que talvez com os progressos da engenharia no futuro seja possivel tornar um ponto util para a navegação e o commercio.

Dr. H. von Ihering

BIBLIOGRAPHIA

31.—Como me tornei Kneippista. Breve exposição dos processos e applicações do novo methodo therapeutico e hygienico do Padre Sebastião Kneipp, cura de Wœrishofen (Baviera) por Jorge Palmer. Rio de Janeiro, Laemmert & C., rua do Ouvidor 66, 1895.

Sob o pseudonymo de Jorge Palmer, conhecido e laureado homem de letras compendiou e resumiu o grosso livro do padre Sebastião Kneipp *Meine Wasserkür* meu tratamento pela agua. A exposição clara e intelligivel dos processos de Kneipp feita por Jorge Palmer torna accessivel ás mais communs intelligencias o methodo de tratamento do cura de Wœrishofen. Ha porém ainda mais neste livro muita cousa original,—observações interessantes da applicação do tratamento de Kneipp entre nós, além de considerações e reflexões sobre diversas molestias. —por onde se vê que o autor apezar de profano manusêa livros de medicina, conhece-lhe a terminologia e mostra-se ao par dos progressos da sciencia de Hippocrates. O emprego da agua como meio therapeutico é conhecido desde a mais remota antiguidade. Os hebreus, scitas, medas, etc., usaram da agua para curativo de diversas molestias e Hippocrates no aphorismo 25 da Secção 5ª consigna que « os tumores e as dôres sem ferida, nas articulações, a gotta, as rupturas musculares são geralmente alliviadas por abundantes affusões de agua fria, que diminuem a tumefacção e amortecem a dôr : um entorpecimento moderado tem a propriedade de disipar a dôr. »—No methodo de Kneipp ha ,porém, muita innovação e o seu modus faciendi diverge em muito dos hydrotherapeutistas anteriores. As diversas maneiras das affusões, o andar sobre a relva orvalhada, sobre a neve, sobre o chão molhado, na agua corrente, etc., são processos até então nunca empregados como meio therapeutico. Para o padre Kneipp quanto mais nos cingirmos á natureza, melhor andaremos—*natura duce nunquam errabimus* no dizer de Cicero. A parte algum exagero, não é menos verdade que as nossas crianças do campo, que levantam-se pela manhan e vão de pés descalços percorrer os pastos e brincar nos rios e corregos com agua até os joelhos, são muito menos sujeitas ás bronchites, anginas, etc., e muito mais robustas

e coradas do que os meninos calçados com meias e sapatos e que vivem encerrados em casa, por que seus pais se arreceiam de qualquer ar ou vento. Não é menos certo, porém, que contribue muito para a boa saude daquellas o ar puro e mais oxigenado do campo, assim como uma alimentação mais sadia—Em geral o alimento delles é constituido por mingaus feitos com fubá, banha de porco, sal e um pouco de alho.[1]—Não vemos nós todos os dias nos nossos cortiços crianças de pés no chão sobre a calçada molhada, entretanto palidas e macilentas com o ventre tympanico e proeminente, as pernas finas, o nariz a escorrer?... O aleitamento artificial a principio, ao qual só 40 °/o resistem, e depois uma alimentação composta de mingaus assucarados, os doces, as balas e sobre tudo o mal cozido pão que se encontra na mão da maior parte das crianças desta cidade, as reduzem aquelle estado de miseria organica paroxima do rachitismo. São candidatos a tuberculose, meningite, etc.—Si no tratamento das molestias os meios hygienicos devem sobrelevar os da pharmacia, o methodo hydroterapico de Kneipp tem importancia transcendente, revigorando o organismo, activando a circulação, fazendo o liquido vivificador penetrar e percorrer todas as partes do corpo humano, provocando reacções salutares no estado de *meiopragia* dos orgãos, na frase de Potain, d'aqui a cura das paralysias e de tantas outras molestias, maxime daquellas devidas a um *retardamento* da nutrição como diz Bouchard. Mas a attracção sympathica que exerce sobre nós o systema de Kneipp é antes motivada pela sua simplicidade e racionalidade do que pela noticia da grande concurrencia á aldêa de Wœrishofen. Além de que nestas cousas de medicina como em muitas outras influe sobre maneira a moda, nós sabemos e conhecemos a fraqueza da humanidade soffredora e si *parva licet componere magnis*, não viamos accorrer ás barcas da Praia Grande centenas e centenas de pessoas de todas as classes sociaes (até senadores do imperio) a consultarem o famigerado caboclo?...— Uma cousa que resalta deste livro e que é transumpto da obra de Kneipp é a fé viva na curabilidade de muitas molestias pela agua; é esta fé, esta crença na sua arte que os medicos devem possuir; dominados pela tyrannia do laboratorio, fascinados pela subtileza de diagnostico esquecem-se que a medicina é antes de tudo a *ars medendi* e que o seu fim principal é *ante omnia cura*. O livro de Jorge Palmer além de um verdadeiro formulario sobre o modo de usar-se da agua contém preceitos sobre o que em pathologia geral denomina-se *circumfusa* isto é, o ar athmospherico, luz etc., uteis noções sobre diversas plantas medicinaes a respeito das molestias em que são empregadas. No artigo *gesta* trata do repouso e do movimento; e quanto ao *ingesta* estende-se proficuamente acerca do regimen alimenticio—Sabe-se quanto no tocante a este assumpto tinha sido descurado este factor importante até certo tempo, e que importancia readquiriu elle depois dos trabalhos de Dujardin Beaumetz, Bouchard e outros,—pois bem, são verdadeiramente sans as noções que o autor expendeu a respeito deste ponto. Neste artigo um preceito de Kneipp sobrexcede a todos os outros e que eu aqui reproduzo ao terminar estas ligeiras e despretenciosas considerações, agradecendo ao A. o serviço que prestou aos brazileiros com a divulgação do processo de Kneipp.—Não bebais sinão agua pura, nem vinho, nem cerveja, nem alcool sob forma alguma.—Só com a obediencia a este preceito curaremos algumas molestias, entravaremos a marcha de outras e evitaremos um sem numero dellas.
—Dr. Fortunato Duarte

---

[1] Li algures que o acido alilico que contem o alho, não só é um vermifugo excellente, mas tambem é preservativo da tuberculose.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico: — « TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO — ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

UNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** fferece as maiores vantagens sem impôr res-ricções algumas com respeito a occupações, re-idencias, viagens ou causas de morte, se as ondições do proponente estiverem satisfactorias ıa época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço mi-itar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **eja como voluntario,** a Companhia pagará seguro integralmente mesmo no **primeiro ınno.**

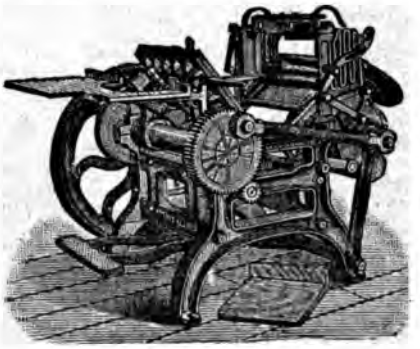
A. Hasselmann

GERENTE

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER — (Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

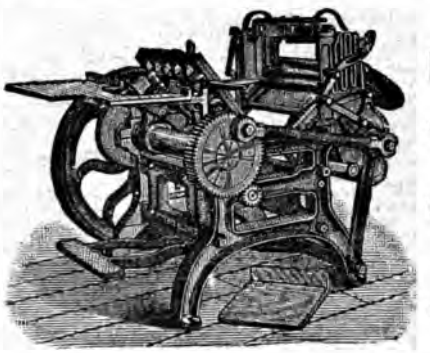
Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRUDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo, Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda, 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 4$000

Multicôres por Heitor Guimarães, 1 volume ricamente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1871, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta, 1 vol. de 250 paginas, brochado 3$, enc. ..... 1$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com folhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1264 de 11 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado, 1 volume brochado ..... 1$000

Roteiro dos officiaes de Justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os autos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Autran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 43 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. broch. 4$, enc. 5$000

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente*.

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

*As assignaturas pagam-se na casa editora, **rua do Ouvidor 66**, na **Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93**, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral de nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

AVISO

A administração da *Revista Brazileira* declara aos Srs. assignantes que o serviço da distribuição da *Revista* é feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado e que si faltas ha ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede aos Srs. assignantes sirvam-se communical-as ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da *Revista* pela entrega, quando não houver sido previamente avisada.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de mandar pagar as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da *Revista*.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO — TOMO III 17.° FASCICULO 1 DE SETEMBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Joaquim Mironga**, por **AFFONSO ARINOS** 265

II. **A Instrucção Militar no Brazil**, pelo Major **PEDRO IVO**, do Estado Maior de Artilharia 276

III. **A Sciencia da Historia** por **FAUSTO CARDOSO** 295

IV. **As Aves nadadoras do Brazil**, (*conclusão*) pelo Dr. **EMILIO A. GOELDI**, Director do Museu paraense. 310

V. **Noticias de sciencias, letras e artes — A Iconographia no Brazil**, por **R. VILLA-LOBOS**, da Bibliotheca Nacional. 320

VI. **Bibliographia**. 324

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

JOAQUIM MIRONGA

(TYPO DO SERTÃO)

— « O sol estava querendo sumir quando eu encostei a porteira. Pulei da sella e amarrei no moirão o ruço pedrez—bicho malcriado, reparador, mas de espirito. No lombo desse pagão eu comia doze leguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, puz a mira no alpendre e não vi ninguem.— Uai, Joaquim, ahi tem cousa!—Entrei bem subtil, reparando duma banda e outra.

« Patrão velho, na hora em que eu estava arreiando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo:—Olha lá, Mironga, não me vás sair um perrengue!

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entro lá dentro. Vossemecê ha de vêr, com o favor de Deus ».

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa,—disse um caboclo meão, de chapéu de couro e sugigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o liquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz, uma passagem bem feita com algum garrote bravo. A varanda era comprida, defendendo-a do mau tempo a grande cimalha, apoiada em columnas de madeira lavrada. Presas a estas, duas ou tres redes, tecidos de seda de burity, embalavam o somno da camaradagem, que ruminava o jantar depois de um dia fadigoso, em que o gado na verdade dera que fazer.

Demais, esse gado de beira rio Preto não era caçoada. E nesse dia, no cerrado do Piriquito, os vaqueiros toparam uma rez alevantada, que fez o diabo.

Mas, o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapaziada na vespera de qualquer trabalho mais difficil.

Para o dia seguinte o patrão tinha marcado uma campeação no cerrado do Garapa, onde havia um cambaúbal de metter medo. E as rezes velhacas sovertiam-se lá dentro, que só mesmo o capêta podia com ellas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fóra, atiçava o fogo e pegava a contar casos, a passar em revista os successos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gozava junto do patrão.

— « Como ia dizendo, encostei a porteira ao batente e entrei subtil.

« O pateo estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da éra de quarenta e dois. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque elle dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro sem perder de vista a casa do retiro onde estava a familia. Eu não lhe deixava a costella: vivia rente com elle para o que désse e viesse, porque, Deus louvado, nunca me desprezou, e nós da familia servimos até á morte a gente do patrão, isso desde meus velhos.

« Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Elle era homem de opinião e não fugia assim com dois arrancos. E demais disso a patrôa estava chegadinha a ter menino, esse pedação de moço que vocês vêem aqui hoje—Sô Néco.

« Um dia, nós já tinhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Egua, olhando pelo caminho afóra, eu enxerguei uns cavalleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o lugar e desconfiava de alguma cousa. Subi arriba e mostrei os cavalleiros ao patrão.

— Aquillo não é sinão escolta e é para prender vossemecê.

« Para que falei, meu Deus! foi uma trabusana levada em casa. A patrôa tomou um susto muito grande e desandou a chorar; as mucamas trançavam pelos quartos, correndo.

« Com pouca duvida, acenderam o cirio bento junto da imagem do menino Jesus e a patrôa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não saiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

— « Hoje é dia!—disse eu cá commigo.

« Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte saiu para fóra. Qual, gente! nem eu gosto de lembrar desse tempo!

« Sô moço, Sô Juca, filho mais velho do patrão, ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado, Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que elle não quizesse esperar na ponta da vara, nem cavallo chucro de que elle não quizesse tirar a nica. Ia já beirando pelos dezeseis annos, mas não mostrava.

« Oh! meu S. Sebastião, advogado dos afflictos! quando me acóde á lembrança essa éra amaldiçoada, sinto a modo de um travo na bocca. »

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéo, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e concertando-se nos lugares, murmurava:

— Esse Joaquim é da pelle, é da pelle do diabo! Elle já tem visto cousas!

« Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toradas de madeiras de lei. Aquella segurança toda era por não deixar o gado romper, quando investisse na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambellando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo. A soldadesca era toda de cavallaria, mas não era gente curraleira e por isso não conhecia nossas batidas. Não foi custoso mitrar áquelles diabos. E esse rio Preto— bem eu gosto delle!—foi a nossa salvação. Elle passa nos fundos da fazenda, fechando uma manga de potros separados das eguas.

« Anoitecemos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro ganhamos uma trilha pela manga abaixo — eu, patrão, patrôa, meninos, mucamas, toda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, rebentando as pipocas toda a hora.

« Você lembra, Pio, daquella canôa em que o patrãosinho caçou anta rio abaixo?

— Ora! pois então!?

— « Foi nella mesma que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Bazilio no remo. Quando chegámos do outro lado, adeus escolta! Não havia ponte, nem váu. Si elles quizessem nos perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canôas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

« Ganhamos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pousamos num retiro da outra banda, a duas leguas do rio.

— « Até elles passarem tambem, temos tempo—dizia commigo.

« Sô moço, Sô Juca, desde a hora da saida ficou meio esturdio, sempre de cara fechada. Elle tinha teimado muito com o patrão velho, querendo ficar. Dizia que aquelles demonios de caramurús não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dois tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com elle e não lhe tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brinquedo e que si não lhe tivesse mão era bem capaz de voltar para a fazenda a puxar briga com os caramurús da escolta.

« Arranchamos no retiro e a familia toda acommodou-se como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquella redondeza. Nisto, as cousas principiaram a apertar.

« A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda depois de uma resistencia grande. Quem poude fugir, fugiu: o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno já tinham carneado muita rez boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas cousas chegaram ao conhecimento do patrão e o fizeram ficar irado. A patrôa ia tendo mão nelle todo o dia, porque elle virava, mexia, d'aqui p'r'ali, e falava sempre em acabar com aquillo de uma vez, morrendo ou dando uma lição áquelles excommungados.

« Ha muita gente traiçoeira neste mundo, como vôcês sabem. Um desalmado desses, que Nosso Senhor já chamou a si — Deus te perdôe! — deu denuncia do retiro onde estava o patrão. Com pouca duvida nós soubemos que na Tapera, a umas quatro leguas

do retiro, estava se ajuntando um magote de caramurús para virem prender o patrão. Esses diabos tinham uma sêde na gente do patrão, porque diziam que elle fôra o rebelde mais destemido destas beiradas.

« Patrão ficou meio desatinado de raiva. Quiz por toda lei dar caça aos caramurús, mas a patrôa ficou de tal modo, que nós estavamos vendo a hora em que ella caía para traz, morta. Por isso, o patrão não teve outro remedio sinão ir tenteando, como Deus ajudava. Vendo que nós eramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, elle me chamou a um canto e disse:

— « Joaquim, eu fiz tenção de não cair nas unhas daquelles diabos e de não ir parar na cadeia. Mas, as cousas estão muito feias. Si não fosse a dona... Olha: disfarça de qualquer geito e entra na Tapera assim como quem vai de passagem. Assumpta bem e apanha as tenções delles. Vê quantos são, si estão bem armados... Tu não és tôlo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que elles pretendem para nós podermos desmanchar a esparrella...

— «Vossemecê me conhece, meu amo. Fique socegado. Eu arranjo as cousas.

« A conversa ficou ahi.

« Commigo não se precisa de muita explicação.

« Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Puz dentro della polvora, chumbo grosso e uma bucha de paulista. Num bolsinho de dentro guardei um pedaço de fumo e palhas. — « Estou prompto »— ia dizer quando dei com os olhos no Moysés, meu clavinote, que dormia enferrujado no canto. Pareceu-me que o pau de fogo falava— « tambem quero ir, Joaquim »— Eu lhe fiz a vontade.

« Areei a arma bem areadinha, limpei-lhe os ouvidos, puz uma pedra nova em baixo do cão e carreguei-a. Ali por perto havia um jambeiro com frutas; apanhei uma e, depois de escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar, lá em cima, metti a arma á cara e fiz fogo: a fruta espatifou-se toda.

— « Está bom, sô Joaquim, disse commigo, você está meio turuna na pontaria! Isto é que serve.

« Amarrei o clavinote nos coldres da sella, apertei bem o pedrez, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da

sella um pellego bom e apertei de novo o pedrez com a sobre cinxa.

« Do arma de fogo eu não gosto muito, mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, peior do que uma azagaia, essa eu não deixo! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amollado.

« Esse arranjo todo pouco durou.

« Apalpei por ultimo meu rosario do pescoço e pulei no lombo do pedrez.

« Eta, mundo! Chegou a hora!

— « Só moço, só Juca andava farejando esse negocio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós para ver se apanhava alguma cousa. O menino mordia os beiços, arrancava os cabellos, esbravejava, fazia tudo para saber, porque elle queria ter uma embarruada com os caramurus. Eu nunca vi mocinho assim.

« Uma cousa me dizia que esse menino ia fazer alguma.— «Hei de ir! hei de ir! falava elle, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda.

« Hei de ir!

« Vosseme[illegible] não vai nhinhã, porque meu amo não quer.

« Elle desconversou e sumiu.

Quando eu já estava longe, ouvi um trupel de cavallo atrás de mim. Era se moço que vinha num cavallinho castanho carêta, correndo que nem um veado. O mocinho vinha debruçado pra frente, de rédea bamba e o cavallo parecia que nadava a barriga no chão na corrida.

« Ne[illegible] se moço já vinha o cavallo primeiro escondido. [illegible] as rédeas. Não foi preciso mais nada.

[illegible] Nossa Senhora, como é que está para ser!

[illegible]

« [illegible]

« [illegible] a disposição do menino [illegible] a minha menina dos olhos.

« [illegible] pensei em:

«não tive culpa da vinda delle. Si elle veiu, é porque gosta devéras deste mulato velho.»

— Está bom nhonhô, vossemecê agora me ha de ouvir. Quando chegarmos á Tapera, quem entra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado ali por perto. Si os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então vossemecê dá de redeas p'ra trás e toca a bom tocar até chegar a casa para avisar a meu amo.

— « Has de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora.

« Com pouca duvida entramos em terra da Tapera.

— « Póde ter algum espia por ahi, meu patrãosinho. Vamos cortar pelo cerrado afóra e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista; enganamos os diabos porque elles ficam pensando que somos viandantes saidos do Vão.

— « Assim fizemos.

« Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapera, eu fiz Sô moço entrar num capãosinho de mato e ficar ahi amoitado. De lá elle via a casa e o curral da frente.

« Entrei, como já contei, sem ver ninguem. Subi a escada e gritei:—O' de casa! — Uma porta abriu-se e um caboclo de beiço rachado appareceu, respondendo :—O' de fóra! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité.

« Entrei e vi na sala de fóra passante de vinte pessoas; uns agachados, outros de pé, os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tórnos. Os homens me repararam de baixo pr'a cima, de cima pr'a baixo, me estudando.

— « Ainda que mal pergunte, quem é você, rapaz? disse com mau modo um sujeitinho bexigoso, com os cabellos já pintando.

— « Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão, perto do arraial de Morrinhos e vou buscar um sal á cidade. Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atraz e deve chegar nestes dois dias.

— « Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença?

— « Mas, meu patrão, manda quem póde. Não estou fóra disso.

— « E si eu te segurar aqui?

— « Póde que fique seguro; mas, hei de porfiar por sair e — quem porfia mata caça.

« Eu fiquei activo, correndo os olhos nos homens e chegando de vagarinho para a porta. Já tinha na mente o jogo que havia de fazer com aquelles diabos.

« O homem esteve, esteve, esteve... Depois, encruzou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse:

— «Tu sabes alguma cousa desses chimangos por ahi?

— «Meu patrão, eu sou de longe; estou muito fóra disso. Tenho ouvido rosnar uma cousa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo.

« Mal tinha acabado de dizer isso, quando appareceu de repente na porta um fula magricella, por nome Anselmo. Esse desavergonhado tinha trabalhado junto commigo uns dias, numa arribada de gado, quando eu fui levar uma boiada do patrão á Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse:

— «Aqui, Joaquim? Você já largou o sargento-mór (era meu patrão)? Que diabo de cousa traz você cá?

« Não foi preciso mais nada. Só Chico Duarte, capitão daquelles jagunças, gritou logo:

— «Então, maroto, tu querias me lograr, eim? Péga esse cabra ahi, minha gente!

« A cousa ferveu logo.

« Anselmo fez menção de me agarrar num pulo.

« Eu tinha deixado meu clavinote amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fóra. Voei logo á porta. Quando Anselmo me quiz abotoar, eu juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o á parede. Isso tudo foi assim—zás! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sella do pedrez. O matungo estremeceu debaixo dos arreios e, bufando forte, largou na carreira. Curvei-me sobre o pescoço do animal e gritei-lhe ao ouvido—« Upa, meu pedrez! salva teu dono! » Bichinho fiel! A porteira não era alta e elle voou por cima della, caindo do outro lado.

« Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens, atirando das janellas e do alpendre meu vulto que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para traz e acenando-lhes com a mão, gritei:—Até logo, meu povo!

— « Ahi, uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alerta. Os caramurús tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando; acudiram logo.

ua nova, na barra do céu, allumiou um vulto de caval-
crescia para mim na carreira. E mais outro e outro.
cavalleiro, cruzando na minha frente, gritou:
Pára ladrão, que eu te faço comer terra já!
torci o cavallo, colhi a vara de ferrão e peguei o homem
da pá. Elle deu um urro e escangotou. Seu cavallo,
ıado, correu p'r'uma banda. Não vi si o homem caiu,
u pouco da chuçada. Cheguei as esporas no vasio do
oguei-o para a frente, á disparada.—Que é de Sô moço?
delle? onde estará agora?—Topei um redomoinho de
s diante de mim. Chegando mais perto, vi que eram só
pelejavam e ouvi a voz de Sô moço Sô Juca, dizendo:—
n, caramurús do inferno!—Meu cavallo passou rente do
piquei com o ferrão a anca do castanho carêta, que es-
r ali fóra com Sô moço, na horinha mesma em que
n tiro de bacamarte.
meio do tropel da corrida me pareceu ouvir perto de
gemidosinho. Olhei para os lados e vi Sô moço empa-
mmigo.—« Não é nada »—pensei. E corremos e corremos
ıeia legua.
nte, num escampado—ninguem nos perseguia mais—eu
noço e reparava que Sô moço estava calado. Não extra-
...
subia e, pela beira dos capões, os peixes-fritos can-

diante, na descida de um corrego, eu voltei para Sô
em tom de brinquedo:
feia a cousa, eim? Mas nós não somos caçoada de

lisse elle có a vozinha sumida.
r um tópe, me pareceu que elle esbarrou o cavallo.
que vossemecê tem?

oque o animal.
ndo...
ıco, elle andava penso p'r'um lado, meio envergado,
a curtindo uma dor muito grande.
ndo-me para elle, disse:

— « Conta, meu sinhosinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo.

« Elle endireitou o corpo logo, respondendo:

— « Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro?

« Fomos embora.

« Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As folhas e os gravetos do chão subiam em revoada, nossos cavallos, abicando as orelhas p'r'a frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

« Tinhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta; no meio, um murundu fazia a trilha acotovellar para dar passagem aos cavalleiros. Quando o animal de Sô moço torceu de repente para voltear o murundú, eu vi Sô moço cambalear. Dei um arranco e amparei-lhe o corpinho franzino, puxando-o fóra dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sella. O castanho, solto, correu na frente.

« Quando Sô moço debruçou sobre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me saiu dos ouvidos e me corta até hoje o coração—« Está doendo, Joaquim!... » Eu me apeguei com Senhora da Abbadia do Muquem e bradei alto:

— « Santo do céu! tem dó de nós!

Sô moço deu mais um gemidosinho, muito fraco. Parecia um carneirinho novo, sem mãi, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor... »

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda como a das enxurradas que tombam, guéla a baixo, nos socavões da serra

Nenhum campeiro mais recostado.

Todos, de pé, apertavam-se ao redor do Mironga, estendidos os pescoços, os semblantes mal assombrados pintando-lhes os sentimentos da alma.

— « Quando eu segurei Sô moço por baixo dos braços para tiral-o da sella, senti as mãos molhadas. Apalpei, e reconheci que não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue!... »

Erecto no meio dos companheiros, o capataz daquelles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos offegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro aceso avermelhava aquelles rostos, que formavam circulo ao redor do Mironga; todos mudos, attentos, como os

guerreiros das tribus barbaras ouvindo ao chefe valente as peripecias dolorosas da peleja recem-ferida.

— « Excommungados, malditos caramurús! Ficaram satisfeitos os demonios e não boliram mais com o patrão... »

Fóra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

A's interrogações de tantos olhares, de tantas boccas semiabertas, Joaquim Mironga respondeu com estas ultimas palavras, apontando para o céu, recamado de estrellas:

— Lá, naquelle campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miúdo...

AFFONSO ARINOS

A INSTRUCÇÃO MILITAR NO BRAZIL

A proposito dos acontecimentos occorridos em nossa patria desde o dia 15 de novembro de 1889 para cá, os quaes têm transformado profundamente os habitos politicos e administrativos da nação, muito se tem dito, em tons diversos, em relação ao comportamento do nosso exercito.

Não pretendemos analysar o seu procedimento em toda essa notavel e fecunda phase da nossa vida publica. Tambem não queremos accentuar qual foi a sua verdadeira funcção, os intuitos generosos que o arrastaram a uma empreza arrojada e aventurosa e incompativel com a sua indole institucional, como foi essa da nossa transformação politica, por elle emprehendida e levada a effeito. Tambem não descriminaremos aquillo com que entrou de alevantado, de ideal, de puro, do que appareceu, consciente ou inconscientemente, de chato, de acanhado e de ambicioso. Não falaremos desses *jongleurs* politicos, que foram aos quartéis, ás escolas, aos arsenaes, ás fabricas de guerra, aos acampamentos de manobras, ás tendas, aos polygonos de tiro, ás repartições dos serviços de administração, fazer propagandas subversivas da ordem publica, angariar proselytos, perverter intenções puras, desassocegar espiritos simples, mas que viviam serenos e rudes, no doce paraiso de sua obscuridade respeitosa e feliz.

Não vamos aqui fazer critica politica, vamos, ao contrario, tratar de um assumpto profissional.

Mostraremos que a instrucção militar, entre nós, é mal organizada, mal dada, e peior aproveitada, sendo esse o mais poderoso

motivo porque o official, sabendo mais do que precisa saber para o seu verdadeiro destino social, e não encontrando dentro de sua profissão onde applicar o seu espirito de scientista avido de actividade e de exhibição, — deixa de ser soldado, para ser politico e publicista.

I

A instrucção militar é uma instrucção profissional especialissima, e, portanto, deve ser organizada tendo sempre em vista uma tal consideração.

A organização de um ensino profissional qualquer, em um paiz dado, é forçosamente, uma funcção directa da instrucção publica. Napoleão primeiro, já dizia « *Un État n'acquiert des officiers « capables qu'en soignant l'éducation publique et en protégeant les sci- « ences dont le resultat s'applique à la guerre, à la marine, comme aux « arts, à la culture des terres, à la conservation des hommes et des êtres « vivants* »

Não póde, pois, a instrucção escapar á essa lei de organização social, como a outras, como ella tão fatal, em virtude das quaes, as nações e as sociedades só possuirão os exercitos que merecerem, pelo seu grau de cultura intellectual, affectiva ou moral.

Não é com grande facilidade e sem enormes sacrificios, que se póde dar a uma sociedade de ignorantes, de vadios e irreverentes, um exercito instruido, activo e disciplinado. Na Allemanha, na Russia, na Austria, onde a instrucção publica é completa e profusamente disseminada pela grande massa da nação, e em que o espirito de obediencia, de ordem e de respeito ás gradações é uma realidade, torna-se facilimo a organização do ensino militar. Já não acontece o mesmo em França, Italia e Hespanha, onde ha mais ignorancia, espirito de revolta e anarchia contra a ordem publica.

Pela origem ethnica, pela filiação de idéas, por indole, por temperamento, por educação e até por convivencia e aproximações nos parecemos mais com as segundas, do que com as primeiras nações citadas. Além disso, em todos os paizes do velho mundo, estando em pratica, na legislação, o principio do serviço obrigatorio para todos, os

recrutamentos são amplos, estendem-se até ás mais variadas categorias da nação, sendo que, por isso mesmo, trazem para as fileiras do exercito gente instruida e moralizada, a par dos ignorantes e máus, ao contrario do que acontece entre nós, que ainda nos alimentamos com o velho *recrutamento* forçado e odiento, disfarçado em um voluntariato immoral, indigno e degradante, até certo ponto.

Basta olhar para uma lei de recrutamento em qualquer uma dessas nações, e estudar as isenções por habilitações de ordem intellectual, para ver que pessoal escolhido e vigoroso póde recrutar uma nação para defender a sua honra. Ora, é muito mais facil organizar um systema de instrucção militar para gente que já vem sabendo alguma cousa, com habitos de disciplina e respeito, e com alguma educação civica, do que para gente que vem mal sabendo ler e escrever, ou analphabeta, revoltada e predisposta a reagir contra toda a noção de ordem, em consequencia da falsa noção de dignidade que recebeu.

Entretanto, os exercitos precisam ter a mesma instrucção em umas como em outras nações, sejam elles de centenas de milhares como o francez, ou de simples dezenas como o nosso.

Em toda parte o soldado precisa ter a comprehensão nitida de qual é a sua missão social, qual o seu dever para com a patria, qual é a confiança que na sua honra, nos seus brios, no seu comportamento, emfim, deposita o resto da sociedade, que nelle vê a garantia da ordem no interior, da integridade territorial, da desafronta e perpetuação da honra da patria no exterior, cousas que nunca poderá fazer sem uma boa educação moral e civica.

E elle precisa ficar sabendo tambem, que fez de sua pessoa, do seu eu, um grande sacrificio á nação, sujeitando-se á especiaes regimens de repressão, immolando a sua vontade, o seu livre arbitrio, o seu amor proprio, as suas mais elevadas ambições, e que só da observancia do espirito das ordenanças, sairá apparelhado para bem cumprir com esse sagrado dever, pelo respeito e amor aos seus superiores, camaradas e subordinados, preceitos esses que necessariamente, só poderá receber, depois de uma instrucção disciplinar, na altura do seu tempo.

A guerra, em todas as épocas, tem sido uma cousa trabalhosa, e para a qual se tem exigido sempre uma aprendisagem especial. Além das qualidades geniaes dos grandes capitães, sempre tiveram

elles e suas tropas, conhecimentos mais ou menos complexos, conforme o grau da civilisação do momento dado, mas differentes daquelles necessarios para o traquejo da vida normal e pacifica dos povos. Desde Cezar a Napoleão e de Moltke aos das legiões romanas ás phalanges de bravos da Revolução, e aos exercitos regulares, systematicos e educados por processos scientificos ou modernos, — a missão do homem de guerra se tem complicado cada vez mais. Generaes, officiaes e soldados precisam saber hoje a sua arte, a da guerra, para poderem bem pratical-a, para o que, porém, é necessario dar-se ao militar uma instrucção technica tão difficil de escolher, como de incutir e applicar.

Um exercito deve ser organizado e mantido unicamente para a guerra; pois, de outra maneira, não se comprehenderia tanta distracção das forças activas de uma nação de fins mais generosos e humanitarios; mas, na guerra, o objecto é combater. Ora, para chegar ao ponto de combater, um exercito mobiliza-se, marcha ao theatro de operações e briga, o que elle porém não poderá fazer sem corpos de tropas e sem um systema de serviços, que se chama em toda a parte orgãos de preparação para a guerra, além de outras instituições cuja importancia não é de desprezar.

E', portanto, com estas idéas, que vamos fazer algumas considerações sobre a organização do ensino militar, isto é, tentar organizal-o de tal maneira, que das escolas do exercito possa sair um pessoal habilitado para os corpos de tropa, e para a sua direcção administrativa, technica e tactica, especialmente.

Os corpos de tropa de ataque e defesa, se comporão, forçosamente, de quatro armas :—infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia, a cada uma das quaes é preciso dar uma instrucção larga, complexa, cuidadosa, de harmonia com a sua funcção tactica especial, e de combinação com a das outras.

Já lá se foi esse tempo em que era facil fazer um soldado de infantaria; hoje, a coisa mudou de aspecto, depois dos grandes progressos do armamento portatil, do apparecimento de varios engenhos de guerra, e, principalmente, depois que a applicação do tiro, dos fogos, e dos poderosos projectis de que dispõe a artilharia de campanha, obrigaram a procurar no sentimento do terreno—o unico poderoso recurso que ella póde encontrar contra os formidaveis meios de ataque que tem de affrontar.

Nos ultimos vinte annos a tactica de infantaria, tem recebido de cinco em cinco annos modificações cada vez mais radicaes, as quaes vão todas convergir em um só ponto, isto é, exigir do infante uma instrucção tal que o habilite, com muito espirito de iniciativa e com proficiencia do seu officio.

O tiro a grandes distancias, a tensão ou rasança das trajetorias, a dilatação das zonas perigosas, a rapidez do tiro, o acrescimo da provisão de munições, a reducção do peso do armamento a conduzir, os abrigos do terreno, tudo isto proveniente do carregamento pela culatra, da reducção do calibre, da adopção do principio de repetição e do desenvolvimento progressivo de typos habeis de fortificação improvisada, tem complicado tanto a tactica dessa importante arma, que é ella hoje a mais complexa e a mais difficil de todas,

A cavallaria que, além da funcção tactica tradicional, que ainda não perdeu, como arma de choque e hoje até como arma de tiro, embora de vantagens contestadas, funccionando de combinação com as outras armas nas grandes e solemnes jornadas, como sob Napoleão,—tem hoje, depois dos methodos de guerra modernos —funcções mais importantes e mais penosas a exercer nas operações secundarias decorrentes do serviço de exploração, que, segundo o regulamento francez para o serviço dos exercitos em campanha, de 11 de Maio de 1894, tem por fim « *fournir au commandant en chef les rescignements generaux dont il a besoin, pour diriger les troupes et assurer le succès de ses operations* ».

Portanto, além dos conhecimentos communs aos outros militares, quanto á instrucção technica, moral e disciplinar, o soldado de cavallaria terá outra instrucção technica mais complicada, exigida pela natureza das operações que lhe devem ser commettidas, isto é, sobre o conhecimento de sua arma de tiro e de choque, quer para o combate collectivo, quer para a sua defesa pessoal na luta precisa elle estar preparado para as complexas e delicadas operações de observação, de exploração e reconhecimentos, verdadeiros combates por um lado e perfeitas missões scientificas por outro.

O official de cavallaria, pois, a par de uma solida instrucção theorica e pratica, precisa ainda ter qualidades pessoaes de observação e de percepção, quanto ao terreno, á natureza, organização e espirito das forças do inimigo, recursos de todas as ordens de que

poderá dispôr, qualidades que não poderá desenvolver ou adquirir, sem o auxilio dos methodos de ensino, criteriosamente adoptados, seguidos e applicados nas escolas, nos campos de manobras e nos grandes exercicios systematicos, com themas tirados das situações reaes da guerra.

Mais difficil ainda é a missão do official de artilharia, em um exercito moderno; portanto, mais complicada e trabalhosa deve ser a sua educação.

A funcção da arma de artilharia, dizem os regulamentos para o seu serviço, em todas as nações: é combater e prover os corpos de tropa, de armamentos e munições, na paz como na guerra. Ora, para combater, ella precisa, da mesma fórma que a infantaria e a cavallaria, ter tropas adestradas no emprego do armamento de que tem de usar, como sejam as boccas de fogo, o material, e os diversos complicados engenhos de guerra, de ataque e defesa, além do armamento portatil da defesa pessoal.

Os varios generos de artilharia, empregando typos de boccas de fogo diversos, desde os canhões ligeiros de montanha e campanha, até a peça poderosa para os tiros de ruptura na costa, contra os navios, montados em apparelhos complicadissimos, com os reparos encouraçados, as torres de varios generos, movidos por machinismos complexos á força da agua, do vapor, do ar, da electricidade, atirando projectis á distancias consideraveis, por applicação de processos geometricos e mecanicos combinados por meio dos quaes esses projectis vão, como que por milagre, attingir a alvos em condições taes que parece impossivel serem attingidos, afim de realizarem ahi effeitos formidaveis de destruição, ora por acção mecanica, ora por acção physica e chimica ou por todas ao mesmo tempo, exigem do official uma grande somma de conhecimentos scientificos, que o habilitem a tirar de tudo isso as vantagens que se espera dessa bella arma, quer com relação ao ataque, quer com relação á defesa.

Só o tiro, pois, em suas relações geometricas, isto é, quanto aos meios de dirigir os projectis em todas as circumstancias e á todas as distancias, no que elle tem com a balistica interior, com a do ar, e sobre tudo com a de penetração, e com os prodigiosos effeitos de explosibilidade,—exige do official de artilharia, uma instrucção bem variada, sendo que a parte technica e tactica com relação ao

armamento e munições, é bastante para occupar qualquer espirito intelligente, instruido e laborioso.

Isso quanto ao official dos corpos de tropa, o qual terá muitas vezes de occupar-se na outra parte do serviço da arma, a qual infelizmente não póde ser-lhe tirada. Effectivamente, só o official de artilharia está habilitado, pelos seus conhecimentos technicos, experimentaes e praticos, a fabricar, a conduzir, a guardar, a distribuir e conservar o armamento, a munição e o material. Portanto, além das habilitações communs aos outros officiaes, elle precisa ter conhecimentos especiaes de mathematicas superiores applicadas á physica, á mecanica, á thermo-dynamica, á metallurgia, á electricidade, á chimica das materias explosivas, etc.

Agora tratemos da arma de engenharia, principiando por accentuar qual é a sua funcção em um exercito moderno.

O regimen das fortificações e sua construcção, o serviço de estradas de ferro, o serviço de telegraphia em seus varios meios empregados, a aereostatica, pontes, minas, etc., exigem das tropas de engenharia, grande complexidade de conhecimentos, e, portanto, aos officiaes que as instruem e as dirigem, e que dellas devem tirar com a maxima economia de tempo, de trabalho e de dinheiro, o maior e o mais efficaz proveito para o melhor exito das operações emprehendidas pelos exercitos,—é preciso dar-se uma instrucção conveniente.

E' agora a occasião de tratar da *quinta arma* de um exercito, por ventura a mais importante de todas, por que a ella está entregue a direcção suprema das operações, desde os tempos de paz, para o que dispõe de orgãos especiaes de preparação, de mobilização e de acção, mais perfeitos e exercitados, o estado maior do exercito. A esta importantissima instituição, em toda a parte está entregue a intrincada e laboriosa direcção dos exercitos; e é considerada, embora sob organizações differentes, porém moldadas nos mesmos principios—como principal orgão de preparação das operações militares.

E' o estado maior quem organiza os planos de lei de recrutamento e organização militar submettidos á sabedoria do parlamento, e que trata da defesa do territorio e da preparação do pessoal.

Por isso, a elle compete, em todos os bons exercitos, os planos de mobilização e concentração de forças; o emprego dos caminhos

de ferro, canaes, rios, linhas telegraphicas, e parques de aereostação; a organização dos serviços de retaguarda; a direcção da instrucção geral e a organização de grandes manobras e outros exercicios; o estudo dos exercitos estrangeiros e de suas guerras; a colheita dos subsidios estatisticos e historicos; a confecção dos regulamentos para os varios serviços do exercito; as missões militares no estrangeiro; os estudos e levantamentos do terreno e regiões por onde sejam provaveis operações de guerra; planos de transporte e communicações por todos os meios, para os fornecimentos e informações em todas as circumstancias, para os fornecimentos e informações fartos e promptos dos exercitos.

Ninguem porá em duvida a importancia de uma tal funcção, nem que para exercel-a, o estado maior do exercito, tem necessidade, a cada passo, de resolver questões que, sobre dependerem do conhecimento especial, completo, perfeito, consciencioso e positivamente pratico, de cada uma das quatro armas, precisa tambem de informações de outro genero, que os officiaes de taes armas, instruidos unicamente para cada uma dellas, não lhe poderão ministrar, sendo portanto necessario, dar ao official do estado maior do exercito, mais uma instrucção especial.

Na impossibilidade de poder encontrar na mesma pessoa, um completo official de infantaria, de cavallaria, de artilharia e de engenharia ao mesmo tempo, tendo, além disso, o conhecimento especial para certas questões incumbidas ao serviço do estado maior, em todos os paizes do mundo, onde ha exercitos systematicamente organizados, como na Allemanha, na Russia, na França, esse pessoal é recrutado entre os officiaes de todas as armas, em todos os postos, mas repassados por uma escola de alta applicação, ou « Escola de Estado Maior » chamada, em França, Escola Superior de Guerra, e onde se vão elles habilitar para um dia sujeitarem-se ás provas que lhes dão direito a fazer parte do grande orgão dirigente do exercito.

Instrucção para a infantaria, para a cavallaria, para a artilharia, para a engenharia, e para o estado maior: na paz e na guerra, no quartel, nos estabelecimentos de fabricação, nos depositos, nas fortificações, nas marchas, na conducção das viaturas, na direcção dos parques, nos acampamentos e nos combates; para os serviços particulares da artilharia, da engenharia, do estado maior, e inspecção

dos corpos de tropas—eis o indispensavel para um exercito que não tem certa pompa de organização, como o allemão, mas que, entretanto, sendo um individuo da especie, não póde eliminar certos e determinados orgãos eminentemente indispensaveis á vida, porque ainda delles, fatalmente, dependem funcções essenciaes.

E', pois, visando a organização perfeita dos corpos de tropas, assim como a dos serviços propriamente militares e technicos, que será traçado um plano de organização da instrucção militar, contando que deve ser recrutado, já preparado das classes civis, o pessoal para outros serviços que não deixam de ter sua importancia em uma organização militar, taes como: o serviço completo de saude, o de administração militar, o de veterinaria, o de intendencia e outros, para os quaes, os grandes exercitos como o allemão, o russo e o francez, por exemplo, possuem escolas proprias, isso por conveniencias de ordem technica e disciplinar, muito conhecidas dos que estudam o assumpto.

II

Como instrucção profissional especial, a militar deve, mais do que outra qualquer, ser eminentemente apropriada ao fim a que se destina, tendo sempre em vista este sabio preceito—que é tão perigoso dal-a de menos como de mais.

Deve ser organizada com clareza, ministrada com criterio, e applicada com consciencia e firmeza.

Moral, disciplinar e technica, deve ser concebida de um ponto de vista sincero, pratico e real. Póde ser dividida em theorica e pratica, e dada em escolas de tres graus, á similhança do que se fez com a instrucção publica ordinaria, isto é, primario, secundario e superior.

A instrucção primaria moral, disciplinar e technica, será dada nos corpos de tropas, nas aulas regimentaes, na instrucção dos recrutas, nas conferencias das companhias, no regimen dos diversos serviços internos e externos, nos exercicios elementares de nomenclaturas, no tiro de companhia, e nas manobras, etc.

A instrucção secundaria será adquirida nas escolas preparatorias, do typo da antiga «Escola da Praia Vermelha», onde serão

ensinados conhecimentos de linguas vivas, muito especialmente da nossa, com grande desenvolvimento da historia de sua literatura em geral, da historia universal, da geographia, de humanidades, em summa; estudo completo de mathematicas elementares, noções desenvolvidas de chimica, sciencias physicas e naturaes, e abundantemente necessarias para ajudar a assimilar a cultura militar moderna, e o desenvolvimento progressivo das sciencias applicadas, e vulgarizada pelos livros, revistas e outras publicações similhantes, conhecimento e uso dos armamentos modernos empregados na guerra; manejo das armas de fogo, esgrima, gymnastica, evoluções, manobras, exercicios e trabalhos praticos de applicação na guerra, leitura de cartas topographicas, realização de levantamentos elementares de estradas e campos, etc.

A instrucção superior será dada em tres escolas, sendo uma para a infantaria e a cavallaria; uma para a artilharia e a engenharia; e uma, de alta applicação, destinada aos officiaes que quizerem se preparar para um dia serem escolhidos para o estado maior do exercito.

Na primeira dessas escolas, onde só se poderão matricular os militares vindos das escolas preparatorias, habilitados com respectivos cursos, se ensinará: arte militar, fortificação passageira, tactica das tres armas, geographia militar, topographia, castrametação, equitação, technica das armas portateis e trabalhos praticos de guerra com applicação á fortificação e topographia.

Na segunda, destinada a formar officiaes para as tropas e serviços especiaes da artilharia e engenharia, e onde tambem só se matricularão os alumnos habilitados nas escolas preparatorias, ensinar-se-á: analyse mathematica, mechanica racional, machinas, astronomia geometrica, physica, chimica, construcção, arte militar, fortificação permanente, artilharia, resistencia de materiaes, metallurgia, topographia, geodesia, conducção de viaturas.

Haverá dous cursos, um geral, especie de alto preparatorio com um programma commum aos officiaes de artilharia e engenharia, e um outro dividido em duas secções, cada uma das quaes conterá as especialidades rigorosamente necessarias a cada uma das duas armas a que é destinado o ensino, segundo o nosso ponto de vista.

Na terceira, destinada á preparação dos officiaes de todas as armas para o serviço do estado maior do exercito, só se poderão

matricular os officiaes, até o grau de capitão, que tiverem o curso das respectivas armas e mais ainda, pelo menos, quatro annos de serviço activo, nos corpos a que pertencerem; ahi aprenderão: historia militar, estrategia, tactica geral, tactica applicada á infantaria, á cavallaria e á artilharia, fortificação, serviço de estado maior, aereostação, direito internacional e leis da guerra, geologia, administração e organização militares; topographia, equitação e geographia militar.

Além disso, haverá escolas praticas para o tiro e para formação de inferiores, moldadas pelos principios da independencia das armas, da divisão do trabalho e evitando, como preceito disciplinar importantissimo, a promiscuidade hoje em uso, entre officiaes e praças de pret.

Escolas para instructores onde se darão noções racionaes e praticas do tiro de instrucção e de guerra, apropriadas a habilitar os officiaes e sargentos, donde elles sairão preparados para os polygonos e linhas de tiro, que serão tantos quantos as guarnições, isto é, no lugar em que estiver destacado um batalhão, um regimento, uma companhia ou um esquadrão, afim de ensinar aos soldados o verdadeiro, o real tiro de combate, de accordo com o regulamento para o tiro de guerra, da arma adoptada por lei.

E' isso, mais ou menos, o que se vê em pratica, com maior ou menor desenvolvimento, com mais ou menos detalhes, com mais ou menos enscenação e habilidade, em todas as nações do velho mundo, mas não é o que se está vendo entre nós, onde predomina na instrucção militar o elemento theorico sobre o pratico, sobre o theorico o especulativo, e sobre o pratico o geral e racional, em logar do particular e de detalhes.

E' o que se nota no regulamento de 1874, que o ministro Thomaz Coelho teve o bom senso de applicar melhor e mais intelligentemente do que até então, desdobrando os programmas para tornar o ensino mais methodico, menos confuso, e mais desembaraçado, conservando-lhe, entretanto, o mesmo empirismo da concepção primitiva que ficou mais gravemente accentuado com o encyclopedismo universitario do regulamento Benjamin Constant, ainda agora em vigor, mas que é preciso substituir, por coisa mais razoavel, menos apparatosa e mais pratica.

Positivamente, não ha quem olhe para o programma de qualquer das nossas escolas militares, organizadas em virtude desse

extravagante regulamento, que não perceba, por menos entendido que seja no assumpto, quatro ou cinco materias, que nada têm que fazer em um programma de ensino militar, além de outras mal collocadas e peior distribuidas.

Entretanto, com um bocado de reflexão e de trabalho, podemos perfeitamente melhorar o nosso ensino militar, aproveitando os bons elementos que já temos empiricamente constituido e espalhado sem methodo.

Mas não será voltando ao regulamento de 1874, como querem alguns, nem dilatando o de Benjamin Constant como querem outros porém sim applicando as idéas e os principios consagrados na pratica do ensino militar por outros povos mais avisados do que nós.

« O espirito do exercito prussiano está em seus officiaes » diz Rüchel commentado sabiamente pelo eminente Von Der Goltz. Mas, para formar officiaes completos, é preciso educal-os com honestidade profissional, cuidado e criterio, tomando como principio a divisão do trabalho, pela creação das especialidades; — e a economia de tempo, espaço e actividade, pela organização sabia e parcimoniosa dos programmas de ensino, que devem ser sobrios mas completos e adequados.

Um official allemão, russo, austriaco ou francez, é um homem que sabe muita cousa; é um individuo relativamente instruido, mas sabendo apenas o que é necessario para a sua profissão militar, na sua especialidade, e, por isso mesmo, por muita confiança que elle tenha em si, não se afoutará nunca a ir affrontar a concurrencia, em outros ramos da actividade intellectual e profissional, no magisterio, na imprensa, na politica, na administração, como se vê entre nós, onde o official procede de outro modo, o que acontece, em verdade por motivos muito complexos, mas dos quaes é o mais importante a sua má e impropria educação militar.

Grupemos melhor esses bons elementos que possuimos esparsos por toda a parte e organizemos o nosso ensino militar, mais consoante com o nosso tempo e mais de accordo com a sua funcção social, especial e melindrosa.

Não ha necessidade de supprimir escolas, é apenas muito preciso mudar-lhes os nomes, os destinos, a organização, e dar-lhes programmas mais adequados ao seu fim.

Nada mais do que boa vontade e um pouco de amor á sua profissão, e probidade scientifica.

III

O nosso ensino militar primario poderá ficar perfeitamente organizado, como está, com as escolas regimentaes dos corpos, e com a instrucção disciplinar e technica que ahi regularmente recebem os soldados, no correr do serviço e dos exercicios. Si tocarem ahi, talvez peiorem; pois, o que ha é, realmente, excellente.

Essas humildes escolas regimentaes, sem apparato, sem ostentação, sem pedantismo, em sua humilde mas respeitosa obscuridade, têm dado os mais efficazes resultados.

A instrucção secundaria, essa poderá ser dada, conforme está sendo, pelas escolas preparatorias, que devem ser separadas dos edificios em que se acham, em inconveniente promiscuidade com as escolas de graus superiores, e collocadas em outras localidades, mesmo distante dessas, si possivel fôr, mas devendo passar por modificações razoaveis em seu programma, no sentido de melhor attender-se á parte de applicação e pratica do ensino.

Ha quem ache muito tres escolas preparatorias para o nosso exercito, e alguns tem querido estabelecer proporções absurdas, tirando regras de organização do ensino em outros paizes, onde o recrutamento traz para o exercito gente muito mais instruida em numero e qualidade do que entre nós. Esse processo de raciocinar por numeros dá quasi sempre conclusões falsas, applicadas sem muito cuidado á coisas concretas. Devem ser pelo menos mantidas as tres, mas separadas dos cursos superiores, para evitar promiscuidades inconvenientes á disciplina militar.

Quanto á instrucção superior, podemos organizal-a, muito facilmente, aproveitando tambem as tres escolas snperiores que já possuimos, transformando-as assim:

A de Porto-Alegre ficará reduzida, a uma «Escola de Infantaria e Cavallaria» do typo da de Saint Cyr, em França, e onde se matricularão os aspirantes a officiaes para uma das armas.

A da «Praia Vermelha», com alguns elementos aproveitaveis, resto da adaptação da de Porto-Alegre, irá ser a «Escola de

Artilharia e Engenharia», do typo da de Fontainebleau, em França, onde se habilitarão os aspirantes a officiaes para qualquer uma das duas armas, depois de habilitarem-se nas escolas preparatorias.

A actual «Escola Superior de Guerra», essa conservará o mesmo nome, mas tomará um programma menos apparatoso, mais militar, mais pratico e sobretudo mais apropriado ao seu fim, conforme entender o governo tomar para typo as do mesmo genero na Allemanha, na França, na Austria ou na Russia, e será destinada a preparar os officiaes para o estado maior do exercito.

Com as idéas correntes sobre a instrucção militar, em pratica em outros paizes, onde as coisas são feitas precisamente para o fim a que se destinam, não se póde, nem mesmo por um *tour de force*, aproveitar para este plano de organização, o actual «Collegio Militar.»

Falseada no nascedouro, a concepção, aliás generosa e bem intencionada dessa instituição, — está hoje o collegio militar naturalmente contra as intenções de seu illustre creador o conselheiro Thomaz Coelho, transformado em uma pequena universidade, onde se ministra um ensino pedante, imperfeito, confuso e pouco efficaz, apezar dos esforços da administração e de possuir professores de grande talento e que gosam da melhor fama.

As reformas illogicas por que tem passado, desde a sua creação, desvirtuaram a concepção primitiva, e só tem servido para arranjar lugares para afilhados e para estragar a intelligencia das crianças que lá vão ser educadas ao tom de programmas impossiveis.

Esse monstrengo, com os seus cursos primario, ou de adaptação secundaria se poderia talvez desdobrar em maior numero de estabelecimentos de ensino mais modesto, mais racional, mais pratico, e sobre tudo mais proveitoso para a educação daquelles que a procuram e que não tem recursos para pagal-a.

Com as mesmas idéas, serão tambem aproveitadas para este plano de adaptação do ensino militar, entre nós, em moldes mais racionaes, a Escola Pratica do Realengo, a Escola Pratica do Rio Pardo e a Escola de Sargentos.

E' preciso ser cégo, completamente ignorante ou desastradamente systematico, para não ter comprehendido ainda a importancia capital do ensino pratico do tiro, nos exercitos modernos. Depois dos maravilhosos aperfeiçoameutos por que têm passado as armas

de fogo de todos os generos, em virtude dos quaes adquiriram ellas, sobre outras vantagens, enormes alcances, justeza e rapidez de tiro, — a tactica do combate quasi que gira em torno dessas novas qualidades do armamento.

Mas não se poderão nunca aproveitar a efficacia desses alcances, já não tanto ás grandes, mas ás medias e até ás pequenas distancias mesmo, com justezas sufficientes, a ponto de bem cobrar os sacrificios pecuniarios, o tempo e a munição empregados, sem que o soldado esteja em condições de tirar de sua arma, todos os recursos que ella é capaz de lhe dar, e que effectivamente possue em consequencia dessa perfeição com que foi concebida e executada.

E' só, pois, nos polygonos e nas linhas de tiro, que o soldado se habilitará por uma aprendizagem, gradual, methodica, na paz, durante a qual aprenderá a resolver o problema pratico do tiro individual e collectivo, como as suas relações com o terreno, com as distancias, com a natureza das formações e dos fogos, e consorcio com as outras armas. Só nos polygonos dirigidos por habeis instructores, aprenderão elles a ser eximios atiradores em todas as armas, em todas as posições, em todas as condições, e poderão adquirir a consciencia, como que o sentimento do seu fuzil, do seu canhão, que devem amar e conhecer, como quem ama e conhece o seu proprio eu.

Uma das excellentes qualidades do armamento moderno, é o grau de rapidez de tiro que tem alcançado. Póde, entretanto, essa grande vantagem se transformar em motivo de desastres, quando não seja regulada pela mais severa,pela mais cuidada disciplina de tiro.

Só por uma instrucção de tiro sabia e consecutiva, chegarão os soldados, os graduados e mesmo os officiaes, á convicção de que será um grande perigo contra a segurança das suas tropas, e, portanto, inconveniente á preparação da victoria, o abuso duma tão importante qualidade. Embora as habeis transformações porque têm passado a munição, decorrentes da reducção do calibre e da descoberta das novas polvoras, tenham muito aligeirado a carga do infante, permittindo-lhe augmentar consideravelmente a sua provisão de cartuchos, todavia, o grande temor dos tacticos, é ainda que venha ella a faltar, no momento melhor, no momento decisivo, ou psychologico, como lhe chamam os allemães, isso em consequencia do abuso do emprego e da rapidez do tiro.

E' esse o temeroso fantasma que é preciso aprender e afugentar, mas o que não se poderá conseguir sem duvida, sem uma cuidadosa e perseverante instrucção de tiro larga, pratica, progressiva e real.

O ensino pratico de tiro, entre nós, nunca foi uma realidade, nem mesmo nos seus melhores tempos. Os theoristas, os discursadores, e os inaptos, puderam sempre falseal-o, em prejuizo da instrucção do exercito. Convem tornal-o mais efficaz, aproveitando melhor aquillo que existe em nossas escolas praticas e que tantos sacrificios inuteis tem custado á nação.

As escolas do Realengo e Rio Pardo, com reducções sensatas nos programmas do ensino, modificações nos regulamentos, tendo em vista principalmente ensinar o estrictamente necessario e o que é real para a guerra, poderão dar duas escolas destinadas a formação de officiaes instructores de tiro. Ahi se ensinará o que de mais necessario se ensina nas escolas normaes e regionaes de tiro em França, cujos programmas servirão de base para a organização dos nossos.

Tem mostrado a pratica, entre nós, que é de toda a conveniencia disciplinar e technica, evitar a promiscuidade entre officiaes e praças de pret, e que é bom consagrar, no ensino de tiro, sobre tudo o *principio da independencia das armas*, que, além do mais, 'para o caso, é a pratica de um outro muito efficaz em organização, o da divisão intelligente do trabalho.

Por isso, as duas escolas resultantes da adaptação das do Realengo e Rio Pardo, serão unicamente para officiaes, e, separadamente, para o tiro de artilharia, mas para o de infantaria e cavallaria simultaneamente porque o tiro de uma entra perfeitamente dentro do regimen do tiro da outra, o contrario do que acontece com o de artilharia; portanto, e para evitar despezas superfluas, mas simplesmente por isso, poderá ser ministrada essa instrucção nas nossas escolas aos officiaes das duas armas, adoptando todavia programmas separados e instructores rigorosamente escolhidos em cada uma dellas.

E' ponto capital desse plano, que as escolas sejam dirigidas e o ensino ministrado unicamente por officiaes da arma a que ellas fôrem destinadas, unicos competentes, sob todos os pontos de vista; assim como, que os alumnos sejam recrutados unicamente entre os

officiaes que tiverem o curso theorico, os quaes irão ser, por sua vez, em seus corpos, os instructores de seus camaradas sem curso, e tambem das praças de pret, de accordo com as ordens e juizo dos commandantes,a quem plenamente compete a direcção desse serviço.

Para completar o systema de escolas praticas de tiro destinadas á formação dos instructores, será ainda preciso instituir mais quatro escolas para o ensino de tiro aos inferiores, sendo tres para a infantaria e cavallaria e uma para a artilharia. O programma do ensino para taes escolas, não será, de forma alguma, igual ao das primarias; basta ver que o ensino deve ser gradual, que a funcção do sargento na tactica dos fogos é mais simples que a do official, e que não tendo elle a preparação theorica, e dispondo, em geral, de pouca instrucção commum, o unico meio de tornar o ensino efficaz, é organizar programmas sem apparato, isto é, simples, praticos e razoaveis. Tomando por base os programmas das escolas regionaes de tiro francezas, simplificando-os e adaptando-os com intelligencia e criterio ás nossas condições, se terá feito alguma coisa.

Os grupos de escolas para os officiaes e sargentos constituirão o 3.° e 2.° graus de ensino de tiro, porque o primeiro esse será constituido pelos polygonos, linhas e campos de tiro, que os commandantes de todas as unidades, grandes ou pequenas, em todas as guarnições, em toda a parte onde houver um grupo de soldados destacados, *deverão invariavelmente installar*, pois, para isso, felizmente, entre nós, não precisa mais do que boa vontade, amor á sua profissão e conhecimento da preponderancia desse importante ensino, com relação ao comportamento das tropas, no combate, e garantias do triumpho para a patria.

Será nessas modestas, mas reaes escolas do primeiro grau, onde o soldado aprenderá com os officiaes, com os sargentos e com os outros inferiores, gradualmente, em linguagem vulgar, os casos do tiro que o seu regulamento estatue para os usos reaes da guerra. Vindo da companhia, onde o seu capitão, auxiliado pela instituição pratica do tiro reduzido, entre nós já admittida, o habilitou com os primeiros rudimentos, chegará elle para a linha armado com o seu fuzil e canhão regulamentares, e ahi executará todos os casos do tiro de guerra, tão realmente como, segundo ordena o regulamento, deve fazel-o no combate.

Temos ainda uma outra instituição de ensino pratico, que embora mal arranjada já possue tão bons elementos, que convém ser aproveitada. E' a Escola de Sargentos.

Como está organizada actualmente não se a comprehende; nem mesmo por um grande esforço de imaginação e boa vontade se póde admittir que ella satisfaz ao fim para que a crearam. O seu programma está sobrecarregado de materias que nada têm que fazer ahi, o que não é ainda o peior. O grande mal dessa instituição está na maneira pouco logica com o seu fim pelo qual recruta ella os seus alumnos, que são hoje tirados entre menores, cujas familias só por falta de recursos, procuram ali educação barata. Esse processo já deu mau resultado no antigo « Deposito de Aprendizes Artilheiros » ou « Escola dos Meninos do Conde d'Eu », para onde, ultimamente, só entravam meninos viciados, sinão completamente perdidos.

Parece que a primeira condição para se fazer de um homem um bom sargento, *é ter elle sido um bom soldado*. Portanto, entre os soldados que tiverem, pelo menos, dois annos de praça, abonados por habilitações da escola regimental do seu corpo, boa conducta militar e civil, boas disposições physicas, tendencias pronunciadas para a vida, a escolha seria mais bem feita. Seriam, além disso respeitados principios de justiça e de gratidão para com os bons soldados, que assim ficarão aspirando esses postos inferiores que elles, cruelmente magoados no seu amor proprio, veriam ser dadas áquelles que nada fizeram de sacrificios, de dedicação, pelo serviço a que têm estado submettidos.

Estabelecidas em maior numero, com melhores programmas e outro systema de recrutamento de alumnos, outra organização dos regulamentos de administração, consagrando sempre o principio da independencia das armas, as escolas de sargentos serão muito uteis, sendo porém, quatro para a infantaria, uma para a cavallaria, e uma para a artilharia.

Da adopção das idéas e principios expostos no presente estudo, decorrem naturalmente outros tantos da mesma natureza, no tocante á organização do nosso exercito, começando pelo systema de recrutamento que possuimos e que deve ser abolido por immoral, atrazado e odiento.

Serviço obrigatorio para todos, prazos curtos e effectivos, o mais reduzido que é possivel na paz, são os principios que armam o

arcabouço de uma lei militar de qualquer paiz civilizado, qualquer que seja a sua raça e sua fórma de governo e a sua importancia politica no grande concerto da civilização actual.

Depois disso, precisamos ainda organizar o nosso grande « estado maior » os serviços de artilharia, engenharia e as inspecções permanentes dos corpos de tropas para as tres armas, instituições essas destinadas ao fim que todos conhecem.

Devemos tambem abolir por uma vez uma serie de preconceitos absurdos, de extravagancias inexplicaveis introduzidas nos nossos costumes militares, incompativeis hoje com o espirito do nosso tempo, com os principios de igualdade e justiça e sobre tudo, com as conveniencias da disciplina, base principal de toda a organização militar honesta.

Decorrem, pois, da logica das idéas expostas, reorganizar a lei de recrutamento geral do exercito, a de recrutamento de officiaes que deve ser moldada pela mesma lei alleman, a de recrutamento dos lentes e alumnos das escolas superiores, e a organização de regulamentos para os multiplos serviços do exercito na paz e na guerra.

E' tempo já de ser o exercito collocado no pé de prestigio em que deve estar uma instituição, a qual está confiada uma das mais altas funcções da vida da nação. Só a educação militar, farta mas apropriada, consecutiva, bem cuidada e dirigida, poderá incutir positivamente no animo daquelle que se destina á carreira militar, o sagrado cumprimento de um dever certamente honroso, mas que exige do que o deve cumprir, sacrificios bem serios de ordem intellectual, moral e material.

MAJOR PEDRO IVO

A SCIENCIA DA HISTORIA[1]

IV

A «historia philosophica» offerece esta vantagem aos que quizerem julgar do seu valor scientifico: resume-se em um só autor-Henrique Thomaz Buckle. Porque si Buckle não é o seu unico representante, é, sem discussão, o mais completo, o mais perfeito orgão do pensamento que operou esta mudança na intuição naturalistica da historia. Verdade é que outros espiritos occuparam-se do assumpto, antes e depois delle, mas, diante do sabio inglez, são estes tão pequenos, que, julgados pelo estalão de sua superioridade, desapparecem e não têm direito a menção.

E' que Buckle foi o unico que, sob as bases da theoria mesologica, tentou construir de modo serio e duradouro uma sciencia da historia. Medir, pois, o seu esforço, tomar o peso de seu trabalho, é apurar o valor scientifico da historia philosophica.

Para tornar mais evidente a justeza de nossas vistas sobre a grande obra de Buckle e o feitio da sciencia da historia ahi architectada, ouçamos a confissão que elle faz sobre o material recolhido por quantos, directa ou indirectamente têm tratado de assumptos historicos, sobre o uso até então feito deste material; sobre o emprego que pretende fazer, e, finalmente, sobre o merito da obra que conseguiu realizar.

E' curiosissimo vêl-o medir com o seu olhar de aguia, o campo immenso dos conhecimentos humanos; distinguir os materiaes

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Julho.

aproveitaveis para a construcção do seu edificio; condemnar a obra dos seus predecessores, e afinal, cair varado pelo desengano e pelo desespero em meio do caminho. Escutemol-o:

« Não se póde negar que os materiaes historicos até hoje recolhidos, formam collectivamente uma mina preciosa e imponente de riquezas. Os annaes politicos e militares de todas as grandes nações, intra e extra européas, foram cuidadosamente compilados, reunidos sob uma forma commoda, e examinadas escrupulosamente as provas sobre as quaes elles se baseam. Uma attenção particular foi dada á historia da legislação, da religião, da sciencia, da literatura, das bellas-artes, das invenções uteis, dos costumes e do bem estar dos povos. As antiguidades de todo o genero foram examinadas, o local das antigas cidades descoberto, moedas foram desenterradas e decifradas, inscripções copiadas, alphabetos restabelecidos, hieroglifos interpretados, e, em alguns casos, linguas, desde longo tempo esquecidas, foram construidas e reformadas. Muitas leis que regulam as transformações da palavra humana, foram formuladas e, nas mãos dos philologos têm servido para esclarecer alguns periodos das primeiras migrações dos povos. A economia politica tornou-se uma sciencia, lançou uma grande luz sobre as causas desta distribuição desigual da riqueza, que é a mais fecunda fonte das perturbações sociaes. A estatistica foi cultivada com tanto esmero que possuimos os ensinamentos mais extensos, não só sobre os interesses materiaes, como sobre as irregularidades moraes dos homens. A geographia physica registrou os phenomenos climatericos, mediu as montanhas, seguiu e explorou os rios, até ás suas nascentes; estudaram-se as producções naturaes, as suas propriedades occultas foram reveladas, e, cada alimento que sustenta a vida humana, foi analysado chimicamente, seus elementos constitutivos classificados e pesados, e a natureza da relação que existe entre elle e o corpo humano, foi, em muitos casos, reconhecida de uma maneira satisfactoria. As acções e os pontos caracteristicos das grandes nações foram registrados e, mais ainda, um numero prodigioso de tribus differentes, em todas as partes do mundo conhecido, foram visitadas e descriptas por viajantes, o que nos permitte comparar a condição da raça humana em todas as phases da civilização e nas circumstancias mais variadas. Estes factos e outros muitos foram reunidos, classificados e se acham agora á nossa

disposição. E, si considerarmos que a curiosidade humana augmenta sem cessar; que os meios de a satisfazer augmentam igualmente e que as observações até este momento feitas, têm sido recolhidas, — podemos então, fazer uma ligeira idéa do valor immenso da vasta reunião de factos que possuimos para o estudo do progresso da humanidade. »

Não póde ser mais completo um inventario. Ouçamol-o agora, sobre o uso feito de todo este material:

« Si quizermos, diz elle, por outro lado descrever o uso que tem sido feito de tudo isto, o quadro seria muito differente. Ha na historia do homem esta singularidade desgraçada: é que, apezar das partes distinctas da historia se acharem examinadas com um talento consideravel, nenhum historiador tentou combinar estas partes distinctas em um todo completo,— nem verificou a maneira por que ellas se ligam entre si. Em geral, admitte-se a necessidade da generalização em todos os outros ramos de estudo, e nobres esforços se fazem actualmente para se sair dos factos particulares, e se descobrir as leis que os regem. Os historiadores, porém, estão longe de seguir este exemplo. Uma idéa extranha parece prevalecer entre elles: é que tudo que elles têm a fazer é narrar os acontecimentos e vivifical-os opportunamente de reflexões moraes e politicas uteis. Conforme este systema, um autor, que por indolencia de espirito, ou por incapacidade natural, é impotente para tratar dos ramos mais elevados da sciencia, não tem mais do que passar alguns annos lendo um certo numero de livros e fazer-se, por este modo, historiador. Desta sorte, a historia acha-se inteiramente defeituosa no que concerne ás vistas elevadas do espirito humano, e apresenta o aspecto de confusão e de anarchia natural á um assumpto cujas leis são desconhecidas e cuja base não está estabelecida. » No entretanto pensa Buckle que, com o material existente, esta base póde ser estabelecida e estas leis formuladas. E', assim, que diz elle: « Nossos conhecimentos historicos, sendo tão imperfeitos, e nossos materiaes tão numerosos, não é para desejar que se faça uma tentativa para elevar este importante ramo das pequizas humanas, ao mesmo nivel das outras sciencias, afim de manter a harmonia em nossos conhecimentos? *Tal é a idéa que me fez conceber o presente livro; e eu espero realizar para a historia alguma cousa equivalente, ou, pelo menos, de analogo, ao que foi*

feito por outros investigadores nos diversos ramos das sciencias naturaes.»

Nestas palavras vai inquestionavelmente a promessa de uma sciencia completa da historia; pois que, como elle proprio o diz: «em relação á natureza, se explicou os acontecimentos mais irregulares, mais caprichosos na apparencia, e se demonstrou que elles estavam de accordo com leis fixas e universaes »,— e fazer isto em relação á historia é fazer a sua sciencia. No entretanto, sabe-se o que aconteceu ao grande historiador inglez. Apezar de seu grande genio e do riquissimo material de que dispunha, vindo indistinctamente da biologia, da linguistica, da sciencia das religiões, da estatistica, da economia politica, da psychologia, de documentos, emfim, de todos os matizes desenterrados das civilizações mortas e que elle metteu em obra, — a empreza naufragou e o sabio perdeu a razão e a vida.

Escutai a triste e dolorosa confissão que elle faz, quando se vê desenganado e impotente diante da discorrelação entre a realidade dos factos e os seus principios. De proposito alongaremos essa citação animada de extranha e rara eloquencia.

«A historia, diz elle, em vez de estar madura para as generalizações completas e finaes, acha-se ainda tão rudimentar e tão informe que a ninguem é permittido, por mais extensos e resolutos que sejam seus esforços, abraçar as acções realmente importantes do genero humano, mesmo em um periodo de dois seculos successivos. Em vista disto, tive de abandonar o meu primeiro plano e me decidir, a pezar meu, a escrever a historia, não da civilização geral, mas da civilização de um só povo. O espirito humano ainda não está apto para uma tão vasta empreza. A verdade é que uma tal obra exige não sómente muitos espiritos, mas até a experiencia successiva de muitas gerações. Confesso que houve um tempo em que tive uma opinião differente; nessa época, quando lancei o primeiro golpe de vista sobre o campo immenso do saber, acreditei distinguir, ainda que de uma maneira obscura, suas diversas partes e a relação existente entre ellas, e fui de tal fórma tocado de sua resplandecente belleza, que o meu espirito, surprehendido, julgou-se capaz de abraçar, não só a sua superficie, mais ainda de comprehender os seus detalhes. Ignorava, então, que o horizonte teria do alargar-se e de afastar-se; ignorava que seria tentar debalde pegar as

fórmas fugitivas que desappareciam evitando a mão que as buscava. Esperei fazer muito, e agora estou completamente convencido que só posso realizar muito pouco. Nestas primeiras aspirações a imaginação representava um grande papel, talvez mesmo contivessem ellas uma falha moral e participassem dessa arrogancia da força que não reconhece sua propria fraqueza. Entretanto, mesmo hoje, que ellas estão completamente desvanecidas, não posso arrenpender-me de não ter abandonado estas aspirações; e, pelo contrario, queria poder me abandonar a ellas de novo, porque taes esperanças pertencem a este alegre e confiante periodo da vida, o unico que nos dá uma felicidade real, em que a experiencia não tem ainda insensibilizado a nossa natureza; em que as emoções são mais activas que a razão; em que os affectos ainda não estão fanados; em que o dissabor da desillusão não se fez ainda sentir; ignoram-se as difficuldades, não se enxergam obstaculos, acha-se prazer e não tristeza na ambição, em que o sangue circula rapidamente nas veias, o pulso bate vigoroso e o coração palpita, tomando o peso do futuro. São estes bellos dias que depressa nos abandonam e que nada os póde substituir. Quanto a mim, parece-me hoje que estas aspirações eram mais chimeras de uma imaginação morbida, que realidades severas de cousas que existiram e não existem mais. E' uma penosa confissão esta, sei; mas é de meu dever fazel-a francamente aos meus leitores, porque não posso deixal-os suppôr que, nestas paginas, e nas seguintes desta historia, pretendo ter cumprido minha palavra e realizado minhas promessas. Todavia, espero effectuar alguma cousa que interessará os pensadores do nesso seculo e que servirá talvez de base á posteridade, para construir o grande edificio. Mas isto será apenas *um fragmento do meu plano original*. Nos dois ultimos capitulos *tentei e tentarei ainda nos dois seguintes resolver um problema curioso da historia da Escossia*, que se liga intimamente a outros de uma natureza ainda mais séria. Espero que a sua solução será completa, *mas a evidencia por que terei de chegar a esta solução será certamente imperfeita. Dóe-me ter de acrescentar que esta imperfeição é uma parte essencial do meu plano, essencial porque perco de todo a esperança de preencher as lacunas de meus conhecimentos, das quaes vou tendo, de mais a mais, consciencia, á medida que as minhas idéas se alargam* ».

E' realmente dolorosa esta confissão, em que vai o grito de agonia e de desespero de um dos maiores gigantes do pensamento humano.

Mais doloroso é, porém, que elle não tivesse atinado com a verdadeira causa que annullou os seus esforços e restringiu o seu campo de pesquizas. Não foi certamente o facto de ter, como diz, a imaginação representado um grande papel em suas primeiras aspirações, nem o de participarem ellas da arrogancia da força que não reconhece a sua fraqueza. Não, não foi uma falta moral, mas, uma falta intellectual, a que determinou o naufragio do grande sabio e fel-o recuar diante da realidade dos acontecimentos humanos e de suas transformações historicas. E esta falta, que constitue a lacuna de seus conhecimentos, resume-se no facto de ter elle negado categoricamente a hereditariedade psychologica e a eliminado de suas pesquizas.

« No que toca, diz elle, ás leis que regem a transmissão hereditaria do caracter, do temperamento e de outras particularidades pessoaes, é preciso considerar este pretendido progresso como um ponto duvidoso. No estado actual de nossas luzes, não se póde declarar de uma maneira certa que tenha havido melhoramento permanente das faculdades moraes e intellectuaes do homem, nem é possivel o apoio de uma só razão decisiva, para affirmar-se que estas faculdades sejam provavelmente mais desenvolvidas em uma criança nascida na região mais civilizada da Europa, do que em uma outra nascida na região mais selvagem de um paiz barbaro. Desta sorte, qualquer que possa ser o progresso moral e intellectual da humanidade, resolve-se elle, não em um progresso de capacidade natural, mas, si posso me exprimir assim, em um progresso de opportunidade: o melhoramento das circumstancias, no meio das quaes esta capacidade se desenvolve depois do nascimento. Ahi, pois, o ponto importante de toda a questão: *é a vantagem externa e não o poder interno que faz o progresso.* O facto de uma criança ter nascido em um paiz civilizado não autoriza a affirmação de que, por isto mesmo, ella seja superior a uma outra nascida entre barbaros; a differença que existir entre as acções de uma e de outra, será puramente causada pela pressão das circumstancias externas. Por estas « circumstancias » entendo as opiniões, os conhecimentos, as associações que a cercam; em uma palavra: a atmosphera

ambiente mental em que as duas crianças fôrem respectivamente educadas ».

Eis ahi a verdadeira causa do naufragio de Buckle. E' esta a opinião acima exposta, que não tem rival no terreno da falsidade e do erro.

Alguns exemplos que vamos extrair do livro de Ribot sobre a hereditariedade psychologica bastarão para demonstral-o.

« Em uma caçada feita na ilha de Luçon por soldados indigenas, sob as ordens de um official hespanhol, apoderou-se este de um pequeno negro de cerca de tres annos.

Um americano pediu ao governo para adoptar a criança e fel-a baptisar com o nome de Pedrito. Chegado este á idade de receber alguma instrucção, esforçou-se o americano por lhe dar toda a que se póde adquirir nesses paizes afastados. Os velhos habitantes da ilha, porém, conhecendo o caracter dos negritos, riam comsigo mesmos, vendo as tentativas feitas para civilizar o joven selvagem e prophetizavam que, mais cedo ou mais tarde, elle voltaria ás suas montanhas. O americano, tendo conhecimento das zombarias que sua solicitude provocava, picou-se, e, querendo mostrar que conseguiria seus fins, levou Pedrito á Europa e á America. Fel-o visitar Nova York, Paris, Londres e só o reconduziu ás ilhas Philippinas apoz dois annos de viagem. Com essa facilidade de que a raça negra é dotada, Pedrito, ao voltar, falava hespanhol, francez, inglez, calçava finas botas de lustro, e, em Manilha, todos ainda hoje se recordam o serio digno de um *gentleman* com que elle recebia as pessoas.

Dois annos apenas haviam decorrido depois de sua volta da Europa, quando desappareceu da casa de seu protector. Triumpharam os zombadores. E provavelmente, jámais se teria sabido o que fôra feito do filho adoptivo do philantropo *yankee*, si não fosse um encontro singular de um europeu. Um naturalista prussiano, parente do celebre Humboldt, fizera a ascensão do *Mariveles*, montanha proxima a Manilha e tinha quasi attingido o cume do pico quando viu-se, de repente, diante de um bando de negritos.

Dispunha-se a esboçar alguns retratos, quando um dos selvagens aproximou-se sorrindo e perguntou-lhe em perfeito inglez si conhecia em Manilha um americano chamado Grahain. O selvagem

que assim falara e a quem o prussiano, depois de ouvir-lhe a historia, tentou debalde fazer voltar á Manilha, era Pedrito».

Este exemplo e milhares de outros que enchem os annaes da psychologia selvagem attestam, ao contrario do que affirmou Buckle, que existe uma grande differença de capacidade interna entre a criança nascida em um paiz barbaro e a nascida em um meio civilizado.

E esta capacidade outra cousa não é, sinão a integração de habitos accumulados, que se fixaram e transmittiram á descendencia, como qualidade de espirito.

Como negal-a, pois?

E não fica ahi. Os factos que demonstram esta transmissão das qualidades de espirito, não se limitam sómente á psychologia selvagem. A sciencia os tem verificado em tão grande numero, tão eloquentes e em circumstancias taes, que os mais refractarios tiveram de ceder á sua força convencitiva.

Temos por exemplo o facto eloquentissimo da vida de D'Alembert. D'Alembert foi, como se sabe, uma criança abandonada. Encontraram-na nos degraus da igreja Saint-Jean-le-Rond. A policia, a quem foi apresentado o recem-nascido, confiou-o á mulher de um vidraceiro. Pois bem; esta criança engeitada, educada em uma casa sem ar e sem luz, por uma mulher ignorante e grosseira, e que apezar disto, encheu a Europa e um seculo de seu nome; este homem que recusou as maiores honras que lhe offereciam os monarchas estrangeiros, que, aos 23 annos, se tornou membro notavel da Academia de Sciencias de Pariz e foi glorificado ao mesmo tempo como sabio, como philosopho e como literato, era filho natural de Mme. Tencini, uma das mulheres que mais elevado papel representou na sociedade esclarecida do seu tempo e cujos escriptos lhe asseguram um lugar illustre na literatura do seu paiz, e do cavalheiro Destouches, o distincto comediographo o celebre autor do *Glorion*.

Vamos a outro facto.

Rica familia acolhe uma recem-nascida, naturalmente abandonada por seus pais, educa-a com o maximo esmero, fal-a frequentar as melhores sociedades, theatros, salões, todos os divertimentos, emfim, proprios de nobres. Um bello dia, a joven mostra desejos de assistir ao espectaculo de um circo de cavallinhos,

annunciado nos jornaes. Seu desejo é immediatamente satisfeito. Mas, desde esse dia, a bella engeitada tornou-se taciturna, como dominada por uma idéa, de que nada a podia desviar. Os theatros aborreciam-na, os bailes causavam-lhe tedio. E si alguem lhe perguntava pela causa do seu soffrimento, ella respondia com transporte: — o circo, quero ir ao circo. Levaram-a uma, duas, muitas vezes e ella sempre a exigir que lá a levassem de novo, afinal, sem poder lutar mais contra o desejo que a dominava, a infeliz foge para o meio dos saltimbancos e faz-se acrobata, abandonando assim o lar, onde crescera feliz e satisfeita, por uma vida de aventuras e de sacrificios.

Verificada a origem desta moça, chega-se ao conhecimento de que ella era filha de uma acrobata que a abandonara porque o seu officio não lhe dava estabilidade necessaria para cuidar da criança.

Um fidalgo italiano, rico e sem filhos, encontrou em uma manhan, á porta do seu palacio, uma linda criancinha ali abandonada, envolvida em trapos. Toda a ambição deste fidalgo era ter um filho. E, como a natureza lhe recusara sempre essa immensa graça, acolheu cheio de felicidade o que a sorte lhe enviava. E sem trepidar um só momento, perfilhou-a, tornando assim legal o laço que tanto desejava fosse natural. Todos os prazeres que a fortuna e a nobreza podem fornecer, teve-os o filho adoptivo do fidalgo, o qual abusava em excesso destas duas perigosas armas de gozo. O fidalgo reconheceu que o mancebo seguia uma estrada que o conduzia irremissivelmente á perdição, e por isso resolveu-se depois de muitas tentativas, a aconselhal-o. Deu-se o facto durante o almoço. Ao ouvir aquellas palavras ditadas pelo amor e pelo interesse paternal, apoderou-se do mancebo uma grande ira, e, num movimento brusco, lançou mão do trinchador e assassinou o seu generoso protector. Corre o processo, indagam-se as causas e chega-se ao conhecimento de que esse mancebo era filho de um celebre bandido, condemnado e executado por assassinio, e que nas vesperas da execução de seu pai, fôra, por sua mãi, abandonado ás portas do nobre fidalgo!

Que mais bello exemplo de hereditariedade do que o da familia Bach?

« Esta familia, diz Ribot, é talvez o mais bello caso de hereditariedade mental que se póde citar. Ella começou em 1550,

atravessou oito gerações, das quaes o ultimo membro conhecido foi Regina Suzana, que vivia em 1800 na indigencia. Desta familia saíu durante quasi duzentos annos uma multidão de artistas de primeira ordem.

Seu chefe foi Veit Bach, padeiro em Presbourg, o qual se divertia, depois do trabalho, por meio do canto ou da musica. Tinha dois filhos, que começaram esta ininterrupta série de musicos do mesmo nome que inundaram a Thuringia, a Saxe e a Franconia, durante dois seculos. Nesta familia contam-se 29 musicos eminentes, e Fetis, em seu diccionario biographico, menciona delles 57.»

Na America, no districto de Hudson superior, ha cerca de 70 annos, havia uma joven de natureza perversa, que casou-se e teve muitos filhos. Della existem hoje em linha directa 80 descendentes; destes a quarta parte tem sido fustigada pela justiça e as tres outras se compõem de ebrios, de loucos, de idiotas e de mendigos.

Além destes factos, milhares de outros do mesmo peso e do mesmo valor enchem os annaes de psychologia, de psychiatria e de antropologia criminal, attestando, ora uma familia de loucos, ora uma de artistas, ora uma de religiosos, ora uma de homens de letras. De modo que, si ha um facto que não póde ser taxado de duvidoso, é o da hereditariedade psychologica.

Que é a divisão da especie humana em raças, sinão uma classificação, conforme o principio genesico, isto é, uma classificação conforme ás disposições hereditarias e ás differenças de origem, estructuraes e mentaes?

E' uma coisa diariamente repetida por toda a parte, mesmo por pessoas que não sabem o valor e não conhecem o peso do que enunciam, que a raça latina se caracteriza por este ou aquelle defeito, por esta e aquella virtude; que os teutões têm estas e aquellas qualidades, que os saxões são frios e pertinazes e como estas outras tantas affirmações do mesmo genero. Pois bem; todas estas disposições que caracterizam as raças e se encontram isoladamente em cada um dos seus membros respectivos, se reduzem a uma idéa unica: a hereditariedade psychologica.

Poderão talvez dizer que esta uniformidade de pensar, de sentir e de agir dos membros de uma mesma raça, assinalada por quantos se têm occupado do assumpto, é devida á vida em commum, sob a influencia do mesmo meio e da mesma educação.

Aos que assim pensassem, responderiamos apontando o exemplo de duas raças que bem salientam esse erro: os bohemios e os judeus, que conservam intactos os caracteres fundamentaes de sua raça, quer vivam sob o céu da Europa, quer sob o da America, quer respirando o ambiente moral da Inglaterra, da Hespanha, da França, da Turquia, da Hungria, da Transylvania, da Moldavia ou da Valachia, quer habitem as cavernas do Monte-Sacro, quer os bosques desertos da Andaluzia. Ora, não se póde, sem ir de encontro aos factos, attribuir esta egualdade de caracteres psychicos ao meio.

Virá esta uniformidade da educação e do exemplo dos pais aos filhos, circumstancias que constituem por assim dizer o ambiente especial da raça e que annulla a influencia do meio moral no meio do qual ella vive?

Mas será possivel, perguntamos por nossa vez, que este ambiente seja tão forte, a ponto de não abrir margem a excepção de um só individuo que fosse influenciado pelo meio moral, mas vasto e mais intenso e, portanto, mais poderoso, do paiz em que elles vivem?

Ainda mais; si o meio é tão poderoso que simplesmente por força da educação dos maiores póde manter entre os bohemios a barbaria com o prestigio de um culto, porque a civilização, actuando constantemente sobre os meios da raça, não os modifica e não os arrasta na sua vasta e prodigiosa corrente?

Na Austria, crearam-se burgos para a colonização dos bohemios, e as terras ficaram incultas e os colonos permaneceram vagabundos.

Fez-se um regimento de bohemios, e elles fugiram ao primeiro encontro. Porque essa incapacidade para a civilização?

Porque essa incapacidade inherente ao seu organismo, é um instincto, uma qualidade de espirito nativa, normal, physiologica, conservada e transmittida por hereditariedade.

Tudo isto significa que o principio da hereditariedade psychologica se enuncia com toda evidencia na linguagem dos factos; é uma verdade incontestavel.

Comprehende-se agora perfeitamente que, abandonando uma verdade tão importante qual a da hereditariedade, Buckle havia fatalmente de naufragar. E' como se explica esta restricção constante

do plano original do seu livro, que, deixa ao leitor, a impressão de um enorme edificio de larga e sumptuosa frente, que vai, pouco a pouco, se estreitando para os fundos, até terminar por uma estreita abertura que impede a passagem do proprio dono.

Realmente, seu plano originario foi escrever uma historia completa da civilização humana, com o mesmo caracter scientifico das sciencias naturaes, depois viu-se forçado a limitar-se á civilização européa, e, ahi mesmo, neste circulo já estreito para quem pretendeu abraçar *não só a vasta superficie, mas tambem os detalhes dos negocios humanos*, teve de se restringir a um esboço ligeiro da historia intellectual de França, Hespanha e Inglaterra, até que impotente, desvairado e vencido, foi obrigado a resumir o seu trabalho em um problema da historia da Escossia, cuja solução, elle proprio o confessa, ficou incompleta.

Pondo de parte um principio sem o qual não se póde jamais comprehender a marcha regular dos acontecimentos humanos, e contando sómente com a pressão externa do meio, Buckle não poderia jamais achar o fio da historia, a unidade e a harmonia das acções humanas, a connexão intima da evolução moral, a noção fundamental da historia.

Por mais largo e mais geral que seja o conceito do *meio*, elle não póde por si só, explicar a progressão indefinida das civilizações successivas. Assim, Buckle não poderia comprehender nem explicar a transformação da cultura greco-romana revelada nas creações moraes e intellectuaes da época e de que são attestados a arte e a philosophia dos gregos, a organização do estado e o direito dos romanos, na barbaria que caracterizou a idade média, época que succedeu áquella civilização, e a que, tão cabidamente, se denominou « a noite da historia ».

Si a vantagem externa fosse o unico factor do progresso—porque desappareceu o ambiente mental que havia caracterizado a cultura philosophica dos gregos e a juridica dos romanos, em virtude de um simples choque produzido pelo encontro de um mundo civilizado e de um mundo barbaro?

Si a capacidade natural do homem é a mesma em todos os tempos e em todos os lugares; si entre a criança nascida em um paiz barbaro e a nascida em um paiz civilizado, só existe a differença determinada pelo ambiente mental, em que cada uma é

educada — porque esse bando de barbaros que invadiu Roma não utilizou as suas grandes creações moraes e não obedeceu á influencia de seu ambiente mental ?

Porque, ao contrario foi elle destruido até os seus alicerces, para dar lugar a essa organização medieval que até ao seculo XIV fez o mundo oscillar entre a espada dos cavalleiros e a grelha dos frades ? Porque a ordem deixou de ser um effeito da cultura juridica e do instincto de legalidade, para ser o effeito da coacção militar e religiosa ? Porque só mais tarde, muito mais tarde, com a Renascença, veiu se estabelecer certa correspondencia entre o homem saido da fusão dos germanos e dos romanos e o meio complexo da civilização antiga ? Porque só então deu-se o renascimento das grandes creações do mundo greco-romano, que a Europa não fez mais do que recapitular desde a Renascença até o seculo XVIII ?

Eis ahi o que desarvorou Buckle.

Elle divisou ao longe todos esses problemas; mas a vantagem externa, como unico factor do progresso não lhe podia dar a chave da solução, e assim, viu-se forçado a evital-os, encerrando-se na civilização da Europa, que isolou de todas as outras, dividindo-a artificialmente em *intra-européa e extra-européa*.

Mas não fica ahi. Si a vantagem externa — comprehendendo-se por isso os conhecimentos, as associações, o ambiente mental emfim, é que faz o progresso, como se explica que tendo-se alargado prodigiosamente esse ambiente pela imprensa, ao ponto de se dar a internacionalização das opiniões, das idéas, de todas as descobertas e de todos os inventos pelo commercio maritimo e terrestre á vapor, de fórma que o livro saido das officinas allemães, francezas, italianas, hespanholas e russas, vem ter á America, com a mesma facilidade com que vai á Asia, á Oceania e á Africa, como se explica que a humanidade não apresente a mesma feição mental, a mesma civilização em todos estes pontos do globo ?

Que falta para a universalização do desenvolvimento moral do homem e para a uniformidade do seu modo de pensar, de sentir e de agir, si o unico factor desse desenvolvimento é a atmosphera ambiente mental e esta generalizou-se pelo commercio material, intellectual e moral que liga o mundo numa só rêde de communicações, num só tecido ?

No entretanto, a Asia vive immobilizada no meio da corrente da civilização humana, crystallizada, sob a fórma theocratica, como um animal inferior que se tivesse petrificado; a Africa, na parte que margeia o Nilo, está reduzida como a Asia, a um crystal, e, em sua parte central, estagnada, paralyzada, nas fórmas rudimentares da evolução humana, e a America agita-se por baixo de sua superficialissima camada de civilização, num fundo real de barbaria militar e religiosa.

Estas contradicções entre as consequencias logicas do principio de Buckle e a vida real da historia, actuaram de tal sorte sobre o espirito do grande sabio, que este acabou pela loucura e pela morte, desesperado de realizar o seu grande sonho: a sciencia da Historia. E tudo isto porque elle poz fóra da sua bagagem scientifica o principio da hereditariedade psychologica.

Nem se póde allegar em favor do philosopho inglez, o facto de que este principio não era em seu tempo conhecido, por isso que, já nessa época, circulava, ainda que confusamente, no commercio espiritual. Defendiam-na e propagavam-na espiritos como Prichard, Bardach, Maller, Blainville, Ellistson, William, Broussais, Geoffroy, Saint-Hilaire, Renouard, Esquirol, Lepelletier, Heule, Bichat, Feuchtersleben, Fontenelle, Cabanis, Blumembach, Morton, Taylor e Comte. A estes espiritos, porém, que Buckle conhecia e citou, preferiu elle a doutrina sustentada, então, pelos Turgot e pelos Loke, para os quaes as disposições primitivas agem igualmente, entre os povos barbaros e os povos civilizados, e são as mesmas em todos os tempos e em todos os lugares; para os quaes, a natureza dota os homens da mesma maneira em todos os tempos. Foi desta doutrina, hoje de todo inaceitavel, que Buckle se fez advogado e victima.

De Buckle para cá o principio da hereditariedade psychologica desenvolveu-se, alastrou-se por toda a sciencia, dominou todas as convicções e tornou-se, depois de Ch. Darwin e Ernesto Hœckel, um facto assentado, uma verdade inconcussa, a noção fundamental da biologia.

E foi esta verdade que faltou a Buckle, para o descobrimento das leis historicas. Elle entrou na empreza, onde revelou seu grande genio, armado sómente pela metade, e, pela metade deviam ser os resultados obtidos. E' preciso confessar que no tocante á

influencia do meio, em seu sentido mais largo e mais geral, sobre o homem, quer dizer no que diz respeito ao poder externo como factor do progresso, o philosopho inglez foi completo. Com difficuldade poder-se-ia trazer mais luz que a que elle projectou sobre a acção do ambiente cosmico, geographico e mental na civilização. A historia deste movimento, externo e poderoso, do progresso humano, elle a escreveu e depois do livro a que seu autor deu o titulo modestissimo de Civilização na Inglaterra — a mesologia historica tornou-se uma sciencia que, podendo ser modificada em suas conclusões, permanece inalteravel em seus fundamentos. Pode-se dizer que Buckle creou a sciencia da historia pela metade: e creou-a pela metade, porque este espirito, tão luminoso que teve, como diz Ribot, na investigação dos phenomenos historicos uma penetração, uma originalidade de methodo, um rigor scientifico tão raros, eliminou de suas pesquizas o mais importante factor da historia, a hereditariedade psychologica.

Este facto explica a grande queda de Buckle. Elle queria, como o disse, construir uma sciencia da historia.

Uma das condições para que a historia se constitua em sciencia é que toda a sua *materia* se reduza a uma idéa unica, a uma unidade.

Partindo do principio de que o poder externo é o unico factor do progresso moral, o philosopho inglez jámais poderia attingir a este resultado; por isso que o meio, qualquer que seja a extensão, que se lhe dê, é sempre uma força divergente, um factor de expansão um principio que divide, multiplica e pluraliza.

E não seria, certamente, em um tal elemento que Buckle poderia achar o centro, a unidade da historia para fundar uma sciencia.

Por este lado, os theoricos da raça são muito mais logicos: procuram esta unidade no que elles denominam — espirito das raças, alma dos povos, caracter das nações, — isto é, neste quê de fixo e immutavel que caracteriza as collectividades humanas, o qual, por mais variavel que seja em seu modo de manifestar-se, repousa, em ultima analyse, num facto unico, a hereditariedade, que não é, como o meio, um elemento de expansão, mas de unificação e conservação.

FAUSTO CARDOZO

AS AVES NADADORAS DO BRAZIL[1]

A quarta familia dos Natatores, os *Pelecanidae*, de que ao todo se conhecem 61 especies, tambem não se representa ricamente neste paiz. São apenas 5 as especies brazileiras de que teremos de nos occupar, a saber: *Plotus anhinga* (Biguatinga), *Sula fusca* (atobá), *Graculus brasiliensis* (biguá), *Tachypetes aquilus* (alcatraz), *Phaëton phœnicurus*.

No meu entender é uma sociedade algo heterogenea esta, que com o mesmo nome de familia, se abriga sob o mesmo tecto. O nome tem o inconveniente de dispertar sempre a idéa do grande *Pelecanus onocrotalus*, de dal-o como presidente do grupo indigena, quando tal typo com o seu sacco colossal vive exclusivamente no Velho Mundo, de insinuar que todos os membros da familia são carregados de semelhante papo, o que certamente não é exacto. Mais conveniente fôra chamal-os *Steganapodes* — pé-remeiros conforme adiante declaramos. *Plotus anhinga*, o biguatinga, chamado tambem Carará no alto e baixo Amazonas, myuá na região costeira do Norte, descripto sob o nome de anhinga por Markgrav, é ave de 1^m a $1^m,1$, impressionador pela desproporção que se nota entre o corpo volumoso e reforçado de um lado e o pescoço esguio, a cabeça chata, o bico pontudo e longo de outro. De traz para diante vai-se adelgaçando

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Agosto.

[2] No mar dos Carahybas ha, entretanto, um legitimo pelicano, o *P. fuscus* que tem apenas um metro de comprimento, a metade apenas de *P. onocrotalus*, cor geral escura, branco apenas na cabeça e no pescoço.

cada vez mais até acabar na ponta do bico em fórma de agulha. Das azas longas e pontudas o terceiro remigio é o mais longo; é arredondada e longuissima a cauda, constituida por 12 pennas largas e fortes. O macho é todo preto com catasol violeta-desmaiado; as tectrizes do dorso e das azas possuem uma mancha branca pardacenta na ponta; a garganta nua é amarella-sujo.

Muitas vezes tenho observado o biguatinga na lagoa de Rodrigo de Freitas, e tendo tido occasião de apreciar sua astucia, sua capacidade magistral na pesca, no mergulho, no vôo; dou, porém, a palavra ao principe zu Wied.

« No Brazil, escreve elle, encontra-se tal ave em todos os rios que atravessam as grandes matas; tambem tenho-a visto solta nas lagoas salgadas proximas do mar, exemplo, a lagoa Feia, na qual todavia, só vem pescar, retirando-se logo para a mata. No tempo da incubação vive solteiro ou aos casaes á margem dos rios. Pousa numa arvore meâ, num rochedo ribeirinho á cata de peixe. Quando enxotado, atira-se verticalmente, com todo o peso, á agua ou dispara de pescoço estendido em vôo rapido e leve, soltando um som guttural curto e rude. As vezes vê-se o Myuá nadando nos rios. Seu conducto consta de peixes e vermes, que, misturados com areia, lhe tenho encontrado no estomago, principalmente peixes grandes, motivo pelo qual despede cheiro pronunciado de peixe. Nidifica em arvores proximas da agua, entretanto os indios não puderam me descrever seu ninho com mais precisão. Passado o tempo da incubação reunem-se em pequenos bandos de 6 a 8 cabeças. Quem quizer atirar-lhe deve andar com grande cautela. Para isto deita-se o caçador na parte dianteira da canôa, que se deixa resvalar mansamente rio abaixo. Contra a ave pousada num galho junto á agua, dispara-se o tiro de chofre, apenas começa a enfunar as azas: si não morre immediatamente, atira-se á agua, mergulha profundamente, ás vezes por baixo da canôa, não mostrando além si não o bico tenue e delgado, verticalmente. Então, é preciso logo dar-lhe novo tiro. Desta maneira desperdiçamos muita polvora e muito chumbo antes de pegar o adestrado mergulhador ».

Não me consta que desde então se tenha ficado sabendo mais sobre ninhos e ovos; a tal respeito guarda silencio a literatura respectiva. Entretanto foram ambos observados na America

do Norte por Audubon e Bachmann. A postura consta de 3 a 5 ovos verde-claro, linidos de calcareo, de 55mm de comprimento e 36mm de largura.

O *Plotus anhinga* foi encontrado por Natterer em muitas localidades através de todo o Brazil central até o Amazonas, Lund e Reinhardt mencionam-no no rio das Velhas; Markgrav, Wied e Burmeister viram-na na região costeira do Norte; até onde alcança para o Sul, ignoro-o.

O *Graculus* (Phalacrocorax) *brasilianus* (Haliaeus, *Carbo br.*), o biguá, é o correspondente do Cormoran (*Ph. carbo*) da Europa. Tem 80 a 90 centimetros de comprimento, é de côr geral anegrada, pennas orladas de brilhante verde metallico; a pelle núa da garganta é amarella, o iris de bello azul. Da especie precedente distingue-se logo o Biguá pela cauda mais curta, pescoço mais espesso e menos longo, cabeça mais alta, e bico que adiante possue gavião mais aguçado. Da aza o primeiro remigio é o mais longo; a cauda assaz longa e arredondada é tambem constituida por doze pennas fortes. No macho a plumagem da parte posterior da cabeça mostra, ao tempo da procreação, tendencia para formar-se em poupa deitada.

« Em contraste com os *Podicepidae*, escreve H. von Ihering, foge o biguá dos caçadores que se aproximam, não mergulhando, mas voando. Não procura desde logo elevar-se, mas adeja largo trecho quasi rente á agua, até finalmente levantar-se em vôo seguro. E' um espectaculo comico, quando esta ave adeja tão rente com a agua, na qual muitas vezes mergulham pés e cauda, de modo que mesmo na agua se conhece o caminho que o Biguá tomou. Muitas vezes o vemos nos bancos de areia ou trechos de praia afastados, não raro em grandes quantidades, talvez occupados em devorar o peixe que pegaram no mergulho. Tambem voando vêem-se ás vezes grandes bandos. Voando formam uma linha que se quebra em angulo obtuso, indo, porém, adiante não o vertice do angulo, porém uma das linhas rectas.

Riqueza de peixe é a principal condição para a presença das especies de Graculus; onde ella se nota, nas costas maritimas, nas margens de grandes rios e lagos, nunca falham taes aves. No solo move-se o biguá um pouco degeitosamente; ao contrario trepa regularmente nas arvores, nas quaes costuma pernoitar. Excede em mergulho e natação. Denotam sufficiente grau de intelligencia. Os chinezes conseguiram fazer de um primo do nosso biguá

que habita o Velho Mundo pescador adestrado, de modo que é animal domestico muito apreciado.

Nosso biguá parece estar distribuido por toda a America do Sul, é conhecido por toda parte, dentro e fóra do Brazil. De um lado vorazes, impudentes e importunos, são por outro astutos e desconfiados, apenas presentem perseguições. Tenho-o visto muitas vezes nas boccas dos rios que desembocam no fundo da bahia do Rio de Janeiro, por exemplo, o Macacú.

Sob o ninho e os ovos do biguá brazileiro nada appareceu ainda na literatura. Sabemos, porém, que os cormorans do Velho Mundo incubam socialmente em arvores, encontrando-se ás vezes 50 ninhos no mesmo pau. Os tres ou quatro ovos, pequenos, verde-azulados, linidos de cal medem em *Ph. carbo* 65^{mm}. de comprimento e 40^{mm}. de largura.

O atobá, *Sula fusca* (*S. brasiliensis*, Burmeister, *Dysporus sula* Wied), é conhecido de todos os habitantes da costa, e é de suppor que tambem de toda população do Rio de Janeiro, pois todos os dias se avista no porto. E' bruno côr de café, mas, subitamente, torna-se branco no abdomen. Os remigios são brunos retintos, o bico e as pernas são de um verdoengo claro. Quando novas, estas aves não apresentam ainda o contraste de côres no lado abdominal.

« Vôa, escreve o principe zu Wied, mui veloz e leve, segue rapido como uma flecha o movimento das ondas, de chofre investe qual mergulhador contra as vagas e agarra um peixe. As vezes despenha-se de altura consideravel na agua e mergulha muito bem. No Rio de Janeiro vê-se frequentemente á tarde, voltando do mar em bandos de seis a doze cabeças, e de manhan, acudindo á cata de conducto. Quando vôam em bando, formam um angulo á maneira dos grous. »

Isto mesmo qualquer de nós teve, talvez, ensejo de ver innumeras vezes, podendo tambem verificar que o Atobá, embora se atirando de altura consideravel, com toda violencia, a um certo ponto do mar, de modo que a agua respinga, frequentemente volta de agua no bico.

Não raro vê-se nas proximidades da praia um bando de atobás, gaivotas e alcatrazes pescando ao mesmo tempo, quando as correntes aproximam de terra peixes, que migram em bandos.

A respeito da nidificação e ovos do nosso atobá nem um amigo da natureza, que eu saiba, deu jamais qualquer noticia. De *Sula*

bassana, seu parente muito chegado, que habita o norte da Europa e é inteiramente branca, sabe-se que em ninho disposto irregularmente no sólo põe um ovo unico, de 8^{cm}. de cumprimento e 5^{cm}. de largura, cuja côr originariamente muito branca, com as impurezas vai gradualmente ficando branco-amarello-sujo.

Mais chegado ao verdadeiro pelicano é *Tachypetes aquilus*, tambem hospede regular da bahia do Rio de Janeiro. Muitos são os nomes que, conforme as localidades, lhe dão: grapirá, alcatraz, João-grande, Tesoura. O macho é de brilhante negro, e quando criado, tem na garganta um sacco encarnado escuro; a femea velha é simplesmente bruno-ferrugem, branco na cabeça, pescoço e peito; as aves mais novas são mais claras. Seu comprimento é 1,^{m}08, a envergadura de 2,^{m}3. Caracterizam-no as azas extraordinariamente longas, estreitas e pontudas, e a cauda comprida (47^{cm}.) e profundamente furcada.

O alcatraz, alhures conhecido pelo nome de fragata, encontra-se em todos os pontos do mar que cabem dentro da zona tropical. E' talvez o melhor voador que se conhece. Não foi sem razão que Michelet, o vibrante poeta das aves, intitulou um seu capitulo:— A Fragata ou o Triumpho do vôo.

Vemol-o ora solitario, ora em bando disperso, em regra pairando nas alturas. Por mais alto que paire, conhece-se logo pelas longas azas, que desdobradas deixam ver uma quebra distincta na junta da mão, assim como pela cauda furcada. Nem uma ave conheço que no vôo assuma figura tão caracteristica. Leve e incansavel navega no ar; raro e demorado maneja as azas, e cada movimento leva-o com extraordinaria rapidez para diante. Mesmo com o vento forte, ainda affirma sua maestria; levanta-se, abaixa-se, roda todo, a medida que variam as necessidades. Tenho-os visto ás vezes a metade de um dia, com procella e na bonança, e sempre me convenci mais de que para esta ave privilegiada voar não é esforço, é antes folguedo. A distancia que separa uma ilha de outra, esta daquella bahia, transpol-a é para ella o brinquedo de um momento. Já tem sido encontrado a 170 leguas geographicas da costa mais proxima, embora pareça que a sua distancia média é de 15 a 20 milhas maritimas.

« Em Caravellas, Villa-Viçosa, no Mucury, em Alcobaça e junto á Bahia, escreve o principe Maximiliano, eram notavelmente frequentes. Seu conducto consta principalmente de peixes, a cata dos quaes atiram-se como mergulhadores na agua; não lhes repugna,

porém, a carne de animaes mortos, pois grupam-se a roda dos restos de baleia,atirados pelo mar e devoram-os. Só nestas occasiões conseguiram alguns de meus caçadores matar algumas destas ariscas aves, pois resguardam-se com o maior cuidado. Nidificam nos rochedos e ilhas montanhosas proximas da costa, por exemplo nos Abrolhos. O ninho consta, segundo affirmam os pescadores da costa do Brazil, de ramos e paus, que são mui negligentemente collocados em arbustos de pequena altura, e deve conter um bello ovo verde, comestivel e de gemma encarnada. »

Audubon, entretanto, galhardo ornithologo norte americano e apaixonado caçador, afiança que elle põe de 2 a 3 ovos de 65^{mm}. de comprimento e 43^{mm}. de largura. Valia muito a pena pesquizar as condições da reproducção, assim deste, como de todos os demais nadadores do littoral do Brazil. Um exemplar em que ha alguns annos atirei no ar, por um tempo tempestuoso, em uma ilha situada no fundo da bahia do Rio de Janeiro, e que me veiu cair bem junto aos pés com uma aza quebrada, deitou fóra obra de um prato de « pescadinhas » do comprimento da mão, meio digeridas e aindo frescas. Metti-lhe a aza em talas. O passaro, porém, que enraivecido distribuia bicadas em torno, pespegando terriveis ferimentos com o bico guarnecido de bordas afiadas á guisa de faca, mostrava-se refractario, desatava a todo o momento a ligadura, recusava o alimento, vindo a morrer poucos dias após. Esta peculiaridade de vomitar o alimento é em grande numero de aves aquaticas um phenomeno que regularmente se manifesta em consequencia de violentos abalos. Sabem-no ellas proprias; porquanto os grapirás e outros passaros possantes desta parentela, em caso de necessidade e de fome cruciante, costumam perseguir tenazmente as gaivotas e atobás, até compellil-as e restituir a presa deglutida.

Gentil e donosa ave é o *Phaetornis aethereus*, baptisado por Linneu « filho do sol », o qual em tres travessias foi por mim visto perto de Fernando de Noronha, e de cujo apparecimento nas ilhas dos Abrolhos, tenho igualmente noticia. O seu comprimento, incluindo as duas pennas alongadas do meio da cauda, attinge a um metro, sem ellas a 40^{cm}. O corpo longo e estirado repousa sobre pernas curtas; o pescoço é curto, o bello bico coralino do comprimento da cabeça, ponteagudo, sem gavião, mais parecido com o do atobá. A côr predominante da plumagem é a branca

com uns ligeiros tons roseos; da raiz do bico corre, atravessando o olho, uma listra negra, e que se vai estreitando; o dorso e pennas posteriores do braço são betadas e ondadas de preto e branco; negras as barbas exteriores dos remigios da mão.

As especies de Phaetornis são verdadeiras aves tropicaes; assim precisamente lhe chamam os marujos de differentes nações. A sua formosura e donaire provocam a admiração de todos os que têm ensejo de observal-as. Acolhem e acompanham gostosamente os navios, espancam por algumas horas o tédio aos passageiros e e indemnisam-nos do pezar de não poderem saltar em terra.

Da costa e ilhas brazileiras nenhuma informação possuo attinente á maneira de construirem o ninho. De especies congeneres das Antilhas e Mar Vermelho sabe-se, entretanto, que escolhem com predilecção em ilhas solitarias uma fenda sobre uma parede talhada a pique na rocha, para nella depositarem um unico ovo côr de argila acinzentado claro, mosqueado de violaceo e de côr de ferrugem, com 55^{mm}. de comprido e 37^{mm}. de largo.

Resta agora occupar-nos da quinta familia dos nadadores os *Podicepidæ* [1] ou mergulhões.

Tiram o seu nome scientifico da circumstancia singular de terem as pernas implantadas muito para traz, de maneira que vêm a ficar-lhes nas proximidades do anus. Têm, além disso, o corpo chato e esmagado, o pescoço longo e delgado, a cabeça pequena e baixa com um bico alongado, direito e pontudo, azas curtas, estreitas e pontudas, cujos tres primeiros remigios são os mais compridos, uma cauda rudimentar, por assim dizer não existente, a plumagem do ventre muito espessa, felpuda e assetinada. São, como o indicam os nomes populares que elles têm em todos os paizes, eximios mergulhadores.

Conhecem-se no mundo inteiro 33 especies. Para o Brazil entretanto, entram aqui em linha de conta apenas quatro: *Podiceps dominicus, Podiceps bicornis, Podiceps americanus* e *Podilymbus podiceps.*

Podiceps dominicus, de cerca de 28^{cm} de comprimento, do tamanho do *P. minor* europeu, é cinzento, com a garganta, barriga

---

[1] A formação deste nome não é de todo extreme de defeito. Deveria dizer-se *podicipes*, de *podex*-anus e *pés*-pé. Melhor é a expressão empregada por Burmeister «pygopodes».

e parte inferior do bico alvacentas; a parte superior do bico, porém, e as pernas são pretas. « No Brazil, escreve o principe Maximiliano zu Wied, encontrei-o por toda a parte em lagos, lagoas e brejos da costa maritima, bem como do interior do paiz. E' um passaro vivo, em extremo agil e que mergulha prolongadamente, por vezes vivendo após á época da procreação, em pequenas sociedades e familias. O ninho fal-o a nadar; deve conter até filhos. Estes, ao principio, têm, como todos os Podicepidae, o pescoço branco, e são mui lindamente listrados de escuro. No Brazil, bem como em todos os paizes, são os Podicepidae mui difficeis de matar com espingarda, por isso que, ao inflammar-se a escorva na caçoleta, para logo somem-se na agua; verdade seja que as modernas armas de percussão lhes são fataes »

Do *P. cristatus* europeu no entanto relatam modernos observadores que põem de 3 a 6 ovos originariamente todo brancos de 52^{mm} de comprimento e 35^{mm} de largura.

Natterer encontrou este mergulhão desde S. Paulo até o Amazonas; proximo de Taubaté matou, em novembro, numa lagoa sita á beira da estrada, cerca de nove em um bando de perto de 30 cabeças. Tem sido muitas vezes observado por mim e outros nos estados de Minas e Rio de Janeiro.

O *Podilymbus podiceps* (*ludovicensis, carolinensis*) tem o dobro do tamanho da especie anterior, e é assignalado pela sua garganta preta como carvão, e por uma faixa transversal tirante a negra, logo atráz das fossas nazaes, no bico branco acinzentado. O principe zu Wied observou este mergulhador na Lagoa do Braço, proximo do Belmonte; Lunde Reinhardt nos lagos do rio das Velhas, Natterer perto de S. Paulo e Ipanema. « Um ninho desta ave, escreve o principe zu Wied, foi achado pelos meus caçadores. Era formado de hervas e folhas seccas e encerrava um ovo branco tirante a amarello sujo, em fórma de ellipse alongada, e igualmente bem adelgaçado nas duas pontas ». Informaram-me de que esta ave tambem estanceia no Ceará.

O *Podiceps bicornis*, de bico ligeiramente recurvado para cima e poupa bipartida na parte posterior da cabeça, pertence mais ao sul. Azara menciona-o tambem entre as aves do Paraguay.

Das familias dos *Alcidae* e *Spheniscidae* alguns representantes visitam excepcionalmente o extremo littoral do sul do Brazil. E' assim que H. von Ihering fala, sem definil-as com mais exacção,

de uma especie de Alca e de outra de Spheniscus no Rio Grande do Sul. Por ventura não são mais que hospedes trasmalhados das regiões mais frias da ponta meridional do continente.

Aqui no paiz nada se sabe no tocante ao apparecimento dos legitimos *Colymbidae*, formosos mergulhadores, de plumagem salpicada de branco e preto no lado de cima, emquanto que o lado ante-rior costuma ser estriado de branco e preto. São precisamente aves arcticas.

Aqui em cima da serra dos Orgãos, até hoje, não se me deparou um specimen si quer da ordem dos nadadores, mesmo porque estas paragens se resentem da falta de extensas superficies d'agua.

Pelo que respeita á paleontologia dos nadadores do Brazil, tudo quanto sabemos não transcende o que consta dos achados das cavernas do interior de Minas. Orluf Winge tem até hoje reconhecido no material legado por Lund as seguintes especies: *Anatides*: *Dendrocygna viduata, Dendrocygna spec., Chenalopex pugil, Cairina moschata, Querquedula brasiliensis, Erismatura dominica, Mergus spec. (octo setaceus?)*—(7 especies); *Larides*: um exemplar, de genero e especie desconhecidos, ou uma especie pequena de Larus, ou grande de Sterna; *Pelecanides*: *Phalacrocorax brasilianus* (uma especie); *Podicepides: Podilymbus antarcticus* e *podiceps* (Tachybaptes) *dominicus* (2 especies). Ao todo 11 especies.

Os nadadores do rio das Velhas do periodo post-plioceno semelham portanto grandemente os actuaes representantes, assim no conjunto como nos pormenores. Como novo, ou bem como não mais existindo na actualidade, exibe-se tão sómente um ganso de proporções avantajadas, *Chenalopex pugil*.

Mais atráz alcança o nosso conhecimento ácerca desta ordem em outras terras. Milne Edwards descreve do periodo mioceno da França, Anatides (marrecos), Larides (gaivotas), Podicepides (mergulhões) e Pelecanideos fosseis.

Pelicanideos do mioceno encontram-se tambem na Allemanha, proximo de Nördlingen, teem-se até descoberto nos calcareos lacustres d'ali lugares inteiros de incubação destas aves. Innumeraveis ossos destes volateis, cascas de ovos com a sua crosta calcarea caracteristica, restos de ninhos apparecem ali e denunciam na sua disposição que os costumes delles eram então aproximadamente os mesmos de hoje que construiam os ninhos mui conchegados sobre ilhas fluctuantes em brejos e lagos.

Especial interesse merecem porém os restos de nadadores, que se acham nos ricos depositos dos periodos terciario e cretaceo da America do Norte, e que foram descriptos por Marsh. Elle menciona uma especie *Graculavus*, aparentada com Graculus, o nosso actual biguá, *Laornis*, chegada ás nossas actuaes especies de Cygnus (cysnes). Todavia as mais interessantes são indubitavelmente *Ichthyornis* e *Apatornis*, aves de tamanho de pombas, de cabeça grande e pescoço comprido, azas completamente desenvolvidas, pernas fracas e um habito geral que por ventura dá a lembrar as actuaes especies de Sterna (trinta-réis). O seu privilegio porém consiste no bico guarnecido de verdadeiros dentes voltados para tráz, assim na parte de cima como na de baixo, e na posse de vertebras biconcavas, ao passo que hoje só se encontram ainda vertebras com similhante configuração nos reptis e amphibios, animaes que occupam degraus inferiores da escala zoologica. Certo o Archaeopteryx do Jura de Solenhofen (Allemanha), possuia semelhante bico denteado e vertebras biconcavas, mas é que ainda se parece muito mais com um reptil, e não ha enfileiral-o em nenhuma das actuaes ordens de aves. E' sem duvida muito para notar-se que mesmo hoje ainda se reconheçam em uma ou outra ave em certos estadios embryologicos vestigios e rudimentos de dentes, como por exemplo nos papagaios.

Relanceando um olhar retrospectivo aos nadadores do Brazil contemporaneo, não ha desconhecer que o nosso conhecimento ainda está muito longe de haver attingido ao nivel que fôra de desejar, e que vale a pena solicitar para estas aves a attenção dos amigos da natureza d'aqui. Intelligentes officiaes de marinha, por exemplo, poderiam em suas navegações costeiras instituir valiosas observações, e os guardas dos pharóes especialmente teriam magnifico ensejo de proceder a interessantissimas investigações, si a isso houvesse movel-os e possuissem a necessaria cultura. Conjecturo que muitos dos nadadores que visitam a bahia do Rio de Janeiro incubam lá fóra naquellas ilhas solitarias, por exemplo nas que são conhecidas pelas designações de «Pai» e «Mãi». Infelizmente uma visita a ellas é eriçada de quasi tantos tropeços como si se nos antolhasse uma expedição aos sertões da Africa.

Dr. Emilio A. Goeldi

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

A ICONOGRAPHIA NO BRAZIL

Este importante ramo das bellas-artes, assás cultivado em outros paizes, conta infelizmente entre nós raros admiradores. No Rio de Janeiro, com justo motivo o centro artistico do Brazil, os amadores e colleccionadores de estampas são em numero limitadissimo, podendo-se até apontar os que se entregam a esta instructiva especialidade.

O sentimento artistico, innato no povo brazileiro, ainda não está convenientemente educado de modo a poder desenvolver-se nesta especialidade, baldo de uma orientação methodica e regular, como a que offerecem na Europa estabelecimentos commerciaes de primeira ordem intelligentemente dirigidos e copiosissimas collecções particulares e publicas.

No Brazil a unica fonte onde podem ser hauridos estes conhecimentos é na Secção de estampas da Bibliotheca Nacional; a sua historia identifica-se, em inicio, com a da propria bibliotheca, e só começa a ter existencia definida a partir de 1 de Abril de 876, data da execução da sua reforma, promulgada pelo decreto n. 6141 de 4 de Março do mesmo anno e, segundo a qual, a secção passou a ter uma individualidade distincta.

Até então as estampas, quer avulsas, quer encadernadas, jaziam mal acondicionadas por entre folhas de livros ou esparsas pelas prateleiras, cobertas de pó e tratadas do modo mais indifferente pelo diminuto pessoal daquelle estabelecimento.

Em boa hora foi a ingente tarefa da sua organização confiada ao laborioso Dr. José Zephyrino de Menezes Brum que, comquanto desconhecesse a principio as noções mais rudimentares de iconographia, conseguiu depois habilitar-se proficientemente, já sob os proveitosos conselhos do benemerito ex-bibliothecario Dr. Ramiz Galvão, cuja ausencia aquelle estabelecimento ainda hoje prantéia, já por meio de uma applicação tenaz e estudo paciente desenvolvidos e acendrados por tão attractivo ramo das bellas-artes, e principalmente com o variado e incalculavel cabedal de conhecimentos adquiridos quando, em commissão do governo, visitou na Europa as mais notaveis collecções iconographicas.

Cabe, entretanto, a gloria de ter sido o iniciador desses estudos no Brazil ao Dr. Ramiz Galvão que, dois annos antes, em artigos publicados no *Jornal do Commercio*, apresentava os principaes thesouros calcographicos descobertos, graças aos seus louvaveis esforços. O proprio Dr. Brum, o mais activo operario que collaborou para a edificação desse notavel

monumento artistico, affirma em seu *Esboço historico* [1] que « o Sr. Dr. Ramiz Galvão tinha já feito importantes estudos sobre grande numero de estampas da Bibliotheca Nacional ».

Installada em duas pequenas salas do terceiro andar do edificio em que funcciona a bibliotheca, até hoje tem ahi permanecido a Secção de estampas com grave prejuizo do serviço publico e principalmente dos visitantes que desistem da tentativa de consultar as suas collecções diante talvez do sacrificio de transpôr algumas dezenas de degraus, como se tem dito. Entretanto, não cremos que esta seja a razão do indifferentismo e quasi abandono em que é tida, porquanto, no Rio de Janeiro, pontos de mais difficil accesso e sitios de mais penosa ascensão têm sido constantemente visitados.

E' para lamentar que sendo a Secção de estampas um preciosissimo repositorio onde a população fluminense, e principalmente a classe artistica podem haurir conhecimentos sobre as boas artes, sentindo ao mesmo tempo proveitosas impressões ao enfrentar com trabalhos originaes dos grandes mestres que illustraram todas as escolas, é para lamentar, repetimos, que a sua estatistica accuse uma frequencia tão diminuta, e sobretudo a indifferença em que é tida pelos nossos artistas que ahi encontrariam um sem numero de assumptos para as execuções de seus trabalhos «...um gabinete de estampas para o artista que nunca viajou é a unica alavanca a que se póde valer, e ainda para o que teve a fortuna de ver e admirar as obras primas originaes, elle é a recordação sempre prompta e a representação sempre viva do que a ausencia afastou dos olhos. » [2]

Artistas ha que vivendo no Rio de Janeiro dezenas de annos nunca dispuzeram siquer de alguns momentos para admirar as obras de arte que enriquecem a secção de iconographia da Bibliotheca Nacional, que cummulativamente com as gravuras guarda desenhos originaes, aquarellas, pinturas a oleo, photographias sem falar na copiosa collecção numismatica, ultimamente augmentada com a que se achava no Museu Nacional, e mais ainda o seu valioso archivo musical.

A' similhança da Bibliotheca Nacional de Paris acham-se em exposição permanente na secção 313 gravuras destinadas a representar a historia da arte, ás quaes acompanha um catalogo impresso. Essas estampas estão dispostas em quadros e a maior parte em mostradores engenhosos da invenção do Dr. M. Brum, os quaes permittem acommodal-as sufficientemente no acanhado espaço de que dispõe a Secção. As demais, umas gaurdadas em pastas e distribuidas por escolas e outras encadernadas estão em parte catalogadas.

Além do catalogo da exposição permanente ha ainda outros catalogos parciaes impressos: « Catalogo da Exposição de Historia do Brazil » e o « Catalogo da Collecção de Retratos de Diogo Barbosa Machado » ambos publicados nos *Annaes*.

A classificação é feita segundo o systema adoptado na Bibliotheca Nacional de Paris [3] com ligeiras modificações. Para uso da secção ha tres catalogos: *por escolas, por materias* e *alphabetico geral*.

a) « No *Catalogo por escolas*, o mais desenvolvido, os nomes dos gravadores estão dispostos por ordem chronologica de nascimento; e no artigo relativo a cada artista encontra-se tambem a descripção das estampas por elle gravadas, a sua biographia, como no Catalogo da Exposição Permanente.

---

[1] Catalogo da Exposição permanente dos cimelios da Bibliotheca Nacional. *Rio de Janeiro, Leuzinger & Filhos*. 1885, in-8°, pag. 579.

[2] Bibliothecas publicas da Europa. Relatorio apresentado ao Ministerio dos Negocios do Imperio pelo Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão em 31 de Dezembro de 1874.

[3] J. Duchesne Aîné, *Galerie de la Bibliothèque Imperiale*. pag. XIII.

b) *Catalogo por materias*, onde todos os assumptos das estampas são mencionados por ordem alphabetica, com indicação dos abridores que as gravaram e remissões ao principio.

c) *Catalogo alphabetico geral* dos artistas, comprehendendo os nomes de todos os pintores, desenhadores, gravadores, etc., mencionados nos dois precedentes catalogos, com as necessarias remissões a estes.

Si a passagem ephemera dos bibliothecarios que permaneceram á testa daquelle estabelecimento durante o actual regimen politico é justificada com o nosso silencio, não podemos, entretanto, mau grado nosso, calar a esperançosa administração do actual chefe daquella importante repartição que a iniciou mandando proceder a um inventario circumstanciado em todas as secções. Esta medida, cujos effeitos beneficos deverão reflectir poderosamente em nosso meio intellectual, demonstrando pela estatistica o grau de desenvolvimento do principal estabelecimento de instrucção que possuimos, deve sem duvida servir de termo de aferição para o muito que dos seus esforços esperam os estudiosos.

Este trabalho, realizado em 1888, quando bibliothecario o Dr. Saldanha da Gama, foi unicamente circumscripto á Secção de impressos e cartas geographicas.

Os especimens da Secção de estampas que segundo o Dr. M. Brum, em 1885, orçavam por cerca de trinta mil, em virtude do inventario a que neste anno se procedeu foram encontradas 100,037 estampas e 22,782 moedas e medalhas.

Entretanto, convem observar que esta cifra não representa a totalidade dos especimens de iconographia classica existentes na secção, visto como, só as copias photographicas e as obtidas por processos analogos ahi figuram de uma maneira bem sensivel.

Ignoramos qual o criterio que deveria ter presidido á confecção desse trabalho nos gabinetes calcographicos congeneres de outros paizes, porquanto offerece uma certa difficuldade a systematização das estampas que devem ou não ser contadas. Constantemente folheamos magnificos jornaes illustrados enriquecidos de bellissimas gravuras em madeira, não poucas vezes vêm-nos as mãos certas obras ornadas de soberbas provas que, ora intercaladas no texto, ora interpaginadas, valorizam-nas sobremodo, e a propria Bibliotheca Nacional tem-nas em numero avultado. Porém, nesse inventario não foram estas contadas o que, no caso contrario, influiria grandemente na somma encontrada.

Esse accrescimo tão sensivel foi devido principalmente á acquisição que fez o estabelecimento da « Collecção Thereza Christina » doada pelo ex-imperador a Bibliotheca Nacional.

Foi esta uma das mais importantes collecções que tem adquirido a bibliotheca quer sob o ponto de vista propriamente bibliographico, quer pelo lado iconographico e ainda considerando-a quanto a paleographia ou diplomatica.

E' incontestavel que a «Collecção João Antonio Marques» leva-lhe vantagem quanto á qualidade; nella cada exemplar é um especimen raro em bibliographia. No entretanto, amador consummado em bibliographia propriamente, descurou-se este benemerito em colleccionar estampas: o que constitue uma lacuna no seu espirito de amador. A Secção de estampas não foi aquinhoada com a mais simples estampa que tivesse pertencido a este magnanimo brazileiro que, mesmo em terra extranha, para onde transferira a sua residencia, não se esqueceu do seu estremecido paiz.

No que diz respeito ao valor real da secção é forçoso confessar que, si pelo lado das gravuras antigas possue um numero relativamente regular, no que se refere á estampas modernas é de uma pobreza lastimavel. Até mesmo algumas, e bem poucas, das que são trabalhadas no Rio de Janeiro ali figuram por excepção, não obstante o decreto n. 433 de 3 de julho de

1847, do qual se originou o de numero 1.283 de 26 de novembro de 1853, acompanhando as *Instrucções* que por um de seus artigos estatuia: « todos os impressos que sairem das typographias do municipio da Côrte serão remettidos á Bibliotheca Nacional no dia da sua publicação e distribuição ».

E' claro que estas *Instrucções* não se extenderam ás gravuras, lithographias, photographias, etc., porque nessa data ainda não existia a Secção de estampas, fazendo-se portanto necessaria e urgente a sua reforma de modo a adaptar-se ás nossas circumstancias actuaes.

Parece-nos que um dos meios mais proficuos para a secção acompanhar o movimento do mundo artistico e fazer acquisições, mesmo por preços reduzidissimos, de estampas modernas, seria enviar periodicamente um empregado habilitado em commissão á Europa, provido de instrucções para adquiril-as pela maneira mais razoavel e vantajosa. Muitos dos gravadores modernos, com o fim de obter avultadas quantias pelas suas provas, costumam inutilizar as chapas depois de uma pequena tiragem; em pouco tempo aquellas tornam-se raras e de valor inestimavel.

A consignação destinada pelo governo para essa empreza deveria ser indubitavelmente compensada depois, quando procurasse dotar aquella instituição de bons especimens.

As melhores collecções que têm entrado para a secção têm sido por doação e não por compra, visto como a verba que lhe é destinada em orçamento é diminutissima. A acquisição de uma boa prova seria bastante para absorvel-a de uma só vez.

A Bibliotheca Nacional, em seu genero talvez o mais notavel estabelecimento das Americas no que diz respeito ao valor bibliographico de suas obras, já por duas vezes abriu as suas portas á concurrencia publica, exhibindo os seus objectos em duas exposições especiaes que assignalam em seus annaes a época mais virente do seu progresso.

A *Exposição Camoneana*, realizada á 10 de junho de 1880, data commemorativa do terceiro centenario de Luiz de Camões e a *Exposição de Historia do Brazil*, effectuada a 2 de dezembro do anno seguinte, anniversario natalicio de D. Pedro II, então monarcha imperante, são os mais elevados padrões de gloria da administração do seu organizador, o Dr. Ramiz Galvão.

A Secção de estampas fez-se representar na primeira com 148 especimens, e na segunda com 2.782, cabendo-lhe os mais honrosos encomios pelos entendidos e competentes que visitaram-na.

Eis em traços largos o que tentamos esboçar sobre o estudo da iconographia no Brazil. Mais particularmente nos occupamos com a Secção de estampas da Bibliotheca Nacional, por ser ahi o centro official para onde devem convergir todas as futuras pesquizas e investigações desse genero e porque, como acima alludimos, o estado nascente destes estudos ainda não logrou preparar amadores e collecionadores da sublime arte de Maso Finiguerra, que merecessem especial menção.

Em artigos subsequentes occupar-nos-emos com as mais notaveis provas da secção dignas de um estudo particular.

R. Villa-Lobos

BIBLIOGRAPHIA

33.—**O Uruguay,** por José Basilio da Gama precedido de um estudo critico por Francisco Pacheco, Alves & Comp., Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895, XXIV, 78 pags.

Os promotores da celebração do centenario de Basilio da Gama tiveram uma excellente idéa resolvendo publicar uma nova edição popular e barata do bellissimo poema *O Uruguay* e bem merecem dos amadores das letras brazileiras os livreiros Alves & Comp. por lhes haverem facilitado a realização della. Infelizmente a sinceridade obriga-nos a declarar que o desempenho não correspondeu completamente á boa vontade de uns e de outros. Apezar do papel magnifico, a impressão saiu má, a brochura não tem elegancia e a propria revisão é defeituosa deixando escapar erros como este que alteram o sentido: « si defendemos, tu a justiça e nós a Deus e a patria » (p. 21) em vez de: « tu a injustiça e nós a Deus, etc. » Mal inspirados andaram uns e outros confiando o encargo de apresentar ao publico esta nova edição ao Sr. Francisco Pacheco, que no prefacio com que a antecede se revela desconhecedor da lingua, da historia e das letras luzo-brazileiras, e baldo inteiramente de senso critico. Eis as provas: « igualmente tomou parte activa na conspirata » (p. VI) « Gonzaga. . o erotico compositor da *Marilia de Dirceu* » (VII) « que lhe valeu acres perseguições » (VIII), « o *Caramurú* poema-romance » (IX), « *Caramurú* é synonimo de heroe cavalleiro andante » (XI), « Bocage, o mordente sarcasta » (XIII), « Basilio novamente a fez as malas para Lisboa » (XVII), « o sorrisonho advento da emancipação intellectual » (XXIV), *et j'en passe*... Alem destes descuidos, informa-nos o Sr F. P. que « Francisco de Mello Franco... perseguido pela inquisição escreveu as *Noites de insomnia* » (XII). As *Noites de insomnia* quem as escreveu foi Camillo Castello Branco, de Mello Franco « diz-se que deixára manuscriptas varias poesias e entre ellas umas que se intitulam *Noites sem somno* » (Innocencio, *Dicc. Bibl.)* Conceição Velloso e Alex. Roiz Ferreira não fizeram aturadas explorações mineralogicas como erradamente nos informa o Sr. F. P. á pag. XIII. Não tem tambem applicação o seu Gilliat á Companhia de Jesus, chamasse-lhe *pieuvre* ou em portuguez polvo si tinha a peito descompol-a. Está esquecido dos seus *Travailleurs de la mer*. Ha tambem um « anteriormente havia sido plagiado » (XVI) que deve ser forçosamente erro de imprensa. A pag. XVIII diz-nos o Sr. F. P. que a Arcadia « era modelada pela Romana e estava installada no monte Menalo » parecendo crer que realmente no tal monte tinham os arcades a sala das suas sessões poeticas, quando, como sabe melhor que nós, naquelle dizer ha uma idealização, cuja sublimidad

nos escapa a nós pobres prosaicos deste cabo de seculo. Da sua critica dá-nos mais o Sr. F. P. amostras destas: « A celebrisação heraldica (no *Uruguay)* encarnada em Bobadella, Cepé, Tiarayú e Cacambo, affrouxa, portanto,um pouco o valor do poema. A sequencia historica tem destes contras » (XXI). A sua historia está assim adiantada: « o fogo dos queimadeiros jesuitico inquisitoriaes » (XXII) e o seu estylo tem estas vibrações: « Outros tempos, outros costumes. Os esclavagistas teem a recompensa no Codigo Penal. Os guerreiros teem abertas as gelosias do Mytho. » (XXIV) Divertidissimo este prefacio.—J. V.

34.—**O Ensilhamento,** Scenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892, por Heitor Malheiros. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães, editor, 2 vols. I, 1894, XVI—240 pags. II, 1895, 204 pags.

A vida que nesta cidade se viveu em torno da Bolsa, e da jogatina de fundos e agiotagem que se nella fazia, acharam em H. M. não direi um romancista, porque este livro é bem pouco um romance, mas um chronista. O chronista, porém, é tambem um pamphletista e mais ainda um novellista e esta mistura da-nos, si me não engano, um novo avatar do escriptor justamente prezado de *Innocencia,* da *Retirada da Laguna* e de muitos outros livros estimados. Chronista conta com verdade factos reaes; romancista disfarça-os sob apparencias e trajos, que aliás mal os encobrem pondo aos personagens que nelles agem mascaras tão pequenas e diafanas que não chegam a impedir que os reconheçamos, moralista profliga acceso em ira os crimes, a corrupção, a immoralidade, a infamia, a desvergonha em que os chamados tempos do ensilhamento foram feracissimos. O defeito deste livro, que quizera refazer para o nosso caso de *Argent* de Zola, é que o romance que lhe devia servir de esqueleto, si posso dizer assim, não se liga com a idéa moral delle, como no do Mestre de Médan O drama ou antes a comedia que forma a trama romantica de *Ensilhamento* é perfeitamente independente da acção depressiva do meio creado por elle e da sua influencia. Menezes não é propriamente um homem do ensilhamento e menos o é ainda Siqueira o ridiculo o marido de Laura. A tentativa de suicidio de Roberto não tem por igual nada que ver com a jogatina da Bolsa. São antes os episodios secundarios do romance que se ligam a ella e procuram mostrar-lhe os males e vilanias. Outro reparo que provoca é o estylo de pamphleto politico em que está escripto. Ha pedaços que são verdadeiros artigos de fundo ou verrinas de « a pedidos » (pag. 200 a 202). Ha neste romance citações de Leroy Baulieu e discussões de decretos do governo, e das 204 paginas do 2º volume escassamente cem pertencerão ao romance, a maior parte expõe e discute factos historicos e questões de bolsa sem a minima ligação com elle. Apezar destes senões e talvez mesmo por causa delles, este livro ficará como um documento precioso, a deposição de um contemporaneo contra a vergonheira que foi o ensilhamento. O tempo e a gente que nos descreve H. M. dão nauseas, e deste desgosto resente-se o seu estylo de que faz-se muitas vezes chulo e vil como o meio que descreve: « tinha o seu geitosinho para a cousa; lá isso tinha » (57) « recalcitrante ao cabresto do amor » (68) « a tal honra que não encana tibias rachadas » (135) e *passim.* A impressão que resulta da sociedade neste livro descripta é esta: de pulhice e vileza, pulhas e vis as pretendidas senhoras, e seus dignos maridos, as festas que dão, os vestuarios que usam, a lingua que falam, os sentimentos que têm ou fingem. O ensilhamento, porém, não o deixou manifesto o A. comquanto não o esconda totalmente começou no fim do imperio, é certo que no governo provisorio da republica desenvolveu-se nas proporções que nos descreve

concorrendo, não sei si isto já foi notado, para matar o imperio, acabando de estragar e desmoralizar a maior parte dos seus antigos servidores que com singular complacencia para contemplações das novas instituições se deixaram gostosamente enrodilhar pelas ondas daquelle remoinho. Esses personagens, apenas conhecidos através da illusão dos seus altos postos no senado vitalicio e nos conselhos da corôa, appareceram agora acamaradados com os zangões de baixa esphera ou os tratantes de alta empafia, «tão bom como tão bom». Instinctivamente comprehendeu talvez o povo que estava morta uma instituição sustentada por taes partidarios, que os verdadeiramente dignos e respeitaveis eram poucos, contavam-se nos dedos. Sem querer o ensilhamento teve essa funcção social, infelizmente á custa dos nossos brios e do nosso credito. Mas... vejo que caio eu tambem no artigo de fundo. Culpa do Sr. H. M. que deixa perceber estas mesmas cousas, sem avalial-as como eu, *et pour cause*, no seu livro ao qual me não pejo de fazer este reclamo: leiam-no.—J. V.

35. — **Pequena Geographia da infancia** para uso das escolas primarias pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda, 6ª edição, 108 paginas.

36.—**Elementos de Geographia physica, politica e astronomica** para uso das escolas brazileiras pelo mesmo autor, 5ª edição, 282 pags.

37.—**Curso methodico de Geographia politica, historica, commercial e astronomica** para uso das escolas brazileiras pelo mesmo. 6ª edição. 418 paginas.

Formam estes tres livros um curso completo e graduado de geographia para uso das nossas escolas. Edita-os a conhecida casa B. L. Garnier, hoje H. Garnier, successor, desta cidade, e estas novas edições são «revistas e muito melhoradas» pelo Sr. Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro. Dada a organização do nosso ensino geographico não nos parece que haja necessidade destes tres compendios, e que dois, a *Pequena geographia* e o *Curso* bastariam. E' verdade que elles se não desenvolvem por assim dizer concentricamente e que cada um delles forma um todo independente. Apezar de ainda sacrificarem muito á nomenclatura arida, ás minucias desnecessarias e de ser essa mesma nomenclatura, principalmente no que se refere á orographia, ainda atrazada e em algumas partes erronea ou pouco precisa, estes compendios constituem o que temos talvez de melhor para o ensino da geographia. São acompanhados de mappas e illustrações e bem impressos em Paris.—J. V.

REVISTAS E OUTROS PERIODICOS NACIONAES

Archivo do Districto Federal, 2º anno, ns. 7 e 8, Julho e Agosto de 1895.

O Brazil Medico, revista semanal de medicina e cirurgia, Anno IX, nº 29, Agosto, *sobre um caso de paralysia geral*, pelo Dr. Franco da Rocha: *A epidemia de cholera-morbus* (1894-1895) *relatorio do chefe da commissão sanitaria* (continuação) pelo Dr. Azevedo Sodré; *Discussão na Academia Nacional de Medicina sobre a epidemia do cholera-morbus*, Sessão de 2 de Maio de 1895.— Discurso do Dr. J. B. Lacerda: *Ferimento penetrante do*

globo ocular.—Cura, pelos Drs. Guedes de Mello, e V. de Britto; *Do nitrato de prata no aborto obstretico*, pelo Dr. Abel Parente; *O premio Manoel Feliciano*, por S; *Boletim Bibliographico, Boletim Demographico.*

O CENACULO, Paraná-Coritiba, Anno I, 3° e 4° fasciculos; *Dr. Justiniano de Mello*, por Dario Vellozo; *Os instinctos*, por Justiniano de Mello; *Galeria Paranaense*, por Leoncio Correia; *Anniversario*, por Claudino dos Santos; *Mãe*, por Leoncio Correia; *America do Sul*, por Ernesto Luiz de Oliveira; *Dhulia*, por Silveira Netto; *Dr. Trajano dos Reis*, por Silveira Netto; *A Cruz*, por Leoncio Correia; *Inexprimivel!*, por Emiliano Pernetta; *A Evolução*, pelo Dr. Carvalho de Mendonça; *Tristesses*, por J. Keating; *Alma penitente*, por Dario Vellozo; *Les joueurs*, por Jean Itiberé; *O progresso das edades*, de Romario Martins; *Missa negra*, por Silveira Netto; *Galeria Paranaense*, por Leoncio Correia; *Festas e tradições*, por Julio Pernetta; *Lethargia de um sonho*, por Antonio Braga.

O Pão da Padaria, espiritual do Ceará, Anno II, ns. 17 a 21.

REVISTA ACADEMICA, dos estudantes da faculdade livre de direito, Anno III, n° 2, Julho.

REVISTA ACADEMICA, dos estudantes de medicina, Anno III, n. 2, Junho: *Contribuição ao estudo do cholera*, por Miguel Pereira; *Novos tratamentos antisepticos*, por Moncorvo Filho; *Breves notas de psycho-physiologia*, por A. Dias de Barros; *Concepção sobre a vida*, por Antonio Austregesilo; *Nacionalisação litteraria*, por Alvaro Fernandes.

REVISTA CONTEMPORANEA, Recife, Anno II, ns. 8, 12, 13—Abril e Junho e Julho: *A questão da misogynia e da philogynia:* por Clovis Bevilaqua; poesias, contos, fantasias, critica, por França Pereira, Lessa Junior, G. Fioravanti, Paulo de Arruda, etc.

REVISTA DA COMMISSÃO TECHNICA MILITAR CONSULTIVA, Abril e Maio de 1895; *Concurso de Artilharia*, por F. C. da Luz; *As Nitrocellulosas*, por Torres Homem; *Technologia Militar nos Estados-Unidos*, por Borges Fortes; *Bibliographia; Le Fusil de l'Avenir*, do Coronel Ortus, por T. H.; *Correio Militar Estrangeiro; Chronica.*

REVISTA DA FACULDADE LIVRE DE DIREITO DO ESTADO DE MINAS GERAES, Anno I, n° 2 Publicada nitidamente na casa Leuzinger nesta cidade traz este numero de 192 pags. o seguinte: *Questão Constitucional, Intervenção da União nos estados*, pelo Dr. Gonçalves Chaves; *Estudos Juridicos*, pelo Dr. Affonso Penna; *Psychologia do direito natural*, pelo Dr. Camillo de Brito; *O casamento civil*, pelo Dr. Thomaz Brandão; *Estudos constitucionaes*, pelo Dr. Theophilo Ribeiro; *Antiguidades romanas*, pelo Dr. Raymundo Corrêa; *Jurisprudencia civil*, pelo Dr. Augusto de Lima; *Memoria historica da faculdade*, pelo Dr. Affonso Arinos; etc.

REVISTA DOS CONSTRUCTORES, Anno IV, n. 1 a 3: *O templo catholico e sua evolução architectonica*, por Araujo Vianna e outros artigos de engenharia hydraulica, esthetica e bellas artes.

REVISTA DOS TRIBUNAES, publicação mensal de legislação, doutrina e jurisprudencia, Bahia, Anno II, n. 3—Julho de 1895 (De interesse simplesmente judiciario).

REVISTA FORENSE, orgam official do Superior Tribunal do Estado do Rio Grande do Sul, publicação mensal de jurisprudencia e legislação. Anno I, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro de 1894 (De interesse estrictamente judiciario).

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são agravados pelos restriamentos, mudança brusca de tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo calmante e expectorante* das molestias que se lhes cumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE. LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

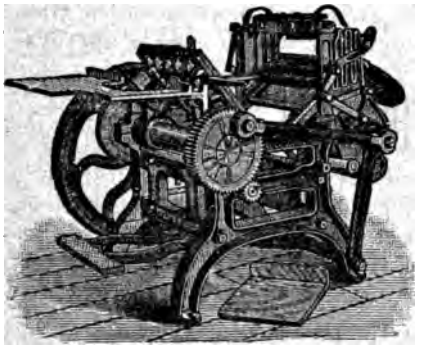
As [illegible] *medicamentosas das* [illegible] que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, [illegible] em [illegible] todos os casos de *debilidade, anemia, rachitismo, escrophulas* [illegible] nas enfermidades do peito e na *[illegible] primeira infancia.*

O frasco é acompanhado de [illegible] para seu uso.

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8º gr..... ..... **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8º gr. broch. **8$000** enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16º br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos. 1 volume com muitas gravuras..... **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar, 1 vol. enc..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo. Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda. 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 1$000

Multicôres por Heitor Guimarães. 1 volume ricamente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1871, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta. 1 vol. de 250 paginas brochado 3$, enc. ..... 1$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado 1 vol. enc. com folhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1264 de 17 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado. 1 volume brochado ..... 1$000

Roteiro dos officiaes de Justiça, ou n. 1 ... das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os autos judiciaes pelo Dr. Alencastro Autran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas. Repertorio completo, contendo o decreto n. 13 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque. 1 vol. broch. 1$, enc. 2$000

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico: — « TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO — ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

*As assignaturas pagam-se na casa editora, **rua do Ouvidor 66**, na **Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93**, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. In-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral de nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

AVISO

A administração da *Revista Brazileira* declara aos Srs. assignantes que o serviço da distribuição da *Revista* é feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado e que si faltas ha ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede aos Srs. assignantes sirvam-se communical-as ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da *Revista* pela entrega, quando não houver sido previamente avisada.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de mandar pagar as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da *Revista*.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO — TOMO III 18.° FASCICULO 15 DE SETEMBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG

I. **Flôr de Lotus**, de **RAYMUNDO CORREA** 329

II. **Um Estadista do Imperio — J. Th. Nabuco de Araujo. — V. Primeiros empregos em Pernambuco**, por **JOAQUIM NABUCO** 338

III. **O Monismo no direito**, por **J. C. DE SOUZA BANDEIRA**, da Faculdade livre de sciencias juridicas e sociaes. . . . 352

IV. **As Avestruzes do Brazil**, pelo Dr. **EMILIO A. GOELDI** Director do Museu paraense 346

V. **O Brazil e a aggressão paraguaya de 1865**, pelo **MARQUEZ DE S. VICENTE** 364

VI. **Bibliographia** 388

VII. **Indice do Tomo III** 39

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

FLOR DE LOTUS

No momento em que eu, para aclarar o quarto, abria a janella que deita para a estrada, a bafagem matinal me soprou contra o rosto; pareceu-me um pouco de cinza, da pulverulencia talvez, ou do cinereo pollen de alguma flor escura, ou do que quer que a isso se assemelhava.

Aqui está numa insignificante casualidade o que me suggeriu a idéa de compor este conto, que afinal tem mais relação com aquelle facto, do que póde parecer ao principio. E eu compul-o com os retalhos multicolores do sonho que me havia agitado durante a noite no meu solitario e frio leito; frio, porque solitario.

Certo radjah tinha uma filha... Foi isso no Pandjab, ou em Malouah, ou em Radjepoutana, ou não sei bem com precisão onde isso foi. Decididamente foi, porém, em algum desses fantasticos paizes da India cisgangetica, sobre os quaes tão sublimes passagens se encontram em varias legendas brahmanicas.

O caso era que, junto á filha do radjah, as mais formosas dentre as donzellas da mesma casta se sentiam offuscadas. Surgia aquella, descoravam estas a olhos vistos, tristemente assistindo ao eclipse dos seus proprios encantos, pois que a nenhuma era dado emular com ella em formosura e brilho. Assim, mergulhando na larga resplandecencia do astro glorioso, arrefecem e apagam-se, umas após outras, as pequeninas estrellas-myriades de fachos

caindo no mar... Tremulos asteriscos de luz muito longinqua e frouxa, que dessas noites tropicaes apenas o docel aromado e morno arreiam, que é dellas mais, das pequeninas, das frias e desmaiadas estrellas, quando, sobre torreões de nuvens, a minaretes de ouro e purpura assoma o sol?

Pois, em verdade, essa a que eu aqui me refiro, era o sol da belleza oriental; e muito escusado seria ir procurar além della, em outro clima ou região diversa, um typo mais cabal e perfeito de similhante belleza, que nenhures se poderia achar.

Ideai agora um talhe airoso e gracil, copiando na elegante flexura o da mais esbelta palmeira, salvo que a copia excedia muito em excellencia e primor ao respectivo original; uma nobre postura, umas gentis maneiras, e um andar tão cheio de garbo e magestade, como o de um joven elephante, para me servir assim de uma imagem vedica; uns melindrosos contornos abronzados a transfulgir sob a leve musselina solta e ondulante que, discretamente embora, nelles se modelava, desenhando-os com voluptuosa fidelidade; e ideai tudo o mais emfim, que é bem menos facil á gente exprimir do que idear.

Ajuntarei entretanto, que o luar negro dos seus olhos alienava os sentidos e que a harpa indefinivel da sua voz raptava o espirito, porque olhal-a ou ser por ella olhado era uma fascinação e beber-lhe a fala um extasis.

Ajuntarei ainda, que o nome della era suave e mellifluo como o das eleitas de Vischnou. Para melhor ouvil-o, a alma se devia concentrar e resumir toda na orelha, emquanto esta se dilatava para o sorver com avidez, mas demoradamente, num prolongado deleite; porque esse nome era de uma pronunciação singularmente agradavel pelo cadenciado das syllabas, posto que fosse menos susceptivel de ser articulado, do que de ser suspirado, deslisando pelos labios num murmurinho, como um cicio quasi, e tão doce em summa, que a brisa de Manaar impregnada de vetyver e canella não ciciaria mais doce.

E como escrever esse nome aqui? Talvez que por meio das notas de musica se pudesse dar graphicamente uma noticia aproximada delle; por meio de caracteres alphabeticos seria impossivel.

Onde quer que se achasse, todo o ambiente se enchia de um effluvio castissimo, respirando o ineffavel incenso, que o seu ser vaporava, como si mysticas roseiras trescalassem invisiveis no ether limpido e fresco.

Caminhava ella, e, ao rhythmo do seu passo, parecia resoar no azul solemne a marcha fantastica dos anjos, emquanto por seu turno um não sei que de indefinidamente sagrado, que lhe fulgurava no aspecto, como que se ia reflectindo transitoriamente sobre todos os objectos exteriores. Era como si ella, de passagem, transmittisse a tudo de redor um pouco de si mesma, da sua celestial essencia, em fluidos ou particulas imponderaveis; purificando o golpe de vento que no banho lustral e balsamico dos seus cabellos se vinha desalterar, embebendo-se na sua fragrancia; ferindo com um talisman divino de novas e extranhas tonalidades a luz circumfluente; santificando a tenra graminea que acaso em caminho calcasse, ou o pequenino seixo que rolasse á percussão do seu pé; sagrando o molle e fofo tapete das cactaceas resequidas e as crepitantes palmas de coqueiro que lhe juncassem a estrada; benzendo a folha, a borboleta, a lagarta; e irrorando de bençãos a tudo emfim, vivente ou cousa, voante ou rasteiro, que por ventura a tocasse, ou fosse por ella tocado.

Como doira e illumina o sol a todas as coisas sobre que se espalha, assim a todas as coisas ia ella emprestando, ao passar, um lampejo da sua aureola; de maneira que, a um toque seu, nenhum ser, por mais humilde que fosse, deixava de participar, ainda que momentaneamente, de um quinhão maior ou menor do que nella havia de olympico e sagrado. E, ao influxo prospero e fovente das suas graças, tudo estremecia em volta miraculosamente repleto e saturado della.

Tambem, por onde passasse, entre os vassallos fieis do radjah, só se viam, de uma banda e de outra, cabeças curvadas para o chão, espinhas dobradas em arcos e joelhos em terra, longas alas de genuflexos adoradores, similhando extensas fileiras de *zêz*; como si fosse uma deusa, a propria filha dilecta de Brahma que assim se patenteasse a uma multidão palpitante e fanatica de crentes.

Mas, occulto sob essa apparente veneração, que incendio voraz de peccaminosas paixões, em muitos peitos talvez, não faria

involuntariamente lavrar á sua passagem, a pulcherrima donzella intemerata e casta?!

Nem os myrtos da sua grinalda virgem eram immarcessiveis, nem o sagrado caracter que a revestia se achava isento de todo o perigo, quando ella transitava assim, com tão ingenuo destemor, entre aquellas ondas vivas do mundano lodo agitado.

Como não era uma deusa, como não era a esposa de nenhum radjah do céu, mas simplesmente a filha de um radjah da terra, é preciso tambem com respeito a ella attender ao reverso de toda a medalha humana, porquanto sómente a deusas, e nunca a mortaes mulheres, é dado acenderem paixões sem o risco de se queimarem nas labaredas que ateam.

Si por um lado a magica e fascinante princeza tinha essa virtude communicativa de ir transmittindo a esmo, em luz, calor e aromas, uma pouca da sua propria essencia a tudo quanto estivesse em torno de si, por outro lado infelizmente não era inaccessivel ás contaminações do mundo exterior.

A inviolabilidade da sua casta e jerarchia não tinha a dura resistencia do diamante, sinão a friabilidade do vidro; nem lhe resguardava o immaculo candor como coiraça forte e sem defeito, sinão como cupola de crystal purissimo, que o mais tenue halito empanaria e que o menor embate faria em pedaços.

Demais, para a completa profanação de tão melindrosa virgem não era mister o contacto, um gesto, uma palavra; um fugitivo pensamento impuro seria bastante para polluil-a, porque em um simples pensamento mesmo havia pelo menos a possibilidade metaphysica de uma violação. Tudo isso era muito conforme á moral transcendente dos brahmanes e dos sapientissimos doutores versados nos quatro livros dos Vedas.

Uma tarde, porque ella caminhava na direcção do poente e a sombra do seu doce vulto se ia alongando sobre o caminho, as famulas da sua comitiva seguiam-na um pouco afastadas, mantendo-se reverentemente a certa distancia, para lha não pisarem; bem que a sombra nunca possa ser pisada sinão pelo mesmo corpo que a projecta, visto erguer-se e desdobrar-se sempre sobre qualquer outro que se lhe sobreponha: — é como um cão que não se deixa fustigar sinão pelo proprio dono.

Nesta occasião foi que um tchandala, conta-se, surgiu inesperadamente de algum esconderijo vizinho e, prosternando-se aos pés da inviolavel donzella, ousou beijal-os.

Por mais execraveis que pudessem ser os intentos sacrilegos do monstro, a execução não foi além desse beijo; mas se tivesse limitado elle a tocar-lhe apenas de leve a orla roçagante das vestes com o labio ou com a ponta dos dedos, e isto seria de sobra para que se julgasse consummada a affronta.

Quando se considera que um tchandala não era propriamente um homem, mas um ser abjecto, tão asqueroso como os animaes que se nutrem de cadaveres, bestas mortas e outras immundicias, e cujo contacto era tão repulsivo como a elephantiase e a lepra, pode-se avaliar com justeza a escandalosa gravidade de um tal acontecimento.

Urgia a effectividade de uma punição exemplar em que se devesse ter muito em vista a alta categoria da offendida, a desprezivel condição do offensor e a irreparabilidade da offensa.

Reuniu-se logo em sessão plena o supremo conselho julgador composto dos mais eminentes brahmanes e radjepoutes, ou magnates do paiz; e, como em conjuncturas dessa ordem, era excusado cada cabeça ter a sua sentença, foi unanime o voto a que o severo radjah deferiu de prompto sobre a sorte do criminoso: — punil-o de tortura e de morte, não só nos orgãos ou membros de que se houvesse realmente servido para delinquir, mas tambem nos outros membros ou orgãos com o auxilio dos quaes teria hypotheticamente delinquido, e, depois de espostejado em regra, dal-o como pasto ás feras e animaes necrophagos.

Em consequencia dessa condemnação, os algozes encarregados de estrictamente a executarem, começaram por queimar á victima os cabellos e todos os pellos do corpo, chamuscando-o dos pés até á cabeça com ardentes archotes embebidos em breu e outras resinas combustiveis. Em seguida passaram á mutilação dos orgãos, e de tal modo e com tanto escrupulo e pericia se houveram nessa tarefa, cortando, furando e trucidando, que, pouco depois, no rosto adusto e fuliginoso do miseravel, semivivo ainda, em lugar de olhos, nariz, bocca e orelhas, já não se viam mais do que seis buracos hediondos, sanguinolentos. E afinal, tendo-o feito em fatias, deixaram-no ao pé de um tremedal infecto, abandonado á gana immunda dos chacaes e dos abutres.

Quanto á formosa donzella, tão formosa quão desventurada, aquelle atroz e deshumano supplicio em nada podia aproveitar á sua pureza para todo o sempre perdida. Jamais se apagaria o labéo, que a infamara, embora sem culpa sua. Não havia no culto nem ceremonias nem abluções que a purificassem. Para a picada venenosa do aspide ha remedio; mas o osculo de um tchandala é como a baba visguenta e corrosiva de uma calumnia que nunca se lava. E isso não deve parecer extraordinario ante as subtilezas da moral seguida em tal paiz, qnando em varios outros do mundo, onde se professa uma moral menos inconsistente, muita vez se tem como irremissivelmente perdida a mulher virgem que é calumniada, ao passo que o mesmo não acontece á que não é calumniada... nem virgem.

Pois que a religião prescrevia a perpetua reclusão das mulheres assim profanadas, o radjah, austero ritualista e menos pai compadecido do que juiz inexoravel, fez enclausurar a filha no pavimento superior de uma torre isolada, que especialmente para esse fim mandara construir, em pyramide quadrangular, com espessas muralhas, toda marchetada por fóra de scintillantes saphiras e rematada por uma flexa de ouro fina e aguda traspassando o ar, e que allumiava tanto, de dia e de noite, como si fosse um raio fulvo do sol que ali se tivesse encravado e partido.

Essa torre, levantada sobre um rochedo muito alto, tão alta era já por si só, que em cima della se teriam as estrellas do céu ao alcance da mão, e bem assim as mais remotas nuvens da tarde, — essas nacaradas, vespertinas nuvens que, como floccos de algodão carmineos, se ennovelavam em torno e, rasgando-se e despedaçando-se ás vezes na ponta luzente da flexa, em roseos farrapos iam descendo para a terra, de onde nenhum rumor subia...

Rumor nenhum, com effeito, chegava ali aos ouvidos da triste encarcerada, a não serem, na estação borrascosa, o mugir dos ventos e o estalar das procellas, e, na ridente quadra hirundinea, o ledo gazullar das emigrantes aves, que ali arribavam vindas de longe — eternas mensageiras do bom tempo.

Naquelle extranho carcere apenas um feixe de sol com vagos tons azulados se coava por uma estreita fresta, como um pequeno rectangulo, aberta do lado occidental da torre e de onde em dias limpos se descortinava além, muito abaixo, um descampado,

immenso páramo, que só o horizonte visual limitava, parecendo a tamanha distancia inteiramente ermo de homens, bichos e cousas, e cortado ao meio pela linha branca e interminavel de uma estrada que persistentemente o ia riscando, riscando, até se perderem ambos de vista, engolfando-se e sumindo-se ao mesmo tempo no infinito...

Ali se finava a infeliz princeza mergulhada em funda desolação e amargas lagrimas.

Nunca mais deveria pompear — niveo lotus sem macula — entre as donzellas intactas do seu sequito, a que outr'ora offuscara, como um sol, nas festas da sua nubilidade!

Nunca mais em aurea tripode veria immolar-se á sua pureza e candor a imbelle pomba symbolica! Nunca mais afortunados guerreiros ou briosos chattryas, para bem merecerem della, porfiariam em melhor saciar-lhe a feminil cobiça, colmando-a de sedas e cachemiras finissimas, joias e arrecadas raras! Nunca mais emfim nenhum principe insigne da sua casta lhe viria trazer o annel e o beijo esperado das nupcias. Nunca mais! Nunca mais!

Mas a noticia do caso chegou até as populações mais afastadas do Occidente. Essas populações tinham tido tambem as suas castas, os seus tchandalas, os seus brahmanes e os seus radjahs, mas depois que o espirito de igualdade industrialista e pratico, dissecando e despoetizando a vida, lhes cortara o vôo á fantasia, cada uma daquellas coisas foi sendo abolida por sua vez, e mesmo os seus proprios radjahs, que eram reis de manto de purpura e sceptro de ouro, não puderam ser tolerados mais sinão nas cartas de jogar.

Todavia em um meio assim, tão arido e secco, propicio apenas ás mollezas do sensualismo egoista e onde as chimeras não encontrariam agazalho sinão nas casas dos doidos, um doido houve alma intrepida entretanto, sonhadora e manceba, a quem a sorte da desditosa donzella logrou commover vivamente.

Era um visionario que no encalço de uma utopia azul ia fumando e consumindo a existencia, coração mordido e atormentado, que se gosava do seu proprio tormento, cerebro escaldado a arder e a convulsionar-se entre os gelos do indifferentismo ambiente, como um volcão sob a neve; e parecendo não ter nenhum outro ponto de tangencia com o mundo real onde vivia, sinão os pés com que mal lhe roçava a superficie, de leve e passageiramente,

como a aza de uma andorinha a flor de um lago, sempre de rota-batida atraz do ideal sorridente que lhe enamorava o olhar e lhe fugia.

Via-se nesse bello sonhador, exoticamente renovado e reflorescido o romanesco typo do antigo cavalleiro andante, que em busca de uma aventura não se refusaria a cavalgar o seu hippogrypho para dar uma volta ao globo, degladiando-se com heroes e gigantes que se lhe atravessassem em caminho; e, como a historia da filha do radjah fizesse rebentar com vehemencia em seu seio uma excentrica paixão pela peregrina virgem indiana, concebeu logo o plano descommunal de transportar-se a essa fantastica região do Levante, onde o objecto da sua paixão o attrahia e chamava, e, combatendo impossiveis, exterminando dragões, minotauros e monstros, arrancar á sua clausura de saphiras a formosa princeza, libertal-a e desposal-a até, elle que era um principe tambem, principe sim, lá em um reino encantado e desconhecido, que para si só intimamente creara, para o seu exclusivo imperio e delicias.

Como se vê, o mais difficil seria conceber similhante plano; mas, uma vez concebido, a execução era facilima. Para isso só lhe bastavam duas cousas: uma espada e um cavallo. Pois bem; muniu-se da primeira, montou-se na segunda e partiu a galope, como o heroe manchego, mas só e sem escudeiro, em direcção ao Oriente para ir colher, em um paiz de mais sol e de mais flores, a mysteriosa flor do lotus, a flor mysteriosa da illusão e do sonho.

Partiu, e aqui precipita-se a acção, como o galope veloz do ginete em que foi; porque uma tarde...

Uma tarde em que a maguada princeza, pelo estreito postigo do seu carcere azul e através do prisma das lagrimas, contemplava com tristeza a immensa paizagem abaixo a esbater nas ultimas tintas do dia, lobrigou além, muito além, seguindo a linha alvacenta da estrada, um como argueiro que se movia indistinctamente ao principio e que pouco a pouco foi crescendo, crescendo, aproximando-se, avolumando-se... Mas antes que aquelle argueiro se virasse no cavalleiro, que a vinha raptar, as sombras da noite cerraram-se de todo, e nada mais se viu...

Momentos depois, porém, um formidavel estrondo, como o de um trovão, abalou pavorosamente a torre desde o cimo até a base.

O cavalleiro, tendo chegado ao termo da sua audaciosa empreza, apeara de um salto e, galgando com a rapidez de um relampago as escarpas do rochedo, rasgara com o punho da espada um largo rombo no muro massiço da torre, onde o seu amor jazia trancado.

Como quem apalpa emfim a realidade de um sonho por tanto tempo e com tanto ardor sonhado, assim anhelava elle, com o coração a debater-se-lhe no peito no desespero louco de um passaro decapitado, e o halito em fogo, attonita e alucinadamente, ao brando contacto de um melindroso e quebradiço corpo, corpo adoravel de virgem, que desmaiado e frio lhe resvalou entre os braços. Depois, sustendo e acalentando nestes com carinho o precioso fardo, e apertando-o contra si mais e mais, como para o aquecer e reanimar ao calor do seu sangue e da sua paixão, cavalgou novamente o alipede corcel, que partiu de regresso a galopar pela noite a fóra...

Urgia assim regressar, fugir sem perda de tempo, de modo que, antes do sol surgir outra vez, estivesse bem a salvo com o seu thesoiro, muito longe daquelle paiz onde o fôra roubar, e tão longe que não no pudessem mais perseguir para o rehaverem delle.

E o cavallo, participando da vertigem e da febre do seu cavalleiro, deslocava-se veloz a todo o galope, numa carreira electrica e fantastica, por extensos caminhos enluarados, varando a solidão augusta, cheia de trilos e murmurios mysteriosos, suarento, arquejando, nitrindo, lavados em nivea escuma os freios de prata, mas sem parar, sem parar...

Nem parava o cavallo, nem cessava o cavalleiro, na insania daquelle delirio, de estreitar contra si, contra o seu coração, aquelle busto frio e desfallecido de virgem; mas, ah! com tanto fogo e extremo tal de paixão o fazia, queimando-o, carbonizando-o, calcinando-o ao contacto do seu peito em brazas, que, quando o sol surgiu de novo entre as nevoas do alvorecer, como entre rotos véus de musselina esparsos, só lhe restava do seu pobre amor uma fragil braçada de cinzas, que o primeiro bafo cheiroso da manhan dispersou nos ares...

Foi um pouco dessas cinzas talvez, que a lufada matinal me soprou contra o rosto, quando eu abria a janella, que deita para a estrada...

RAYMUNDO CORREA

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

V.—PRIMEIROS EMPREGOS EM PERNAMBUCO

Logo ao sair da Academia, Nabuco é nomeado para o lugar saliente de promotor publico do Recife (abril de 1836). A nomeação devia-a elle aos seus ataques contra o partido *chimango*, [2] do qual principalmente saiu a Praia, e aos serviços que prestara quando estudante, redigindo pequenos jornaes de occasião como o *Aristarcho* (1835—36), orando nos clubs e reuniões politicas. Era na administração de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, depois visconde de Suassuna. A provincia acabava de passar por uma serie de sedições que retardavam e mantinham embryonario o seu desenvolvimento commercial e agricola. Em 1834 tomara conta do governo depois de mais um tumulto o antigo presidente da Confederação do Equador, Manoel de Carvalho. Por mais apagadas que estivessem as lembranças de 1824, a reapparição no governo de um republicano historico não podia deixar de congregar contra elle os elementos conservadores da provincia. A fraqueza, porém, dos governos directamente democraticos, como os que o povo de Pernambuco ensaiou em diversas épocas, manifestou-se logo na

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de Agosto.

[2] « O partido chimango foi em Pernambuco o nucleo da facção praieira. O Dr. Nabuco em seus discursos, em seus escriptos, tem sempre defendido as prerogativas da coroa, a integridade do imperio. Este é o seu crime, d'ahi data o odio, que os individuos actualmente *praieiros* sempre lhe votaram desde 1833, o qual se augmentou de 1836 por diante.» (*Correio Mercantil da Bahia*).

curta presidencia de Manoel de Carvalho. No seu proprio partido formou-se, com a sympathia dos Cavalcantis, uma rivalidade de que resultou a sublevação dos Carneiros, com a qual caiu (1835) como subira. [1]

Sob a presidencia de Francisco de Paula, Pernambuco achou-se em mãos de um homem de principios modernos e de tempera antiga. Seu pai, o velho « coronel Suassuna », fôra um typo de intemerato patriotismo na revolução de 1817, o companheiro de Antonio Carlos nas prisões da Bahia. O filho soffrera com o pai e fôra criado por elle na tradição dos ricos senhores de engenho pernambucanos qne em épocas differentes sacrificaram bens, vida, e familia para servirem á causa nacional. Nos ultimos quarenta annos da vida o visconde de Suassuna manter-se-á inteiramente afastado da politica, deixando quasi sempre vasia a sua cadeira de senador, para encerrar-se no seu engenho, até onde não chegava a agitação das gerações novas com as quaes elle não communicava em quasi nenhum sentimento.

Sómente á demagogia podia um homem desse quilate moral parecer dominado da ambição de fundar uma olygarchia de familia, o ultimo dos pensamentos que elle confessaria a si mesmo. E' natural que a transmissão do ascendente politico, durante quarenta annos, de Francisco de Paula Cavalcanti (Suassuna) a Rego Barros (Boa-Vista) e depois ao irmão daquelle, Pedro Cavalcanti (Camaragibe) tenha parecido a formação de uma dynastia no seio de um partido, mas ha razões mais profundas para explicar a coincidencia. Cada um desses tres homens tinha as qualidades que em concurso livre lhe haviam de merecer na occasião a insignia do commando. Sem duvida grandes abusos são inherentes a todo predominio de familia, mas a chamada familia Cavalcanti comprehendia grande parte da propriedade territorial da provincia e a sua influencia directora no partido conservador era legitima e natural, dados os elementos da sociedade pernambucana naquella época. De facto não era uma familia só, mas diversos circulos, formados pelas antigas familias.

---

[1] *Justa Apreciação do Predominio Praieiro*, Recife, 1847. O opusculo foi publicado anonymamente, o autor, porém, é Nabuco, então redactor da *União*.

Nabuco dirá na *Ordem* em 1841, no seu estylo pessoal caracteristico: « Pernambuco antes quer a esse presidente (Boa-Vista), que se apoia em vastos circulos de familia e que lhe offerece esta garantia de ordem e estabilidade, do que a algum que, isolado dessas relações num tempo em que a força publica é nulla, ha de succumbir em qualquer crise e comprometter a paz ». Mais tarde elle explicará em alguns traços o ascendente politico exercido por aquella familia: « A influencia da familia Cavalcanti não é um facto de 1835, mas de tempos remotos; essa influencia não é obra do poder ou da revolução, mas procede da natureza das coisas; é a influencia que sempre teve e ha de ter uma familia numerosa, antiga, rica, e cujos membros sempre figuraram nas posições sociaes mais vantajosas: na primeira Legislatura de 1826 cinco membros dessa familia foram eleitos deputados; na segunda e terceira Legislaturas seis Cavalcantis obtiveram essa honra popular; essas eleições foram anteriores á presidencia do Sr. barão de Suassuna... Esses Cavalcantis antes da nossa emancipação politica já figuravam como capitães-móres, tenentes-coroneis, coroneis e officiaes de ordenança e milicia e em todos os cargos da governança; os engenhos, que a maior parte delles têm, fôram havidos por heranças transmittidas por seus maiores, e não adquiridos depois da revolução; enumerai os engenhos da provincia e vos damos fiança de que um terço delles pertence aos Cavalcantis...» E acrescentava: « Nestas circumstancias, com estes predicados e elementos, e no estado normal da sociedade, é um impossivel que essa familia não exerça influencia; uma familia antiga, rica, numerosissima, composta de membros que sempre occuparam as melhores posições sociaes, e foram condecorados e aforados, só não terá influencia quando a sociedade estiver transtornada, quando todos esses elementos de uma influencia regular e legitima estiverem obliterados pelo predominio da violencia, pela confusão da anarchia, pelo revolvimento da sociedade». [1]

Pedro de Araujo Lima havia succedido a Feijó como Regente interino e contra a sua eleição movia-se a candidatura de Hollanda Cavalcanti, irmão de Suassuna. E' provavel que as relações intimas de Nabuco com este o tenham feito parecer pouco orthodoxo

[1] *Justa apreciação*, pag. 4.

á reacção conservadora iniciada sob o novo Regente pernambucano. Só assim se explica o não haver Francisco do Rego Barros cumprido a promessa que fizera no Rio de Janeiro de tomar a Nabuco para seu secretario. A grande evolução monarchica de 1837 só podia, entretanto, satisfazer a Nabuco. As suas relações com Suassuna não o levariam até sophismar o seu claro instincto politico.

A divisão da familia Cavalcanti era um accidente puramente local e passageiro. A maioria dos votos Cavalcantis é dada de preferencia a Araujo Lima. A posição de Hollanda como chefe liberal no imperio creava uma situação especial para os seus parentes e amigos de Pernambuco, mas não apagava a linha de demarcação entre os dois partidos da provincia. A affinidade politica sobrepujava as dedicações particulares. Pessoalmente Nabuco devia sentir-se inclinado em 1837 a servir a influencia de Hollanda Cavalcanti em Pernambuco. Feijó pouco antes tinha nomeado seu pai senador, e elle achava-se politicamente ligado com Suassuna. Duas grandes correntes de opinião estavam, porém, formadas no paiz e era preciso escolher uma ou outra: ou passar-se para o partido popular, ou acompanhar a reacção conservadora, quaesquer que fossem as perturbações causadas no partido, até então chamado cavalcanti, pelos movimentos excentricos de Hollanda na Côrte. Foi assim que Nabuco se achou tão preso ao ministerio de 19 de setembro de 1837 e á nova situação, depois chamada *baronista*, que elle inaugurava com a nomeação de Rego Barros para a presidencia de Pernambuco, como estivera até então á administração Suassuna. Naquelle grande ministerio, do qual Vasconcellos foi o inspirador e que terá o nome de *Ministerio das Capacidades*, entravam dois deputados pernambucanos com os quaes Nabuco tinha estreita amisade, Sebastião do Rego e Maciel Monteiro. Para um joven aspirante á carreira politica teria sido um inglorio suicidio separar-se, sómente por uma fidelidade pessoal, da causa pela qual elle trabalhara no dia em que ella vencia. Nem o proprio Suassuna podia querer isso.

Dos Cavalcantis para os *chimangos* a distancia era a mesma que dos Rego Barros, tendo até o lado cavalcanti, como o futuro o vai demonstrar, Hollanda exceptuado, mais accentuada feição conservadora do que o baronista. Qualquer que fosse o seu constrangimento pessoal, Nabuco tinha que reconhecer na reacção

de 1837 a consummação da obra pela qual elle se tinha tanto esforçado. Entre Suassuna e Rego Barros, a sua dedicação era pelo primeiro; a sua razão politica estava com o segundo.

Bastava, entretanto, essa divisão de sentimentos para Nabuco difficilmente poder fazer caminho em politica. A sua amizade com Suassuna tornava-o suspeito aos partidarios acerrimos da reacção aos chamados *corcundas*, e quanto a acompanhar elle os *chimangos* estava fóra de questão. Por isso sente-se deslocado na provincia e chega a pensar em um cargo diplomatico, para o que o pai fala a Maciel Monteiro, ministro de estrangeiros. Elle era, porém, um auxiliar que nenhuma administração dispensaria. Rego Barros, sem fazer delle um favorito, conserva-o na promotoria, e em 1838 o reconduz. Em 1838 entrara elle para a Assembléa Provincial como supplente em exercicio.

VI. — REACÇÃO MONARCHICA [1]

Com a morte de Pedro I os elementos conservadores que concorreram para a revolução de 7 de abril, ou antes os espiritos liberaes de 1831 que a anarchia havia desilludido, tinham começado a desaggregar-se do partido moderado e a fundir-se com os restauradores. Essa concentração conservadora produz a grande reacção monarchica de 1837. Em nossa historia constitucional houve dois governos fortes, que apparecem ambos no fim de situações liberaes agitadas e impotentes, como uma reacção da sociedade em perigo. Em ambos os casos, porém, o esforço exhaure logo o organismo cançado, incapaz de cohesão. Um é esse ministerio de 19 de setembro de 1837; o outro, o de 29 de setembro de 1847. Dos dois o contraforte exterior é Honorio (Paraná), que não quiz figurar em nenhum.

---

[1] « De 1822 a 1831, periodo de inexperiencia e de luta dos elementos monarchico e democratico; de 1831 a 1836, triumpho democratico incontestado; de 1836 a 1840, luta de reacção monarchica, acabando pela maioridade; de 1840 até 1852, dominio do principio monarchico, reagindo contra a obra social do dominio democratico, que não sabe defender-se senão pela violencia, e é esmagado; de 1852 até hoje (1855), arrefecimento das paixões; quietação no presente, anciedade do futuro, periodo de transacção.» Justiniano José da Rocha, *Acção, Reacção, Transacção*, pag. 5. Para o estudo da evolução monarchica ler cada palavra desse opusculo.

No ministerio de 37 ha um gigante intellectual, Vasconcellos, que se passa com immenso estrondo para o campo da reacção. « *Fui liberal,* dirá elle, *então a liberdade era nova no paiz, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéas praticas*; *o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os principios democraticos tudo ganharam e muito comprometteram; a sociedade, que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarchia. Como então quiz, quero hoje servil-a, quero salval-a, e por isso sou regressista. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendo, no dia de seus perigos, da sua fraqueza; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triumpho que até o excesso a compromette.* »

A força da reacção era invencivel, uniam-se no mesmo movimento os velhos reaccionarios do primeiro reinado, os principaes fautores do 7 de abril, e o grupo que em torno dos Andradas pretendia representar a verdadeira tradição liberal do paiz. A monarchia estava em distancia de exercer já a sua acção tranquilizadora. Respirava-se no meio das ondas agitadas o effluvio da terra vizinha. Os partidos começavam a contar com o dia do juizo, a considerar-se responsaveis. Na legislatura de 1838 entrará uma forte phalange liberal; resuscita a grande figura de Antonio Carlos. Formam-se então os dois partidos que hão de governar o paiz até 1853, e disputar no terreno da lealdade á monarchia constitucional. E' um verdadeiro renascimento da confiança que se manifesta no desabrochar quasi simultaneo dos mais bellos talentos da nossa literatura. A nação deixava-se suavemente deslisar para a monarchia. Far-se-á uma accusação ao partido liberal de haver apressado a maioridade. O que elle fez é o que todos anceavam. Vasconcellos, o grande adversario da maioridade quando ella se faz, havia pensado antes na regencia de Dona Januaria [1], e a sua opposição ao movimento de julho foi exclusivamente uma dilação partidaria no intuito de garantir melhor o seu partido no dia

[1] « Nunca fui considerado infenso ao governo de Sua Magestade Imperial o Sr. Dom Pedro II, tendo até em outra época desejado a regencia da augusta princeza imperial, a Sra. D. Januaria, desejo este que nunca excedeu os limites de um pensamento...» *Exposição* de Bernardo Pereira de Vasconcellos sobre os acontecimentos da maioridade.

inevitavel do ostracismo, dando-lhe um Conselho de Estado em que se abrigar.[1]

De 1831 a 1840 (até mais tarde mesmo, poder-se-ia dizer, porque o imperador ao tomar conta do throno era um menino e não uma individualidade capaz de defender uma instituição) de 1831 a 1840 a republica foi experimentada em nosso paiz nas condições mais favoraveis em que a experiencia podia ser feita. Ella tinha diante de si pela Constituição do imperio treze annos para fazer suas provas; durante esse prazo, que é o da madureza de uma geração, si o governo do paiz tivesse funccionado de modo satisfactorio,—bastava não produzir abalos insupportaveis,—a desnecessidade do elemento dynastico, que era um pesadelo para o espirito adiantado, teria ficado amplamente demonstrada. Em França, em 1830, o desapontamento dos republicanos fôra natural, porque, em vez do governo de que já se julgavam de posse com a queda de Carlos X, Lafayette lhes dera como «*a melhor das republicas*» um rei ainda vigoroso e rodeado da mais numerosa e brilhante familia real da Europa. No Brazil, porém, a Regencia foi a republica de facto, a republica provisoria. «Temos treze annos diante de nós» era o consolo dos republicanos ao lastimarem a subtracção do habil trabalho que tinham feito nos quarteis. Por outro lado não se rompia a tradição nacional para o caso de falhar a experiencia. Que monarchista de razão, dos que não tinham a superstição da realeza, desconheceria a sufficiencia da prova, si désse bom resultado essa experiencia da democracia apenas com o anteparo ficticio de um berço, entregue a ella mesma?

O desastre, porém, fôra completo. Si a maioridade não resguardasse a nação como um parapeito, ella ter-se-ia despenhado no abysmo. A unidade nacional, que se rasgara em 1835 pela ponta do Rio Grande do Sul, ter-se-ia feito toda em pedaços. A experiencia foi tão esmagadora que a opinião republicana de 1831 tinha

---

[1] «Nossas instituições não estão completas, faltam-nos muitas leis importantes, algumas das existentes exigem consideraveis reformas, e muito ha que vivemos sob o governo fraco de regencias. Falta-nos um conselho de Estado, não temos eminencias sociaes, ou por pobresa nossa, ou porque a inveja e as facções tenham capricharado em nivelar tudo. Neste estado de coisas não acclamara eu o Sr. Dom Pedro II maior desde já...» B. P. de Vasconcellos, *ibid.*

desapparecido em 1837 da face do paiz, como desapparecera em França depois do Terror. Já nesse tempo se falava em completarmos a uniformidade politica da America, em estirpar « a planta exotica ». A nação, porém, tinha a razão perfeitamente lucida, e preferia um regimen, quando mais não fosse, que procurava acredital-a como nação livre aos olhos do mundo, e tinha interesse proprio em que a luz da mais crua publicidade se projectasse sobre cada acto dos ministros responsaveis, em que o chefe do Estado era o confidente natural da opposição, á vangloria de ser classificada entre as republicas americanas, com as suas dynastias de dictadores, «*meio bandidos, meio patriotas*», como foram chamados, e que formam, com rara excepção, a mais extensa serie de governos degradantes entre povos de origem européa. Não era possivel, quando o seu instincto liberal estava ainda em todo o vigor da mocidade, hypnotisal-a com uma palavra para tirar-lhe até mesmo a aspiração de ser livre.

JOAQUIM NABUCO

AS AVESTRUZES DO BRAZIL

A hodierna systematica costuma bifurcar o mundo das aves em dous ramos principaes — sub-classes — *Carinatae* e *Ratitae*. As aves que até aqui hemos estudado,[1] pertencem todas ás *Carinatae*, isto é, aquellas que têm a quilha do esterno alta e patentemente desenvolvida para nella inserirem os possantes musculos das azas. A estas contrapoem-se as *Ratitae*, ou sejam aves que não possuem quilha do peito, porém sim um esterno totalmente chato na face anterior. A esta circumstancia se prendem um desenvolvimento insignificante das azas e um reforço das pernas, visando a tornal-as mais aptas para correrem.

As *Ratitae*, indubitavelmente divisão antiquissima, acham-se em minoria relativamente ás *Carinatae*. Especies ainda vivas contam-se tão sómente 19. Distribuem-se por tres partes do mundo: Australia (e Nova Zelandia), Africa e America do Sul — todas situadas no hemispherio austral. Si algum argumento suggere a connexão prehistorica destas tres partes do mundo entre si ou com partes da superficie terrestre, que já não se erguem ácima do nivel do mar, não padece duvida que é a presente distribuição das Ratitae, as quaes nem voam, nem no caracter de animaes domesticados poderiam ter acompanhado no decorrer dos tempos ao homem em suas peregrinações e viagens maritimas.

As *Ratitae*, tambem acaso chamadas *Brevipennes* e *Cursores* grupam-se em 3 familias: 1 *Struthionidae* (Avestruzes); 2 *Casuaridae* (Casuarios); 3 *Apterygidae* (Kiwis).

---

[1] Este artigo faz parte do livro do A. ora no prélo sobre as *Aves do Brazil*. N. DA R.

As struthionides ou legitimas avestruzes habitam a Africa e a America do Sul; dellas affins, si bem que um tanto dissimilhantes no habito, são as Casuarides, as avestruzes australianas. As Kiwis (Apterygides) estão circumscriptas á Nova Zelandia; são individuos nocturnos, de aspecto singular e bico comprido, em que azas e cauda estão de todo em todo atrophiadas. A familia das Struthionides comprehende dois generos, o genero *Struthio* na Africa *(Struthio Camelus)*, e e genero *Rhea* na America meridional.

A *Rhea americana*, a Ema ou *nhandú* dos sertanejos, descripta por Markgrav como *nhandú-guaçú*, denominada por Azara *churi* e *nandó*, attinge acerca de 1 $^1/_2$ ^{m}. de comprimento no sexo masculino; a femea, na media, é obra de 12 ^{cm}. mais curta. A côr preponderante é cinzenta; negros são o alto da cabeça, nuca e parte das grandes pennas das azas, o meio do pescoço amarellado; o lado do abdomen e as maiores pennas das azas são esbranquiçadas. O pescoço é comprido, a cabeça pequena, larga e achatada, um tanto resaltados os olhos, que são guarnecidos de bastos cilios. O bico é mais curto que a cabeça, chato, não dissimilhante do de ganso, o tronco é volumoso e pesado. Na parte anterior do peito ha um calo nú, originado pelo continuado deitar-se. As azas são proporcionalmente pequenas, de pennas macias e sedosas, e carecem de guias propriamente ditas; na ponta da aza assenta um longo esporão em fórma de espinho. Outrosim lhe fallece uma cauda formada de tectrizes duras. As pernas são grossas e vigorosas, as coxas massiças á guisa de presunto; o pé tem tres dedos.

A avestruz africana, pelo contrario, é consideravelmente maior, de pescoço nú, azas e cauda guarnecidas daquellas pennas macias e crespas que todo o mundo conhece por artigos de moda, e tem só dois dedos. A ema é uma ave caracteristica da região dos campos do Brazil e abundante a partir do Rio Grande do Sul até pelo Amazonas acima. Como é facil de se comprehender, devia ella, antes de qualquer outra ave sertaneja, ferir a attenção dos primeiros immigrantes portuguezes. Assim é que por exemplo, Pero de Magalhães de Gandavo[1] (anno 1572) depara-nos o seguinte edificante esboço desta ave: «Outras aves ha tambem nestas partes cujo nome a

---

[1] *Historia da provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil*, Reimpressão de 1858. Lisboa, pag. 36.

todos cá é notorio, as quaes ainda que tenham mais officio de animaes terrestres que de aves, pela razão que logo direi, todavia por serem realmente aves de que se póde escrever e terem a mesma similhança, não deixarei de fazer menção dellas como de cada uma das outras. Chamam-se emas, as quaes terão tanta carne como um grande carneiro e tem as pernas tão grandes que são quasi até os encontros das azas da altura de um homem. O pescoço é muito comprido em extremo e tem a cabeça nem mais nem menos como de pata: são pardas, brancas e pretas e variadas pelo corpo de umas pennas mui formosas que cá entre nós costumam servir nos gorros e chapéus de pessoas galantes, e que professam a arte militar. Estas aves pascem hervas como qualquer outro animal do campo e nunca se levantam da terra, nem voam como as outras, somente abrem as azas e com ellas vão ferindo o ar ao longo da mesma terra: e assim nunca andam sinão em campinas onde se acham desempedidas de matos e arvoredos, para juntamente poderem correr e voar da maneira que digo. »

A ema é ainda hoje, a par da seriema a ave com que mais promptamente depara o viajante nos Campos Geraes. Compraz-se em andar aos bandos. Sempre que não se sente perseguida, torna-se mansa e familiar, passeia vagarosa e tranquillamente á cata de frutas, insectos, myriapodos e vermes. Além de quasi tudo que é bom para comer, ingere igualmente muita cousa indigesta, como sejam seixos, cacos de vidro e fragmentos de metal. Reconhecendo no homem attitude hostil, já de grande distancia deita a correr apressadamente. Na carreira traz o corpo horizontal, o pescoço estirado para cima, as azas por vezes abertas. No Ceará, ao que ouço dizer, assevera-se que na fuga ella propria se esporeia com as acicates que tem nas azas. A cada passada que dá, avança de um bom metro, revezando-se então as pernas com tamanha rapidez que difficilmente poderão ser distinguidas com clareza.

O ir-lhe no encalço não é empreza de somenos difficuldade mesmo para um bom cavalleiro e um cavallo brioso. As arranhaduras das suas garras não constituem arma que cães e caçadores desdenhem. A cavalleiro a ema tem mais medo do que a peão, e no Sul asseguram que a gaúcho ou indio encavalgado a ave já de longe reconhece, e ao dar vista delle toma-se de um pavor immenso. O principe zu Wied, que a observou muito no sertão entre

Minas e Bahia, narra que em setembro a ave deita os ovos em uma excavação raza. Os ovos são de varias dimensões, alguns difficilmente mais avantajados que os de ganso, na media, porém, attingem até 130 mm no eixo longitudinal, a côr é branca tirante a amarello desmaiado; o desenho consiste em pontinhos de um amarello verde, que rodeiam os poros grandes. Muito encontrados são os dados tocantes ao numero dos ovos. O principe Maximiliano dá de 29 ou 30 a 60, Azara vai até 79 e 80, Darwin fala de 40 a 50, Böcking relata que nos pampas do Sul nunca achou mais de 23 e, na media, de 13 até 17. O principe zu Wied informa em seguida haver observado por largo tempo, proximo da estação militar de Valo, uma ema femea com os seus 14 filhos quasi adultos.

Os sertanejos affirmam que um ovo de ema equivale a 15 de gallinha; como é facil de comprehender, são soffregamente procurados. Em algumas partes o povo costuma quebrar o ovo na ponta, deitar fóra a clara, que é um tanto grosseira, e apenas comer a gemma. Por toda a America do Sul corre com insistencia de bocca em bocca que a ema deita ovos de sobrecellente, que depois propositalmente quebra, no intuito de proporcionar com o primeiro repasto aos filhos saidos da casca as moscas e demais insectos agglomerados no conteúdo que se escôa. Tal refere tambem o principe zu Wied; a mesma cousa ouço contar do Ceará; observadores recentes nutrem duvidas.

A carne é capitulada de grosseira, qual a de cavallo. Pelo contrario dizem ser mui saborosa a dos filhos, que já no terceiro e quarto dia de existencia têm-se tão galhardamente sobre as pernas, que uma pessoa a pé não poderá facilmente alcançal-os. A pelle é empregada pelos gaúchos do sul no fabrico de saccos, sendo que no principio deste seculo os habitantes do sertão de Minas e Bahia utilizavam-na tambem, curtindo-a, como informa o principe zu Wied, tingindo-a de preto e manufacturando com ella calças. As cascas dos ovos vasias servem de cuias.

Já muitas emas têm ido ter á Europa, onde se têm dado bem, deitando ovos, incubando-os e criando os filhos durante varios annos consecutivos, mesmo sob o céu inclemente de Berlim. Em 1890, lá pelos fins do outono, vi eu mesmo em um jardim zoologico da Europa quatro emas, nascidas havia pouco, sob a direcção do pai,

que costuma tratar extremosamente da sua prole. Nos jardins publicos mais de um exemplar já tem estado á vista. Um desses individuos, que falleceu repentinamente, tinha no estomago bom punhado de moedas de cobre, mormente das antigas peças recunhadas de 40 réis, as quaes em parte estavam tão atacadas pelos succos corrosivos, que se haviam tornado em parte quasi tão delgadas como papel. Uma ema já nós mesmo tivemos largos annos a correr livremente no nosso jardim. A ema e a seriema são animaes uteis que merecem ser poupados pela guerra de exterminio que declaram a um sem numero de bichos,

No extremo sul é a nossa ema do norte representada por uma especie menor — a *Rhea Darwinii*. Possue pernas mais curtas, coxas completamente emplumadas; é de coloração cinzenta, ondeada de escuro, e deve pôr ovos de um azul pallido. Sua patria é a Patagonia até o estreito de Magalhães. Uma terceira especie de Rhea, assignalada para a America do Sul (a *Rhea macrorhyncha*) não conheço de observação propria. Sclater descreveu-a em 1860 á vista de um exemplar de procedencia desconhecida, existente no jardim zoologico de Londres. Desde então W. A. Forbes demonstrou que ella procede do sertão de Pernambuco e Parahyba (São Bento, Piancó). Esta especie deve caracterizar-se por ter coloração mais parda e bico mais comprido.

A ema, *Rhea americana*, tem sido igualmente encontrada entre os detritos de aves nas cavernas ossiferas do Rio das Velhas, de sorte que ficamos sabendo que esta ave já pertencia a ornis postpliocenica do Brazil. A datas anteriores não remontam os nossos actuaes conhecimentos no tocante ás *Ratitae* sul-americanas.

Alhures, porém, tem-se apurado, que não menos de quatorze especies de Struthionides, em parte muito avantajadas, extinguiram-se ha tempos proporcionalmente recentes a esta parte. São as *Dinornithidæ* e *Palapterydæ* descobertas na Nova Zelandia, e as *Aepiornithidæ* achadas em Madagascar. Da Aepiornis descoberta em 1850, tambem se conhecem os ovos, que têm seis vezes o volume de um ovo de avestruz e valem por 150 ovos de gallinha. Das especies de Dinornis da Nova Zelandia as maiores attingiam a uma altura de 4 metros. De resto corre que restos de Struthionides fosseis já foram tambem encontrados no eoceno inferior da Europa.

Sobremaneira interessante é, por outro lado, uma ave da Hesperonis norte-americana do terreno cretaceo — medindo cerca de um metro de comprida, ao primeiro aspecto, lembrando quiçá no seu habito uma garça *Ardeidæ* ou uma Anhinga *Plotus anhinga* pertencente, porém, ás *Ratitæ* pelo seu esterno grande e chato.

A Hesperornis possue igualmente dentes nas duas mandibulas, pernas vigorosas organizadas para remar com dedos compridos, cauda longa e reforçada, e azas puramente rudimentares. Marsh qualifica-a de uma struthionide aquatica e carnivora.

Dr. Emilio A. Goeldi

O MONISMO NO DIREITO

FAUSTO A. CARDOSO. *Concepção monistica do universo. Introducção ao Cosmos do Direito e da Moral.* Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1894.

I

As grandes syntheses com que a Allemanha moderna coroou o deslumbrante desenvolvimento da sciencia experimental no nosso seculo, as intuições arrojadas dos grandes pensadores daquelle grande paiz produziram em todo o mundo scientifico um movimento tão consideravel, abriram um caminho tão largo através de uma luta tão ruidosa e tão renhida na qual tomaram parte todos os mais notaveis espiritos do seculo, que quem quizer formar uma opinião superficial do movimento philosophico dos nossos dias não póde absolutamente ignorar os productos da cultura germanica.

Ha mais de treze annos que Tobias Barreto, provocou uma revolução no seio da Faculdade de direito do Recife, quando no concurso que então fazia para lente formulou perante a congregação attonita a seguinte these: *só o monismo nos dá a verdadeira intuição do direito.*

Aquelle lemma que então assombrou a sabia corporação pela sua escandalosa novidade, continúa ainda hoje a ter o mesmo frescor juvenil para a maioria dos brazileiros cultos que professa a mais respeitosa ignorancia sobre os mais importantes problemas philosophicos do seculo e, exceptuada a intuição estreita e atrazada do

orthodoxismo comteano, nada sabe da grande agitação philosophica que vai pelos centros em que se pensa.

A prova disto é que o recente livro do Dr. Fausto Cardoso, cujo titulo serve de epigraphe a estas linhas, foi recebido no meio da quasi geral indifferença e pelas poucas apreciações que tem provocado vê-se claramente que se afigura á maioria dos seus limitadissimos leitores como uma serie de novidades ou de creações abstrusas sem importancia alguma a que o autor pretende dar generalização. Resigne-se o talentoso pensador, lembrando-se com Renan que o melhor meio de ter razão para o futuro é saber resignar-se no presente a estar fóra da moda.

Os leitores da *Revista* não precisam certamente que lhes seja apresentada a figura sympathica e movimentada do Dr. Fausto Cardoso que nella tem escripto páginas brilhantes sobre a intuição scientifica da historia. Discipulo de Tobias Barreto, o Dr. Fausto Cardoso pertence ao numero dos que ouviram a palavra do grande mestre, graças a qual poude familiarizar-se com as doutrinas modernas, e possuir-se do enthusiasmo communicativo que elle sabia ter pelas « idéas novas que voam de outros mundos e vêm fazer seu ninho em nossas cabeças ». Fortemente saturado das doutrinas de que o pranteado mestre se tornou extrenuo propagandista, conservou, porém, o Dr. Fausto Cardoso toda a independencia e originalidade do seu bello talento, e continuando a aprofundar sosinho o estudo das theorias em que fôra iniciado, ostenta-se hoje com a envergadura de um espirito fortemente culto e extremamente ousado.

O livro que nos occupa não é mais de que a introducção de uma obra de mais folego, o escorço a traços largos de um plano geral de intuição scientifico-philosophica com applicação especial á concepção da sociedade e á intuição da moral e do direito, ao que tudo dá o titulo de Cosmos da Moral e do Direito aproveitando uma bella frase de Holzendorff na memoravel carta que dirigiu á Faculdade de direito do Recife, á proposito da adhesão daquelle instituto á consagração que se pretendia fazer á memoria de Bluntschli.

Possuido da ancia febril que constitue o caracteristico dos grandes talentos o Dr. Fausto Cardoso trabalha nervosamente para formar uma synthese das idéas que lhe borbulham no cerebro, e não tendo ainda assentado em um systema definitivo, procura traçar

a orbita das idéas que confusamente bruxoleam no seu espirito e pouco a pouco se encaminham para uma synthese definitiva.

Tendo ao seu serviço um talento robusto, um espirito altamente philosophico e ousado, uma imaginação ardentissima, muita leitura e erudição, um estylo nervoso e colorido, o autor sem ambages nem rodeios, vai dizendo o que sente, confuso aqui, brilhante mais adiante, incorrecto ás vezes, temulante e quasi hypnotisado, tendo ás vezes bellissimas imagens realçadas pelos tons quentes de uma imaginação verdadeiramente meridional, ás vezes nebulosas divagações genuinamente filhas de um cerebro teutonico.

O livro tem uma parte expositiva da doutrina de Haeckel e Darwin, e sua applicação á concepção geral do mundo segundo a intuição do monismo mecanico, e outra de exposição do ponto de vista individual do autor sobre as questões da consciencia, do livre arbitrio, teleologia, methodo, e a intuição do direito. E' o proprio autor quem mais de uma vez chama insistentemente a attenção para a differença que existe entre a parte original do livro e a primeira parte, simples rapsodia do que disseram outros.

Com effeito os primeiros capitulos do livro, a saber, a introducção, e o denominado intelligencia, nada mais são do que um apanhado, magistralmente feito, da doutrina de evolução segundo Darwin e Haeckel, com applicação ao mundo psychologico conforme a intuição de Romanes. Para sermos inteiramente francos, desejariamos que visto serem taes capitulos destinados a dar aos estudantes e ás pessoas extranhas á cultura scientifica os conhecimentos propedeuticos indispensaveis para comprehender o que se segue, deviam ser escriptos com mais clareza e precisão. Não nos furtamos porém ao desejo de transcrever o seguinte trecho com que o autor synthetiza, ao terminal-as, as noções elementares que entendeu dar. « E si assim é, si não existe na natureza outra intervenção dessa força que integra a materia e dessa materia que dissipa movimento, differenciando-se lenta, gradual e progressivamente, segue-se que o mundo da phenomenalidade é ligado por um laço etiologico e que o Universo é um lado unitario, um *monon*.»

Do capitulo sobre a consciencia em diante começa o autor « a pensar por sua conta » segundo sua propria expressão. Valha a verdade, este capitulo é o mais obscuro do livro.

Depois de affirmar que a consciencia tem sido «o grande enigma da psychologia, o cachopo de encontro ao qual se quebram impotentes todas as theorias espiritualistas, physiologicas e evolucionistas, que têm pretendido traçar as leis do mundo objectivo», «o unico ponto obscuro, a unica interrogação sem resposta no campo das investigações psychologicas»; depois de passar uma rapida revista nas diversas explicações que ao mysterioso phenomeno têm sido procuradas pelos mais representantes da sciencia e da philosophia moderna, todas inanes e impotentes diante do grande X, passa o Dr. Fausto Cardoso a dar-nos a sua concepção da consciencia.

Preparado assim o leitor sobre a difficuldade do problema, explica o autor o seu modo de ver, dizendo que a consciencia, não é nem coisa, nem forma, nem phenomeno, nem super-phenomeno, mas simples e exclusivamente uma relação, a relação entre as formas mentaes, entre os phenomenos psychicos, entre as sensações, as imagens, as idéas, os elementos logicos emfim. «Do mesmo modo que da coexistencia resultam relações entre os corpos, e destas relações uma harmonia, do mesmo modo que da successão resulta uma relação de formas e de phases que nos dá a idéa da unidade; assim tambem no mundo subjectivo onde não ha sómente coexistencia de sensações e percepções, mas tambem, e isto é o capital, successão de formas mentaes, quer dizer de percepções, de imagens e de idéas, deve haver do mesmo modo ao lado da harmonia que resulta da coexistencia das idéas uma unidade resultante da successão das formas mentaes.» E' esta forma de relações que constitue a consciencia cujos estadios são a successão das formas mentaes as quaes se originam sob o influxo de um só e mesmo meio—o physico, e se succedem no mesmo meio—o organico, resultando d'ahi a unidade da successão mental e conseguintemente a unidade do *eu*. Adquirida a noção do eu, toma elle lugar, *como idéa no espaço mental*, estabelecendo-se uma relação entre a idéa do eu e as demais formas mentaes ahi coexistentes das quaes elle se distingue por sua origem e sua posição.

«O eu, este constante *devenir* do mundo psychico, vai, em suas diversas phases, que a psychologia actual denomina estadios de consciencia, tomando formas no espaço mental, de modo a estar sempre presente, e assim as duas categorias mentaes — a da

coexistencia e a da successão, se confundem em um só facto de unidade e de equilibrio psychico, assim como a coexistencia e a successão objectiva se confundem no facto unico da unidade e da harmonia physica. Do conceito da consciencia assim exposta resulta: 1° que ella fica fóra das pesquizas psychologicas como forma para ser estudada somente no tocante á evolução das formas mentaes de que ella é relação; 2° que só póde ter existencia na consciencia aquillo que tem forma. Percepção e abstracção são as duas formas mentaes primordiaes e irreductiveis pelas quaes se manifesta a ideação. Estas formas transformadas e combinadas vêm a constituir todas as manifestações mais elevadas da vida psychica nas suas modalidades mais variadas. « Dest'arte, conclue victoriosamente o autor, a pretenção da philosophia mecanica de que todos os phenomenos se acham ligados por um laço etiologico e de que o universo é um todo unitario impõe-se com a força irresistivel de um facto e acuidade inexoravel de um principio. »

Nada occultamos da theoria do autor e preferimos transcrever literalmente as suas palavras sobre esta concepção contra cuja obscuridade elle nos previne dizendo que « a coisa não é facil, mas tambem não é impossivel de comprehender-se. » Não é intenção nossa fazer polemica sobre questões tão abstractas e transcendentes como a que nos occupa. Seja-nos licito, todavia, observar que o autor transportando a noção da consciencia do terreno seguro da psychologia experimental para as alturas nebulosas da metaphysica transcendente, não só poz-se em contradicção com os dados da sciencia moderna que pela bocca do proprio Haeckel, considera a consciencia *uma questão neurologica* na conferencia que aquelle sabio fez, em 9 de outubro de 1892 em Altemburgo, na reunião dos naturalistas allemães, mas tambem complicou inutilmente os termos do problema sem se lembrar que os seres metaphysicas *non sunt multiplicanda præter necessitatem.* Fazendo da consciencia o eixo sobre o qual gyra toda a vida espiritual, esqueceu-se da larga parte que a psychologica moderna assegura á actividade inconsciente do espirito, que aliás o proprio autor em outro trecho de seu livro não desconhece (p. 64) e na qual se basêa a propria existencia dos phenomenos do hypnotismo e telepathia tão obscuros quanto incontestaveis.

Por outro lado a concepção da consciencia como a forma das relações que prendem o mundo sensacional ao mundo subjectivo, não tem em si muita differença da intuição critica de Kant. Trocada a terminologia do autor pelo vocabulario kanteano póde-se dizer da razão e das categorias á priori o mesmo que o Dr. Fausto Cardoso diz da consciencia e das formas mentaes. Não é, aliás, como censura que assinalamos esta aproximação; em primeiro lugar, porque a theoria do Dr. Fausto Cardoso só tem a lucrar em ser aproximada da genial intuição do grande pensador de Könisberg, e depois porque a theoria criticista do conhecimento é ainda hoje a unica solução aceitavel para o problema psychologico metaphysico.

Nos capitulos que se denominam leis do Universo (p. 93) illusão teleologica (p. 93) monismo teleologico (p. 125) expõe o autor com a franqueza e colorido que lhe são peculiares o seu ponto de vista geral e a sua concepção do mundo, manifestando-se em toda a linha um discipulo enthusiasta de Haeckel, um partidario convicto e extremado do mecanismo hylozoista do sabio de Iena. Por isso mesmo a philosophia do autor resente-se dos mesmos defeitos do haeckelismo, tendo as mesmas virtudes. Com effeito encontramos no livro do Dr. Fausto Cardoso o mesmo enthusiasmo pelas forças vivas do Cosmos que constitue a força do systema de Haeckel, o mesmo amor pantheista pela *natura naturans*, as mesmas hypotheses arrojadas, a mesma imaginação exaltada, e a mesma fé absoluta nos resultados proximos ou remotos da applicação dos methodos experimentaes. Não seremos nós que lhe regatearemos louvores pelo seu quasi fanatismo por Haeckel, a quem entretanto o titulo de archinaturalista que lhe concede faz deixar um pouco na sombra o vulto gigantesco de Darwin. E comquanto não partilhemos seu enthusiasmo pela applicação cega do mecanismo a todos os phenomenos do universo, não podemos deixar de applaudir a convicção profunda com que o autor, dando o problema como resolvido, e lançando-se arrojadamente nas pegadas do pensador de Iena, repete emphaticamente o seu famoso *impavidi progrediamur*.

Em todos os pontos, porém, em que é falsa a tentativa do grande naturalista allemão o systema do Dr. Fausto Cardoso revela-se impotente para dar a chave dos problemas a cuja investigação se

propõe. A falta de elevação de vistas, a facilidade em dar corpo a hypotheses imaginarias, transformando sonhos poeticos em leis scientificas, o dogma aprioristico de prender a natureza a um systema préviamente concebido, a intolerancia fanatica para com os adversarios, a ausencia absoluta de uma theoria do conhecimento, obrigam o haeckelismo a ser uma excellente synthese scientifica, si quizerem, mas o ultimo dos systemas de philosophia, pois aduna os defeitos communs do positivismo e do naturalismo ás divagações sem base do materialismo.

Aceitando como provado que o mundo se revela ao espirito pelos sentidos, partindo da fé que merece a sensação, sem se abalançar a fazer a critica do conhecimento cai Haeckel no *realismo ingenuo*, tão censurado por Hartmann. O seu systema em nada se distingue neste ponto do positivismo vulgar, não tendo nem ao menos como acontece aos inglezes, a theoria do associacionismo para salval-o do empirismo grosseiro.

Em uma época em que as investigações da physiologia chegam a demonstrar a subjectividade das sensações e o largo papel que tem o eu na representação dos phenomenos que compõem o universo, aceitar, sem analyse e sem exame, os dados dos sentidos, dar plena fé ao testemunho da sensação a que o insuspeito Taine chama de allucinação verdadeira, para sobre tal fallivel testemunho architectar um systema, é realmente retroceder até antes do *cogito* de Descartes. E neste ponto cabe ainda mais ao haeckelismo de que ao comtismo a censura violenta que a este atira Dühring de ser culpado de alta traição para com a sciencia.

Si o pensador de Iena se deixasse ficar nos limites da sua sciencia, si se contentasse de enriquecel-a com as fecundissimas investigações graças ás quaes tantos caminhos novos abriu na biologia e na theoria da evolução, nada havia que dizer-lhe, nem era o caso de censurar-lhe a pobreza da sua philosophia. Mas querer erigir esta falta de philosophia em systema philosophico, é realmente intoleravel e tem-lhe sido justamente exprobrado por todos os que se occupam de assumptos philosophicos, mesmo os seus maiores admiradores. Os sabios teutonicos, naturalistas ou physicos, ou occupam-se exclusivamente de sciencia e não fazem philosophia como Virchow, Donders, Du Bois Reymond e Ludwig, ou pendem

francamente para o criticismo kantista como Helmholtz, Zöllner e Wundt.

Com a louvavel franqueza das convicções profundas o Dr. Fausto Cardoso não recúa diante de consequencia alguma e com uma coragem digna de melhor causa affirma altamente que a não philosophia do mestre deve ser eregida em systema philosophico. «Para Haeckel, diz o autor, a philosophia é, como se vê, uma força auxiliar da experiencia e da observação; não é a architectação de um principio, mas um principio architectonico da sciencia. Este é o unico ponto de vista philosophico que vingará no futuro. Para não cair na terrivel pantosophia inherente a todos os systemas, Haeckel *deixou-se ficar no dominio da biologia e jamais lhe transpoz os limites*. A philosophia, assim comprehendida, tem a vantagem de evitar os systemas, que só deixam um unico resultado: mecanisar o espirito dos que a elles adherem.» (p. 131) Tem mais uma vantagem a philosophia assim comprehendida: a de não ser philosophia. E' o caso de repetir como Pascal: *se moquer de la philosophie c'est vraiment philosopher*.

E' innegavel que o monismo é a philosophia do futuro, que todos os systemas se encaminham para uma synthese definitiva, na qual todos os phenomenos do mundo se reduzem a modos de manifestação de uma grandiosa e unica força, *nomeno* magestoso e desconhecido de tudo o que cai no dominio dos nossos sentidos, quer chame-se Deus ou Materia, Vontade ou Inconsciente, Incognoscivel ou Natureza, é o grande *monon*, de onde emanam por leis que nos são conhecidas ou não, todas as modalidades da vasta phenomenalidade do universo e no qual vai-se reduzir tudo o que existe. Força desconhecida e incognoscivel, mas cuja manifestação por meio das leis naturaes existe e nós não podemos deixar de affirmar. E' para a affirmação deste principio que concorrem o resultado de todas as sciencias e as generalizações de todas as philosophias.

Tomar, porém, como faz Haeckel um dos lados da manifestação desta força, aceitar cegamente o testemunho dos sentidos e querer applicar a todos os phenomenos conhecidos ou desconhecidos os mesmos processos mecanicos de uma certa classe de phenomenos é o ponto fraco do seu systema, filho de não ter elle uma theoria do conhecimento, de não distinguir a coisa em si da representação,

de pretender confundir o eu com o não eu. E' por isso que o Dr. Fausto Cardoso, discipulo convencido e ardente, cai nas mesmas contradicções do mestre, *automatisando o pensamento* no mesmo espirito partidario de systema que tanto condemna nas demais escolas philosophicas. (p. 132)

E' assim que o autor confessa que não se chegou ainda ao conhecimento completo de todas as leis sociaes (p. 85) reconhece que a verdade sobre consciencia não poude ainda ser formulada no dominio da psychologia (p. 153), concorda em que uma interpretação verdadeira do universo só póde ter por base o conhecimento exacto das leis que o regem (p. 93) e affirma que quando a mecanica da historia, como a da natureza, se revelar ao espirito humano, o universo, comprehendido como um só facto será estudado á lei de um só methodo (p. 91). Entretanto, ousa com tão falhos dados dizer desde já que todos os phenomenos do mundo explicam-se mecanicamente.

A impaciencia feroz com que combate o teleologismo não póde deixar de ser notada. Entendida a teleologia como quer Noiré (cuja synthese combina os dados scientificos do transformismo evolucionista com o criticismo realista de Kant e Schopenhauer) nada tem de repugnante e dá uma explicação aceitavel a um dos mais lancinantes porquês que affligem a humanidade. Uma vez que se aceite a intuição critica de Kant, comprehende-se que o *eu* une o mundo representação ás duas fórmas sensiveis da intuição, tempo e espaço, que são puramente idéaes, e que fóra de nós só ha forças que agem sobre o eu e compõem o conteúdo experimental da consciencia. Considerando-se a natureza como coisa em si, o que seria uma contradicção *in adjectum* pois nós não podemos concebel-a fóra dos modos naturaes de conhecimento, ella não tem finalidade alguma, mas desde o momento em que a considerarmos em relação ao eu, não podemos deixar de concebel-a como o producto da nossa representação, que se resolve em phenomenos subjectivos subordinados a uma relação de causalidade. A teleologia, diz Hartmann, é uma verdade para o mundo subjectivo, e uma enganadora illusão para o mundo existente fóra da consciencia.

O espirito considerado como a unica revelação da natureza, não póde ser privado de satisfação intellectual de imaginar a que plano corresponde o desenrolar dos phenomenos que lhe passam pelos

sentidos. Não se trata do grosseiro teleologismo objectivo que imagina a natureza como feita por Deus para um fim determinado, e sim da mais elevada e transcendente das occupações espirituaes, cuja formula tão admiravelmente foi resumida por Lange: procurar até que ponto, nesta disposição da natureza e na acção mecanica da lei do desenvolvimento, pode-se achar alguma coisa de comparavel a um plano do universo.

E uma vez que se queira ter uma explicação metaphysica do mundo, nenhuma se offerece mais aceitavel e de accordo com os dados scientificos do que a de Noiré, que considera o mundo composto de atomos similhantes e dotados de duas propriedades, uma interna a que chama o sentimento e outra externa a que chama movimento. A forma do movimento é o espaço, a forma do sentimento é o tempo, e ambas são os agentes da evolução da materia e da persistencia da força. O mundo é pois um aggregado de forças que se movem e sentem, e circumscripto ao tempo e ao espaço, realiza o seu eterno e infinito progresso. Si pois o mundo como coisa em si está fóra do alcance da razão, como representação elle permitte ao espirito procurar reconstruir o seu maravilhoso arranjo. E' a isto que na sua admiravel linguagem Kant chamava a comprehensibilidade (*begreiflichkeit*) da natureza.

Si a philosophia com Kant e Schopenhauer concorrem para o fundamento da theoria de Noiré, a sciencia confirma a sua tão bella quão arrojada intuição, pois a metageometria de Gauss, Riemann, e Helmholtz dão ganho de causa ao atomismo; a subjectividade das sensações é estabelecida por Johan Müller, Ueberweg e Wundt; a theoria mecanica do calor de Roberto Mayer reduz todas as forças da natureza a modos do movimento; e os trabalhos de physiologia cellular de Schleiden, Schwann, Virchow e do proprio Haeckel tendem a *atomisar* a vida, reduzindo toda a funcção biologica a actividade inicial da cellula.

Accentuando o nosso ponto de vista divergente, e não tendo a pretenção de convencer o autor, o qual tambem não nos convenceu, não é o caso aqui de entabolar polemica. Feitas as nossas reservas de impenitentes sectarios de Kant e Noiré, não temos palavras sinão para elogiar o modo ardente e vigoroso com que o autor expõe a sua doutrina, o conhecimento exacto e a critica, ás vezes injusta que faz das theoriass adversas bem como o enthusiasmo sempre

sustentado com que se constitue convicto propagandista do mecanismo haeckeliano.

Sempre com as mesmas reservas de doutrina, apontamos como um primor de dialectica a interessante discussão que o autor trava com o seu preclaro mestre Tobias Barreto (p. 109) em torno a questão do livre arbitrio no capitulo denominado liberdade. Si não fôra o receio de ver voltada contra nós a pecha de *romantismo especulativo* que o autor atira contra o monismo não haeckeliano, nós suggeriamos que a intuição de Schopenhauer, relegando a liberdade para o dominio da *cousa em si* e aceitando o determinismo como phenomeno, concilia as exigencias da sciencia com o ponto de vista metaphysico. A doutrina de Tobias Barreto que o autor combate inspira-se aliás nesta ordem de idéas.

O capitulo sobre o methodo phylogenetico (p. 133) é verdadeiramente brilhante e o autor revela muito talento e um ponto de vista assaz original quando procura tirar dos processos biologicos que Haeckel applicou ás suas investigações um ponto de vista para o estudo do mundo cosmico. Sua linguagem assume o tom da verdadeira linguagem philosophica, sua intuição eleva-se a alturas extraordinarias, e seja qual fôr a divergencia que delle se tenha não se póde deixar de reconhecer que nos achamos em presença de um pensador. Apresenta-nos o autor o universo como um todo unitario desenvolvendo-se sob a dupla relação da successão e da coexistencia, estas formas combinando-se e completando-se em equilibrio reciproco do qual resulta a gravitação no mundo sideral e a consciencia no mundo mental. Segundo o autor o papel do methodo philogenetico (a que tambem chama mecanico) consiste em ligar os phenomenos, verificando o seu encadeamento e successão, pelo seu estudo comparado, pela historia do desenvolvimento na especie e pelo estudo no individuo do proprio desenvolvimento.

Tal é o ponto de vista philosophico em que se colloca o autor. Accentuadas como ficaram as nosas divergencias que aliás não são profundas, não temos sinão elogios para a largueza de suas vistas, a profundeza de seus conceitos, a originalidade de seu bello talento, a coragem de suas convicções e o relevante serviço que acaba de prestar as nossas letras, mostrando que aqui ha espiritos independentes capazes de pensar por sua conta.

Ha de ser graças aos esforços dos propagandistas do talento do Dr. Fausto Cardoso que as idéas do seculo penetrarão nas massas, serão diffundidas, apreciadas, criticadas, e, esquecidas as pequenas divergencias das escolas, nascerá do seu embate a synthese larga e fecunda das concepções do futuro.

Resta-nos examinar como applicou o autor ao dominio do direito as idéas que tão brilhantemente expendeu em philosophia.

J. C. DE SOUZA BANDEIRA

(*Continúa*)

O BRAZIL

E A AGGRESSÃO PARAGUAYA DE 1865[1]

O estado em que se acha o Brazil dá serios cuidados aos brazileiros que sabem pensar: aperta seus corações.

Além de outras difficuldades graves para as quaes não se divisam soluções satisfactorias, ao menos que não sejam ou muito difficeis ou muito contingentes, sobrevem ainda o immenso sacrificio da guerra oriental e paraguaya que se tornaram indeclinaveis.

---

1 A «memoria» que se vai ler foi indubitavelmente escripta pelo fallecido conselheiro Pimenta Bueno, marquez de S. Vicente e senador do imperio; por isso, sem embargo de não a conhecermos sinão de uma copia sem assignatura, não duvidamos pôr-lhe embaixo o nome do illustre estadista que nella se mostra não só patriota esclarecido, como versadissimo sabedor das coisas brazileiras, especialmente da tão ignorada geographia do nosso paiz. Os que a lerem não terão duvida em lh'a attribuir como fazemos, baseados nas proprias informações que no correr della de si nos dá. Na copia que possuimos não traz outro titulo que «Pequena e rapida memoria» e o que lhe damos deduzimol-o nós do seu contexto. Segundo informações da pessoa a quem devemol-a, esta «memoria» foi escripta a pedido do imperador, que a entregou ou remetteu ao duque de Caxias, commandante em chefe das forças brazileiras na guerra contra o Paraguay. Do documento em poder delle foi feita a copia, agora pela primeira vez publicada, por um dos officiaes do seu estado maior. Si, felizmente, nenhum acontecimento similhante aos que surgiram na época da sua redacção, ameaça hoje o Brazil, não é menos verdade que quanto aos meios de acudir ás nossas fronteiras de oeste, sul e sudoeste, a nossa situação é pouco mais ou menos a mesma, sinão absolutamente a mesma, que era em janeiro de 1865, quando foi escripta segundo a data da copia

Uma boa administração e só ella é quem faz a felicidade de um povo, e quem prepara recursos para o governo. Infelizmente não temos sinão pequenos recursos criados.

A luta politica esteril, mesquinha, de pequenos intéresses pessoaes sem nenhuma idéa grande ou generosa degrada tudo; enerva as forças vivas da sociedade.

No entretanto a provincia de Mato Grosso, ao tempo que começa a luta oriental, está mais que provavelmente invadida por soldados barbaros e pede soccorros.

Infallivelmente é preciso e desde logo soccorrer essa fronteira occidental do Imperio; infallivelmente repito, não só por dever sagrado, mas tambem por honra do Brazil e até por vergonha. Para isso não é preciso, nem possivel esperar pela guerra paraguaya: não deve essa provincia ser dissolvida por esses barbaros por mais de um anno; não deve ficar abandonada ás suas violencias e como que conquistada por todo esse tempo.

E' pois indispensavel soccorrer desde já Mato Grosso, este é o pensamento capital desta pequena memoria; mas como soccorrel-a?

1.º Por onde irão os soccorros? 2.º Qual a força minima destes? 3.º Como haver a força que precisamos?

---

referida, esta memoria. Nos trinta annos que de então decorreram, pode-se dizer sem exagero que o problema das nossas communicações interiores, excepção feita da linha ferrea que leva a Uberaba, quasi conservou-se no mesmo estado que merecia a critica esclarecida e previdente do eminente politico no luminoso escripto que temos a ventura de offerecer hoje aos leitores da *Revista Brazileira*. Esta circumstancia dá-lhe uma opportunidade, que o recommenda a attenção publica, da qual tambem se torna benemerita pelos rapidos conceitos com que o seu autor julga as coisas e as eventualidades politicas daquelle tempo. Estava escripta esta nota quando lendo o recente livro do Sr. Visconde de Ouro-Preto *A marinha de outr'ora* tivemos a confirmação da autoria desta memoria. Não póde ser sinão a ella que se refere o sr. V. de O. P. nas seguintes linhas do seu interessante livro:

« Fôra propheta o finado conselheiro de estado, marquez de S. Vicente annunciando com a maior antecedencia a lentidão da guerra e os sacrificios que custaria adoptada a direcção que se preferiu. Escreveu e apresentou ao governo imperial importante memoria, aconselhando que o mais serio ataque ao inimigo fosse levado pelo Norte e não pelo Sul como se fez. Era seu voto que com o grosso das tropas brazileiras se organizasse um exercito na provincia do Paraná, da qual partiria para, depois de libertar o solo de Mato Grosso, invadir o Paraguay pela fronteira do Apa, vindo feril-o no coração, isto é na propria capital...»—N. DA R.

Eis as idéas que desde logo se offerecem ao espirito, e com ellas não pequenas difficuldades, que não existirião, si tivessemos tido uma administração previdente.

PRIMEIRA PARTE

Vias de soccorros—Lado do Norte

CAPITULO I

LINHA FLUVIAL, COMMERCIAL E MILITAR DO RIO MADEIRA

§ 1.º O que ella poderia e deveria ser mediante algumas providencias e deverá ser.

	Leguas-Milhas
Da Cidade do Pará ao Rio Madeira pelo braço Tupinambaranas tem-se a distancia de.....	284—852
Dessa confluencia pelo Madeira acima até a villa de Borba.....	12— 36
De Borba ao volumoso rio Machado.....	136—408
Do Machado ao volumoso Jamary.....	19— 57
Do Jamary á 1.ª cachoeira do Santo Antonio.....	17— 51
São portanto.....	468—1404

O total dessa longa e franca navegação é pois de 1404 milhas, que um vapor que marche 8 milhas por hora vencerá em 170 horas ou em 8 dias. Seguem-se 17 cachoeiras começando pela de Santo Antonio, a saber: 12 no Madeira [1] e 5 no Mamoré [2] terminando ellas na de Guajará mirim. Occupam na sua extensão e intervallos pelas muitas tortuosidades ou voltas dos rios 68 leguas. As monsões um pouco grandes gastam mais de 70 dias de duro trabalho e perigo em passal-as, quando gastariam menos de 8 dias si tivessem em vez dellas uma estrada de carros de que falarei depois.

---

[1] Santo Antonio, Salto, Morrinhos, Caldeirão do Inferno, Salto do Giráu, Tres Irmãos, do Rio Mutumpará, Pederneira, Rio Abuna, Rio Ribeirão e Rio Pixuno.

[2] Lages, Pau Grande, Bananeira, Guajarassú e Guajarámirim.

Da ultima cachoeira superior do Madeira á cidade de Mato Grosso por aguas navegaveis por um vapor de soffrivel calado ha 235 leguas ou 705 milhas que seriam vencidas a 8 milhas por hora em tres dias e meio.

De sorte que si tivessemos boa administração, substituidas as cachoeiras por uma estrada de carro que não excederá de 40 leguas em 20 dias poder-se-ia ir com segurança, commodidade e grandes vantagens da cidade do Pará á de Matto Grosso.

Haveria tambem uma via militar que ora não temos.

Acresce que de Mato Grosso para cima o Guaporé é ainda navegavel a vapor até a sua ponte na estrada de terra que d'ali se dirige á Villa Maria: são mais 20 leguas de navegação á vapor, pois o rio conserva a largura de 15 braças com duas de fundo.

Desse ponto vai-se pela estrada geral até o registro e porto do Jaurú com marcha de 22 leguas.

Embarcando-se no porto do Jaurú, por elle se desce com 34 leguas ao rio Paraguay.

Inquestionavelmente é necessario cuidar pois da estrada pela margem ou lado esquerdo do Madeira, que começando na primeira cachoeira do Santo Antonio siga e termine na do Guajarámirim, ultima no Mamoré.

Essa estrada de carro não terá como já indiquei mais de 40 leguas; terá talvez menos: os dous rios são tão tortuosos que deveriam no caso contrario ter maior extensão do que aquella que apezar disso têm. Si se puder obter linha recta ou aproximada, a distancia será sem duvida menor. Convirá fundar desde logo tres povoações, a primeira e esta desde já, abaixo e junto á cachoeira de Santo Antonio, como já em vão lembrei no Senado.

Ha ahi lugares apraziveis e fertilissimos. Abunda o peixe, a tartaruga, a caça, o cacau, cravo do Pará, baunilha, borracha, oleos, salsaparrilha, puxiri, gommas, anil, etc.

O algodão, o arroz, emfim tudo produz muito bem, ao que acresce que é uma região salubre, nisso muito diversa das margens do Amazonas e portanto susceptivel de avultada colonização. Ha ahi e pelas vizinhanças muitas tribus, quasi domesticas, que se incorporarão facilmente a essa povoação, e mórmente com o auxilio e prestigio de alguns religiosos.

O rio Madeira de sua foz no Amazonas até ahi recebe 20 rios além dos escoantes de muitas lagôas, igarapés e bahias, todos riquissimos dos sobreditos e outros productos naturaes. O vapor irá da sua foz até essa cachoeira, como já se indicou e a 8 milhas por hora fará a viagem em tres dias e meio. Essa povoação tornar-se-á em pouco tempo util para o commercio não só de Mato Grosso como da Bolivia; será linha incerta e não eventual; como é e será a do Paraguay. E' empreza digna do monarcha e entretanto facil.

A segunda povoação deverá ser fundada nessa estrada acima da cachoeira do Madeira e abaixo da das Lages, quanto ser possa em frente da boca do rio Beni; para que os bolivianos descendo por elle e atravessando o Madeira possam ahi vender seus productos e comprar o que precisam: será logo avultado esse commercio com grande vantagem para o Brazil. E ainda quando elles queiram subir a Mato Grosso ou descer ao Pará, o que lhes deve ser francamente permittido, ainda assim lucraremos muito e muito. Os bolivianos ficarão debaixo de uma grata dependencia e beneficio nosso que necessariamente abençoarão. Será um vinculo de boas relações.

A terceira povoação deve ser fundada logo em cima da ultima cachoeira do Guajarámirim, no Mamoré. Ahi terminará a estrada; ahi deverá haver ao menos dous pequenos vapores que não calem mais de 10 palmos d'agua para viajar até a ponte do Guaporé.

A cidade de Mato Grosso é inhabitavel por causa das suas febres malignas, entretanto que o espaço que da ponte do Guaporé se estende até o registro do Jaurú, estrada geral, é saudavel. Convém pois, remover para melhor ponto desse espaço aquella quasi extincta cidade. A nova povoação ahi situada ficará em um dos notaveis e estreitos isthmos, que dividem as aguas do Amazonas das do Prata, será o ponto central da passagem e dos auxilios e soccorros mutuos dessas provincias fronteiras.

D'ahi a Villa Maria por terra será a distancia de 20 leguas ou menos conforme a escolha do lugar. De Villa Maria vai-se a Cuiabá com marcha de 46 leguas.

As idéas que ficam expendidas não são meras utopias: pelo contrario, são perfeitamente praticas e de execução não muito dispendiosa, mormente em relação á sua importancia. Bastará uma vontade efficaz que anniquille o torpor administrativo que desanima a todos os brazileiros.

Essas idéas realizadas não trarão sómente animação commercial e os elementos de vida para tão extensas e ricas regiões: serão de mais o meio de aldeiamento e civilização de numerosas tribus selvagens, e sobretudo ministrarão uma linha militar de facil, breve e seguro trajecto de forças, o que valerá muito para que sejamos respeitados do Paraguay, da Bolivia, do Perú e de mais estados confinantes pelo Alto Amazonas e Rio Negro.

Não vejo por este lado do norte outra linha igual a esta, como observaremos depois, tratando do Tapajoz, unica que póde ser posta em comparação quanto ao transito para Cuiabá, não para tropas.

§ 2.º Como porém conduzir tropas pelo Madeira actualmente?

Sem, ou antes de realizar as providencias que ficam indicadas, parece-me no todo impraticavel o transito de tropas pelo Madeira, e tanto mais quanto mais numerosa fôr a expedição.

Para a viagem só do pessoal de 1.000 praças serão necessarias 100 grandes canôas ou lanchas, não só para passar as cachoeiras, como para subir depois as 253 leguas do Mamoré e Guaporé; serão precisas alem disso mais 60 canôas ou lanchas para o armamento, munições de guerra e de bocca ou sustento de 2000 pessoas para mais de 4 mezes ou antes 6.

Digo para sustento de 2.000 pessoas, porque para tripolar as 160 lanchas ou canôas serão precisos entre pilotos, remadores e homens praticos do trabalho de varejões pelo menos 1.000 trabalhadores, contando com 6 ou 7 homens por canôa ou lancha.

E como obter tanta gente adestrada? Certamente não se obteria. Teriamos além disso de lamentar necessariamente muita perda de vida, de armamento, de munições e viveres, no transito dessas perigosas cachoeiras, que cobram sempre doloroso imposto. Finalmente teriamos de contar com uma morosidade de 6 mezes, chegando afinal a tropa estragada de canceira e de molestias.

Em ultimo apuro conviria pelo menos abrir desde já uma picada para que a tropa passasse escoteira por terra desde a primeira até a ultima cachoeira, embora o trem militar e o grosso dos viveres se aventurassem pelas cachoeiras com as canôas ou lanchas que necessariamente deveriam subir, porque seriam indispensaveis para a continuação da viagem.

E por previsão conviria mais mandar construir e ter promptas em cima da ultima cachoeira ao menos 50 lanchas ou canôas para

substituir as muitas que se perderiam por naufragio, ou que ficariam estragadas ou inserviveis. Cumpre ainda antever uma hypothese e é que a estarem os vapores paraguayos senhores do rio Paraguay, essa força vinda do Pará ficaria ou inutilizada ou pelo menos obrigada a ir de Mato-Grosso a Cuiabá para de lá dirigir-se por terra á Miranda, viagem de muito mais de 200 leguas.

Em summa melhor será sem duvida alguma que nas circumstancias actuaes as forças do Pará se dirijam em vapores á Santos si não forem indispensaveis no Sul, para que de S. Paulo vão com as outras forças soccorrer por terra Mato-Grosso, como depois direi.

O soccorro repito deve ser breve, tanto mais que si não obtivermos a alliança argentina, ou pelo menos a inacção de Urquiza, e transito por terra do nosso exercito pela Confederação, então não sei quando se atacará o Paraguay, para poder ir por esse rio libertar aquella provincia.

CAPITULO II

LINHA COMMERCIAL E FLUVIAL DO TAPAJÓS

Do Pará á foz do Tapajós contam-se 162 leguas e desta foz por elle acima menos de 58 : sejam essas 58. Não teremos navegação a vapor sinão por essa extensão até a sua 1.ª cachoeira.

D'ahi á barra de São Manoel são leguas	55
Do São Manoel ao salto Augusto	32
Deste salto á foz do Juruena	35
D'ahi pelo Arinos ao seu porto	120
Sommam leguas	242

Em todo esse longo trajecto desde a 1.ª cachoeira até perto do porto de Arinos, a viagem, mórmente de subida, é de fatigante trabalho e demasiado perigo. Além dos dous grandes saltos Augusto e de S. Simão ha 36 cachoeiras, não falando das pequenas, dos rebojos e grandes correntezas.

Esses rios por isso não admittem sinão canôas pequenas, ou ubás, o que demandaria immenso numero dellas, e tão avultado pessoal de pilotos, remeiros e trabalhadores que em vão se desejaria.

Demais, além de inevitaveis e multiplos sinistros transitar-se-ia por um completo deserto, seguindo uma morosa navegação flagellada de febres malignas. Seria sacrificar grande parte da tropa : é vereda que só póde ser lembrada por quem não a conhecer bem.

Chegando ao insalubre porto do Arinos acresceriam ainda novas fadigas. Seria preciso caminhar por terra, e estrada que não admitte carros, á villa de Diamantino e d'ali a Cuiabá, distancia de 40 leguas. Como, ou emquanto tempo se conduzirá o trem militar e viveres, havendo, como ha ali, falta de animaes de carga ? Quando a tropa chegasse a Cuiabá teria ou de embarcar para descer o Paraguay, si não estivesse occupado por vapores inimigos, ou de ir por terra á Miranda, viagem de 160 leguas.

Em summa esta linha é impraticavel para o transito de tropa, mórmente em numero avultado, seria sacrifical-a dolorosa e infallivelmente em grande parte.

Por connexão de idéas direi que o melhoramento que ella demanda para o commercio e para alguma eventualidade imprevista e desesperada sobre o rio Madeira é de abrir-se da 1.ª cachoeira inferior um picadão de 150 leguas, mais ou menos, a varar no municipio do Diamantino. Por elle desceria o gado de Cuiabá. Essa zona, a mais rica do Brazil em brilhantes, ouro e outros mineraes, seria assim devassada e aproveitada, e algumas colonias militares e religiosas, muito poderiam servir para a cathechese de innumeraveis nações indias que por ahi abundam. Quando administrei a provincia de Mato-Grosso quiz abrir esse picadão e deixei de fazel-o por não ter podido obter recursos.

Vias de soccorros—Lado do Sul

CAPITULO III

LINHA FLUVIAL DO PARANAPANEMA, PROVINCIA DO PARANÁ

Desembarcando a tropa em Morretes ou em Antonina teria de subir a serra e ir com todo o seu trem bellico, bagagem e viveres até Castro, distancia de 30 leguas. De Castro ao porto de Jatahy, no Tibagy ha 45 leguas de pessimo caminho, de morros e

pantanaes. No Jatahy precisar-se-ia de grande numero de canôas, de pilotos e de camaradas que directamente não se poderia obter. Tem o Tabagy 12 leguas a sair no Paranapanema, e este 28 a entrar no Paraná. Na verdade até ahi é linha curta, mas por dura compensação, ambos são muito alcantilados; corre o primeiro, não falando em rebojos e correntezas ou baixios perigosos, por entre 24 cachoeiras e o segundo por 18. Segue-se a travessia do Paraná e depois a subida do Ivinheyma, de que tratarei posteriormente. Entendo que esta deserta e perigosa linha é inaceitavel para o transito de 1000 homens quanto mais para numero superior.

CAPITULO IV

LINHA DO TIETÉ, PROVINCIA DE S. PAULO

§ 1.º O que poderia e deveria ser mediante algumas providencias e deverá ser.

De Santos á cidade da Constituição sobre o rio Piracicaba ha boa estrada ; na mór parte de carro, e cheia de recursos. Do porto de Piracicaba para éste e pelo Tieté, abaixo do salto de Itapura contam-se 98 leguas. Neste espaço ha 35 cachoeiras e 2 saltos o de Avanhandava e o ultimo dito Itapura. Um homem entendido, bem pago, zeloso, com alguns trabalhadores, polvora e broca, faria grande beneficio a esta navegação, quebrando as pedras mais perigosas e melhorando algum dos seus canaes. O proprio salto do Avanhandava é susceptivel de um canal lateral pela margem esquerda de pedras chatas, que por isso mesmo se conservaria bem e que daria transito seguro ás canôas sustentadas ou tiradas á sirga. E' obra que segundo me informam se faz com 8:000$, entretanto que esse salto é um dos mais trabalhosos dessa navegação. Em summa ella é susceptivel de grandes e não custosos melhoramentos de que a administração não tem cuidado. Diminuidos os trabalhos e perigos dessa navegação, ella poderia dispensar a estrada lateral e daria transito barato e rapido. Desde o Itapura tem-se franca navegação a vapor, não só pelo resto do Tieté, mas pelo Paraná abaixo até o Ivinheyma, distancia de 60 leguas. Da foz do Ivinheyma por elle acima póde ainda um vapor de pouco calado subir até a bocca do

rio Dourados, distancia de 29 leguas. Dessa bocca ao porto do Varadouro pelo Santa Maria e Brilhante restam só 28 leguas, das quaes pode-se ainda subir sem maior fadiga 14 e evitar, si, conforme as aguas, fôr conveniente para a tropa, as outras 14 do Brilhante ; desembarcando esta na margem esquerda delle. São bellos campos, de facil estrada e essa mesma distancia ficaria reduzida a pouco mais da metade em linha recta ou aproximada, visto que o Brilhante é muito tortuoso. A esses campos viriam os auxilios e gado de Miranda encontrar a tropa.

Posta a tropa no Varadouro dominaria já a fronteira do Apa que dá franca entrada por campos sobre o Paraguay, ameaçando portanto o seu flanco mais vulneravel.

Por outro lado apoiaria desde então o estabelecimento de Miranda para onde poderia seguir ou pelo Nioac ou pela Campanha. Por esse mesmo caminho não consentir, como se consentiu com indifferença, contra o que reclamei por duas vezes no Senado, que os paraguayos passassem para aquem do Apa, e occupassem parte dos campos que vêm ao Brilhante. Actualmente elles têm a facilidade de interceptar nossa navegação por este rio ; e não o farão só si não puderem. Tenho exposto o que poderia e deveria ser, e que *ainda deverá ser*, si por ventura as occurrencias actuaes servirem de advertencia.

§ 2.º Considerações sobre o estabelecimento de Itapura.

Não sei si a localidade do estabelecimento actual é salubre e bem escolhida para seus fins. O que sei, porém, é que ahi, ou nessas circumvizinhanças de salto inferior do Tieté, deve existir um estabelecimento nosso fluvial que tem grande destino.

A creação de Itapura foi concepção minha indicada ao Sr. Jeronymo Francisco Coelho, quando ministro, e então por mim tambem detalhada em conversação ao Sr. Visconde de Sapucahy. Essa concepção tem dous futuros, um commercial estudado do pensamento dos jesuitas do Paraguay, outro militar que se suscita a quem conhece o territorio paraguayo e o da provincia de Mato Grosso, primeiro os jesuitas para aproveitar a muita indiada do Alto Paraná e a grande fertilidade dessas vastas regiões, que têm como que muitas estradas em boa parte promptas em seus numerosos rios, fundaram a cidade real de Guayrá, 10 milhas acima do Salto Grande das 7 Quedas situada pouco dentro na margem do rio Pequiri, que ahi

desagua, que é volumoso e que dá navegação para os campos de Guarapuava.

Elles fizeram abrir pela margem direita do Paraná, apezar de ser montuosa, um caminho ou estrada de dez leguas e no extremo inferior della um porto já livre das ondas e grande correnteza produzida pelas quedas do salto, nelle começaram a crear uma povoação que de certo cresceria. D'ahi para baixo o Paraná é navegavel por embarcações e por consequencia por vapores até o Rio da Prata.

Fundaram no ribeirão Pirapó 10 leguas acima da foz do Paranápanema a sua fertil povoação do Loreto, de que ainda hoje se encontram os vestigios. Estabeleceram similhantemente sua importante Villa Rica do Espirito Santo na margem do Ivahy. Eu tenho os originaes das actas do seu cabildo ou Camara, tirados do livro dellas existentes no archivo da actual Villa Rica do Paraguay, para onde foi transferida. Essas e outras povoações que iam crescendo e que cresceriam muito, foram destruidas, como se sabe, pelos paulistas.

Assim com um trajecto apenas de 16 leguas por terra, levavam por livre e facil navegação os productos do Alto Paraná até o Prata, e d'ali traziam o sal e mais generos de importação, com o que podiam sortir não só todo o amplissimo vale do Paraná e seus tributarios até o salto do Urubupunga, mas ainda grande parte do valle e tributarios de cima deste salto, pois que tem um canal que vem sair ao Tieté por onde se passam canôas a sirga. Certamente não é idéa mesquinha ou puramente especulativa, é grande e realizavel, é questão sómente de tempo e sem duvida de tempo que convem abreviar. Pois bem, o estabelecimento de Itapura d'onde ha navegação a vapor até o Pequiri ou antiga cidade de Guayrá, permittiria o restabelecimento desta, o que seria tambem util aos povoados campos de Guarapuava. O plano começaria, como todos de bom senso, pelo principio, mas com vistas a seus fins.

2º. Pelo lado militar, desde que a navegação do Tieté estiver melhorada, ou desde que uma estrada lateral de carro fôr da cidade de Constituição á Itapura, este estabelecimento fluvial será de importante magnitude. Seus vapores levarão facilmente tropa, munições, armamento, e mais misteres pelo Paraná e Ivinheyma e portanto á fronteira do Apa e Miranda, como já se disse.

Não podendo, como não podemos, contar com a navegação do Paraguay, logo que haja alguma desavença, cumpre ter sempre

prompta pelo lado do Sul, assim como pelo lado do Norte esta via e a do Madeira. Só a imprevidencia deixaria de o fazer.

Não pára a concepção ahi. Esses vapores poderão tambem levar força ao rio Iguatemy e navegar dentro delle ainda 10 leguas, não só para manter essa linha divisoria nossa, e não permittir que os paraguayos tenham ahi algum vapor, que subindo pelo Paraná o dominaria com grande damno nosso, mas tambem para fazer que essas forças, si fosse conveniente, penetrassem por esse lado e ameaçassem Curupaity e Villa Rica, que serão os esconderijos dos paraguayos, quando batidos nas povoações adjacentes ou vizinhas do seu rio.

Vê-se pois claramente que o estabelecimento de Itapura tem alta missão que é filha de um plano amplo, que póde e deve ser além disso o ponto central e grande nucleo da cathechese e civilização de muitas tribus já quasi domesticadas dessas regiões, que cumpre aproveitar. E' preciso que o Brazil cresça. Entretanto elle foi malfadado desde os seus primeiros dias: gastou-se muito improductivamante e hoje não ha ali nem um pequeno vapor. O que para ali foi está arruinado. O que deveria servir de muito, de nada serve.

Um dos maiores e mais uteis distinctivos dos governantes é saber conhecer e por tanto escolher os homens para os serviços, foi um dos grandes talentos do 1° Napoleão e é tambem do 3°. Com maus instrumentos não ha obra perfeita: os bons adivinham, supprem e aperfeiçoam tudo, os maus tudo estragam.

§ 3.° Linha do rio Pardo, tributario do Paraná.

Poucas leguas abaixo do Itapura entra no Paraná o rio Pardo. Elle offerece duas vias de navegação, a primeira por este acima se dirige a Camapuan e desse varadouro pelo Coxim e Taquary, a segunda vai pelo Anhanduhy para uma das contravertentes do rio de Miranda.

A primeira vereda para Camapuan é de tal sorte impraticavel para o transito de tropas que nem se precisa perder tempo com essa idéa. Basta dizer que todo o rio Pardo além das suas 26 cachoeiras e saltos é tão precipitado em suas 80 leguas que não admitte remos e só sim o trabalho de varejões para conseguir curta viagem. O Coxim oppõe 22 cachoeiras e o Taquary duas além das 12 leguas anteriores do rio Camapuan de baixios. Demais no caso de estar o Paraguay occupado por vapores inimigos, depois de tão longa,

demorada e perigosa viagem, seria ainda preciso desembarcar a tropa para que por campos e matas fosse demandar Miranda. Seria preferivel outra qualquer direcção.

A segunda vereda do Anhanduhy não é tão má como essa é muito mais curta e vai procurar logo as contravertentes de Miranda, tem, porém, bastantes e difficeis cachoeiras e muita correnteza. Ainda que fôsse praticavel, como obter centenares de canôas e milhares de trabalhadores? Cumpre pois demover d'ahi os olhos.

§ 4º Conclusão quanto á linha Tieté, Paraná e Ivinheyma ou rio Pardo.

Vê-se pois em ultima analyse ou conclusão que no estado actual das cousas e em menos de dois annos, si não mais de energia e actividade continua, não se poderá pretender verificar o transito de tropas nem pelo Tieté ainda tão perigoso e destituido de transportes e tripolações, nem pelo Paraná que por causa dos ventos e ondas exige barcos maiores, nem emfim pelo Ivinheyma, Anhamduhy ou rio Pardo.

CAPITULO V

LINHA POR TERRA DA CONSTITUIÇÃO A MIRANDA

Da Constituição ao Paraná pela estrada actual que outr'ora eu mandei abrir ha a distancia de 80 leguas, d'ahi por Sant'Anna do Paranahyba a Miranda pelos novos atalhos cerca de 90. São 170 leguas. E' muito, mas é a unica via praticavel.

De Constituição deveria levar-se gado para se ir matando até o Paraná, o que diminuirá muito a difficuldade do transporte de viveres.

No outro lado do Paraná, ahi Rio Grande, varada a estreita mata, encontram-se campos que com poucas interrupções vão até Miranda, e tambem supprimento do gado. Uma boa parte do caminho do transito para carros ; parte delle, que tambem mandei abrir, foi por mim percorrido em meu regresso de Cuiabá. Portanto cumprirá desde já mandar melhorar a estrada que vai da Constituição ao Paraná; fazer as pequenas, mas indispensaveis pontes nos dois rios Jacarés e outras para o que ha excellentes matas ao lado; e apromptar canôas ou barcos que facilitem a passagem para o outro

lado do Paraná. Cumprirá tambem mandar beneficiar quanto fôr possivel a estrada ou transito de Sant'Anna do Paranahyba a Miranda, e emfim ir cuidando com antecipação dos supprimentos de gado, de animaes de transporte e de carros, tanto aquem, como além do Paraná; porque não são cousas para o momento.

Havendo actividade e canôas no rio Pardo para atravessal-o, seria possivel abreviar a distancia entre Sant'Anna do Paranahyba e Miranda; mandando-se uma bandeira explorar o trajecto quasi todo por campos; bandeira que partindo daquella povoação para o rumo de Miranda em linha recta, deixasse Camapuan á sua direita, transpuzesse o rio Pardo leguas abaixo daquelle varadouro, depois atravessasse o Anhanduhy já perto de suas cabeceiras e descesse aos campos já vertentes do Miranda; para sertanejos bem pagos e esperançosos de algum premio, isso pouco custa. Seria a mais curta linha.

Por connexão de idéas direi mais que, desde que fôr possivel convirá mandar uma bandeira das povoações vizinhas de Sorocaba, que penetre no rumo de oeste a varar na margem esquerda do Paraná, abaixo da foz do rio Pardo. Essa bandeira deve ser forte por causa dos indios bravios; a distancia não será menor de 70 leguas, mas nada se consegue sem trabalho.

Essa vereda em todo o caso seria a melhor para transito do gado dos campos da Vacaria, de Mato-Grosso, das bellas campinas do Anhanduhy e Miranda para S. Paulo, mórmente si no intervallo della houvesse campos que seriam logo aproveitados e muito povoados. Talvez tambem se descubram terras ferteis e provavelmente minas; porque o territorio é rico de mineraes.

E si o terreno não fôsse montuoso teriamos por ahi a linha terrestre e mais curta para ir de S. Paulo ao Apa e a Miranda. Lembrarei tambem que convém explorar o rio Amambahy que desagua no Paraná poucas leguas abaixo do Tieté.

Seu curso pelo que parece segue por terrenos planos. Si elle não tiver cachoeiras pode-se de um ponto conveniente do Tieté ir procural-o quando já navegavel e adiantar muito a viagem.

De Itapura com toda a facilidade já se devia ter mandado examinar e verificar isso, e similhantemente o curso do pequeno rio Santo Anastacio.

E' evidente que sem examinar tudo, não se póde escolher o melhor.

SEGUNDA PARTE

Minimo da força de operações no Apa, e sua defesa em correspondencia da força invasora pelo Paraná.

Tendo até aqui tratado de como ou por onde podem ir os soccorros á Mato Grosso, soccorros que opportunamente se converterão com muita vantagem em operações aggressivas, direi minha opinião, embora incompetente, quanto ao minimo da força que deve marchar para Miranda e posteriormente sobre sua relação com a que deve atacar o Paraguay pelo sul.

Além da pequena força com que a provincia de Mato Grosso pode contribuir, além da que Goyaz deve, quanto antes, enviar-lhe para Sant'Anna do Paranahyba, convém mandar pela referida estrada de S. Paulo ao menos 4.000 homens. O populoso municipio de Uberaba, que tem boa estrada por campos e pouca mata para Sant'Anna do Paranahyba, póde e deve mandar tambem bom auxilio. Com esses 4.000 homens, ou antes delles, cumpre remetter para ali armamento e munições de guerra sufficientes que em Mato Grosso não ha. Esses 8 a 10.000 homens, quando mesmo reunidos, emquanto não tiverem vapores e artilharia igual a dos paraguayos, não poderão retomar Coimbra, Albuquerque, Corumbá, que si os barbaros investirem com suas boccas raiadas de fogo, certamente terão tomado e destruido. Servirão, porém, para outros dois fins valiosos.

1.° Para livrar Miranda, deposito bellico, e a capital de insultos e ruinas; e outrosim para manter o decoro brazileiro; offerecendo resistencia ao menos no lado oriental do rio Paraguay. Cumpre que nem tudo fuja diante do invasor. Miranda tem gado e alguma cavalhada; o que muita falta faria si os paraguayos levassem pela fronteira do Apa para o seu exercito.

2.° O outro fim é de formar um pequeno exercito de operações de 10.000 homens, nunca menos de 8, para penetrar pela fronteira do Apa. Nossa invasão por ahi será uma aggressão ou offensiva proveitosa, e sem perigo para nós.

Trará necessariamente para os paraguayos a necessidade de distrahir forças de Humaitá e envia-las para as longinquas fronteiras

do Apa. Terão de levar para ahi gado e cavalhada, assim como alguma artilharia de campanha. Nosso pequeno exercíto cobrirá assim a campanha de Miranda e a navegação de Ivinheyma.

Convém muito e muito que estejamos senhores da linha do rio Ipané, que ella esteja debaixo de nossa posse, para que, quando dictarmos, si Deus quizer, o tratado de paz, despezas de guerra e limites, tenhamos mais esse titulo, e articulemos o que fôr util.

Tudo concorre para que se adopte essa forte diversão, pois que além de suas grandes vantagens, nosso pequeno exercito por ahi não corre perigo algum.

Desde o Apa até a linha do Aquidavan (*sic*) ou Aquidavanegy, esses campos são mui pouco povoados, salvo as pequenas guardas paraguayas e algumas muito mediocres fazendas de gado, não ha habitadores; nada que possa offerecer resistencia. O pequeno povo de S. Salvador de Torrego, na margem do Paraguay, nada vale. A distancia entre as cabeceiras do Apa e o Aquidavan pela diagonal que seguiremos é de 30 leguas quando muito.

D'ahi se mandará explorar a campanha que fica entre o Aquidavan e o Ipané, que é linha mais forte e de população tambem muito pequena. A unica villa, da Conceição, na margem do Paraguay, é fraquissima, e não se precisa della, e a precisar-se será tomada sem resistencia; salvo si lá houver algum vapor paraguayo, com quem se evitaria a luta, bastando que tivessemos piquetes em distancia conveniente.

A distancia entre a linha de Aquidavan e Ipané, não passa de 14 leguas; depois de explorada o nosso exercito a occuparia.

Os paraguayos não podem distrahir de Humaitá grandes forças tem pouca cavalhada e pouco gado, ainda quando quizessem conduzir tropas em seus vapores para desembarcal-as em Conceição, ou acima para atacar nosso exercito pela retaguarda, não poderiam levar comsigo a cavalhada e gado preciso. Nossas patrulhas que devem aproximar-se da costa do Paraguay nos avisariam. Si desembarcassem com menos de 8.000 homens estariam perdidos, quando trouxessem 8.000 não nos surprehenderiam; porque nossa marcha será afastada da costa do Paraguay, até chegar ao Aquidavan, mais de 20 leguas, e d'ahi até chegar ao Ipané pouco menos, ou a distancia que quizermos. Demais para desembarcarem qualquer força soffrivel em nossa retaguarda, seria preciso que tivessem outra em nossa frente,

caminho da Assumpção; nisso iria metade do seu exercito de Humaitá, que então seria batida facilmente. Emfim nossa retirada estará sempre franca e a propria serra do Maracajú resguardará um dos nossos flancos.

Da linha do Ipané faremos vigiar a do Xexuy, para vigiar os movimentos inimigos; do Ipané á linha do Xexuy ha 18 leguas e do Xexuy á Assumpção 36.

Logo que o nosso exercito do sul destruir o Humaitá e tomar conta do rio Paraguay mandará por um vapor a Conceição avisar o nosso exercito do norte, e que por terra ou nos vapores, como convier, entrará triumphante em Assumpção.

Si, conforme a derrota paraguaya e direcção da sua retirada, não houver inconveniente, a força do Ipané no todo ou parte, vindo por terra, ganharia a vantagem de levar comsigo a pouca cavalhada e gado que ainda encontrava em sua marcha. Concluo, pois, que o soccorro mandado a Mato Grosso é devido por titulo sagrado, e além disso muito util.

Emquanto não destruirmos o Humaitá e tambem a esquadrilha paraguaya, Mato Grosso não ficará abandonado; o soccorro se converterá além disso em util operação, em diversão segura e muito efficaz, direi mesmo, unica possivel. A diversão por Iguatemy actualmente é impossivel. Emprehendida por Itapuá não teria fim proveitoso, e mais que provavelmente sacrificaria a força invasora; como já outr'ora sacrificou uma, cujos restos cançados de fadiga e fome foram perecer no Paraguary.

Essa força invasora desde Itapua até o Tibiquary encontraria um deserto de matos corrasquenhos, terreno esteril, onde nada teria nem ao menos para destruir. Os paraguayos deixariam sem incommodar-se que ella penetrasse até ahi. Depois de atravessar o Tibiquary o que faria? ou retirar-se ou aproximar-se do centro povoado da republica e do grosso de suas forças, a que não poderia resistir a não ser de força superior a 15.000 homens. A ser dessa força, ou superior, para poder avançar, haveria grande desfalque para o exercito que deve investir por terra o Humaitá, operação principal, que decidirá da campanha; pois que tudo o mais será consequencia dessa victoria.

A diversão pelo norte, pelo Apa, é pois a unica possivel; ella será demais alimentada com gados e cavalhada vindos de Miranda.

Em todo caso, tudo está ligado e dependente da força e pericia do nosso exercito da invasão pelo sul, ou do Humaitá. Antes de emittir minha opinião sobre a força minima delle, farei algumas reflexões sobre as forças paraguayas e sobre o plano defensivo do seu territorio, que depois e opportnnamente irei detalhando; pois que creio que será o mesmo, para que eu mesmo cooperei então contra Rozas e hoje volvido contra nós; e porque? Porque infelizmente tivemos differentes ministros em Assumpção, mas nenhum habilitado para lá estar... A culpa é nossa.

Duvido que o Paraguay tenha muito mais de 500.000 habitantes, mas basta que tenha esse numero para poder armar 40.000 soldados que defendam o territorio. E' um povo pobre, seus pequenos estabelecimentos agricolas e de qualquer outra natureza, pouco ou nada valem, não tem escravatura a conter, ou temer, não tem riqueza a perder; alimenta-se com milho secco cozido, aipi, laranjas, bananas, côcos sylvestres e poucas vezes com carne, a não ser de caça, ou peixe. Sobretudo ali não ha vontade sinão a do governo, nem *impossivel* sinão contrariar uma ordem delle; tanto mais que nessa hypothese rarissima, haveria a resposta certa e rapida do fusilamento. Não admira pois que se armem 40.000 homens, não para sair do territorio, mas para combater dentro dos rios. O governo si quizer armará tudo em massa, até as mulheres.

O plano do Humaitá foi levantado ainda em meu tempo, e a planta estrategica da estrada desde o Passo da Patria até Assumpção, examinado por mim com o presidente Lopez. E' obra de um tenente coronel prussiano que serviu em Minas no combate de Santa Luzia, por parte dos revoltosos; que appareceu depois em Assumpção, que pediu-me protecção e que eu puz ao serviço do presidente, por meu pedido.

Para ser menos extenso eu irei detalhando esse plano defensivo, á proporção da marcha da nossa força invasora por agua e por terra deste lado do sul.

A fortaleza do Humaitá fica 25 milhas acima das tres boccas, ou confluencia do Paraguay e Paraná. Ella deve ser investida e atacada simultaneamente por agua e por terra. Pelo rio devemos contar que além de outros pontos fortificados e obstaculos que perto delles encontraremos no canal, teremos acima de Humaitá uma forte estacada e mesmo em frente tambem algumas estacas ao alcance da

sua artilharia. A estacada superior será trancada de correntes e mais obstaculos de que se lembrem. Acima della, abrigados ás margens do rio e quanto ser possa dos nossos navios encouraçados, livres de abordagem, os vapores paraguayos farão o fogo que puderem sobretudo nos trabalhadores que quizerem romper ou desmanchar a estacada. Esses vapores paraguayos terão ainda depois sua missão no rio Tibiquary, como indicarei posteriormente. Por terra tem os paraguayos guardas de vigia de duas em duas leguas, e terão de legua em legua, tanto na margem do Paraná, como na do Paraguay.

O desembarque do nosso exercito, qualquer que seja o ponto ou pontos escolhidos, será bem disputado. A linha de nossa marcha não é livre, sim forçada, de qualquer ponto procuraremos a estrada que vai do Passo da Patria ao Humaitá e d'ahi a Assumpção. Por um lado e pouco distante teremos o rio Paraguay; por outro extensos banhados. Sem penetrar por ahi não se baterá o Humaitá, e portanto não se abrirá o rio á nossa esquadrilha. Cumpriria neste caso mudar de plano; desembarcar entre Itapua e o Passo da Patria, ir com todo o exercito sobre a capital, tomal-a, regressar depois della sobre o Humaitá do norte a sul, etc. Isso, porém, a meu ver, seria ainda mais custoso, salvo si levassemos tanta força que nos restasse ainda sufficiente, para desembarcar esta ultima abaixo do Humaitá e tomar a fortaleza; ou quando o exercito desta fosse encontrar o nosso de invasão, ou auxiliar pelo sul, quando o nosso exercito já triumphante atacasse pelo norte. Se tivessemos um exercito de mais de 50.000 homens, tudo seria facil, comtanto que elle tivesse munições de guerra e de bocca, assim como cavalhada e artilharia. Deixando a digressão, começarei pelo desembarque.

Nosso exercito poderia desembarcar na margem esquerda do Paraguay em algum ponto firme dessas 25 milhas sobreditas. Ha porém, duas observações a attender: si, quanto mais curta fôr sua marcha, menos embaraços e hostilidades soffrerá; por outro lado, é visivel, quanto mais perto de Humaitá desembarcar maior força encontrará do grosso do exercito inimigo.

Além disso teremos a necessidade de passar gado e cavalhada, necessidade indeclinavel, e isso será tanto mais custoso quanto mais longo fôr o trajecto da costa de Corrientes para o outro lado do Paraguay. Talvez por estabelecer divisão, dividir o fogo paraguayo, pôr o inimigo entre diversos fogos nossos e dos nossos vapores,

convenha fazer o desembarque simultaneamente, já na costa do Paraná pelas immediações do Passo da Patria, já na costa do Paraguay pouco acima das tres bocas, de sorte que a linha que atravessa o angulo, que essa confluencia forma, não diste mais de quatro ou seis leguas, para que o desembarque que primeiro formar-se possa logo auxiliar o outro. Emfim isso depende muito da perícia do general.

Si se pudesse por alguns *negociantes* exploradores saber como os paraguayos têm fortificado os lugares mais accessiveis e melhores de desembarque, e essa estrada do Passo da Patria a Humaitá, e d'ahi a Assumpção, muito se lucraria...

Por falar em estratagemas de guerra, que são, não só licitos, mas geralmente usados, perguntarei: não haverá algum negociante inglez, americano ou francez que de accordo com o capitão de um barco, com bandeira de sua nação, queira ir a Corumbá ou a Cuiabá ganhar dinheiro certo e infallivel? Creio que haverá. Então como o Paraguay declarou que o rio continua aberto para essas bandeiras até Cuiabá, como não ha guerra declarada, e portanto não ha contrabando de guerra, esse negociante que embarque em seu navio em baixo de outras cargas, algumas peças ou ao menos algum armamento ou munições de guerra e que vá para Cuiabá. O peior que póde acontecer é não poder desembarcar isso em ponto nenhum abaixo de Corumbá, nem acima, nem ir a Cuiabá, nem entrar no rio de Miranda. Nesse caso regressará a carga a titulo de que não convém desembarcar e se perderão 20 ou 30 contos, um minimo; porque o maximo será para o caso de bom resultado. Teriamos uteis noticias. Peço perdão por esta segunda digressão que interrompe a unidade do pensamento.

Desembarcando o nosso exercito irá disputando por maiores ou menores combates a passagem e caminho até as immediações do Humaitá, e deixando seus destacamentos fortes na retaguarda para os fins necessarios e para a guarda da cavalhada e gado. Em frente ao Humaitá tratará de suas obras de defesa propria, de receber de nossa esquadrilha artilharia grossa, de assental-a, emfim de governar-se conforme fôr a natureza da fortificação inimiga. A habilidade estrategica e o valor do general decidirá disso, e não minhas idéas incompetentes. Tudo isso se fará debaixo de fogo.

Começará o ataque contra a fortaleza: a situação della nesse lugar foi preferida por diversas razões, já para não dar muito espaço, ou lugares da costa do Paraguay para o desembarque e mórmente lugares firmes e faceis abaixo delles; já porque a localidade do Humaitá dirige os seus fogos contra os navios desde que elles apparecem na longa curva do rio, até vencerem-na, primeiro por prôa, depois pelo lado direito e finalmente pela pôpa: então na prôa estará a estacada que impeça a subida e talvez algumas estacas em frente da fortaleza abaixo d'agua, para deter ou encalhar o navio, e melhor expol-o ao fogo.

Em summa, não subiremos pelo rio sem demolir Humaitá e suas tranqueiras fluviaes, nem antes disso o nosso exercito proseguirá por terra, salvo picando a retaguarda inimiga até sua seguinte linha de defesa.

Certamente teremos ainda novos combates e trabalhos fatigantes.

Nossa esquadrilha provavelmente encontrará ainda novos embaraços no rio, novas baterias; a da cidade será a ultima. Convém que dois dos nossos vapores encouraçados não tenham maior calado que o «Marquez de Olinda»; não sei de memoria qual elle seja, mas é facil verificar isso que a Companhia do Paraguay calculou.

Isto é essencial já para vencer o baixio de Lambaré, perto e abaixo da Assumpção, já para entrar no rio Tibiquary, do que tratarei depois, já para que possam subir até Corumbá, para aprezar algum vapor paraguayo que lá ande, já finalmente para destruir o insignificante forte Olympo.

No subir podem achar o lugar, ilha da Penha Hermosa, fortificado, e talvez o Pão de Assucar tambem, e será preciso tomar a Penha-Hermosa e destruir; tomar o Pão de Assucar, pôr guarnição nossa, fortifical-o bem, aproveitar para isso a grossa artilharia paraguaya, despojo da victoria; abrir logo uma picada boa da costa do Paraguay no Pão de Assucar para nossos campos de Miranda. O Pão de Assucar desde então é nosso para sempre.

Penha-Hermosa, susceptivel tambem da valente fortificação, fica abaixo bastante do Apa, meio caminho entre o Itapicú-guassú e o Itapicú-mirim.

O exercito paraguayo batido junto de Humaitá irá se retirando para sua estrada estrategica e fortificada, mas resistindo. Perto da

villa do Pilar ha dois ribeirões, um pequeno abaixo, outro mais forte acima. Lembra-me que esses dois pontos eram dos escolhidos para a resistencia, mórmente o de cima, que é grande escoante de um grande banhado, e que delle atravessa a estrada; esta fica entre o banhado e o rio Paraguay. A linha inimiga, a mais forte que elles têm para resistir em sua retirada, é a de Tibiquary, é rio forte, que atravessa a estrada e que posto o exercito paraguayo do outro lado, o abrigará muito, e porque terá na sua direita o Paraguay, na esquerda um longo banhado, na frente o canal de suas aguas. Provavelmente os vapores paraguayos, pequenos, entrarão nesse rio, quando fugirem aguas acima de Humaitá, e entrarão já para ajudar o seu exercito a impedir nossa passagem, já para fugirem por elle acima, quando fôr preciso.

Consequentemente, como já antes lembrei, convém que dois encouraçados nossos, pequenos, possam tambem entrar nelle, já para facilitar nossa passagem, já para aprezar esses vapores, ou obrigal-os a incendiaram-se. Elles têm ainda o ponto de Oliva que fica similhantemente defendido por um lado pelo rio Paraguay, e por outro pelo sobredito banhado que se prolonga até lá e talvez outros pontos ainda. Batidos, porém, na linha do Tibiquary, nossa esquadrilha que em auxilio do nosso exercito terá tomado Pilar e Franca, e si fôr possivel Oliva, ainda na retaguarda do inimigo, isto é, mesmo antes delle lá chegar fugindo, tomará tambem a capital da Assumpção, conforme a força de desembarque que levar e á que o inimigo lá tiver.

Conforme fôr a derrota do inimigo, talvez que da linha do Tibiquary elle siga outro plano; que apresse sua fuga para Villa Rica, onde tem algum gado, e cujas matas podem servir para sua defesa. A mata começa pouco depois da linha do Tibiquary. Essa villa dista da Assumpção cerca de 40 leguas.

Esse era outr'ora o plano, creio que ainda será hoje, tanto mais que está agora facilitado pela estrada de ferro que para ali tem.

O actual presidente Francisco Solano Lopez, é moço pretencioso, presumido, caprichoso, temerario. De lá soltará guerrilhas e não assignará o tratado de paz e conjunctos, sem ser esmagado de todo antes.

Que expediente tomaremos? Creio que nosso exercito não tem remedio sinão de marchar sobre Villa Rica, e operar até esmagal-o.

Fóra disso, só um outro meio haveria, mas de execução talvez ou impossivel, ou ao menos quasi impossivel. Seria crear um outro governo ou governante.

Ora cumpre que se saiba, e que se fique perfeitamente certo, que em todo o Paraguay, e mesmo entre alguns paraguayos refugiados em Buenos Ayres, não ha um só que tenha intelligencia sufficiente, e menos força moral, que o torne materia susceptivel de ser arvorado em governante; nem um só! Qualquer serviria e servirá emquanto tivermos ali um exercito de occupação, e desse governante obteremos tudo. Esse exercito, porém, não estará ali sempre, não só pela sua immensa despeza como porque apparecerão sem muita delonga reclamações, temores de conquista e outras complicações. Si elle se retirar sem ter esmagado o actual presidente, com o resto do seu exercito, este desde logo declarará o tal governo por intruso e illegal, e os seus tratos por invalidos e dominará.

O que fariamos? Teriamos de voltar? Só poderiamos achar força moral e de intelligencia e prestigio em algum principe estrangeiro, mas não somos a França; só estariamos habilitados para tanto si tivessemos os auxilios das grandes potencias, e tal que suffocassem as reclamações e odiosidades implacaveis que cairiam sobre nós da parte de todas essas republicas hespanholas, *ipso facto* ameaçadas. E' pois indispensavel bater o presidente e resto do seu exercito no ultimo esconderijo e subjugal-o de uma vez *por* e *para muito tempo*. Converia que viesse prisioneiro para Santa Cruz.

A' vista pois de taes planos, da força que o Paraguay póde pôr em armas pelas razões já ponderadas, e por, além dellas, ter quasi toda a sua população concentrada dentro de um raio de 25 leguas em torno da capital, entendo que o minimo da nossa força de terra será de 42.000 homens; a saber, 10 e nunca menos de 8 pelo Apa, e nunca menos de 32 pelo sul.

Não exagero, não sou levado de idéas timidas; creio conhecer o Paraguay, e os seus soldados são obedientes, que se deixariam matar antes que fugir, não por bravura, sim por temor.

Seria imperdoavel que arriscassemos o exito da guerra. Nossa victoria deve ser infallivel, o golpe deve ser rapido, certeiro, profundo, que preste; essa força é a menor como minimo. Um revés

que soffressemos seria uma vergonha immensa, seriamos a derisão da America do Sul, do mundo inteiro e do proprio Brazil, cuja impressão, conforme o rumo que tomasse, iria até mudar a sua propria forma de governo.

Sem essa força não devemos pois ir lá; seria um perigo medonho para a sorte e destinos do imperio. Operando nosso exercito tão longe, onde estaria sua reserva, e quando receberia contingentes ou reforços?

MARQUEZ DE S. VICENTE

(*Continúa*)

BIBLIOGRAPHIA

38.—**Palavras loucas**, por Alberto de Oliveira, Coimbra, França Amado, 1894, in-8, gr. 273 paginas.

39.—**Belkiss, rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar**, por Eugenio de Castro, Coimbra, Francisco França Amado, 1894, in-16, 204 pags.

40.—**Os novos—I. Moniz Barreto**, por Manoel da Silva Gayo, Coimbra, França Amado 1894, in-8º, 101 pags.

Estes tres bonitos livros que nos enviou o Sr. Domingos de Magalhães, da *Livraria Moderna*, pertencem pela intenção e pelo estylo á joven escola portugueza symbolista, decadista, nephelibata ou que melhor nome tenha. O Sr. A. de O. como o seu homonymo brazileiro é poeta e, na nova geração da sua patria, um dos mais distinctos e celebrados. O nosso, porém, é um parnasiano, o portuguez communga no altar de Verlaine e de Aristides Bruant. O titulo que deu ao seu livro é um titulo de collecção de versos; o livro, entretanto, é de prosa, uma prosa em que o A. confessadamente procura, sem muito conseguir talvez, alliar a simplicidade eloquente de Garrett ás exigencias da nova formula artistica de que no seu paiz é, ao que parece, um dos arautos. Só a dedicatoria do livro é em verso. Fantasias, cartas literarias, impressões artisticas, contos o compõem, num estylo para um decadista ou symbolista de extraordinaria limpidez, propositalmente simples, e que ás vezes como nas paginas *No paiz da alma* chega a ser admiravel. Do *Néo-garretismo no theatro* e a *Lingua Portugueza* são dois dos melhores capitulos do livro como apreciação critica e em ambos elles ha conceitos verdadeiros. « O portuguez, diz excellentemente o Sr. A. de O., não comporta a prosa ornada de vidrilhos, com ouropeis exteriores occultando a pobresa intima ». Mas apezar do seu garretismo e de muita idéa san exposta naquelles dois artigos vai abusando dos gallicismos não só desnecessarios, mas imperdoaveis, e formas improprias e escusadas (cigarrete, obsidiar, suggestor, de isto, de aquelle, chamavamos-lhe nós, etc.) o que não tira que o seu livro seja o de um escriptor e um artista sincero e pessoal.

Não sei como chame ao livro do Sr. Eugenio de Castro: drama, tragedia, poema? Como quer que seja é um livro interessante ou que pelo menos se lê, como a mim me aconteceu, sem fadiga e antes com prazer. Vem admiravelmente impresso imitando as edições de certos livros de devoção do seculo XVI e a sua lingua é simples, mas como a do Sr. A. de O. de uma simplicidade que se sente rebuscada e que lhe tira o sabor da ingenuidade. Não me atrevo a dizer sobre a reconstituição da famosa historia da visita da rainha de Sabá a Salomão, nem sei mesmo si o A. tentou de facto uma reconstituição historica, á maneira da *Salammbô* de

Flaubert ou dos romances egypcios-allemães de Ebers, mas conforme á sua esthetica propria, reconstituição aliás impossivel, pois nem si quer onde ficava o tal reino de Sabá sabemos nós. Creio antes que o A. quiz no seu livro fazer-nos mais uma vez o commentario, um commentario animado pela sua intuição de poeta, revestindo a fórma dramatica, da eterna illusão de tudo... *Vanitas vanitatum* já disse dois mil annos antes da nossa geração enfastiada o « encantador desabusado » que escreveu esse admiravel livro que nós chamamos *Ecclesiastes*. « Corações doidos! corações miseraveis, diz o austero Zophesamin, sabio e severo mentor de Belkiss. Quando tudo nos impelle para o caminho da simplicidade e da resignação, metteis-vos por complicadas veredas que levam ao desespero, enganadoramente floridas com flores de mentira ».

O trabalho critico do Sr. Silva Gayo é, diz elle no prefacio, o primeiro de « uma serie de estudos dedicados aos Novos, aquelles escriptores portuguezes da ultima década ou dos ultimos quinze annos » que lhe parecem mais dignos de nota. Este occupa-se do Sr. Moniz Barreto que deu na extincta *Revista de Portugal* alguns bons artigos de critica. O plano e a execução do livro nos pareceram bem concebidos e realizados.—J. V.

LIVROS E FOLHETOS

INSTRUCÇÕES PRATICAS SOBRE O MODO DE COLLIGIR PRODUCTOS DA NATUREZA PARA O MUSEU PARAENSE DE HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA, pelo Dr. Emilio A. Goeldi. Belém, 1895, 30 pags. e uma estampa representando o *Lepidosiren paradoxa*.

O QUARTO CENTENARIO DA FEBRE AMARELLA, pelo Dr. Carlos Seidl, Rio de Janeiro, 1895, 21 pags.—E' a tiragem a parte do artigo que esta *Revista* publicou no seu fasciculo de 15 de Abril.

A MEDICINA LEGAL NO BRAZIL, apontamentos historicos, pelo Dr. Nina Rodrigues, Bahia, 1895, 17 pags.— Nomeado professor de medicina legal da faculdade da Bahia o A. inaugurou o seu curso com esta lição em que faz um ligeiro historico desta materia no Brazil.

HISTORIA DA REVOLTA DE NOVEMBRO DE 1891, por Custodio José de Mello, Rio de Janeiro, Cunha & Irmãos, editores, 1895, 90 pags.—Tem o valor de ser a exposição do proprio promotor e autor dos acontecimento narrados.

MANUAL DE AGRICULTURA PARA AS ESCOLAS, pelo Dr. Francisco M. de Araujo Góes, Bahia, 1895—136 pags.

TYPOS PORTUGUEZES E OUTROS ESCRIPTOS, por Alexandre Herculano, Rio de Janeiro, Rodrigues de Paiva & C.ª, editor, 1895, 96 pags.—Reedição de artigos do grande escriptor portuguez publicados em antigas revistas.

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO, por Max Nordau, trad. de M. C. da Rocha, 3ª edição corrigida, Laemmert & C., editores, 1895, 309 pags.

Dispensa recommendação este livro, talvez o mais notavel e original dos do já hoje celebre pensador allemão. Terem-se esgotado desta traducção já duas edições, prova eloquentemente a seu favor.

O DIREITO E O POSITIVISMO, pelo Dr. João Mendes de Almeida, S. Paulo, 1895, 15 pags.— Discurso proferido no Instituto de advogados de S. Paulo.

HISTORIA UNIVERSAL, por Weber, trad. de ***, Obra adoptada no Gymnasio Nacional, Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, editores, 1895, 400 pags.—Esta excellente condensação da obra de Weber, convém bastante

ao ensino da historia. Infelizmente a traducção é mal feita, a revisão desleixada, a impressão ruim e o typo em que a compuzeram inconveniente para livro didactico.

As Investigações Geologicas do Brazil, por Orville A. Derby, Laemmert & C., editores, Rio e S. Paulo, 20 pag.— Tiragem a parte do artigo com o mesmo titulo publicado por esta *Revista* em seu fasciculo de 1 de Maio.

Institutos Juridicos Coloniaes Influencia Hollandeza, por Julio Pires Ferreira, Recife, 1895. 40 pags.—Contribuição para a historia do direito natural, este folheto é a dissertação apresentada pelo A. no concurso para o professorado da Faculdade do Recife.

Subsidios para a Moderna Sciencia do Direito, por Samuel Martins, Pernambuco, Pantheon das Artes, Seculo XIX (sic) 120 pags.

Politica de Pernambuco. O Governador e sua administração, por Coelho Cintra, Rio, 1895, 26 pags.

Justiça Federal, por Cavalcanti Mello, Rio, 1895, 155—82-VI pags.

Sciencias Naturaes e Physicas, pelo Dr. Felicissimo Rodrigues Fernandes, Alves & C., editores, Rio e S. Paulo, 1895, 167 pags.— Destinado ao ensino scientifico elementar do ensino primario do 1° gráu, este livro parece-nos satisfazer as necessidades do nosso ensino primario e preencher uma falha da nossa literatura escolar. A impressão e a illustração são de Paris e muito boas.

Os Pescadores da Tahyba, poema por Alvaro Martins, editado pelo « Centro literario do Ceará », 1895, 50 pags.

Integração da Nacionalidade Brazileira pela Metropole, estudo historico pelo Barão Homem de Mello, Rio, 1895, 24 pags.— Destacado da *Revista do Instituto Historico*, este estudo synthetiza brevemente uma concepção exacta da formação da nossa nacionalidade e da obra colonizadora da metropole.

Documentos para a Biographia do Fundador do Ceará, pelo Dr. Guilherme Studart, Fortaleza, 1895, 26 pags. Neste folheto reuniu o Sr. G. S., laborioso estudante da historia cearense, que já muito lhe deve, varios documentos sobre Martim Soares Moreno.

Cartas Literarias, por Adolpho Caminha, Rio, 1895, 224 pags.— Reunião de 22 ensaios criticos publicados na imprensa diaria. Há nellas, a par de qualidades que o estudo e a reflexão podem desenvolver, alguma incoherencia nas idéas, expostas em geral em estylo e linguagem singularmente descuidados.

Inauguração do Retrato do Dr. Tobias Rabello Leite, Rio, 1895, 16 pags.

A Historia e a Legenda, 3ª serie pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva, Rio, Quaresma & C.ª, Rua de S. José 65 e 67, editores. 303 pags.— Estes escriptos do velho e laborioso Sr. P. da S. não são propriamente trabalhos de erudição e de critica, mas de util e popular vulgarização historica. Como taes, são apreciaveis, prestadios e recommendaveis.

INDICE DO TOMO III

Julho a Setembro de 1895

PAGS.

INDIOS DE MATO-GROSSO—OS BOROROS COROADOS, pelo General Mello Rego . . . . . 5 e 91

O THEATRO HINDÚ, por Feliciano Gonzaga . . . . . 13 e 171

A ARTE E A CRITICA, por Carlos Parlagreco . . . . . 26 e 70

POESIAS INEDITAS DE CLAUDIO MANOEL DA COSTA 38

A SCIENCIA DA HISTORIA, por Fausto Cardoso . . . . . 45 e 295

TRECHOS DE UM POEMA, por Alberto de Oliveira 65

HISTORIA DO DIREITO NACIONAL, por Sylvio Roméro 83

A CONSCIENCIA, pelo Dr. Marcio Nery 101

A REVOLUÇÃO CHILENA E A QUESTÃO DA AMERICA LATINA, por José Verissimo 108

UM ESTADISTA DO IMPERIO—J. Th. NABUCO DE ARAUJO, por Joaquim Nabuco . . . . . 129, 229 e 338

AS AVES NADADORAS DO BRAZIL, pelo Dr. Emilio A. Goeldi . 141 e 310

A PHILOGENIA JURIDICA E SUAS LEIS, por J. Isidoro Martins Junior . 156

O «LIVRO» BRAZILEIRO, por Um bibliophilo 181

O ESTADO DE SITIO, por Tarquinio de Souza 193

OS BACAERYS, por Capistrano de Abreu 209

O ARGONIO, por Alvaro J. de Oliveira 245

AS ILHAS OCEANICAS DO BRAZIL—A ILHA DA TRINDADE, pelo Dr. H. von Ihering 254

JOAQUIM MIRONGA, por Affonso Arinos 265

A INSTRUCÇÃO MILITAR NO BRAZIL, pelo Major Pedro Ivo 276

FLÔR DE LOTUS, de Raymundo Corrêa 329

O MONISMO NO DIREITO, por J. C. de Souza Bandeira 352

AS AVESTRUZES DO BRAZIL, pelo Dr. Emilio A. Goeldi 346

O BRAZIL E A AGGRESSÃO PARAGUAYA EM 1865, pelo Marquez de S. Vicente 364

BIBLIOGRAPHIA: Visconde de Taunay—*Boletim do Museu paraense de historia natural e ethnographia*, 59; José Verissimo—*Versos e Rimas*, por Alberto de Oliveira, 60; *Mares e Campos*, por Virgilio Varzea, 62; *O Major*, por Arthur Azevedo, 125; *L'Èglise au Brésil*, por F. Badaró, 187; *Sonhos Funestos*, de Rodrigo Octavio, 189; *A historia de S. Paulo, ensinada pela biographia dos seus vultos mais notaveis*, por Tancredo do Amaral, 190; *Trovas do Norte*, por Antonio Salles, 263; *O Uruguay*, por José Basilio da Gama, 324; *O Ensilhamento*, por Heitor Malheiros, 325; *Pequena geographia da infancia*, *Elementos de geographia e Curso methodico de geographia*, pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda, 326; *Palavras loucas*, por Alberto de Oliveira, 388; *Belkiss, Rainha de Sabá*, por Eugenio de Castro, 388; *Os novos I— Moniz Barreto*, por Manoel da Silva Gayo, 388; Raja Gabaglia—*Primeiras noções de geometria pratica*, por Olavo Freire, 61; Dr. Carlos Seidl—*Caxambú*, pelo Dr. Henrique Monat, 125; *Annuario, medico brazileiro*, pelo Dr. Carlos Costa, 188; O. A. Derby—*A Pesca na Amazonia*, por José Verissimo, 186; Graça Aranha—*A Constituição do Brazil*, por Aristides A. Milton, 191; Dr. Fortunato Duarte—*Como me tornei kneippista*, por Jorge Palmer, 261.

AS REVISTAS E OUTROS PERIODICOS NACIONAES. . . . . 63, 127 e 326

LIVROS E FOLHETOS. 389

NOTICIAS DE SCIENCIAS LETRAS E ARTES, 122; *A iconographia no Brazil*, por R. Villa-Lobos, 320.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante,* therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal,** como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios

V. de prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valloso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho,* importado directamente de acreditados centros productores.

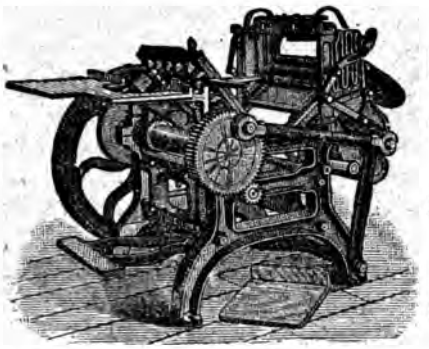
As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado** o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente.*

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia, Lithographia, Encadernação e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12—RIO DE JANEIRO

José Verissimo

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

com um estudo das *Raças indigenas e mestiças da Amazonia,* contos e historietas, 1 grosso volume..... 3$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL

estudo sobre a reconstituição do Brazil, sob a forma republicana : *A educação nacional — As caracteristicas brazileiras — A educação do caracter — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos,* 1 volume.. 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

PRIMEIRA SÉRIE : *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idolos amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Castro Alves — A poesia popular brazileira,* etc., 1 volume..... 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

SEGUNDA SÉRIE : *O romance naturalista do Brazil — A nossa vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia do Pará — Machado de Assis,* etc., 1 volume 5$000

LAEMMERT & C.

Rio de Janeiro — S. Paulo

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8º gr..... ..... **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8º gr. broch. **8$000**
enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16º br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos. 1 volume com muitas gravuras..... **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar. 1 vol. enc..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo, Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda, 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 4$000

Multicôres por Heitor Guimarães, 1 volume ricamente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1871, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta, 1 vol. de 250 paginas, brochado 3$, enc. ..... 4$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com folhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1264 de 11 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado, 1 volume brochado ..... 1$000

Roteiro dos officiaes de Justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os autos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Autran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 13 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. broch. 4$, enc. 5$000

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico:—« TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO—ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

REVISTA BRAZILEIRA

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Os que precisam annunciar os seus productos e mercadorias encontram hoje nas revistas um dos melhores elementos de publicidade: por isso as revistas estrangeiras trazem todas numerosas paginas de annuncios dos mais variados artefactos.

A REVISTA BRAZILEIRA póde já offerecer aos annunciantes a vantagem de uma circulação não pequena. Já largamente espalhada não só na Capital Federal mas em todo o interior do Brazil, principalmente entre as classes mais cultas, e tambem o alto commercio e a alta industria, é ella um vehiculo de propaganda especialmente recommendavel aos Srs. livreiros, directores de collegio, professores, productores, industriaes, fabricantes e a quantos tenham interesse em chamar a attenção daquellas classes para os seus productos, artefactos, mercadorias, ou necessidades.

Os annuncios para a REVISTA recebem-se na casa dos editores **Laemmert & C.—rua do Ouvidor 66.**

Condições especiaes conforme o espaço occupado e o numero de publicações.

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos, 93

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 626

325034